

Jerusa Regina dos Santos

**A VOZ DO TRADUTOR DESAFIANDO OS ‘PODERES’ DO  
CONTEXTO DE CULTURA: UMA ANÁLISE  
SISTÊMICO-FUNCIONAL DA PRIMEIRA TRADUÇÃO  
BRASILEIRA (1926, 2.<sup>a</sup> ed.) DE *JANE EYRE* (1847),  
DE CHARLOTTE BRONTË**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia Vasconcellos

Coorientador: Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes

Florianópolis  
2013



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Jerusa Regina dos

A voz do tradutor desafiando os 'poderes' do Contexto de Cultura : Uma análise sistêmico-funcional da primeira tradução brasileira (1926, 2.ª ed.) de Jane Eyre (1847), de Charlotte Brontë / Jerusa Regina dos Santos ; orientadora, Maria Lúcia Vasconcellos ; co-orientadora, Lincoln Paulo Fernandes. - Florianópolis, SC, 2013.  
433 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Linguística Sistêmico-Funcional. 3. Voz do Tradutor. 4. Relações de Poder. 5. Estudos da Tradução. I. Vasconcellos, Maria Lúcia . II. Fernandes, Lincoln Paulo. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.



Jerusa Regina dos Santos

**A VOZ DO TRADUTOR DESAFIANDO OS ‘PODERES’ DO  
CONTEXTO DE CULTURA: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-  
FUNCIONAL DA PRIMEIRA TRADUÇÃO BRASILEIRA DE  
*JANE EYRE* (1847), DE CHARLOTTE BRONTË**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 22 de agosto de 2013.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Guerini  
Coordenadora

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC/PGET) – Orientadora e  
Presidente

---

Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes (UFSC/PGET) – Coorientador

---

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis (UFPB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosvitha Friesen Blume (UFSC/PGET)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane M. Heberle (UFSC/PGET)



*À Josi, minha irmã.*

*Quando um ser querido nos dá um livro para ler, é a ele quem primeiro buscamos nas linhas: seus gostos, as razões que o levaram a nos colocar esse livro entre as mãos, os fraternos sinais. Depois é o texto que nos carrega e esquecemos aquele que nos mergulhou nele: toda força de uma obra está, justamente, no varrer mais essa contingência! Entretanto, com o passar dos anos, acontece que a evocação do texto traz a lembrança do outro; certos títulos se transformam então, em rostos.*

*Daniel Penna*



## AGRADECIMENTOS

Eu não teria conseguido tornar este trabalho realidade sem o suporte de algumas pessoas fundamentais; a elas, agradeço:

À minha orientadora, **Prof.<sup>a</sup> Maria Lúcia Vasconcellos**, por ter me apresentado à Linguística Sistêmico-Funcional e me ensinado, com muita paciência e entusiasmo, a aprimorar a minha escrita acadêmica. Este trabalho é tão seu quanto meu;

Ao meu coorientador, **Prof. Lincoln Paulo Fernandes**, por ter me apresentado à teoria de Hermans, auxiliado com a solicitação de bolsa e contribuído com sugestões, sobretudo, em relação às metodologias de corpus;

À **Prof.<sup>a</sup> Viviane M. Heberle**, por ter sugerido a inclusão dos conceitos de ‘voz do tradutor’, ‘patronato’ e ‘(auto-) censura’ nas dimensões do Contexto de Cultura desta pesquisa e por me permitir contar, mais uma vez, com a sua leitura atenta;

À **Prof.<sup>a</sup> Rosvitha Friesen Blume**, por ter me apresentado a teóricos que exploram a interface Estudos da Tradução / Relações de Poder e por aceitar contribuir com esta pesquisa através da sua leitura cuidadosa;

Ao **Prof. Roberto Carlos de Assis**, por ter aceitado compor a banca de avaliação deste estudo e, com isso, contribuir com a sua leitura;

Aos **meus pais, Manoel e Glória**, por serem os meus maiores incentivadores e os meus amores;

Aos meus irmãos (**Josi, Patrícia, Daniel, Simone e Moisés**) e sobrinhos (**Victor, Manu, Bella, Bruno e Bernardo**) por terem torcido por mim e abdicado do computador ‘comunitário’ da família, que virou meu computador;

Ao **Lucas**, por ter suportado a minha evolução progressiva de Joanna Eyre a Bertha Mason sem ter se tornado nenhum Rochester;

Aos meus melhores amigos **Renan, Cíntia, Gabriel e Vivi** que (cada um ao seu modo) contribuíram com este trabalho, justamente, ao terem me distanciado dele, compartilhando comigo momentos de tranquilidade e diversão, tão importantes para a minha saúde mental;

Aos **teóricos** que, mesmo sem saberem, contribuíram com estas linhas e com o meu amadurecimento intelectual;

À **CAPES**, pelo apoio financeiro em parte do meu trajeto; e

À **Charlotte Brontë** e ao ‘meu’ ‘**tradutor sem nome**’, os autores das obras mais vezes lidas por mim, que me acompanharam nestes 28 meses de trabalho. Obrigada por terem transgredido!

*I am no bird; and no net ensnares me: I am a free  
human being with an independent will.*

*Jane Eyre (Charlotte  
Brontë, 1897)*



## RESUMO

Este trabalho examina a primeira tradução para o português brasileiro do romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, intitulada *Joanna Eyre* (1926, 2ª edição), cujo tradutor não é informado, objetivando investigar: o perfil ideacional da protagonista, com base nas categorias do Sistema de Transitividade e do Sistema de Coesão (cf. Halliday e Matthiessen, 2004; Halliday e Hasan, 1985) da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); a presença discursiva do tradutor em seu paratexto ‘Prefácio’ e, mais sucintamente, nos capítulos que compõem o recorte deste estudo, com base nas categorias de ‘voz do tradutor’ (cf. Hermans, 1996); e as omissões do tradutor, com base nos conceitos de patronato (cf. Lefevere, 1992) e (auto-) censura (cf. Coracini, 2008). A base metodológica é informada pelos Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC) (cf. Baker, 1995; Olohan, 2004; e Fernandes, 2004), aporte para o desenho, construção, processamento e análise do corpus que será anotado, manualmente, com as convenções do Código de Rotulação Sistêmico-Funcional (CROSF) e, posteriormente, processado no Corpus Paralelo de Textos Literários (COPA-TEL) e no *software* Notepad++. Os resultados apontam que a presença discursiva do tradutor se manifesta, sobretudo, em seu paratexto ‘Prefácio’ motivada possivelmente pela sua agenda política, e altera o perfil ideacional da protagonista, construindo, na retextualização, uma personagem mais transgressora. No entanto, devido às particularidades do Contexto de Cultura em que seu texto foi produzido, o tradutor teve de suprimir, tipicamente, comportamentos que poderiam ser considerados inapropriados pelo patronato católico.

**Palavras-chave:** Jane/Joanna Eyre. Perfil Ideacional. Voz do Tradutor. Patronato. (Auto-) Censura.

## ABSTRACT

This study examines the first translation into Brazilian Portuguese of the novel *Jane Eyre* (1847), by Charlotte Brontë, entitled *Joanna Eyre* (1926, 2<sup>nd</sup> edition), whose translator is not informed, aiming to investigate: the ideational profile of the main character, based on the categories of the System of Transitivity and the System of Cohesion (cf. Halliday and Matthiessen, 2004; Halliday and Hasan, 1985) provided by Systemic-Functional Linguistics (SFL); the translator's discursive presence in his paratext 'Preface', and, succinctly, in the chapters investigated in this study, based on the cases of 'translator's voice' (cf. Hermans, 1996); and the translator's omissions, based on the concepts of patronage (cf. Lefevere, 1992) and (self-) censorship (cf. Coracini, 2008). The methodological framework is informed by Corpus-based Translation Studies (CTS) (cf. Baker, 1995; Olohan, 2004; and Fernandes, 2004), which comprises the stages of corpus design, building, processing and analysis. The corpus of this study is labeled, manually, with a numeric code named Systemic Functional Labeling Code (*Código de Rotulação Sistemico-Funcional*), and is processed in the Bilingual Parallel Corpus of Literary Texts (*Corpus Paralelo Bilingue de Textos Literários - COPA-TEL*) and in the software Notepad++. The results reveal that the translator's discursive presence manifests itself, mainly, in his paratext 'Preface' due to his political agenda, and in the (new) construction of the ideational profile of the main character, who is represented as a more transgressive character in the retextualization. However, apparently due to some specificities of the Brazilian Context of Culture, the translator omitted the representation of behaviors that could be considered improper by the catholic patronage.

**Key-words:** Jane/Joanna Eyre. Ideational Profile. Translator's Voice. Patronage. (Self-) Censorship.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução (HATIM e MUNDAY, 2004, p. 8, destaques meus).....	33
Figura 2 – Representação esquemática da linguagem como semiótica social (HALLIDAY, 1978, p. 69) .....	37
Figura 3 - Contexto de Situação e as categorias que o compõem (HALLIDAY, 1978, p. 69).....	40
Figura 4 - Estrutura do Sistema de Transitividade (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 157) .....	44
Figura 5 - O Sistema de Transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 172).....	47
Figura 6 - Esquema que representa os tipos de Referência (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 33).....	67
Figura 7 - Esquema das principais instâncias abordadas em toda a Seção 2.2 (adaptado de HALLIDAY, 1978, p. 69).....	75
Figura 8 - O Contexto de Cultura e os seus Parâmetros (adaptado de HALLIDAY, 1978, p. 69).....	76
Figura 9 – Representação da “hierarquia” implícita na folha de rosto de livros (HERMANS, 1996, p. 26).....	78
Figura 10 – Esquema de representação padrão de narrativas sugerido por Hermans (HERMANS, 1996, p. 26) .....	79
Figura 11 – Ilustração de Jane Eyre e Rochester, de autoria de Peter Townsend (Service & Paton, 1897) .....	103
Figura 12 – Capa da primeira edição publicada de Jane Eyre (1897) e da folha de rosto da segunda edição de Joanna Eyre (1926).....	110
Figura 13 – Digitalização da Retextualização .....	116
Figura 14 – Localização e substituição de erros.....	117
Figura 15 – Disposição em interface da textualização e da retextualização.....	118
Figura 16 – Textualização e retextualização alinhadas no Notepad++ .....	119
Figura 17 – Busca e anotação dos nódulos.....	123
Figura 18 – Localização dos Processos Rotulados através do nódulo ‘<0010’ .....	126
Figura 19 – Exclusão das linhas repetidas e coloração das falas dos personagens na retextualização .....	127
Figura 20 – Localização do nódulo/palavra-chave com cor diferente no Microsoft Word.....	128
Figura 21 – Método de busca por nódulos no COPA-CONC .....	129

Figura 22 – Resultado da busca no COPA-CONC pelo nóculo ‘Joanna’ .....	130
Figura 23 – Localização das omissões durante a etapa de alinhamento .....	132
Figura 24 – Localização da tag <Omissão>.....	133
Figura 25 – Folha de rosto da retextualização .....	208
Figura 26 – Capas das traduções e adaptações de Jane Eyre (1897), no Brasil.....	228
Figura 27 – ‘ <i>Imp</i> ’ (PHOENIX, 2005-2010).....	246
Figura 28 – Fada (PHOENIX, 2005-2010).....	248
Figura 29 - Elfo (PHOENIX, 2005-2010).....	251
Figura 30 - Goblin (PHOENIX, 2005-2010) .....	254

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Processos realizados por Jane/Joanna nas sentenças retiradas da fala de Rochester.....	154
Gráfico 2 - Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de Rochester .....	160
Gráfico 3 - Processos realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com Rochester.....	163
Gráfico 4 - Participantes realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com Rochester.....	169
Gráfico 5 - Processos realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de St. John/João .....	176
Gráfico 6 - Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de St. John/João .....	179
Gráfico 7 - Processos realizados por Jane/Joanna Eyre quando dialoga com St. John/João .....	181
Gráfico 8 - Participantes realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com St. John/João.....	186
Gráfico 9 – Processos realizados por Jane/Joanna na fala de outros personagens nos capítulos de recorte .....	189
Gráfico 10 – Dados gerais dos Processos realizados pela protagonista nos capítulos de recorte.....	204
Gráfico 11 - Dados gerais dos Participantes realizados pela protagonista nos capítulos de recorte.....	206

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais categorias de orações Relacionais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 216).....	56
Quadro 2 – Principais diferenças entre orações com Processos Relacionais Identificadores e Atributivos .....	59
Quadro 3 – Omissões de José Maria Machado, tradutor de <i>O Professor</i> (MILTON, 2002, p. 68-69) .....	90
Quadro 4 – Classificação do Corpus Paralelo Analisado.....	98
Quadro 5 – Informações contextuais sobre a textualização e retextualização.....	110
Quadro 6 – Configuração CROSF com enfoque na Metafunção Ideacional (FEITOSA, 2005) .....	121
Quadro 7 – Diferentes tipologias de Processos e Participantes utilizados para a análise e anotação do corpus.....	137
Quadro 8 – Tipos de casos de presença discursiva do tradutor utilizados nesta pesquisa.....	144
Quadro 9 – ‘Nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’ do contexto religião .....	146
Quadro 10 – Os conceitos de patronato (LEFEVRE, 1992) e (auto-) censura (CORACINI, 2008).....	147
Quadro 11 – Visualização de excertos da textualização/retextualização com evidência da voz do tradutor na narrativa.....	218
Quadro 12 – Nomes próprios dos personagens da textualização e da retextualização.....	229
Quadro 13 – Nomes próprios das localidades ficcionais em que se passa a narrativa de Jane/Joanna Eyre .....	233
Quadro 14 – Nomes próprios das localidades ‘reais’ mencionadas em Jane/Joanna Eyre .....	234
Quadro 15 – Categorias de ‘voz do tradutor’ presentes no corpus analisado.....	236
Quadro 16 – Nomes de seres fantásticos e ‘termos problemáticos’ do contexto religião.....	241
Quadro 17 – Omissões do nóculo ‘ <i>fairy</i> ’ .....	242
Quadro 18 – Omissões do nóculo ‘ <i>elf</i> ’ .....	249
Quadro 19 – Omissões do nóculo ‘ <i>goblin</i> ’ .....	253
Quadro 20 – Omissões do nóculo ‘ <i>demon</i> ’ .....	256
Quadro 21 – Omissões do nóculo ‘ <i>Christian</i> ’ .....	261
Quadro 22 – Omissões de afirmações radicais.....	270

Quadro 23 – Omissões do discurso de Rochester .....	272
Quadro 24 – Omissões do discurso preconceituoso de Jane/Joanna...	276
Quadro 25 – Retextualização do nome do personagem St. John Rivers .....	278
Quadro 26 – Omissões do discurso de Jane/Joanna a respeito de St. John/João .....	279
Quadro 27 – Omissões do dialeto utilizado por Hannah/Joanna.....	281

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Contagem de palavras dos capítulos que compõem a textualização e a retextualização.....	99
Tabela 2 – Dados gerais dos capítulos XXIV e XXVII .....	149
Tabela 3 – Dados gerais dos capítulos XXXIV e XXXV .....	172
Tabela 4 – Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre (T= Textualização e R=Retextualização).....	192
Tabela 5 – Análise quantitativa dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’ .....	283
Tabela 6 – Análise qualitativa dos excertos constantes dos capítulos investigados.....	284

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ET → Estudos da Tradução
- LSF → Linguística Sistêmico-Funcional
- ETC → Estudos da Tradução com base em Corpus
- CC → Contexto de Cultura

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	21
1.1	Contextualizando esta pesquisa .....	22
1.1.1	Objetivos e Perguntas de Pesquisa (PP).....	24
1.1.2	Revisão das pesquisas que exploram a interface Estudos da Tradução (ET) / Linguística Sistemico Funcional (LSF).....	26
1.2	<b>Justificativa do objeto de estudo</b> .....	28
2	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	32
2.1	<b>Estudos da Tradução: caráter interdisciplinar</b> .....	32
2.2	<b>A bidirecionalidade texto-contexto no âmbito da Linguística Sistemico-Funcional</b> .....	36
2.2.1	<i>Contexto de Situação, com seus parâmetros</i> .....	40
2.2.2	<i>A Metafunção Ideacional e o Sistema de Transitividade</i> .....	43
2.2.2.1	Processos Materiais e Respetivos Participantes .....	48
2.2.2.2	Processos Mentais e Respetivos Participantes .....	51
2.2.2.3	Processos Relacionais e Respetivos Participantes .....	54
2.2.2.4	Processos Verbais e Respetivos Participantes.....	59
2.2.2.5	Processos Comportamentais e Existenciais e Respetivos Participantes .....	61
2.2.3	<i>A Metafunção Textual e o Sistema de Coesão</i> .....	63
2.2.3.1	Conjunção.....	65
2.2.3.2	Referência.....	66
2.2.3.3	Substituição e Elipse.....	68
2.2.3.4	Organização Lexical .....	71
2.3	<b>Ampliando o Contexto de Cultura</b> .....	75
2.3.1	<i>Voz do Tradutor</i> .....	76
2.3.2	<i>O patronato</i> .....	82
2.3.3	<i>(Auto)-censura</i> .....	87
2.4	<b>Estudos da Tradução com base em Corpus</b> .....	91
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	95
3.1	<b>Procedimentos para o Desenho, Construção e Processamento do Corpus</b> .....	95
3.1.1	<i>Desenho do Corpus</i> .....	96
3.1.1.1	Tipo de Corpus .....	96
3.1.1.2	Representatividade e Seleção dos Capítulos.....	98
3.1.1.3	Aspectos Contextuais do Corpus .....	101
3.1.1.3.1	<i>Contexto de Cultura da Textualização</i> .....	101
3.1.1.3.2	<i>Contexto de Cultura da Retextualização</i> .....	107

3.1.1.3.3	<i>A censura católica no Contexto de Cultura da retextualização.....</i>	111
3.1.2	<i>Construção do Corpus .....</i>	115
3.1.2.1	<i>Digitalização, Correção e Formatação do Corpus .</i>	115
3.1.2.2	<i>Alinhamento do Corpus.....</i>	118
3.1.2.3	<i>Rotulação do Corpus (CROSF).....</i>	120
3.1.3	<i>Processamento do Corpus .....</i>	125
3.1.3.1	<i>Notepad++ e Microsoft Word: extração de dados do perfil ideacional.....</i>	125
3.1.3.2	<i>COPA-TRAD e Notepad++: extração de dados das omissões e da presença discursiva do tradutor .....</i>	129
<b>3.2</b>	<b>Procedimentos para Análise.....</b>	<b>133</b>
3.2.1	<i>Procedimentos para Análise do Perfil Ideacional da Personagem Jane/Joanna Eyre .....</i>	<i>134</i>
3.2.1.1	<i>A definição da cadeia coesiva ligada aos nódulos Jane/Joanna Eyre e das falas de Jane/Joanna Eyre como objetos de análise .....</i>	<i>134</i>
3.2.1.1.1	<i>A classificação dos Participantes e Processos</i>	<i>136</i>
3.2.1.1.2	<i>A análise dos grupos verbais complexos.....</i>	<i>139</i>
3.2.1.1.3	<i>A análise das orações projetadas.....</i>	<i>140</i>
3.2.1.1.4	<i>A análise da Substituição e da Elipse em relação ao grupo nominal, ao grupo verbal e à oração.....</i>	<i>141</i>
3.2.1.2	<i>Traçado do Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre a partir dos padrões emergentes .....</i>	<i>142</i>
3.2.2	<i>Procedimentos para a Análise do Contexto de Cultura: Presença Discursiva do Tradutor e Omissões do Tradutor .....</i>	<i>143</i>
3.2.2.1	<i>Procedimentos para Análise da Presença Discursiva do Tradutor: Voz do Tradutor .....</i>	<i>143</i>
3.2.2.1.1	<i>A definição do paratexto ‘Prefácio’ e dos Itens de Especificidade Cultural como objeto de análise .....</i>	<i>143</i>
3.2.2.1.2	<i>A classificação da presença discursiva do tradutor.....</i>	<i>144</i>
3.2.2.2	<i>Procedimentos para Análise das Omissões do Tradutor: Patronato e (Auto-) Censura.....</i>	<i>145</i>
3.2.2.2.1	<i>A definição do objeto de análise.....</i>	<i>145</i>
3.2.2.2.2	<i>A classificação das omissões do tradutor.....</i>	<i>147</i>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>148</b>
4.1	<b>Análise do perfil ideacional da protagonista na textualização e retextualização .....</b>	<b>148</b>

4.1.1	<i>Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada e dialoga com Rochester – Capítulo XXIV e XXVII</i>	149
4.1.2	<i>Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada e dialoga com St. John/João</i>	172
4.1.3	<i>Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada por outros personagens</i>	188
4.1.4	<i>Considerações sobre o resumo dos resultados obtidos na investigação do perfil ideacional da protagonista</i>	191
<b>4.2</b>	<b>Análise da Voz do Tradutor</b>	207
4.2.1	<i>Análise do paratexto ‘Prefácio’</i>	207
4.2.2	<i>Análise dos capítulos investigados: Itens de Especificidade Cultural (IEC)</i>	227
4.2.3	<i>Resumo dos resultados obtidos na investigação da presença discursiva do tradutor</i>	235
<b>4.3</b>	<b>Análise das omissões do tradutor</b>	240
4.3.1	<i>Análise das omissões dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e dos ‘termos problemáticos’</i>	241
4.3.2	<i>Análise dos excertos omitidos</i>	269
4.3.3	<i>Resumo dos resultados obtidos na investigação das omissões do tradutor</i>	283
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	286
<b>5.1</b>	<b>Revisitando as Perguntas de Pesquisa</b>	286
5.1.1	<i>Considerações a respeito do diálogo entre os resultados obtidos e as especificidades do Contexto de Cultura</i>	290
<b>5.2</b>	<b>Limitações deste trabalho e sugestões de pesquisa futura</b>	292
<b>5.3</b>	<b>Considerações Finais</b>	293
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>	295
<b>7</b>	<b>APÊNDICES</b>	303
<b>8</b>	<b>ANEXOS</b>	416



## 1 INTRODUÇÃO

— Nada é pior que uma criança malcriada – ele começou – especialmente uma menina. Você sabe para onde vão os maus depois que morrem?

— Vão para o inferno – foi minha pronta e convencional resposta.

— E o que é o inferno? Pode me dizer?

— É uma cova cheia de fogo.

— E você gostaria de cair nessa cova e ficar queimando para sempre?

— Não, senhor.

— E o que deve fazer para evitar isso?

Pensei por um momento. Minha resposta, quando veio, era questionável.

— Devo manter minha boa saúde e não morrer<sup>1</sup>.

(BRONTË, 2010, p. 28, trad. Doris Goettens).

Antes de introduzir de fato este trabalho, o contexto no qual ele se situa, a quais perguntas objetivo responder ao escrevê-lo, e o que me motivou a escrevê-lo, considero importante explicitar a que me refiro com o termo ‘poderes’, cunhado de Lefevere (1992), constante do título desta dissertação (*A voz do tradutor desafiando os ‘poderes’ do Contexto de Cultura: uma análise sistêmico-funcional da primeira tradução brasileira de Jane Eyre (1847), de Charlotte Brontë*): aqui, ‘poderes’ alude às pessoas e instituições – o **patronato** – “que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura” (1992, p. 15). Considero importante explicitar, também, que enquanto Lefevere (1992) utiliza a terminologia “reescritura” em referência à

---

<sup>1</sup> “No sight so sad as that of a naughty child,” he began, “especially a naughty little girl. Do you know where the wicked go after death?” “They go to hell,” was my ready and orthodox answer. “And what is hell? Can you tell me that?” “A pit full of fire.” “And should you like to fall into that pit, and to be burning there for ever?” “No, sir.” “What must you do to avoid it?” I deliberated a moment; my answer, when it did come, was objectionable: “I must keep in good health, and not die” (BRONTË, 1897). As citações das obras em inglês são inseridas em notas de rodapé e foram por mim traduzidas no corpo do texto, com exceção das de *Jane Eyre* (1897), retiradas da retextualização *Joanna Eyre* (1926, tradutor não informado), ou de *Jane Eyre* (2010, trad. Doris Goettens), quando omitidas em *Joanna Eyre* (1926), como é o caso da epígrafe inserida neste Capítulo.

tradução, antologia, historiografia, crítica, edição, etc., trabalhos criados tendo como fonte alguma obra literária, nesta pesquisa a única forma de reescritura<sup>2</sup> enfocada é a *tradução*. E com esse ponto esclarecido, sinto-me confortável para seguir adiante.

## 1.1 Contextualizando esta pesquisa

Quando um “escritor original” decide produzir um texto, neste estudo denominado “textualização” (cf. COULTHARD, 1987), ele *constrói* determinadas ideias através da *escolha* de palavras e orações – o componente ideacional –, a partir das possibilidades oferecidas pelo sistema linguístico de sua língua e de seu repertório individual, utilizando a sua experiência como leitor/escritor de textos. O que o seu texto é capaz de significar não depende apenas da sua habilidade de escrita, prática e das suas escolhas, mas também da leitura de outros indivíduos. Ao contrário do “escritor original”, o tradutor se comporta como um editor de um texto pré-existente ou como um escritor original que decide reescrever o seu próprio texto, criando uma “retextualização” (cf. COSTA, 1992). Segundo essa definição de tradução como retextualização, aqui utilizada, o tradutor tem o duplo papel de leitor da textualização e escritor da retextualização na medida em que *reconstrói* os significados de um texto-fonte, representando-os com seus próprios recursos léxico-gramaticais, parte de seu repertório, a partir do reservatório do sistema linguístico de chegada (VASCONCELLOS, 2009, p. 361).

De acordo com o que argumento na seção 2.2, com base em Halliday e Hasan (1989), todo texto, seja ele textualização ou retextualização, é acompanhado por um contexto com o qual se inter-relaciona: em *Jane Eyre* (1897)<sup>3</sup>, a textualização analisada nesta dissertação, a escritora Charlotte Brontë reage linguisticamente à

---

<sup>2</sup> Como esta dissertação só trata de tradução e não de outras reescrituras, e considerando-se também o marco teórico principal que apoia as reflexões aqui feitas, opto por utilizar o conceito de tradução como *retextualização*. A próxima subseção justifica esta decisão teórica, considerando o viés linguístico do trabalho.

<sup>3</sup> O texto de Brontë foi publicado pela primeira vez em 1847, pela editora Smith, Elder & Co. No entanto, nesta pesquisa, utilizo a versão de 1897, da editora Service & Paton, disponibilizada *online* no *website The Gutenberg Project* (<http://www.gutenberg.org/files/1260/1260-h/1260-h.htm>).

representação<sup>4</sup> típica elaborada da mulher, no Contexto de Cultura<sup>5</sup> (CC) da Inglaterra do século XIX (ver subsecção 3.1.1.3.1); em *Joanna Eyre* (1926), a retextualização investigada nesta dissertação, hipotetiza-se que o tradutor não informado<sup>6</sup> tenha adotado comportamento similar, ainda que o seu texto tenha sido produzido em um CC bastante restritivo, como ele próprio anuncia em seu paratexto<sup>7</sup> ‘Prefácio’:

Estava a concluir a tradução de «Joanna Eyre», quando um amigo chamou minha atenção para a censura que em seu excelente livro «Através dos Romances» lhe dá o Rev. P. Pedro Sinzig, O. F. M. Com grande admiração minha descobri que o título da obra figura em grypho, quer dizer «O livro não é para todos». [...] E de facto, tres ou quatro phrases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados tiraram tudo que se pudesse estranhar em um romance offerecido ao publico em geral – tambem ao catholico e ao juvenil (BRONTË, 1926, p. 5-7, tradutor não informado).

---

<sup>4</sup> “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e compartilhado entre membros de uma cultura. Ela diz respeito à utilização da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam coisas”. “Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture. It does involve the use of language, of signs, and images which stand for or represent things” (HALL, 1997, p. 15).

<sup>5</sup> Conceito emprestado da LSF e que se refere ao “sistema semiótico de ordem superior situado acima do sistema linguístico” e, ainda, ao “sistema global de contexto: contexto enquanto potencial cultural” (cf. MATTHIESSEN, TERUYA, LAM, 2010).

<sup>6</sup> Efetuei em algumas ocasiões contato, por mensagem e telefone, com a editora Vozes de Petrópolis sem receber retorno quanto à identidade do tradutor de *Joanna Eyre* (1926), que assina o seu ‘Prefácio’ simplesmente como “o traductor” e, por isso, nesta dissertação ele é referenciado como alguém do sexo masculino.

<sup>7</sup> “Paratexto”, no sentido mencionado por Genette (1982, p.10), são elementos “extratextuais” tais como títulos, subtítulos, epígrafes, dedicatórias, prólogo, capas, contracapas, frontispícios, introduções, notas editoriais, informações nas bandanas, nota de rodapé, notas à margem, ilustrações, notas do tradutor, notas finais, apêndices, anexos, publicidade, informações bibliográficas e legais, ou quaisquer outros sinais que mantêm qualquer relação com o texto que acompanha fisicamente. Nesta pesquisa, no entanto, o único paratexto que é analisado corresponde ao *Prefácio do Tradutor*.

No excerto acima, retirado do paratexto ‘Prefácio’ do tradutor, a censura conferida por Sinzig (que no contexto desta pesquisa exerce o patronato) é referenciada pelo tradutor, assim como o é a (auto-) censura<sup>8</sup> por ele praticada: ambas as censuras, possivelmente, foram as responsáveis pela omissão da epígrafe constante deste Capítulo no texto final da retextualização. Na epígrafe, Jane, ainda criança, dialoga com o clérigo Mr. Brocklehurst: aqui, observamos a protagonista admitir que para evitar a sua ‘ida’ ao inferno teria de se manter em “boa saúde e não morrer”, uma declaração, em suas palavras, “questionável”, e que provavelmente seria classificada como inapropriada no CC brasileiro do início do século XX, se considerarmos a censura externa e o público ao qual se destinava *Joanna Eyre* (1926) – o católico e juvenil.

Nesse cenário, emergem os objetivos e as perguntas a que este estudo se propõe a responder, expostos na subseção seguinte.

### 1.1.1 *Objetivos e Perguntas de Pesquisa (PP)*

Neste trabalho, proponho-me a examinar o paratexto ‘Prefácio’ do tradutor e os capítulos XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV<sup>9</sup> da textualização *Jane Eyre* (1897), escrita originalmente em inglês, e da retextualização brasileira *Joanna Eyre* (1926), objetivando investigar: i) a representação do perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre; ii) a voz do tradutor, através da sua presença discursiva; e iii) as omissões do tradutor decorrentes, muito provavelmente, da censura externa conferida pelo patrono frei Pedro Sinzig e da (auto-) censura do tradutor. No que se refere ao perfil ideacional da protagonista, este é analisado nas realizações léxico-gramaticais<sup>10</sup> presentes nos capítulos investigados, com base nas categorias da Linguística Sistemico Funcional (LSF) (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; HALLIDAY e HASAN, 1989), mais especificamente por meio do Sistema de Transitividade e do Sistema de Coesão, que também teve de

---

<sup>8</sup> A (auto-) censura é detalhada na subseção 2.3.3, constante do Referencial Teórico.

<sup>9</sup> Na subseção 3.1.1.2, constante da Metodologia, explico o porquê de ter selecionado justamente esses capítulos.

<sup>10</sup> A terminologia ‘realizações léxico-gramaticais’ se refere à léxico-gramática que, segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 43), situa-se entre a gramática (sistemas fechados, gerais em significado que compõem a estrutura da língua) e o léxico (sistemas abertos, específicos em significado que representam as colocações na língua).

ser acionado devido à configuração tanto da textualização quanto da retextualização (ver 2.2.3): aqui, efetuo a localização das orações que apresentam o nome da protagonista e suas variações (Jane Eyre, Jane, Janet, Miss Eyre, Joanna Eyre, Joanna, Joanninha e Srta. Eyre) e analiso os *Processos e Participantes*<sup>11</sup> por ela realizados nessas orações. No entanto, no decorrer desta pesquisa, observei que analisar somente o que era dito a respeito de Jane/Joanna não parecia suficiente para a investigação do seu perfil ideacional: a voz dessa personagem não poderia ser ignorada. Por esta razão, decidi também focar o meu olhar no discurso de Jane/Joanna e como eu não teria condições, por questões de tempo, de analisá-lo integralmente, ou seja, em todas as situações em que a protagonista se apropria da enunciação, optei por selecionar as suas falas ao dialogar com Rochester e St. John/João, pois, tipicamente, nessas situações, a personagem adota um comportamento mais transgressor. Dessa forma, efetuo, também, a localização das falas<sup>12</sup> da protagonista quando dialoga com Rochester e St. John/João, nos capítulos de recorte, e analiso os *Processos e Participantes* por ela realizados nessas falas.

No que se refere à presença discursiva do tradutor, esta é analisada em seu paratexto ‘Prefácio’ e, mais sucintamente, nos capítulos que compõem o recorte deste estudo, com base nas três categorias de ‘voz do tradutor’ propostas por Hermans (1996) e uma proposta por mim (ver 2.3.1). No que se refere às omissões do tradutor, estas são analisadas nos capítulos de recorte e, sucintamente, em todo o corpus (para verificar se o padrão que emerge nas omissões de certos termos nos capítulos investigados se mantém no padrão de omissão do

---

<sup>11</sup> Nomenclaturas funcionais que designam os *grupos verbais* e os *grupos nominais*, respectivamente. Conforme observam Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 2) os ‘rótulos funcionais’ existem para tornar a análise gramatical semanticamente reveladora, para demonstrar como orações, grupos e frases de um texto mapeiam o seu significado.

<sup>12</sup> Embora o Referencial Teórico da LSF seja informado, sobretudo, pelo Sistema de Transitividade, não se pode negar a contribuição da Metafunção Interpessoal, uma vez que ao localizar as falas da protagonista em diálogos com Rochester e John/João, coloco em evidencia aspectos de polaridade, sobretudo polaridade negativa, que são parte da chamada estrutura de MODO (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 143). No caso da protagonista, há um marcante uso de polaridade negativa, entretanto este aspecto da LSF (“*clause as exchange*”) não faz parte do escopo desta dissertação, ainda que seja em alguns momentos da análise resgatado.

restante do corpus), com base nos conceitos de patronato de Lefevere (1992) e (auto-) censura de Coracini (2008).

Para a efetuação das análises dos pontos a serem investigados são utilizadas as metodologias de Corpus em Estudos da Tradução (ET) (cf. BAKER, 1995; FERNANDES, 2004; e OLOHAN, 2004), mais especificamente através de ferramentas concordanceadoras<sup>13</sup> disponíveis no *software Notepad ++*<sup>14</sup>, em que se efetua a análise do perfil ideacional da protagonista, e no Corpus Paralelo de Tradução (COPA-TRAD) (FERNANDES e SILVA, 2013)<sup>15</sup>, no qual se efetua a análise da presença discursiva do tradutor e das suas omissões.

Nesse contexto, formulam-se as Perguntas de Pesquisa (PP), norteadoras deste trabalho:

**PP1:** Qual perfil ideacional emerge da personagem Jane/Joanna Eyre, em termos dos Participantes e Processos de Transitividade, nos textos analisados?

**PP2:** Como a presença discursiva do tradutor se manifesta na retextualização?

**PP3:** Qual o padrão das omissões na retextualização?

Na subseção seguinte, elenco os trabalhos de outros pesquisadores que operam na interface ET / LSF – o ponto de entrada deste estudo.

### *1.1.2 Revisão das pesquisas que exploram a interface Estudos da Tradução (ET) / Linguística Sistêmico Funcional (LSF)*

De acordo com o levantamento produzido por Pagano e Vasconcellos (2005), complementado por Vasconcellos (2009), as pesquisas na interface entre os ET e a LSF vêm sendo desenvolvidas e publicadas desde a década de 60, em conformidade com as propostas

---

<sup>13</sup> De acordo com Kenny (1998, apud FERNANDES, 2004, p. 96) “o processamento através de um concordanceador corresponde à listagem de todas as ocorrências de um(a) tipo/nódulo/palavra-chave em um corpus”.

<sup>14</sup> O *software Notepad++* encontra-se disponível para *download* gratuito através do seu *website*: <http://notepad-plus-plus.org/>.

<sup>15</sup> O COPA-TRAD está sediado no endereço <http://copa-trad.ufsc.br/#home-screen> e é disponibilizado para membros do grupo de pesquisa ‘Projeto TraCor’, coordenado pelo prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes, que tem por objetivo conduzir pesquisas sobre fenômenos tradutórios utilizando ferramentas com base em corpora eletrônicos (cf. [www.tracor.ufsc.br](http://www.tracor.ufsc.br)).

oferecidas por Halliday em, pelo menos, quatro momentos: i) em 1962, quando propõe um modelo de tradução assistida por computador; ii) em 1964, quando afirma que o processo de tradução é uma seleção de categorias e elementos de uma língua-fonte ‘equivalentes’ a categorias e elementos de uma língua-alvo; iii) em 1985/1994, quando sugere aplicações da LSF à tradução como forma de treinamento de tradutores e intérpretes e ao desenho de *softwares* para traduzir; e iv) em 2001, quando define parâmetros de uma ‘boa tradução’, associando explicitamente a LSF à tradução. A partir dessa sinalização de Halliday, segundo Pagano e Vasconcellos (2005), estudos na interface foram elaborados por teóricos como van Leuven-Zeart (1989, 1990), Hatim e Mason (1990), Bell (1991), Baker (1992) Munday (1998, 2002), House (2001), entre outros, indicando o estabelecimento e a efetividade da LSF como ferramenta de análise nos ET.

No contexto nacional, Assis (2012) elabora um mapeamento das dissertações e teses que operam na interface, defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo aponta a existência de 18 dissertações e sete teses de doutorado, enfatizando que o primeiro trabalho desenvolvido em solo brasileiro foi a tese de Vasconcellos (1997), intitulada *Retextualizing Dubliners: A Systemic Functional Approach to Translation Quality Assessment*. Sem ter a pretensão de fazer um levantamento exaustivo das produções realizadas na interface ET e LSF, focalizo a minha atenção em quatro pesquisas, especificamente, por estas tratarem de temas que se assemelham ao que aqui investigo:

(i) na dissertação de Silva (1999), *Character, Language and Translation: a Linguistic Study of Character Construction in a Cinematic Version of Williams’ A Streetcar Named Desire*, a autora examina, comparativamente, como a personagem principal Blanche DuBois é construída, por meio das categorias do Sistema de Transitividade, tanto no filme em inglês quanto na sua legendação em português do Brasil;

(ii) na dissertação de Morinaka (2005), *Gabriela, cravo e canela e sua (re)textualização em inglês: a representação através de relações lexicais*, a pesquisadora enfoca o seu olhar em um estudo comparativo da protagonista Gabriela no romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado (1958), e em sua (re)textualização para o inglês *Gabriela, clove and cinnamon*, traduzido por James Taylor e William Grossman (1962), objetivando verificar como relações lexicais estabelecem coesão textual para construir a representação da personagem em ambos os textos;

(iii) na tese de Assis (2009), *A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O coração das trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*, o pesquisador procura responder a perguntas relacionadas à realização das categorias sociosemânticas de representação de atores sociais em português, à representação de europeus e de africanos no texto de partida e nos de chegada e às formas como os tradutores lidaram com as polêmicas em torno do texto em inglês, que sofreu duras críticas de Chinua Achebe, romancista e crítico literário africano, que se referiu a Conrad (o escritor do texto-fonte) como um “perfeito racista”; e

(iv) na dissertação de Fernandes (2009), *Black into White e Preto no Branco: diga-me com quem andas que te direi a tua cor*, a autora investiga como a identidade brasileira *mestiço* é construída em inglês norte-americano na textualização *Black into White*, de Thomas Skidmore (1974), e em português-brasileiro na re-textualização *Preto no Branco*, traduzida por Raul de Sá Barvosa (1976), por meio de categorias do componente experiencial da metafunção ideacional da linguagem e por meio de categorias da coesão lexical.

Embora essas pesquisas apresentem objetivos comuns com os que busco investigar nesta dissertação, vale ressaltar, também, algumas diferenças: na pesquisa de Silva (1999) i) não são utilizadas metodologias de corpus ou *softwares* para efetuar as análises; e ii) não é elaborado o cotejamento do perfil ideacional da personagem Blanche DuBois com as dimensões do CC em que foram produzidos tanto o filme em inglês quanto a legendação em português do Brasil; nas pesquisas de Morinaka (2005) e Fernandes (2009), o CC das obras também não é investigado; e na tese de Assis (2009), cuja similaridade é ainda maior, tendo em vista que o estudo apresenta ênfase nos contextos em que foram construídas a textualização e as retextualizações, o pesquisador não faz uso da concepção de CC utilizada nesta pesquisa, que engloba os conceitos de voz do tradutor de Hermans (1996), patronato de Lefevere (1992) e (auto-) censura de Coracini (2008).

Na seção seguinte, apresento o que me motivou a analisar as obras que constituem o corpus desta pesquisa.

## **1.2 Justificativa do objeto de estudo**

Antes de explicar os porquês da minha escolha, devo explicitar o enredo do romance *Jane Eyre* (1897), que chegou às minhas mãos através da tradução de Doris Goettens (2010), publicada pela editora Landmark, em edição bilíngue.

*Jane Eyre* é escrito em 37 capítulos e é dividido em cinco partes, que se passam nas localidades de Gateshead, Lowood, Thornfield Hall, Whitcross e Ferndean. A narrativa é elaborada pela própria personagem, que relembra acontecimentos da sua vida desde a sua infância até a sua vida adulta. Em Gastshead, a pequena Jane, órfã de pai e mãe, vive na casa de uma tia com seus três primos, onde é tratada com desprezo, sem ser considerada como membro efetivo da família. Aos 10 anos, Jane é enviada a uma escola para preparação de garotas órfãs, em Lowood. A precariedade do local e a falta de alimentação digna provida às garotas que vivem no internato não impedem que Jane se dedique com afinco aos estudos, único meio para que alguém de sua condição social alcançasse algum destaque e sustento. Quando completa 18 anos, já atuando como professora, Jane percebe que nada conhece do mundo, por ter passado os últimos oito anos confinada em Lowood e por não possuir uma família que a acolhesse nas férias. Seu contato com o mundo externo se baseia exclusivamente no relato dos seus livros prediletos e para ampliar sua visão decide aplicar-se a uma vaga de emprego como governanta em Thornfield Hall. Em Thornfield, Jane conhece Edward Rochester, o dono da propriedade na qual irá trabalhar e que, assim como ela, não apresenta grandes atrativos físicos, ao contrário dos personagens que tipicamente recebem destaque em romances da época. Jane se apaixona por Rochester porque admira a sua inteligência; Rochester se apaixona por Jane porque ela não se submete às suas tentativas de dominação. Com o desenrolar dos acontecimentos e a decisão de oficializar o romance através do casamento, Jane descobre que Rochester já é casado e que mantém a esposa, Bertha, trancafiada no terceiro andar de sua mansão, em função de sua loucura. Rochester sugere que ambos vivam como amantes, oferta recusada por Jane, que foge de Thornfield em direção a Whitcross. Longe de Rochester, Jane é abrigada pelos irmãos St. John, Mary e Diana, que mais tarde se descobre serem seus primos. Assim como Rochester, o clérigo St. John tenta dominar e convencer Jane a casar-se com ele sem, no entanto, amá-la. Jane descobre que herdou uma herança e, agora, independente financeiramente, decide investigar o que aconteceu com Edward Rochester. Ao chegar a Thornfield, descobre que a mansão dos Rochester está em ruínas por conta de um incêndio causado por Bertha Rochester, morta no incidente, e que Rochester perdeu uma das mãos e ficou cego ao resgatar os seus criados das chamas. Jane vai à propriedade dos Rochester em Ferndean, onde decide permanecer e casar-se com Edward Rochester. Ao lado de Jane, Rochester recupera a visão quase que integralmente.

Este breve relato de *Jane Eyre* pode sugerir a narrativa e as convenções de um conto tradicional: uma jovem pobre e órfã, desprovida de beleza, recebe uma herança inesperadamente e casa-se com o homem que ama apesar de todas as adversidades. Os temas abordados por Charlotte Brontë, no entanto, não se assemelham de forma alguma àqueles encontrados em narrativas ingênuas. A autora constrói uma personagem que i) não se sujeita ao poder masculino, mesmo quando esse poder está respaldado por argumentos religiosos; ii) acredita na capacidade do trabalho como forma do alcance da independência feminina; e iii) critica a sociedade, que naturaliza a supremacia dos homens perante às mulheres e a união entre pessoas motivadas exclusivamente pelo dinheiro. Com base na abordagem desses temas polêmicos, decidi analisar comparativamente duas retextualizações de *Jane Eyre* para o português brasileiro, a primeira (1926, 2.<sup>a</sup> edição) e a última<sup>16</sup> (2010), com a finalidade de investigar a presença discursiva dos respectivos tradutores.

A retextualização de 2010, de Doris Goettems, apresenta a sua voz em notas de tradução, como forma de contextualizar o leitor acerca das inúmeras expressões em francês, presentes no romance, ou de livros e fatos históricos mencionados na narrativa. Quando adquiri a retextualização de 1926 e deparei-me com as especificidades do contexto em que o trabalho foi produzido – a censura católica, a denúncia da censura feita pelo tradutor em seu paratexto e a possibilidade de comportamento transgressor do tradutor –, optei por trabalhar exclusivamente com essa tradução, ou seja, minha escolha foi guiada pelo CC<sup>17</sup>. No CC de 2010 possivelmente não havia nada a ser suprimido porque os leitores, em sua maioria, não se chocariam com uma personagem que trabalha para conseguir seu próprio sustento e critica a religião católica. No CC de 1926, com o Estado recém-separado da Igreja devido à Proclamação da República em 1890 (27 anos na história de um país não é uma soma relevante)<sup>18</sup>, havia. Além disso, o fato de a personagem apresentar características feministas me fazia querer investigar como seria a sua reconstrução no contexto brasileiro,

---

<sup>16</sup> Já existe, atualmente, mais uma tradução disponível, de 2011, de autoria da tradutora Heloísa Seixas, publicada pela editora BestBolso.

<sup>17</sup> O Contexto de Cultura tanto da textualização quanto da retextualização são abordados, mais profundamente, em seção da Metodologia, capítulo 3.

<sup>18</sup> Somam-se 27 anos, pois a primeira edição de *Joanna Eyre*, a qual não consegui ter acesso, data de 1917.

tendo em vista que naquela ocasião as mulheres, tipicamente, eram subordinadas aos homens (cf. subseções 3.1.1.3.2 e 3.1.1.3.3).

Na seção seguinte, apresento, brevemente, o que foi abordado neste capítulo e o que é discutido nos capítulos posteriores.

### **1.3 Estrutura da dissertação**

Neste capítulo apresentou-se um panorama da dissertação, dando ênfase para os objetivos e as perguntas de pesquisa que a conduzem. Viu-se também que esta pesquisa apresenta um caráter interdisciplinar, fazendo interface entre os ET, a LSF e os Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC), em conformidade com a tradição teórica e metodológica explorada em diversos artigos, estudos, dissertações e teses no contexto brasileiro e internacional. Além dessa Introdução, esta dissertação apresenta outros quatro capítulos. No capítulo 2, correspondente ao Referencial Teórico, são apresentadas as concepções teóricas que guiam a pesquisa em relação à LSF; ao CC manifestado nos conceitos específicos de patronato, (auto-) censura e voz do tradutor; e aos ETC. No capítulo 3, ou Metodologia, são apresentados os estágios de desenho, construção e processamento do corpus; e os procedimentos para a análise dos itens investigados. No capítulo 4, ou Análise do Corpus, são apresentadas as análises dos dados no que se refere i) ao perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre, com base nas categorias do Sistema de Transitividade; ii) à presença discursiva do tradutor, com base nas categorias propostas por Hermans (1996) e por mim; e iii) às omissões do tradutor, com base nos conceitos de patronato de Lefevere (1992) e de (auto-) censura de Coracini (2008). Por fim, no capítulo 5, ou Conclusão, são expostas as conclusões a que chega esta pesquisa, as limitações do trabalho face ao escopo sugerido para a sua realização, e, a partir daí, as sugestões para futura pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em primeiro lugar, a análise linguística, quer seja literário-estilística ou não, continua sendo uma importante, senão essencial, forma de explicar como os textos significam (SIMPSON, 1993, p. 113).<sup>19</sup>

Este Capítulo subdivide-se em quatro eixos, a saber, 2.1 Estudos da Tradução: caráter interdisciplinar; 2.2 A bidirecionalidade texto-contexto no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional; 2.3 Ampliando o Contexto de Cultura; e 2.4 Estudos da Tradução com base em Corpus, que passam a ser discutidos nas seções seguintes.

### 2.1 Estudos da Tradução: caráter interdisciplinar

“Quando um novo problema ou um conjunto de problemas surgem à vista no mundo da aprendizagem, ocorre um influxo de pesquisadores de áreas adjacentes, que trazem consigo os paradigmas e os modelos que se mostraram frutíferos nas suas esferas de ação”<sup>20</sup>, afirma Holmes (1988), em *The Name and Nature of Translation Studies*. De acordo com ele (1988), dois resultados são tipicamente esperados em situações como a relatada: i) em alguns casos, o novo problema é resolvido através da utilização desses paradigmas, sendo anexado como área de conhecimento de um determinado campo de estudo; ii) em outros casos, esses paradigmas falham ao tentar oferecer ferramentas para a resolução do novo problema e os pesquisadores se conscientizam da necessidade de se estabelecer novos paradigmas e modelos para a sua abordagem. Ao constatar que “o fenômeno da tradução e as traduções” se encaixavam nesse segundo caso, Holmes auxiliou – assim como o fizeram outros teóricos – no estabelecimento dos Estudos da Tradução (ET), enquanto campo disciplinar independente, cujo *objeto de estudo é a tradução, em todas as suas manifestações*.

Ainda que *The Name and Nature of Translation Studies* tenha sido apresentado no *Third International Congress of Applied Linguistics*

---

<sup>19</sup> First of all, linguistic analysis, whether literary-stylistic or not, still remains an important, if not essential, means of explaining how texts mean (SIMPSON, 1993, p. 113).

<sup>20</sup> As a new problem or set of problems comes into view in the world of learning, there is an influx of researchers from adjacent areas, bringing with them the paradigms and models that have proved fruitful in their own fields (HOLMES, 1988, p. 67)

– *Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada*, sediado em Copenhagen, em 1972, a sua publicação ocorreu bem depois, em 1988. Dessa forma, apenas na década de 1980, os ET se tornou, de fato, um campo disciplinar independente, no contexto europeu. No entanto, conforme Holmes (1988) informa, o interesse na investigação da tradução se solidificou e expandiu a partir da Segunda Guerra Mundial, quando muitos pesquisadores dos campos adjacentes da linguística, filosofia da linguagem e estudos literários, e de outras disciplinas “mais remotas” como da teoria da informação, lógica e matemática, trouxeram consigo paradigmas, modelos e metodologias que pudessem, de alguma forma, auxiliá-los na pesquisa do novo problema, “o fenômeno da tradução e as traduções”.

A contribuição desses pesquisadores e de suas abordagens fez dos ET uma “interdisciplina” (cf. HATIM e MUNDAY, 2004) devido à vasta extensão de áreas do conhecimento que são utilizadas na sua investigação. Assim, traduções podem ser analisadas sob diversos ângulos e perspectivas, como se observa na Figura 1:

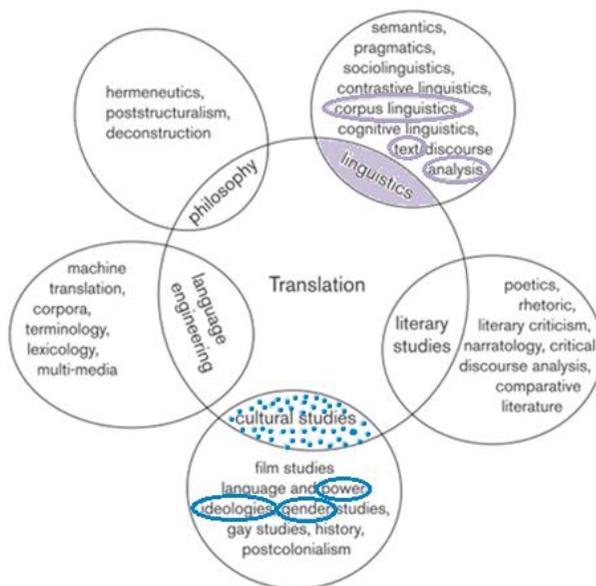


Figura 1- Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução (HATIM e MUNDAY, 2004, p. 8, destaques meus)

O caráter interdisciplinar dos ET evidenciado no mapa oferecido por Hatim e Munday (2004) se reflete também neste trabalho, uma vez

que, ao procurar responder às perguntas de pesquisa propostas, percebi a necessidade de mobilizar alguns dos conceitos das disciplinas *Linguística e Estudos Culturais*. A esfera dos Estudos Culturais é tocada, *tangencialmente*, para dar conta de questionamentos relativos ao padrão das omissões na retextualização e à presença discursiva do tradutor conforme manifestada em *Joanna Eyre* (1926), correspondentes à PP3 e à PP2, respectivamente.

Nesse âmbito, os conceitos de ‘*poder*’, ‘*ideologia*’ e ‘*gênero*’ são invocados. No que se refere aos conceitos de ‘*poder*’ e ‘*ideologia*’, o tratamento aqui dado a eles é baseado em Simpson (1993), teórico sistêmico, que se apoia em Fairclough (1989) para afirmar que:

Em uma perspectiva linguística crítica, o termo [ideologia] normalmente descreve como o que dizemos e pensamos interage com a sociedade. Uma ideologia, portanto, deriva das suposições tomadas como certas, crenças e sistemas de valores compartilhados coletivamente por grupos sociais. E quando uma ideologia é a ideologia de um grupo social poderoso, esta é dita ser *dominante*. Dessa maneira, ideologias dominantes são mediadas através de instituições políticas e sociais poderosas como o governo, a lei e a profissão médica (1993, p. 5, negrito meu).<sup>21</sup>

Segundo Simpson (1993, p. 6), “um componente central na perspectiva da linguística crítica é a convicção de que a linguagem reproduz ideologia”<sup>22</sup>. Conforme explica, a linguagem está, de forma inevitável, atrelada ao contexto sociopolítico no qual é utilizada. Simpson afirma que “[...] ideologias dominantes operam como mecanismos para a manutenção de relações assimétricas de **poder** na

---

<sup>21</sup> From a critical linguistic perspective, the term normally describes the ways in which what we say and think interacts with society. An ideology therefore derives from the taken-for-granted assumptions, beliefs and value-systems which are shared collectively by social groups. And when an ideology is the ideology of a particular powerful social group, it is said to be *dominant*. Thus, dominant ideologies are mediated through powerful political and social institutions like the government, the law and the medical profession (SIMPSON, 1993, p. 5).

<sup>22</sup> A central component of the critical linguistic creed is the conviction that language reproduces ideology (idem, ibidem, p. 6).

sociedade”<sup>23</sup> (1993, p. 6, **negrito meu**): esse processo é regulado pela linguagem, que atua como meio para reforçar a ideologia, enraizada no discurso cotidiano através de um processo de *naturalização*, no qual as pessoas já não estão mais conscientes das hierarquias e sistemas que moldam a sua interação social. É exatamente nesse contexto que Simpson conclui que a linguagem precisa “ser reconhecida como uma forma específica de luta” (SIMPSON, 1993, p. 6).

Com relação ao conceito de ‘*gênero*’, a definição utilizada nesta pesquisa parte de HEBERLE, OSTERMANN e FIGUEIREDO (2006). Aqui, **gênero** é compreendido como “uma categoria socialmente construída, diferenciada da oposição biológica macho/fêmea. Antes sim, é colocado num continuum que interage com outras variáveis sociais, tais como grau de instrução, etnia, posição socioeconômica, ocupação, classe social, orientação sexual, filiação política, religiosa, etc.” (p. 9).

Embora os conceitos de ‘poder’, ‘ideologia’ e ‘gênero’, circulados em azul na Figura 1, não sejam objeto de investigação direta nesta dissertação estão intimamente relacionados aos conceitos de “patronato”, “(auto-) censura” e “voz do tradutor”, que surgiram no âmbito da disciplina dos ET, e são abordados mais detalhadamente abaixo, neste Capítulo. O patronato, por exemplo, não seria exercido por instituições ou indivíduos na ausência de relações de poder desiguais; a (auto-) censura não seria praticada na ausência de ideologias informando as escolhas léxico-gramaticais dos tradutores; a reação ‘linguística’ da escritora Charlotte Brontë ao criar uma personagem que transgride padrões vigentes em resposta à representação da mulher elaborada no século XIX (comportamento que se espera ter sido adotado pelo tradutor por meio de sua voz em *Joanna Eyre*) não seria necessária na ausência de questões de ‘gênero’ informando a representação típica da mulher no século XIX (cf. subseção 3.1.1.3.1).

Cumprе esclarecer, novamente, que o *ponto de entrada* desta pesquisa se dá por meio da interface entre *Tradução e Linguística*, sinalizada em lilás, na Figura 1, objetivando responder a PPI: “qual perfil ideacional emerge da personagem Jane/Joanna Eyre, em termos dos Participantes e Processos de Transitividade, nos textos analisados?”. Na esfera da Linguística, as áreas de interesse, circuladas em lilás, correspondem à “linguística de corpus”, que recebe neste estudo a nomenclatura Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC) (cf.

---

<sup>23</sup> [...] dominant ideologies operate as a mechanism for maintaining asymmetrical power relations in society (idem, *ibidem*, p. 6).

OLOHAN, 2004), e à “análise textual”, informada pelos parâmetros da Linguística Sistêmico Funcional.

De acordo com Halliday e Hasan (1989), a utilização da abordagem sistêmico-funcional se caracteriza por três forças principais: i) possui orientação semântica, ou seja, busca considerar e identificar o papel de vários itens linguísticos, em qualquer texto, nos termos da sua função na construção de significado; ii) apresenta comprometimento com o estudo da linguagem escrita e falada e com a explicação das diferenças entre ambas; e iii) permite a identificação da forma com que padrões linguísticos se desenvolvem para a elaboração de um texto de um gênero em particular, configurado de tal forma em resposta ao contexto no qual foi produzido.

Através das ferramentas fornecidas pela LSF, busco investigar o padrão de realização léxico-gramatical da retextualização (*texto*), com vistas a comparar os dados que emergem da análise com os parâmetros do CC (*contexto*), considerado uma das dimensões centrais na linguística hallidayana.

## **2.2 A bidirecionalidade texto-contexto no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional**

Na concepção sistêmico-funcional, contexto e texto são aspectos de um mesmo processo. “Existe o texto e existe um outro texto que o acompanha: um texto que está ‘com’, isto é, o *com-texto*. No entanto, a noção do que está ‘com o texto’ vai além do que é dito ou escrito: abrange outros ‘aconteceres’ não verbais – o ambiente total em que um texto se desenvolve”<sup>24</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 5).

Dessa forma, analisar um “texto-em-situação”, a unidade básica de estrutura semântica (cf. HALLIDAY, 1978), implica em examinar a linguagem sob uma perspectiva sócio-semiótica. O conceito de ‘semiótica’ na LSF é empregado como o estudo dos sistemas de signos ou, ainda, o estudo dos significados (cf. HALLIDAY e HASAN, 1989). Pode-se inferir, portanto, que a linguística é um tipo de semiótica, por ser esta uma abordagem utilizada no estudo do significado. Nas palavras de Halliday e Hasan (1989, p. 4) “a linguagem pode ser, em um sentido indefinido e um tanto vago, o mais importante, o mais compreensivo, o

---

<sup>24</sup> There is text and there is other text that accompanies it: text that is ‘with’, namely the con-text. This notion of what is ‘with the text’, however, goes beyond what is said and written: it includes other non-verbal goings-on – the total environment in which a text unfolds (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 5).

mais abrangente [meio de significar]”<sup>25</sup>. O termo ‘social’, na LSF, refere-se a dois significados simultaneamente: i) ao Sistema Social – sistema de significados; e ii) à relação entre a linguagem e a estrutura social, que é uma parte do sistema social (HALLIDAY e HASAN, 1989).

Assim, em uma análise sistêmico-funcional, o texto é compreendido como um fenômeno social que se inter-relaciona com outras instâncias como: o Contexto de Situação, o Contexto de Cultura, a Estrutura Social, os Códigos, os Registros, os Sistemas Léxico e Semântico, que englobam e compõem o Sistema Social, conforme o esquema apresentado na Figura 2, emprestada de Halliday (1978, p. 69):

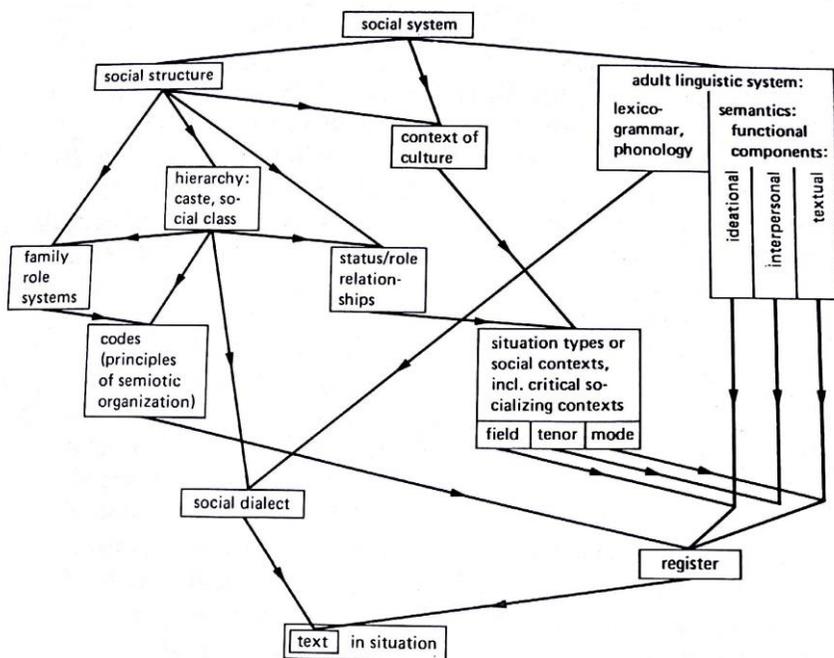


Figura 2 – Representação esquemática da linguagem como semiótica social (HALLIDAY, 1978, p. 69)

<sup>25</sup> Language may be, in some rather vague, undefined sense, the most important, the most comprehensive, the most all-embracing [way of meaning] (idem, ibidem, p. 4).

O esquema de Halliday evidencia que qualquer interação social, tipicamente, adquire uma forma linguística, denominada texto. De extensão variável – podendo ser composto de apenas uma oração ou diversas, falado ou escrito, individual ou coletivo, o texto é o que produzimos quando comunicamos. De acordo com Halliday:

O texto é uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea quanto sucessiva. Os significados são as seleções feitas pelo falante a partir de opções que constituem o *significado potencial*; o texto é a realização desse significado potencial, o processo de escolha semântica<sup>26</sup> (ibidem, p. 122).

Nesse cenário, a realização do *texto* se dá como estrutura léxico-gramatical, ou fraseado. O ambiente no qual se desenvolve o texto se denomina *Contexto de Situação*<sup>27</sup> (CS), que é uma instância do contexto social ou *tipo de situação* (HALLIDAY, 1978). O tipo de situação é um constructo semiótico sistematizado triadicamente através das categorias de *campo* (i), *relações* (ii) e *modo* (iii), que correspondem, respectivamente: i) ao assunto do texto; ii) às inter-relações entre os Participantes; e iii) aos modos retóricos utilizados na atividade discursiva (HALLIDAY, 1978). Essas variáveis situacionais estão relacionadas, respectivamente, aos componentes *ideacional* (significado como conteúdo), *interpessoal* (significado como participação) e *textual* (significado como texto) do *Sistema Semântico*. Essa relação existe porque cada variável situacional suscita uma rede de opções em seu componente semântico correspondente. Desse modo, “as propriedades semióticas de um tipo de situação em particular, a sua estrutura em termos de campo, relações e modo, determinam a configuração semântica ou o *Registro* – o significado potencial característico desse tipo de situação [...]”<sup>28</sup> (HALLIDAY, 1978, p. 125). Todo esse processo

---

<sup>26</sup> Text is a continuous progression of meanings, combining both simultaneously and in succession. The meanings are the selections made by the speaker from the options that constitute the *meaning potential*; text is the actualization of this meaning potential, the process of semantic choice (idem, ibidem, p. 122).

<sup>27</sup> Contexto de Situação nesta pesquisa é definido como o “ambiente em que os textos se desdobram e no qual devem ser interpretados”, conforme o proposto por Halliday e Hasan (1989, p. 6 e 7).

<sup>28</sup> [...] in this way the semiotic properties of a particular situation type, its structure in terms of field, tenor and mode, determine the semantic configuration

é regulado pelo *Código*, a “grade semiótica” ou os princípios de organização do significado social que correspondem ao ângulo subcultural do *Sistema Social*. A variação subcultural, assim como o *Contexto de Cultura*, são produtos da *Estrutura Social*, e representam, respectivamente: i) a hierarquia social, com o seu sistema de funções familiares; e ii) a cultura, no seu sentido “ideológico e material”, que atua como matriz das situações discursivas e dos tipos de situação (HALLIDAY, 1978). Todas essas instâncias compõem o *Sistema Social*, no esquema hallidayano.

De acordo com Halliday (1978, p. 69), uma teoria sociosemiótica implica, também, em uma teoria do texto: “não meramente uma metodologia descritiva do texto, mas uma forma de se relacionar o texto aos seus vários níveis de significado”<sup>29</sup>. Assim, um conjunto de regras transformacionais relacionam as estruturas-macro (CS, CC, Estrutura Social, etc.) à estrutura-micro (texto), a unidade linguística básica manifestada na superfície como discurso (HALLIDAY, 1978, p. 69). No entanto, isso não implica em considerar que a relação contexto → texto é unidirecional, ou seja, que apenas o contexto apresenta a capacidade de moldar o texto. Existe, na verdade, uma bidirecionalidade contexto ↔ texto, conforme indica Fairclough (2001, p. 91) ao afirmar que “[...] o discurso [texto] é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis [...]. Por outro lado, [...] contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e restringem”<sup>30</sup>. Assim, “a linguagem, o texto e o contexto social estão inextricavelmente conectados ao processo de criação de significado, de representação e construção da experiência humana”<sup>31</sup> (HEBERLE, 2000, p. 118-119).

A subseção seguinte apresenta enfoque no que está ‘com o texto’, nos ‘acontecimentos não verbais’ que circundam o ambiente no qual um

or register – the meaning potential that is characteristic of the situation type in question [...] (HALLIDAY, 1978, p. 125).

<sup>29</sup> [...] not merely a methodology of text description, but a means of relating the text to its various levels of meaning (idem, ibidem, p. 69).

<sup>30</sup> Tradução para o português brasileiro de Izabel Magalhães, tradutora de *Discourse and Social Change* (1992), de Fairclough, que no Brasil recebeu o título *Discurso e Mudança Social* (2001, p. 91).

<sup>31</sup> Language, text, and social context are inextricably linked in the process of creating meaning, of representing and building human experience (HEBERLE, 2000, p. 118-119).

texto é produzido, o CS, outra dimensão relevante nesta pesquisa, que passo a explicar.

### 2.2.1 Contexto de Situação, com seus parâmetros

Na perspectiva da LSF, um texto é significativo não tanto porque o ouvinte *não sabe* o que o falante irá dizer, mas porque ele *sabe*. Halliday (1978, p. 61) assim indica, ao relatar que:

o ouvinte apresenta evidências em abundância, tanto pelo seu conhecimento das propriedades gerais do sistema linguístico quanto pela sua sensibilidade ao contexto cultural, situacional e verbal, que o possibilitam fazer suposições substanciadas em relação aos significados que, tipicamente, serão dirigidos a ele.<sup>32</sup>

Segundo Halliday (1978), a seleção de opções semânticas feitas por um falante na produção de textos – o que ele *decide* significar – é regulada pela sua habilidade comunicativa que o possibilita saber em quais ocasiões falar, em quais permanecer calado, qual código utilizar, quando, onde e com quem. Essas ‘regras’, internalizadas, são sistematizadas em uma “fórmula triádica”, composta pelas categorias de “campo”, “relações” e “modo”, denominadas em inglês, “*field*”, “*tenor*” e “*mode*”, respectivamente. Halliday (1978) afirma que essas são categorias em um nível mais abstrato, consideradas mais ‘determinantes’ que ‘inclusivas’ do texto e representam o CS, cuja configuração pode ser observada na Figura 3:

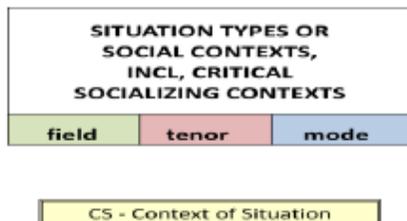


Figura 3 - Contexto de Situação e as categorias que o compõem (HALLIDAY, 1978, p. 69)

<sup>32</sup> He has abundant evidence, both from his knowledge of the general properties of the linguistic system and from his sensibility to the particular cultural, situational and verbal context; and this enables him to make informed guesses about the meanings that are coming his way (HALLIDAY, 1978, p. 61).

Na LSF, ‘campo’ se refere às atividades em progresso e aos propósitos particulares que o uso da linguagem está servindo no contexto daquela atividade; ‘relações’ se refere às inter-relações que existem entre os Participantes, ou seja, aos *status* e papéis desempenhados por eles; e ‘modo’ se refere à organização simbólica do texto, ao tipo de canal utilizado (falado, escrito, etc.) e à forma retórica, ou seja, a função desempenhada pelo texto (persuadir, informar, etc.). As categorias de campo, relações e modo são, portanto, determinantes e não componentes do ato da fala; coletivamente, elas fornecem subsídios que tornam possível *predizer* o texto. De acordo com Halliday (1978), esses parâmetros funcionais existem para tornar explícito ao “observador” os meios pelos quais pode deduzir, através da situação discursiva, não o texto propriamente, mas certas normas sistêmicas – o Registro –, que governam as particularidades de cada texto. Em outras palavras, os parâmetros de campo, relações e modo associam-se a certos padrões semânticos, que possibilitam especificar, através da situação, certos padrões linguísticos (HALLIDAY, 1978).

Com base na relação *padrões situacionais x padrões semânticos*, a LSF assume que o sistema linguístico é trimodal, também, no nível semântico (HALLIDAY, 1978). Dessa forma, por meio da categorização de três vias dos determinantes situacionais do texto denominados campo, relações e modo, pode-se fazer uma correlação entre a *situação*, o *texto* e o *Sistema Semântico* (HALLIDAY, 1978). Nesse cenário, o parâmetro *campo* ativa o componente *ideacional* do Sistema Semântico; o parâmetro *relações* o componente *interpessoal*; e o parâmetro *modo* o componente *textual*. Segundo Halliday:

Existe, em outras palavras, uma tendência geral pela qual o falante, ao codificar as relações desempenhadas na situação (*relações*), ativa o componente interpessoal do Sistema Semântico, realizado, por exemplo, pelo modo verbal; ao codificar a atividade, incluindo o assunto (*campo*), ativa o componente ideacional, realizado, por exemplo, pela transitividade; e ao codificar os aspectos do canal, o modo retórico (*modo*), ativa o componente textual, realizado, por exemplo, pelo enfoque na informação<sup>33</sup> (1978, p. 63, destaques meus).

---

<sup>33</sup> There is, in other words, a general tendency whereby the speaker, in encoding the role relationships in the situation (the tenor), draws on the interpersonal component in the semantic system, realized for example by mood; in encoding the activity, including subject-matter (the field), draws on the ideational

Isso implica em dizer que “o sistema semântico é projetado, ou realizado, pelo sistema léxico-gramatical” (HALLIDAY, 1978, p. 79), isto é, por meio de escolhas léxico-gramaticais construímos esses três tipos de significado identificados na LSF (ideacional, interpessoal e textual), que recebem a terminologia “Metafunção”<sup>34</sup>. Em outros termos, utilizamos a linguagem para (THOMPSON, 2004):

i) falar a respeito de nossas próprias experiências, da construção que fazemos do mundo a nossa volta e dos nossos mundos internos, bem como para descrever eventos e os indivíduos neles envolvidos (*Metafunção Ideacional, realizada pelo Sistema de Transitividade*);

ii) interagir com outras pessoas, estabelecer e manter contato com elas, influenciar o seu comportamento, expressar a nossa opinião a respeito dos acontecimentos do mundo e solicitar ou modificar a opinião de outros (*Metafunção Interpessoal, realizada pelo Sistema de Modo*); e

iii) organizar as mensagens que desejamos expressar, de tal forma que fiquem ordenadas coerentemente com as outras mensagens associadas à elas e ao contexto geral no qual estamos falando ou escrevendo (*Metafunção Textual, realizada pelo Sistema de Tema e pelo Sistema de Coesão*).

Todo esse percurso teórico, partindo da relação entre os ET e a LSF, passando a bidirecionalidade texto-contexto, e tocando *tangencialmente* conceitos do interior dos Estudos Culturais, foi elaborado com o objetivo de se chegar neste ponto: nesta pesquisa, o enfoque recai sobre a *Metafunção Ideacional*, pois aqui pretendo, sobretudo, interpretar os padrões emergentes da construção léxico-gramatical da personagem Jane/Joanna Eyre, por meio das categorias do *Sistema de Transitividade*. A motivação para a realização deste estudo partiu do meu desejo de verificar se, e até que ponto, uma construção de

---

component, realized for example by transitivity; and in encoding the features of the channel, the rhetorical mode and so on (the mode), draws on the textual component, realized for example by the information focus (idem, ibidem, p. 63).

<sup>34</sup> Halliday e Matthiessen (2004) adotam a terminologia ‘metafunção’ para sugerir que a função é um componente integral dentro da teoria geral da LSF. O termo função foi ignorado para designar os três tipos de significado porque existe uma longa tradição em se falar das funções da linguagem em contextos em que ‘função’ significa simplesmente o propósito ou a maneira de se utilizar a linguagem, sem fazer qualquer referência à análise da linguagem (p. 30-31).

perfil ideacional similar na tradução poderia levar à leitura de que o tradutor teria, igualmente, transgredido os parâmetros do CC em que produziu seu texto, cerca de 70 anos depois, no cenário brasileiro. No entanto, para fazê-lo, observei a necessidade de estender o olhar para a *Metafunção Textual*, por meio do *Sistema de Coesão*, conforme explico nas subseções seguintes.

### 2.2.2 A Metafunção Ideacional e o Sistema de Transitividade

O Sistema de Transitividade pertence ao componente experiencial<sup>35</sup> da Metafunção Ideacional e é através dele que o significado é representado nas orações. Conforme Simpson afirma (1993), o termo transitividade é utilizado na LSF num sentido mais amplo do que aquele empregado nas gramáticas tradicionais. Na abordagem sistêmico-funcional, a transitividade “demonstra como os falantes codificam na linguagem a sua visão mental da realidade e como [ao fazê-lo] eles consideram a sua experiência de mundo”<sup>36</sup> (SIMPSON, 1993, p. 88). A maneira como o Sistema de Transitividade realiza a sua *função ideacional* é manifestada por meio da utilização de *Processos*. Para fins de elucidação, a explicação de Halliday (1985, p. 101):

O que significa dizer que uma oração representa um Processo? A nossa concepção mais poderosa da realidade é a de que ela consiste de ‘aconteceres’<sup>37</sup>: de fazer, acontecer, sentir, ser. Estes aconteceres são classificados

---

<sup>35</sup> De acordo com Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 100), a Metafunção Ideacional apresenta dois modos: o Experiencial e o Lógico. “No nível da oração, encontramos o modo experiencial, manifestado pelo sistema de TRANSITIVIDADE. O modo lógico fornece recursos para a formação de vários tipos de complexos – complexos oracionais, complexos grupais, e assim por diante, e atua em conjunto com o modo experiencial na organização de grupos nominais, verbais, etc.” (idem, ibidem, p. 100). Nesta pesquisa, no entanto, apenas o modo experiencial será considerado, tendo em vista que se objetiva aqui analisar apenas os Processos inseridos nas orações que fazem referência à personagem Jane/Joanna Eyre.

<sup>36</sup> It shows how speakers encode in language their mental picture of reality and how they account for their experience of the world around them (SIMPSON, 1993, p. 88).

<sup>37</sup> A sugestão de tradução de ‘goings-on’ como ‘aconteceres’ é uma contribuição desta pesquisa.

no Sistema Semântico da linguagem e expressados através da gramática da oração.<sup>38</sup>

Assim, “o Sistema de Transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto gerenciável de **TIPOS DE PROCESSOS**. Cada tipo de Processo provê o seu próprio modelo ou esquema para construir um domínio particular de experiência [...]”<sup>39</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Os Processos semânticos expressados através das orações apresentam, majoritariamente, três componentes (cf. Figura 4):

- (i) o próprio *Processo*, que é expressado na oração pelo grupo verbal;
- (ii) os *Participantes* envolvidos no Processo, papéis desempenhados tipicamente pelo grupo nominal; e
- (iii) as *Circunstâncias* associadas ao Processo, expressadas geralmente pelos grupos preposicionais e adverbiais.

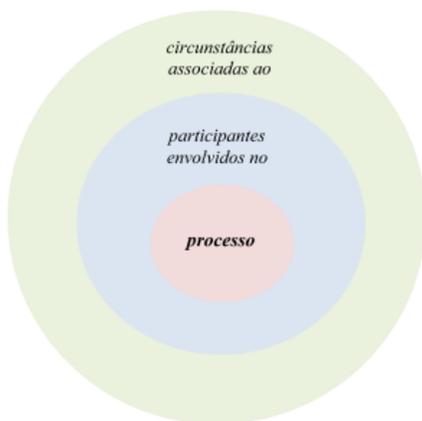


Figura 4 - Estrutura do Sistema de Transitividade (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 157)

---

<sup>38</sup> What does it mean to say that a clause represents a process? Our most powerful conception of reality is that it consists of ‘goings-on’: of doing, happening, feeling, being. These goings-on are sorted out in the semantic system of the language and expressed through the grammar of the clause (HALLIDAY, 1985, p. 101).

<sup>39</sup> The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of **PROCESS TYPES**. Each process type provides its own model or schema for construing a particular domain of experience [...] (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Os conceitos de Processo, Participante e Circunstância são categorias semânticas que explicam, de forma *genérica*, como o fenômeno da experiência de mundo de cada indivíduo é construído em estruturas linguísticas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). No entanto, ao se interpretar a gramática da oração, esses conceitos não são utilizados da forma como se apresentam porque eles são muito *gerais* para conseguirem explicar as especificidades de cada tipo de oração (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Através do modelo constituído por *Processo/Participante/Circunstância* não é possível distinguir, por exemplo, o papel desempenhado pelos diferentes Participantes que compõem uma oração: ‘aquele que pratica a ação’ versus ‘aquele que sofre a ação’, etc. (cf. THOMPSON, 2004). Dessa forma, um conjunto mais específico de categorias, baseadas tanto em diferenças gramaticais quanto em semânticas, deve ser estabelecido: *a classificação dos diferentes tipos de Processos*, que são derivados das três categorias gerais de *Processo, Participante e Circunstância* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Quais são os diferentes tipos de Processo construídos na gramática através do Sistema de Transitividade? Halliday e Matthiessen (2004, p. 170) explicitam que existe uma diferença básica entre o que experienciamos no mundo externo e aquilo que experienciamos em nosso interior, no nosso mundo de consciência, percepção, emoção e imaginação. “A forma prototípica da experiência ‘externa’ está relacionada a ações e a eventos: coisas acontecem, e pessoas ou outros atores fazem coisas, ou as fazem acontecer.”<sup>40</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 170). A experiência ‘interna’, por outro lado, é i) um tipo de resposta às experiências externas, permitindo-nos recordá-las, reagir a elas, refletir sobre elas; e ii) um modo consciente de reflexão sobre o nosso estado de espírito (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). A gramática estabelece distinções um tanto claras em relação à experiência externa, “os Processos do mundo externo”, e à experiência interna, “os Processos de consciência”, denominando-os, respectivamente, **Processos Materiais** e **Mentais**. Além de construir esses Processos – do mundo externo e interno – aprendemos, também, a generalizar, a relacionar um fragmento de experiência a outro (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Assim, a gramática reconhece Processos de um terceiro tipo, utilizados para

---

<sup>40</sup> The prototypical form of the ‘outer’ experience is that of actions and events: things happen, and people or other actors do things, or make them happen (idem, ibidem, p. 170).

classificação e identificação, nomeados **Relacionais**. Os Processos Materiais, Mentais e Relacionais são os principais tipos de Processos que compõem o Sistema de Transitividade e, nas suas extremidades, localizam-se outros três tipos de Processos, considerados secundários. Na fronteira entre o *Material* e o *Mental*, situam-se os Processos **Comportamentais**, “que representam as manifestações externas de funcionamentos internos, a expressão em ações de Processos de consciência e estados fisiológicos”<sup>41</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171). Na fronteira entre o *Mental* e o *Relacional*, encontram-se os Processos **Verbais** correspondentes às “relações simbólicas construídas na consciência humana e manifestadas através da linguagem, como dizer e significar”<sup>42</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171). Na fronteira entre o *Relacional* e o *Material*, localizam-se os Processos **Existenciais**, “através dos quais fenômenos de todos os tipos são simplesmente reconhecidos por ‘ser realidade’ – existir ou acontecer”<sup>43</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171).

Todos esses Processos reunidos – Material, Mental, Relacional, Comportamental, Verbal e Existencial – formam uma figura circular (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Nesta dissertação, assim como na Gramática Sistemico-Funcional, a explicação dos diferentes tipos de Processo tem início com os Materiais porque “[...] em toda a história da linguística eles estiveram no centro da atenção. Eles tem sido, por exemplo, a fonte da distinção tradicional entre verbos ‘transitivos’ e ‘intransitivos’”<sup>44</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171). No entanto, de acordo com o que Halliday e Matthiessen (2004) afirmam, não existe prioridade de um tipo de Processo sobre os outros. Eles estão ordenados e formam um círculo e não uma linha. “Isso significa dizer que o nosso modelo de experiência, conforme o interpretado através do Sistema Gramatical de Transitividade, ocorre dentro de um espaço contínuo, sendo que a continuidade não se dá entre dois polos; ela é

---

<sup>41</sup> [...] that represent the outer manifestations of inner workings, the acting out of processes of consciousness and physiological states (idem, ibidem, p. 171).

<sup>42</sup> symbolic relationships constructed in human consciousness and enacted in the form of language, like saying and meaning (idem, ibidem, p. 171).

<sup>43</sup> by which phenomena of all kinds are simply recognized to ‘be’ – to exist, or to happen (idem, ibidem, p. 171).

<sup>44</sup> [...] throughout most of the history of linguistics they have been at the centre of attention. They have, for example, been the source of the traditional distinction between ‘transitive’ and ‘intransitive’ verbs (idem, ibidem, p. 171).

circular em *loop*”<sup>45</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171 e 172). Halliday e Matthiessen fazem uma analogia entre o Sistema de Transitividade e as cores: a gramática constrói a experiência como uma cartela de cores, sendo o vermelho, o azul e o amarelo as cores primárias; e o roxo, o verde e o laranja as cores situadas nas fronteiras. A Figura 5, retirada de *An Introduction to Functional Grammar* (2004, p. 172), oferece diagramaticamente a explicação de Halliday e Matthiessen.

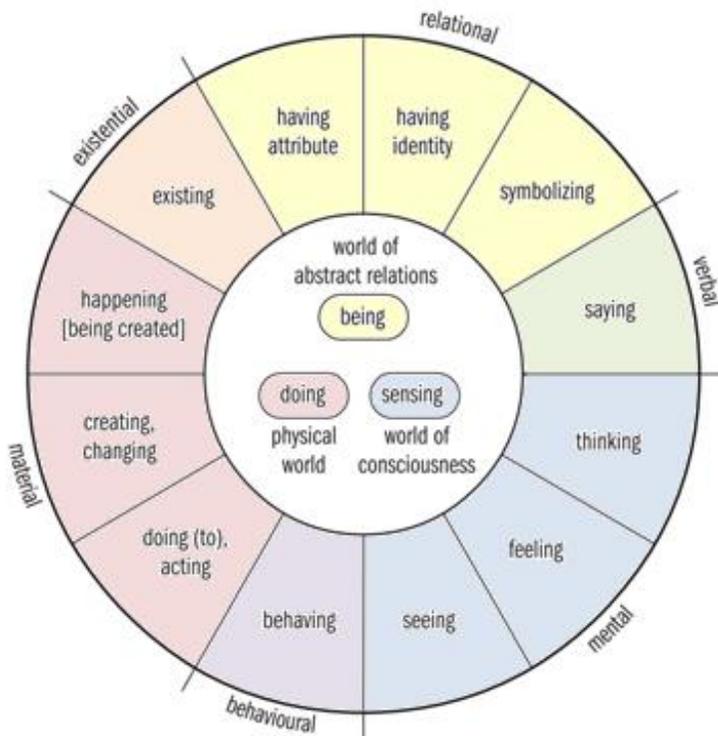


Figura 5 - O Sistema de Transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 172)

Nas subseções seguintes, são explorados os diferentes tipos de Processos construídos através do Sistema de Transitividade e as suas respectivas categorias de Participantes. Já as Circunstâncias não são

<sup>45</sup> That is to say, our model of experience, as interpreted through the grammatical system of transitivity, is one of regions within a continuous space; but the continuity is not between two poles, it is round in a loop (idem, ibidem, p. 171 e 172).

exploradas, pois, além de não contribuírem diretamente na construção do perfil ideacional da personagem aqui investigada, são consideradas mais “[...] acréscimos opcionais da oração do que componentes obrigatórios”<sup>46</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 175). Ressalto, ainda, que os Processos *Materiais*, *Mentais*, *Relacionais* e *Verbais* recebem mais enfoque aqui por apresentarem maior ocorrência no corpus analisado. Dessa forma, os Processos *Comportamentais* e *Existenciais* ganham menos atenção, porque suas ocorrências nos excertos analisados na textualização e retextualização são praticamente inexpressivas (*Comportamentais*) ou nulas (*Existenciais*).

### 2.2.2.1 Processos Materiais e Respectivos Participantes

Orações Materiais<sup>47</sup> correspondem àquelas de ‘Acontecer & Fazer’ e, por isso, estão relacionadas com a construção de experiências do mundo externo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Dessa forma, tipicamente, Processos Materiais representam eventos concretos: “mudanças no mundo material passíveis de serem percebidas, como o deslocamento no espaço [...]”<sup>48</sup> (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 103); a alteração de estado físico; e a realização, o acontecimento e a criação de coisas.

Em orações Materiais, existe sempre um Participante – o **Ator** (*Actor*), que realiza o desdobramento do Processo através do tempo, conduzindo a um efeito diferente daquele existente na fase inicial do desdobramento (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 180). Esse efeito pode ser restrito ao próprio Ator, como ocorre em orações que representam (a) ‘*Processos de Acontecer*’, denominadas *intransitivas*, onde o Ator é o único Participante envolvido no Processo, que é realizado por um grupo verbal ativo:

---

<sup>46</sup> [...] optional augmentations of the clause rather than obligatory components (idem, ibidem, p. 175).

<sup>47</sup> Halliday e Matthiessen (ibidem, p. 187-189) oferecem tabelas com exemplos de Processos Materiais em língua inglesa, assim como Fuzer e Cabral (2010, p. 36) disponibilizam exemplos de Processos Materiais em português brasileiro: ambos os levantamentos se encontram no Anexo A e serviram como base na análise dos dados desta dissertação.

<sup>48</sup> changes in the material world that can be perceived, such as motion in space [...] (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 103).

(a)

<i>[Joanna]</i>	<i>vem!</i>
Ator	Processo Material
Grupo nominal	Grupo verbal ativo

No entanto, em muitas orações, o desdobramento do Processo se estende a outro Participante – a **Meta** (*Goal*), impactando-o de alguma forma: “o efeito [do Processo] é registrado em primeira instância na Meta e não no Ator”<sup>49</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 180). Este segundo tipo de oração Material, classificada como *transitiva*, representa ‘*Processos de Fazer*’ e pode ser realizada por um (b) grupo verbal ativo ou (c) passivo:

(b)

<i>A Joanna</i>	<i>devia ter esmagado</i>	<i>esses pensamentos.</i>
Ator	Processo Material	Meta
Grupo nominal	Grupo verbal ativo	Grupo nominal

(c)

<i>Esses pensamentos</i>	<i>deviam ter sido esmagados</i>	<i>por Joanna.</i>
Meta	Processo Material	Ator
Grupo nominal	Grupo verbal passivo	Grupo nominal

Nas três orações, o Ator (realizado pelo grupo nominal *Joanna*), atua como um Participante inerente e faz algo. No entanto, em (a) a ação praticada por Joanna (*ir*) é restrita a ela mesma. Já em (b) e (c) a ação realizada por Joanna (*esmagar*) foi dirigida aos, ou extensiva aos, *seus pensamentos*, a Meta, o Participante que “sofre ou é submetido ao Processo” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 181).

Como se pôde observar através da configuração dos exemplos (a), (b) e (c) o “Ator é um Participante inerente tanto a orações materiais transitivas quanto a intransitivas; a Meta é inerente a orações transitivas”<sup>50</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN 2004, p. 190). Somados a essas duas categorias de Participantes, existem outros quatro envolvidos em orações com Processos Materiais: o **Escopo** (ou extensão), o **Recebedor**, o **Cliente** e, mais à margem, o **Atributo**. Este último, por “entrar em

<sup>49</sup> the outcome is registered on the Goal in the first instance, rather than on the Actor (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 180).

<sup>50</sup> The actor is an inherent participant in both intransitive and transitive material clauses; the Goal is inherent in transitive clauses (idem, ibidem, p. 190).

orações Materiais de modo mais restrito”, (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 195) não será discutido nesta dissertação.

O Escopo (*Scope*) é a Extensão (*Range*) dos Processos Materiais (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997). Conforme indicam Halliday e Matthiessen (2004), o Escopo não é afetado pelo desempenho do Processo. Na verdade, este tipo de Participante (d) expressa o domínio sobre o qual repousa o Processo ou (e) constrói o próprio Processo:

(d)

<i>I</i>	<i>would cross</i>	<i>oceans.</i>
Ator	Processo Material	Escopo (Entidade)

(e)

<i>Tu</i>	<i>tencionas tomar</i>	<i>um rumo.</i>
Ator	Processo Material	Escopo (Processo)

No exemplo (d) o Escopo constrói uma Entidade – por isso a denominação *Escopo (Entidade)* – que existe independente do Processo, mas que indica o seu domínio de atuação, o domínio no qual o Processo acontece. Com base em nossa experiência, sabemos que o grupo nominal *oceans (oceanos)* existe independentemente do fato de alguém querer atravessá-lo ou não porque é assim que a gramática, tanto do inglês quanto do português, o constrói – como um Participante que pode estar presente em diferentes tipos de Processos. Em *I would cross oceans (Eu atravessaria oceanos)*, *oceans* representa a extensão do grupo verbal *would cross*, isto é, ambos estão semanticamente ligados.

Na oração (e) *Tu tencionas tomar um rumo*, fica evidenciado que o Escopo auxilia na construção do próprio Processo – por isso a classificação Escopo (Processo): ele é responsável pela significação do grupo verbal. Dessa forma, o Processo (*tomar*), somado ao Escopo (*um rumo*), resulta em *rumar*, a própria ação realizada pelo Ator (*Tu*). Aqui, o grupo verbal é lexicalmente ‘vazio’ e, por isso, “o Processo da oração é expresso apenas pelo grupo nominal que funciona como Escopo”<sup>51</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 193), tal qual nas construções *tomar um banho* (banhar-se), *cometer um erro* (errar), *fazer um pedido* (pedir), *dar uma olhada* (olhar), etc.

O Recebedor (*Recipient*) e o Cliente (*Client*) ocorrem em contextos bastante diversos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.

---

<sup>51</sup> the process of the clause is expressed only by the noun functioning as Scope (idem, idibem, p. 193).

191). No entanto, assim como a Meta, ambos são afetados pelo Processo; mas enquanto aquela sofre a ação praticada no desdobramento do Processo, o Recebedor e o Cliente *se beneficiam* do Processo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 191 e 192). No caso do Recebedor, o benefício ocorre através da transferência de bens. Dessa forma, ele atua em orações Materiais como (f) a entidade que realiza a posse do bem:

(f)

<i>Jane</i>	<i>will give</i>	<i>me</i>	<i>her love.</i>
Ator	Processo Material	Recebedor	Meta

Já o Cliente tende a participar de Processos Materiais que denotam criatividade, isto é, este Participante representa (vii) a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada.

(g)

<i>You</i>	<i>may make</i>	<i>a dressing-gown</i>	<i>for yourself.</i>
Ator	Processo Material	Meta	Cliente

Na oração (f) *Jane will give me her love/Jane me dará o seu amor*, o Recebedor (realizado pelo pronome pessoal *me*) se beneficia do Processo (*dar/give*), por ser o Participante que detém a posse da Meta (o amor de *Jane/her love*). No exemplo seguinte, (g) *You may make a dressing gown for yourself/Você pode fazer um roupão para si mesmo*, o Cliente (realizado pelo pronome pessoal *si/yourself*) se beneficia do Processo (*fazer/make*), por realizar o papel do Participante para quem algo é criado, que corresponde à Meta (*roupão/dressing-gown*). Ambos os exemplos demonstram que, tipicamente, (i) o Recebedor e o Cliente são construídos por pronomes pessoais; e (ii) a Meta desempenha a função do “bem transferido” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 191), em orações Materiais com Recebedor; e do “bem que é criado” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 191), feito ou transformado, em orações Materiais com Cliente.

### 2.2.2.2 Processos Mentais e Respective Participantes

Enquanto orações Materiais representam experiências do mundo externo, as Mentais<sup>52</sup> representam experiências do nosso mundo interior

---

<sup>52</sup> Halliday e Matthiessen (ibidem, p. 210) oferecem uma tabela com exemplos de Processos Mentais em língua inglesa, assim como Fuzer e Cabral (2010, p. 53) disponibilizam exemplos de Processos Mentais em português brasileiro:

– são “orações de sentir” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 197). Dessa forma, os Processos Mentais englobam Processos de consciência, relativos à percepção, cognição e afeição (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 105).

As orações Mentais apresentam sempre (a) um Participante – o **Experienciador** (*Senser*), aquele que é “dotado de *consciência*” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 201). O Experienciador é, portanto, o Participante que sente, pensa, deseja ou percebe o Processo Mental. Conforme afirmam Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 105), (b) “grupos nominais expressos por entidades não conscientes, atuando como Experienciador, têm de ser construídos como entidades ‘personificadas’, metaforicamente”.<sup>53</sup> Com base no explicitado, fica evidente que “o Experienciador é bastante restrito” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 203), tendo em vista que este é tipicamente construído por “Participantes que são humanos” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 201). Por outro lado, (c) o segundo elemento principal em um Processo Mental, denominado **Fenômeno** (*Phenomenon*) – aquilo que é sentido, desejado ou percebido, “não é restrito a nenhuma categoria gramatical ou semântica” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 203), podendo ser expresso por uma “coisa/pessoa”, “ação” ou por um “fato”. Dessa maneira, “pessoas, criaturas, instituições, objetos, substâncias, abstrações [...] podem ser objeto de consciência numa oração Mental”<sup>54</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 203):

(a)

<i>[ you ]</i>	<i>don't like</i>	<i>my narrative.</i>
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno

(b)<sup>55</sup>

<i>My car</i>	<i>doesn't like</i>	<i>hills.</i>
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno

---

ambos os levantamentos se encontram no Anexo B e serviram como base na análise dos dados desta dissertação.

<sup>53</sup> Nominal groups serving as *Senser* which denote non-conscious entities have to be construed metaphorically as ‘personified’ (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 105).

<sup>54</sup> person, creature, institution, object, substance or abstraction [...] may also be the object of consciousness in a ‘mental’ clause (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 203).

<sup>55</sup> Exemplo retirado de Martin, Matthiessen e Painter, 1997, p. 105.

(c)

<i>O que</i>	<i>[tu]</i>	<i>queres?</i>
Fenômeno	Experienciador	Processo Mental

As orações (a) e (c) apresentam um Participante Experienciador humano, portanto, consciente (*you/tu*). Em contraposição, em (b) o Experienciador é representado por um objeto desprovido de consciência (*My car/Meu carro*): aqui ocorre uma personificação do Sujeito, a quem é atribuído sentimentos iguais aos de um Participante consciente. As três orações exemplificam os dizeres de Halliday e Matthiessen de que “qualquer coisa” pode assumir a posição de Fenômeno, conforme em (a) (*my narrative/minha narrativa*), (b) (*hills/morros*), e (c) (*o que*).

De acordo com Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 116), aquilo que é sentido, desejado ou percebido – o Fenômeno, “[...] não é sempre representado por um Participante situado no interior da oração. Ele pode ser representado por uma oração separada (d)”<sup>56</sup>:

(d)

<i>[tu]</i>	<i>sabes</i>	<i>que sou um malvado?</i>
Experienciador	Processo Mental	Oração projetada

No exemplo (d), o Processo Mental (*sabes*) constrói uma ideia que é representada na segunda oração (*que sou um malvado*). Por esta razão, o Fenômeno, por não construir um Participante, seguindo a interpretação desses autores<sup>57</sup>, é classificado como uma *oração projetada*, já que apresenta em seu interior um outro grupo verbal (*sou*): neste caso, um Processo Relacional, “utilizado para classificação e identificação”, como é explicado na subseção seguinte.

Halliday e Matthiessen (2004, p. 208 – 210) dividem semanticamente os Processos Mentais em quatro subtipos: *perceptivos*, relacionados à observação e percepção de fenômenos (perceber, sentir, ver); *cognitivos*, relacionados à decisão, compreensão e imaginação (pensar, acreditar, sonhar, entender); *desiderativos*, relacionados ao desejo (querer, desejar, intencionar); e *emotivos*, relacionados aos sentimentos (amar, detestar, temer, arrepende-se). Esses subtipos de

<sup>56</sup> [...] is not always represented as a participant within the clause. It may also be represented by a separate clause (idem, *ibidem*, p. 106).

<sup>57</sup> Nesta pesquisa, interpreto as orações projetadas de Processos Mentais e Verbais como Participantes Fenômeno e Verbiagem, respectivamente, conforme exponho na subseção 3.2.1.1.3.

Processos Mentais podem ser classificados ainda como pertencentes ao tipo ‘gostar’ ou ao tipo ‘agradar’. A diferença entre ambos os tipos reside na posição do Participante Experienciador e Fenômeno em relação ao Sujeito e ao Complemento do grupo verbal (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). No primeiro caso, dos Processos que se enquadram no tipo ‘gostar’, (e) o Sujeito de orações Mentais na voz ativa constrói o *Experienciador*:

(e)

<i>Eu</i>	<b><i>gosto</i></b>	<i>de ti.</i>
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno
Grupo nominal (Sujeito)	Grupo verbal	Grupo nominal

Já no segundo caso, dos Processos do tipo “agradar”, (f) o Sujeito da voz ativa constrói o *Fenômeno*:

(f)

<i>Tu</i>	<i>me</i>	<b><i>agradas.</i></b>
Fenômeno	Experienciador	Processo Mental
Grupo nominal (Sujeito)	Grupo nominal	Grupo verbal

Na oração (e) *Eu gosto de ti*, o Sujeito constrói o Experienciador (*Eu*), aquele que *gosta*. Em (f) *Tu me agradas*, por sua vez, que poderia também ser representada como *Tu agradas a mim*, o Complemento constrói o Experienciador (*me/a mim*), aquele que *é agradao*. O par “gostar” e “agradar” formam o que Halliday e Matthiessen (2004) chamam de “par operativo/receptivo”, o mesmo ocorre, por exemplo, com *acreditar e convencer, ter medo e amedrontar*, etc.

### 2.2.2.3 Processos Relacionais e Respectivos Participantes

As orações Relacionais<sup>58</sup> servem para caracterizar e identificar. Assim, elas representam Processos de ser, estar, ter e pertencer, podendo construir tanto experiências externas quanto internas. No entanto, aqui, essas experiências são expressas por ‘ser’ e não por ‘fazer’ ou ‘sentir’, como ocorre nos Processos Materiais e Mentais, respectivamente.

---

<sup>58</sup> Halliday e Matthiessen (2004, p. 238) oferecem uma tabela com exemplos de Processos Relacionais em língua inglesa, assim como Fuzer e Cabral (2010, p. 53) disponibilizam exemplos de Processos Relacionais em português brasileiro: ambos os levantamentos se encontram no Anexo C e serviram como base na análise dos dados desta dissertação.

Se em todas as orações Materiais e Mentais há um Participante envolvido no Processo, em orações Relacionais existem duas partes intimamente ligadas ao ‘ser’: “alguma coisa é dita ‘ser’ uma outra coisa” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 213), isto é, essa relação é construída com duas entidades separadas. Isso significa dizer que orações Relacionais apresentam sempre dois Participantes inerentes – dois Participantes que ‘são’. Esses Participantes podem ser representados por coisas, fatos ou atos e não necessariamente por um ser consciente e, portanto, humano.

Conforme indicam Halliday e Matthiessen (2004, p. 213), um aspecto importante dessa configuração prototípica de ‘ser’, evidenciado em orações Relacionais, reside no fato de que o “[...] o ‘peso’ experiencial é construído nos dois Participantes e o Processo é meramente um elo altamente generalizado entre esses dois Participantes [...]”<sup>59</sup>. A configuração de Processo + ‘Participante que é 1’ + ‘Participante que é 2’ permite a construção das relações abstratas de ‘membros de uma classe’ e de ‘identidade’ em todos os domínios da experiência (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 214). Nesse esquema, (i) **orações Atributivas** constroem ‘membros de uma classe’ e (ii) **orações Identificadoras** constroem ‘identidade’, os dois tipos de orações Relacionais. As orações Atributivas e Identificadoras, por sua vez, podem ser subdivididas em (1) ‘*intensivas*’, (2) ‘*possessivas*’ e (3) ‘*circunstanciais*’, conforme evidenciado na Tabela 1, adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 216):

---

<sup>59</sup> [...] the experiential ‘weight’ is construed in the two participants, and the process is merely a highly generalized link between the two participants [...] (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 213).

Quadro 1 – Principais categorias de orações Relacionais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 216)

	(i) <b>Atributivas</b> 'a é um atributo de x'	(ii) <b>Identificadoras</b> 'a é a identidade de x'
(1) <b>intensiva</b> <sup>60</sup> 'x é a'	Sara é sábia	Sara é a líder; A líder é Sara
(2) <b>possessiva</b> 'x tem a'	Pedro tem um piano	O piano é de Pedro; De Pedro é o piano
(3) <b>circunstancial</b> 'x está em a'	A feira é numa terça	Amanhã é dia 10; Dia 10 é amanhã

Com base no exposto no Quadro 1, no modo 'identificador', alguma coisa tem a sua identidade determinada na oração, ou seja, uma entidade é utilizada para identificar outra: 'x é identificado por a' ou 'a serve para definir a identidade de x' (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 227). Estruturalmente, o elemento *x*, aquele que é identificado, recebe o rótulo funcional de **Identificado**<sup>61</sup> (*Identified*), e o elemento *a*, aquele utilizado para identificar, de **Identificador** (*Identifier*) – (a) os dois Participantes envolvidos em Processos Relacionais **Identificadores**.

(a)

<i>Eu (x)</i>	<i>sou</i>	<i>a sua simples governante (a).</i>
Identificado	Processo Relacional	Identificador

<i>A sua simples governante (a)</i>	<i>sou</i>	<i>eu (x).</i>
-------------------------------------	------------	----------------

<sup>60</sup> Ainda que a LSF identifique Processos Relacionais intensivos, possessivos e circunstanciais, esta classificação não é adotada nas Análises desta pesquisa. Isso ocorre porque o Código de Rotulação Sistemico-Funcional (explicitado na Metodologia), não apresenta na sua configuração essa categorização. Assim, todos esses Processos (intensivos, possessivos e circunstanciais) são rotulados apenas como Relacionais. Além disso, cumpre observar que tal nível de especificidade ('*delicacy*') não contribui diretamente para a investigação realizada nesta pesquisa, em que o mais importante é a (re)construção do perfil ideacional da protagonista.

<sup>61</sup> Halliday e Matthiessen (2004, p. 230-233) adotam, ainda, a terminologia Característica (*Token*) e Valor (*Value*) como Participantes de orações Relacionais. No entanto, ambos podem atuar tanto na posição de Identificado como Identificador, dependendo da voz (ativa/passiva) utilizada na construção da oração. Por esta razão, nesta dissertação, os únicos rótulos funcionais utilizados para designar Participantes de *orações Relacionais Identificadoras* são os de *Identificado* e *Identificador*.

Identificador	Processo Relacional	Identificado
---------------	---------------------	--------------

A diferença primordial entre o modo ‘atributivo’ e o ‘identificador’, destacado por Halliday e Matthiessen (2004, p. 215), está no fato de que os identificadores, ao contrário dos atribuidores, “são reversíveis”, de tal modo que o *x* e o *a* podem mudar de posição. Dessa maneira, as construções ‘*Sara é a líder*’ e ‘*A líder é Sara*’, e ‘*Eu sou a sua simples governante*’ e ‘*A sua simples governante sou eu*’ são igualmente possíveis. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 228), existem ainda outras três características que auxiliam na definição de orações com Processos Relacionais Identificadores:

(i) o grupo nominal realizando a função de Identificador é tipicamente definido, apresentando um substantivo comum acompanhado de artigo definido (o/s, a/s), ou um substantivo próprio ou pronome. Os (b) adjetivos só ocorrem se flexionados no superlativo;

(ii) o grupo verbal realizando o Processo (c) pertence à classe ‘equativa’, correspondente aos verbos ser, significar, representar, interpretar, revelar, etc.;

(iii) as perguntas investigativas equivalem à ‘qual...(é)?’, ‘quem...(é)?’, ‘quem/o que...(interpreta)?’, como ocorre em (d) ‘*Quem é essa?*’.

(b)

<i>O amor de Joanninha</i>	<i>seria</i>	<i>o melhor galardão.</i>
Identificado	Processo Relacional	Identificador

No exemplo (b) um adjetivo flexionado no superlativo (*o melhor galardão*) representa o elemento Identificador.

(c)

<i>A compaixão</i>	<i>que se revela</i>	<i>em teu rosto.</i>
Identificado	Processo Relacional	Identificador

Aqui, o Processo (*revela*) da oração pertence à classe equativa e constrói o Participante Identificador (*em teu rosto*), que apresenta um pronome possessivo seguido de substantivo comum.

(d) ‘*Quem é essa?*’

[ <i>Essa</i> ]	<i>é</i>	<i>a Joanna Eyre.</i>
Identificado	Processo Relacional	Identificador

O modo ‘atributivo’, por outro lado, apresenta uma entidade a quem alguma classe é atribuída na oração. Estruturalmente, essa classe recebe o rótulo funcional de **Atributo** (*Attribute*), e a entidade a quem

algo é atribuído recebe o rótulo de **Portador** (*Carrier*) – os dois Participantes envolvidos em Processos Relacionais **Atributivos**. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 219), além de não serem reversíveis, existem outras três características que distinguem orações Atributivas das Identificadoras:

(i) o grupo nominal funcionando como Atributo constrói uma classe de coisas e é tipicamente indefinido, apresentando (e) um adjetivo ou (f) substantivo comum e, se apropriado, um artigo indefinido. Não aceita, por exemplo, substantivos próprios ou pronomes, por estes não construírem classes;

(ii) o Atributo, quando realizado (g) por um grupo nominal formado por substantivo comum sem adjetivo pré-modificador, usualmente se assemelha a uma circunstância, e o Processo da oração é seguido por preposição;

(iii) as perguntas de investigação correspondem a (h) ‘o que... (é)?’, (j) ‘como... (é)?’, tal qual em ‘*Como Joanna é?*’.

(e)

<i>Joanna</i>	<i>estavas</i>	<i>corada.</i>
Portador	Processo Relacional	Atributo

(f)

<i>Joanna</i>	<i>és</i>	<i>como uma flor desabrochada.</i>
Portador	Processo Relacional	Atributo

Nas orações (e) e (f) o Participante Atributo é representado por um adjetivo (*corada*) e por um artigo indefinido seguido de substantivo acompanhado de adjetivo (*como uma flor desabrochada*), respectivamente.

(g)<sup>62</sup>

<i>He</i>	<i>grew</i>	<i>into a man.</i>
Portador	Processo Relacional	Atributo

(h) ‘*Como é Joanna?*’

<i>Joanna</i>	<i>é</i>	<i>docil, aplicada, desinteressada...</i>
Portador	Processo Relacional	Atributo

No exemplo (g), *He grew into a man*, a preposição (*into*) somada ao artigo indefinido (a) seguido de substantivo comum (*man*) constroem o Atributo. Em (h) esse Participante é representado apenas pela

<sup>62</sup> Exemplo retirado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 220).

seqüência de adjetivos (*dócil, aplicada, desinteressada*), em resposta à pergunta de investigação: *Como é Joanna?*

As diferenças básicas entre as orações Relacionais Identificadoras e Atributivas e os Participantes que as compõem são organizadas no quadro abaixo, com a finalidade de recapitular o conteúdo desta subseção:

Quadro 2 – Principais diferenças entre orações com Processos Relacionais Identificadores e Atributivos

<b>Processos Relacionais Atributivos</b> <b><u>Irreversíveis</u></b> <b>Somente na voz ativa</b>		<b>Processos Relacionais</b> <b>Identificadores</b> <b><u>Reversíveis</u></b> <b>Podem aceitar a voz passiva</b>	
<b>Portador</b>	<b>Atributo</b>	<b>Identificado</b>	<b>Identificador</b>
É a entidade que carrega o atributo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É construído como:</li> <li>- Adjetivo;</li> <li>- Substantivo comum acompanhado de artigo indefinido ou preposição.</li> <li>- Representa uma classe ou categoria.</li> </ul>	É o elemento que é identificado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>É construído como:</li> <li>- Substantivo comum acompanhado de artigo;</li> <li>- Substantivo próprio;</li> <li>- Adjetivo acompanhado de superlativo.</li> <li>- Representa um ser específico.</li> </ul>

#### 2.2.2.4 Processos Verbais e Respectivos Participantes

Na fronteira entre os Processos Relacionais e os Mentais, a LSF identifica os Processos Verbais <sup>63</sup>, que constroem orações que representam Processos de ‘dizer’. No entanto, conforme expressam Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 108), “esta categoria não inclui

<sup>63</sup> Halliday e Matthiessen (ibidem, p. 255) oferecem uma tabela com exemplos de Processos Verbais em língua inglesa, assim como Fuzer e Cabral (2010, p. 80) disponibilizam exemplos de Processos Verbais em português brasileiro: ambos os levantamentos se encontram no Anexo D e serviram como base durante a análise dos dados desta dissertação.

apenas os diferentes modos de dizer (*perguntar, mandar, oferecer, afirmar*), mas também Processos semióticos que não são necessariamente verbais (*demonstrar, indicar*)”<sup>64</sup>.

Em orações Verbais existe sempre um Participante – o **Dizente** (*Sayer*), que, geralmente, é representado por (a) uma entidade humana que realiza os Processos de dizer, contar, afirmar, informar, questionar, demandar, oferecer, sugerir, etc. Entretanto, (b) o Dizente também pode ser desempenhado “por qualquer outra fonte simbólica [não humana]” (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 108):

(a)

<i>I</i>	<i>cannot tell.</i>
Dizente	Processo Verbal

(b)

<i>What</i>	<i>does your heart</i>	<i>say?</i>
Verbiagem	Dizente	Processo Verbal

No exemplo (a) existe apenas um Participante (*I*) atuando na oração, o Dizente, que realiza o Processo (*tell*). Em (b), o Dizente é representado “por qualquer outra fonte simbólica”: aqui, o coração de Jane (*your heart*) ganha características humanas que o permitem realizar o Processo (*say*).

Além do Dizente, Processos Verbais apresentam ainda o **Receptor** (*Receiver*)– (c) a quem a mensagem da oração é dirigida e que, tipicamente, é realizado por um grupo nominal consciente (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 255); a **Verbiagem** (*Verbiage*) – (d) a mensagem propriamente dita, que representa o que é dito, “uma classe de coisas e não tanto uma citação ou uma notícia” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 255); e o **Alvo** (*Target*) – (e) a entidade que é construída como o alvo do Processo de dizer, pertencente “apenas a subtipos de orações Verbais” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 256):

(c)

<i>Ask</i>	<i>me</i>	<i>[Jane].</i>
Processo Verbal	Receptor	Dizente

---

<sup>64</sup> This category includes not only the different modes of saying (*asking, commanding, offering, stating*) but also semiotic processes that are not necessarily verbal (*showing, indicating*) (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 108).

(d)

<i>Pede-</i>	<i>me</i>	<i>alguma coisa</i>	<i>[Joanninha].</i>
Processo Verbal	Receptor	Verbiagem	Dizente

(e) <sup>65</sup>

<i>He</i>	<i>accused</i>	<i>Krishan Kant.</i>
Dizente	Processo Verbal	Alvo

De acordo com Martin, Matthiessen e Painter (1997), em determinados casos, o conteúdo das orações – *a mensagem propriamente dita* – é representado por uma oração projetada<sup>66</sup>, como ocorre em (f):

(f)

<i>My unsteady voice</i>	<i>warned</i>	<i>me</i>	<i>to curtail my sentence.</i>
Dizente	Processo Verbal	Recebedor	Oração projetada

No exemplo (f), o Processo Verbal (*warned*) projeta a oração “*to curtail my sentence*”, que constrói um Processo Material (*to curtail*).

#### 2.2.2.5 Processos Comportamentais e Existenciais e Respective Participantes

Os Processos Comportamentais<sup>67</sup> expressam comportamentos fisiológicos ou psicológicos como, respirar, tossir, sorrir, sonhar e encarar (olhar fixamente). Conforme afirmam Halliday e Matthiessen (2004, p. 248 e 250), dentre os tipos de Processo referenciados na LSF os Comportamentais representam os menos distintos “porque eles não apresentam nenhuma característica particular definida”<sup>68</sup>. Na verdade, os Processos Comportamentais se assemelham em parte com os Processos Materiais e Mentais, por estarem situados na fronteira entre esses dois Processos.

<sup>65</sup> Exemplo retirado de *Introduction to Functional Grammar* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 256).

<sup>66</sup> Ver nota 55.

<sup>67</sup> Halliday e Matthiessen (p. 251) oferecem uma tabela com exemplos de Processos Comportamentais em língua inglesa, assim como Fuzer e Cabral (2010, p. 89) disponibilizam exemplos de Processos Comportamentais na língua portuguesa: ambos os levantamentos se encontram no Anexo E e serviram como base durante a Análise dos dados desta dissertação.

<sup>68</sup> because they have no clearly defined characteristics of their own (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 248-250).

Orações Comportamentais tipicamente apresentam apenas um Participante envolvido no Processo – o **Comportante** (*Behaver*), (a) que é construído por um ser consciente, assim como o Experienciador dos Processos Mentais.

(a)

<i>Eu</i>	<i>me</i>	<i>levantei.</i>
Comportante	Comportante	Processo Comportamental

Alguns grupos verbais que funcionam como Processo em orações Comportamentais correspondem a: (i) de ordem fisiológica – *respirar, tossir, roncar, desmaiar, dormir, soluçar, arrotar, etc.*; e (ii) de ordem psicológica – *chorar, rir, gargalhar, franzir, suspirar, acenar, etc.* Além desses, são interpretados como Processos Comportamentais *pensar, olhar, encarar* (quase Mental), *deitar-se, cantar, dançar* (quase Material) e *fofocar, murmurar, discutir* (quase Verbal). Para fins de elucidação, os exemplos:

(b)

<i>You think of Mr. Rochester.</i>
Oração Mental

(c)

<i>Be quiet!</i>	<i>I'm thinking.</i>
Oração Relacional	Oração Comportamental

Em (b), o Processo (*think*) constrói a “experiência interior” do Experienciador (*You*) em relação ao Fenômeno (*of Mr. Rochester*). No entanto, em (c), existem duas orações: uma Relacional, destacada em amarelo, e outra Comportamental. Essa segunda oração foi interpretada como Comportamental por expressar “um ato físico consciente” (THOMPSON, 2004): um Participante (*I*) ordena que alguém fique quieto (*Be quiet!*) porque ele está *consciente* de que está pensando (*thinking*) e o barulho pode atrapalhar o seu raciocínio.

Diferentemente dos Processos Comportamentais, os Processos Existenciais expressam “a existência ou ocorrência de algo” e, apesar de não serem muito comuns no discurso – representam apenas 3–4% das orações –, contribuem, de forma especializada, em diferentes tipos de textos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 257). A entidade ou evento que se diz ‘existir’ ou ‘ocorrer’, corresponde ao Participante inerente às orações Existenciais – o **Existente** (*Existent*). Conforme explicitam Halliday e Matthiessen (2004, p. 258), (a) esse Participante

pode ser construído por qualquer tipo de fenômeno: uma pessoa, um objeto, uma instituição, uma abstração, uma ação ou um evento.

(a)

<i>Mas desta vez</i>	<i>não haverá</i>	<i>perigo.</i>
Circunstância	Processo Existencial	Existente

Todos os exemplos fornecidos na subseção 2.2.2 apresentam algo em comum: todos, sem exceção, são formados por *orações*. Isso ocorre porque, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 10), “a oração é a unidade central de processamento na léxico-gramática – no sentido específico de que é na oração que diferentes significados são mapeados em uma estrutura gramatical integrada”<sup>69</sup>. Esses “diferentes significados” mencionados por Halliday e Matthiessen correspondem aos “principais sistemas da oração” (2004, p. 10), a saber: *Tema* e *Coesão* (Metafunção Textual), *Modo* (Metafunção Interpessoal) e *Transitividade* (Metafunção Ideacional). Nesta pesquisa, ao elaborar-se a investigação do perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre, efetuada com base no *Sistema de Transitividade* (Metafunção Ideacional), verificou-se a necessidade de se expandir a análise *para além da oração*, isto é, para que se conseguisse investigar aqui o perfil ideacional da protagonista (cf. 3.2.1.1), um outro sistema teve de ser considerado, o da *Coesão*, que passa a ser explicitado.

### 2.2.3 A Metafunção Textual e o Sistema de Coesão

Antes de se iniciar a explanação a respeito do *Sistema de Coesão* de que trata esta subseção, torna-se necessário recapitular o conceito que se tem de *texto* dentro da LSF, com a definição conferida por Halliday (1978, p. 122):

O texto é uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea quanto sucessiva. Os significados são as seleções feitas pelo falante a partir de opções que constituem o *significado potencial*; o texto é a realização desse significado potencial, o processo de escolha semântica<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> The clause is the central processing unit in the lexicogrammar – in the specific sense that it is in the clause that meanings of different kinds are mapped into an integrated grammatical structure (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 10).

<sup>70</sup> Text is a continuous progression of meanings, combining both simultaneously and in succession. The meanings are the selections made by the speaker from

Esse ‘texto’ referenciado por Halliday pode ser falado ou escrito, de qualquer extensão, prosa ou verso, diálogo ou monólogo, ou seja, trata-se de uma “unidade da linguagem em uso”, mas não de uma *unidade gramatical*, como uma oração ou sentença (HALLIDAY e HASAN, 1976). Na verdade, “um texto é mais bem interpretado como uma unidade SEMÂNTICA: uma unidade não de forma, mas de significado. Assim, ele é relacionado a uma oração ou sentença não pelo tamanho, mas pela REALIZAÇÃO, a codificação de um sistema simbólico em outro”<sup>71</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 2).

Conforme afirmam Halliday e Hasan (1976) um texto tem “textura” e é isso que o distingue de tudo aquilo que não é texto. Essa textura advém do fato de que o texto “funciona como uma unidade em relação ao seu ambiente” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 2), isto é, se um excerto com mais de uma sentença é tido como texto, percebem-se nele certas “características linguísticas” que contribuem para a sua unidade total/textura, como se observa no exemplo:

(a)

Nunca encontrei *tua* igual, Joanna, *tu* me agradas, *tu* me dominas.

Fica claro que o pronome possessivo *tua*, utilizado na primeira oração, e o pronome pessoal *tu*, utilizado na segunda e na terceira oração, referem-se ao vocativo *Joanna*. Esses pronomes dão coesão para as orações, de tal forma que as interpretamos como “um todo”: as orações reunidas formam um texto; ou melhor, parte de um mesmo texto. A textura é fornecida pelo “Sistema de COESÃO”, que faz parte da Metafunção Textual (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), ou seja, da relação que existe entre os elementos, neste caso, entre *Joanna*, *tua* e *tu*.

O conceito de Coesão é semântico: “ele se refere às relações de significado que existem no texto, e que o definem como tal”<sup>72</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 4). Além disso, “a Coesão ocorre

---

the options that constitute the *meaning potential*; text is the actualization of this meaning potential, the process of semantic choice (HALLIDAY, 1978, p. 122).

<sup>71</sup> A text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form but of meaning. Thus it is related to a clause or sentence not by size but by REALIZATION, the coding of one symbolic system in another (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 2).

<sup>72</sup> It refers to relations of meaning that exist within the text, and that define it as a text (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 4).

onde a INTERPRETAÇÃO de algum elemento no discurso é dependente de outro elemento”<sup>73</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 4). De acordo com Halliday e Hasan (1976), um elemento *pressupõe* o outro, de tal modo que só pode ser efetivamente compreendido ao se recorrer *ao outro elemento da cadeia coesiva*. “Quando isso acontece, uma relação de Coesão é estabelecida, e os dois elementos, aquele que pressupõe e o pressuposto, são, pelo menos potencialmente, integrados em um texto” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 4).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 533), os recursos léxico-gramaticais utilizados no inglês, aplicáveis também à língua portuguesa, para criar a Coesão correspondem à (2.2.3.1) conjunção<sup>74</sup>; (2.2.3.2) referência; (2.2.3.3) elipse e substituição; e (2.2.3.4) organização lexical, que passam a ser discutidos nas subseções seguintes.

### 2.2.3.1 Conjunção

Halliday e Matthiessen (2004) incluem na categoria ‘conjunções’, além das *conjunções propriamente ditas*, os elementos que indicam *continuidade*. De acordo com ambos (2004, p. 536), “relações conjuntivas tipicamente envolvem elementos contíguos, que podem apresentar a extensão de parágrafos – e, possivelmente, ir além; ou o seu equivalente na linguagem falada”<sup>75</sup> e correspondem “aos recursos [utilizados] para fazer a transição no desdobramento de um texto”<sup>76</sup> (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 549), como se observa no diálogo:

---

<sup>73</sup> Cohesion occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another (idem, *ibidem*, p. 4).

<sup>74</sup> Como as Conjunções não são analisadas nesta pesquisa, tendo em vista que não constroem o perfil ideacional da personagem aqui investigada, a sua explicação consta nesta subseção de forma sucinta.

<sup>75</sup> Conjunctive relations typically involve contiguous elements up to the size of paragraphs — and possibly beyond, or their equivalent in spoken language (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 536).

<sup>76</sup> a resource for marking transition in the unfolding of a text (idem, *ibidem*, p. 549).

(b)

*St. John: "There I, humble as I am, can give you the aid you want: I can set you your task from hour to hour; stand by you always; help you from moment to moment. This I could do in the beginning: soon (for I know your powers) you would be as strong and apt as myself, and would not require my help."*

*Jane: "But my powers—where are they for this undertaking? I do not feel them. Nothing speaks or stirs in me while you talk. I am sensible of no light kindling—no life quickening—no voice counselling or cheering. Oh, I wish I could make you see how much my mind is at this moment like a rayless dungeon, with one shrinking fear fettered in its depths—the fear of being persuaded by you to attempt what I cannot accomplish!"*

Aqui, a conjunção ‘*but*’ marca a relação entre ‘*my powers – where are they?*’ e o discurso precedente: neste caso, a fala de St. John. Além disso, o marcador assinalado ‘*oh*’ indica o começo de uma oração que se relaciona a uma anterior. Conforme observam Halliday e Matthiessen, esse tipo de marcador contribui para o “sistema da continuidade”, típico do texto dialógico (2004, p. 534).

### 2.2.3.2 Referência

Enquanto ‘conjunções’ (incluindo os elementos que indicam continuidade) ligam orações completas entre si, a ‘referência’ elabora a Coesão ao criar elos entre os elementos do texto (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). De acordo com Halliday e Hasan (1976, p. 31, *itálicos meus*), “existem certos itens em todas as línguas que possuem a propriedade da referência [...], isto é, ao invés de serem interpretados semanticamente pelo que são, fazem *referência a alguma outra coisa* para que possam ser interpretados”<sup>77</sup>. Essa “coisa” – a informação a ser recuperada – corresponde ao significado referencial; e a Coesão reside na continuidade da referência, isto é, através desta uma mesma “coisa” é inserida no discurso uma segunda vez (HALLIDAY e HASAN, 1976). Assim, nas palavras de Halliday e Hasan (1976, p. 32), “a referência apresenta a propriedade semântica da ‘precisão’, ou especificidade”. A princípio, essa ‘especificidade’ pode ser alcançada (i) por referência ao

---

<sup>77</sup> There are certain items in every language which have the property of reference [...], that is to say, instead of being interpreted semantically in their own right, they make reference to something else for their interpretation (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 31).

Contexto de Situação (CS) ou (ii) por referência a algum item situado no próprio texto, como mostra o esquema (Figura 6) elaborado com base em Halliday e Hasan (1976, p. 33):

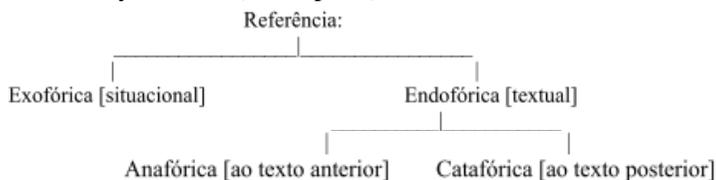


Figura 6 - Esquema que representa os tipos de Referência (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 33)

Esse esquema evidencia que existem dois tipos de Referência, denominadas Exofórica e Endofórica. A *Referência Exofórica* corresponde à referência ao CS [*situacional*], ou seja, o item referenciado está localizado no ambiente extralinguístico do texto. Já a *Referência Endofórica* corresponde à referência a algum item situado no próprio texto [*textual*]. O exemplo (c) auxilia na compreensão desses dois tipos de Referência:

(c)

“Why, **Jane**, what would **you** have? **I** fear **you** will compel **me** to go through a private marriage ceremony, besides that performed at the altar. **You** will stipulate, **I** see, for peculiar **terms**—what will **they** be?”

O excerto ilustra que os pronomes ‘*you*’, ‘*me*’ e ‘*they*’, que realizam grupos nominais nas orações das quais fazem parte, referenciam o substantivo próprio ‘*Jane*’ (Vocativo), o pronome ‘*I*’ (grupo nominal), e o substantivo comum ‘*terms*’ (grupo nominal), respectivamente. A referência realizada pelos pronomes (‘*you*’, ‘*me*’ e ‘*they*’) é do tipo *Endofórica*, pois os itens referenciados (‘*Jane*’, ‘*I*’ e ‘*terms*’) estão presentes no próprio texto. No entanto, o excerto em questão não deixa explícito quem é ‘*I*’: essa informação só pode ser recuperada a partir da situação. Assim, o pronome ‘*I*’ realiza uma *Referência Exofórica*.

Com relação à Referência Endofórica, o esquema baseado em Halliday e Hasan (1976, p. 33) expõe, ainda, que esta se subdivide em *Anafórica*, quando a referência é feita a um elemento anterior no texto, e *Catafórica*, quando a referência é feita a um elemento posterior no texto, conforme o demonstrado no exemplo (a), que é aqui retomado:

(a)

*Nunca encontrei tua igual, Joanna, tu me agradas, tu me dominas.*

Analisando-se esse excerto isoladamente, verifica-se que o pronome possessivo ‘*tua*’ (grupo nominal) realiza uma *Referência Catafórica*, pois remete a um elemento *posterior no texto*, neste caso, o substantivo próprio ‘*Joanna*’ (Vocativo). Já o pronome ‘*tu*’ (grupo nominal), nas suas duas ocorrências, realiza uma *Referência Anafórica*, pois remete a um elemento *anterior no texto*, neste caso, ‘*Joanna*’ (Vocativo).

### 2.2.3.3 Substituição e Elipse

Em termos do “sistema linguístico”, enquanto a Referência se dá através de uma “relação *semântica*”, permitindo, dessa forma, que o item referenciado seja de uma classe gramatical diferente daquele que referencia (como acontece em ‘*Why, Jane, what would you have?*’, constante do exemplo (c), em que ‘*you*’, elemento central do *grupo nominal* faz referência ao *Vocativo ‘Jane’*), a Substituição ocorre através de uma “relação *léxico-gramatical*”, isto é, no âmbito da gramática e do vocabulário, ou da “forma linguística”: o item substituído deve ser da mesma classe gramatical daquele que o substitui (cf. HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 32). Além disso, a Referência pode “alcançar” um elemento mencionado muito antes no texto, já a Elipse e a Substituição tipicamente são limitadas ao alcance de um elemento presente na oração precedente imediata (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 569).

Substituição, aqui, é interpretada “[...] como a troca de um item por outro, e Elipse como a omissão de um item. Essencialmente, ambas constroem o mesmo processo<sup>78</sup>; a Elipse pode ser interpretada como aquela forma de Substituição em que o item é substituído por nada”<sup>79</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 88). Com relação à Substituição, o elemento que substitui é utilizado “no lugar da repetição de um

---

<sup>78</sup> O termo processo foi aqui utilizado pelos autores não no sentido técnico a ele atribuído na LSF, em que “Processo” remete ao grupo verbal que constrói cada domínio de experiência no Sistema de Transitividade, da Metafunção Ideacional.

<sup>79</sup> [...] as the replacement of one item by another, and ellipses as the omission of an item. Essentially the two are the same process; ellipses can be interpreted as that form of substitution in which the item is replaced by nothing (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 88)

determinado item” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 89), criando a Coesão. No que se refere à Elipse, a substituição de um item “por nada” não implica na sua incompreensão. Nesse caso, a Coesão existe, justamente, porque a mensagem é compreendida mesmo “que algo não tenha sido dito” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 142).

Tanto a Substituição quanto a Elipse podem ocorrer em relação ao *grupo nominal* (d) e (e); ao *grupo verbal* (f) e (g); ou à *oração* (h) e (i), conforme os exemplos:

(d) *Substituição em relação ao grupo nominal*

“I am not **an angel**,” I asserted; “and I will not be **one** till I die: I will be myself. Mr Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me—for you will not get it, any more than I shall get it of you: which I do not at all anticipate.”

— *Eu não sou **um anjo**, nem **o** serei até morrer: serei sempre eu mesma e o sr Rochester não deve esperar de mim nem exigir nada de celestial, porque não o pôde obter de mim tão pouco como eu do senhor.*

(e) *Elipse em relação ao grupo nominal*

Do you want some more **wine**? White or red [ $\emptyset$ : **wine**]? — White [ $\emptyset$ : **wine**]<sup>80</sup>.

— *Joanna, [ $\emptyset$ : tu] estavas corada e agora [ $\emptyset$ : tu] ficas pallida; que quer dizer isso?*

Em (d), os grupos nominais ‘*an angel*’ e ‘*um anjo*’, presentes na primeira oração de cada excerto, são substituídos nas orações seguintes pelos grupos nominais construídos pelos pronomes ‘*one*’ e ‘*o*’, respectivamente. No primeiro exemplo oferecido em (e), o grupo nominal ‘*wine*’ é omitido da segunda e da terceira oração. Entretanto, a compreensão do excerto não é prejudicada, pois se subentende que a pergunta (*White or red?*) e a resposta (*White*) apresentam relação gramatical com a primeira pergunta elaborada (*Do you want some more wine?*). No segundo exemplo, verifica-se uma construção comum na língua portuguesa: aqui, o grupo nominal ‘*tu*’ está elíptico, mas, através da observação da desinência dos grupos verbais ‘*estavas*’ e ‘*ficas*’ (segunda pessoa do singular), fica implícita a presença do grupo nominal ‘*tu*’, que, por sua vez, faz Referência ao Vocativo ‘*Joanna*’.

(f) *Substituição em relação ao grupo verbal*

<sup>80</sup> Exemplo retirado de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 568.

Rochester: “Jane, do you **mean to go** one way in the world, and to let me go another?”

Jane: “I **do**.”

(g) *Elipse em relação ao grupo verbal*

Rochester: — Neste caso, **dize-mo** aberta e claramente; não me poupes!

Joanna: — Não posso [ $\emptyset$ : **dizer**], estou cansada e doente.

Em (f), o grupo verbal complexo ‘mean to go’, presente na fala de Rochester, é substituído pelo grupo verbal ‘do’, na fala de Jane, construção da língua inglesa tipicamente utilizada em respostas: aqui, ‘I do’ encapsula o significado de ‘I mean to go’. No exemplo (g), o grupo verbal ‘dizer’ é omitido da oração ‘Não posso’, já que o grupo verbal modal ‘posso’, neste caso, engloba o significado de que o que Joanna não pode é dizer.

(h) *Substituição em relação à oração*

Rochester: “I ask only minutes. Jane, did you ever hear or know **that I was not the eldest son of my house: that I had once a brother older than I?**”

Jane: “I remember Mrs Fairfax told me **so** once.”

Mrs. Fairfax: **He means to marry you?**”

Jane: “He tells me **so**.”

(i) *Elipse em relação à oração*

Rochester: — Por que, Joanna? Mas quero poupar-te o incommodo de falar muito. Vou responder por ti: **é porque já tem mulher, dirias; acertei?**

Joanna: — **Sim** [ $\emptyset$ : **você acertou, é porque já tem mulher, eu diria**].

Mrs. Fairfax: **Have you accepted him?**”

Jane: “**Yes** [ $\emptyset$ : **I have accepted him**].”

Os exemplos oferecidos em (h) evidenciam que o elemento ‘so’, presente nas falas de Jane, efetua a Substituição parcial (*I remember Mrs Fairfax told me [that you were not the eldest son of your house: that you had once a brother older than you] once*) ou total (*He tells me [he means to marry me]*) das orações com as quais se relaciona. Em (i), no primeiro diálogo, uma parte – ‘é porque já tem mulher, dirias; acertei’ – do complexo oracional realizado na fala de Rochester é omitida da resposta de Joanna, porque o seu ‘Sim’ encapsula o significado

conferido por essa parte. Já no segundo diálogo de (i), o ‘Yes’ de Jane remete à oração precedente imediata completa, que é omitida da sua resposta por ficar subentendida.

A subseção seguinte, que passa a ser discutida, trata da Coesão através da organização lexical.

#### 2.2.3.4 Organização Lexical

Os tipos de Coesão discutidos até agora envolvem recursos gramaticais – itens gramaticais (conjunções, itens que referenciam) e estruturas gramaticais (ausência ou substituição de elementos estruturais) (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 570). No entanto, a Coesão também ocorre na “zona lexical” da léxico-gramática: aqui, o efeito coesivo é alcançado através da escolha de vocabulário (cf. HALLIDAY e HASAN, 1976). Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 570-571), a Coesão Lexical é organizada em uma rede de relações lexicais, desempenhadas através de: (j) Repetição, (k) Sinonímia, (l) Hiponímia, (m) Meronímia, e (n) Colocação, que são explicadas com base nos exemplos seguintes:

##### (j) *Repetição*

*“It was a **faery**, and come from Elf-land, it said; and its errand was to make me happy: I must go with it out of the common world to a lonely place—such as the moon, for instance—and it nodded its head towards her horn, rising over Hay-hill: it told me of the alabaster cave and silver vale where we might live. I said I should like to go; but reminded it, as you did me, that I had no wings to fly.*

*“‘Oh,’ returned **the faery**, ‘that does not signify!’*

##### (k) *Sinonímia*

*Rochester: “**Jane**, you look blooming, and smiling, and pretty,” said he: “truly pretty this morning. Is this my pale, **little elf**? Is this my **mustard-seed**? This **little sunny-faced girl** with the dimpled cheek and rosy lips; the satin-smooth hazel hair, and the radiant hazel eyes?”*

Em primeiro lugar, a forma mais direta de Coesão Lexical se dá através da Repetição de um item lexical (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), como ocorre em (j). Nesse excerto, existem, na verdade, dois tipos de Coesão: uma Lexical, realizada através da Repetição do item ‘*faery*’ e outra Referencial, realizada através do item ‘*the*’, que sinaliza ao leitor que a fada (*faery*) mencionada na última oração é a mesma que aquela do excerto precedente. Em segundo lugar,

a Coesão Lexical também resulta da escolha de um item lexical que é de alguma forma sinônimo de um item anterior (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 572), conforme o ilustrado em (k). Nesse caso, o personagem Rochester utiliza os itens lexicais ‘*little elf*’, ‘*mustard-seed*’ e ‘*little sunny-faced girl*’ como sinônimos de ‘*Jane*’, dando Coesão ao trecho ilustrado.

(l) *Hiponímia*

*Sempre às sete horas, á primeira badalada, mandava-me chamar; mas já não tinha para mim termos como «amor», «querida», quando me apresentava. Os melhores appellidos com que me servia eram: **boneca provocante, trasgo malicioso, monstro**, etc.*

(m) *Meronímia*

*Quem é levado ao **cadafalso**, não pensa nas flores que lhe sorriem na beira do caminho, mas sim no **cepo** e no **machado** e na **cova** aberta.*

Enquanto a Repetição e a Sinonímia elaboram relações baseadas em *identidade*, já que um item reafirma um outro, a Hiponímia e a Meronímia elaboram uma relação de “atribuição” (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 574). No que se refere à Hiponímia, essa relação é baseada em *classificação*, isto é, o primeiro item representa uma ‘classe’ e o segundo (i) uma superclasse ou subclasse ou, ainda, (ii) outra classe no mesmo nível de classificação, como demonstra (l). Aqui, ‘boneca provocante’, ‘trasgo malicioso’ e ‘monstro’ são todos itens membros de uma ‘classe’ de seres inoportunos, em que ‘monstro’ representa a “superclasse”. No que se refere à Meronímia, a relação se dá porque “um elemento é parte do outro” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 575), conforme se observa em (m). Nesse exemplo, ‘cepo’, ‘machado’ e ‘cova’ são itens que fazem parte do contexto de ‘cadafalso’, estrado alto para a execução de sentenciados.

(n) *Colocação*

*“Then, Jane, you must **play the accompaniment**.”*

De acordo com Halliday e Hasan (1976, p. 284), a parte mais problemática da Coesão Lexical diz respeito à Coesão alcançada através da associação de itens lexicais que regularmente coocorrem. O efeito coesivo de pares como ‘doença...médico’, ‘abelha...mel’, ‘rir...piada’, ‘porta...janela’ “não depende tanto de qualquer relação semântica sistêmica, mas sim da sua tendência de dividir o mesmo ambiente

lexical, isto é, de ocorrer em COLOCAÇÃO um com o outro”<sup>81</sup> (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 286), como mostra (n). Esse exemplo ilustra a forte relação que existe entre o grupo verbal ‘play’ e o grupo nominal ‘*accompaniment*’, que representa o instrumento que será tocado. Halliday e Matthiessen (2004, p. 577) afirmam que a relação ‘Processo + Participante’ também compõe a base da Colocação, sendo a mais importante envolvendo a configuração ‘Processo + Escopo’ (ver 2.2.2.1).

Em toda a seção 2.2 foram apresentadas as especificidades do Contexto de Situação, dando ênfase para o seu componente ‘campo’ que, conforme o explicado, ativa a Metafunção Ideacional, da qual o **Sistema de Transitividade** faz parte. Dentro desse Sistema, foram especificados todos os **tipos de Processos e Participantes** que o constituem e que são utilizados por nós, falantes, quando desejamos *representar* a nossa visão da realidade. Nesta pesquisa, as particularidades das orações Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais são utilizadas para a investigação (i) dos tipos de Participantes e Processos realizados por Jane/Joanna Eyre quando *dialoga com Rochester e St. John/João*; (ii) dos tipos de Participantes e Processos realizados por Jane/Joanna Eyre quando *é representada por Rochester e St. John/João*; e (iii) dos tipos de Participantes e Processos realizados por Jane/Joanna Eyre, quando *é representada por outros personagens menores*. No entanto, para que se fizesse a análise de todos esses pontos foi necessário considerar, também, o componente ‘modo’ do CS, que ativa a Metafunção Textual, realizado pelo **Sistema de Coesão**. Assim se procedeu, pois se verificou que o *nódulo* Jane/Joanna Eyre tipicamente ocupa a posição de Vocativo no corpus investigado (cf. subseção 3.2.1.1), de tal forma que a análise dos Participantes e Processos associados a ele só seria possível se aqui se traçasse a cadeia coesiva ligada à personagem, como mostra o exemplo:

*Rochester: — Joanna, convido-te a conhecer em mim tudo que vale a pena; pelo amor de Deus, não **desejes carregar-te** com trastes inúteis; não **cobices** [tu] veneno; não **te tornes** uma Eva para mim.  
Joanna: — E por que não? Ha pouco **me** disse quanto gostava de ser conquistado, quão agradável lhe era ser persuadido. Não será melhor [eu] **aproveitar** sua confissão e [eu] **começar a lisonjear, pedir e***

<sup>81</sup> depends not so much on any systemic semantic relation as on their tendency to share the same lexical environment, to occur in COLLOCATION with one another (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 286).

***chorar***, *si fôr necessario*, e ***teimar***, *só para ensaio de meu poder?*

Esse exemplo apresenta destacado em negrito todos os Participantes (*te, tu, me, eu*) que, neste caso, constroem a cadeia coesiva ligada ao ‘nódulo’ *Joanna* (Vocativo) e que são, portanto, analisados e classificados nesta pesquisa. Além disso, encontram-se sublinhados todos os Processos realizados pela personagem, pois são esses grupos verbais que auxiliam na construção do seu perfil ideacional. Assim, nesta pesquisa não se efetua uma análise do *Sistema de Coesão*, no sentido de se classificar se um determinado elemento constrói uma Referência, uma Substituição, uma Meronímia, etc. Aqui, esse Sistema teve de ser abordado para que se conseguisse efetuar a investigação do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre, por meio das categorias do *Sistema de Transitividade*.

Com base nos teóricos aqui citados, Halliday, Matthiessen, Hasan, Thompson, Simpson, Martin, Painter, fica evidenciado que o CS atua como um elemento determinante do ‘**texto em situação**’. Através dele, temos a capacidade de distinguir como devemos nos comportar linguisticamente, ou seja, quais escolhas léxico-gramaticais são mais adequadas a determinadas situações. Assim, pode-se afirmar que um texto não existe sozinho, em um vácuo: ele apresenta a capacidade de modificar o contexto no qual está inserido, mas, ao mesmo tempo, é restrito pelas suas convenções.

Dessa forma, o esquema que representa as principais instâncias abordadas na seção **2.2 A bidirecionalidade texto-contexto no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional**, incluindo aí as suas subseções, pode ser representado pela Figura 7:

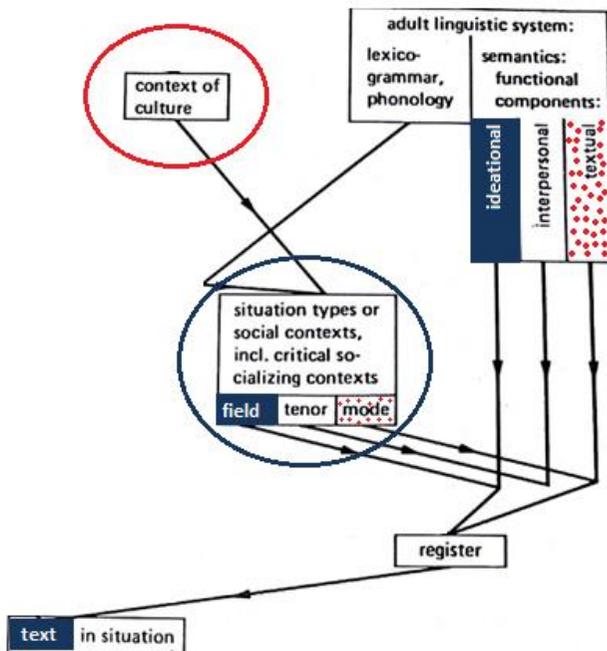


Figura 7 - Esquema das principais instâncias abordadas em toda a Seção 2.2 (adaptado de HALLIDAY, 1978, p. 69)

O ‘texto em situação’, destacado na base do esquema, equivale à **textualização** e à **retextualização** nesta pesquisa. Esses ‘textos em situação’ apresentam certas particularidades que me fizeram querer investigar o perfil **ideacional** da personagem Jane/Joanna Eyre, que é ativado pelo **campo** (*field*) do **Contexto de Situação**, circulado em azul escuro. No entanto, para conduzir essa investigação, o componente **textual**, ativado pelo **modo** (*mode*), pontilhado em vermelho, também teve de ser considerado. O **Contexto de Cultura**, circulado em vermelho, passa a ser explicado e corresponde à outra dimensão importante para este estudo, tendo em vista que dele advêm certas normas internalizadas pelo tradutor de *Joanna Eyre*.

### 2.3 Ampliando o Contexto de Cultura

Segundo consta na Introdução desta dissertação, poucos estudos na área dos ET se propõem a analisar a relação existente entre texto  $\leftrightarrow$  contexto, na interface com a LSF. Portanto, através da investigação que aqui faço, pretendo contribuir para a ‘conversação’ nessa área, sugerindo

a inclusão <sup>82</sup> de alguns conceitos, advindos dos ET, na área de abrangência do *Contexto de Cultura*, conforme definido no âmbito da LSF (ver Nota 4). Assim, as dimensões do CC foram ampliadas para acolhê-los, conforme o demonstrado na Figura 8, adaptada e traduzida de Halliday (1978, p. 69):

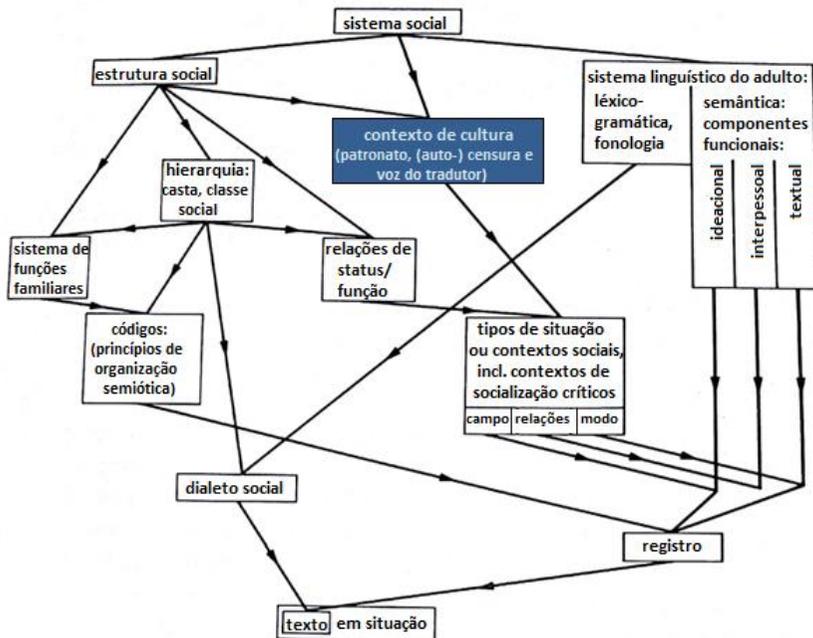


Figura 8 - O Contexto de Cultura e os seus Parâmetros (adaptado de HALLIDAY, 1978, p. 69)

Os conceitos de *Voz do Tradutor* (cf. HERMANS, 1996), *Patronato* (cf. LEFEVERE, 1992) e *(Auto-) Censura* (cf. CORACINI, 2008), que compõem o CC desta pesquisa, são detalhados nas subseções a seguir.

### 2.3.1 *Voz do Tradutor*

<sup>82</sup> Sigo aqui a sugestão das professoras Viviane Heberle e Ina Emel, que durante a Banca de Qualificação consideraram mais adequado para a minha pesquisa a inclusão desses conceitos como parte integrante do CC.

“Quando Boris Yeltsin fala através de um intérprete, nós realmente queremos ouvir a voz do intérprete?”<sup>83</sup>, questiona-se Theo Hermans (1996, p. 23) na abertura do seu artigo intitulado *The Translator’s Voice in Translated Narrative*. Nós a escutamos, certamente, porque desejamos saber o que Yeltsin tem a dizer, observa o autor ao mencionar que procedemos dessa forma por termos sido condicionados a considerar a voz do intérprete como “um veículo transmissor transparente sem substância própria” (HERMANS, 1996, p. 23). Por conta disso, acreditamos que as palavras do intérprete são uma cópia verdadeira das palavras de Yeltsin: ambos os discursos são equivalentes, coincidentes, idênticos. Segundo Hermans (1996), quando refletimos sobre a variedade de processos interlinguais e interculturais assimétricos envolvidos na situação relatada, damos-nos conta de que nutrimos uma ilusão. Em parte, explica o autor, a ilusão existe porque essa é a maneira como fomos levados, culturalmente, a entender ‘interpretação’ e ‘tradução’: como uma “citação direta”.

No que se refere à tradução e à ficção traduzida, essa ilusão da citação direta tende a ser ainda maior, afirma Hermans ao citar o exemplo da tradução juramentada de um diploma de graduação, autenticado como ‘uma cópia fiel’ do original. A autenticação marca a distância existente entre o original e a tradução e, ao mesmo tempo, declara que a cópia é ‘tão boa quanto’ o original. “Tradutores e intérpretes falam em nome de outros indivíduos e, por isso, é esperado que adotem o que Brian Harris chama de norma do ‘porta-voz honesto’, que requer que pessoas que falam em nome de outras reexpressem as ideias dos falantes originais [...] sem omissões significativas [...]”<sup>84</sup> (1996, p. 25). Ao ler ficção traduzida, por exemplo, os leitores tipicamente tendem a se esquecer de que, na verdade, estão lendo uma tradução. Como o próprio Hermans sugere, é costumeiro afirmarmos que estamos lendo Dostoiévski, ainda que o nosso olhar corra por palavras em inglês, francês, espanhol ou português, e não em russo. Ele prossegue constatando que esse ‘apagamento’ da intervenção do tradutor é paradoxal: enquanto na interpretação consecutiva existem dois falantes

---

<sup>83</sup> When Boris Yeltsin speaks through an Interpreter, do we really want to hear the Interpreter’s voice? (HERMANS, 1996, p. 23).

<sup>84</sup> Translators, after all, like interpreters, speak in someone else’s name and thus they are expected to subscribe to what Brian Harris has called the ‘true interpreter’ norm, or the ‘honest spokesperson’ norm, which ‘requires that people who speak on behalf of others... re-express the original speakers’ ideas [...] without significant omission [...]’ (idem, *ibidem*, p. 25).

dividindo o mesmo espaço, em ficção traduzida o que se apresenta diante do leitor é exclusivamente o próprio texto traduzido. “A voz primária, a voz original autoritária, está, na verdade, ausente. E, ainda assim, afirmamos que é a única voz que se faz presente”<sup>85</sup> (HERMANS, 1996, p. 26). Segundo Hermans, comportamo-nos de tal forma por força da “hierarquia” implícita na ordem e no tamanho em que aparecem inseridos os nomes dos autores e dos tradutores na folha de rosto dos livros, representada na Figura 9:

## TÍTULO DA OBRA do Autor X

*Traduzido pelo Tradutor Y*

Figura 9 – Representação da “hierarquia” implícita na folha de rosto de livros (HERMANS, 1996, p. 26)

Com base no exemplo de Dostoiévski, surgem as perguntas que motivaram a confecção do artigo de Hermans: i) “o tradutor, executor do trabalho manual, desaparece sem deixar traço textual?”; ii) “os tradutores podem usurpar a voz original e, ao mesmo tempo, desocupar o seu próprio espaço enunciatório?”; e iii) “qual voz, exatamente, apresenta-se a nós quando lemos um discurso traduzido?”<sup>86</sup> (HERMANS, 1996, p. 26). Antes de iniciar a discussão dessas questões, Hermans introduz um esquema da representação padrão de narrativas<sup>87</sup>, conforme a Figura 10:

---

<sup>85</sup> The primary voice, the authoritative originary voice, is in fact absent. And yet we casually state it is the only one that presents itself to us (idem, ibidem, p. 26).

<sup>86</sup> Does the translator, the manual labour done, disappear without textual trace, speaking entirely ‘under erasure’? Can translators usurp the original voice and in the same move evacuate their own enunciatory space? Exactly whose voice comes to us when we read translated discourse? (idem, ibidem, p. 26).

<sup>87</sup> Hermans elabora o seu esquema de ‘representação padrão de narrativas’, adaptado aqui em português, com base em Rimmon-Kenan (1983) e Chatman (1978, 1990), assumindo um Autor Implícito e um Leitor Implícito, conforme o informado na nota de fim do seu artigo (idem, ibidem, p. 46).



Figura 10 – Esquema de representação padrão de narrativas sugerido por Hermans (HERMANS, 1996, p. 26)

Pode-se observar que o esquema representa a situação normal, sem referência à tradução; o discurso com o qual nos deparamos é produzido por um narrador (HERMANS, 1996). No entanto, em ficção traduzida, quem exatamente articula o discurso traduzido? Hermans faz um questionamento referente à identidade do narrador na tradução, perguntando se este é o mesmo narrador presente no texto-fonte. Esse esquema padrão mostra que os modelos narratológicos atualmente disponíveis não fazem qualquer distinção entre ficção original e traduzida, negligenciando uma presença na narrativa traduzida que não pode ser completamente suprimida e reforçando a ilusão de uma única voz, transparente e coincidente (HERMANS, 1996).

Hermans argumenta que narrativas traduzidas *sempre* contêm uma segunda presença discursiva, uma ‘segunda’ voz, a qual ele denomina “a voz do tradutor”. Em alguns casos, ela é tão sutil, mantendo-se encoberta pela voz do narrador, que não chega a ser percebida; em outros, no entanto, o leitor se dá conta de que existe uma outra voz “surgindo das sombras”, interferindo na narrativa. Segundo Hermans (1996, p. 28), existem três casos em que a outra voz em textos narrativos traduzidos se manifesta e intervém diretamente em um texto que o leitor foi levado a acreditar possuir apenas uma voz, aquela do autor:

*i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco;*

*ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação;*

iii) casos em que ocorre ‘sobredeterminação contextual’ - ‘contextual overdetermination’, terminologia criada por Hermans;

Em cada um desses casos o grau de visibilidade da presença discursiva do tradutor depende da estratégia de tradução<sup>88</sup> adotada e da consistência com a qual é empregada ao longo do texto traduzido. No que se refere ao primeiro caso, Hermans (1996) afirma que narrativas traduzidas são endereçadas a um Leitor Implícito diferente daquele do texto-fonte, já que o discurso traduzido opera em um novo contexto. Todos os textos são impregnados pela sua cultura e para que possam funcionar como veículos de comunicação, é necessário que tanto aqueles que os produzem quanto aqueles que os leem compartilhem certas referências culturais. É precisamente em situações como essa, que se referem ao contexto cultural dos textos, que a voz do tradutor se introduz abertamente no discurso, objetivando fornecer informações consideradas necessárias para garantir a compreensão do texto pela sua nova audiência, como ocorre, por exemplo, nas notas de tradutor e em outros paratextos (HERMANS, 1996).

No que se refere ao segundo caso, o autor menciona que a “autorreferencialidade” e a “autorreflexividade” são por ele utilizadas como terminologias “um tanto gerais”, pois englobam casos de intraduzibilidade – como textos que afirmam serem escritos em um determinado idioma –, e trocadilhos ou polissemias, típicos de linguagem literária. Segundo Hermans (1996), em algumas situações, traduções criam certas “contradições” e “incongruências” que levam os leitores a suspeitar de que exista uma outra presença discursiva se insinuando na narrativa; em outras situações, o próprio texto demanda a intervenção explícita da voz do tradutor através da utilização de parênteses ou notas. Hermans (1996) cita como exemplo de intraduzibilidade, o capítulo final de *Discours de La Méthode* (DESCARTES, 1637). No original em francês, o autor, em determinado momento, afirma que o livro “é escrito em francês e não em latim”. A tradução para o latim não mantém tal afirmação, justamente para evitar a “autocontradição” de uma declaração em latim com os dizeres “o texto é escrito em francês e não em latim”. O leitor da versão latina, portanto, é incapaz de detectar essa omissão e, conseqüentemente, neste caso

---

<sup>88</sup> Utilizo o termo ‘estratégia de tradução’, no sentido atribuído por Albir (2011, p. 246): “procedimentos, conscientes e inconscientes, verbais e não verbais, utilizados pelo tradutor para resolver problemas encontrados no desenrolar do processo tradutório, em função de necessidades específicas”.

específico, a estratégia tradutória marca, na verdade, a invisibilidade do tradutor e não a sua presença discursiva. O tradutor da versão inglesa do excerto de Descartes, por sua vez, ao inserir a tradução em inglês do trecho com a afirmação do autor de que escreve em francês (“*and if I write in French rather than in Latin it is because*”) apresenta, ainda que com menos evidência, uma “autocontradição” para o público-alvo e cria uma “lacuna de credibilidade” que os leitores podem apenas solucionar ao se lembrarem de que estão lendo uma tradução. Além disso, esses mesmos leitores se dão conta de que a referida afirmação não pertence exclusivamente a Descartes. “Existe também outra voz atuando, imitando e duplicando a primeira, mas com um timbre próprio”<sup>89</sup> (HERMANS, 1996, p. 30).

No que se refere ao terceiro caso, o autor sentiu a necessidade de criá-lo ao analisar diversas traduções do romance holandês *Max Havelaar*, de Multatuli (pseudônimo de Eduard Douwes Dekker), publicado em 1860. Com uma narrativa bastante complexa, o romance relata a história de Max Havelaar, um funcionário público holandês da administração colonial das Índias Orientais Holandesas nos anos 1850. A estrutura narrativa atípica e a utilização de diferentes narradores ao longo da história são responsáveis pela autenticidade e riqueza do romance, que mistura dados fictícios com a realidade, dentre os quais se destaca o fato de os personagens Max Haveelar e Sjaalman (introduzido por um dos narradores na história) serem o próprio Multatuli. Segundo Hermans (1996), a “sobredeterminação contextual” é evidenciada por meio das iniciais E.H.V.W, utilizadas na narrativa em referência à personagem Tine, esposa de Haveelar: as iniciais formam um provérbio holandês (*Eigen haard veel waard*; em português em tradução livre ‘não existe lugar melhor que a nossa casa’) e remetem à dedicatória presente no livro, destinada à “E.H.v.W. – Everdine Huberte Baronesse van Wynbergen”, esposa do escritor Eduard Douwes Dekker, autor do romance. Conforme Hermans (1996) observa, devido a essa “sobredeterminação contextual”, os tradutores tinham de manter as iniciais e o provérbio em holandês no texto traduzido – inserindo uma nota explicativa –, pois as iniciais são parte de uma “cadeia de identificação conectando a personagem ficcional Tine com o nome presente na dedicatória” (HERMANS, 1996, p. 40) e auxiliam os leitores na solução do enigma de que Haveelar, Sjaalman e Multatuli/Eduard Douwes Dekker são todos a mesma pessoa.

---

<sup>89</sup> There is, clearly, another voice at play, duplicating and mimicking the first one, but with a timbre of its own (idem, ibidem, p. 30).

Além do terceiro caso, Hermans (1996) exemplifica os outros dois tipos de ‘voz do tradutor’ através da análise dessas traduções de *Max Haveelar* (1860) e conclui o seu artigo argumentando a necessidade de um modelo de narrativa traduzida que considere a voz do tradutor se insinuando no discurso. “Um modelo que incorpore o tradutor coproduzindo o discurso, imitando e forjando as palavras do narrador e, ocasionalmente, surgindo nas disparidades do texto e paratextualmente, como uma presença discursiva à parte”<sup>90</sup> (HERMANS, 1996, p. 44). E finaliza afirmando que a tradução é irredutível: sempre deixa vestígios, é sempre híbrida, plural e diferente.

No contexto da presente pesquisa – *e exclusivamente para utilização neste contexto*, proponho acrescentar *um outro tipo de caso que contribui para a manifestação explícita dessa outra voz* em ficção traduzida, que emerge das próprias análises aqui feitas e sugere um ‘posicionamento político’ do tradutor em seu paratexto ‘Prefácio’ diante da censura de sua época:

***iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.***

Uma agenda política que, no contexto desta pesquisa, hipotetiza-se ser manifestada para combater o patronato.

### 2.3.2 *O patronato*<sup>91</sup>

“A tradução é, sem dúvida, uma reescritura<sup>92</sup> de um texto original. Todas as reescrituras, independentemente da sua intenção, refletem uma certa poética e ideologia e, assim, manipulam a literatura para que ela se

---

<sup>90</sup> The model, that is, needs to incorporate the Translator as constantly co-producing the discourse, shadowing, mimicking, and, as it were, counterfeiting the Narrator’s words, but occasionally – caught in the text’s disparities and interstices, and paratextually – emerging into the open as a separate discursive presence. (idem, *ibidem*, p. 44).

<sup>91</sup> A tradutora Cláudia Matos Seligmann optou por traduzir ‘patronage’ como ‘mecenato’ em *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007). No entanto, nesta pesquisa, adoto a nomenclatura ‘patronato’.

<sup>92</sup> O termo reescritura é utilizado pelo autor em referência à tradução, antologia, historiografia, crítica, edição, etc. criadas tendo como fonte alguma obra literária. Ao contrário do trabalho de Lefevere, esta pesquisa se atém apenas à tradução como forma de reescritura.

adapte a uma determinada sociedade [...]”<sup>93</sup> (1992, p. vii), afirma André Lefevere em *Translating, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*.

Dessa forma, pode-se inferir que a tradução, enquanto manipulação, é um veículo transmissor poderoso de ideologias, se considerarmos que o “leitor não profissional de literatura”<sup>94</sup>, tipicamente, não lê livros literários escritos por aqueles que o escreveram, mas pelos tradutores que os traduziram (LEFEVERE, 1992). Contudo, de acordo com esse teórico (1992), torna-se importante ressaltar que sem a tradução – a reescritura mais facilmente reconhecida e a mais influente em se tratando de literatura –, autores e suas obras não seriam projetados em outra cultura: tradutores são os responsáveis pelo deslocamento desses autores e de suas obras para muito além das fronteiras de sua cultura de origem. Além disso, muitas manipulações, no seu aspecto positivo, resultam na evolução da literatura e da sociedade. Conforme Lefevere (1992) sugere, reescrituras introduzem novos conceitos, gêneros, invenções e, portanto, a história da tradução corresponde, também, a história da inovação literária.

No entanto, com base no exposto na Introdução, esta pesquisa enfoca as manipulações em tradução (alterações, omissões, suavizações) motivadas por CCs em que ocorrem censura ou em que a ideologia dominante, que impõe relações de poder desiguais, obriga os tradutores (no caso deste estudo, o tradutor de *Joanna Eyre* (1926), especificamente) a cederem a pressões externas. A intenção aqui não é, de forma alguma, desacreditar o trabalho desses profissionais, tampouco nomeá-los “traidores” do texto-fonte, já que as circunstâncias em que seus textos foram produzidos determinaram as suas escolhas tradutórias.

Lefevere utiliza o conceito de “sistema”, “como um construto heurístico para o estudo da reescrita”<sup>95</sup> (1992, p. 9). Sistema, para ele, “é um termo neutro e descritivo, utilizado para designar uma série de elementos inter-relacionados que compartilham certas características que os distinguem de outros elementos concebidos como não pertencentes ao

---

<sup>93</sup> Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society [...] (idem, *ibidem*, p. vii).

<sup>94</sup> Terminologia copiada de Lefevere, que a utiliza para designar o público em geral, com exceção dos professores e estudantes de Literatura (*ibidem*, p. 3).

<sup>95</sup> As a heuristic construct for the study of rewriting I shall make use of the concept of “system” (idem, *ibidem*, p. 9).

Sistema ‘Literatura’<sup>96</sup>,<sup>97</sup> (1992, p. 12). Segundo Lefevere, o Sistema Literatura é composto por textos e agentes humanos que os leem, escrevem e reescrevem; e é um dos sistemas constituintes do “complexo sistemas de sistemas” denominado cultura.

O sistema literário e os outros sistemas pertencentes ao Sistema Social estão abertos uns para os outros e apresentam influência uns sobre os outros, de acordo com a lógica da cultura (LEFEVERE, 1992). Lefevere menciona que dois fatores, especificamente, controlam a lógica da cultura, um inserido dentro do próprio sistema literário, o outro no seu exterior: i) o profissional; e ii) o patronato. No contexto do sistema literário, ‘o profissional’ corresponde aos críticos, revisores, professores e tradutores. “Eles irão ocasionalmente reprimir certos trabalhos de literatura que são ostensivamente opostos ao conceito dominante do que a literatura deveria (ser permitida a) ser – a sua poética – e o que a sociedade deveria (ser permitida a) ser – ideologia”<sup>98</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 14). Entretanto, Lefevere afirma que o comportamento mais recorrente desses profissionais é o de reescrever trabalhos literários até que estes sejam considerados aceitáveis em termos da poética e da ideologia de um determinado período e local.

O patronato, segundo fator que controla a lógica da cultura, refere-se “[...] aos poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura”<sup>99</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 15). De acordo com Lefevere (1992), o patronato é exercido por pessoas ou por grupos de pessoas, os chamados patronos, como os governantes, um corpo religioso, um partido político, uma classe social, os editores e a imprensa de modo geral. Os patronos tentam regular a relação existente entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, formam a sociedade, a cultura. Para o alcance desse

---

<sup>96</sup> O autor considera a Literatura como um “*sistema* social complexo de ações porque apresenta certa estrutura, é aceito pela sociedade e desempenha funções que nenhum outro sistema dessa sociedade pode desempenhar” (ibidem, p. 12).

<sup>97</sup> It is a neutral, descriptive term, used to designate a set of interrelated elements that happen to share certain characteristics that set them apart from other elements perceived as not belonging to the system ‘Literature’ (idem, ibidem, p. 12).

<sup>98</sup> They will occasionally repress certain works of literature that are all too blatantly opposed to the dominant concept of what literature should (be allowed to) be – its poetics – and of what society should (be allowed to) be – ideology (idem, ibidem, p. 14).

<sup>99</sup> [...] the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature (idem, ibidem, p. 15).

objetivo, esperam e contam com ‘os profissionais’ para conduzir o sistema literário, de acordo com a sua própria ideologia.

Através da análise comparativa entre o livro *Dagboeken van Anne Frank* (*O diário de Anne Frank*), texto original em holandês, publicado em 1947 e reeditado em 1986, e as suas traduções para o alemão, francês e inglês, Lefevere expõe exemplos de ação do patronato. *O Diário de Anne Frank* apresenta muitas especificidades: a autora iniciou a escritura de um diário sobre as suas experiências num esconderijo no período da Segunda Guerra Mundial e, durante esse processo, sinalizava que almejava publicá-lo ao final da guerra. Quando a ideia de publicação se tornou certa para Anne, ela decidiu reescrevê-lo, editando determinadas passagens. Enquanto o diário, escrito em cadernos, apresentava um linguajar mais pessoal e informal; a reescritura, elaborada em folhas soltas, apresentava traços mais literários, com a utilização de linguagem culta e com mais descrições (LEFEVERE, 1992). Infelizmente, devido à descoberta do esconderijo dos Frank, Anne foi enviada a um campo de concentração, aonde veio a falecer, não conseguindo finalizar a reescritura. Segundo Lefevere (1992), o diário e a prévia do livro foram, então, entregues ao pai de Anne, Otto Frank, sobrevivente do holocausto, que decidiu atender o desejo da filha e tentar publicá-lo. Otto, por sua vez, também reescreveu o texto, elaborando uma cópia datilografada do trabalho, que serviu como base para o original holandês de 1947 e para muitas traduções em outros idiomas. Lefevere (1992) destaca que, com a publicação da versão do diário integral em 1986, ficou claro que Otto também editou determinados trechos, como, por exemplo, os que davam detalhes pessoais de determinados personagens; bem como referências ofensivas a amigos, conhecidos e membros da família. Ao apresentar a sua reescritura para a editora que publicaria o livro, uma nova edição foi sugerida a Otto, que resultaria na exclusão de menções sobre partes do corpo, sexo e menstruação, assim como de passagens referentes à questão da emancipação feminina (LEFEVERE, 1992).

Com base nesse contexto, fica nítido que Otto não possuía outra alternativa a não ser cooperar com o patronato, isto é, a sua cópia datilografada do *Diário de Anne Frank* teve que obedecer às especificações da editora, que propôs no total 26 omissões, 18 das quais Otto acatou inteiramente (LEFEVERE, 1992, p. 64). Assim como o processo de elaboração do ‘texto original’ em holandês foi bastante longo e requereu o apagamento de determinados excertos, a tradução alemã do *Diário*, elaborada por Anneliese Schütz, uma amiga da família Frank, também o foi (LEFEVERE, 1992). O texto alemão foi baseado na

primeira reescrita de Otto e, por isso, apresenta referências à sexualidade, ausentes na publicação holandesa. Se com relação às passagens alusivas a sexo a tradutora se sentiu livre para mantê-las, o mesmo não ocorreu com aquelas que traziam referências à Alemanha e aos alemães. Nas palavras de Anneliese Schütz: “um livro que você deseja vender na Alemanha... não deve conter qualquer insulto direcionado aos alemães”<sup>100</sup> (*apud* LEFEVERE, 1992, p. 66). Assim, Schütz acabou efetuando uma tradução de acordo com as normas do patronato, suavizando e, por vezes, omitindo a descrição dos alemães que poderiam ser construídas como insulto (LEFEVERE, 1992). Como resultado, segundo Lefevere (1992), a péssima condição dos judeus relatada em *O Diário de Anne Frank* parece menos cruel do que realmente era. Além disso, a tradutora transforma a adolescente Anne Frank, moldando-a ao estereótipo cultural da Alemanha através da adoção da estratégia de tornar a sua linguagem e o seu comportamento mais polidos. Conforme constata Lefevere:

Uma vez que Anne Frank tomou a decisão de reescrever, para publicação, o que Anne Frank escreveu, a pessoa Anne Frank se dividiu em uma pessoa e uma autora; a autora começou a reescrever de um jeito mais literário o que a pessoa havia escrito. Outros se adequaram às restrições de ideologia e patronato no seu lugar [...]. Ela não se manifestou a respeito. É por isso que parte da sua experiência [...] está faltando no texto holandês de 1947, e por isso que ela foi fabricada, em alemão, em conformidade com um estereótipo cultural, diluindo a descrição das atrocidades que a destruíram como pessoa<sup>101</sup> (1992, p. 72).

---

<sup>100</sup> a book you want to sell in Germany... should not contain any insults directed at Germans (*apud* idem, *ibidem*, p. 66).

<sup>101</sup> Once Anne Frank took the decision to rewrite for publication what Anne Frank had written, the person Anne Frank split up into a person and an author, and author began to rewrite in a more literary manner what the person had written. Others responded to the constraints of ideology and patronage in her stead [...]. She had no say in the matter. That is why part of her experience [...] is missing from the 1947 Dutch text, and why she has been made to conform, in German, to a cultural stereotype and made to water down the description of the very atrocities which destroyed her as a person (idem, *ibidem*, p. 72).

### 2.3.3 (Auto)-censura

Da mesma forma que a tradutora Anneliese Schütz, na tentativa de ver o *Diário* publicado na Alemanha, praticou um tipo de autocensura ao se preocupar com o patronato, preferindo suavizar e até mesmo omitir trechos ofensivos concernentes ao comportamento alemão, alguns tradutores brasileiros (e, possivelmente, todos os outros, independentemente da sua nacionalidade) adotam o mesmo tipo de procedimento quando estão elaborando uma tradução, conforme relatado à pesquisadora da UNICAMP Maria José Coracini, e posteriormente publicado no artigo *A Constituição Identitária do Tradutor: A Questão da (Auto-) Censura* (2008). Coracini comprova através da apresentação de trechos de relatos de dez tradutores brasileiros a presença constitutiva da (auto-) censura, “proveniente da relação com o outro”. Em alguns casos, “há referência a regimes políticos anteriores; em outros, percebe-se a internalização de normas, leis às quais o tradutor se submete sem questionar: marcas do componente sociocultural, incorporadas via memória discursiva” (CORACINI, 2008, p. 7).

A autora utiliza o prefixo “auto”, entre parênteses, pois, segundo a sua concepção, embora a censura decorra “sempre do outro”, seja construída a partir do outro, daquilo que se torna valor na sociedade e no grupo social ao qual pertencemos, ela vai sendo por nós internalizada, de tal forma que não sabemos se é de nós mesmos ou do outro que aquele valor provém. Assim, “sem que nos demos conta, assumimos aquele valor ou aquele ponto de vista como verdade e passamos a defendê-lo como se outras verdades, outros modos de ser não existissem” (CORACINI, 2008, p. 11).

Coracini, através da sua análise, identifica e distingue dois tipos de censura: i) uma externa “que se impõe por um regime totalitário, que, agindo por interesses escusos, interdita ideias, pensamentos, comportamentos e, portanto, o livre arbítrio (se é que ele existe), considerados “perigosos” para o regime” (CORACINI, 2008, p. 11); e ii) outra, mais internalizada, “constitutiva dos discursos, interdições que se fazem corpo, que penetram no campo simbólico de cada sujeito” (CORACINI, 2008, p. 11). De acordo com a autora, ambas resultam de relações de poder desiguais; reprimem o livre pensar, mas, ao mesmo tempo, podem resultar em reações que manifestem resistência, conscientes ou inconscientes.

Em relação ao primeiro tipo, Coracini apresenta o relato de um tradutor que, por ter vivido na época do Estado Novo, possuía um colega, também tradutor, que se sentia constrangido quando se deparava

com textos a serem traduzidos que apresentavam descrições físicas de jovens belas ou de personagens antirreligiosos, ou, ainda, que pudessem de alguma forma ferir o sentimento nacionalista em vigor na ocasião. Afinal, conforme observa a autora, “tratava-se de um período (entre 1940-1960) em que religião, pudor e nacionalismo eram ‘qualidades’ internalizadas e, quando não o eram, deveriam ser respeitadas, sob pena de manter um determinado trabalho na penumbra do anonimato”. O tradutor lembra que: “quando não havia uma censura internalizada / o editor fazia o papel de censor / porque tinha receio que suas publicações / literárias no caso / não vendessem bem” (CORACINI, 2008, p. 12).

Com base nesse cenário histórico, vale ressaltar *O Clube do Livro e a Tradução* (2002), em que o pesquisador da USP John Milton analisa diversas traduções publicadas tanto no período do regime ditatorial do Estado Novo de Vargas quanto no da ditadura militar instaurada a partir do golpe de 1964. Milton observa que as publicações do Clube do Livro tinham por objetivo ensinar “cultura, higiene, disciplina e esclarecimento” aos seus leitores, compostos prioritariamente pela classe média baixa, “pessoas que talvez estivessem comprando livros pela primeira vez na vida, ou que tivessem uma formação limitada” (2002, p. 44). Além disso, as traduções sofriam interferência da censura, nas duas concepções de Coracini, uma externa e a outra internalizada pelos tradutores, como se pode verificar no excerto de Monteiro Lobato, que, na função de editor da Revista do Brasil, viu-se na obrigação de censurar um dos textos de Godofredo Rangel:

Recebi carta e Clamores vãos. Irra! Será verdade todo aquele furor uterino. Mas, Rangel, onde ficam as minhas leitoras puritanas? Onde fica a honesta pruderie da Revista do Brasil, essa vestal? Se te publico e Noé Matos, decaio e decai a revista no conceito dos seus 3 mil assinantes envergonhadíssimos – gente que só faz as coisas atrás das portas. E este meu rebanho é precioso. Tenho de evitar estouros de boiada. Mande-me coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus (*apud* MILTON, 2002, p. 70).

Em relação ao segundo tipo de censura, Coracini menciona o exemplo obtido através de um tradutor/professor, que narra uma experiência com um aluno, em nível avançado de língua francesa: como atividade, solicitou que escrevesse, em francês, um poema sobre o assunto que quisesse; o aluno optou por escrever sobre o amor. Na semana seguinte, ao mesmo aluno foi solicitado que traduzisse o seu poema para o português. O resultado se mostrou surpreendente: segundo

o professor/tradutor entrevistado, “o aluno eliminou termos fortemente sensuais do poema em francês e colocou, em português, palavras mais românticas / mais neutras que podiam ser lidas por um / sem que ficasse vermelho... de vergonha” (CORACINI, 2008, p. 15). O comportamento do aluno foi o de se adequar a uma censura internalizada por ele no contexto da sua língua materna, isto é, como este aluno ainda não está imbuído dos valores inerentes à cultura francesa, viu-se livre para se permitir escrever em francês *tudo o que quisesse e da maneira que quisesse*; o mesmo, no entanto, não pôde ocorrer quando se viu impelido a escrever em português palavras eróticas: *a censura incorporada por ele falou mais alto que a sua própria voz*.

O *Clube do Livro e a Tradução* de Milton (2002) traz ainda outros excertos de (auto-) censura exercitada por tradutores através da substituição de linguagem de baixo padrão e de dialetos pela norma culta do português brasileiro de então; a exclusão de elementos sexuais, escatológicos e anticlericais; e, ainda, a supressão de ideias deterministas a respeito de grupos étnicos, bem como as que se referem à pobreza e à opressão. As traduções de *Gulliver's Travels – As Viagens de Gulliver*, por exemplo, não possuem o episódio em que o exército de Lilliput passa sob as pernas de Gulliver e olha suas calças esgarçadas e furadas; e aquele em que Gulliver urina no palácio real para apagar um incêndio. “Esse incidente é quase sempre omitido ou eufemizado. Em uma das traduções, Gulliver apaga o incêndio com seu chapéu; em outra, apaga-o com um vidro de tinta” (MILTON, 2002, p. 16). Já a tradução de *The Professor*, de Charlotte Brontë – *O Professor* (1958), traz um tradutor (José Maria Machado) que “admite ter omitido algumas das longas passagens descritivas” do texto (MILTON, 2002, p. 67). A análise de Milton traz ecos do que aqui chamo de (auto-) censura: o tradutor, ao excluir qualquer alusão negativa associada à Igreja Católica, bem como a outras etnias, adapta o personagem Crimsworth, segundo os padrões do “politicamente correto” de então. Os extratos a seguir, retirados de Milton (2002, p. 68-69), exemplificam trechos omitidos na tradução, em função da (auto-) censura do tradutor, e traduzidos por Milton (2002) para fins de ilustração:

Quadro 3 – Omissões de José Maria Machado, tradutor de *O Professor* (MILTON, 2002, p. 68-69)

<b>Excertos do original, de Charlotte Brontë</b>	<b>Excertos traduzidos por John Milton e ausentes na tradução de José Maria Machado</b>
<i>know nothing of the arcana of the Roman Catholic religion, and I am not a bigot in matters of theology, but I suspect the root of this precious impurity, so obvious, so general in Popish countries, is to be found in the discipline, if not the doctrines of the church of Rome.</i>	<i>nada sei dos segredos da religião católica romana e não sou nada dogmático em matéria de teologia, mas suspeito que a raiz dessa preciosa impureza, tão evidente, tão generalizada nos países papistas, deve ser encontrada na disciplina, se não nas doutrinas da Igreja de Roma.</i>
<i>Sylvie was gentle in manners, intelligent in mind; she was even sincere, as far as her religion would permit her to be so [...]</i>	<i>Sílvia era educada, inteligente, e até mesmo sincera, tanto quanto lhe permitia a sua religião [...]</i>
<i>Flamands certainly they were, and both had the true physiognomy, where intellectual inferiority is marked in lines none can mistake; still they were men, and, in the main, honest men [...]</i>	<i>Certamente são flamengos, e ambos possuíam a mesma fisionomia onde a inferioridade intelectual está delineada, sobre o que ninguém se engana; mas continuam sendo homens e, acima de tudo, honestos [...]</i>

O patronato exercido na figura dos editores do Clube do Livro – assim como as normas internalizadas pelo tradutor José Maria Machado, foi expresso através da sua (auto-) censura ao anticatolicismo de Charlotte Brontë e do silenciamento de sua voz.

Conforme o explicitado na subseção 2.1, o percurso teórico aqui elaborado coloca em diálogo os conceitos dos ET, da LSF e dos Estudos Culturais, com o objetivo de dar conta das relações que se estabelecem entre *o texto, o Contexto de Situação e o Contexto de Cultura*. Na subseção mencionada, exponho que a motivação para a realização desta pesquisa decorreu do meu desejo de verificar se, *e até que ponto*, o tradutor efetua uma construção de perfil ideacional da protagonista similar à da textualização: essa construção elaborada na retextualização poderia levar à leitura de que o tradutor teria, igualmente, transgredido os parâmetros do CC em que produziu o seu texto, cerca de 70 anos depois, no cenário brasileiro.

Nesta seção foram abordados alguns desses parâmetros que compõem o complexo CC no qual se desenvolveu a retextualização. O **patronato**, no contexto desta pesquisa, é exercido pelo Frei Pedro Sinzig, que aqui representa a instituição da Igreja Católica Romana. A **(auto-) censura** se faz presente na retextualização por meio das duas esferas sugeridas por Coracini (2008): (i) *uma externa*, desempenhada na figura de Sinzig, e (ii) *uma internalizada*, desempenhada pelo próprio tradutor em *Joanna Eyre* (1926). No entanto, os leitores da tradução brasileira só tomam conhecimento a respeito de ambos os tipos de (auto-) censura, porque a **voz do tradutor** enuncia em seu paratexto ‘Prefácio’ que a escritora Charlotte Brontë e seu romance foram objeto de censura no Brasil e que, por esta razão, “*tres ou quatro phrases interpoladas e meia dúzia de termos*” tiveram de ser alterados ou suprimidos para que o texto pudesse ser “*offerecido ao publico em geral – também ao catholico e ao juvenil*” (BRONTË, 1926, p. 7, tradutor não informado).

Os conceitos de ‘patronato’, ‘(auto-) censura’ e ‘voz do tradutor’ são utilizados nesta dissertação para a investigação do **paratexto ‘Prefácio’** de *Joanna Eyre* (1926) e dos **capítulos que compõem o corpus**. No que se refere à voz do tradutor, a análise da sua presença discursiva não é elaborada *exaustivamente* nesses capítulos, pois as intervenções efetuadas pelo tradutor, tipicamente, deixam a sua voz encoberta pela voz narrativa (cf. 3.2.2.1.1).

A seção seguinte aborda o quadro conceitual que informa a elaboração da Metodologia e o desenvolvimento da análise desta pesquisa.

## 2.4 Estudos da Tradução com base em Corpus

Em 1993, Baker fez a previsão no seu artigo intitulado *Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications* de que a pesquisa teórica sobre a natureza da tradução receberia “um forte impulso a partir dos estudos baseados em *corpus*”<sup>102</sup> (*apud* BAKER, 1995). Em 1995, Baker (p. 224) volta a discutir o tema, que seria objeto recorrente de suas pesquisas, afirmando que o desenvolvimento de técnicas baseadas em *corpus* atende à necessidade crescente de uma metodologia descritiva rigorosa dentro dos ET, capaz de estabelecer uma teoria mais satisfatória para o estudo do fenômeno da tradução. Conforme Baker esclarece (1995, p. 225), o termo *corpus* originalmente fazia alusão a qualquer coleção de textos escritos, em forma processada

<sup>102</sup> a powerful impetus from *corpus*-based studies (*apud* BAKER, 1995, p. 223).

ou não processada, de um determinado autor. A partir da consolidação da Linguística de Corpus, a definição foi alterada em relação a três aspectos:

(i) *corpus* atualmente significa um conjunto de textos compilados em formato eletrônico, capazes de serem analisados automaticamente ou semi-automaticamente de diversas maneiras; (ii) um *corpus* já não é mais restrito ‘a palavra escrita’, mas inclui tanto textos falados como escritos; e (iii) um *corpus* pode possuir um número significativo de textos de uma variedade de fontes, de muitos escritores e falantes, e sobre uma diversidade de tópicos<sup>103</sup> (BAKER, 1995, p. 225).

Baker acrescenta que o importante nessa nova concepção de *corpus* está no fato de os textos serem selecionados para atender a um propósito particular do pesquisador, isto é, o pesquisador deve desenhar o seu corpus de acordo com critérios explícitos para garantir a sua representatividade: o corpus deve corresponder a uma amostra de linguagem representativa para o objeto de estudo do investigador.

Olohan (2004, p. 1) concorda com Baker ao definir *corpus* “como uma coleção de textos, selecionados e compilados de acordo com um critério específico. Os textos são compilados em formato eletrônico, i.e. arquivos de computador, de tal forma que vários tipos de ferramentas de corpus, i.e. softwares, podem ser utilizadas para analisá-los”<sup>104</sup>. Para Olohan, a adoção da terminologia Linguística de Corpus não é a mais apropriada nos ET, uma vez que os pesquisadores do fenômeno da tradução já aceitaram e testaram os métodos “da sua irmã mais velha”, mas têm buscado desenvolver ferramentas que comportem os seus *propósitos exclusivos* na investigação de traduções. Por esta razão, e por ser os ET um campo disciplinar que se atém ao *estudo da tradução em todas as suas manifestações*, Olohan opta pela nomenclatura Estudos da

---

<sup>103</sup> (i) *corpus* now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically or semi-automatically in a variety of ways; (ii) a *corpus* is no longer restricted to ‘writings’ but includes spoken as well as written texts, and (iii) a *corpus* may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics (idem, ibidem, p. 225).

<sup>104</sup> A corpus is a collection of texts, selected and compiled according to specific criteria. The texts are held in electronic format, i.e. as computer files, so that various kinds of corpus tools, i.e. software, can be used to carry out analyses on them (OLOHAN, 2004, p. 1).

Tradução com base em Corpus (ETC), que é também adotada nesta pesquisa.

Os ‘propósitos exclusivos’ referenciados por Olohan (2004, p. 16), para a utilização da metodologia de corpus nos ET, dizem respeito ao interesse:

- (i) no estudo descritivo de traduções;
- (ii) na investigação da linguagem utilizada em traduções;
- (iii) em detalhar o que é provável e típico em traduções, e, com base nisso, interpretar o que é incomum;
- (iv) em efetuar, de forma combinada, uma análise quantitativa e qualitativa baseada em corpus, podendo focar na combinação entre léxico, sintaxe e aspectos discursivos; e
- (v) na aplicação dessa metodologia a diferentes tipos de tradução, como, por exemplo, traduções em diferentes contextos socioculturais, etc.

No contexto dos ET, o tipo de corpus mais comumente utilizado corresponde ao *corpus paralelo* (cf. BAKER, 1995; OLOHAN, 2004). Corpus paralelo é entendido como um conjunto de textos-fonte em uma língua A compilados em formato eletrônico e colocados em interface com as suas versões traduzidas em uma língua B através de algum método de alinhamento (cf. BAKER, 1995, p. 230; e FERNANDES, 2004, p. 51). Métodos de alinhamento são utilizados para possibilitar a correspondência entre palavras, sentenças, ou parágrafos de um texto com os mesmos excertos de um outro texto, tido como a tradução daquele primeiro (FERNANDES, 2004). Segundo Baker (1995), Fernandes (2004) e Olohan (2004), *corpora paralelos* são classificados com base em alguns critérios, sendo os mais importantes:

- (i) *número de línguas envolvidas* (monolíngue, bilíngue ou trlíngue);
- (ii) *restrição temporal* (diacrônico e sincrônico);
- (iii) *domínio* (geral ou especializado);
- (iv) *direcionalidade* (unidirecional, bidirecional ou multidirecional).

O **corpus** analisado nesta pesquisa é **paralelo**, **bilíngue**, **sincrônico**, **especializado** e **unidirecional** (cf. 3.1.1.1).

Findada a explicação do *Sistema de Transitividade* (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e *Coesão* (cf. HALLIDAY e HASAN, 1985), utilizados na interpretação do *perfil ideacional* da

personagem Jane/Joanna Eyre, dos conceitos de *voz do tradutor* (cf. HERMANS, 1996), *patronato* (cf. LEFEVERE, 1992) e *(auto-) censura* (cf. CORACINI, 2008), utilizados na investigação da *presença discursiva e das omissões do tradutor de Joanna Eyre (1926)*, e dos *Estudos da Tradução com base em Corpus* (cf. BAKER, 1995; FERNANDES, 2004; e OLOHAN, 2004), parte-se para a Metodologia, na qual apresento os procedimentos para (i) o Desenho, a Construção e o Processamento do Corpus; e (ii) a Análise do corpus.

### 3 METODOLOGIA

A contribuição mais importante [dos corpora paralelos] para a disciplina [dos Estudos da Tradução] está no fato de auxiliarem na mudança de ênfase do modelo *prescritivo* para o *descritivo*. Eles nos possibilitam constatar, objetivamente, como os tradutores superam, na prática, as dificuldades da tradução<sup>105</sup> [...] (BAKER, 1995, p. 231).

De acordo com o exposto no Capítulo anterior, esta pesquisa adota uma metodologia baseada na utilização de um corpus paralelo bilíngue, compilado em formato eletrônico e construído para atender exclusivamente ao propósito deste estudo: investigar o perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre, em que possíveis intervenções do tradutor podem ter ocorrido; sua presença discursiva no paratexto ‘Prefácio’ e nos capítulos selecionados para análise; e as omissões de *Joanna Eyre* (1926), em relação à textualização *Jane Eyre* (1897). A metodologia se subdivide em dois eixos, a saber: 3.1 Procedimentos para o Desenho, Construção e Processamento do Corpus; e 3.2 Procedimentos para a Análise.

#### 3.1 Procedimentos para o Desenho, Construção e Processamento do Corpus

O procedimento de compilação do corpus segue a subdivisão sugerida por Fernandes (2004, p.73), composta por três etapas principais: (i) *desenho do corpus*, na qual são apresentados os conceitos teóricos gerais associados ao planejamento da criação do corpus; (ii) *construção do corpus*, na qual são descritos os procedimentos técnicos adotados durante a compilação do corpus; e (iii) *processamento do corpus*, na qual são especificados os *softwares* e as ferramentas computacionais utilizadas no processamento dos dados.

---

<sup>105</sup> Their most important contribution to the discipline in general is that they support a shift of emphasis, from *prescription* to *description*. They allow us to establish, objectively, how translators overcome difficulties of translation in practice [...] (BAKER, 1995, p. 231).

### 3.1.1 Desenho do Corpus

Ao compilar um corpus, afirma Olohan (2004), o pesquisador precisa estabelecer critérios que o auxiliarão na escolha de quais textos incluir ou não em sua análise. “Em cada caso, esses critérios são estabelecidos e as escolhas são feitas com base no *propósito* do estudo, nas perguntas de pesquisa abordadas e na hipótese a ser testada”<sup>106</sup> (OLOHAN, 2004, p. 46, *itálicos meus*). Para Fernandes (2004), além do *propósito*, outras questões mais gerais relacionadas ao *tipo de corpus*, à *representatividade*, à *seleção de capítulos*<sup>107</sup> e aos *direitos autorais*<sup>108</sup> merecem atenção por parte do pesquisador. “Esses princípios metodológicos compõem a base de qualquer desenho do corpus” (FERNANDES, p. 75) e são explicitados nas subseções seguintes.

#### 3.1.1.1 Tipo de Corpus

Considerando as perguntas de pesquisa que esta dissertação tem por objetivo responder, quais sejam, (i) “qual perfil ideacional emerge da personagem Jane/Joanna Eyre, em termos dos Participantes e Processos de Transitividade, nos textos analisados?”; (ii) “como a presença discursiva do tradutor se manifesta na retextualização?”; e (iii) “qual o padrão das omissões na retextualização?”, fica explícito que o tipo de corpus que mais parece se enquadrar aos propósitos aqui investigados é o *paralelo*. Conforme a explicação constante do Capítulo 2, *corpus paralelo* é compreendido neste estudo como um conjunto de textos em formato eletrônico, originalmente escritos em uma língua-fonte, alinhados com as suas versões traduzidas em uma (ou mais) língua(s)-alvo. Através desse alinhamento entre texto-fonte e texto-alvo – efetuado através de algum *software* ou outro método de alinhamento – é possível explorar, por exemplo, “como os tradutores superam, na prática, as dificuldades da tradução” e as “normas de tradução em contextos

---

<sup>106</sup> In each case, these criteria are established and choices are made based on the aim of the research, the research questions to be addressed and the hypotheses to be tested (OLOHAN, 2004, p. 46).

<sup>107</sup> Fernandes (2004) utiliza a denominação ‘seleção de textos’, já que em sua tese múltiplos textos de diferentes autores constroem o corpus analisado. Como aqui foram selecionados *capítulos* de uma única obra para análise, não faria sentido a utilização da expressão ‘seleção de textos’.

<sup>108</sup> Como as obras utilizadas nesta pesquisa já são de domínio público (cf. art. 41 da Lei 9610/1998) não abordo essa questão aqui.

históricos e socioculturais específicos” (BAKER, 1995, p. 231). De acordo com Baker (1995), Fernandes (2004) e Olohan (2004), tipicamente, corpora paralelos são classificados com base em quatro critérios:

(i) *número de línguas envolvidas*: no que se refere ao número de línguas envolvidas, um corpus paralelo pode ser *bilíngue*, *trilíngue* ou *multilíngue*. O corpus desta pesquisa é classificado como **paralelo bilíngue** por apresentar enfoque em duas línguas distintas: inglês britânico (língua-fonte) e português brasileiro (língua-alvo);

(ii) *restrição temporal*: no que se refere à restrição temporal, um corpus pode ser designado *sincrônico*, quando apresenta enfoque em um objeto de estudo situado em um determinado período de tempo, ou *diacrônico*, quando apresenta enfoque no desenvolvimento histórico de um objeto de estudo através do tempo. Assim, o corpus desta pesquisa é classificado como **sincrônico** por se ater a análise da tradução *Joanna Eyre*, 2.<sup>a</sup> edição, de 1926;

(iii) *domínio*: no que se refere ao domínio (BAKER, 1995, p. 229), um corpus pode ser definido como *geral*, que, como o próprio nome sugere, corresponde aos corpora construídos com o objetivo de estudar a linguagem de textos traduzidos em geral, ou *especializado*, que corresponde aos corpora formados por gêneros textuais e tipos de textos específicos. Por ser o corpus desta pesquisa construído para a análise de uma tradução pertencente ao gênero textual “Ficção”, ele é classificado como **especializado**;

(iv) *direcionalidade*: no que se refere à direcionalidade (OLOHAN, 2004, p. 24), um corpus pode ser denominado *unidirecional*, isto é, quando é composto por textos em uma língua-fonte A e as suas traduções em uma língua-alvo B; *bidirecional*, isto é, quando é composto por textos-fonte na língua A e as suas traduções na língua B, e textos-fonte na língua B e as suas traduções na língua A; *multidirecional*, isto é, quando é composto por várias línguas que interagem entre si. No contexto desta pesquisa o corpus paralelo é **unidirecional**, já que a tradução se dá em apenas uma direção: do inglês britânico (língua A) para o português brasileiro (língua B). O Quadro 4 oferece, de forma resumida, os critérios utilizados para classificação do corpus paralelo desta dissertação.

#### Quadro 4 – Classificação do Corpus Paralelo Analisado

<b>Corpus Paralelo</b>	
<b>Critério</b>	<b>Atributo</b>
Número de línguas	Bilíngue (inglês britânico e português brasileiro)
Restrição temporal	Sincrônico (1926)
Domínio	Especializado (ficção)
Direcionalidade	Unidirecional (do inglês britânico para o português brasileiro)

Na subseção seguinte são discutidas as questões relativas à *representatividade* e a *seleção dos capítulos* que compõem o corpus desta pesquisa.

##### 3.1.1.2 Representatividade e Seleção dos Capítulos

A noção de representatividade é “complicada”, de acordo com Olohan (2004), porque, ao criar um corpus, o pesquisador deseja poder fazer *generalizações* a partir da análise dos seus dados. No entanto, é difícil confirmar com convicção que esses dados são, de fato, ‘representativos’ de uma linguagem em particular ou gênero textual a ponto de se permitir tais generalizações (OLOHAN, 2004, p. 41).

Diante desse cenário de “impossibilidade” de compilação de um corpus genuinamente representativo, tendo em vista “que a natureza heterogênea da linguagem não pode ser completamente representada” (FERNANDES, 2004, p. 78), optou-se neste estudo por fazer um recorte da textualização e da retextualização analisadas, de tal modo que os capítulos selecionados fossem representativos quanto a sua capacidade de responder às perguntas de pesquisa aqui elaboradas.

Devido à limitação de tempo e considerando o escopo desta pesquisa, decidiu-se trabalhar com um montante de quatro capítulos de ambos os textos investigados, por se acreditar que esse quantitativo apresentaria uma amostragem suficiente para a análise. Esses capítulos foram selecionados com base na configuração da retextualização, adotando-se três critérios simultaneamente. Dessa maneira, os capítulos escolhidos deveriam conter: (i) diálogos entre Joanna e Rochester, e Joanna e João, já que o perfil ideacional da personagem é traçado nessas interações; (ii) situações em que Joanna apresenta um comportamento transgressor (em relação ao comportamento tipicamente esperado de mulheres no tempo/espaço dos contextos de partida e de chegada), ao

dialogar com ambos os personagens; e (iii) uma redução expressiva no número de palavras quando comparados com a extensão dos capítulos da textualização. A Tabela 1 auxilia na ilustração de como esse procedimento de seleção foi elaborado:

Tabela 1 – Contagem de palavras dos capítulos que compõem a textualização e a retextualização

Capítulo	Textualização	Retextualização	Diferença
I	1.937	2.032	+ 95
II	2.754	2.088	- 666
III	3.198	2.541	- 657
IV	5.809	4.947	- 862
V	5.011	5.021	+ 10
VI	2.914	2.848	- 66
VII	3.590	3.476	- 886
VIII	2.998	2.960	- 38
IX	3.255	3.242	- 13
X	4.378	4.260	- 118
XI	6.486	6.286	- 200
XII	4.182	4.229	+ 47
XIII	4.041	3.595	- 446
XIV	4.938	4.965	+ 27
XV	5.032	4.873	- 159
XVI	3.760	3.675	- 85
XVII	8.114	7.844	- 270
XVIII	5.890	5.076	- 814
XIX	3.789	3.393	- 396
XX	5.842	5.463	- 379
XXI	8.832	7.455	- 1.377
XXII	2.915	2.388	- 527
XXIII	3.974	3.785	- 189
<b>XXIV</b>	<b>7.188</b>	<b>5.348</b>	<b>- 1.840</b>
XXV	5.029	4.400	- 629
XXVI	4.292	4.020	- 272
<b>XXVII</b>	<b>11.248</b>	<b>6.873</b>	<b>- 4.375</b>
XXVIII	6.914	3.588	- 3.326
XXIX	4.566	2.968	- 1.598
XXX	3.749	2.074	- 1.675
XXXI	3.134	2.040	- 1.094

XXXII	4.611	2.524	- 2.087
XXXIII	4.830	3.201	- 1.629
XXXIV	<b>9.310</b>	<b>5.372</b>	<b>- 3.938</b>
XXXV	<b>4.373</b>	<b>2.549</b>	<b>- 1.824</b>
XXXVI	3.937	2.757	- 1.180
XXXVII	7.497	6.390	- 1.107
XXXVIII	1.822	1560	- 262

As linhas em azul claro representam os capítulos em que Jane/Joanna interage com Rochester; as em vermelho claro representam os capítulos em que a personagem dialoga com St. John/João. A Tabela evidencia, por exemplo, que das interações com Rochester, os capítulos que possuem a maior redução de palavras na retextualização correspondem ao XXVII e ao XXIV. Coincidentemente, são justamente nessas situações que Joanna apresenta um comportamento mais transgressor, pois luta contra a dominação de Rochester: num primeiro momento (cap. XXIV), negando o seu pedido para que abandone o cargo de governanta diante da aproximação do casamento de ambos; e num segundo momento (cap. XXVII), negando o seu pedido para que se torne sua amante quando a existência de Bertha Rochester é revelada. Com relação às interações entre Joanna e João, os capítulos que possuem uma maior redução de palavras correspondem ao XXVIII e ao XXXIV. No entanto, no capítulo XXVIII, os diálogos entre ambos são pouco frequentes, tendo em vista que os personagens se conhecem apenas ao final desse capítulo, cujo enfoque está situado na descrição dos locais que Joanna percorre após a sua saída da mansão dos Rochester. Assim, a análise do capítulo XXVIII foi descartada. O comportamento transgressor de Joanna em relação a João é evidenciado nos capítulos XXXIV e XXXV – que também apresenta um número significativo de palavras suprimidas – quando ela recusa a oferta de casamento de João.

A decisão de focar os capítulos com redução no número de palavras foi tomada por se acreditar que este seria um *indicativo* das possíveis omissões do tradutor e que esses excertos seriam mais *representativos* para a análise das suas omissões. Já a decisão de focar os capítulos em que a personagem apresenta um comportamento transgressor foi tomada por se acreditar que esses excertos seriam mais *representativos* para a análise do seu perfil ideacional e da voz do tradutor. Diante dos argumentos expostos, os capítulos selecionados para a composição do recorte deste estudo correspondem ao XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV.

### 3.1.1.3 Aspectos Contextuais do Corpus

Em consonância com as premissas da LSF, os aspectos contextuais de um texto são analisados no constructo *Contexto de Cultura* (ver nota 4). Em função disso, as próximas subseções oferecem uma descrição sucinta do CC da Textualização (3.1.1.3.1) e da Retextualização (3.1.1.3.2), no qual se apresenta também a censura católica atuando (3.1.1.3.3).

#### 3.1.1.3.1 Contexto de Cultura da Textualização

Mary Wollstonecraft, uma das precursoras do feminismo britânico, menciona no seu manifesto *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*: “seria uma tarefa sem fim traçar a variedade de significados, preocupações e sofrimentos que são atribuídos às mulheres pela opinião prevalente, que elas são criadas para sentir e não para pensar e que todo o poder que obtêm, deve ser obtido pelo seu charme e fraqueza”<sup>109</sup> (cap. 4). Publicado no fim do século XVIII, em 1792, o trabalho foi escrito em resposta ao *Rapport sur L’instruction Publique*, em tradução livre *Relatório para a Instrução Pública*, de autoria do diplomata francês Maurice Talleyrand-Périgord e endereçado à Assembléia Nacional da França. Na seção intitulada *Éducation des Femmes*, Talleyrand defende que as instituições públicas voltadas para a educação de jovens francesas deveriam se ater a “[...] prepará-las para as virtudes da vida doméstica e para os talentos úteis no governo de uma família”<sup>110</sup> (1791, p. 215).

A dedicatória do texto de Wollstonecraft, dirigida *ironicamente* a Talleyrand-Périgord, denuncia a sociedade restritiva da qual fazia parte e o propositor da maneira “ideal de educação”:

---

<sup>109</sup> It would be an endless task to trace the variety of meannesses, cares, and sorrows, into which women are plunged by the prevailing opinion, that they were created rather to feel than reason, and that all the power they obtain, must be obtained by their charms and weakness (WOLLSTONECRAFT, 1792, cap. IV). Como esta citação foi retirada do site do *The Gutenberg Project* não sei precisar em qual página está situada). Por isso, apresento aqui o link: <http://www.gutenberg.org/cache/epub/3420/pg3420.html>.

<sup>110</sup> [...] à préparer les filles aux vertus de la vie domestique, et aux talens utiles dans le gouvernement d'une famille (TALLEYRAND-PÉRIGORD, 1791, p. 215).

Quem fez do homem o juiz exclusivo, se a mulher, assim como ele, é possuidora do dom da razão? [...] Tiranos de todas as denominações, desde o fraco rei ao frágil pai de família, ansiam por reprimir a razão; ainda que afirmem que usurpam seu trono com a finalidade única de serem úteis. Você [Talleyrand-Périgord] não age de forma similar quando OBRIGA todas as mulheres a permanecer, às cegas, enclausuradas em suas famílias, negando-lhes direitos civis e políticos?<sup>111</sup> (1792)

Ainda que o manifesto britânico, considerado um dos primeiros trabalhos da filosofia feminista, não tenha ocasionado mudanças imediatas nas questões referentes às desigualdades de gênero, pode-se afirmar que impulsionou o surgimento de movimentos para a emancipação feminina por toda a Europa ao longo do século seguinte. Conforme apontam as pesquisadoras Paletschek e Pietrow-Ennker (2004, p. 309), três fatores foram cruciais para que esses movimentos começassem a se desenvolver no continente europeu no século XIX: i) o início da mobilização feminina em apoio ao nacionalismo; ii) a disseminação da *literatura feminista*, cujo auge ocorreu entre 1830 a 1860; e iii) os movimentos de reforma política, social e religiosa na Inglaterra, França e Alemanha de 1830 a 1850.

No que se refere à literatura, algumas escritoras da Era Vitoriana deram voz e destaque a personagens femininas, demonstrando que estas deveriam expor fortemente as suas opiniões e buscar os mesmos direitos obtidos pelos homens, ainda que para verem seus trabalhos publicados necessitassem fazer uso de pseudônimos masculinos. Neste contexto, mais precisamente em 1847, é lançado o romance *Jane Eyre: An Autobiography*, da escritora inglesa Charlotte Brontë<sup>112</sup>, autora também de *Shirley* (1849), *Villette* (1853) e *The Professor* (1857).

“Que livro mais estranho! Imagine um romance com uma tutora morena pequena como heroína e um malfeitor de meia-idade como

---

<sup>111</sup> Who made man the exclusive judge, if woman partake with him the gift of reason? [...] tyrants of every denomination from the weak king to the weak father of a family; they are all eager to crush reason; yet always assert that they usurp its throne only to be useful. Do you not act a similar part, when you FORCE all women, by denying them civil and political rights, to remain immured in their families groping in the dark? (WOLLSTONECRAFT, 1972).

<sup>112</sup> A escritora, assim como suas irmãs Emily e Anne, utilizavam os pseudônimos masculinos Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente, na publicação de suas obras.

herói”<sup>113</sup>. Esta foi a avaliação de um crítico na *Sharper's London Magazine*, logo após a publicação de “Jane Eyre” (*apud* TEACHMAN, 2001, p. 1) ao se referir a Jane e Rochester, representados na Figura 11.



Figura 11 – Ilustração de Jane Eyre e Rochester, de autoria de Peter Townsend (Service & Paton, 1897)

Ao contrário dos belos, sombrios e jovens anti-heróis byrônicos, o personagem Edward Rochester é, na verdade, um homem de trinta e cinco anos – mais velho que a maioria dos heróis literários –, sem grandes atrativos e de comportamento rude. Já a personagem Jane Eyre está há anos luz das tradicionais protagonistas vitorianas: ela é simples e

<sup>113</sup> Such a strange book! Imagine a novel with a little swarthy governess for heroine, and a middle-aged ruffian for hero (*apud* TEACHMAN, 2001, p. 1).

a sua falta de fortuna, beleza e sua condição social reduzem significativamente as suas chances de se casar, ao contrário do que ocorria com as jovens frágeis e belas que davam vida aos romances da época. Na verdade, Jane tem mais em comum com personagens secundárias de romances do século XIX do que com as típicas heroínas, fato que não impediu que o livro se tornasse um sucesso instantâneo entre muitos leitores vitorianos.

*Jane Eyre* tem a forma tanto de uma autobiografia ficcional quanto de um *Bildungsroman*<sup>114</sup>, romance de formação (TEACHMAN, 2001). Como uma autobiografia, exhibe o relato da vida de Jane, através da sua perspectiva adulta e com suas próprias palavras. Como um romance de formação, apresenta a história da sua evolução como indivíduo, tanto através da sua educação formal quanto do seu amadurecimento, enfocando a atenção do leitor nessas experiências, nas quais Jane aprende muito sobre si mesma e sobre o mundo em que vive. Os problemas encontrados pela protagonista, desde a sua infância restritiva até o alcance do objetivo de uma vida adulta livre, perpassam pelas dificuldades que devem ser enfrentadas e superadas por *toda mulher* situada em uma sociedade patriarcal: opressão (em *Gateshead*), fome (em *Lowood*), loucura (em *Thornfield*) e frieza (em *Marsh End*) (GILBERT e GUBAR, 1979).

Conforme observa a pesquisadora Debra Teachman (2001), Charlotte Brontë utiliza ao longo da narrativa uma técnica literária denominada “duplo”. Em *Jane Eyre* o duplo age sobre: i) localidades (*Gateshead* e *Thornfield* são lugares para aprender a ser apaixonada e entregar-se às paixões, respectivamente); e ii) personagens, com o objetivo de criar efeitos opostos entre eles (os primos da infância de Jane são egoístas e maldosos, já os que encontra quando adulta são bondosos e receptivos), ou de dar vida ao seu lado sombrio, já que muitas vezes estes desejam desempenhar determinados papéis que iriam contra a

---

<sup>114</sup> Segundo Quintale Neto (2005, p. 185), *Bildungsroman* é “um tipo de romance que se caracteriza pela formação do protagonista nos princípios do humanismo”. Neste tipo de romance “o protagonista deve ter uma consciência de certa forma explícita de que ele próprio não percorre uma sequência de aventuras mais ou menos aleatórias, mas sim um Processo de autodescobrimento e de orientação no mundo [...]. Ele tem como experiências típicas: o abandono da casa paterna, a atuação de mentores e de instituições acadêmicas, o encontro com a esfera da arte, confissões intelectuais eróticas, experiência profissional e também, eventualmente, contato com a vida política” (JACOBS e KRAUSE, 1989, *apud* QUINTALE NETO, 2005, p. 187).

moral da época. Um exemplo clássico é a associação que muitos teóricos fazem entre as personagens Jane Eyre e Bertha Rochester. Bertha seria um outro *eu* de Jane, um eu que, devido à acusação de loucura, estaria apto a fazer qualquer coisa. Até mesmo o desejo profundo de Jane de destruir *Thornfield Hall*, após a descoberta de que Edward Rochester é um homem casado, é executado por Bertha, quando esta decide atear fogo na mansão. As teóricas feministas Sandra M. Gilbert e Susan Gubar nomearam o seu renomado livro *The Madwoman in the Attic* (1979)<sup>115</sup> numa alusão à personagem Bertha Rochester, que ficava enclausurada no ático da mansão dos Rochester.

A própria escolha do nome da protagonista reforça a referência Jane x Bertha, sendo bastante sugestiva e nem um pouco ingênuas. De acordo com Gilbert e Gubar (1979, p. 342), o sobrenome Eyre (lê-se *air*, ar em português) denota a invisibilidade de Jane, secretamente sufocada pela sua ira/*ire*, que está presente ao longo do trabalho da escritora. Se a ira permeia o romance de Charlotte Brontë, outros três temas aparecem destacados em sua obra: i) *a desigualdade entre classes* e a busca de Jane por melhores condições, que a possibilitariam relacionar-se em pé de igualdade com personagens do sexo masculino, como se pode observar em: “Quanto mais ele comprava, tanto mais me coravam as faces com um sentimento de vergonha e degradação. [...] Como não queria ser tratada como uma boneca [...], seria um alívio ter recursos próprios, por limitados que fossem [...]” (BRONTË, 1926, p. 384, tradutor não informado); ii) *a religião*, como forma de validação ou não, através de Deus, das ações empreendidas pelos personagens, “Deus e a natureza destinaram-n’ a para mulher de um missionário. Não lhe deram encantos pessoais, mas dotes espirituais que a qualificam para o trabalho e não para o amor material” (BRONTË, 1926, p. 528, tradutor não informado); e iii) *a defesa de ideais feministas*, que apresentam uma personagem transgressora, à frente de seu tempo:

Supõe-se geralmente que as mulheres são muito calmas – a verdade é que ellas sentem tanto quanto os homens, precisam de exercício para suas faculdades e de uma arena para suas lides tanto quanto seus irmãos; soffrem debaixo de um constrangimento demasiadamente rígido, debaixo de uma estagnação absoluta tanto quanto os homens soffreriam. E é prova de estreiteza de idéas em seus companheiros mais privilegiados dizer que ellas se

---

<sup>115</sup> O livro de Sandra M. Gilbert e Susana Gubar analisa, sob a ótica de teorias feministas, as obras de escritoras do século XIX, dentre as quais destaco as de Jane Austen, Charlotte Brontë, George Eliot e Emily Dickinson.

deviam restringir a cozer pudins e fazer meias, a tocar piano e bordar bolsas. É falta de tino condemná-las ou rir-se delas, quando se esforçam por fazerem mais do que um costume inveterado tem declarado necessário para seu sexo (BRONTË, 1926, p. 160, tradutor não informado).

A pesquisadora Maria Lamonaca, no seu artigo intitulado *Jane's Crown of Thorns: Feminism and Christianity in Jane Eyre*, analisa o romance sob a ótica da religião e das teorias feministas. Lamonaca destaca que:

As convicções religiosas de Jane são apresentadas como a força primária por trás da sua resistência às posições femininas convencionais, tanto como a amante de Rochester quanto como a ajudante espiritual de St. John. Além disso, a sua insistência numa relação direta, sem mediadores, com o seu Criador expõe uma inconsistência evidente no ensinamento do Evangelho, colocando às mulheres de fé um impasse teológico: evangélicos defendiam a liberdade de discernimento e consciência para todos aqueles que creem, mas também apreciavam um modelo de casamento em que as mulheres eram espiritualmente subordinadas aos seus maridos<sup>116</sup> (2002, p. 246 e 247).

A resistência de Jane ao controle masculino é atormentada pelo fato de que tanto Rochester quanto St. John expressam as suas intenções com um linguajar religioso, isto é, ambos presumem que o seu desejo de controlar Jane é compatível com a vontade de Deus e respaldado pela instituição religião. Ao rejeitar este controle, Jane não apenas refuta os argumentos teológicos dos dois personagens, mas também a ideia de que as mulheres são incapazes de discernir por conta própria a vontade de Deus (LAMONACA, 2002). Rochester, por exemplo, insistentemente descreve o seu desejo romântico como um produto da vontade de Deus

---

<sup>116</sup> Jane's religious convictions are presented as the primary force behind her resistance to conventional female subject-positions, whether as Rochester's mistress or as St. St. John's spiritual helpmate. Moreover, Jane's insistence on a direct, unmediated relationship with her Creator uncovers a glaring inconsistency in Evangelical teaching that posed for women of faith a virtual theological impasse: Evangelicals championed the liberty of discernment and conscience for all believers, but also prized a model of marriage in which wives were spiritually subordinate to their husbands (LAMONACA, 2002, p. 246 e 247).

quando pede a mão de Jane: “meu Creador sanciona o que faço” (BRONTË, 1926, p. 368, tradutor não informado). Já St. John, sabendo da recusa de Jane ao seu pedido de casamento, reforça que “não é a mim que rejeita, mas a Deus” (BRONTË, 1926, p. 534, tradutor não informado). Estes exemplos, certamente, são responsáveis pela afirmação da jornalista Elizabeth Rigby, em sua crítica controversa no *The London Quarterly Review*, de 1848, de que “Jane Eyre é uma composição preminentemente anticristã”<sup>117</sup>, já que a personagem que dá título ao romance resiste ao Deus patriarcal defendido por seus pretendentes. Rigby afirma, ainda, que:

Nenhum encanto cristão é perceptível nela [Jane Eyre]. Ela herdou, em grande proporção, o pior pecado cabível aos seres humanos – o pecado do orgulho. Jane Eyre é orgulhosa, e, portanto, ingrata também. Agradava a Deus fazer dela uma órfã, sem amigos ou fortuna – ainda assim, Jane não agradece a ninguém, tampouco a Ele, pela comida e vestimentas, pelos amigos e instrutores, da sua juventude desamparada [...] <sup>118</sup> (RIGBY, 1848, p. 92-93).

Em outras palavras, o que horrorizava a sociedade vitoriana era a falta de resignação de Jane, a ousadia de almejar algo que estava fora de suas possibilidades, algo não esperado para alguém do seu sexo e condição social. A crítica de Elizabeth Rigby não deixa dúvidas de que, no século XIX, os ideais de igualdade de gênero e de classes presentes em *Jane Eyre* eram impensáveis e impraticáveis.

### 3.1.1.3.2 Contexto de Cultura da Rertextualização

Se no Reino Unido Mary Wollstonecraft foi uma das vozes mais sobressalentes na defesa dos direitos da mulher, no cenário nacional coube a Dionísia Gonçalves Pinto – mais conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta – sê-la, quando lançou o livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, em 1832. Na capa da sua publicação consta a informação de que se trata de uma “tradução livre”

---

<sup>117</sup> Jane Eyre is pre-eminently an anti-Christian composition (RIGBY, 1848).

<sup>118</sup> No Christian grace is perceptible upon her. She has inherited in fullest measure the worst sin of our fallen nature--the sin of pride. Jane Eyre is proud, and therefore she is ungrateful too. It pleased God to make her an orphan, friendless, and penniless--yet she thanks nobody, and least of all Him, for the food and raiment, the friends, companions, and instructors of her helpless youth [...] (ibid, ibidem, p. 92-93).

do manifesto *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*. No entanto, de acordo com Duarte (*apud* FLORESTA, 1989), Nísia Floresta faz a tradução do texto de Wollstonecraft, baseando-se na sua versão francesa e não no seu texto-fonte, ou seja, ela elabora uma tradução indireta<sup>119</sup>. Duarte afirma que, na verdade, “Nísia não realiza uma tradução, no sentido convencional, do texto da feminista. Ela realiza sim, *um outro texto*, o seu texto sobre os direitos das mulheres” (*apud* FLORESTA, 1989, p. 38).

Enquanto Wollstonecraft dedica o seu manifesto a Maurice Talleyrand-Périgord, em resposta ao seu relatório que restringia a atuação feminina às tarefas domésticas, denunciando-o, Nísia Floresta faz menção em sua dedicatória às mulheres brasileiras e aos jovens acadêmicos de seu tempo. Às mulheres brasileiras, pois o trabalho objetivava expor as injustiças as quais eram submetidas e, desta forma, lutar por condições de tratamento iguais entre homens e mulheres; e aos jovens acadêmicos, porque estes possuíam o poder efetivo da tão aguardada mudança.

Em suma, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* e *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects* apresentam a mesma essência, pois ambas as autoras expõem a opressão sofrida pelas mulheres, muitas vezes não percebida por elas próprias, que não possuíam qualquer acesso à educação formal, ao mesmo tempo em que buscam reivindicar por uma sociedade mais justa, sem distinções de gênero:

Todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo e não existe mais que nas partes propagadoras da espécie humana; porém, a alma que não concorre senão por sua união com o corpo, obra em tudo da mesma maneira sem atenção ao sexo. Nenhuma diferença existe entre a alma de um tolo e de um homem de espírito, ou de um ignorante e de um sábio, ou a de um menino de quatro anos e um homem de quarenta. Ora, como esta diferença não é maior entre as almas dos homens e a das mulheres, não se pode dizer que o corpo constitui alguma diferença real nas almas. Toda sua diferença, pois, vem da educação, do exercício e da impressão dos objetos

---

<sup>119</sup> “Termo utilizado para denotar o procedimento por meio do qual um texto é traduzido para uma língua através de uma tradução intermediária, e não diretamente de um texto-fonte original” (SHUTTLEWORTH e COWIE, 1997, p. 76).

externos, que nos cercam nas diversas circunstâncias da vida (FLORESTA, 1989, p. 47).

Se quarenta anos separaram a publicação do manifesto inglês em relação ao brasileiro, o seu objetivo comum, no entanto, foi alcançado quase que simultaneamente: em 1878, a Universidade de Londres, pela primeira vez no Reino Unido, admitiu mulheres nos seus cursos de graduação, sendo que em 1900, estas já representavam 30% dos estudantes matriculados<sup>120</sup>. No Brasil, em 1879, Dom Pedro II fez aprovar uma lei concedendo o direito às mulheres de ingressarem na universidade e, em 1887, Rita Lobato Velho Lopes, tornou-se a primeira a receber o título em solo nacional, formando-se na Faculdade de Medicina da Bahia (BLAY e CONCEIÇÃO, 1991).

Apesar dessa conquista, que ainda era restrita a um público bastante seletivo, as mulheres estavam apenas no começo de uma longa jornada, conforme observa Maria Emília Lemos, cronista da revista *A Mensageira*, de 1897:

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de ação, aparece alguém que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade (*apud* PAIVA, 1997, p.87).

Nesse cenário, é produzida a primeira tradução de *Jane Eyre* (1897) para o português brasileiro. A primeira edição, que traz um tradutor *sem nome*, intitulada *Joanna Eyre*, foi publicada pela editora Vozes de Petrópolis em 1917, e obteve outras duas edições, uma em 1926, *que será objeto de estudo nesta pesquisa*, e outra em 1953, tendo o seu título alterado para Joana Eyre, com um *n* apenas. O Quadro 5 apresenta informações contextuais da textualização e retextualização e é seguido pela Figura 12 com as capas das obras que compõem o corpus analisado:

---

<sup>120</sup> Informação retirada da seção ‘*history*’ do site da própria universidade: <http://www.london.ac.uk/history.html>.

Quadro 5 – Informações contextuais sobre a textualização e retextualização

Informações Contextuais		
	Textualização	Retextualização
<b>Gênero</b>	Ficção	Ficção
<b>Idioma</b>	Inglês	Português brasileiro
<b>Autor/Tradutor</b>	Charlotte Brontë	Tradutor desconhecido
<b>Título</b>	JANE EYRE AN AUTOBIOGRAPHY	JOANNA EYRE
<b>Número de Palavras</b>	186.139	152.108
<b>Data da publicação</b>	1897	1926
<b>Editora</b>	Service & Paton	Vozes de Petrópolis
<b>Local de publicação</b>	Londres	Rio de Janeiro
<b>Imagens</b>	14	-

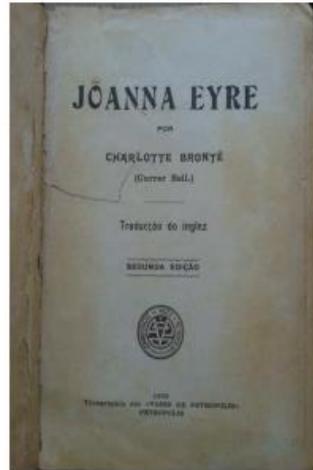
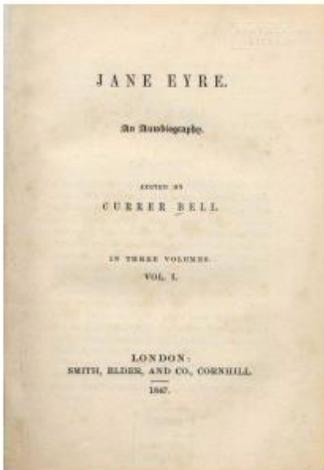


Figura 12 – Capa da primeira edição publicada de Jane Eyre (1897) e da folha de rosto da segunda edição de Joanna Eyre (1926)

Para a compreensão total do CC em que a retextualização foi elaborada, faz-se necessária, também, a apresentação do contexto em que ocorria a censura católica historicamente, do perfil do patrono, frei Pedro Sinzig, bem como da catalogação oferecida por ele em *Através dos Romances: Guia para as Consciências* “dos livros bons” e dos “livros maus” para os fiéis brasileiros.

### 3.1.1.3.3 A censura católica no Contexto de Cultura da retextualização

É sabido e amplamente divulgado que a Igreja Católica apresenta uma história de privações aos seus fiéis, principalmente através do boicote à leitura de livros, conforme o registro da fala de Monsenhor Besson, no editorial da revista católica francesa *Les nouvelles lectures*, de 1887:

Cristãos, menos palavras, menos reclamações e menos protestos inúteis. Traduzam, principalmente em atos, esses discursos barulhentos nos quais vós afirmais vossa fé. Um pouco de coragem para caçarem em vossos lares esses maus livros que os sujam. Um pouco mais de coragem para arrancá-los das mãos de vossas mulheres e de vossos filhos (*apud* PAIVA, 1997, p. 55).

Em 1233, o então Papa Gregório IX decretou iniciada a Inquisição, instituição da Igreja Católica Romana que perseguiu, torturou e matou vários de seus inimigos ou quem fosse considerado inimigo, sob o pretexto de que se tratava de herege. No ano de 1252 foi institucionalizado o tribunal do Santo Ofício, que permitia a utilização de tortura.

Em 1536, o tribunal do Santo Ofício chega a Lisboa, com três inquisidores nomeados pelo papa e um pelo rei, dando origem à Inquisição portuguesa. D. João III, insatisfeito por não ter o controle absoluto da Inquisição, nomeou seu próprio irmão, D. Henrique, ao posto de inquisidor-mor (MARTINO e SAPATERRA, 2006). No ano de 1547, a Inquisição portuguesa passou a sofrer forte influência do poder civil, sendo instalados três tribunais, entre os quais o de Lisboa, que estendia sua jurisdição até o Brasil.

De acordo com o artigo *A Censura no Brasil do século XVI ao século XIX* (MARTINO e SAPATERRA, 2006), em 1768, por ordem do Marquês de Pombal, foram proibidas em Portugal e em suas colônias as obras de diferentes categorias, como, por exemplo, livros de escritores ateus; os de autores *protestantes* que combatessem o poder espiritual do papa e dos bispos ou atacassem os artigos da Fé Católica; os livros obscenos; e os infamatórios (MARTINO e SAPATERRA, 2006, p. 237).

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, a censura já não era a do governo ou da Inquisição, havia uma outra censura; mais velada, porém não menos perniciosa, que se manifestava por controles

informais – boicotes, segregações, marginalizações e perseguições (MARTINO e SAPATERRA, 2006).

No Brasil, em 1890, logo após a Proclamação da República, é decretada a separação entre Igreja e Estado. Nesse contexto, a República acaba com o padroado, reconhece o caráter leigo do Estado e garante a liberdade religiosa. Em “regime de pluralismo religioso e sem a tutela do Estado, as associações e paróquias passam a editar jornais e revistas para combater a circulação de idéias [sic] anarquistas, comunistas ou protestantes” (NASCIMENTO, 2010, p. 28).

Nesse contexto, desembarca no Brasil, mais precisamente em 1893, Pedro Sinzig (1876-1952), que, às vésperas de sua ordenação sacerdotal na Bahia, em 1898, naturaliza-se brasileiro. Fixando-se em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1907, dá início a sua vasta produção literária: até a sua morte, em 1952, Sinzig publicou sessenta e seis livros, desde os didáticos até romances, contos, biografias e traduções (PAIVA, 1997). O Frei Sinzig teve grande importância no meio artístico e intelectual brasileiro, já que também atuou como jornalista, escritor, musicista (possui uma extensa obra musical), artista e professor.

Dentre os seus livros, destaca-se *Através dos romances: guia para as consciências*, que, como o próprio título sugere, tem por finalidade guiar os fiéis católicos para a boa leitura, censurando e catalogando obras nacionais e estrangeiras. O primeiro exemplar, lançado em 1915, é aqui discutido e contém notas sobre 11.863 livros e 5.150 autores. Na segunda edição, de 1917, o número de livros comentados aumenta para 17.766 e o de autores, para 5.641. Já a terceira e última edição, de 1923, é composta de 21.553 comentários de livros e 6.657 de autores (PAIVA, 1997).

Logo nas primeiras páginas de *Através dos Romances: guia para as consciências*, de 1915 (SINZIG, p. VIII), os leitores encontram uma carta, de aprovação à publicação do livro, de autoria do Reverendo Agostinho, bispo de Niterói: “Se é, pois, de grande mérito a propaganda sã, como não será de valor um guia seguro nos declarando os bons livros, especialmente referindo-se aos romances, cuja leitura no presente é avidamente procurada?” Em seguida, o próprio Frei Sinzig apresenta uma carta de sua autoria endereçada ao Ministro do Supremo Tribunal Federal, Augusto Olympio Viveiros de Castro, em que justifica a necessidade da censura:

Inumeras vezes, quem folhear estas paginas, encontrará, mesmo com relação a obras de autores serios, a nota «reserva», «perigoso» ou termo semelhante. São máus estes livros? Muitas vezes não prejudicariam o leitor

*adulto*, sensato, que o lesse por algum justo motivo. O *chefe de família*, porém, preferirá para seus filhos um livro que seja de todo inofensivo, a outro que possa impressionar mal (1915, p. IX, *itálicos meus*).

Pode-se observar que o guia é destinado a auxiliar o leitor adulto (leia-se do sexo masculino) e pais de família para que pudessem fazer a *correta* indicação de livros as suas esposas (caso estas tivessem qualquer acesso a leitura, é claro) e filhos.

No prefácio de *Através dos romances: guia para as consciências*, Sinzig adota a utilização de metáforas para fazer referência aos livros, seguindo a seguinte categorização: i) livros recomendados, “bons”, de “leitura sã”, e que obedecem perfeitamente os preceitos católicos são denominados de “pomares abençoados”; ii) livros com ressalvas, os quais não prejudicam o “leitor adulto e sensato”, que o “lesse por um justo motivo” são chamados de “maçãs de faces vermelhas”; e iii) livros “máus pelo lado literário, máus pelo lado moral, ou máus pelo lado literário e moral” (p. 11), “lixo literário” são classificados como “fructos podres”.

Ao mencionar os “pomares abençoados”, com “fructos bons e sadios”, Sinzig faz também uma propaganda do Centro da Boa Imprensa, criado por ele, e responsável pela distribuição de “bons livros” para os leitores católicos. Aproveita, também, para defender a forma ideal de acesso a livros no Brasil:

Bibliothecas pequenas, destinadas só a collegios ou associações piedosas, não devem admittir sinão o que for de todo bom. Para bibliothecas grandes, porém, que se dirigem a todas as classes, os catholicos belgas traçaram um optimo caminho: affastam o povo de bibliothecas que não têm escrupulos; facultam a leitura de livros de valor, mas appellando de cada vez para a consciencia do leitor, quando o livro offerece algum perigo. Imagine que vantagem para a religião e a pátria – a falta de religião é o maior perigo para um paiz - si a nossa grande Bibliotheca Nacional e todas as outras fossem assim organizadas! (1915, p. 21).

Com relação às “maçãs de faces vermelhas”, o autor volta a reforçar a ressalva de que o público feminino deveria manter-se afastado desse tipo de leitura, já que somente homens sensatos estariam aptos a lê-la sem sofrer qualquer alteração de caráter:

Já entraram alguma vez numa das nossas grandes livrarias do Rio? Quaes maçans de faces rosadas, em todas ellas se apresentam lindos livros, de capas sedutoras e titulos suggestivos. Exercem uma quasi que irresistivel fascinação. Muitas mocinhas que passam, já não podem desprender o olhar da vitrine. [...] Horas depois o veneno começa a agir (1915, p. 2).

Sinzig, ao se referir aos “fructos podres”, a todos proibido, alerta: “fujam!” De acordo com o frei, “podemos geralmente dividil-os, segundo o assumpto, em historias sobre crimes, indios, piratas, aventureiros, phantasmas, ocultismo, scenas eróticas, etc. A moral desses contos é ambigua, ás vezes relaxadamente perversa” (p. 12). Para fixar a sua máxima “livros envenenados, desgraças infindas”, Sinzig elenca inúmeras tragédias que, para ele, são obra da leitura dos livros nomeados “lixo literário”, como:

O rico fazendeiro Pedro Balú, de Varma (Bulgaria), devido à leitura insensata do Nick Carter, e quejandas publicações, enlouqueceu. Julgando ser assassino e detective ao mesmo tempo, matou á mulher e dois filhos, denunciando-se em seguida a si mesmo, em carta assignada «Sherlock Holmes» (1915, p. 14).

A escritora Charlotte Brontë não escapou dos ataques proferidos pelo Frei Pedro Sinzig, no seu *Indice alphabetico por appellidos de autores*:

Currer Bell – pseudonymo da romancista ingleza Charlotte Brontë, nascida aos 21.IV.1816 em Thornton, falleceu a 31.III.1855 em Haworth. É a mais celebre das tres irmans deste nome e começou a escrever desde os 15 annos de idade. Seu romance mais celebre é Jane Eyre. Este, como também Shirley, Vilette, The Professor não podem ser aconselhados a todos. (1915, p. 221).

Os ideais feministas propostos em *Jane Eyre*, bem como a sua recusa em submeter-se à dominação masculina que se utilizava de argumentos “sancionados pela vontade de Deus”, certamente foram decisórios para que Sinzig “não o aconselhasse a todos”, somente ao “leitor adulto, sensato, que o lesse por algum justo motivo”: o de educar seus filhos e esposa.

Na subsecção seguinte, é apresentada a segunda etapa do Processo de compilação do corpus, que demanda do pesquisador uma quantidade

extra de atenção e, sobretudo, paciência, tendo em vista a natureza repetitiva do trabalho realizado.

### 3.1.2 Construção do Corpus

#### 3.1.2.1 Digitalização, Correção e Formatação do Corpus

Após a seleção dos textos, procedeu-se a conversão destes para o formato eletrônico. Como a textualização aqui analisada já se encontrava disponível online no *website* do *Gutenberg Project*<sup>121</sup>, todo o seu conteúdo foi selecionado e salvo em um arquivo como texto, isto é, em formato (.txt). A retextualização, por outro lado, necessitou de um tratamento mais cuidadoso: o livro *Joanna Eyre* (1926) foi adquirido em um sebo e, devido às suas condições e ‘idade’, tinha de ser manuseado com bastante cautela por conta da fragilidade das folhas, estando algumas, inclusive, soltas no momento da aquisição. Todas as páginas do livro foram xerocadas, digitalizadas (utilizando-se um scanner da marca HP, modelo Photosmart C4280) e salvas em um arquivo (ver Figura 13) como *Rich Text Format*, (.rtf), formatação escolhida por preservar marcas tipográficas presentes no texto impresso como, por exemplo, itálicos, negritos, a fonte utilizada, etc. (FERNANDES, 2004, p. 86).

---

<sup>121</sup> De acordo com as informações constantes no *website* ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), “o *Gutenberg Project* é a primeira e maior coleção de livros eletrônicos, ou eBooks, gratuitos. O seu fundador, Michael Hart, inventou os eBooks em 1971 e continua a inspirar a criação de eBooks e tecnologias relacionadas nos dias atuais”. O link para acesso e leitura de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, é: <http://www.gutenberg.org/ebooks/1260>.

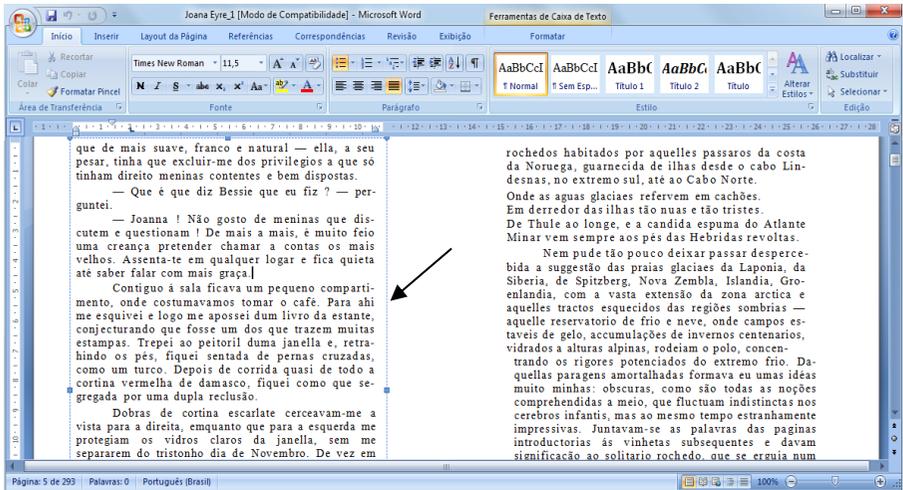


Figura 13 – Digitalização da Retextualização

A seta na Figura 13 destaca que, após salvas, as páginas da retextualização ficaram inseridas dentro de caixas de texto e, para facilitar o seu manuseio e edição, todo o seu conteúdo foi selecionado e salvo em um arquivo no formato (.doc). A partir daí, iniciou-se a sua correção, um Processo trabalhoso, principalmente, porque a revisão ortográfica para a localização de possíveis erros de digitalização não pôde ser efetuada de forma automática pelo *Microsoft Word*, tendo em vista que o português de 1926 não corresponde ao utilizado atualmente. O erro de digitalização mais comum identificado foi a interpretação da letra *m*, quando repetida em alguma palavra (*engommar*), como *r+n* (*engormmar*). Dessa forma, efetuou-se a localização da ocorrência *mmm*, através do atalho *ctrl + l*, substituindo-a por *mm* em todo o texto, conforme a Figura 14 ilustra.

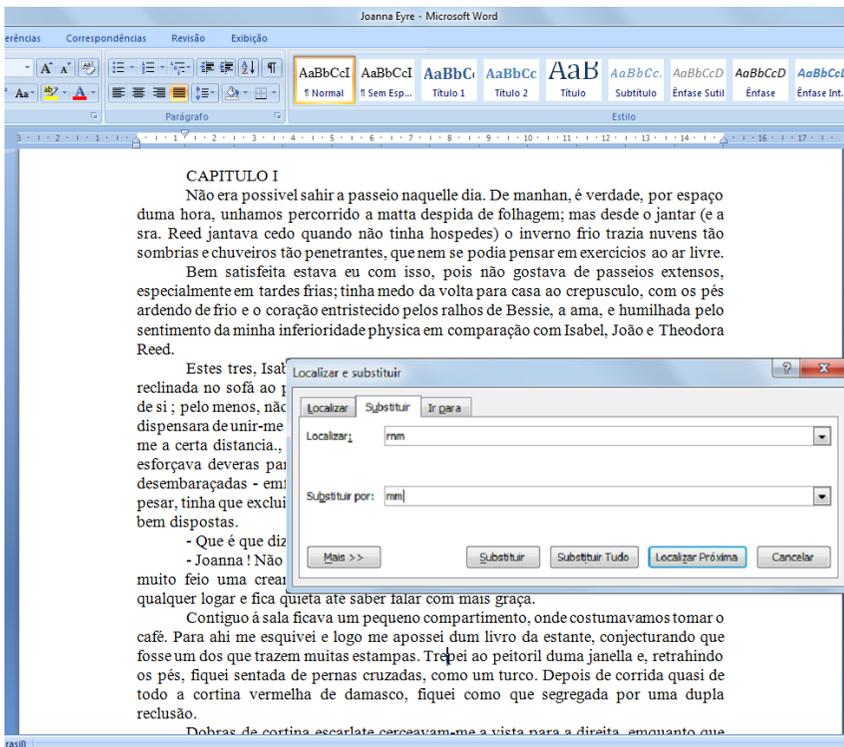


Figura 14 – Localização e substituição de erros

Outros erros de digitalização percebidos, corrigidos manualmente através da leitura do texto, referem-se ao reconhecimento das letras *l* como *i* (*delle* → *deile*) ou como *n.º 1* (*collegio* → *co1legio*); *t* como *l* (*matta* → *malta*), *c* como *e* (*rocha* → *roeha*), e *E* inicial como *F* (*Elle* → *Flle*). Somado a isso, localizaram-se os pontos dos pronomes de tratamento srta., sr(a), dr., etc., para evitar que fossem interpretados como demarcadores de final de sentença, procedimento que também foi efetuado na textualização, neste caso com Mr., Mrs., Dr., etc.

Findado o Processo de correção, a retexualização também foi salva em formato de texto, (.txt), para que fosse disposta em interface com a textualização no *software Notepad++*.

### 3.1.2.2 Alinhamento do Corpus

Os arquivos (.txt) correspondentes à textualização e à retextualização foram abertos no *Notepad++*, e, com o objetivo de deixá-los lado a lado na tela para facilitar o alinhamento, clicou-se com o botão direito sobre a retextualização e selecionou-se a opção “Mover para outra tela”, como se pode visualizar a partir da Figura 15.

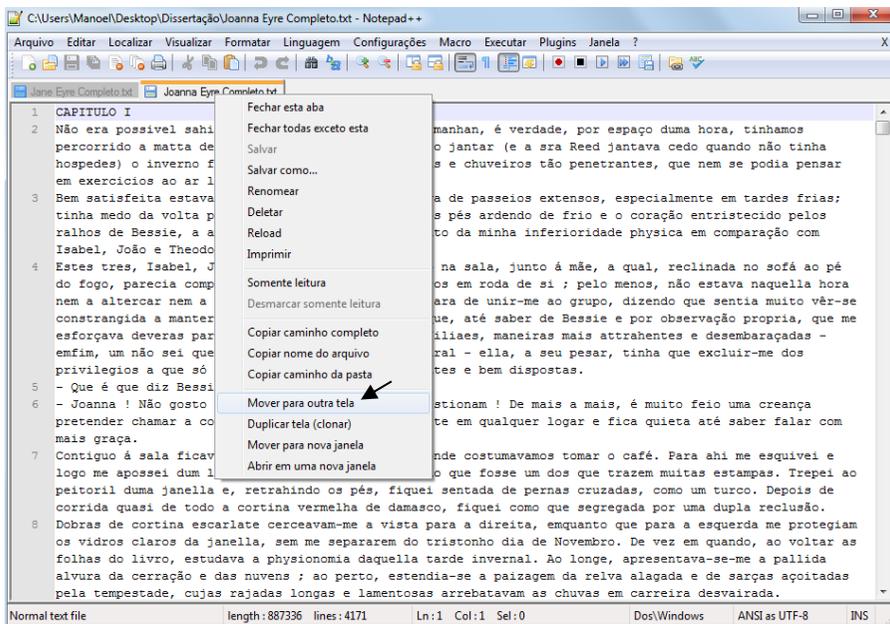


Figura 15 – Disposição em interface da textualização e da retextualização

Após, ambos os textos foram convertidos para a ‘Codificação UTF-8 (sem BOM)’, e alinhados manualmente por parágrafos, isto é, os parágrafos correspondentes da textualização e da retextualização foram alocados na mesma linha, procedimentos necessários para a sua inserção no COPA-TRAD (FERNANDES e SILVA, 2013), conforme o ilustrado na Figura 16:

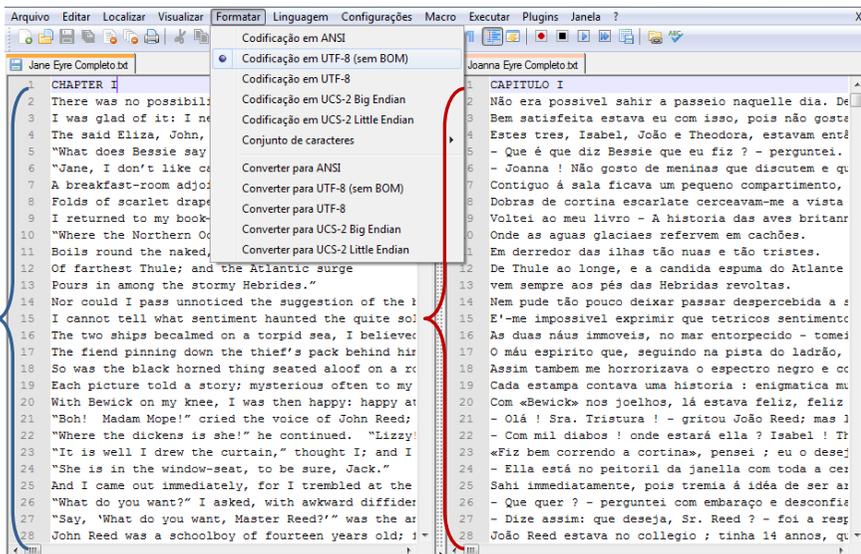


Figura 16 – Textualização e retextualização alinhadas no Notepad++

Ainda que o corpus analisado nesta pesquisa seja composto pelos capítulos XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV de *Jane Eyre* (1897) e *Joanna Eyre* (1926), as atividades de digitalização, correção e alinhamento foram realizadas tanto na textualização quanto na retextualização *integralmente*, porque o COPA-TRAD (FERNANDES e SILVA, 2013) abriga apenas obras completas, objetivando facilitar pesquisas futuras que utilizem os textos disponibilizados nesse Corpus Paralelo.

Assim, após a conclusão da etapa de alinhamento, os capítulos do recorte deste estudo foram selecionados e copiados em um novo arquivo (.txt) para que se procedesse a sua anotação<sup>122</sup> com o Código de Rotulação Sistemático-Funcional (CROSF) (FEITOSA, 2005, 2009), Processo que passa a ser explicado na subseção seguinte.

<sup>122</sup> A anotação com o CROSF dos capítulos selecionados não pôde ser realizada nos arquivos (.txt) que continham a textualização e a retextualização completas, pois o COPA-TRAD não abriga ainda textos com rótulos e tags <\*>. Dessa forma, o processamento das anotações CROSF é efetuado através do próprio Notepad++, conforme o discutido na subseção 3.1.3. O COPA-TRAD, nesta pesquisa, é utilizado no processamento das omissões e presença discursiva do tradutor de *Joanna Eyre* (1926).

### 3.1.2.3 Rotulação do Corpus (CROSF)

Conforme o explicitado no Capítulo 2 desta dissertação, as particularidades das orações Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais são utilizadas para a *classificação* (i) dos tipos de **Participantes e Processos** realizados pela protagonista quando *dialoga com Rochester e St. John/João*; (ii) dos tipos de **Participantes e Processos** realizados pela protagonista quando *é representada por Rochester e St. John/João*; e (iii) dos tipos de **Participantes e Processos** realizados pela protagonista quando *é representada por outros personagens menores*. Essa classificação é elaborada através de “um modelo de anotação instrumentalizado através de um código numérico para a Rotulação de corpora com base na Gramática Sistemico-Funcional de Halliday” (FEITOSA, 2005, p. 6), denominado “CROSF” (Código de Rotulação Sistemico-Funcional).

Segundo Feitosa (2005, p. 13-14), o processo de anotação dos corpora das pesquisas com enfoque na LSF, realizadas de 1990 até o início dos anos 2000, era problemático, pois os Rótulos utilizados para a classificação das diferentes categorias funcionais eram compostos por palavras ou expressões extensas e, muitas vezes, ao inserirem esses Rótulos, os pesquisadores cometiam erros de digitação que comprometiam os resultados obtidos na análise. Somado a isso, como cada pesquisador elaborava o seu próprio Rótulo, a interpretação do corpus anotado de um outro pesquisador da mesma área se tornava mais morosa e difícil, pois implicava na necessidade de se aprender os Rótulos inseridos, para que fossem compreendidos. Diante dessas complexidades, o CROSF é elaborado, visando: (i) agilizar o processo de anotação de corpora eletrônicos; (ii) eliminar os erros de digitação que pudessem ocorrer durante esse processo; e (iii) possibilitar o diálogo entre os pesquisadores que trabalham com a LSF, através da padronização dos Rótulos utilizados na anotação dos corpora eletrônicos (FEITOSA, 2005, p. 15).

O CROSF é constituído de 7 dígitos, na disposição *ab cdefg*, onde *a* e *b* estão relacionados entre si e apresentam a mesma configuração independentemente da Metafunção analisada, e *cdefg* estão interligados e apresentam a sua configuração alterada dependendo da Metafunção sob investigação (FEITOSA, 2005). Tendo em vista que esta pesquisa apresenta enfoque na *Metafunção Ideacional*, a configuração do Rótulo utilizado segue, aqui, as seguintes especificações: (i) o dígito *a* indica se o elemento analisado é *Tema* ou *Rema*; (ii) o dígito *b* indica qual a *posição* do elemento analisado em relação a *Temas Simples* ou

Múltiplos; (iii) o dígito *c* indica que a Metafunção analisada é a *Ideacional*; (iv) o dígito *d* indica se o elemento analisado é *marcado* ou *não-marcado*; (v) o dígito *e* indica se o elemento analisado é *Processo*, *Participante* ou *Circunstância*; (vi) o dígito *f* indica o tipo de *Processo* ou *Circunstância*; e (vii) o dígito *g* indica qual o tipo de *Participante*.

Quadro 6 – Configuração CROSF com enfoque na Metafunção Ideacional (FEITOSA, 2005)

<a	b	C	d	e	f	g>	
Tema/Rema	Posição	Metafunção					
1: tema simples	0: elíptica	<b>1: ideacional</b>	1: não-marcado	<b>1: Participante sem interpolação</b>	<b>1: material</b>	1: ator	
	1: primeira					2: meta	
						3: recebedor	
2: tema múltiplo	2: segunda				<b>2: mental</b>	4: cliente	
	3: terceira					9: extensão	
	4: quarta					1: experienciador	
3: rema simples	5: quinta		<b>3: relacional</b>	2: Participante com interpolação	<b>2: atributo</b>	2: fenômeno	
	6: sexta					9: extensão	
	7: sétima					1: portador	
4: rema múltiplo	8: oitava			<b>4: verbal</b>	3: Processo	<b>3: identificado</b>	2: atributo
	9: nona						4: identificador
5: absoluto							5: característica
		<b>5: comportamental</b>		<b>6: existencial</b>	6: valor		
6: n-remas					9: extensão		
					1: dizente		
					2: receptor		
					3: verbiagem		
					4: alvo		
					5: locução		
					9: extensão		
					1: comportante		
					9: extensão		
					1: existente		

O Quadro 6 evidencia, entre outros aspectos, que a anotação CROSF é inserida sempre entre “parênteses angulares” (FEITOSA, 2005, p. 144) → <abcdefg>, e que quaisquer categorias que não sejam contempladas na análise ou que não estejam explícitas são marcadas com 0 (zero), como acontece com o dígito g na classificação do tipo de Circunstância. Dessa forma, a configuração dos Rótulos inseridos nesta pesquisa corresponde à apresentada nos exemplos que seguem (ver subseção 3.2.1.1 para mais explicações sobre as decisões metodológicas

desta pesquisa que impactam diretamente na configuração da anotação CROSF):

(a) *Oração Material*

<i>Shall I &lt;0010111&gt; travel &lt;0010310&gt;?</i>						
<b><i>I (Participante – Ator)</i></b>						
<0	0	1	0	1	1	1>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Participante	Material	Ator
<b><i>travel (Processo – Material)</i></b>						
<0	0	1	0	3	1	0>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Processo	Material	Participante

(b) *Oração Mental*

<i>Tu &lt;0010122&gt; me agradas &lt;0010320&gt;.</i>						
<b><i>Tu (Participante – Fenômeno)</i></b>						
<0	0	1	0	1	2	2>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Participante	Mental	Fenômeno
<b><i>agradas (Processo – Mental)</i></b>						
<0	0	1	0	3	2	0>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Processo	Mental	Participante

(c) *Oração Relacional*

<i>I &lt;0010131&gt; am &lt;0010330&gt; not an angel.</i>						
<b><i>I (Participante – Portador)</i></b>						
<0	0	1	0	1	3	1>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Participante	Relacional	Portador
<b><i>am (Processo – Relacional)</i></b>						
<0	0	1	0	3	3	0>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Processo	Relacional	Participante

(d) *Oração Verbal*

<i>Pede &lt;0010340&gt;-me [você] &lt;0010141&gt; alguma coisa agora mesmo, Joanninha.</i>						
<b><i>[você] (Participante – Dizente)</i></b>						
<0	0	1	0	1	4	1>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Participante	Verbal	Dizente
<b><i>pede (Processo – Verbal)</i></b>						
<0	0	1	0	3	4	0>
Tema/Rema	Posição	Ideacional	Marcado ou não	Processo	Mental	Participante

Os exemplos fornecidos mostram onde a anotação CROSF é inserida (logo após a ocorrência do elemento classificado, no caso desta pesquisa, os Participantes e os Processos). Além disso, os rótulos inseridos apresentam a configuração <0010\*\*\*>, isto é, os quatro primeiros dígitos (a, b, c e d), correspondentes ao Tema/Rema, Posição, Metafunção Ideacional e Elemento marcado ou não-marcado, respectivamente, são invariáveis; e os três últimos (e, f, g), correspondentes ao Processo e Participante, Tipo de Processo, e Tipo de Participante, respectivamente, variam dependendo se o elemento analisado é Participante (<00101\*\*\*>) ou Processo (<00103\*0>).

Para que se identificassem os Participantes e Processos realizados por Jane/Joanna Eyre presentes na fala de Rochester, St. John/João e outros personagens, efetuou-se a busca no *Notepad++* dos nósulos<sup>123</sup> ‘Jane’, ‘Miss Eyre’, ‘Joann’ e ‘Srta Eyre’, com o objetivo de se localizar todos os nomes próprios e apelidos utilizados para denominá-la, quais sejam, *Jane*, *Jane Eyre*, *Janet* e *Miss Eyre*, *Joanna*, *Joanna Eyre*, *Joanninha* e *Srta Eyre*, na textualização e na retextualização, respectivamente, conforme mostra a Figura 17.

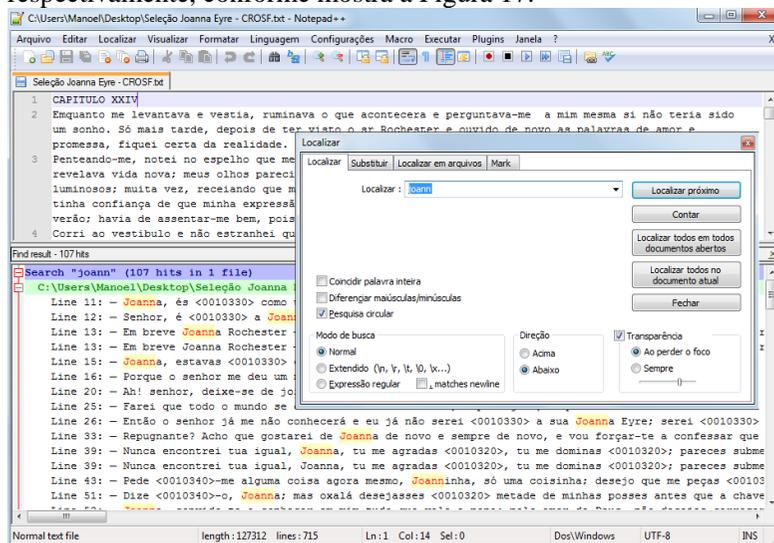


Figura 17 – Busca e anotação dos nósulos

<sup>123</sup> A palavra buscada em um corpus “pode ser referenciada como nóculo ou palavra-chave” (OLOHAN, 2004, p. 63). Nesta pesquisa, adota-se a nomenclatura “nóculo”, seguindo Fernandes (2004).

A Figura 17 ilustra que a localização de cada um dos nódulos buscados se deu através do atalho ‘*ctrl + f*’ e da seleção da opção “Localizar todos no documento atual”<sup>124</sup>. Como resultado, o *software* apresenta uma relação com o nódulo pesquisado em destaque, neste caso ‘*Joann*’, possibilitando a identificação dos nomes *Joanna*, *Joanna Eyre* e do apelido *Joanninha* e, conseqüentemente, a classificação manual dos Participantes e Processos a ele associados. Como na retextualização uma outra personagem foi nomeada Joanna (Hannah, na textualização), foi necessário descartar algumas ocorrências por não se referirem a Joanna, personagem que dá título ao romance. Das 107 ocorrências encontradas do nódulo ‘*Joann*’, selecionadas na Figura 17 em azul, 9 se referem a Joanna, personagem secundária. Das 98 restantes, 90 correspondem a *Joanna*, 5 a *Joanninha* e 3 a *Joanna Eyre*, que somadas às 2 do outro nódulo pesquisado, ‘*Srta Eyre*’, totalizam 100 *ocorrências localizadas na retextualização*. Com relação à textualização, efetuou-se a busca pelo nódulo ‘*Jane*’, encontrando-se 116 ocorrências, das quais 107 correspondem a *Jane*, 6 a *Janet* e 3 a *Jane Eyre*, que somadas as 2 do outro nódulo pesquisado, ‘*Miss Eyre*’, totalizam 118 *ocorrências*.

No entanto, o procedimento ilustrado na Figura 17 não pôde ser realizado para a localização e classificação dos Participantes e Processos realizados por Jane/Joanna Eyre, presentes na sua fala, quando interage com Rochester e St. John/João, pois esses Participantes e Processos, majoritariamente, possuem relação com os pronomes *I* e *eu*, e estes são típicos do discurso de qualquer personagem, de tal forma que se fossem interpretados como nódulo de pesquisa acabariam por destacar a voz de Jane/Joanna, bem como a de muitos outros personagens, que se apropriassem da enunciação num momento específico de fala. Diante disso, as atividades de localização das falas de Jane/Joanna quando dialoga com Rochester e St. John/João e de classificação dos Participantes e Processos realizados por ela presentes nessas falas foram efetuadas manualmente.

A partir da localização, classificação e inserção de todos os Rótulos nos Participantes e Processos analisados, deu-se início a etapa de processamento do corpus.

---

<sup>124</sup> Considerando a afirmação de Kenny (1998, apud FERNANDES, 2004, p. 96) de que “o processamento através de um concordanceador corresponde à listagem de todas as ocorrências de um(a) tipo/nódulo/palavra-chave em um corpus”, pode-se concluir, portanto, que “a opção ‘Localizar todos no documento atual’” equivale a um tipo de ferramenta concordanceadora (ver subseção seguinte, Processamento do Corpus).

### 3.1.3 Processamento do Corpus

De acordo com Kenny (2001, apud FERNANDES, 2004, p. 96), um corpus isoladamente é de pouco uso prático se não comportar ferramentas que possibilitem pesquisar, analisar e catalogar a grande quantidade de dados que pode fornecer. Nesta pesquisa, o processamento do corpus analisado se dá, principalmente, através da utilização (i) de ferramentas concordanceadoras presentes no *software Notepad++* e no COPA-TRAD (FERNANDES e SILVA, 2013), e (ii) do *Microsoft Word*, de acordo com o explicitado nas subseções seguintes.

#### 3.1.3.1 Notepad++ e Microsoft Word: extração de dados do perfil ideacional

A extração dos dados para a análise do perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre se deu através da ferramenta ‘Localizar’ do *Notepad++*, que apresenta similaridade com o método concordanceador *Key Word in Context* (KWIC), no qual o *software* utilizado oferece uma lista de ocorrências do nóculo pesquisado, exibindo o seu cotexto imediato<sup>125</sup> (OLOHAN, 2004). Dessa forma, com os capítulos que compõem o recorte deste estudo em interface no *Notepad++*, já anotados com os Rótulos CROSF, efetuou-se a busca pelo nóculo ‘<0010’, comum a todos os Processos e Participantes analisados, conforme se observa na Figura 18:

---

<sup>125</sup> De acordo com Olohan (2004, p. 63), a exibição de um nóculo com o seu cotexto imediato é denominada “linha de concordância”.

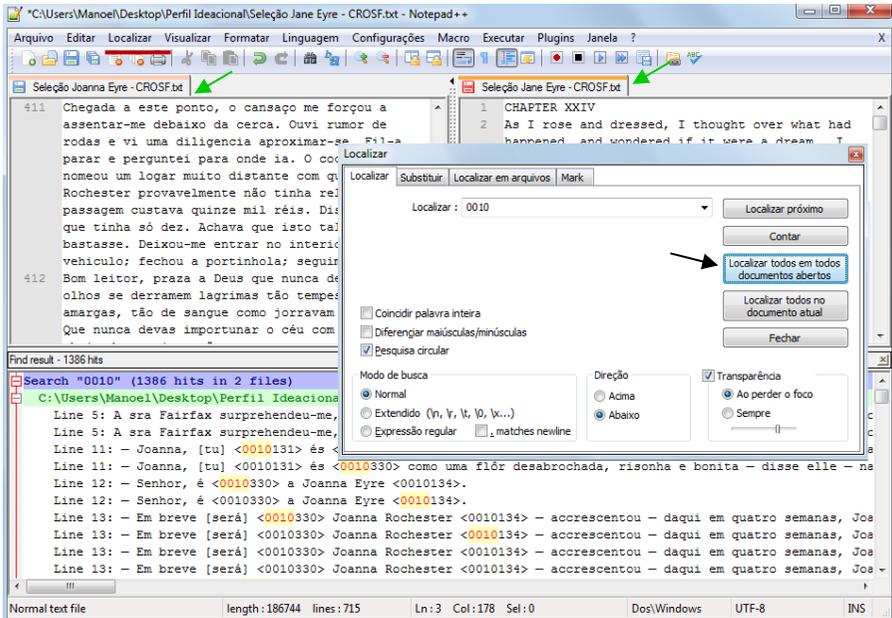


Figura 18 – Localização dos Processos Rotulados através do nódulo ‘<0010’

A Figura 18 ilustra como se deu a busca pelo nódulo ‘<0010’: através da ferramenta ‘Localizar’ (ativada com o clique no ícone de mesmo nome – realçado em vermelho – ou do atalho ‘ctrl + f’), selecionou-se a opção ‘Localizar todos em todos documentos abertos’ (destacada com a seta). Após esses comandos, o *software* oferece uma lista com todas as ocorrências do nódulo pesquisado nos arquivos que se encontram abertos no programa, neste caso, ‘Seleção Joanna Eyre – CROSF.txt’ e ‘Seleção Jane Eyre – CROSF.txt’ (destacados com as setas verdes). Essa lista aparece na parte inferior da tela e apresenta o quantitativo de ocorrências do nódulo pesquisado nos dois arquivos (1386, no total, grifados em azul na Figura 18); o número das linhas em que o nódulo está situado; e o contexto em que esse nódulo está inserido. Se uma linha apresenta mais de um Processo ou Participante analisados e, conseqüentemente, mais de um Rótulo <0010\*\*\*>, ela aparece na lista em quantidade equivalente ao número de Rótulos que possui, como ocorre com a Linha 11, que por apresentar 2 Rótulos, aparece 2 vezes. Além disso, no que diz respeito à sequência de exibição das ocorrências, o *software* exhibe primeiro todos os resultados referentes à retextualização (629, no total), por ser este o arquivo aberto em

primeiro lugar no software, seguidos pelas ocorrências do nóculo na textualização (757, no total).

Com as ocorrências dispostas em listas, utilizou-se o atalho ‘ctrl + a’, para efetuar a sua seleção integral, e deram-se os comandos ‘copiar’ (ctrl + c) e ‘colar’ (ctrl + v), para transferir as duas listas para o *Microsoft Word*. Com as listas inseridas em um arquivo ‘.docx’, excluam-se as linhas que apareciam repetidas em decorrência de possuírem mais de um Rótulo e coloriram-se as falas de cada personagem, conforme mostra a Figura 19:

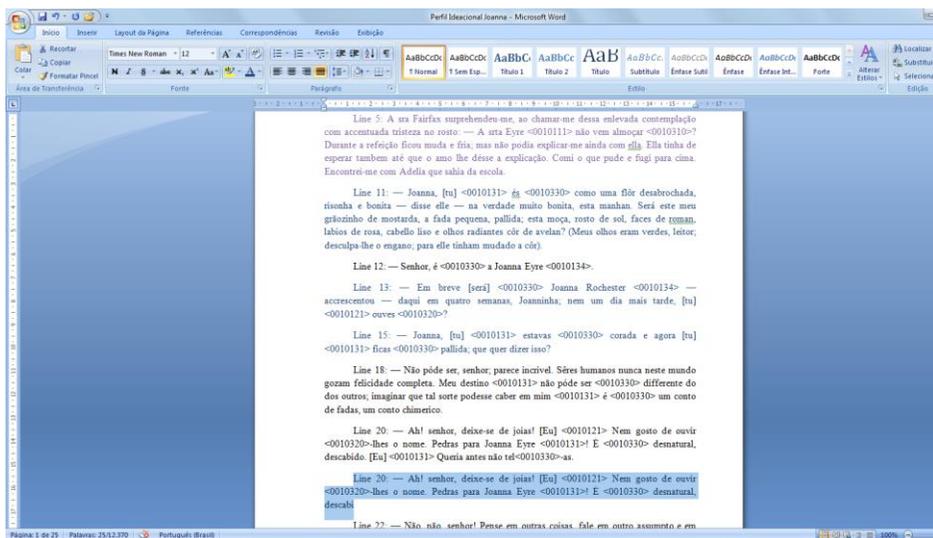


Figura 19 – Exclusão das linhas repetidas e coloração das falas dos personagens na retexualização

A atividade de coloração das falas foi executada para identificar quais tipos de Processos e Participantes são mais comuns na fala da protagonista (quando dialoga com Rochester e St. John) e na fala dos outros personagens ao se referirem a ela. Nesse cenário, as falas de Rochester são coloridas em azul; as falas de Jane/Joanna quando dialoga com Rochester, em preto; as falas de St. John, em vermelho; as falas de Jane/Joanna quando dialoga com St. John, em verde; e as falas de outros personagens são coloridas em roxo. O *Microsoft Word*, através da sua ferramenta ‘Localizar’, apresenta a possibilidade de se buscar somente por palavras ou códigos de uma determinada cor. Com isso, ao efetuar as análises é possível verificar, por exemplo, o quantitativo de Processos e

Participantes realizados pela protagonista no discurso de Rochester, bem como o quantitativo de cada tipologia de Processo e Participante. A Figura 20 mostra como efetuar essa busca:

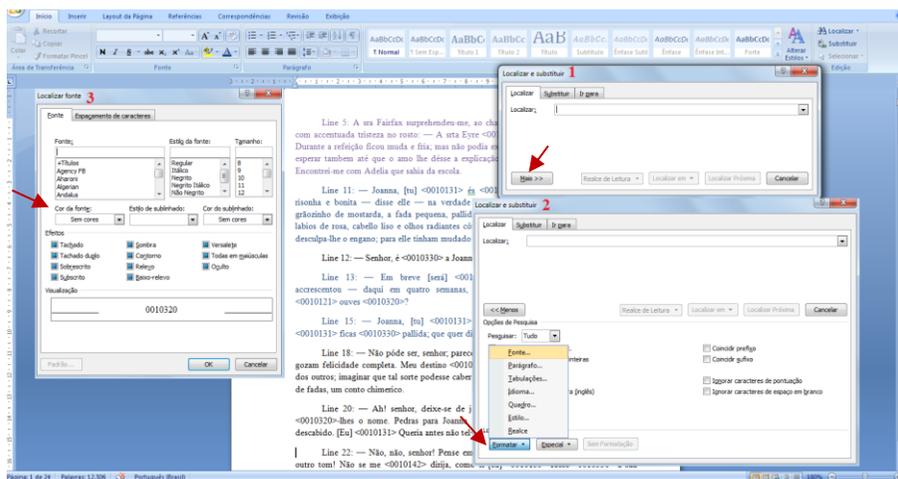


Figura 20 – Localização do nódulo/palavra-chave com cor diferente no Microsoft Word

Através do comando ‘Localizar’ do *Microsoft Word*, ativado com o atalho ‘ctrl l’, abre-se a ‘janela 1’, disposta no lado direito da Figura 20. Clica-se em ‘mais’ (ícone destacado com a seta vermelha), ampliando a ‘janela 1’, que assume a configuração da ‘janela 2’. Nessa janela, clica-se em Formatar (ícone destacado com a seta vermelha) → em Fonte (selecionado em amarelo), que ativa a ‘janela 3’, disposta no lado esquerdo da Figura 20. Seleciona-se a ‘cor da fonte’ desejada (ícone destacado com a seta vermelha) e o *software* localiza apenas as ocorrências do nódulo buscado nessa cor. Toda essa atividade de “selecionar, copiar, colar, transformar em arquivo ‘.docx’ e colorir as falas dos personagens” foi também realizada com a textualização para que, no momento das análises, fosse possível verificar se o perfil ideacional que emerge de ambos os textos é o mesmo ou se sofre alterações.

### 3.1.3.2 COPA-TRAD e Notepad++: extração de dados das omissões e da presença discursiva do tradutor

A extração dos dados para a análise da *presença discursiva do tradutor* de Joanna Eyre (1926) e das suas *omissões* em relação à textualização *Jane Eyre* (1897) se deu com o apoio do COPA-TRAD (FERNANDES e SILVA, 2013), corpus paralelo que dispõe de ferramentas computacionais online, hospedado no *website* <http://copa-trad.ufsc.br>, e do *software* Notepad++ (somente *parte* das análises das omissões). O COPA-TRAD apresenta 5 Subcorpora, a saber: COPA-LIJ (Corpus Paralelo de Literatura Infantil e Juvenil); COPA-TEL (Corpus Paralelo de Textos Literários); COPA-MDT (Corpus Paralelo de Meta-Discurso em Tradução); COPA-RAC (Corpus Paralelo de Resumos Acadêmicos); e o COPA-MUM (Corpus Paralelo de Multimodalidade). Os textos completos correspondentes à textualização e a retextualização desta pesquisa, já alinhados, foram inseridos no COPA-TEL, para serem processados através de um concordanceador paralelo bilíngue (no par linguístico inglês/português e português/inglês), denominado COPA-CONC, uma das ferramentas disponibilizadas no COPA-TRAD. Assim como no Notepad++, a busca por nódulos no COPA-CONC é efetuada através do método *Key Word in Context* (KWIC), como se vê na Figura 21:

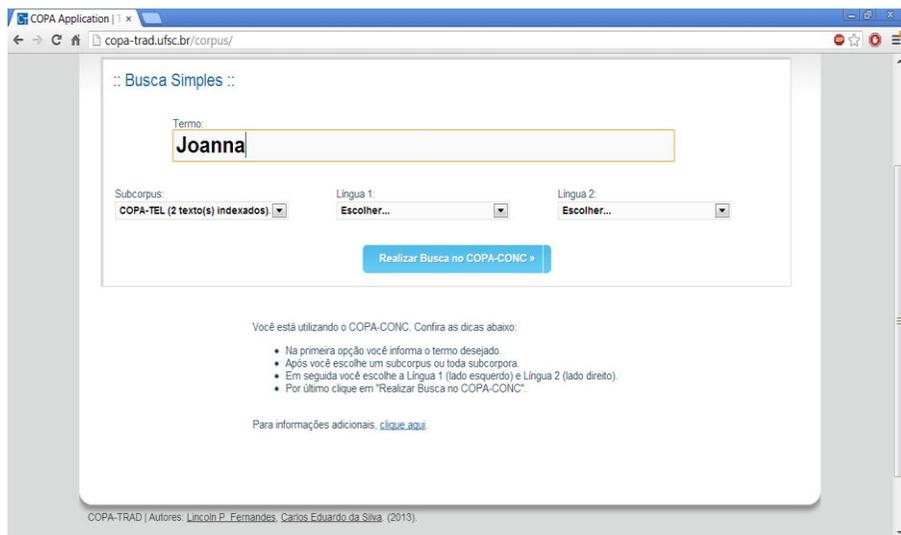


Figura 21 – Método de busca por nódulos no COPA-CONC

A Figura 21 mostra a configuração do COPA-CONC, que apresenta um campo com os dizeres ‘Termo’, para a entrada do nódulo buscado, e as opções de seleção do ‘Subcorpus’, da ‘Língua 1’ e da ‘Língua 2’, em que esse nódulo será pesquisado. No exemplo constante na Figura 21, efetua-se a localização do nódulo ‘Joanna’ e a seleção do subcorpus ‘COPA-TEL’, por ser o subcorpus que abriga a textualização e a retextualização aqui analisadas. Considerando que o nódulo pesquisado corresponde a um termo presente em *Joanna Eyre* (1926), o português representa a ‘Língua 1’ e o inglês a ‘Língua 2’. Caso se efetuasse a busca por uma palavra neste último idioma, ocorreria uma troca: o inglês passaria a ser a ‘Língua 1’ e o português a ‘Língua 2’. Isso ocorre, pois, conforme o mencionado, o COPA-CONC é um *concordanceador paralelo bilíngue*, tipo de concordanceador em que se obtêm todas as ocorrências do nódulo buscado *em disposição com as suas traduções*, isto é, as ocorrências do nódulo pesquisado são exibidas em linhas de concordância (ver nota 122) em interface com as ocorrências em linhas de concordância no outro idioma. A Figura 22 ilustra como os resultados do nódulo pesquisado são exibidos ao pesquisador:

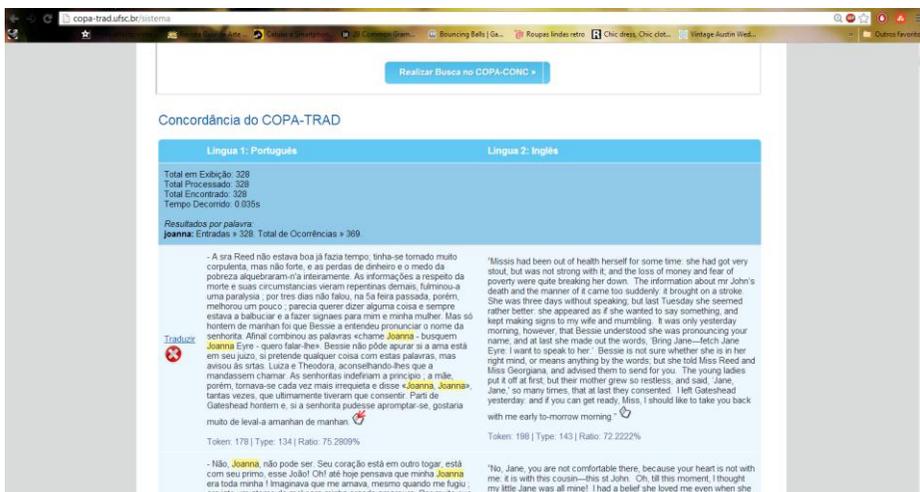


Figura 22 – Resultado da busca no COPA-CONC pelo nódulo ‘Joanna’

A Figura 22 evidencia que o COPA-CONC exhibe todos os parágrafos da retextualização que apresentam o nódulo pesquisado (‘Joanna’) destacado e cercado, à esquerda e à direita, pelo seu contexto. Esses parágrafos são dispostos em interface com os seus equivalentes na

textualização: procedimento que possibilita ao pesquisador verificar como um nóculo foi textualizado/retextualizado. A Figura 22 mostra, ainda, que ao lado de cada linha de concordância, com os textos dispostos nos dois idiomas, existe um ícone em formato circular com um X no seu interior . Esse ícone tem a função de excluir da exibição uma determinada linha de concordância, que por algum motivo o pesquisador não tenha interesse em analisar.

Com base no exposto na subseção 2.3.3 *Voz do Tradutor*, a investigação da presença discursiva do tradutor de *Joanna Eyre* (1926) é elaborada no seu paratexto ‘Prefácio’ e, sucintamente, nos capítulos que compõem o recorte deste estudo. O paratexto ‘Prefácio,’ composto por um texto relativamente pequeno que ocupa quatro páginas da retextualização, de 588 páginas, teve a sua análise efetuada manualmente. Isso se deve ao fato de que, nessa análise, não houve um nóculo específico a ser buscado em termos quantitativos, que justificasse o uso de ferramentas de corpus: aqui, foi feita uma análise de cunho qualitativo, na qual se observou o comportamento do tradutor à luz das categorias estabelecidas por Hermans (1996) e por mim. No que se refere à análise da voz do tradutor nos capítulos do recorte, procedeu-se, num primeiro momento, à localização manual de alguns itens de especificidade cultural (IEC) <sup>126</sup> durante a leitura da *retextualização* e, após, esses IECs foram inseridos como nósculos de busca no concordanceador paralelo bilíngue do COPA-TRAD, para serem processados e comparados com a textualização. De acordo com Aixelá (1996, p. 59), os IECs, tipicamente, pertencem a duas categorias: nomes próprios e expressões comuns (objetos, instituições, hábitos e opiniões restritas a uma cultura e que não se enquadram na categoria ‘nomes próprios’). Nesta pesquisa, efetuou-se a localização de todos os nomes próprios (de personagens e lugares), pois estes são o indicativo principal que os leitores brasileiros têm dessa outra presença discursiva nos capítulos de recorte.

Com relação às omissões, o Processo de sua identificação teve início já na etapa de alinhamento do corpus no *Notepad++*. Sempre que um parágrafo ou parte de um parágrafo da textualização não possuía equivalente traduzido, usava-se o comando ‘*enter*’ na retextualização para demarcar a omissão, como se observa na Figura 23:

---

<sup>126</sup> De acordo com Aixelá (1996, p. 58), IECs correspondem a “itens de um texto-fonte cujas funções e conotações envolvem um problema de tradução na sua transferência para um texto-alvo”.

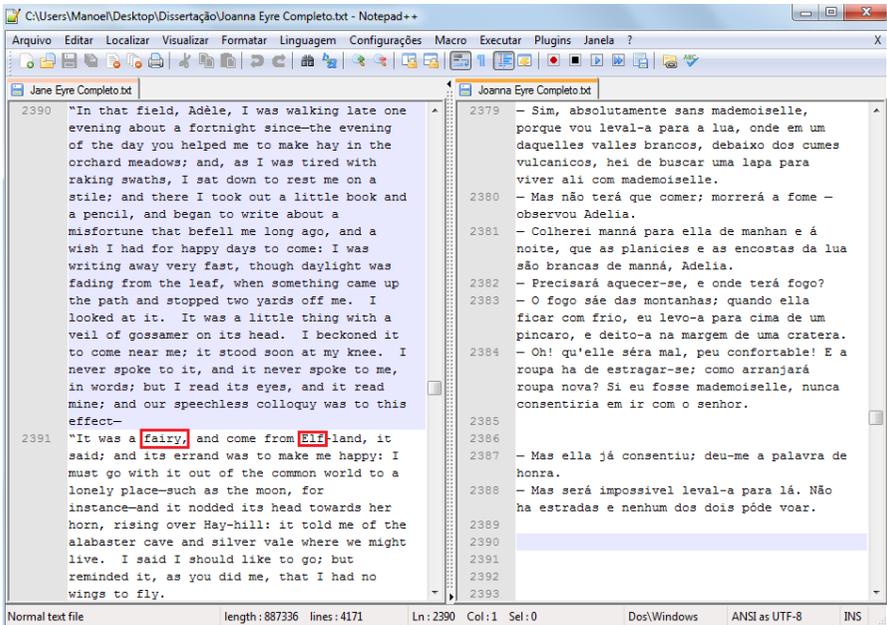


Figura 23 – Localização das omissões durante a etapa de alinhamento

A Figura 23 ilustra, por exemplo, que as linhas 2385, 2386, 2389, 2390, 2391, 2392 e 2393 foram omitidas na retextualização. Observou-se, também, durante o alinhamento, que muitos dos parágrafos omitidos continham nomes de seres fantásticos e sobrenaturais, como acontece na linha 2391, com os termos ‘*fairy*’ e ‘*elf*’ (destacados em vermelho), ou ‘termos problemáticos’ para o CC em que se elaborou a retextualização. Cumpre explicar que, a categoria ‘termos problemáticos’ foi criada para esta pesquisa para encapsular aqueles termos de conteúdo religioso (como *Christian*, *demon*) que potencialmente acarretariam um problema de tradução, sobretudo em função da censura. Dessa forma, efetuou-se o levantamento de todos ‘os nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e desses ‘termos problemáticos’ presentes nos capítulos de recorte, transformando-os em nóculo de pesquisa no COPA-CONC, com a finalidade de se verificar se em todas as ocorrências destes, *em todo o corpus*, o comportamento do tradutor foi o de omiti-los. Os parágrafos/excertos omitidos que não continham essas especificações (nos capítulos de recorte) foram analisados manualmente, no próprio *Notepad++*. Para facilitar a sua localização, inseriu-se nos trechos omitidos do arquivo (.txt) do recorte da retextualização (ver Nota 119),

já anotado com a Rotulação CROSF, a tag <Omissão> e, através do atalho ‘ctrl +f’, buscou-se por essa tag, conforme mostra a Figura 24:

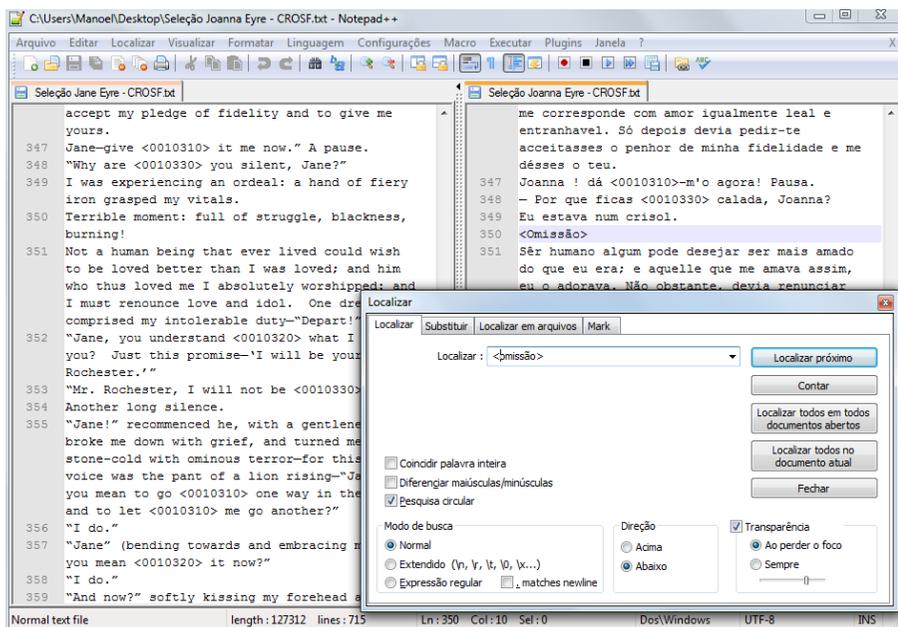


Figura 24 – Localização da tag <Omissão>

Concluído o processamento do corpus desta pesquisa, passa-se para a explicitação dos procedimentos para análise dos dados.

### 3.2 Procedimentos para Análise

Esta seção subdivide-se em dois eixos: Procedimentos para Análise do Perfil Ideacional da Personagem Jane/Joanna Eyre (3.2.1) e Procedimentos para Análise do Contexto de Cultura: Presença Discursiva do Tradutor e Omissões do Tradutor (3.2.2), que passam a ser discutidos.

### 3.2.1 Procedimentos para Análise do Perfil Ideacional da Personagem Jane/Joanna Eyre

#### 3.2.1.1 A definição da cadeia coesiva ligada aos nódulos Jane/Joanna Eyre e das falas de Jane/Joanna Eyre como objetos de análise

Durante o desenho e a construção do corpus desta dissertação, constatou-se que os nomes e apelidos atribuídos à personagem que aqui se investiga apareciam em quantidade suficiente (218, cf. subseção 3.1.2.3) para que se analisasse, a partir deles, o seu perfil ideacional. Somado a isso, a busca pelos nódulos ‘Jane’, ‘Jane Eyre’, ‘Janet’, ‘Miss Eyre’, ‘Joanna’, ‘Joanna Eyre’, ‘Joanninha’ e ‘Srta Eyre’ parecia mais adequada para fins de delimitação do escopo deste estudo. No entanto, verificou-se que das 218 ocorrências desses nódulos localizadas no corpus, apenas 33 eram passíveis de análise, ou seja, 15% do total. Isso ocorreu, pois, tipicamente, esses nódulos atuam como Vocativo nos excertos selecionados, não fazendo parte da configuração Processo + Participante + Circunstância, impossibilitando a sua análise neste estudo, como mostram os exemplos:

(a) **Rochester:** *Jane, you look blooming, and smiling, and pretty, said he: truly pretty this morning.*

(b) **Rochester:** *Why, Jane, what would you have?*

(c) **Rochester:** *Joanna, [tu] já ouviste dizer que não sou o filho mais velho de nossa casa?*

(d) **João:** *Joanna, venha [você] comigo para as Índias; venha [você] como minha auxiliadora, minha companheira de trabalho.*

Os exemplos apresentados ilustram que, em nenhum caso, o nódulo Jane/Joanna faz parte da oração que o sucede. Em (a) e (b) o Participante identificado é *you*; em (c) *tu*; e em (d) *você*. Diante disso, concluiu-se que para investigar o perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre, nos termos dos Participantes e Processos de Transitividade, seria necessário traçar a *cadeia coesiva* ligada à protagonista, tornando objeto de análise, também, outros elementos, como *you/tu*, *você*, *darling/querida*, *your forehead/tua testa*, etc., utilizados em referência a ela. Deve-se ressaltar ainda que, apesar de os nódulos ‘Jane’, ‘Jane Eyre’, ‘Janet’, ‘Miss Eyre’, ‘Joanna’, ‘Joanna Eyre’, ‘Joanninha’ e ‘Srta Eyre’ não participarem, tipicamente, da configuração Participante +

Processo + Circunstância, atuaram nesta pesquisa como ‘nódulos de busca’ (cf. 3.1.2.3), isto é, através deles, foi possível *localizar e delimitar quais falas de outros personagens seriam investigadas e analisadas*, como demonstram os exemplos citados acima, que apresentam pelo menos um desses nódulos em seu interior.

Além disso, observou-se que investigar meramente como se elaborava a representação de Jane/Joanna na fala de outros personagens não parecia dar conta do levantamento do seu perfil ideacional. Conforme o explicitado na subseção 3.1.1.3.1, a textualização é um tipo de autobiografia ficcional e, assim sendo, apresenta em grande quantidade a presença discursiva da personagem que dá título ao romance. Dessa forma, decidiu-se focar a atenção, também, na sua voz. Com isso, identificaram-se os trechos em que Jane/Joanna apresenta um comportamento mais transgressor (em relação ao comportamento tipicamente esperado de mulheres no século XIX), o que ocorria, tipicamente, nos seus diálogos com os personagens Rochester e St. John/João e analisaram-se *os Participantes e os Processos realizados por ela, presentes na sua fala*.

Neste trabalho considerou-se, nas análises, a sentença como unidade ortográfica, a partir da definição de sentença oferecida por Halliday e Matthiessen (2004, p. 6) “começando com uma letra maiúscula e terminando com ponto final [ou exclamação ou interrogação]”. Assim, ao efetuar-se a localização dos excertos que continham os nódulos ‘Jane’, ‘Jane Eyre’, ‘Janet’, ‘Miss Eyre’, ‘Joanna’, ‘Joanna Eyre’, ‘Joanninha’ e ‘Srta Eyre’, elaborou-se a análise dos Participantes e Processos realizados pela protagonista, sendo o final do objeto de análise demarcado por ‘./?!’, como se verifica nos exemplos:

(a) **Jane**, **you** <0010122> **please** <0010320> **me**, and **you** <0010122> **master** <0010320> **me**—**you** <0010111> **seem to submit** <0010310>, and I like the sense of pliancy **you** <0010111> **impart** <0010310>; and while I am twining the soft, silken skein round my finger, it sends a thrill up my arm to my heart.

(b) **You** <0010133> **are** <0010330> *welcome to all my confidence that is worth having*, **Jane**; but for God’s sake, [**you**] <0010121> *don’t desire* <0010320> *a useless burden!*

(c) **Joanna**, [**tu**] <0010131> *estavas* <0010330> *corada e agora* [**tu**] <0010131> *ficas* <0010330> *pallida*; *que quer dizer isso?*

(d) **Joanna!** [**Joanna**] <0010111> *dá* <0010310> *-m'o agora!*

Nos exemplos (a), (b) e (c), os demarcadores do final da análise correspondem ao ponto final, ao ponto de exclamação e ao ponto de interrogação, respectivamente. No entanto, em (d), o primeiro sinal de exclamação não indica o final da sentença, mas a surpresa/exaltação do interlocutor da mensagem, sendo inclusive sucedido por palavra em letra minúscula (*dá*), e, por isso, prosseguiu-se com a análise dos Participantes e Processos até que se chegasse ao segundo ponto de exclamação.

Com relação às falas de Jane/Joanna Eyre quando dialoga com Rochester e St. John/João, procedeu-se à sua análise integral, isto é, a análise dos Participantes e Processos termina apenas quando Jane/Joanna conclui a sua fala, como se observa nos exemplos:

(e) *Is it, sir? You soon give in. How stern you look now! Your eyebrows have become as thick as **my finger** <0010134>, and your forehead resembles what, in some very astonishing poetry, **I** <0010121> once **saw** <0010320> styled, 'a blue-piled thunderloft.' That will be your married look, sir, **I** <0010121> **suppose** <0010320>?*

(f) — *De maneira alguma. [**Eu**] <0010141> **peço** <0010340> só que não mande vir as jóias e que não me corê de rosas <0010143>; seria como bordar a ouro este lenço ordinario.*

A subseção seguinte recapitula *os diferentes tipos de Processos e Participantes existentes na LSF*, utilizados na classificação dos excertos analisados no corpus desta pesquisa.

### 3.2.1.1.1 A classificação dos Participantes e Processos

De acordo com o explicitado na subseção anterior e, com base nos exemplos nela contidos, as especificidades das orações Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais, percorridas no Referencial Teórico desta pesquisa, são utilizadas para a classificação dos tipos de Participantes e Processos realizados pela protagonista em suas falas ao dialogar com Rochester e St. John/João e nas falas de outros personagens (Rochester, St. John/João e outros personagens menores). Isso significa dizer que nas orações analisadas é Jane/Joanna quem *faz*, quem *sente*, quem *é relacionada* com algo, quem *fala*, quem *se comporta*. Com o objetivo de relembrar os diferentes tipos de Participantes e Processos existentes na LSF (cf. HALLIDAY e

MATTHIESSEN, 2004), utilizados para classificação e anotação, com os Rótulos CROSF, do corpus analisado, apresenta-se o Quadro 7:

Quadro 7 – Diferentes tipologias de Processos e Participantes utilizados para a análise e anotação do corpus

<b>Tipo de PROCESSO</b>	<b>Descrição</b>	<b>Rótulo CROSF</b>
<b>Material</b>	<i>representa a experiência externa relacionada a ações e a eventos: coisas acontecem, e pessoas fazem coisas, ou as fazem acontecer.</i>	<0010310>
<b>Mental</b>	<i>representa a experiência interna relacionada ao nosso mundo de consciência, percepção, emoção e imaginação.</i>	<0010320>
<b>Relacional</b>	<i>representa a relação entre um fragmento de experiência a outro através da classificação e identificação.</i>	<0010330>
<b>Verbal</b>	<i>representa as relações simbólicas construídas na consciência humana e manifestadas através da linguagem, como dizer e significar.</i>	<0010340>
<b>Comportamental</b>	<i>representa as manifestações externas de funcionamentos internos, a expressão em ações de Processos de consciência e estados fisiológicos.</i>	<0010350>
<b>Existencial</b>	<i>representa a existência de um fenômeno.</i>	<0010360>
<b>Tipo de PARTICIPANTE</b>	<b>Descrição</b>	<b>Rótulo CROSF</b>
<b>Ator</b>	<i>Participante que realiza o desdobramento do Processo através do tempo.</i>	<0010111>
<b>Meta</b>	<i>Participante que sofre a ação realizada pelo Ator.</i>	<0010112>
<b>Recebedor</b>	<i>Participante que representa a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada.</i>	<0010113>
<b>Cliente</b>	<i>Participante que se beneficia do Processo através da transferência de bens.</i>	<0010114>
<b>Escopo</b>	<i>Participante que expressa o domínio sobre o qual repousa o Processo ou constrói o próprio Processo</i>	<0010119>
<b>Experienciador</b>	<i>Participante que sente, pensa, deseja</i>	<0010121>

	<i>ou percebe o Processo Mental.</i>	
<b>Fenômeno</b>	<i>Participante que representa aquilo que é sentido, desejado ou percebido.</i>	<0010122>
<b>Portador</b>	<i>Participante que porta um Atributo.</i>	<0010131>
<b>Atributo</b>	<i>Participante que realiza a função de Atributo.</i>	<0010132>
<b>Identificado</b>	<i>Participante que é Identificado.</i>	<0010133>
<b>Identificador</b>	<i>Participante que realiza a função do elemento utilizado para identificar.</i>	<0010134>
<b>Dizente</b>	<i>Participante que realiza Processos de dizer.</i>	<0010141>
<b>Receptor</b>	<i>Participante a quem a mensagem é dirigida.</i>	<0010142>
<b>Verbiagem</b>	<i>Participante que representa o que é dito.</i>	<0010143>
<b>Alvo</b>	<i>Participante que realiza a entidade que é construída como o alvo do Processo de dizer.</i>	<0010144>
<b>Comportante</b>	<i>Participante que se comporta.</i>	<0010151>
<b>Existente</b>	<i>Participante que existe.</i>	<0010161>

Assim, os Processos Materiais (aparecer, acontecer, fazer, levar, etc.) recebem o Rótulo <0010310>; os Processos Mentais (compreender, amar, acreditar, esquecer, etc.) recebem o Rótulo <0010320>; os Processos Relacionais (ser, ter, parecer, significar, etc.) recebem o Rótulo <0010330>; os Processos Verbais (dizer, falar, elogiar, lisonjear), os Processos Comportamentais (cantar, sorrir, tagarelar, respirar, etc.) recebem o Rótulo <0010350>; e os Processos Existenciais (existir, situar-se, localizar-se, etc.) recebem o Rótulo <0010360><sup>127</sup>. No que se refere aos Participantes, quando participam de Orações Materiais, podem assumir os Rótulos <0010111> (Ator), <0010112> (Meta), <0010113> (Recebedor), <0010114> (Cliente), e <0010119> (Escopo); de Orações Mentais, <0010121> (Experienciador), e <0010122> (Fenômeno); de Orações Relacionais, <0010131> (Portador), <0010132> (Atributo), <0010333> (Identificado), e <0010134> (Identificador); de Orações Verbais, <0010141> (Dizente), <0010142> (Receptor), <0010143> (Verbiagem), e <0010144> (Alvo), de Orações Comportamentais, <0010151> (Comportante); e de Orações Existenciais, <0010161> (Existente).

<sup>127</sup> Este Rótulo não aparece nas análises, tendo em vista que não há a ocorrência de Processos Existenciais relacionados à Jane/Joanna Eyre.

A subseção seguinte informa os procedimentos para a análise dos grupos verbais complexos, isto é, orações com dois ou mais Processos.

### 3.2.1.1.2 A análise dos grupos verbais complexos

Com certa frequência no corpus, aparecem excertos com orações que apresentam dois grupos verbais, como demonstram os exemplos:

- (a) — *Ah! senhor, deixe-se de joias! [Eu] <0010121> **Nem gosto de ouvir** <0010320>-lhes o nome.*
- (b) — *[Eu <0010111>] Só **quero guardar** <0010310> meu espirito desafogado, senhor; não oprimido por obrigações.*
- (c) *This is what I <0010141> **have to ask** <0010340>,—Why did you take such pains to make me believe you wished to marry Miss Ingram <0010143>?”*
- (d) *“It is useless [for me <0010111>] **to attempt to conciliate** <0010310> you: I <0010121> see <0010320> I have made an eternal enemy of you <0010122>.”*

Todos os exemplos fornecidos apresentam orações (destacadas em negrito), com um único elemento atuando como Processo. No entanto, esse elemento é realizado por um grupo verbal complexo (sublinhado): em (a) o complexo é realizado pelo grupo verbal *gostar e ouvir*; em (b) o complexo é realizado pelos grupos verbais *querer e guardar*; em (c) o complexo é realizado pelos grupos verbais *have* e *ask* em (d) o complexo é realizado na oração pelos grupos verbais *attempt* e *conciliate*. De acordo com Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 117), em uma análise da Transitividade, o segundo grupo verbal é aquele que desempenha papel relevante para a classificação do tipo de Processo. Dessa forma, o grupo verbal complexo *gosto de ouvir* (a) representa um Processo Mental; o grupo verbal complexo *quero guardar* (b) representa um Processo Material; o grupo verbal complexo *have to ask* (c) representa um Processo Verbal; e o grupo verbal complexo *to attempt to conciliate* (d) representa um Processo Material.

A subseção seguinte apresenta os procedimentos adotados para a análise das orações projetadas.

### 3.2.1.1.3 A análise das orações projetadas

Conforme o discutido na subseção 2.2.2.2, orações Mentais podem projetar, em uma nova oração, aquilo que é sentido, desejado ou percebido; o mesmo ocorre em orações Verbais (cf. subseção 2.2.2.4), em que o conteúdo do Processo Verbal pode ser projetado em uma nova oração (cf. MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997). Embora Martin, Matthiessen e Painter (1997) elaborem essa interpretação, nesta pesquisa, tomou-se a decisão metodológica de considerar as orações projetadas de Processos Mentais e Verbais – que apresentam em seu interior algum elemento ligado à cadeia coesiva relativa à protagonista – como Fenômeno e Verbiagem, respectivamente. Essa decisão metodológica foi tomada por acreditar-se aqui que a interpretação dessas orações como um novo Processo levaria à construção de um perfil ideacional não condizente com a realidade dos textos, como mostram os exemplos abaixo:

(a)

*Antes tomára [eu <0010121>] ver <0010320> o sr Rochester ataviado de lentejoulas e berloques de palhaço do que [eu] vestir roupagens de dama da corte <0010122>; [...]*

(b)

*[Eu <0010141>] Peço <0010340> só que não mande vir as joias e que não me corôe de rosas <0010143>; seria como bordar a ouro este lenço ordinario.*

Em (a), a oração “[eu] vestir roupagens de dama da corte”, que apresenta em seu interior um grupo nominal (eu) ligado à cadeia coesiva relativa à Joanna, não é interpretada como construindo um Processo Material, pois a protagonista não realiza essa ação: a ação é projetada como algo que a protagonista preferiria “ver”, ou seja, o Fenômeno. Em (b), algo similar ocorre: a oração “que não me corôe de rosas” representa parte do que é “pedido” pela protagonista, a Verbiagem.

Nesse cenário, todas as orações projetadas de Processos Mentais e Verbais analisadas são interpretadas como Fenômeno e Verbiagem, respectivamente, para se manter a coerência nas análises.

A subseção seguinte apresenta os procedimentos para a análise da Substituição e da Elipse em relação ao grupo nominal, ao grupo verbal e à oração.

3.2.1.1.4 A análise da Substituição e da Elipse em relação ao grupo nominal, ao grupo verbal e à oração

Conforme o exposto na subseção 2.2.3.3, a Coesão pode ser efetuada através da Substituição e da Elipse em relação ao *grupo nominal*, ao *grupo verbal* ou à *oração*. Como nesta pesquisa se elabora o traçado da cadeia coesiva referente à protagonista, tomou-se a decisão metodológica de resgatar o elemento substituído ou suprimido, conforme os exemplos abaixo mostram:

<i>Em Relação ao Grupo Nominal</i>	
<i>Substituição</i>	<i>Elipse</i>
(a) “I am not <b>an angel</b> ,” I asserted; “and I will not be <b>one</b> till I die: I will be myself. Mr Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me—for you will not get it, any more than I shall get it of you: which I do not at all anticipate.” <sup>128</sup>	(b) — <b>Joanna</b> , [Ø: <b>tu</b> ] <0010131> <i>estavas corada e agora [Ø: <b>tu</b>] &lt;0010131&gt; ficas pallida; que quer dizer isso?</i>
<i>Em relação ao Grupo Verbal</i>	
<i>Substituição</i>	<i>Elipse</i>
(c) <u>Rochester</u> : “Jane, do you<0010111> <b>mean to go</b> <0010310> one way in the world, and to let me go another?” <u>Jane</u> : “I <0010111> do [ <b>mean to go</b> ] <0010310>.”	(d) <u>Rochester</u> : — Neste caso, <b>dize</b> -mo aberta e claramente; não me poupes! <u>Joanna</u> : — [Ø: <b>Eu</b> ] <0010141> não posso [Ø: <b>dizer</b> ] <0010340>, estou cansada e doente.
<i>Em relação à Oração</i>	
<i>Substituição</i>	<i>Elipse</i>
(e) <u>Jane</u> : We were born to strive and endure—you as well as I <0010131> do so [ <b>was</b> <0010330> <b>born to strive and endure</b> ].	(f) <u>Rochester</u> : — Por que, Joanna? Mas quero poupar-te o incommodo de falar muito. Vou responder por ti: é porque já tem mulher, dirias; acertei? <u>Jane</u> : — Sim [ <b>Eu</b> <0010141> <b>diria</b> <0010340> <b>que é porque já tem mulher</b> ].

<sup>128</sup> O item (d) é aqui apresentado para demonstrar o que ocorre no corpus desta pesquisa no que se refere à substituição de um grupo nominal: neste caso, o elemento *one* substitui *an angel*, porém ambos não constroem a cadeia coesiva ligada à protagonista e, por isso, não são analisados.

Conforme se observa nos exemplos (b), (c), (d), (e) e (f) todos os elementos resgatados, *sublinhados*, auxiliam na construção do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre e, por esta razão, são analisados no corpus desta pesquisa. Em (b) o grupo nominal elíptico [tu] se relaciona a Joanna; em (c) o elemento ‘do’ substitui o grupo verbal [*mean to go*] realizado por Jane; em (d) o grupo nominal elíptico [Eu] se relaciona a Joanna e o grupo verbal elíptico [dizer] é realizado por ela; em (e) a oração substituída por ‘so’, [*was born to strive and endure*] apresenta o grupo verbal ‘be’ que é realizado por Jane; em (f) o elemento ‘Sim’ encapsula o significado da oração elíptica [*eu diria que é porque já tem mulher*], que apresenta o grupo nominal ‘eu’ e o grupo verbal ‘dizer’, realizado por Joanna.

### 3.2.1.2 Traçado do Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre a partir dos padrões emergentes

Com a classificação dos Participantes e dos Processos realizados por Jane/Joanna Eyre em sua fala e na fala de outros personagens, inicia-se a comparação dos resultados obtidos na textualização e na retextualização. Num primeiro momento, enfoco o meu olhar na análise isolada de cada personagem, isto é, (i) na representação que Rochester elabora da protagonista; (ii) na representação que a protagonista elabora de si mesma ao dialogar com Rochester; (iii) na representação que St. John/João elabora da protagonista; (iv) na representação que a protagonista elabora de si mesma ao dialogar com St. John/João; e (v) na representação que os outros personagens menores elaboram da protagonista. Num segundo momento, enfoco o meu olhar no perfil ideacional geral que emerge de Jane/Joanna Eyre em ambos os textos.

Por meio dos arquivos ‘.docx’ com as falas de cada personagem coloridas de uma cor específica (ver subseção 3.1.3.1), efetua-se uma *análise quantitativa* dos dados, verificando-se a quantidade de Processos e Participantes analisados nas falas de cada personagem, bem como o quantitativo geral de Processos e Participantes nos capítulos investigados de *Jane Eyre* (1897) e de *Joanna Eyre* (1926). Esses procedimentos de análise comparativa dos resultados da textualização e da retextualização, nos quais se elabora também a interpretação desses resultados (*análise qualitativa*), são efetuados em relação à construção elaborada por cada personagem, bem como em relação ao perfil ideacional geral que emerge. A partir de todo esse levantamento – as particularidades dos Processos e Participantes analisados – faz-se o traçado do perfil ideacional da personagem aqui investigada.

### *3.2.2 Procedimentos para a Análise do Contexto de Cultura: Presença Discursiva do Tradutor e Omissões do Tradutor*

Esta subseção subdivide-se em ‘Procedimentos para Análise da Presença Discursiva do Tradutor’ e ‘Procedimentos para Análise das Omissões do Tradutor’. Justifica-se a localização desses aspectos na presente subseção pelo fato de que os conceitos de voz do tradutor, patronato e (auto-) censura foram sugeridos pela Banca de Qualificação (cf. 2.3) como componentes do Contexto Cultura (cf. HALLIDAY, 1978, p. 69), uma vez que estão diretamente ligados aos contextos de produção e recepção da obra analisada.

#### 3.2.2.1 Procedimentos para Análise da Presença Discursiva do Tradutor: Voz do Tradutor

##### 3.2.2.1.1 A definição do paratexto ‘Prefácio’ e dos Itens de Especificidade Cultural como objeto de análise

De acordo com o mencionado no Referencial Teórico e aqui na Metodologia, a investigação da presença discursiva do tradutor de Joanna Eyre é efetuada em dois momentos: em seu paratexto ‘Prefácio’ e, de forma mais *sucinta*, nos capítulos que compõem o corpus analisado. No que se refere ao “Prefácio do Tradutor”, a sua definição como objeto de análise parece um tanto óbvia se considerarmos que nessa modalidade de paratexto a voz do tradutor “surge como uma presença discursiva à parte [daquela do autor]” (HERMANS, 1996, p. 44), sendo, dessa forma, mais perceptível ao leitor. Somado a isso, chama a atenção a redação do ‘Prefácio’ do tradutor de *Joanna Eyre*, cujo conteúdo difere da descrição sugerida por Maier a respeito das informações que, tipicamente, são fornecidas nesse tipo de paratexto: “prefácios e anotações de tradutores oferecem observações importantes a respeito *da prática de tradução*” (apud BAKER e SALDANHA, 1998, p. 237, grifos meus), isto é, nesses paratextos, majoritariamente, os tradutores discorrem sobre as estratégias tradutórias utilizadas para a realização do seu trabalho, visando conscientizar os leitores e defender-se de eventuais críticas às quais a tradução estivesse suscetível a receber. Esse procedimento, no entanto, é realizado pelo tradutor de *Joanna Eyre* apenas no último parágrafo do seu ‘Prefácio’: o tradutor expõe, por exemplo, que decidiu manter o estilo “schillerizado” da escritora Charlotte Brontë e que, na segunda metade do livro, cortou

“desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final” (BRONTË, 1926, p. 8, tradutor não informado). Nos outros 09 parágrafos anteriores, ele denuncia a censura que sofreu a textualização, no Brasil; defende a personagem Joanna Eyre e a leitura do romance; e insere explicações para o público-alvo, informando, por exemplo, que na igreja protestante, ao contrário da católica, os clérigos podem se casar, justificando, assim, o pedido de casamento feito a Joanna pelo clérigo João.

No que se refere à definição dos IECs correspondentes aos nomes próprios (de personagens e lugares) e das expressões típicas do contexto brasileiro como objeto de análise, sua seleção se deve ao fato de que nos capítulos aqui analisados o tradutor não insere N.T. (Notas do Tradutor) ou informações adicionais no corpo do texto de tal modo que a sua presença discursiva, na maioria das situações, fica encoberta pela voz narrativa (cf. HERMANS, 1996). Nesse sentido, os nomes próprios traduzidos são o indício mais concreto a que os leitores têm acesso de uma outra voz “surgindo das sombras” (cf. HERMANS, 1996), interferindo na narrativa, e de que aquilo que leem é, de fato, uma tradução. Diante disso, julgou-se que a análise desses IECs daria conta da investigação da presença discursiva do tradutor nos capítulos que compõem o corpus desta pesquisa.

### 3.2.2.1.2 A classificação da presença discursiva do tradutor

A presença discursiva do tradutor em seu paratexto ‘Prefácio’ e nos capítulos XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV é analisada com base nos três casos de “voz do tradutor” descritos por Hermans (1996), acrescidos por um quarto *tipo de caso* inserido por mim (cf. 2.3.3), que emerge das análises aqui feitas no estudo piloto. Com o objetivo de relembrar as diferentes tipologias de presença discursiva do tradutor, utilizadas nesta pesquisa, apresenta-se o Quadro 8:

Quadro 8 – Tipos de casos de presença discursiva do tradutor utilizados nesta pesquisa

<b>Tipo de caso de voz do tradutor</b>	<b>Explicação</b>
(i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco.	Corresponde às situações que apresentam certas referências ao contexto do texto-fonte que tornam necessária a intervenção do tradutor, adicionando mais informações para

	garantir a compreensão da mensagem pelo leitor da cultura-alvo, como ocorre, por exemplo, nas notas de tradutor e em outros paratextos.
(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.	Corresponde às situações em que o texto é caracterizado por termos considerados intraduzíveis, tais como trocadilhos ou polissemias, típicos de linguagem literária.
(iii) casos em que ocorre ‘sobredeterminação contextual’ - ‘contextual overdetermination’.	Corresponde às situações envolvendo sentenças que criam uma “lacuna de credibilidade” que os leitores podem apenas solucionar ao se lembrarem de que estão lendo uma tradução.
(iv) <i>casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.</i>	<i>Corresponde às situações que sugerem um ‘posicionamento político’ do tradutor em seu paratexto ‘Prefácio’ diante da censura de sua época.</i>

A **voz do tradutor** de *Joanna Eyre* (1926) é classificada nas análises de acordo com as categorias visualizadas no Quadro 9 para cada um dos quatro tipos de presença discursiva e contabilizada da seguinte forma: no Prefácio, a análise é elaborada parágrafo a parágrafo, isso implica em dizer que em cada um desses parágrafos observo quais categorias de ‘voz do tradutor’ emergem; nos capítulos de recorte, a análise é elaborada em relação aos nomes próprios de personagens e de localidades como um todo e em relação a alguns nomes próprios de personagens específicos, isso implica em dizer que observo quais categorias de ‘voz do tradutor’ emergem em cada uma dessas situações em particular.

### 3.2.2.2 Procedimentos para Análise das Omissões do Tradutor: Patronato e (Auto-) Censura

#### 3.2.2.2.1 A definição do objeto de análise

O procedimento para a definição de qual seria o objeto de análise das omissões do tradutor não se limitou *apenas* à localização dos parágrafos da textualização que não foram traduzidos para o português brasileiro. A esse procedimento óbvio, somou-se uma segunda etapa calcada na existência (ou não) de um padrão nos casos de omissão. Assim, quando se efetuou o alinhamento de ambos os textos, buscou-se verificar se esses parágrafos omitidos apresentavam algum padrão entre si, ou seja, se eles possuíam determinadas características que os tornassem mais suscetíveis a serem suprimidos da retextualização. A partir dessa primeira análise, observou-se, por exemplo, que muitos desses excertos continham ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ ou ‘termos problemáticos’ para o CC para o qual *Joanna Eyre* (1926) foi traduzido (cf. 3.1.1.3.3). Dessa forma, efetuou-se o levantamento de todos os ‘*nomes de seres fantásticos e sobrenaturais*’ e desses ‘*termos problemáticos*’, que se referiam, tipicamente, a expressões que fazem parte do ‘contexto religião’, chegando-se aos nódulos inseridos no Quadro 9:

Quadro 9 – ‘Nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’ do contexto religião

<b>Nódulos identificados na textualização</b>	
<b>‘Nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’</b>	- <i>fairy</i> ; - <i>elf</i> ; - <i>goblin</i> .
<b>‘Termos problemáticos’</b>	- <i>Christian</i> ; - <i>demon</i> .

Esses nódulos foram também definidos como objeto de análise, com o intuito de verificar se em todas as ocorrências desses em todo o corpus a estratégia adotada pelo tradutor foi a da omissão ou se outras estratégias foram empregadas por ele. Este procedimento adicional permite uma abordagem quantitativa em relação às omissões.

Cumpra mencionar ainda que, na discussão das omissões no próximo Capítulo, ofereço a tradução de *Jane Eyre* (2010), de autoria de Doris Goettems (Landmark), para amparar alguns de meus argumentos e

para fins de comparação com o comportamento linguístico adotado pelo tradutor na retextualização.

### 3.2.2.2.2 A classificação das omissões do tradutor

Os conceitos utilizados nesta pesquisa para a análise das omissões referenciadas na subseção anterior, bem como a investigação dos motivos que levaram o tradutor de *Joanna Eyre* (1926) a omitir certos parágrafos em detrimento de outros, correspondem aos de *patronato* (cf. LEFEVERE, 1992) e *(auto-) censura* (cf. CORACINI, 2008).

Com o objetivo de relembrar a definição de ambos os conceitos, discutidos no capítulo do Referencial Teórico, apresenta-se o Quadro 10:

Quadro 10 – Os conceitos de patronato (LEFEVRE, 1992) e (auto-) censura (CORACINI, 2008)

<b>Conceito</b>		<b>Explicação</b>
<b>Patronato</b>		Refere-se “[...] aos poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescrita da literatura” (LEFEVERE, 1992, p. 15).
<b>(Auto-) Censura</b>	<b>Externa</b>	Censura que “se impõe por um regime totalitário, que, agindo por interesses escusos, interdita ideias, pensamentos, comportamentos e, portanto, o livre arbítrio (se é que ele existe), considerados “perigosos” para o regime” (CORACINI, 2008, p. 11).
	<b>Interna</b>	Censura “constitutiva dos discursos, interdições que se fazem corpo, que penetram no campo simbólico de cada sujeito” (CORACINI, 2008, p. 11).

Ainda que esses conceitos estejam mais associados às omissões do tradutor de *Joanna Eyre* (1926), eles são também mencionados na análise da sua presença discursiva no paratexto ‘Prefácio’, nos momentos em que denuncia a censura sofrida pela textualização.

Findada a explicitação de como se realizaram *os procedimentos* para (i) o Desenho, a Construção e o Processamento do Corpus; e (ii) a Análise do Corpus; os dois eixos que compõem esta Metodologia, passo para o Capítulo correspondente à análise do corpus sob investigação.

## 4 ANÁLISE DO CORPUS

Enquanto você lê a passagem, faça a si mesmo a pergunta que se tornou o primeiro fundamento de uma análise transitiva: quem ou o quê faz o quê para quem ou o quê? (SIMPSON, 1993, p. 96)<sup>129</sup>.

A análise do corpus investigado nesta pesquisa se subdivide em três eixos, a saber, 4.1 Análise do perfil ideacional da protagonista na textualização e retextualização; 4.2 Análise da voz do tradutor; e 4.3 Análise das omissões do tradutor, que passam a ser discutidos.

### 4.1 Análise do perfil ideacional da protagonista na textualização e retextualização

No que se refere à análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre, julgo importante relembrar que, conforme exponho na Metodologia (ver subseção 3.2.1.1), o final da unidade de análise dos excertos que apresentam os nódulos ‘Jane’, ‘Jane Eyre’, ‘Janet’, ‘Miss Eyre’, ‘Joanna’, ‘Joanna Eyre’, ‘Joanninha’ e ‘Srta Eyre’ é demarcado por ‘./?!’, de acordo com a decisão metodológica de se considerar a *sentença* como unidade ortográfica, em conformidade com a definição de Halliday e Matthiessen (2004, p. 6) “começando com uma letra maiúscula e terminando com ponto final [ou exclamação ou interrogação]”. No que se refere à análise do perfil ideacional da protagonista a partir de suas falas quando dialoga com Rochester e St. John/João, estas são analisadas integralmente, ou seja, a análise dos Participantes e Processos termina apenas quando Jane/Joanna conclui o seu discurso.

Com esse ponto esclarecido, inicio as análises, que são *descritas* nas subseções 4.1.1 (com enfoque na relação protagonista versus Rochester), 4.1.2 (com enfoque na relação protagonista versus St. John/João) e 4.1.3 (com enfoque na representação elaborada da protagonista pelos outros personagens), e *interpretadas* na subseção 4.1.4.

---

<sup>129</sup> As you read the passage, ask yourself a question which has become the first principle of a transitivity analysis: who or what does what to whom or what? (SIMPSON, 1993, p. 96).

#### 4.1.1 Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada e dialoga com Rochester – Capítulo XXIV e XXVII

Esta subseção se divide em três momentos: no primeiro, (a) focalizo o meu olhar nos dados gerais dos capítulos XXIV e XXVII, correspondentes ao recorte em que a protagonista é representada e dialoga, sobretudo, com Rochester; no segundo, (b) focalizo o meu olhar especificamente no personagem Rochester, apresentando a análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna, presentes nas sentenças investigadas retiradas da fala desse personagem; e no terceiro, (c) focalizo o meu olhar na personagem Jane/Joanna Eyre, apresentando a análise dos Processos e Participantes por ela realizados, presentes em sua fala quando dialoga com Rochester.

##### (a) Dados gerais dos capítulos XXIV e XXVII

A partir Tabela 2, exposta abaixo, inicio a análise geral dos capítulos em que Jane/Joanna dialoga, principalmente, com Rochester:

Tabela 2 – Dados gerais dos capítulos XXIV e XXVII

	Textualização	Retextualização	Diferença da retextualização em relação à textualização
<i>Número de ocorrências dos 'nódulos' referentes à protagonista localizados em todo o capítulo XXIV e XXVII</i>	86	67	- 19
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes nas falas de Rochester</i>	61	41	- 20
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes na fala de Jane/Joanna</i>	04	04	-
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes nas falas de outros personagens</i>	01	01	-
<i>Número de sentenças analisadas nas falas de Rochester</i>	58	39	- 19
<i>Número de falas analisadas da protagonista</i>	70	63	- 7

<i>Número de sentenças analisadas nas falas de outros personagens</i>	01	01	0
<i>Número de Processos analisados nas falas de Rochester</i>	76	49	- 27
<i>Número de Participantes analisados nas falas de Rochester</i>	107	67	- 40
<i>Número de Processos analisados nas falas da protagonista</i>	131	113	-18
<i>Número de Participantes analisados nas falas da protagonista</i>	168	155	-13
<i>Número de Processos analisados nas falas de outros personagens</i>	01	01	-
<i>Número de Participantes analisados nas falas de outros personagens</i>	01	01	-
<b><i>Total de Processos analisados em todo o capítulo XXIV e XXVII</i></b>	<b>208</b>	<b>163</b>	<b>- 45</b>
<b><i>Total de Participantes analisados em todo o capítulo XXIV e XXVII</i></b>	<b>276</b>	<b>223</b>	<b>- 53</b>

A Tabela 2 evidencia que a retextualização, quando comparada à textualização, apresenta um número inferior de (i) ‘nódulos’ referentes à protagonista localizados em todo o capítulo XXIV e XXVII (19 a menos), ou seja, os nódulos ‘Joanna Eyre’, ‘Joanna’, ‘Joanninha’ e ‘srta. Eyre’ aparecem nesses capítulos na retextualização 19 vezes a menos que os nódulos ‘Jane Eyre’, ‘Jane’, ‘Janet’ e ‘miss Eyre’ aparecem na textualização, nesses mesmos capítulos; (ii) ‘nódulos’ investigados referentes à protagonista, presentes nas falas de Rochester (20 a menos); (iii) sentenças analisadas nas falas de Rochester (19 a menos); (iv) falas analisadas da protagonista (07 a menos); (v) Processos e Participantes analisados nas falas de Rochester (27 e 40 a menos, respectivamente); (vi) Processos e Participantes analisados nas falas da protagonista (18 e 43 a menos, respectivamente); e (vii) no quantitativo geral de Processos e Participantes (45 e 53 a menos, respectivamente).

No que diz respeito à relação ‘número de ocorrências dos ‘nódulos’ referentes à protagonista localizados em todo o capítulo XXIV e XXVII’ versus o ‘número de ‘nódulos’ referentes à protagonista analisados, presentes nas falas de Rochester, de Jane/Joanna Eyre e de outros personagens’, esclareço que o número de ‘nódulos’ analisados,

tanto na textualização (66) quanto na retextualização (46), é menor que o quantitativo total de ocorrências dos ‘nódulos’ em *Jane Eyre* (86) e em *Joanna Eyre* (67), pois apesar de alguns excertos do corpus conterem em seu interior um dos ‘nódulos’ buscados, estes não são passíveis de análise, como demonstram os exemplos abaixo:

(1)

*Rochester: “My principles were never trained, Jane: they may have grown a little awry for want of attention.”*

(2)

*Rochester: — Oh, Joanna! nenhuma palavra de exprobração?*

Em (1) Jane não está envolvida em nenhum dos Processos presentes nas duas orações que constituem a sentença, quais sejam, “*never trained*” e “*have grown*”, atrelados ao grupo nominal “*my principles*”, que se refere ao personagem Rochester; em (2) Joanna não faz parte da configuração ‘Participante + Processo + Circunstância’ e, portanto, não é passível de análise. Diante dessas particularidades, o número de ‘nódulos’ não analisados na textualização e na retextualização corresponde a 41, sendo 20 na textualização e 21 na retextualização.

No que diz respeito à diferença entre ‘o número de ‘nódulos’ analisados referentes à protagonista, presentes nas falas de Rochester’ na textualização (61) e na retextualização (41), esclareço que a diferença existe em razão das *omissões do tradutor* (discutidas na seção 2.3) – responsáveis, também, pela diferença evidenciada no quantitativo de falas analisadas da protagonista na textualização e na retextualização –, e da *supressão do nome da protagonista* em alguns excertos na retextualização, como se observa nos exemplos abaixo:

(3)

*Jane: The Eastern allusion bit me again. “I <0010121> ‘ll not stand <0010320> you an inch in the stead of a seraglio,” I said; “so don’t consider me <0010122> an equivalent for one. If you have a fancy for anything in that line, away with you, sir, to the bazaars of Stamboul without delay, and lay out in extensive slave-purchases some of that spare cash you seem at a loss to spend satisfactorily here.”*  
*Rochester: “And what will you <0010111> do <0010310>, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?”*

(4)

*Rochester: “I will myself put the diamond chain round your neck <0010113>, and [I will myself put] the circlet on your forehead <0010113>,—which it will become: for nature, at least, has stamped her patent of nobility on this brow, **Jane**; and I will clasp the bracelets on these fine wrists <0010113>, and load these fairy-like fingers <0010113> with rings.”*

*Rochester: — Eu proprio porei a corrente de diamantes em teu collo, o diadema em tua testa; pois assim é que te convém, pois que a propria natureza te imprimiu o cunho de nobreza. Eu algemarei esses pulsos delicados com braceletes: calçarei esses dedos transparentes de anneis.*

O exemplo (3) é omitido integralmente da retextualização, conforme exponho e interpreto na subseção 4.3.2; o exemplo (4), ainda que esteja presente na retextualização, não apresenta o nóculo ‘Joanna’ em seu interior e, por isso, não é analisado, em conformidade com a decisão metodológica adotada nesta pesquisa.

No que diz respeito à diferença observada entre o ‘número de ‘nódulos’ analisados referentes à protagonista, presentes nas falas de Rochester’ e o ‘número de sentenças analisadas nas falas de Rochester’, esclareço que a diferença existe em decorrência do fato de três sentenças na textualização e duas na retextualização apresentarem duas ocorrências seguidas dos ‘nódulos’ investigados em seu interior, como mostram os exemplos abaixo:

(5)

*Rochester: “**Jane! Jane!**” he said, in such an accent of bitter sadness it thrilled along every nerve I had; “you <0010121> don’t love <0010320> me, then?”*

(6)

*Rochester: — Em breve [será] <0010330> **Joanna Rochester** <0010134> — acrescentou — daqui em quatro semanas, **Joanninha**; nem um dia mais tarde, [tu] <0010121> ouves <0010320>?*

No que diz respeito ao quantitativo de ‘Processos analisados nas falas de Rochester e da protagonista’ na textualização (76 e 131, respectivamente) e na retextualização (49 e 113, respectivamente) e de ‘Participantes analisados nas falas de Rochester e da protagonista’ na textualização (107 e 168, respectivamente) e na retextualização (67 e 155, respectivamente)’, esclareço que o número de Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre é maior quando comparado ao número

de Processos nos quais ela tem envolvimento, pois a mesma, em muitos excertos, atua como Participante em orações cujo Processo está atrelado a Rochester, como se observa nos exemplos:

(7)

*Rochester: “I will **attire my Jane** <0010113> in satin and lace, and she <0010131> shall have <0010330> roses in her hair; and I will **cover the head** <0010112> I love best with a priceless veil.”*

(8)

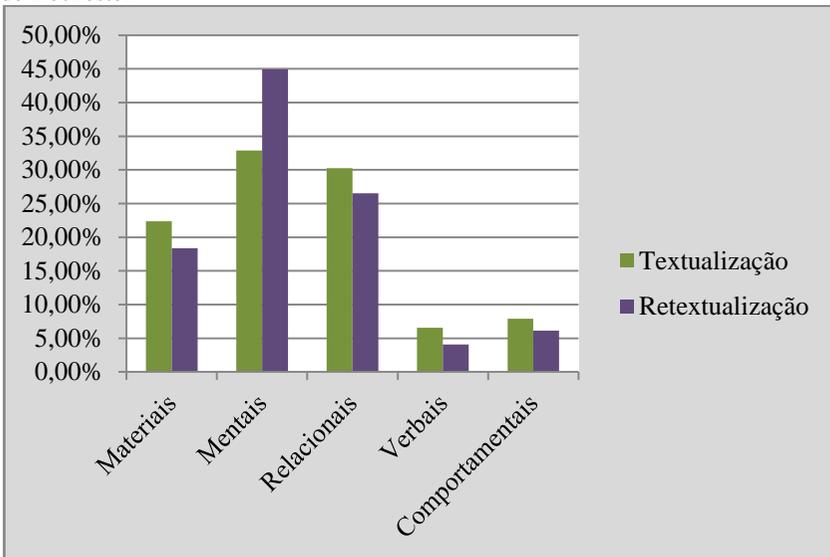
*Jane: — Eu <0010131> não sou <0010330> um anjo, nem [eu <0010131>] o serei <0010330> até [eu <0010111>] morrer <0010310>: [eu <0010133>] serei <0010330> sempre eu mesma <0010134> e o sr Rochester não deve **esperar de mim** <0010122> nem exigir nada de celestial, porque não o póde **obter de mim** <0010113> tão pouco como eu <0010111> [não posso obter <0010310> isso] do senhor.*

Em (7), Rochester está envolvido nos Processos “attire” e “cover” que afetam, respectivamente, Jane e um elemento pertencente à cadeia coesiva a ela referente, neste caso, “the head”, que realizam Participantes; o mesmo ocorre em (8) em que os Processos “esperar” e “obter”, atrelados a Rochester, afetam o pronome “mim”, que remete à protagonista.

### **(b) Análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna presentes nas sentenças investigadas retiradas da *fala de Rochester***

A partir do Gráfico 1, exposto na página seguinte, inicio a discussão sobre os Processos nos quais a protagonista está envolvida, presentes nas sentenças investigadas do discurso de Rochester.

Gráfico 1 - Processos realizados por Jane/Joanna nas sentenças retiradas da fala de Rochester



Com base no Gráfico 1, extraem-se duas informações essenciais relativas (i) ao percentual dos Processos e (ii) ao padrão que emerge nos textos: observamos que (i) o percentual de Processos Materiais, Relacionais, Verbais e Comportamentais com envolvimento da protagonista nas falas de Rochester é maior na textualização enquanto que o percentual de Processos Mentais é maior na retextualização; e (ii) o padrão que emerge das sentenças retiradas da fala de Rochester tanto na textualização quanto na retextualização é o mesmo, ou seja, ambos os textos apresentam, na sequência do mais frequente ao menos frequente, a mesma ordem de Processos – Mentais, Relacionais, Materiais, Comportamentais e Verbais.

Os Processos Mentais correspondem a 32,89% (25 Processos) do total (76) de Processos analisados na textualização e a 44,90% (21 Processos) do total (49) de Processos analisados na retextualização, nos capítulos XXIV e XXVII, nas sentenças retiradas das falas de Rochester. No corpus, as sentenças com orações Mentais do tipo ‘gostar’ são interrogativas (mais frequentes), imperativas ou declarativas, e as do tipo ‘agradar’, com menor ocorrência, são declarativas, como mostram os exemplos:

“Jane, you <0010121> **understand** <0010320> what I want of you <0010122>?”

Joanna, [tu <0010121>] **não percebes** <0010320> o que quero de ti?

(10)

“I ask only minutes. Jane, did you <0010121> ever **hear** <0010320> or **know** <0010320> that I was not the eldest son of my house: that I had once a brother older than I?”

— Só peço minutos. Joanna, tu <0010121> já **ouviste** <0010320> dizer que não sou o filho mais velho de nossa casa?

(11)

[...] but for God’s sake, **don’t** [you <0010121>] **desire** <0010320> a useless burden!

[...] pelo amor de Deus, [tu] <0010121> **não desejes** <0010320> carregar-te com trastes inúteis <0010122>;[...]

(12)

— **Prova** <0010320> [você <0010121>] o vinho mais uma vez, Joanna.

“**Taste** <0010320> [you <0010121>] the wine again, Jane.”

(13)

Oh, I am certain Jane <0010121> **will agree** <0010320> with me in opinion, when she <0010121> **knows** <0010320> all that I know!

— Mas estou certo de que Joanna <0010121> **concordará** <0010320> comigo, ao **saber** <0010320> [ela <0010121>] tudo o que eu sei.

(14)

Jane, you <0010122> **please** <0010320> me, and you <0010122> **master** <0010320> me—

— Nunca encontrei tua igual, Joanna, tu <0010122> me **agradas** <0010320>, tu <0010122> me **dominas** <0010320>;[...]

Os exemplos (9), (10), (11), (12) e (13) correspondem a orações que constroem os Processos Mentais do tipo ‘gostar’, nas quais o Sujeito é realizado pelo Participante Experienciador: em (9) a protagonista está envolvida nos Processos Mentais cognitivos ‘*understand*’ e ‘perceber’ em orações interrogativas; em (10) a protagonista está envolvida nos Processos Mentais perceptivos ‘*hear*’ e ‘ouvir’ em orações interrogativas; em (11) a protagonista está envolvida nos Processos Mentais desiderativos ‘*desire*’ e ‘desejar’ em orações imperativas; em (12) a protagonista está envolvida nos Processos Mentais perceptivos ‘*taste*’ e ‘provar’ em orações imperativas; e em (13) a protagonista está envolvida nos Processos Mentais cognitivos ‘*agree*’ e ‘concordar’ em orações declarativas. Já o exemplo (14) corresponde a orações que constroem os Processos Mentais do tipo ‘agradar’, nas quais o Sujeito é realizado pelo Participante Fenômeno: aqui, a protagonista está envolvida nos Processos Mentais emotivos ‘*please*’, ‘*master*’, ‘agradar’ e ‘dominar’ em orações declarativas.

Na textualização, os Processos Mentais com maior ocorrência são os *cognitivos* (12 ocorrências), realizados, por exemplo, pelos grupos verbais *know, mean, think, understand* e os *perceptivos* (6 ocorrências), realizados, por exemplo, pelos grupos verbais *hear, feel, taste, listen*; na retextualização, os Processos Mentais com maior ocorrência são os *desiderativos* (7 ocorrências), realizados, por exemplo, pelos grupos verbais *querer, desejar, cobiçar, pretender* – que na textualização são os menos frequentes com duas ocorrências apenas –, e os *cognitivos* (6), realizados pelos grupos verbais *saber, aceitar [razões], perceber, querer dizer*.

Os Processos Relacionais correspondem a 30,26% (23 Processos) do total (76) de Processos analisados na textualização e a 26,53% (13 Processos) do total (49) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Relacionais são, majoritariamente, do tipo Atributiva, como mostram os exemplos:

(15)

“Jane, you <0010131> **look** <0010330> blooming, and smiling, and pretty,” said he: “truly pretty this morning. Is this my pale, little elf?”

— Joanna, [tu] <0010131> **és** <0010330> como uma flôr desabrochada, risonha e bonita — disse elle — na verdade muito bonita, esta manhan.

(16)

“*Why* **are** <0010330> *you* <0010131> *silent, Jane?*”

— *Por que* [tu <0010131>] **ficas** <0010330> *calada, Joanna?*

(17)

**Were** <0010330> *you* <0010131> *jealous, Jane?*”

— *Joanna, [tu <0010131>] estavas* <0010330> *com ciúme?*

(18)

“*Little Jane’s love* <0010133> **would have been** <0010330> *my best reward,*” *he answered; “without it, my heart is broken.*

— *O amor de Joanninha* <0010133> **seria** <0010330> *o melhor galardão; sem elle, parte-se-me o coração.*

Os exemplos acima evidenciam que nas orações Atributivas retiradas da fala de Rochester a protagonista realiza o Participante Portador, mas nunca o Participante Atributo e, geralmente, constrói o Processo Relacional ‘*be/ser*’: aqui, a personagem investigada carrega (i) os Atributos, a classificação e qualificação que Rochester faz dela – ‘*blooming, smiling, and pretty* e ‘flôr desabrochada, risonha e bonita’ (15), ‘*silent*’ e ‘calada’ (16), ‘*jealous*’ e ‘com ciúmes’ (17) –, e (ii) a Identificação ‘*my best reward*’ e ‘melhor galardão’, na oração Relacional Identificadora (18).

Os Processos Materiais correspondem a 22,37% (17 Processos) do total de (76) Processos analisados na textualização e a 18,37% (9 Processos) do total (49) de Processos analisados na retexualização. No corpus, as sentenças com orações Materiais são, tipicamente, imperativas e de ‘supervenção’ (cf. SIMPSON, 1993, p. 99), como se observa nos exemplos:

(19)

*Oh! Come* <0010310> [*you* <0010111>], *Jane, come* <0010310> [*you* <0010111>]!”

— *Oh! Vem* <0010310> [*você* <0010111>], *Joanna, vem* <0010310> [*você* <0010111>]!”

(20)

Jane—[you <0010111>] **give** <0010310> it me now.”

— Joanna! [tu <0010111>] **dá** <0010310>-m'o agora!

(21)

[...]— with which your eyes <0010111> are now almost **overflowing** <0010310>—with which your heart <0010111> is **heaving** <0010310> —with which your hand <0010111> is **trembling** <0010310> in mine.

— [...] da qual teus olhos <0010111> **transbordam** <0010310>, e que faz teu coração <0010111> **arfar** <0010310> e tua mão <0010111> **tremem** <0010310> [...]

Os exemplos (19) e (20) correspondem a sentenças com orações Materiais imperativas, em que a protagonista constrói os Processos Materiais ('come', 'ir', 'give' e 'dar'), a partir de uma ordem de Rochester; o exemplo (21) corresponde a sentenças com orações Materiais de 'supervenção', em que o "Participante Ator realiza a ação involuntariamente; o Processo parece 'simplesmente acontecer'" <sup>130</sup> (SIMPSON, 1993, p. 99): aqui os olhos, o coração e a mão de Jane/Joanna 'overflow'/'transbordam', 'heave'/'arfa', e 'tremble'/'tremem' involuntariamente.

Os Processos Comportamentais correspondem a 7,89% (6 Processos) do total de (76) Processos analisados na textualização e a 6,12% (3 Processos) do total (49) de Processos analisados na retexualização. No corpus, as sentenças com orações Comportamentais são, tipicamente, construídas com o Processo 'sorrir', como se observa nos exemplos:

(22)

[...] and how curiously you <0010151> **smiled** <0010350> to and at yourself, Janet!

[...] e quão exquisiteiramente te <0010151> **sorraste** <0010350>; **rindo** <0010350>-te <0010151> de ti mesma, Joanninha!

---

<sup>130</sup> [...] Actors perform the actions involuntarily; the processes seem to 'just happen' (SIMPSON, 1993, p. 99).

(23)

— *Why do you <0010151> smile <0010350>, Jane?*

*Por que [tu <0010151>] ris <0010350>, Joanna?*

Em (22) e (23) é exemplificado o padrão que emerge na representação elaborada por Rochester da protagonista: na retextualização, em todas as orações Comportamentais, Joanna está envolvida no Processo ‘sorrir’, mesmo comportamento evidenciado na textualização, na metade dos seus Processos Comportamentais (3).

Os Processos Verbais correspondem a 6,6% (5 Processos) do total de (76) Processos analisados na textualização e a 4,1% (2 Processos) do total (49) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Verbais são, tipicamente, imperativas, como se observa nos exemplos:

(24)

— *Dize <0010340>-o [tu <0010141>], Joanna; mas oxalá [tu <0010121>] desejasses <0010320> metade de minhas posses antes que a chave de um segredo.*

*“Utter <0010340> it [you <0010141>], Jane: but I wish that instead of a mere inquiry into, perhaps, a secret, it was a wish for half my estate.”*

(25)

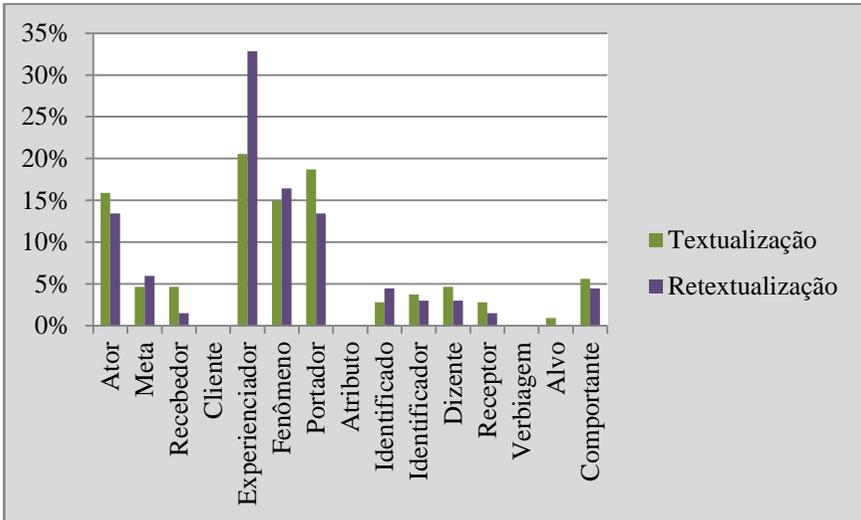
— *Pede <0010340>-me [tu <0010141>] alguma coisa agora mesmo, Joanninha, só uma coisinha; desejo que tu me peças <0010122>.*

*“Ask <0010340> me [you <0010141>] something now, Jane,—the least thing: I desire to be entreated—”*

Nas orações acima, ocorre o mesmo padrão evidenciado em relação aos Processos Mentais e Materiais, ou seja, a protagonista constrói um Processo Verbal (‘dizer’, ‘utter’, ‘pedir’ e ‘ask’), a partir de um comando de Rochester.

Com o objetivo de iniciar a discussão sobre os Participantes realizados pela protagonista, presentes nas sentenças investigadas do discurso de Rochester, apresento o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de Rochester



O Gráfico 2 mostra que os Participantes mais frequentes nas orações em que Rochester representa a protagonista correspondem ao Ator, ao Experienciador, ao Fenômeno e ao Portador (não exatamente nessa ordem, na textualização e na retextualização). No entanto, se com relação aos Processos, o mesmo padrão de frequência emerge em ambos os textos, através da sequência Processos Mentais, Relacionais, Materiais, Comportamentais e Verbais, com relação aos Participantes, esse padrão não se repete. O Gráfico 2 ilustra, por exemplo, que a ordem de frequência dos Participantes (107, no total), do mais ao menos ocorrente, na textualização, corresponde a Experienciador (21%/17), Portador (19%/20), Ator (16%/17), Fenômeno (15%/16), Comportante (6%/6), Meta, Dizente, Receptor (5%/5), Identificador (4%/4), Identificado, Receptor (3%/3), Alvo (1%/1), e Cliente, Atributo, Verbiagem (0); na retextualização, a ordem de frequência dos Participantes (67, no total) adquire a configuração de Experienciador (33%/22), Fenômeno (16%/11), Ator/Portador (13%/10), Meta (6%/4), Identificado e Comportante (4%/3), Identificador e Dizente (3%/2), Receptor e Receptor (1%/1), e Cliente, Atributo, Verbiagem e Alvo (0).

Nos capítulos investigados, em ambos os textos, os Participantes Ator, Experienciador, Fenômeno, Portador, Identificado, Dizente e Comportante são tipicamente realizados pelos grupos nominais (tu,

você/you), enquanto que a Meta é tipicamente realizada por partes do corpo (o mesmo ocorre com o Recebedor na textualização), como mostram os exemplos abaixo:

(26) Oração Material – Participante Ator

*“And what will **you** <0010111> **do** <0010310>, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?”*

(27) Oração Mental – Participante Experienciador

*Joanna, **tu** <0010121> **já ouviste** <0010320> dizer que não sou o filho mais velho de nossa casa?*

(28) Oração Mental – Participante Fenômeno

*— **Pede** <0010340>-**me** [tu <0010141>] alguma coisa agora mesmo, Joanninha, só uma coisinha; **desejo que tu me peças** <0010122>.*

(29) Oração Relacional Atributiva – Participante Portador

*— Joanna, **tu** <0010131> **não debes ficar** <0010330> aqui nem eu hei de ficar.*

(30) Oração Relacional Identificadora – Participante Identificado

*“Jane, **my little darling** (so I will call you <0010142>, for so **you** <0010133> **are** <0010330>) [...]”.*

(31) Oração Verbal – Participante Dizente

*“Now, Jane, why don’t **you** <0010141> **say** <0010340> ‘Well, sir?’ I have not done.*

(32) Oração Comportamental – Participante Comportante

*[...] there was a curious hesitation in your manner: **you** <0010151> **glanced** <0010350> at me with a slight trouble [...]*

(33) Oração Material – Participante Meta

*— Hei de ornar minha Joanna <0010113> com setim e rendas; rosas deverão entrelaçar **seu cabelo** <0010112>; cobrirei com um véu de preço inestimável **a cabeça** <0010112> que amo sobre todas.*

(34) Oração Material – Participante Recebedor

*“I will myself put the diamond chain round **your neck** <0010113>, and [I will myself put] the circlet on **your forehead** <0010113>,—which it will become: for nature, at least, has stamped her patent of nobility on*

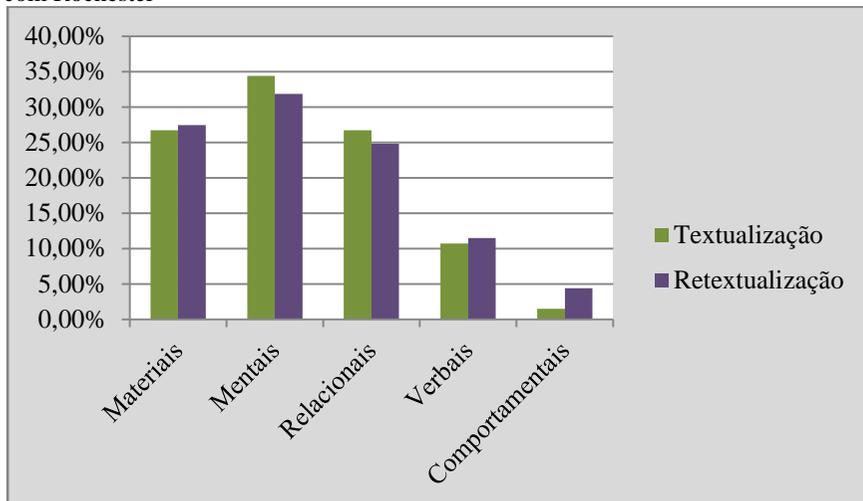
*this brow, Jane; and I will clasp the bracelets on these fine wrists <0010113>, and load these fairy-like fingers <0010113> with rings.”*

No exemplo (26), o grupo nominal ‘you’ constrói a cadeia coesiva ligada à protagonista e realiza o Participante Ator, o responsável pelo desdobramento do Processo através do tempo, neste caso, o Processo Material ‘do’; no exemplo (27), o grupo nominal ‘tu’ realiza o Participante Experienciador e o Processo Mental ‘ouvir’; no exemplo (28), o grupo nominal ‘tu’ está inserido na oração projetada ‘que tu me peças’, que realiza o Fenômeno, o “desejo” de Rochester, que realiza o Processo Mental; no exemplo (29), o grupo nominal ‘tu’ realiza o Participante Portador e o Processo Relacional Atributivo Circunstancial ‘ficar’; no exemplo (30) o grupo nominal ‘you’ realiza o Participante Identificado e o Processo Relacional Identificador ‘are’, que relaciona esse grupo nominal a um outro “my little darling”, neste caso; no exemplo (31) o grupo nominal ‘you’ realiza o Participante Dizente e o Processo Verbal ‘say’; no exemplo (32), o grupo nominal ‘you’ realiza o Participante Comportante e o Processo Comportamental “glance”; no exemplo (33) partes do corpo de Joanna, como “seu cabelo” e sua “cabeça”, realizam o Participante Meta, que são afetados pelos Processos Materiais ‘entrelaçar’ e ‘cobrir’, atrelados a Rochester; e no exemplo (34), novamente, partes do corpo da protagonista (‘your neck’, ‘your forehead’, ‘these fine wrists’, ‘these fairy-like fingers’) realizam Participantes, neste caso o Recebedor e se beneficiam dos Processos Materiais ‘put’, ‘clasp’ e ‘load’, construídos por Rochester.

### **(c) Análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre, presentes em sua fala quando dialoga com Rochester**

A partir do Gráfico 3, exposto abaixo, inicio a discussão sobre os Processos nos quais a protagonista está envolvida, quando dialoga com Rochester.

Gráfico 3 - Processos realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com Rochester



O Gráfico 3 evidencia o padrão que emerge, nos capítulos investigados nesta subseção, da representação que Jane/Joanna elabora de si mesma quando dialoga com Rochester: na textualização, a ordem dos Processos mais frequentes aos menos frequentes corresponde a – Mentais, Materiais e Relacionais, com o mesmo percentual, Verbais e Comportamentais; na retextualização, essa ordem se altera para Mentais, Materiais, Relacionais, Verbais e Comportamentais.

Os Processos Mentais correspondem a 34,40% (45 Processos) do total (131) de Processos analisados na textualização e a 31,85% (36 Processos) do total (113) de Processos analisados na retextualização, nos capítulos XXIV e XXVII, nas falas da protagonista quando dialoga com Rochester. No corpus, as orações Mentais com Processos cognitivos são as mais frequentes, seguidas pelas orações com Processos emotivos, como mostram os exemplos:

(35)

*“Indeed! I <0010121> **considered** <0010320> it a very natural and necessary one: he had talked of his future wife dying with him. What did he mean by such a pagan idea?”*

*— Seria? Eu <0010121> **considerava** <0010320>-a muito natural e até necessaria: pois elle tinha dito que sua mulher morreria com elle. Que pretendia com aquella idéa pagan?”*

(36)

*I <0010121> suppose <0010320> your love will effervesce in six months, or less.*

*[...] [eu <0010121> supponho <0010320> que seu amor vae arrefecer dentro de seis mezes, mais ou menos.*

(37)

*"I <0010121> remember <0010320> Mrs Fairfax told me so once <0010122>."*

*— Lembra <0010320>-me <0010121> que a sra Faiafax m'o disse <0010122>.*

(38)

*"No, sir, finish it now; I <0010121> pity <0010320> you—I <0010121> do earnestly pity <0010320> you."*

*— Não, senhor, acabe tudo agora; [eu <0010121>] sinto <0010320> a sua infelicidade, senhor, [eu <0010121>] sinto <0010320>-a muito.*

(39)

*"There, you are less than civil now; and I <0010121> like <0010320> rudeness a great deal better than flattery.*

*— Ora, já está menos que cortez. [Eu <0010121>] Gosto <0010320>, porém, mais desta rudeza que de lisonjas.*

Os exemplos (35), (36) e (37) correspondem a orações com Processos Mentais *cognitivos* – os mais frequentes na textualização (16 ocorrências) e na retextualização (13 ocorrências) –, nos quais a protagonista está envolvida nos Processos Mentais ‘*consider*’/‘considerar’, ‘*suppose*’/‘supor’, ‘*remember*’/‘lembrar’; e os exemplos (38) e (39) correspondem a orações com Processos Mentais *emotivos* – o segundo mais frequente na textualização (12 ocorrências) e na retextualização (10 ocorrências) –, nos quais a protagonista está envolvida nos Processos Mentais ‘*pity*’/‘sinto’ e ‘*like*’/‘gosto’. Os Processos Mentais cognitivos mais recorrentes no corpus são *mean* e *suppose* e *saber*, *achar* e *querer dizer*, e os emotivos são *like*, *love* e *pitty* e *gostar*, *amar* e *sentir*.

Os Processos Materiais correspondem a 26,70% (35 Processos) do total (131) de Processos analisados na textualização e a 27,45% (31 Processos) do total (113) de Processos analisados na retexualização. No corpus, as orações Materiais são, majoritariamente, construídas com Processos de ação de ‘intenção’, como ilustram os exemplos:

(40)

*“I <0010111> **must leave** <0010310> Adèle and Thornfield. I <0010111> **must part** <0010310> with you for my whole life: I <0010111> **must begin** <0010310> a new existence among strange faces and strange scenes.”*

*— [Eu <0010111>] **devo deixal** <0010310>-o, [eu <0010111>] **devo deixar** <0010310> Adelia e Thornfield; [eu <0010111>] **devo começar** <0010310> uma nova existencia entre gente estranha e scenas estranhas.*

(41)

*I cleared and steadied my voice to reply: “All is changed about me, sir; I <0010111> **must change** <0010310> too—there is no doubt of that; and to avoid fluctuations of feeling, and continual combats with recollections and associations, there is only one way—Adèle must have a new governess, sir.”*

*Limpei e firmei a voz para replicar: — Tudo mudou em torno de nós, senhor, eu <0010111> tambem **devo mudar** <0010310>. É claro como a luz do dia. E, para avitar flutuações de sentimentos e combates continuos com lembranças e associações de idéas, há só um meio: Adelia precisa de uma nova governante.*

(42)

*I <0010111> **shall continue to act** <0010310> as Adèle’s governess; by that I <0010111> **shall earn** <0010310> my board and lodging, and thirty pounds a year besides. I <0010111> **’ll furnish** <0010310> my own wardrobe out of that money, and you shall give me <0010113> nothing but—”*

*[Eu <0010111>] **continuari** <0010310> em meu posto de governante de Adelia, [e eu <0010111> **continuari**] **ganhando** <0010310> desta sorte meu sustento e alojamento e trinta libras por anno. Com este dinheiro [eu <0010111>] **comprarei** <0010310> o meu enxoval e o senhor nada me <0010113> dará afora...*

(43)

“Yes [I <0010111> **am leaving** <0010310> you].”

— Sim [eu <0010111> o **deixo** <0010310>].

Nos exemplos acima, a protagonista constrói Processos Materiais de ‘intenção’ (cf. SIMPSON, 1993, p. 96) – ‘*leave*’, ‘*part*’, ‘*begin*’/‘deixar’, ‘começar’ (40), ‘*change*’/‘mudar’ (41), ‘*act*’, ‘*earn*’, ‘*furnish*’/‘continuar’, ‘ganhar’, comprar’ (42), ‘*leave*’/‘deixar’ (43) – e não se sujeita ao comando de Rochester. Enquanto esse personagem a representa, em algumas situações, envolvida em Processos Materiais de ‘supervenção’, nos quais o Processo parece ‘simplesmente acontecer’ (cf. SIMPSON, 1993, p. 99), aqui nada ‘simplesmente acontece’ com a protagonista: ela apresenta agenciamento sobre o que faz.

Os Processos Relacionais correspondem a 26,70% (35 Processos) do total (131) de Processos analisados na textualização e a 24,80% (28 Processos) do total (113) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as orações Relacionais são, tipicamente, Atributivas, como mostram os exemplos:

(44)

“I <0010131> **am** <0010330> not an angel,” I asserted; “and I <0010131> **will not be** <0010330> one [...]

Eu <0010131> **não sou** <0010330> um anjo, nem [eu <0010131>] o **serei** <0010330> [...].

(45)

Don’t address me <0010142> as if I <0010131> **were** <0010330> a beauty; I <0010133> **am** <0010330> your plain, Quakerish governess.”

Não se me <0010142> dirija, como si [eu] <0010133> **fosse** <0010330> a sua bella; eu <0010133> **sou** <0010330> a sua simples governante.

(46)

I <0010131> **had rather be** <0010330> a thing than an angel.

Antes [eu <0010131>] **ser** <0010330> uma pequena do que um anjo.

(47)

*Jewels for Jane Eyre* <0010131> **sounds** <0010330> *unnatural and strange: I* <0010131> **would rather not have** <0010330> *them.*”

*Pedras para Joanna Eyre* <0010131>! **É** <0010330> *desnatural, descabido. [Eu]* <0010131> **queria antes não tel**<0010330>-*as.*

Os exemplos elencados acima ilustram o comportamento da protagonista em alguns de seus diálogos com Rochester: aqui, as orações com Processos Relacionais construídas por Jane/Joanna carregam o seu posicionamento contrário à representação que Rochester tenta fazer dela, de tal forma que muitas dessas orações são declarativas negativas (como ocorre em 44 e 45) ou apresentam um Atributo com conotação negativa (*‘thing’/‘pequena’* (46) *‘unnatural and strange’/ ‘desnatural, descabido’* (47)). Chama também a atenção o fato de que alguns Processos Relacionais realizados pela protagonista, em ambos os textos (com 12 ocorrências na textualização e 10 na retextualização), apresentam Participantes Identificador ou Atributo com algum grupo nominal que remete à cadeia coesiva referente a Rochester em seu interior, como se observa nos exemplos:

(48)

*Não se me* <0010142> *dirija, como si [eu]* <0010133> **fosse** <0010330> **a sua bella;** *eu* <0010133> **sou** <0010330> **a sua simples governante.**

(49)

*I* <0010131> **shall have** <0010330> **much ado to please you [...].**

Em (48), Joanna está envolvida no Processo Relacional *‘ser’* nas duas orações constantes do exemplo, e *‘a sua bella’* e *‘a sua simples governante’* constroem o Participante Identificador, cujo grupo nominal *‘sua’* remete a Rochester; em (49), Jane constrói o Processo Relacional *‘have’*, e o complexo *‘much ado to please you’* constrói o Participante Atributo, em que o grupo nominal *‘you’* remete a Rochester.

Os Processos Verbais correspondem a 10,70% (14 Processos) do total (131) de Processos analisados na textualização e a 11,50% (13 Processos) do total (113) de Processos analisados na retextualização. No corpus, os Processos Verbais são realizados, tipicamente, pelo grupo verbal *ask*, na textualização, e pelos grupos verbais *pedir* e *dizer*, na retextualização.

(50)

*This is what I <0010141> **have to ask** <0010340>,—Why did you take such pains to make me believe you wished to marry Miss Ingram <0010143>?”*

*O que [eu <0010141>] **tenho a perguntar** <0010340> é: — por que se empenhou tanto em me fazer crer que se ia casar com a srta Ingram <0010143>?”*

(51)

*“Not at all, sir; I <0010141> **ask** <0010340> only this: don’t send for the jewels, and don’t crown me with roses <0010143>: you might as well put a border of gold lace round that plain pocket handkerchief you have there.”*

*[Eu <0010141>] **peço** <0010340> só que não mande vir as joias e que não me corôe de rosas <0010143>; seria como bordar a ouro este lenço ordinario.*

Ainda que o percentual de Processos Verbais seja relativamente baixo nas falas analisadas, tanto na textualização quanto na retextualização, isso não significa que a personagem investigada realize poucas orações Verbais em *Jane Eyre* (1897) e em *Joanna Eyre* (1926): esclareço que, tipicamente, os Processos Verbais são por ela construídos em seu discurso narrativo, que não é observado nesta pesquisa.

Os Processos Comportamentais correspondem a 1,50% (2 Processos) do total (131) de Processos analisados na textualização e a 4,40% (5 Processos) do total (113) de Processos analisados na retextualização. No corpus, os Processos Comportamentais são realizados pelo grupo verbal *think*, na textualização, e pelos grupos verbais *pensar*, *chorar*, *teimar* e *calar*, na retextualização:

(52)

*“I <0010151> **was thinking** <0010350>, sir (you will excuse the idea; it was involuntary), I <0010151> **was thinking** <0010350> of Hercules and Samson with their charmers—”*

*— [Eu <0010151>] **Estive a pensar** <0010350> — (o senhor desculpe a idéia, veio-me <0010121> sem querer <0010320>), — [eu <0010151>] estive a pensar <0010350> em Hercules e Sansão com suas encantadoras amantes.*

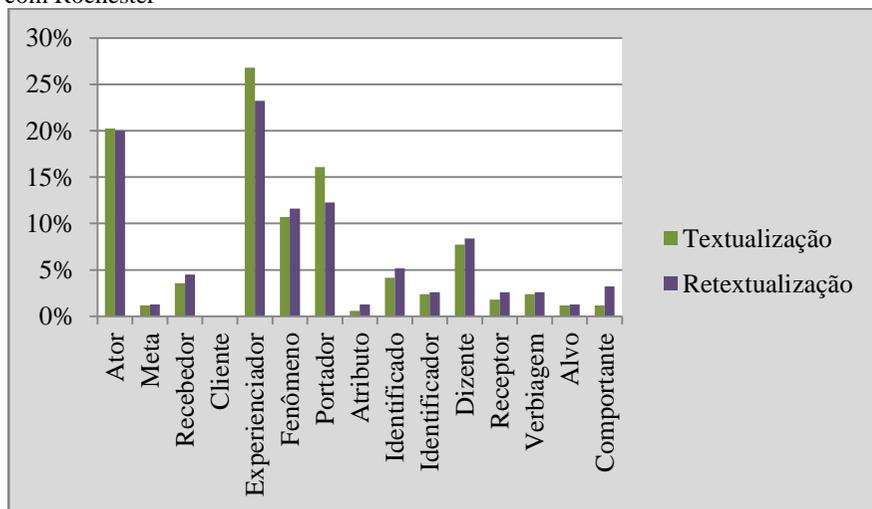
(53)

[...] [eu <0010151> começar a] **chorar** <0010350>, si fôr necessario, e [eu <0010151>] **teimar** <0010350>, só para ensaio de meu poder?

Julgo necessário esclarecer que, em relação às orações constantes do exemplo (52), estas foram interpretadas como Comportamentais por expressarem “um ato físico consciente” (THOMPSON, 2004b), ou seja, aqui a protagonista está consciente do seu ato de pensar, quando relata a Rochester ‘*I was thinking*’.

Com o objetivo de iniciar a discussão sobre os Participantes realizados pela protagonista, quando dialoga com Rochester, apresento o Gráfico 4, na página seguinte:

Gráfico 4 - Participantes realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com Rochester



O Gráfico 4 evidencia que, em ambos os textos, os Participantes com maior ocorrência são o Experienciador e o Ator e que a ordem de frequência dos Participantes (113, no total), do mais ao menos ocorrente, na textualização, corresponde a Experienciador (27%/45), Ator (20%/34), Portador (16%/27), Fenômeno (11%/18), Dizente (8%/13), Receptor e Identificado (4%/ com 6 e 7 ocorrências, respectivamente), Identificador, Verbiagem e Receptor (2%/ com 4, 4 e 3 ocorrências, respectivamente) e Alvo, Comportante, Meta e Atributo (1% com 2, 2, 2, 1 ocorrências, respectivamente); e, na retextualização, corresponde a Experienciador (23%/36), Ator (20%/31), Portador (12%/19), Fenômeno

(12%/18), Dizente (8%/13), Recebedor e Identificado (5%/ com 7 e 8 ocorrências, respectivamente), Comportante, Receptor, Verbiagem e Identificador (3%/ com 5, 5, 4 e 4 ocorrências, respectivamente) e Meta, Atributo e Alvo (1% com 2 ocorrências cada).

Nas falas investigadas, em ambos os textos, os Participantes Ator, Experienciador, Portador, Identificado, Dizente e Comportante são realizados pelos grupos nominais (*I/eu*). No entanto, na retextualização, devido às configurações da língua portuguesa, o grupo nominal ‘eu’ se encontra elíptico<sup>131</sup> em muitas orações, tendo que ser resgatado para a efetuação das análises. No que se refere (i) ao Participante Identificador, este é, tipicamente, realizado pelo grupo nominal ‘Jane *Eyre/Joanna Eyre*’, e (ii) aos Participantes Fenômeno, Verbiagem, Receptor e Recebedor, estes são realizados, majoritariamente, pelos grupos nominais ‘*me/me*’. Os exemplos abaixo ilustram os Participantes realizados pela protagonista, mais frequentes em sua fala:

(54) Oração Material – Participante Ator

— [**Eu** <0010111>] *Não desejo **agir** <0010310> contra o senhor — disse eu; e minha voz incerta acautelou-me que abreviasse a phrase.*

(55) Oração Mental – Participante Experienciador

[...] **I** <0010121> *would as soon **see** <0010320> you, Mr Rochester, tricked out in stage-trappings, as myself clad in a court-lady's robe <0010122>; [...].*

(56) Oração Relacional Atributiva – Participante Portador

— *Pois não, senhor, [**eu** <0010131>] já **tenho** <0010330> um pedido formulado.*

(57) Oração Relacional Identificadora – Participante Identificado

**I** <0010133> *will **be** <0010330> myself <0010134>.*

(58) Oração Verbal – Participante Dizente

— *Sim [**Eu** <0010141>] **diria** <0010340> que é porque já tem*

---

<sup>131</sup> “Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que acontece quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como “Sinto muito a falta dela.” (sujeito: eu)” (PASQUALE e ULISSES, 2004, p. 343).

*mulher*].

(59) Oração Comportamental – Participante Comportante

*Não será melhor [...] [eu <0010151> começar a] chorar <0010350>, si fôr necessario, e [eu <0010151>] teimar <0010350>, só para ensaio de meu poder?*

(60) Oração Relacional – Participante Identificador

*“It is <0010330> Jane Eyre <0010134>, sir.”*

(61) Oração Mental – Participante Fenômeno

*Ella viu-me <0010122> hontem de noite com o senhor no vestibulo e ficou escandalizada.*

(62) Oração Verbal – Participante Verbiagem

*[...] I <0010141> say <0010340>, not love me <0010143> [...].*

(63) Oração Verbal – Participante Receptor

*Ha pouco me <0010142> disse quanto gostava de ser conquistado, quão agradável lhe era ser persuadido.*

(64) Oração Material – Participante Recebedor

*I <0010111> 'll furnish <0010310> my own wardrobe out of that money, and you shall give me <0010113> nothing but—”*

Nos exemplos acima, observamos (i) os grupos nominais ‘I’/‘eu’ realizar o Participante Ator e o Processo Material ‘agir’ (54), o Participante Experienciador e o Processo Mental ‘see’ (55), o Participante Portador e o Processo Relacional ‘ter’ (56), o Participante Identificado e o Processo Relacional ‘be’ (57), o Participante Dizente e o Processo Verbal ‘dizer’ (58), e o Participante Comportante e os Processos Comportamentais ‘chorar’ e ‘teimar’ (59); (ii) o grupo nominal ‘Jane Eyre’ realizar o Participante Identificado (60); e (iii) o grupo nominal ‘me’ e ‘me’ realizar o Participante Fenômeno (61), o Participante Verbiagem, a mensagem propriamente dita (62), o Participante Receptor (63), e o Participante Recebedor (64).

Concluída a análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada por Rochester e quando dialoga com esse personagem, nos capítulos XXIV e XXVII, passo a descrever o que ocorre nos capítulos em que a protagonista interage, principalmente, com St. John/João.

#### 4.1.2 Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada e dialoga com St. John/João

Esta subseção, assim como a 4.1.2, divide-se em três momentos: no primeiro, (a) focalizo o meu olhar nos dados gerais dos capítulos XXXIV e XXXV, correspondentes ao recorte em que a protagonista é representada e dialoga, sobretudo, com St. John/João; no segundo, (b) focalizo o meu olhar no personagem St. John/João, apresentando a análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna, presentes nas sentenças investigadas retiradas da fala desse personagem; e no terceiro, (c) focalizo o meu olhar na personagem Jane/Joanna Eyre, apresentando a análise dos Processos e Participantes por ela realizados, presentes em sua fala quando dialoga com St. John/João.

##### (a) Dados gerais dos capítulos XXXIV e XXXV

A partir da Tabela 3, exposta abaixo, inicio a análise geral dos capítulos em que Jane/Joanna dialoga, principalmente, com St. John/João:

Tabela 3 – Dados gerais dos capítulos XXXIV e XXXV

	Textualização	Retextualização	Diferença da retextualização em relação à textualização
<i>Número de ocorrências dos 'nódulos' referentes à protagonista localizados nos capítulos XXXIV e XXXV</i>	32	33	+ 1
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes nas falas de St. John/João</i>	17	18	+ 1
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes na fala de Jane/Joanna</i>	-	-	-
<i>Número de 'nódulos' analisados ref. à protagonista, presentes nas falas de outros personagens</i>	07	04	- 3
<i>Número de sentenças analisadas nas falas de St. John/João</i>	17	18	+ 1
<i>Número de falas analisadas da protagonista</i>	40	41	+ 1
<i>Número de sentenças analisadas nas falas de outros personagens</i>	07	04	- 3
<i>Número de Processos analisados</i>	21	24	+ 3

<i>nas falas de St. John/João</i>			
<i>Número de Participantes analisados nas falas de St. John/João</i>	31	33	+ 2
<i>Número de Processos analisados nas falas da protagonista</i>	87	76	- 11
<i>Número de Participantes analisados nas falas da protagonista</i>	113	102	- 11
<i>Número de Processos analisados nas falas de outros personagens</i>	08	02	- 6
<i>Número de Participantes analisados nas falas de outros personagens</i>	13	06	- 7
<b><i>Total de Processos analisados em todo o capítulo XXXIV e XXXV</i></b>	<b>116</b>	<b>102</b>	<b>- 14</b>
<b><i>Total de Participantes analisados em todo o capítulo XXXIV e XXXV</i></b>	<b>157</b>	<b>141</b>	<b>- 16</b>

Com base na Tabela 3, verifica-se que a retextualização, quando comparada à textualização, apresenta um número inferior de (i) ‘nódulos’ analisados ref. à protagonista, presentes nas falas de outros personagens, nos capítulos XXIV e XXVII (03 a menos); (ii) sentenças analisadas nas falas de outros personagens (03 a menos); (iii) Processos e Participantes analisados nas falas da protagonista (11 a menos, cada); (iv) Processos e Participantes analisados nas falas de outros personagens (06 e 07 a menos, respectivamente); e um número superior de (i) ocorrências dos ‘nódulos’ referentes à protagonista localizados nos capítulos XXXIV e XXXV (uma a mais); (ii) ‘nódulos’ analisados referentes à protagonista, presentes nas falas de St. John/João (um a mais); (iii) sentenças analisadas nas falas de St. John/João (uma a mais); (iv) falas analisadas da protagonista (uma a mais); (v) Processos e Participantes analisados nas falas de St. John/João (03 e 02 a mais, respectivamente).

No que diz respeito à relação ‘número de ocorrências dos ‘nódulos’ referentes à protagonista localizados em todo o capítulo XXXIV e XXXV’ versus o ‘número de ‘nódulos’ referentes à protagonista analisados, presentes nas falas de St. John/João, de Jane/Joanna Eyre e de outros personagens’, esclareço que o número de ‘nódulos’ analisados, tanto na textualização (24) quanto na retextualização (22), é menor que o quantitativo total de ocorrências dos ‘nódulos’ em *Jane Eyre* (32) e em *Joanna Eyre* (33), pois apesar de alguns excertos do corpus conterem em seu interior um dos ‘nódulos’

buscados, estes não são passíveis de análise, como demonstram os exemplos abaixo:

(65)

*St. John: “Jane, I go in six weeks; I have taken my berth in an East Indiaman which sails on the 20th of June.”*

(66)

*João: — Não, Joanna, não; este mundo não é para descansar e gozar.*

Em (65) Jane não está envolvida nos Processos ‘go’ e ‘have taken’, construídos pelo grupo nominal ‘I’, que alude ao personagem St. John; em (66) o Processo ‘é’ estabelece uma relação entre os elementos ‘este mundo’ e ‘para descansar e gozar’, que não são realizados pela protagonista e, portanto, ambos os exemplos não constam das análises por fugirem do que aqui me proponho a fazer. Por conta dessas particularidades, o número de ‘nódulos’ não analisados nos capítulos XXXIV e XXXV corresponde a 19, sendo 08 na textualização e 11 na retextualização.

No que diz respeito ao fato de o ‘número de falas analisadas da protagonista’ ser maior na retextualização (41) que na textualização (40), esclareço que isso ocorre em função de o tradutor ter transformado um excerto correspondente ao discurso narrativo de Jane Eyre em diálogo, como se observa no quadro abaixo:

(67)

*Voz narrativa: This silence damped me. I thought perhaps the alterations had disturbed some old associations he valued. I inquired whether this was the case: no doubt in a somewhat crest-fallen tone.*

*St. John: “Not at all; he had, on the contrary, remarked that I had scrupulously respected every association: he feared, indeed, I must have bestowed more thought on the matter than it was worth. How many minutes, for instance, had I devoted to studying the arrangement of this very room?—By-the-bye, could I tell him where such a book was?”*

*Joanna: — Deprime <0010320>-me <0010121> o escrupulo de que talvez as alterações tivessem melindrado associações de idéas presadas.*

*João: — Absolutamente. Pelo contrario, deve ter gasto mais consideração em respeitar minuciosamente antigas lembranças do que valia a pena... A proposito: póde dizer-me onde está tal livro? E deu-me o titulo.*

No que diz respeito ao quantitativo de ‘Processos e Participantes analisados nas falas da protagonista’ ser menor na retextualização,

enquanto que o ‘número de falas analisadas’ dessa personagem é superior no mesmo texto quando comparado à textualização, esclareço que essa diferença existe em decorrência do fato de que a protagonista, em alguns dos diálogos, está envolvida em um quantitativo maior de Processos em inglês do que em português, como evidencia o exemplo abaixo:

(68)

*“[I <0010131> am going] To be <0010330> active: as active as I can. And first I <0010141> must beg <0010340> you to set Hannah at liberty, and get somebody else to wait on you.”*

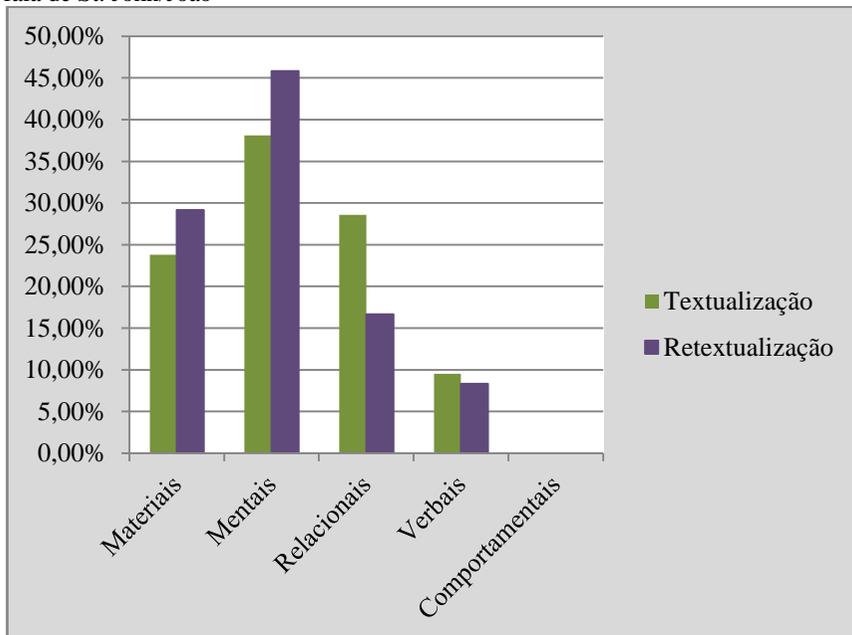
*— [Eu <0010131>] Quero ser <0010330> activa, activa o mais possível e para esse efeito antes de tudo o senhor deve dispensar a velha Joanna.*

No excerto constante do exemplo (68), observamos a protagonista realizar dois Participantes e Processos na textualização e apenas um Participante e Processo na retextualização.

**(b) Análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna presentes nas sentenças investigadas retiradas da fala de St. John/João**

Início a discussão enfocada no personagem St. John/João, a partir da análise dos Processos realizados pela protagonista presentes nas sentenças retiradas da fala desse personagem, como ilustra o Gráfico 5, abaixo:

Gráfico 5 - Processos realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de St. John/João



O Gráfico 5 evidencia o padrão que emerge, nos capítulos investigados nesta subseção, da representação que St. John/João elabora da protagonista: na textualização, a ordem dos Processos mais frequentes aos menos frequentes corresponde a – Mentais, Relacionais, Materiais e Verbais; na retextualização, essa ordem se altera para Mentais, Materiais, Relacionais e Verbais: os Processos Comportamentais são nulos em ambos os textos.

Os Processos Mentais correspondem a 38,10% (08 Processos) do total (21) de Processos analisados na textualização e a 45,83% (11 Processos) do total (24) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Mentais são, tipicamente, imperativas, ou declarativas, como mostram os exemplos:

(69)

*Think* <0010320> [you <0010121>] like me, Jane—*trust* <0010320> [you <0010121>] like me.

*Pense* <0010320> [você <0010121>] como eu, Joanna; *confie* <0010320> [você <0010121>] como eu.

(70)

[...] [you <0010121>] **cease to mistrust** <0010320> yourself <0010122>— [...]

[...] **cesse** [você <0010121>] **de desconfiar** <0010320> de si <0010122>.[...]

(71)

Jane, you <0010121> **would not repent** <0010320> marrying me— [you <0010131>] **be** <0010330> **certain of that; we must be married.**

A Joanna <0010121> **não se havia de arrepender** <0010320> de casar commigo.

Os exemplos nos mostram que St. John/João, assim como Rochester, representa a protagonista atuando em Processos Mentais em orações imperativas: em (69) e (70) Jane/Joanna está envolvida nos Processos Mentais ‘*think*’/‘*pense*’, ‘*mistrust*’/‘*desconfiar*’ e ‘*see*’, a partir de um comando desse personagem; em (71) Jane/Joanna está envolvida no Processo ‘*repent*’/‘*arrepender-se*’ na oração declarativa negativa, que constrói uma asserção em tom ameaçador, bastante frequente no discurso de St. John/João.

Os Processos Relacionais correspondem a 28,57% (6 Processos) do total (21) de Processos analisados na textualização e a 16,67% (4 Processos) do total (24) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Relacionais são, em sua totalidade, do tipo Atributiva, como mostram os exemplos:

(72)

“Jane <0010131> **is** <0010330> **not such a weakling as you would make her** <0010132>,” he would say [...]

— Joanna <0010131> **não é** <0010330> **creança delicada como as manas a querem fazer** <0010132>; [...]

(73)

Jane, you <0010131> **are** <0010330> **docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic:** [...]

A Joanna <0010131> **é** <0010330> **docil, aplicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica;**[...]

Em (72) e (73) a protagonista está envolvida nos Processos Relacionais ‘be/ser’, recebendo os Atributos ‘weakling’/‘creança delicada’ e ‘*docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic*’/‘*docil, aplicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica*’.

Os Processos Materiais correspondem a 23,81% (8 Processos) do total (21) de Processos analisados na textualização e a 29,17% (7 Processos) do total (24) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Materiais são, tipicamente, imperativas, como mostram os exemplos:

(74)

“Now, Jane, you <0010111> **shall take a walk** <0010310>; and with me.”

— Agora, a Joanna <0010111> **vae dar** <0010310> um passeio e ha de ser commigo.

(75)

“Jane, **come** <0010310> with me to India: **come** <0010310> [you <0010111>] as my helpmeet and fellow-labourer.”

— Joanna, **venha** <0010310> [você <0010111>] commigo para as Indias; **venha** <0010310> [você <0010111>] como minha auxiliadora, minha companheira de trabalho.

Os exemplos (74) e (75), seguem o observado na análise enfocada na construção que Rochester faz da protagonista: ambos os personagens a representam envolvida em Processos Materiais (neste caso, ‘*shall take a walk*’/‘vae dar um passeio’ e ‘*come*’/‘venha’), mas em orações imperativas.

Os Processos Verbais correspondem a 9,52% (2 Processos) do total (21) de Processos analisados na textualização e a 8,33% (2 Processos) do total (24) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as sentenças com orações Verbais apresentam a seguinte configuração:

(76)

I trust, Jane, [...] when you <0010141> **say** <0010340> you will serve your heart to God <0010143>: it is all I want.

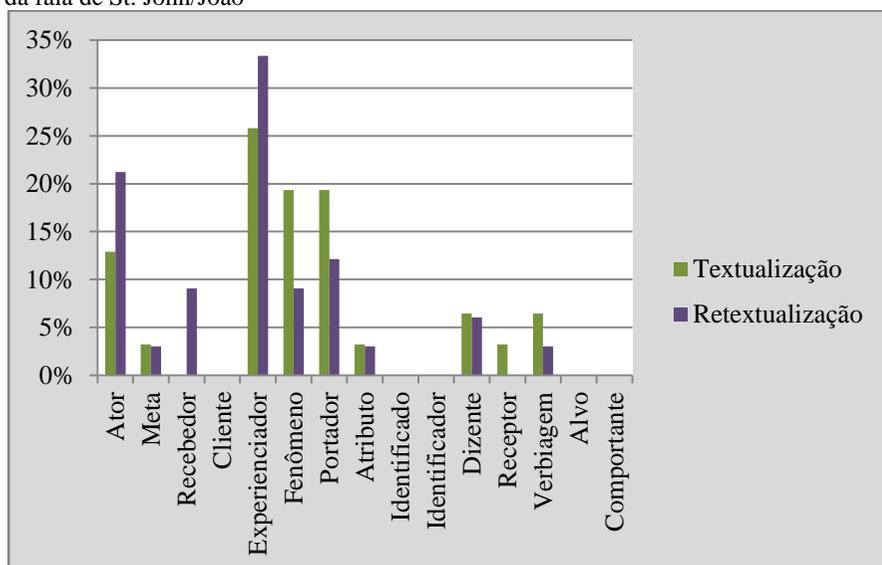
(77)

— *Entretanto a Joanna <0010141> disse <0010340> que [a Joanna] irá commigo para a India <0010143> [...]*

Os exemplos acima evidenciam o que ocorre, majoritariamente, nas orações Verbais construídas por Jane/Joanna nas sentenças retiradas das falas de St. John/João: a personagem, em 03 das 04 ocorrências identificadas, está envolvida no Processo Verbal de dizer/*say*.

Com o objetivo de iniciar a discussão sobre os Participantes realizados pela protagonista, presentes nas sentenças investigadas do discurso de St. John/João, apresento o Gráfico 6:

Gráfico 6 - Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre nas sentenças retiradas da fala de St. John/João



O Gráfico 6 evidencia o fato de que tanto na textualização quanto na retextualização, o Participante mais vezes realizado pela protagonista equivale ao Experienciador. Na textualização a ordem de frequência dos Participantes (31, no total), do mais ao menos ocorrente, excluindo-se o Experienciador (26%/8) que ocupa a primeira posição, corresponde a Fenômeno e Portador (ambos com 19%/6), Ator (13%/4), Dizente e Verbiagem (ambos com 6%/2), Meta, Atributo e Receptor (todos com 3%/1), e Recebedor, Cliente, Identificado, Identificador, Alvo e Comportante (0); na retextualização, a ordem de frequência dos

Participantes (33, no total), excluindo-se o Experienciador que ocupa a primeira posição (33%/11), corresponde a Ator (21%/07), Portador (12%/4), Recebedor/Fenômeno (ambos com 9%/3), Dizente (6%/2), Meta, Atributo e Verbiagem (todos com 3%/1), e Cliente, Identificado, Identificador, Receptor, Alvo e Comportante (0).

Nos capítulos investigados, os Participantes com ocorrências em ambos os textos, quais sejam, Ator, Experienciador, Portador, Dizente, Fenômeno, Meta, Atributo e Verbiagem assumem, tipicamente, a configuração dos exemplos abaixo:

(78) Oração Material – Participante Ator

— *A Joanna <0010111> devia ter esmagado <0010310> debaixo dos pés esses pensamentos e [a Joanna <0010111>] devia corar <0010310> ao alludir a elles [...]*

(79) Oração Mental – Participante Experienciador

*Jane, you <0010121> would not repent <0010320> marrying me— [...]*

(80) Oração Relacional Atributiva – Participante Portador e Atributo

*“Jane <0010131> is <0010330> not such a weakling as you would make her <0010132>,” he would say:[...]*

(81) Oração Verbal – Participante Dizente e Verbiagem

— *Entretanto a Joanna <0010141> disse <0010340> que [a Joanna] irá commigo para a India <0010143>[...]*

(82) Oração Mental – Participante Fenômeno

*[...] pensara ver **nella** uma das escolhidas <0010122>; mas Deus não vê como os homens.*

(83) Oração Material – Participante Meta

— *Quando eu fôr para a India, Joanna, eu a <0010112> deixo?*

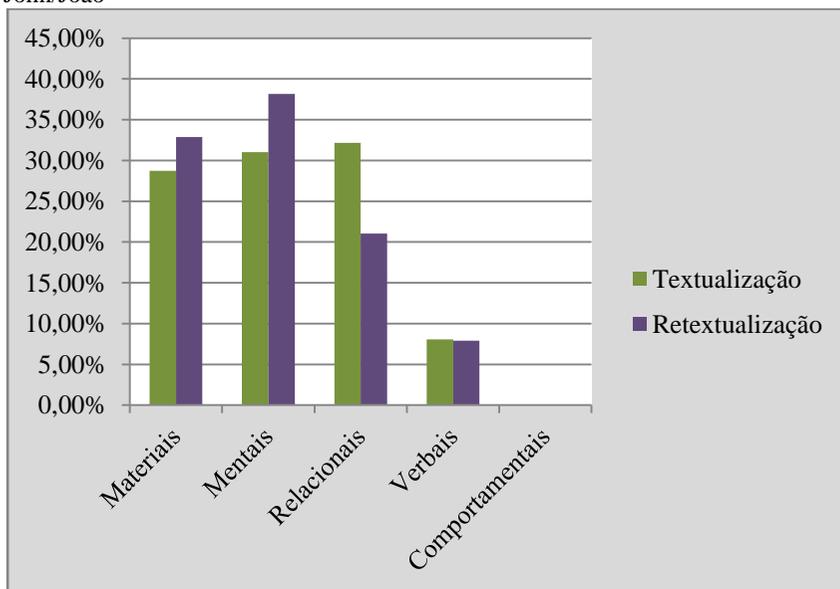
Nos exemplos oferecidos, observamos (i) o grupo nominal ‘Joanna’ realizando o Participante Ator e os Processos Materiais ‘esmagar’ e ‘corar’ (78); (ii) o grupo nominal ‘you’ realizando o Participante Experienciador e o Processo Mental ‘repent’ (79); (iii) o grupo nominal ‘Jane’ realizando o Participante Portador e o Processo Relacional ‘be’, e o grupo nominal ‘her’ inserido no elemento que realiza o Participante Atributo (80); (iv) o grupo nominal ‘Joanna’

realizando o Participante Dizente e o Processo Verbal ‘dizer’, e o grupo nominal ‘Joanna’ (resgatado) inserido na oração projetada que realiza o Participante Verbiagem (81); (v) o grupo nominal ‘nella’, que constrói a cadeia coesiva ligada à protagonista, inserido no Participante Fenômeno (82); e (vi) o grupo nominal ‘a’ realizando o Participante Meta.

**(c) Análise dos Processos e Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre, presentes em sua fala quando dialoga com St. John/João**

A partir do Gráfico 7, exposto abaixo, inicio a discussão sobre os Processos nos quais a protagonista está envolvida, quando dialoga com St. John/João.

Gráfico 7 - Processos realizados por Jane/Joanna Eyre quando dialoga com St. John/João



O Gráfico 7 evidencia o padrão que emerge dos textos, nos capítulos investigados nesta subseção, da representação que Jane/Joanna elabora de si mesma quando dialoga com St. John/João: na textualização, a ordem dos Processos mais frequentes aos menos frequentes corresponde a – Relacionais, Mentais, Materiais e Verbais; na retextualização, essa ordem se altera para Mentais, Materiais,

Relacionais e Verbais: em ambos os textos a ocorrência de Processos Comportamentais é nula.

Os Processos Mentais correspondem a 31,03% (27 Processos) do total (87) de Processos analisados na textualização e a 38,16% (29 Processos) do total (76) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as orações Mentais com Processos cognitivos e emotivos são as mais frequentes, como mostram os exemplos:

(84)

*"I <0010121> do not **understand** <0010320> a missionary life: I <0010121> have never **studied** <0010320> missionary labours."*

— [Eu <0010121>] Não **entendo** <0010320> a vida de missionario, [eu <0010121>] nunca **estudei** <0010320> esses trabalhos.

(85)

*"I <0010121> **believe** <0010320> you, St. John; [...]"*

— [Eu <0010121>] **Acredito** <0010320>, João, [...]

(86)

*"I <0010121> **must find out** <0010320> what is become of him."*

— [Eu <0010121>] **Devo saber** <0010320> o que é feito delle.

(87)

*"I <0010121> **scorn** <0010320> your idea of love," I could not help saying, as I rose up and stood before him, leaning my back against the rock. "I <0010121> **scorn** <0010320> the counterfeit sentiment you offer: yes, St. John, and I <0010121> **scorn** <0010320> you when you offer it."*

*Levantei-me e, encostando-me ao rochedo, disse: — [Eu <0010121>] **Despréso** <0010320> sua idéa de amor, sua contrafacção de amor e [eu <0010121>] **despréso** <0010320> até ao senhor mesmo, quando m <0010113> 'a offerece.*

(88)

*[...] I <0010121> **want to enjoy** <0010320> my own faculties as well as to cultivate those of other people <0010122>. I <0010121> **must enjoy** <0010320> them now; [...]"*

*[...] eu <0010121> **quero tirar gozo** <0010320> das minhas proprias*

*faculdades tanto como [eu quero] cultivar as dos outros  
<0010122>[...]*

Os exemplos (84), (85) e (86) correspondem a orações com Processos Mentais *cognitivos* – o mais frequente tanto na textualização (com 12 ocorrências) quanto na retextualização (com 12 ocorrências) –, nos quais a protagonista está envolvida nos Processos Mentais ‘*understand*’/‘entender’, ‘*study*’/‘estudar’ (84), ‘*believe*’/‘acreditar’ (85), e ‘*find out*’/‘saber’ (86); os exemplos (87) e (88) correspondem a orações com Processos Mentais *emotivos* – o segundo mais frequente no corpus (com 8 ocorrências, na textualização, e 9 ocorrências na retextualização) –, nos quais a protagonista está envolvida nos Processos Mentais ‘*scorn*’/‘desprezo’ e ‘*enjoy*’/‘gozar’.

Os Processos Materiais correspondem a 28,74% (25 Processos) do total (87) de Processos analisados na textualização e a 32,89% (25 Processos) do total (76) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as orações Materiais são, majoritariamente, construídas com Processos Materiais de ‘*intenção*’, como ilustram os exemplos:

(89)

*“Tell her to be ready by to-morrow then; and here is the schoolroom key: I <0010111> will give <0010310> you the key of my cottage in the morning.”*

— *Diga-lhe que esteja ás minhas ordens amanha. Aqui tem a chave da escola; amanha [eu <0010111>] lhe entregarei <0010310> tambem a da casa.*

(90)

*“And I <0010111> will give <0010310> the missionary my energies <0010112>—it is all he wants—but [I <0010111> will] not [give <0010310>] myself <0010112>: that would be only adding the husk and shell to the kernel.*

— *[Eu <0010111>] Darei <0010310> ao missionado todas as minhas energias <0010112>, que é tudo que elle quer, mas [eu <0010111>] não [darei <0010310>] minha pessoa <0010112>. Seria só accrescentar a casca ao nucleo.*

(91)

*“I <0010111> am ready to go <0010310> to India, if I <0010111> may go <0010310> free.”*

— [Eu <0010111>] **Irei** <0010310> para a Índia, si [eu <0010111>] posso **ir** <0010310> livre como estou.

(92)

If I <0010111> **were to marry** <0010310> you, you would kill me <0010112>. You are killing me <0010112> now.”

Si me <0010111> **casasse** <0010310>, o senhor me <0010112> mataria; já me <0010112> está a matar.

Nos exemplos acima, observamos Jane/Joanna estar envolvida em Processos Materiais de ‘intenção’, em oposição aos de ‘supervenção’, como ‘give’/‘entregar’ (89), ‘give’/‘dar’ (90) ‘go’/ ‘ir’ (91), ‘marry’/‘casar’ (92): no corpus, os Processos de ação mais construídos pela protagonista quando interage com St. John/João são *give* e *dar* (4), *go* e *ir* (5), *marry* (5) e *casar* (3).

Os Processos Relacionais correspondem a 32,18% (28 Processos) do total (87) de Processos analisados na textualização e a 21,05% (16 Processos) do total (76) de Processos analisados na retextualização. No corpus, as orações Relacionais são, tipicamente, Atributivas, como mostram os exemplos:

(93)

[...] “under the circumstances, quite as well as if I <0010133> **were** <0010330> either your real sister, or a man and a clergyman like yourself.”

[...] em nossas circunstâncias individuais, exactamente como si eu <0010133> **fosse** <0010330> sua irman carnal ou um homem ou clérigo como o senhor.

(94)

“My heart <0010131> **is** <0010330> mute,—my heart <0010131> **is** <0010330> mute,” I answered, struck and thrilled.

— Meu coração <0010131> **é** <0010330> mudo, meu coração <0010131> **é** <0010330> bem mudo, — respondi; espantada e estremecendo.

(95)

“It would do,” I affirmed with some disdain, “perfectly well. I <0010131> **have** <0010330> a woman’s heart, but not where you are concerned; for you I <0010131> **have** <0010330> only a comrade’s

*constancy; a fellow-soldier's frankness, fidelity, fraternity, if you like; a neophyte's respect and submission to his hierophant: nothing more—don't fear."*

— *E que mal haverá nisto? — perguntei com certo desdém. — [Eu <0010131>] **Tenho** <0010330> um coração de mulher, mas não no tocante ao senhor. Para o primo [eu <0010131>] **tereí** <0010330> a constancia de um camarada, a franqueza, a fidelidade de um soldado, o respeito e a submissão de um neophyto para com o hierophante: mais nada; não precisa ter medo.*

(96)

[...] [I <0010131> **cannot**] **become** <0010330> part of you."

[...] [eu <0010133> não posso] **ser** <0010330> sua.

Todos os exemplos acima correspondem a excertos que sucedem o pedido de casamento que St. John/João faz a protagonista: aqui a vemos argumentar com o pretendente, na tentativa de dissuadi-lo da ideia do casamento: em (93), a personagem está envolvida nos Processos Relacionais Identificadores 'be'/'ser' e se relaciona com os grupos nominais 'your real sister, or a man and a clergyman like yourself'/'sua irman carnal ou um homem ou clérigo como o senhor'; em (94) e (95), a personagem está envolvida nos Processos Relacionais Atributivos 'be'/'ser', 'have'/'ter', nos quais atribui ao seu coração o adjetivo 'mute'/'mudo', e diz possuir 'a comrade's constancy; a fellow-soldier's frankness, fidelity, fraternity, a neophyte's respect and submission to his hierophant'/'a constancia de um camarada, a franqueza, a fidelidade de um soldado, o respeito e a submissão de um neophyto para com o hierophante', respectivamente; e em (96) a personagem está envolvida nos Processos Relacionais 'become' (Atributivo)/'ser' (Identificador), nos quais se relaciona a St. John/João.

Os Processos Verbais correspondem a 8,05% (07 Processos) do total (87) de Processos analisados na textualização e a 7,89% (06 Processos) do total (76) de Processos analisados na retextualização. No corpus, os Processos Verbais são realizados, tipicamente, pelo grupo verbal *ask*, na textualização, e pelos grupos verbais *pedir* e *dizer*, na retextualização:

(97)

I <0010141> **say** <0010340> again, I will be your curate, if you like, but never your wife <0010143>."

— [Eu <0010141>] **Repito** <0010340>: [Eu] *Consinto livremente em acompanhá-lo como missionária; mas não como sua mulher <0010143> [...].*

(98)

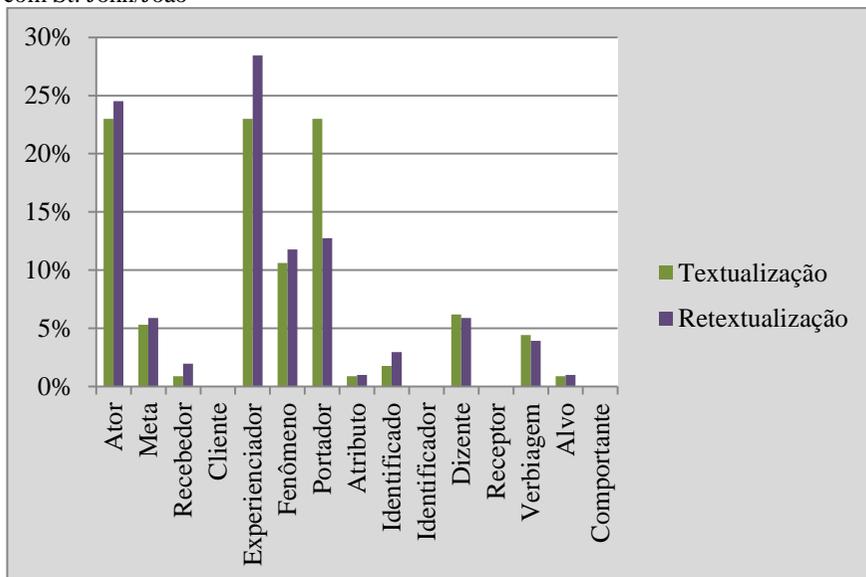
“I <0010141> **will call** <0010340> *Diana and Mary.*”

— [Eu <0010141>] **Chamarei** <0010340> *Diana e Maria.*

Nos exemplos acima, a protagonista está envolvida nos Processos Verbais ‘say’/‘repetir’ e ‘call’/‘chamar’: conforme exposto na subseção anterior, o quantitativo de Processos Verbais nos diálogos de Jane/Joanna Eyre não é expressivo, pois esses Processos são tipicamente por ela construídos em sua voz narrativa, que não é analisada por estar fora do escopo desta pesquisa.

Com o objetivo de iniciar a discussão sobre os Participantes realizados pela protagonista, quando dialoga com St. John/João, apresento o Gráfico 8:

Gráfico 8 - Participantes realizados por Jane/Joanna em sua fala quando dialoga com St. John/João



O Gráfico 8 mostra que os Participantes mais frequentes nas orações em que Jane/Joanna Eyre dialoga com St. John/João correspondem ao Experienciador, ao Ator e ao Portador e que a ordem de frequência dos Participantes, do mais ao menos ocorrente, na textualização (113, no total), corresponde a Experienciador, Ator e Portador (23%/26 ocorrências cada), Fenômeno (11%/12), Dizente (6%/7), Meta (5%/6), Verbiagem (4%/5), Identificado (2%/2), Recebedor, Atributo e Alvo (1%/1), e Cliente, Identificador, Receptor e Comportante (0); e, na retextualização (102, no total), corresponde a Experienciador (28%/29), Ator (25%/26), Portador (13%/13), Fenômeno (12%/12), Dizente e Meta (6%/6), Verbiagem (4%/4), Identificado (3%/3), Verbiagem (4%/5), Identificado (3%/2), Recebedor (2%/2), Atributo e Alvo (1%, 1), e Cliente, Identificador, Receptor e Comportante (0).

Nas falas investigadas, em ambos os textos, os Participantes Ator, Experienciador, Portador, Identificado, Dizente são realizados pelos grupos nominais (*I/eu*). No entanto, na retextualização, devido às configurações da língua portuguesa (ver Nota 128), o grupo nominal ‘eu’ está elíptico em muitas orações tendo que ser resgatado para a efetuação das análises. No que se refere aos Participantes Fenômeno e Verbiagem, estes, tipicamente, encontram-se inseridos em orações projetadas que os realizam. Os exemplos abaixo ilustram os Participantes construídos pela protagonista, mais frequentes em sua fala:

(99) Oração Material – Participante Ator

“*Oh! I <0010111> will give <0010310> my heart <0010112> to God,*” *I said. “You do not want it.”*

(100) Oração Mental – Participante Experienciador

— *[Eu <0010121>] Estudo <0010320> alemão.*

(101) Oração Relacional Atributiva – Participante Portador

*[...] I <0010131> am <0010330> sensible of no light kindling—no life quickening—no voice counselling or cheering. [...]*

(102) Oração Relacional Identificadora – Participante Identificado

— *Não, João, [eu <0010133>] não quero ser <0010330> sua mulher.*

(103) Oração Verbal – Participante Dizente

— *Seria inutil [eu <0010141>] attentar explicações <0010340>.*

(104) Oração Verbal – Participantes Dizente e Verbiagem

*“Conditionally [I <0010141> have said <0010340> I would go with you to India <0010143>].”*

(105) Oração Material – Participante Meta

*[...] o senhor me <0010112> mataria; já me <0010112> está a matar.*

(106) Oração Mental – Participantes Experienciador e Fenômeno

*“Yes [I <0010121> do hear <0010320> you]; just as if you were speaking Greek. I <0010121> feel <0010320> I have adequate cause to be happy <0010122>, [...]”*

Nos exemplos acima, observamos (i) os grupos nominais ‘I/‘eu’ realizar o Participante Ator e o Processo Material ‘give’ (99), o Participante Experienciador e o Processo Mental ‘estudar’ (100); o Participante Portador e o Processo Relacional Atributivo ‘be’ (101); o Participante Identificado e o Processo Relacional Identificador ‘ser’ (102); o Participante Dizente e o Processo Verbal ‘attentar explicações [dar explicações]’ (103); os Participantes Dizente e Verbiagem (inseridos na oração projetada), e o Processo Verbal ‘say’ (104); os Participantes Experienciador e Fenômeno (inserido na oração projetada), e os Processos ‘hear’ e ‘feel’ (106); e (ii) o grupo nominal ‘me’ realizar o Participante Meta, ao sofrer as consequências do Processo ‘matar’, construído por João (105).

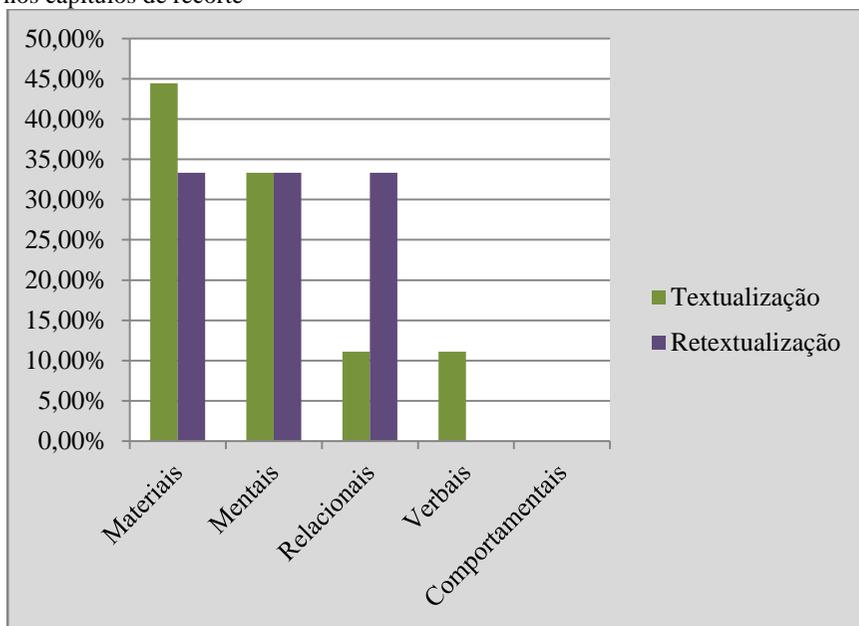
Concluída a descrição do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada por St. John/João e quando dialoga com esse personagem, nos capítulos XXXIV e XXXV, passo a enfocar o meu olhar na representação elaborada por outros personagens da protagonista nos capítulos que constituem o recorte desta pesquisa (XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV), ou seja, na próxima subseção analiso apenas as sentenças que apresentam orações com os ‘nódulos’ que aludem a Jane/Joanna Eyre, retiradas das falas de personagens que não sejam St. John/João ou Rochester.

#### *4.1.3 Análise do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre quando é representada por outros personagens*

Conforme consta nas Tableas 2 e 3 com os dados gerais dos capítulos que compõem o recorte deste estudo, a protagonista está envolvida em (i) 01 Processo e 01 Participante na fala de outro

personagem (neste caso, mrs. Fairfax/sra. Fairfax), tanto na textualização quanto na retextualização, nos capítulos XXIV e XXVII; (ii) 08 Processos e 13 Participantes nas falas de outros personagens (neste caso, Mary e Diana), na textualização, nos capítulos XXXIV e XXXV; e (iii) 02 Processos e 06 Participantes nas falas de outros personagens (neste caso, Maria e Diana), na retextualização, nos capítulos XXXIV e XXXV: somado esse quantitativo, verifica-se que a protagonista constrói, na textualização, 09 Processos e 14 Participantes e, na retextualização, apenas 03 Processos e 07 Participantes, nas falas de outros personagens, no corpus investigado. O Gráfico 9, apresentado abaixo, mostra quais Processos são mais frequentes nessas falas:

Gráfico 9 – Processos realizados por Jane/Joanna na fala de outros personagens nos capítulos de recorte



O Gráfico 9 evidencia que, na retextualização, a protagonista está envolvida no mesmo quantitativo de Processos Materiais, Mentais e Relacionais (com 01 ocorrência cada/33,33%), e que, na textualização, os Processos mais frequentes correspondem a Materiais (com 4 ocorrências/44,44%), Mentais (com 3 ocorrências/33,33%) e Relacionais/Verbais (com 01 ocorrência/11,11%). Os exemplos abaixo

mostram como é a configuração dos Processos tipicamente construídos pela personagem investigada:

(107) Orações Materiais

— *A srta Eyre* <0010111> *não vem almoçar* <0010310>?

— “*Miss Eyre, will you* <0010111> *come* <0010310> *to breakfast?*”

*And you* <0010111> *will marry* <0010310> *him, Jane, won't you* <0010111> [*marry* <0010310> *him*]?

*You* <0010111> *never shall go* <0010310> [...]

(108) Orações Mentais

[...] *you* <0010121> *have not consented* <0010320>, *have you* <0010121> [*consented* <0010320>], *Jane?*”

*You* <0010121> *do not love* <0010320> *him then, Jane?*”

[*Tu* <0010121>] *Não o amas* <0010320>, *Joanna?*

(109) Orações Relacionais

— *Joanna, nos ultimos* [*tu* <0010131>] *tempos estás* <0010330> *sempre agitada e pallida.*

“*Jane,*” *she said,* “*you* <0010131> *are* <0010330> *always agitated and pale now.*”

(110) Orações Verbais

“*What makes you* <0010141> *say* <0010340> *he does not love you* <0010143>, *Jane?*”

(111) Participantes realizados pela protagonista

*Desejava que te amasse* <0010122>, — *ama-te* <0010122>, *Joanna?*

*I wish he loved you* <0010122>—*does he* [*love you* <0010122>], *Jane?*”

“*St. John! you used to call Jane your third sister* <0010143>, *but you don't treat her* <0010112> *as such: you should kiss her too.*”

— *Ora, João; chamas a Joanna tua terceira irman* <0010143>; *mas não a* <0010112> *tratas como tal; devias beijal-a tambem!*

Os exemplos acima constituem todos os Processos e Participantes realizados pela protagonista, nas falas das personagens mrs./sra. Fairfax, Diana e Mary/Maria: como se pode observar, tipicamente, essas personagens representam Jane/Joanna em orações interrogativas. No que se refere às orações Materiais, a protagonista está envolvida nos Processos Materiais de ação, como ‘almoçar’, ‘come’, ‘go’ e ‘marry’ e realiza o Participante Ator, através dos grupos nominais ‘srta. Eyre’ (01) e ‘you’ (04). No que se refere às orações Mentais, a protagonista está envolvida nos Processos Mentais emotivos (02) – ‘love’ e ‘amar’ – e cognitivos (02) – ‘consent’, e realiza o Participante Experienciador, através dos grupos nominais ‘you’ (03) e ‘tu’ (01). No que se refere às orações Relacionais, a protagonista está envolvida nos Processos ‘estar’ e ‘be’, e realiza o Participante Portador, através dos grupos nominais ‘tu’ e ‘you’, que carregam os adjetivos ‘agitada/agitated’ e ‘pallida/pale’. No que se refere à oração Verbal, presente apenas na textualização, a protagonista está envolvida no Processo Verbal ‘say’ e realiza os Participantes Dizente e Verbiagem, através do grupo nominal ‘you’. A personagem analisada também constrói Participantes em orações cujo Processo está atrelado a outro personagem, como ocorre em (111): aqui, observamos Jane/Joanna realizar o Participante Fenômeno, através do grupo verbal ‘you’ e ‘her’, representando o que é amado; o Participante Verbiagem, através do grupo nominal ‘Jane/Joanna’, representando aquilo que é dito; e o Participante Meta, através do grupo nominal ‘a’, que é afetado pelo Processo Material ‘tratar/treat’.

Findada a *descrição* do que observei ao efetuar a análise dos excertos que compõem os capítulos investigados, apresento, na subseção seguinte, um resumo do que discuti ao longo desta seção, bem como as reflexões sobre o perfil ideacional que emerge da protagonista, com base na *interpretação* que faço dos dados levantados.

#### 4.1.4 Considerações sobre o resumo dos resultados obtidos na investigação do perfil ideacional da protagonista

A partir da investigação do perfil ideacional de Jane/Joanna Eyre, nos capítulos do recorte, apresento, em forma tabular, o que a análise me permitiu observar em termos da quantidade/percentual de Processos construídos pela protagonista, conforme representada nas interações com Rochester, St. John/João, outros personagens menores, e em suas próprias falas:

Tabela 4 – Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre (T= Textualização e R=Retextualização)

Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre em Quantidade										
Processos	Rochester		Protagonista XXIV e XXVII		St. John/João		Protagonista XXXIV e XXXV		Outros personagens	
	T	R	T	R	T	R	T	R	T	R
Material	17	9	35	31	05	07	25	25	04	01
Mental	25	22	45	36	08	11	27	29	03	01
Relacional	23	13	35	28	06	04	28	16	01	01
Verbal	05	02	14	13	02	02	07	06	01	00
Comportamental	06	03	02	05	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>49</b>	<b>131</b>	<b>113</b>	<b>21</b>	<b>24</b>	<b>87</b>	<b>76</b>	<b>09</b>	<b>03</b>
Perfil Ideacional de Jane/Joanna Eyre em Percentual										
Processos	Rochester		Protagonista XXIV e XXVII		St. John/João		Protagonista XXXIV e XXXV		Outros personagens	
	T	R	T	R	T	R	T	R	T	R
Material	22,37	18,37	26,70	27,45	23,81	29,17	28,74	32,89	44,44	33,33
Mental	32,89	44,90	34,40	31,85	38,10	45,83	31,03	38,16	33,33	33,33
Relacional	30,26	26,53	26,70	24,80	28,57	16,67	32,18	21,05	11,11	33,33
Verbal	06,58	04,08	10,70	11,50	09,52	08,33	08,05	07,89	11,11	00
Comportamental	07,89	06,12	01,50	04,40	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Se focalizarmos o nosso olhar na Tabela 2 como um todo, observaremos que o perfil ideacional que emerge da protagonista é majoritariamente Mental; essa configuração permite dizer que Jane/Joanna é representada no corpus como um ser que realiza cognições, sente e deseja: a exceção se faz para a construção que Jane elabora de si mesma quando dialoga com St. John, na qual emerge um perfil ideacional Relacional na textualização. Por outro lado, se focalizarmos o nosso olhar em cada momento da análise separadamente, ou seja, em cada uma das colunas, observaremos que na primeira coluna, correspondente à análise das falas de Rochester, os Processos mais construídos pela protagonista equivalem a Mentais, Relacionais, Materiais, Comportamentais e Verbais.

No que se refere à representação Mental – das experiências do nosso mundo interior, as “orações de sentir” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 197) –, que Rochester elabora sobre Jane/Joanna Eyre, conforme exponho na subseção 4.1.1, existem, em maior quantidade, Processos Mentais do tipo ‘gostar’ em oposição aos do tipo ‘agradar’. A diferença entre ambos os tipos reside na posição do Participante Experienciador e Fenômeno em relação ao Sujeito e ao Complemento do grupo verbal (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). No primeiro caso, dos Processos que se classificam como sendo do tipo

‘gostar’, o Sujeito de orações Mentais na voz ativa constrói o *Experienciador*, como ocorre em “**Supporta [você] mais uma só noite, Joanna, debaixo deste tecto, depois: adeus miserias e terrores para sempre!**”: aqui, o grupo nominal “você”, que neste caso remete à cadeia coesiva ligada à protagonista, realiza o *Experienciador*. Já no segundo caso, dos Processos do tipo “agradar”, o Sujeito da voz ativa constrói o *Fenômeno*, como acontece em “**Nunca encontrei tua igual, Joanna, tu me agradas, tu me dominas**”, em que o grupo nominal “tu”, que também remete à cadeia coesiva ligada à Joanna, realiza o *Fenômeno* e exerce certo poder sobre Rochester. Diante dessa predominância, há evidência suficiente para concluir que nas falas de Rochester, a personagem realiza principalmente o Participante *Experienciador*, aquele que é “dotado de consciência” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 201) e, dessa forma, sente, pensa, deseja ou percebe o Processo Mental.

Essa configuração poderia levar à leitura de que Rochester representa a protagonista como uma personagem autônoma no que diz respeito ao que ela sente, pensa ou deseja; no entanto, tipicamente, o protagonista masculino da narrativa constrói ‘a sua’ Jane/Joanna Eyre realizando Processos Mentais em orações interrogativas e/ou imperativas, nas quais quem exerce o controle dos sentimentos dessa personagem é... ele. As orações Mentais interrogativas, como “**Jane, you understand what I want of you?/Joanna, [tu] não percebes o que quero de ti?**”, são incorporadas no discurso desse personagem quando deseja coagir a protagonista a adotar algum comportamento por ele esperado, sendo o mesmo procedimento evidenciado em relação às orações Mentais imperativas, como, por exemplo, em “**Prova [você] o vinho mais uma vez, Joanna**”. Nesse cenário, interpreto que, apesar de Rochester representar a protagonista pensando, amando, desejando, ou seja, como o Participante que experiencia a realidade ao ser construída atuando em Processos Mentais, é bastante claro em seu discurso que as cognições, as emoções e os anseios de Jane/Joanna devem ser a ele subordinados. Esse quadro está em conformidade com o tratamento típico dispensado à figura da mulher na sociedade patriarcal em que ambas as obras foram produzidas (metade do século XIX e início do século XX). Os dizeres de Mary Wollstonecraft, em *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects* (1792), que resgato, corroboram a afirmação anterior: “seria uma tarefa sem fim traçar a variedade de significados, preocupações e sofrimentos que são atribuídos às mulheres pela opinião prevalente, que elas são

criadas para sentir e não para pensar e que todo o poder que obtêm, deve ser obtido pelo seu charme e fraqueza”.<sup>132</sup> Embora o trabalho dessa autora feminista tenha sido publicado no fim do século XVIII, suas palavras parecem ainda ser verdade para os Contextos de Cultura da textualização e retextualização aqui estudadas, se considerarmos as duras críticas e a censura a que *Jane Eyre* (1897) fora alvo na Inglaterra e no Brasil, respectivamente.

No que se refere à representação Material, relacionada com a construção de experiências do mundo externo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), o mesmo padrão observado nos Processos Mentais emerge: aqui, a protagonista é construída em Processos Materiais, mas em orações imperativas proferidas por Rochester (*Jane—[you] give it me now./Joanna! [tu] dá-m'o agora!*); ou seja, ela realiza a ação, mas a partir de um estímulo de Rochester. Além disso, evidencia-se a ocorrência de Processos Materiais de ‘supervensão’, como em “[...]—with which **your eyes** are now almost **overflowing**—with which **your heart** is **heaving**—with which **your hand** is **trembling** in mine/[...]da qual **teus olhos transbordam**, e que faz **teu coração arfar** e **tua mão tremer**, me é como o carinho de meiga mãe”, nos quais o Participante Ator, neste caso, *your eyes/teus olhos*, *your heart/teu coração*, *your hand/tua mão* realizam ações involuntariamente, isto é, o Processo parece ‘acontecer simplesmente’ (cf. SIMPSON, 1993), de tal modo que os elementos que constroem a cadeia coesiva relacionada à personagem não possuem agenciamento sobre o desdobramento do Processo Material que é por eles realizado. Chama a atenção, ainda, o fato de que, em alguns excertos, como no último exemplo, partes do corpo da protagonista constroem o Participante Ator ou o Participante Meta, como em “*I will cover **the head** I love best with a priceless veil/cobrirei com um véu de preço inestimável a cabeça*”: aqui, Rochester efetua uma representação meronímica da personagem, que é fragmentadora, no sentido de que Rochester não se dirige à personagem como um todo, mas a partes do corpo dela.

---

<sup>132</sup> It would be an endless task to trace the variety of meannesses, cares, and sorrows, into which women are plunged by the prevailing opinion, that they were created rather to feel than reason, and that all the power they obtain, must be obtained by their charms and weakness (WOLLSTONECRAFT, 1792, cap. IV). Como esta citação foi retirada do site do *The Gutenberg Project* não sei precisar em qual página está situada). Por isso, apresento aqui o link: <http://www.gutenberg.org/cache/epub/3420/pg3420.html>.

No que se refere à representação Relacional, utilizada para caracterizar e classificar e na qual “alguma coisa é dita ‘ser’ [ou ter] uma outra coisa” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 213), conforme exponho na subseção 4.1.1, existe uma predominância no corpus de Processos Relacionais Atributivos: em ambos os textos, mas com mais ocorrências na textualização, Rochester associa a protagonista a Atributos que refletem a construção típica do feminino no contexto em que as obras foram produzidas, atribuindo a Jane/Joanna características positivas (a partir da perspectiva de Rochester) que denotam beleza (*blooming, smiling, pretty/flôr desabrochada, risonha e bonita*), fragilidade (*my little darling, sick/doente de nojo*) e amabilidade (*carinho de meiga mãe*) e negativas (ainda sob sua perspectiva) que denotam comportamento reprovável (*uma Eva, jealous/com ciúme*). É interessante observar que a protagonista reage a essa representação proibitiva, conforme o excerto abaixo ilustra:

(112)

— *Joanna, convido-te a conhecer em mim tudo que vale a pena; pelo amor de Deus, [tu] não desejes carregar-te com trastes inúteis; não cobices [tu] veneno; não te tornes uma Eva para mim.*  
 — *E por que não? Ha pouco me disse quanto gostava de ser conquistado, quão agradável lhe era ser persuadido. Não será melhor [eu] aproveitar sua confissão e [eu] começar a lisonjear, [eu começar a] pedir e [eu começar a] chorar, si fôr necessario, e [eu] teimar, só para ensaio de meu poder?*

Essa reação está em franca oposição à representação Comportamental elaborada por Rochester da protagonista, em que esta é construída, na maior parte das ocorrências, atuando em Processos Comportamentais de ‘sorrir’: aqui, esse personagem reafirma, mais uma vez, que o encanto das mulheres residia, justamente, “na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade” (LE MOS, 1897, *apud* PAIVA, 1997, p. 87), ou seja, aparentemente, à mulher de então, só lhe restava o comportamento socialmente aceito – e infantilizado – de sorrir.

Retomando a Tabela 2, passo agora a examinar os Processos construídos pela protagonista em sua própria fala quando dialoga com Rochester. Na segunda coluna, os Processos mais realizados por ela, na textualização, equivalem a Mentais, Materiais/ Relacionais (com o mesmo quantitativo), Verbais e Comportamentais; e, na retextualização, a Mentais, Materiais, Relacionais, Verbais e Comportamentais: isso significa dizer que na retextualização a protagonista se representa realizando menos Processos Relacionais do que na textualização.

No que se refere à representação Mental, com base no que apresento na subseção 4.1.1, existe uma predominância de Processos Mentais *cognitivos* – relacionados à decisão, compreensão e imaginação – e Processos Mentais *emotivos* – relacionados aos sentimentos – nas falas de Jane/Joanna Eyre quando dialoga com Rochester, ou seja, nessas interações, a personagem se representa realizando o Participante Experienciador que, sobretudo, sabe, compreende, imagina e sente. Se quando é construída por Rochester a protagonista realiza, tipicamente, Processos Mentais estando a ele subordinada, aqui a vemos projetando-se como um ser autônomo ao experienciar essa realidade, como a passagem abaixo ilustra, na qual ela realiza o “gostar”, porque assim *ela o deseja*:

(113)

*Rochester: — E si esse vae ser teu olhar de esposa, devo em breve abandonar a idéa de me consorciar com uma salamandra. Mas, que queres, pequena, dize!*

*Joanna: — Ora, já está menos que cortez. [Eu] Gosto, porém, mais desta rudeza que de lisonjas.*

No que se refere à representação Material, a protagonista realiza, majoritariamente, Processos Materiais de ‘intenção’ (cf. SIMPSON, 1993, p. 96) em contraposição aos de ‘supervenção’, isto é, nada parece ‘acontecer simplesmente’ com a personagem, ela está no controle do que faz e, assim, apresenta agenciamento sobre o desdobramento do Processo Material, como ocorre em:

(114)

*“I shall continue to act as Adèle’s governess; by that I shall earn my board and lodging, and thirty pounds a year besides. I’ll furnish my own wardrobe out of that money, and you shall give me nothing but— [Eu] Continuaréi em meu posto de governante de Adelia, [e eu continuaréi] ganhando desta sorte meu sustento e alojamento e trinta libras por anno. Com este dinheiro [eu] comprarei o meu enxoval e o senhor nada me dará afora...”*

Chama a atenção, também, o fato de que muitos dos Processos Materiais constantes da fala da protagonista são por ela realizados como uma forma de posicionamento contrário a uma ação que Rochester almeja que seja por ela empreendida, como a passagem abaixo ilustra:

(115)

— *Ora, em ponto de teimosia genuína e orgulho innato não tens igual*  
 — *murmurou elle. Aproximámo-nos de Thornfield. — Farás o favor de*  
*jantar commigo hoje?* — *perguntou, ao passar o portão.*  
 — *Não, obrigada, senhor.*  
 — *E, si dás licença, por que esse «não, obrigada»?*  
 — **[Eu]** *Nunca jantei com o senhor e [eu] não vejo razão para fazel-o*  
*até que...*  
 — *Até que? Delicias-te em meias phrases.*  
 — *Até que [eu] possa agir de outra maneira.*

Aqui, fica nítido o desejo de Rochester de coagir Joanna a ceder ao seu pedido (com ares de comando) e o posicionamento firme da protagonista, que rejeita submeter-se a ele: esse tipo de comportamento da personagem fora, possivelmente, um dos fatores responsáveis pela associação que a crítica Anne Mozley, no *The Christian Remembrancer* (1853), fez entre a escritora Charlotte Brontë e um “alienígena”, por ser ela “insensível às leis da sociedade” (*apud* GILBERT e GUBAR, 1979, p. 337), ou seja, Mozley parecia querer dizer ‘como Charlotte Brontë pôde se atrever a construir uma personagem que não se sujeita à dominação masculina quando “as leis da sociedade” patriarcal na qual vivia assim determinavam?’

No que se refere à representação Relacional, dois comportamentos da protagonista, em particular, são interessantes de serem observados por serem paradoxais. O primeiro, diz respeito ao fato de que, tipicamente, a personagem se constrói em orações Relacionais, nas quais refuta o Atributo que Rochester a ela relaciona ou reage a alguma representação por ele elaborada, como a passagem abaixo mostra:

(116)

— *Has de deter-te em Paris, Roma, Napoles, em Florença, Veneza e*  
*Vienna; onde quer que eu estive, tu deves passar; onde pisou a minha*  
*pata, deve tocar teu nymphéo pé. Faz dez annos que rompi pela*  
*Europa como um desvaírado, tendo por companheiros desgosto, odio,*  
*raiva; agora quero tornar a visital-a puro e são, com um anjo*  
*consolador a meu lado.*  
*Ri delle, ao ouvir isto. — Eu não sou um anjo, nem [eu] o serei até*  
*[eu] morrer: [eu] serei sempre eu mesma e o sr. Rochester não deve*  
*esperar de mim nem exigir nada de celestial, porque não o pôde obter*  
*de mim tão pouco como eu [não posso obter isso] do senhor.*

Na passagem (116), observa-se Joanna adotar uma postura forte ao negar a representação de feminilidade submissa que Rochester elabora ao denominá-la “um anjo consolador” e ao informá-la de que onde “ele esteve, ela *devia* passar; onde pisou a pata dele, devia tocar o seu nymphéo pé”: a protagonista refuta e reage a essa representação, ao refutar, dizendo que não é “um anjo”, nem “o será até morrer”. Um segundo comportamento interessante de se observar, diz respeito ao fato de que, em muitas ocasiões, a personagem se constrói em relação ao protagonista masculino, como a passagem abaixo exemplifica:

(117)

— *Não, não, senhor! Pense em outras coisas, fale em outro assumpto e em outro tom! Não se me dirija, como si [eu] fosse a sua bella; eu sou a sua simples governante.*

Na passagem (117), observa-se Joanna se construir como um ser em relação a Rochester, ou seja, como “**a sua simples governante**”: chama a atenção o fato de que, embora a protagonista consiga transgredir certos padrões de comportamento tipicamente esperado da mulher, conforme evidenciado em orações Relacionais, como em “não se me dirija, como si **eu fosse a sua bella**”, essa transgressão não é sempre evidenciada, pois, eu suponho, os contextos de produção das obras não autorizariam uma representação em que ela se desvencilhasse (pelo menos não completamente) da ideia da submissão feminina— nem mesmo no seu próprio discurso.

Retomando a Tabela 2, passo agora a examinar os Processos realizados pela protagonista nas falas de St. John/João. Na terceira coluna, os Processos mais realizados por ela, na textualização, equivalem a Mentais, Relacionais, Materiais e Verbais; e, na retextualização, a Mentais, Materiais, Relacionais e Verbais: isso significa dizer que na retextualização, assim como fica evidenciado na representação que a protagonista elabora de si mesma ao dialogar com Rochester, Joanna é representada realizando menos Processos Relacionais do que Jane na textualização, ou seja, é priorizada, novamente, no texto traduzido a construção de uma personagem que ‘age’ – seja porque assim o quer (como ocorre em suas falas) ou porque outros personagens assim demandam (como ocorre nas falas de Rochester e St. John/João).

No que se refere à construção que esse personagem elabora da protagonista, chama a atenção, sobretudo, o fato de que ele a traz muito pouco para o seu discurso: enquanto nas falas de Rochester os ‘nódulos’ que aludem a Jane/Joanna Eyre apresentam 61 e 41 ocorrências (na

textualização e na retextualização, respectivamente), nas falas de St. John/João os ‘nódulos’ apresentam, apenas, 17 e 18 ocorrências (também na textualização e retextualização, respectivamente). Nesse cenário, interpreto que a ausência do nome da protagonista no discurso de St. John/João poderia ser lida como uma negação em incorporar Jane/Joanna a sua vida: ele a ‘deseja’ para um fim bastante específico – o trabalho.

No que se refere à representação Mental, a protagonista é construída realizando, principalmente, Processos Mentais *cognitivos* em orações imperativas ou declarativas, como, por exemplo, em “**You see, Jane, the battle is fought and the victory won/Já vê [você], Joanna, a batalha está dada, a Victoria ganha**”: aqui, repete-se o comportamento coercivo evidenciado nas falas de Rochester, ou seja, a personagem realiza cognições, mas não apresenta autonomia sobre o que pensa, uma vez que o seu pensar está também subordinado ao discurso de St. John/João. Nesse sentido, observa-se, novamente, através da descrição linguística, o ‘espírito’ patriarcal que sublinha e perpassa toda a construção de Jane/Joanna Eyre no espaço discursivo dos personagens masculinos, construção essa que corrobora o pensamento predominante nos CC em que as obras foram produzidas (cf. 3.1.1.3).

No que se refere à representação Material, o mesmo padrão observado nos Processos Mentais emerge: aqui, a protagonista é construída em Processos Materiais, mas em orações imperativas proferidas por St. John (“**Now, Jane, you shall take a walk; and with me/—Agora, a Joanna vae dar um passeio e ha de ser commigo**”); ou seja, ela realiza a ação, mas a partir de um comando desse personagem.

No que se refere à representação Relacional, a protagonista é construída, tanto na textualização quanto na retextualização, apenas em orações Relacionais Atributivas: aqui, St. John/João associa a personagem, principalmente, a Atributos que refletem a sua vocação para o trabalho de missionária (*docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic /docil, aplicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica*), com a finalidade de convencê-la a se casar com ele. É interessante observar que, se com relação a Rochester a protagonista tem autonomia para se rebelar facilmente; no que diz respeito a St. John/João, descrito pela personagem como alguém feito de “mármore”, o mesmo comportamento não é facilmente por ela adotado, conforme o excerto abaixo ilustra através da voz narrativa:

(118)

— *A Joanna é docil, aplicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica; [você] cesse de desconfiar de si, eu lhe dou minha inteira confiança. Como directora de escolas e cooperadora no trabalho das mulheres, sua assistência me será inapreciável.*

*Fechei os olhos para não ver como seus argumentos avançavam cada vez mais para me persuadir, como o círculo de ferro se apertava cada vez mais em redor de mim. Meu trabalho, até então vago e sem fim, tomara forma definitiva debaixo de suas mãos. Pedi-lhe um quarto de hora para reflectir antes **de me atrever a dar resposta.***

Embora a voz narrativa da protagonista não seja investigada neste estudo, esta é trazida para a discussão apenas para dar suporte pontual a argumentações especiais da análise do padrão ideacional que emerge, como ocorre, por exemplo, na passagem (118): aqui, observa-se essa voz relatar que teve de ponderar antes de se “atrever a dar resposta” a João, sugerindo que a protagonista não conseguia, de fato, manifestar com facilidade as suas vontades a esse personagem por temer a sua reação.

Retomando a Tabela 2, passo agora a examinar os Processos realizados pela protagonista em sua própria fala quando dialoga com St. John/João. Como mostra a quarta coluna, os Processos mais realizados por Jane/Joanna, na textualização, equivalem a Relacionais, Mentais, Materiais e Verbais; na retextualização, a Mentais, Materiais, Relacionais e Verbais: chama a atenção aqui, o fato de que na textualização o quantitativo de Processos Materiais (25), Mentais (27) e Relacionais (28) é praticamente o mesmo, enquanto que na retextualização há uma queda significativa no quantitativo de Processos Relacionais (16), quando comparado aos Mentais (29) e Materiais (25). Isso significa dizer que, no texto traduzido, a personagem se projeta, sobretudo, pensando, sentindo, desejando e agindo do que se relacionando a algo.

No que se refere à representação Mental, existe uma predominância de Processos Mentais *cognitivos* e *emotivos*, ou seja, assim como ocorre quando dialoga com Rochester, nas interações com St. John/João, a personagem se representa realizando o Participante Experienciador que, tipicamente, pensa, sabe e sente. Nesse contexto, dois comportamentos da protagonista emergem nos textos: num primeiro momento, Jane/Joanna tem dificuldade em dizer ‘não’ a St. John/João mesmo quando *não deseja* realizar a ação por ele sugerida; num segundo momento, após a insistência desse personagem para que ambos se

casem, a personagem consegue se libertar ao rebelar-se contra ele, como as passagens abaixo mostram:

(119)

— Joanna — encetou elle — que [tu] estás a fazer?  
 — **[Eu] Estudo alemão.**  
 — Desejo que largue esse estudo e aprenda a lingua do Hindostão.  
 — O senhor fala serio?  
 — Tão serio que hei de insistir nisto, e eis por que:  
*Explicou-me que, progredindo no estudo daquella lingua, estava esquecendo os principios della. Para evitar esta perda precisava de uma discipula; como pela continua observação de nós tres tivesse descoberto que eu servia melhor para este trabalho, pediu-me este sacrificio durante os tres mezes que ainda demorava a sua partida. Não era facil recusar alguma coisa a João, pois que suas impressões, quer penosas, quer alegres, eram muito fundas e duradouras. **Consenti.***

(120)

— *Ella offerece-me tudo quanto desejo, — disse para comsigo; — os obstaculos devem ser derrubados.*  
 — *A Joanna não se havia de arrepender de casar commigo. Estou certo de que o amor haveria de seguir-se a nossa união, em tal gráu que a fizesse acceitavel até a seus olhos.*  
*Levantei-me e, encostando-me ao rochedo, disse: — [Eu] Despréso sua idéa de amor, sua contrafacção de amor e [eu] despréso até ao senhor mesmo, quando m'a offerece.*

Na passagem (119), observa-se João solicitar (em tom de comando) que Joanna pare de estudar alemão e comece a aprender a língua do Hindostão; em seu discurso narrativo, a personagem menciona que “não era fácil recusar alguma coisa a João”, por isso, não lhe restava opção a não ser “consentir”. Na passagem (120), observa-se João insistir em seu pedido de casamento, pois, em suas palavras “*ella offerece-me tudo quanto desejo, os obstaculos devem ser derrubados*”, ou seja, Joanna não podia negar o seu pedido: assim, fala em tom ameaçador que “Joanna não se havia de arrepender de casar” com ele e, por fim, acaba sendo por ela desprezado. Nesse cenário, vê-se emergir na narrativa, nos capítulos em que Jane/Joanna interage com St. John/João, a vontade dessa personagem: ela passa a pensar, sentir e desejar como um ser autônomo.

No que se refere à representação Material, a protagonista realiza Processos Materiais de ‘intenção’ (cf. SIMPSON, 1993, p. 96) em

contraposição aos de ‘supervenção’, isto é, nada parece ‘acontecer simplesmente’ com a personagem, ela está completamente no controle do que faz e, assim, apresenta agenciamento sobre o desdobramento do Processo Material, como ocorre em:

(121)

— *Busque outra, João, uma que lhe quadre.*  
— *Quer dizer: uma que quadre ao meu fim. Não pretendo ligal-a a mim como sêr humano, sensual, egoista; não, é apenas como missionado.*  
— *[Eu] Darei ao missionado todas as minhas energias, que é tudo que elle quer, mas [eu] não [darei] minha pessoa. Seria só accrescentar a casca ao nucleo.*

Na passagem (121), chama a atenção, também, o fato de a protagonista se representar realizando, com algumas ocorrências no corpus, Processos Materiais em orações declarativas negativas, como ocorre em “*eu não darei minha pessoa*”, na qual se posiciona contra a dominação de St. John/João, tal qual ocorre em suas interações com Rochester.

No que se refere à representação Relacional, três comportamentos da protagonista, em particular, chamam a atenção. O primeiro, diz respeito ao fato de que, antes de receber a proposta de casamento de St. John/João, a personagem se constrói em orações Relacionais, nas quais se representa com Atributos que denotam ‘felicidade/desejo de ser ativa’ quando está concentrada em executar trabalhos domésticos:

(122)

*Guarde a sua constancia e seu fervor para um objecto digno, e não os desperdice, apegando-se á carne e estas ninharias transitorias. [Tu] Ouve-me, Joanna?*  
— *Sim [eu o ouço], como si o senhor estivesse a falar grego. [Eu] Julgo ter bastantes razões para me sentir feliz, e feliz [eu] quero ser. Boas noites!*

Na passagem (122), observa-se Joanna adotar um linguajar que pode ser lido como irônico ao dialogar com João, que a critica por estar se dedicando a um “objecto” menos “digno”: aqui, a personagem não se submete e se apropria da sua felicidade, sem abandonar as tarefas as quais estava se dedicando.

O segundo comportamento, diz respeito ao fato de que a personagem se constrói em orações Relacionais, em que reage à representação elaborada por St. John/João, como a passagem abaixo mostra:

(123)

— *Deus e a natureza destinaram-n'a para mulher de um missionado. Não lhe deram encantos pessoaes, mas dotes espirituaes que a qualificam para o trabalho e não para o amor material. Mulher de um missionado deve e ha de ser. **Será minha mulher.** Reclamo-a, não para meu prazer, mas sim para o serviço de meu soberano.*  
 — *[Eu] Não dou para isso; [eu] não tenho coração!* — disse implorando.

Na passagem (123), novamente, Joanna adota a postura de rejeitar a representação de feminilidade submissa que João elabora ao se colocar como ‘o seu dono’: a protagonista refuta e reage a essa construção, ao informar que “*não dou para isso; [eu] não tenho coração!*”.

O terceiro comportamento, diz respeito ao fato de que, em muitas ocasiões, Jane/Joanna se constrói em relação a St. John/João, como a passagem abaixo exemplifica:

(124)

— *[Eu] Julgo que em nossas circumstancias individuaes, exactamente como si eu fosse sua irman carnal ou um homem ou clerigo como o senhor.*

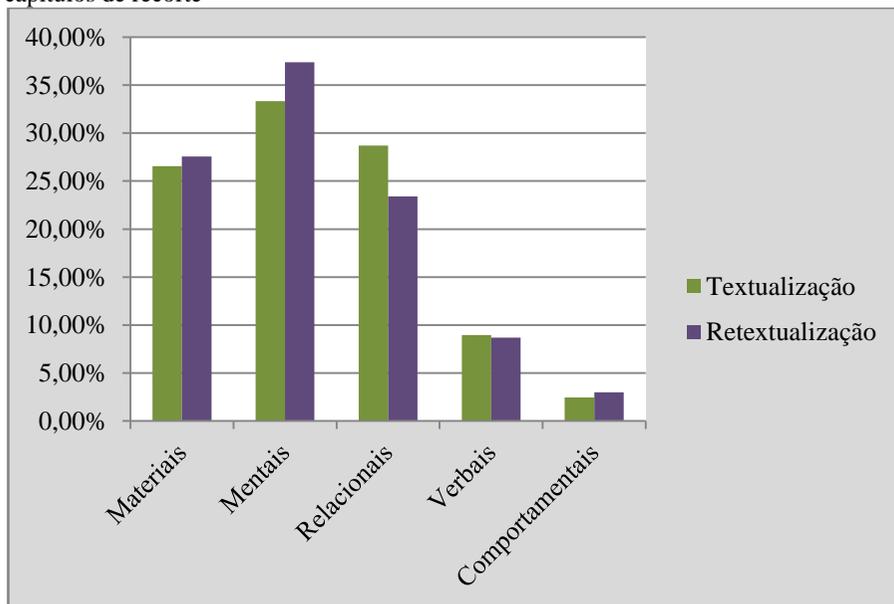
Na passagem (124), observa-se Joanna se construir como um ser em relação a João, ou seja, como “**a sua** irman”, mesmo comportamento por ela adotado em algumas interações com Rochester: chama a atenção o fato de que, aqui, novamente, a protagonista não tenha sido representada como conseguindo, pelo menos não completamente, se desvencilhar discursivamente da posição de submissão em relação aos homens com quem se relaciona.

Retomando a Tabela 2, passo agora a examinar os Processos realizados pela protagonista nas falas de outros personagens menores. Na quinta coluna, os Processos mais realizados por ela, na textualização, equivalem a Materiais, Mentais, Relacionais e Verbais; e, na retextualização, a Materiais, Mentais e Relacionais, que apresentam a mesma ocorrência, qual seja, uma em cada: como as ocorrências de Processos nessas falas são inexpressivas, a descrição linguística não me possibilita fazer alguma observação específica e, por isso, não me atendo, aqui, a explicitar a representação elaborada da protagonista nesses casos.

A partir do quantitativo geral de Processos realizados por Jane/Joanna Eyre nos capítulos de recorte, na textualização (324) e na

retextualização (265), emerge o padrão evidenciado no Gráfico 10, abaixo:

Gráfico 10 – Dados gerais dos Processos realizados pela protagonista nos capítulos de recorte



O Gráfico 10 evidencia que o perfil ideacional emergente em ambos os textos não é o mesmo: na textualização, Jane realiza, nessa ordem, Processos Mentais (33,33%/108), Relacionais (28,70%/93), Materiais (26,54%/86), Verbais (8,95%/29) e Comportamentais (2,46%/8); na retextualização, Joanna realiza, nessa ordem, Processos Mentais (37,92%/99), Materiais (27,55%/ 73), Processos Relacionais (23,40%/62), Verbais (8,68%/23) e Comportamentais (3,01%/8).

Ainda que a informação de que a protagonista é construída em um percentual maior de orações Materiais na retextualização do que na textualização seja valiosa – esses Processos representam “mudanças no mundo material passíveis de serem percebidas, como o deslocamento no espaço [...]”<sup>133</sup> (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 103) e ao realizá-los a personagem se projeta como o Participante Ator, o

<sup>133</sup> changes in the material world that can be perceived, such as motion in space [...] (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 103).

responsável pelo desdobramento do Processo através do tempo, conduzindo a um efeito diferente daquele existente em sua fase inicial (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 180), ou seja, ela participa ativamente do desdobramento do Processo –, tal informação, por si só, não me permite fazer alguma afirmação substancial a respeito de seu comportamento enquanto personagem a partir da configuração do seu perfil ideacional. Isso ocorre, pois, conforme exponho na interpretação das falas de Rochester e João, esses personagens também a representam realizando Processos Materiais, mas em orações imperativas, nas quais Joanna realiza a ação em resposta a um estímulo desses personagens, ou seja, essas orações também participam do percentual/quantitativo total de Processos Materiais.

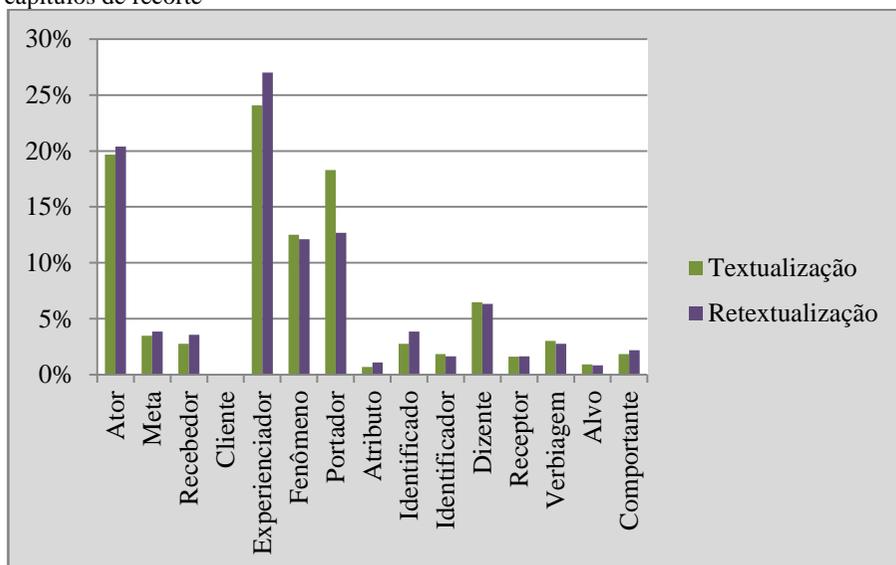
Dessa forma, considero importante focar o meu olhar no percentual de ocorrência dos três Processos principais (Mentais, Materiais e Relacionais) na fala da personagem investigada, quando dialoga com Rochester e St. John/João, pois, conforme as análises apontam, ela adota um comportamento mais transgressor ao realizá-los nesses diálogos. Na textualização, conforme o evidenciado na Tabela 2, das 108 ocorrências de Processos Mentais, 72 estão inseridas em sua fala, ou seja, 66%, das 86 ocorrências de Processos Materiais, 60 estão inseridas em sua fala, ou seja, 69%, e das 93 ocorrências de Processos Relacionais, 63 estão inseridas em sua fala, ou seja, 67%. Na retextualização, o percentual de ocorrência desses Processos na fala dessa personagem é, tipicamente, maior: das 99 ocorrências de Processos Mentais, 65 estão inseridas em sua fala, ou seja, 66%, das 74 ocorrências de Processos Materiais, 56 estão inseridas em sua fala, ou seja, 75%, das 63 ocorrências de Processos Relacionais, 44 estão inseridas em sua fala, ou seja, 70%.

Nesse cenário, interpreto que o emergir, na retextualização, de um perfil ideacional da protagonista diferente daquele evidenciado na textualização, no qual as orações Materiais sobrepõem as Relacionais, pode sugerir um comportamento transgressor do tradutor de *Joanna Eyre* (1926), tendo em vista que as ocorrências de Processos Materiais são mais frequentes na fala da protagonista e que, ao realizá-las, essa personagem se representa construindo Processos Materiais de ‘intenção’, nos quais apresenta controle absoluto do que faz e rompe padrões do comportamento tipicamente esperado de alguém do seu sexo no contexto das obras.

Essa interpretação é corroborada pelos dados gerais que emergem do quantitativo de Participantes realizados por Jane/Joanna Eyre, tanto na textualização (433) quanto na retextualização (364), conforme mostra

o Gráfico 11, abaixo. No Gráfico 11, fica evidenciada a predominância dos Participantes envolvidos nos Processos mais frequentes na retextualização, quais sejam, Mentais, Materiais e Relacionais Atributivos:

Gráfico 11 - Dados gerais dos Participantes realizados pela protagonista nos capítulos de recorte



O Gráfico 11 mostra que os Participantes que realizam os Processos Mentais, Materiais e Relacionais Atributivos apresentam mais ocorrências nos capítulos investigados, em ambos os textos analisados. Na textualização, a ordem de frequência dos Participantes corresponde a Experienciador (24%), Ator (20%), Portador (18%), Fenômeno (13%), Dizente (6%), Identificado, Meta, Recededor, Verbiagem (3%), Identificador, Receptor, Comportante (2%), e Alvo e Atributo (1%); na retextualização, corresponde a Experienciador (27%), Ator (20%), Portador (13%), Fenômeno (12%), Dizente (6%), Identificado, Meta, Recededor, Verbiagem (4%), Identificador, Receptor, Comportante (2%), e Alvo e Atributo (1%).

Nesse sentido, era de se esperar que o padrão na textualização quanto aos Participantes correspondesse à ordem de ocorrência – Experienciador, Portador e Ator – uma vez que esses são os Participantes tipicamente envolvidos nos Processos mais realizados em

*Jane Eyre* (1897). Tal não aconteceu na textualização, mas, curiosamente, aconteceu na retextualização, em que emergiram os Participantes Experienciador, Ator e Portador; o que me faz ler aqui mais uma forma de transgressão (consciente ou inconsciente) do tradutor.

Na subseção seguinte, passo a discutir a presença discursiva do tradutor, com base nas categorias de ‘voz do tradutor’, elaboradas por Hermans (1996) e por mim.

## 4.2 Análise da Voz do Tradutor

Antes de expor e considerar exemplos em que a voz do tradutor se faz sentir na retextualização *Joanna Eyre* (1926), talvez seja necessário destacar que todos esses exemplos se referem a instâncias em que uma presença discursiva, diferente daquela da narradora, torna-se discernível *no próprio texto traduzido*. Isso significa dizer que aqui não analiso casos em que apenas a comparação com a textualização é capaz de mostrar a intervenção do tradutor. Dessa forma, a partir da leitura das instâncias apresentadas nas subseções seguintes, os leitores são capazes de perceber uma outra presença discursiva se insinuando no texto traduzido, mesmo sem nunca terem tido acesso ao texto em inglês de Charlotte Brontë.

### 4.2.1 Análise do paratexto ‘Prefácio’

Os paratextos ou os elementos extratextuais que acompanham o texto principal (cf. Nota 6), a retextualização *Joanna Eyre* (1926), correspondem ao Prefácio, texto que aqui analiso; à folha de rosto (Anexo F, em tamanho original), que apresenta a configuração da Figura em destaque abaixo; a capa, de cor vermelho escarlate profunda, confeccionada com material espesso, que traz impressa em sua lombada o título ‘JOANNA EYRE’; e, à lista de ‘Romances e Contos’ lançados pela editora Vozes de Petrópolis, situada nas últimas quatro páginas do livro, que expõe elencadas 60 publicações, das quais, curiosamente, quatro são de autoria do frei Pedro Sinzig (*Ai! Meu Portugal, Guerra!!!, Não Desanimar, e Nelizinha do Santo Deus*).

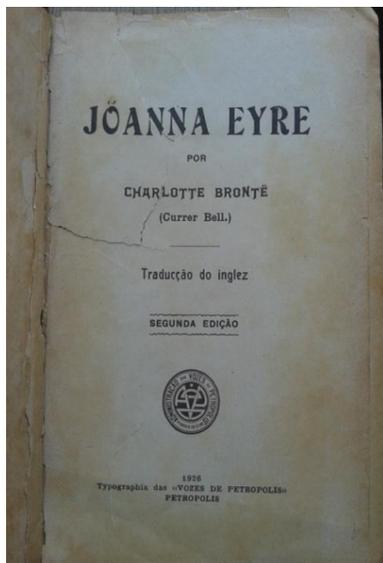


Figura 25 – Folha de rosto da retextualização

Dentre esses paratextos, merecem destaque nesta subseção a folha de rosto e o Prefácio: os demais não são abordados por não evidenciarem, de forma explícita, a presença discursiva do tradutor. A folha de rosto é o primeiro texto a que os leitores têm acesso na retextualização: como a ilustração ao lado mostra, esse paratexto possui o título<sup>134</sup> da obra e o nome da escritora Charlotte Brontë, grifados em negrito, em letras maiúsculas e com fonte diferenciada, destacando-os dos demais elementos textuais, e a informação de que se trata de uma “tradução do inglez”, sem qualquer menção à autoria do texto traduzido. Conforme a subseção 2.3.1, sobre a presença discursiva do tradutor, elaborada com base em Hermans (1996), quando lemos ficção traduzida tendemos a nos esquecer de que o que lemos não é o texto escrito pelo autor que o escreveu, mas pelo tradutor que o traduziu: costumeiramente, como ilustra Hermans, afirmamos que estamos lendo Dostoievski, ainda que o nosso olhar corra por palavras em um idioma diferente daquele utilizado pelo escritor russo. Segundo Hermans (1996),

---

<sup>134</sup> O título *Joanna Eyre* é o primeiro indicativo a que os leitores têm acesso de que o que leem é uma tradução. Apresento mais detalhes a respeito da análise dos nomes próprios na subseção seguinte e, por isso, não me aprofundo sobre isso aqui.

esse ‘apagamento’ da intervenção do tradutor advém, dentre outros fatores, da “força da hierarquia” implícita na *ordem* e no *tamanho* em que aparecem inseridos os nomes dos autores e dos tradutores na folha de rosto dos livros. Partindo dessa lógica, a “força da hierarquia” referenciada por Hermans (1996) é ainda mais aparente em *Joanna Eyre* (1926) se considerarmos que aqui é revelado aos leitores apenas o nome da escritora, decisão que aumenta a invisibilidade do tradutor e que reforça ainda mais a ideia da tradução como “citação direta”.

Entretanto, corroborando a argumentação de Hermans (1996) de que narrativas traduzidas *sempre* contêm uma segunda presença discursiva, uma ‘segunda voz’, denominada “a voz do tradutor”, logo após a folha de rosto de *Joanna Eyre* (1926), apresenta-se aos leitores brasileiros o “PREFACIO DO TRADUCTOR” (Anexo G, p. 349), paratexto que os faz perceber a existência dessa outra voz “surgindo das sombras”, interferindo na narrativa com um timbre próprio, não “coincidente e idêntico” ao da narradora. O tradutor inicia o seu *único* paratexto denunciando o patronato – “os poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura” (LEFEVERE, 1992, p. 15), que no contexto desta pesquisa é exercido pelo frei Pedro Sinzig, representando aqui a instituição Igreja Católica, e a censura sofrida pela textualização, *Jane Eyre* (1897), no contexto brasileiro:

1. Estava a concluir a tradução de «Joanna Eyre», quando um amigo chamou minha atenção para a censura que em seu **excelente livro** «Através dos Romances» lhe dá o **Rev. P. Pedro Sinzig, O. F. M**<sup>135</sup>. Com grande admiração minha descobri que o título da obra figura em grypho, quer dizer «O livro não é para todos». Que razões terão induzido a dar tal parecer o **abalizado e summamente benemérito** censor?

Ainda que a denúncia a respeito da censura seja a primeira informação trazida à tona pelo tradutor, causou-me surpresa o fato de essa informação ser sucedida por uma quantidade excessiva de adjetivos elogiosos, destacados em negrito no excerto, endereçados tanto ao patrono Sinzig quanto ao livro de sua autoria, “Através dos Romances: guia para as consciências” (1915). Sinzig é referenciado, aqui, como

---

<sup>135</sup> Em latim *Ordo Fratrum Minorum* também conhecida no Brasil como *Ordem dos Frades Menores* ou *Ordem dos Franciscanos*.

“**Reverendo**” – aquele que é digno de reverência, respeitável<sup>136</sup> –, “**abalisado**” – de grande competência –, e “**summamente benemérito**” – aquele que ajuda ou faz o bem a outrem (*benemérito*), em seu limite máximo (*summamente*). Diante de tantos elogios, questionei-me o que poderia ter provocado esse comportamento linguístico *atípico* do tradutor de *Joanna Eyre* (1926); eu o classifico de atípico porque, se considerarmos a definição de censura (*externa*) adotada neste estudo, veremos que a censura não é, de forma alguma, uma prática passível de aprovação, pois “se **impõe** por um **regime totalitário**, que, agindo por **interesses escusos, interdita** ideias, pensamentos, comportamentos e, portanto, o livre arbítrio (se é que ele existe), considerados “perigosos” para o regime” (CORACINI, 2008, p. 11, negritos meus). Como desejava que o leitor desta dissertação mantivesse o mesmo consternamento que senti ao ler esses adjetivos elogiosos, preferi trazer somente agora, e não na subseção *A censura católica no Contexto de Cultura da retextualização*, a informação de que o frei Pedro Sinzig atuou como diretor da revista *Voices de Petrópolis*, de 1908 a 1920 (cf. PAIVA, 1997), revista que fundou a editora *Voices de Petrópolis*, responsável pela publicação da tradução *Joanna Eyre*, cuja primeira edição data de 1917. O fato de o patrono ter desempenhado um cargo de prestígio na editora que publicou a retextualização dá conta de explicar os numerosos adjetivos elogiosos utilizados pelo tradutor, mas, ao mesmo tempo, faz surgir uma outra questão: causa estranhamento o fato de que, tendo Sinzig ocupado um cargo de direção na Editora *Voices* e exercido o patronato, censurando e coibindo a leitura de *Jane Eyre*, bem como de todos os livros de Brontë, não tenha vetado a publicação da retextualização. Buscando por informações que pudessem de alguma forma me auxiliar na solução do enigma, encontrei na seção ‘História’ do *website*<sup>137</sup> da editora um dado que poderia indicar o porquê dessa desobediência:

**1917** – A Administração da revista *Voices de Petrópolis*, suspende suas atividades no contexto da Primeira Guerra Mundial, pois algumas opiniões publicadas defendendo a posição dos alemães causaram descontentamento aos leitores. **Vários assinantes, que cancelaram sua assinatura por não concordarem com a postura da**

---

<sup>136</sup> Definições retiradas do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, hospedado no *website* <http://www.priberam.pt/DLPO/>.

<sup>137</sup> <http://www.universovozes.com.br/2013>.

**revista**, levaram a Editora à suspensão temporária de sua publicação (negritos meus).

Se a primeira edição de *Joanna Eyre* data de 1917 e justamente em 1917 uma revista sob o comando de Sinzig tem a sua publicação suspensa, causando prejuízo financeiro à editora, pode-se hipotetizar que o prestígio do patrono estava de certo modo em declínio perante os seus colegas franciscanos. Outro fato intrigante reside na ausência de qualquer alusão à figura do patrono no site da Vozes de Petrópolis: a seção ‘História’ é narrada a partir de fatos pontuais marcantes, subdivididos por décadas, tendo início em 1900 e estendendo-se até 2010 – em nenhum deles o frei é mencionado; ou seja, Sinzig não faz parte da ‘história oficial’ da editora, pelo menos não da parte que se deseja divulgar ao grande público. De acordo com o levantamento elaborado pela pesquisadora Aparecida Paiva, autora de *A Voz do Veto* (1997), obra que se dedica à trajetória de Sinzig e à sua atuação como censor, o frei teve papel fundamental no estabelecimento da editora Vozes de Petrópolis: foi ele quem, em 1910, trouxe da Alemanha a grande máquina de impressão *Windsbraut*, que substituiu uma velha máquina *Alauzet*, instalada pelos padres franciscanos em 1900; foi ele quem escreveu o romance *O Ramallete de Flores e Cecília*<sup>138</sup>, livro de cânticos sacros, em 1907, ano em que a Vozes passou a publicar seus primeiros livros; foi ele quem fundou e dirigiu na editora outras duas revistas: *Echo seraphico*, em 1912, e *A resposta*, em 1916. No site da Vozes de Petrópolis, a respeito da década de 1900 – 1910, consta apenas que:

**1907** – A tipografia da Escola decide criar uma revista católica de cultura. Frei Ambrósio, na época assinante do jornal alemão *Stimmen der Zeit* (*Vozes do Tempo*), sugeriu *Vozes de Petrópolis*, que foi aceito e deu origem ao nome atual da Editora. Neste mesmo ano a Typographia começa a publicar os primeiros livros. **Entre eles, Cecília, que marcou o ingresso da "Vozes" como editora de músicas.** Mais tarde passou a se chamar *Cecília: manual de cânticos sacros* (negritos meus).

---

<sup>138</sup> Em *A Voz do Veto* (1997), Paiva informa que a obra *Cecília* data de 1911. No entanto, no site da editora consta que essa publicação é de 1907, por isso, essa é a data aqui considerada.

Com base no excerto em destaque fica nítida a importância creditada à publicação *Cecília* pela editora, pois, a partir dela, a Vozes passou a editar também obras do ramo musical, expandindo os seus lucros, porém chama à atenção a ausência da autoria da obra. Toda essa argumentação acerca do ‘apagamento’ da figura do frei pela Vozes de Petrópolis é elaborada com o objetivo de ilustrar que, em face desse contexto, a releitura do primeiro parágrafo do Prefácio com os seus adjetivos elogiosos em demasia pode, na verdade, sugerir um *discurso irônico* por parte do tradutor: no que se refere à *Joanna Eyre* (1926), o patrono Pedro Sinzig *não foi suficientemente* “**Reverendo**” – aquele que é digno de reverência, respeitável –, tampouco “**abalisado**” – de grande competência –, pois, se assim o fosse, a sua censura às obras de Charlotte Brontë conferida com os dizeres “[...] seu romance mais celebre é Jane Eyre. Este, como também Shirley, Villette, The Professor não podem ser aconselhados a todos”, presentes na página 221 do seu **excelente livro** *Através dos Romances: guia para as consciências* (1915), seria *respeitada* e *reverenciada* devido a sua *grande competência*. Como não o foi, o tradutor sugere, de forma quase explícita, que *Através dos Romances não é* um “excelente livro”, que Sinzig **não é** “Reverendo”, “abalisado” e “summammente benemérito” e que os romances de Brontë **podem** – e devem – ser aconselhados a todos.

Talvez os leitores da primeira (1917) ou segunda edição (1926) de *Joanna Eyre* não tivessem condições de fazer essa leitura do primeiro parágrafo por lhes faltar informações acerca da relação ‘patrono x editora x tradutor’, tendo em vista que eu, para fazê-la, tive de efetuar uma investigação relativamente extensa. Apesar disso, não nos podemos esquecer ou subestimar o fato de que a denúncia da censura está ali, *em destaque e escancarada para todos os leitores*, na abertura do Prefácio – é a primeira informação que o tradutor traz à tona – e, principalmente, o fato de que o tradutor dá um nome ao censor: ele menciona, *com todas as letras*, que foi o frei Pedro Sinzig quem exerceu o patronato, conferindo a censura. Se retomarmos novamente a postura da Vozes de Petrópolis em seu *website* veremos que a editora não insere, nem para o ‘bem’ nem para o ‘mal’, o nome de Sinzig em nenhum dos acontecimentos pertencentes a sua ‘história oficial’, isto é, a editora *omite* que o frei é o autor de *Cecília* (1907), livro que alçou a Vozes à editora musical, assim como que ele dirigia a *Revista Vozes de Petrópolis*, em 1917, quando a publicação teve de ser suspensa por defender a posição dos alemães no contexto da Primeira Guerra Mundial, desagradando a inúmeros leitores, que cancelaram suas

assinaturas, causando prejuízo financeiro à editora. Com base nessas informações, seria admissível e, sobretudo, esperado, que o tradutor mantivesse uma postura similar, denunciando a obra que censura, mas abstendo-se de denunciar o patrono, omitindo o seu nome: o tradutor assim se comporta em conformidade com o seu ‘posicionamento político’ que o faz apontar a censura, o livro em que ela está inserida e o patrono pedante, objetivando, eu suponho, coibir essa prática e ridicularizar o frei Pedro Sinzig perante os seus leitores. Diante desse comportamento transgressor do tradutor, interpreto que, no caso específico de *Joanna Eyre* (1926), o seu anonimato quando assina como “o tradutor” em seu Prefácio ou na folha de rosto quando se informa simplesmente que se trata de uma “tradução do inglês” não seja uma tentativa da editora de conferir mais prestígio a Charlotte Brontë em detrimento do tradutor, como acontece tipicamente, de acordo com a explicação de Hermans (1996): aqui, o anonimato pode bem ter partido de uma solicitação do próprio tradutor, por temer sofrer represálias ou ter o seu trabalho prejudicado ou não requisitado pela Vozes de Petrópolis.

Se no primeiro parágrafo a ‘agenda política’ do tradutor o induz a surgir “como uma presença discursiva a parte” daquela da narradora, com o intuito de denunciar a censura e o patronato exercido por Sinzig, nos parágrafos seguintes a sua motivação política advém, principalmente, do seu desejo de incentivar a leitura de *Joanna Eyre* e de defender a sua protagonista:

2. Fôra de duvida, como tambem o critico inglez o prova na introdução literaria, *os dez mandamentos da lei de Deus ficam de pé na tendência total do romance*. Pois Rochester não é libertino empedernido; é só o seu entendimento que não atina com o meio licito de se regenerar, enquanto que sua vontade é bem intencionada. «Oh, quanto lhe invejo – diz elle na segunda palestra a Joanna – a paz da alma, a consciencia sem mancha, a memória impolluta! Menina, creança! – Essa memoria do passado sem laivos nem contaminação deve ser um thesouro inestimavel, uma fonte prerenne de pura rejuvenescencia; não é assim?» E logo depois: «Lembre-se com temor do remorso, quando se sentir tentada, Srta. Eyre! O remorso é a peçonha da vida». E no primeiro passeio ao parque: «Graças a Deus que lhe não quero fazer mal, mas, mesmo si o quizesse, de mim a senhorita não admittiria detrimento. Quanto mais a menina e eu

convivermos, tanto melhor; pois, enquanto eu não lhe posso fazer mal, a senhorita me regenera».

De acordo com o tradutor, “fora de dúvida *os dez mandamentos da lei de Deus ficam de pé na tendência total do romance*”, ou seja, se todos os mandamentos da lei de Deus são seguidos na narrativa por que haveria de ser o romance censurado? Além disso, ao trazer a informação “como também o crítico inglês o prova na introdução literaria”, o tradutor reforça que essa opinião é compartilhada por outros. Após essa abertura, o tradutor inicia a sua argumentação ‘política’ em defesa da retextualização, apresentando como primeiro argumento: “pois Rochester não é libertino empedernido; é só o seu entendimento que não atina com o meio licito de se regenerar, enquanto que sua vontade é bem intencionada”. Temendo que o comportamento de Rochester – descrito por Elizabeth Rigby (1848) como um “monstro *blasé*” (*blasé monster*) – pudesse ter sido um dos fatores responsáveis pela censura de Sinzig, o tradutor passa a citar trechos da narrativa que indicam que o personagem em questão “não é libertino empedernido”, ‘atenuando’ os seus defeitos. Na verdade, os excertos levantados pelo tradutor mostram um Rochester ansioso por uma “consciencia sem mancha” e que a convivência entre ele e Joanna era essencial, pois a integridade da protagonista o regenerava.

No terceiro parágrafo, o tradutor prossegue a defesa da retextualização, reforçando as qualidades de Joanna com os dizeres:

3. O celebre problema de si um homem casado com uma mulher afetada de loucura hereditaria se possa unir licitamente com outra mulher, é neste romance uma questão tão somente lateral, levantada por Rochester no auge do desespero amoroso. A consciencia limpida de Joanna decide-a de vez pela categorica negativa e em seguida por seu modo heroico de agir. Nem implica com isto a pergunta melindrosa que ella se faz a si antes de rever Thornfield Hall — «e si eu corresse ao encontro delle?! — que mal haveria em provar mais uma vez as aguas de vida que só o olhar delle me póde infundir?» — A inconsideiração desculpa-se pelo desvario da ansia e o atrevimento até se justifica pela força de character evidenciado em occasião semelhante (itálicos do tradutor).

A partir do seu segundo argumento ‘político’ – “o celebre problema de si *um homem casado com uma mulher afetada de loucura*

*hereditaria se possa unir licitamente com outra mulher, é neste romance uma questão tão somente lateral*” –, o tradutor busca mostrar que o fato de Rochester já ser casado não é um tema ‘central’ na obra de Brontë e, mesmo que o fosse, “o modo heroico de agir” de Joanna e o seu “caracter” jamais a fariam tolerar e aceitar um Rochester casado: “a consciencia limpida de Joanna decide-a de vez pela *categorica negativa*”.

Ainda que Rochester já seja um homem casado, o tradutor esclarece, no quarto parágrafo, que nem por isso o casamento é abordado de forma leviana em *Joanna Eyre* (1926):

4. *E com quanta clareza e insistencia se nos inculca a doutrina da unidade do matrimonio!* — Joanna, — menina pobre, orphan de pae e mãe, desamparada pelos parentes mais chegados, é de repente transferida para circumstancias nas quaes seus anhelos innatos por independencia e amor e casa propria se podem realizar. Só precisa consentir em ser a amante de Rochester, homem rico, voluntarioso, que saberá illudir os tribunaes, enganar o publico, passar por cima das leis divina e humana, — «o qual se lhe tornára o universo e, mais do que isto, quasi sua parte de bemaventurança». «Elle estava entre mim e todos os pensamentos religiosos — confessa a noiva enganada — como no eclipse a lua passa por entre o homem e o sol alto. Naquelles dias eu não enxergava o Creador por causa da creatura, a qual eu tinha feito o meu deus». Apenas, porém, descobre a cilada, pronuncia o inalteravel «não te é licito», e melhor o guarda, procedendo como a «cigana» lhe adivinhára da fronte firme: As paixões que delirem, os desejos que imaginem toda a especie de vaidade: o juizo terá a ultima palavra e dará o voto decisivo. Furacões e terremotos e incendios podem passar por cima de mim, sempre hei de seguir as directivas desta voz firme e calma que me interpreta os dictames da consciência (itálicos do tradutor).

Ao fazê-lo, apresenta o seu terceiro argumento em defesa da retextualização: “e *com quanta clareza e insistencia se nos inculca a doutrina da unidade do matrimonio!*”. O tradutor prossegue a sua manifestação política oferecendo uma perspectiva da vida ingrata da protagonista, “menina pobre, orphan de pae e mãe, desamparada pelos parentes mais chegados, é de repente transferida para circumstancias nas quaes seus anhelos innatos por independencia e amor e casa propria se

podem realizar”: diante desse conjunto de fatos infortunosos, quem reprovaria Joanna por seus pensamentos – «e si eu corresse ao encontro d'elle?! — que mal haveria em provar mais uma vez as aguas de vida que só o olhar d'elle me pôde infundir?» — quando lhe é revelado que Rochester já é casado, conforme consta no parágrafo anterior? Destaco, também, que, ao trazer esse tom dramático em seu relato sobre a vida da protagonista, o tradutor enaltece ainda mais a “categorica negativa” concedida a Rochester: apesar dos seus diversos motivos – “pobre, orphan, desamparada” – para aceitar ser “a amante de Rochester”, Joanna, crente na “doutrina da unidade do matrimonio” e movida pelo seu “modo heroico de agir” não poderia deixar de ouvir a sua consciência que lhe diz “não te é lícito”. Fica evidenciado, nos parágrafos 3 e 4, que o tradutor focaliza a sua argumentação política através do tracejado do perfil de Joanna, enfatizando, principalmente, a sua integridade: aqui, ele parece querer dizer, ‘se a censura foi conferida devido ao comportamento de Joanna, ela é *muito equivocada*’.

Se até este momento os leitores são capazes de perceber uma outra presença discursiva se insinuando na narrativa, aparecendo paratextualmente como uma voz diferente daquela da narradora, por conta de uma ‘manifestação política’ do tradutor, no parágrafo a seguir, esses dão conta da natureza “plurivocal” do texto que leem por um outro motivo:

5. Tão pouco o critico se offenderá *com o modo de tratar o thema amatorio*, sendo que em toda a obra não se ha de achar palavra ou insinuação que possa razoavelmente melindrar um leitor até escrupuloso. Muito pelo contrario: será raro o romance em que o amor de noivos fale linguagem tão terna e delicada em tanta paixão genuina e força natural, e perpassada de um humor tão picante, tão senhor de si, tão inglez (itálicos do tradutor).

Isso não significa dizer, no entanto, que a ‘manifestação política’ do tradutor não se faça presente, também, neste parágrafo: aqui, o tradutor apresenta o seu quarto argumento em defesa da retextualização, quando diz que “tão pouco o critico se offenderá *com o modo de tratar o thema amatorio*”, destacando que o amor entre Joanna e Rochester é narrado com um linguajar terno e delicado “em tanta paixão genuina”, de tal modo que não poderia “melindrar um leitor até escrupuloso”. É no momento em que introduz a informação “um humor tão picante, tão senhor de si, tão inglez”, que a voz do tradutor surge paratextualmente por esse ‘outro motivo’ a que me referi na página anterior. Nessa

situação em particular, o tradutor cria o que Hermans (1996) denomina de “uma autocontradição” para os leitores, pois causa estranhamento ler um texto em português em que se afirma que o mesmo possui um “humor inglês”: essa “autocontradição” cria uma “lacuna de credibilidade” que os leitores só podem solucionar ao se lembrarem de que o que leem é, de fato, uma tradução (HERMANS, 1996, p. 30).

No sexto parágrafo, assim como no segundo, o comportamento linguístico do tradutor sugere que, diante de uma característica em particular da narrativa de *Jane Eyre* (1897), ele entende o porquê de a textualização ter sido censurada no Brasil:

6. *O unico sinão philosophico-theologico*, pois, que, a meu humilde ver, se possa lançar a «*Joanna Eyre*» seriam algumas idéas méramente deísticas. — A autora é protestante, os personagens quasi todos são protestantes; si bem que as noções da vida religiosa catholica sejam algo torcidas e a doutrina sobre a justificação do peccador por meio da mediação concreta e individual de Jesus Christo seja erronea e não achem a exposição correcta como gostaríamos de enconral-a, é isto motivo para condemnarmos todo o livro? A Isabel Reed, do original inglez, nunca daria uma freira nem de meia tigella, quanto mais uma superiora de convento. A pequena Helena, cuja morte é uma das mais tocantes que se possam imaginar, morre na confiança em o Pae do céu, sem siquer se lembrar do Crucificado.

Rochester, depois de humilhado e quebrado pela visitaçao de Deus justiceiro, suspira pelo vago mundo além onde possa reunir-se com sua Joanna perdida para elle (itálicos do tradutor).

Nesse parágrafo, especificamente, o tradutor sugere que a censura poderia ter sido motivada por algumas “*idéas méramente deísticas*”: conforme o argumentado na subseção 3.1.1.3.1, dedicada ao Contexto de Cultura da textualização, um dos temas destacados na obra de Brontë é a *religião*, utilizada como forma de validação ou não, através de Deus, das ações empreendidas pelos personagens. Como exemplo, cito as falas de Rochester e João, que, ao tentarem convencer Joanna a aceitar as suas propostas de casamento, o fazem com um linguajar religioso: “meu Creador sanciona o que faço”, diz Rochester, e “não é a mim que rejeita, mas a Deus”, afirma João. Chama a atenção, sobretudo, o fato de o tradutor justificar esse “*unico sinão philosophico-theologico*, pois, que, a meu humilde ver, se possa lançar a «*Joanna Eyre*»” com o

argumento “a autora é protestante, os personagens quasi todos são protestantes”, ou seja, sendo Brontë protestante *obviamente* os leitores *teriam* de encontrar “*idéas meramente deísticas*” em um texto de sua autoria. O curioso é que em nenhum momento na narrativa da textualização, a escritora insere *explicitamente* alguma informação que indique que os “personagens sejam protestantes”, como consta na afirmação do tradutor. Na verdade, essa informação fica implícita na obra de Brontë: para resolver o problema, o tradutor insere a palavra “protestante”, a primeira vez em que um personagem pastor é apresentado na narrativa – neste caso o pai de Joanna –, como se pode observar através da comparação entre os excertos:

Quadro 11 – Visualização de excertos da textualização/retextualização com evidência da voz do tradutor na narrativa

Textualização	Retextualização
<p><i>On that same occasion I learned, for the first time, from Miss Abbot's communications to Bessie, <b>that my father had been a poor clergyman</b>; that my mother had married him against the wishes of her friends, who considered the match beneath her; that my grandfather Reed was so irritated at her disobedience, he cut her off without a shilling; that after my mother and father had been married a year, the latter caught the typhus fever while visiting among the poor of a large manufacturing town where his curacy was situated, and where that disease was then prevalent: that my mother took the infection from him, and both died within a month of each other.</i></p>	<p><i>Na mesma ocasião soube também pela primeira vez, devido á comunicação que a Srta. Abbot fez a Bessie, <b>que meu pae havia sido um pobre pastor protestante</b>; que minha mãe se tinha casado com elle contra os desejos dos parentes, os quaes consideravam a união desigual; que o avô ficára tão descontente da desobediencia que a mandára embora sem lhe dar nenhum ceutil; que depois de um anno de casados, meu pae fôra victima do typho que apanhára nas visitas aos pobres doentes da sua parochia, situada em um centro industrial onde a epidemia grassava, e que a mãe recebera delle a doença, de maneira que ambos haviam morrido dentro de um mez.</i></p>

Nesse excerto em particular, a presença discursiva do tradutor não é discernível aos leitores através do próprio texto traduzido, pois, apenas através da comparação com a textualização eles seriam capazes de identificar essa ‘outra presença’ referenciada por Hermans (1996): por essa razão, ela não é aqui analisada. Diante do comportamento

linguístico do tradutor no sexto parágrafo, considero importante trazer novamente algumas informações apresentadas na subseção 3.1.1.3.3. No ano de 1890, logo após a Proclamação da República, é decretada a separação entre Igreja e Estado. Nesse contexto, a República acaba com o padroado, reconhece o caráter leigo do Estado e garante a liberdade religiosa. Em “regime de pluralismo religioso e sem a tutela do Estado, as associações e paróquias passam a editar jornais e revistas para combater a circulação de idéias [sic] anarquistas, comunistas ou **protestantes**” (NASCIMENTO, 2010, p. 28, negrito meu). Somado a isso, a publicação *Através dos Romances: guia para as consciências*, do patrono Sinzig (1915), tinha como um dos seus objetivos principais eliminar tudo o que pudesse ser considerado amoral/anticristão. Nesse sentido, pode-se hipotetizar que se “as associações e paróquias [católicas] passaram a combater a circulação de idéias [sic] protestantes”, o faziam porque essas ideias eram por elas consideradas ‘anticristãs/amorais’. Dessa forma, a releitura do trecho “*O unico sinão philosophico-theologico*, pois, que, a meu humilde ver, *se possa lançar a «Joanna Eyre» seriam algumas idéas méramente deísticas.* — A autora é protestante, os personagens quasi todos são protestantes [...]”, pode levar a interpretação de que o tradutor não tinha outra saída a não ser adotar esse comportamento preconceituoso e tendencioso, depositando a ‘culpa’ por essas “*idéas deísticas*” no fato de a escritora ser protestante: ‘seria esta a sua opinião, de fato, ou uma informação que deveria ser inserida no prefácio de uma editora fundada por frades franciscanos?’

O tradutor prossegue afirmando (por recomendação da editora?) que, além desse ‘defeito’, “as noções da vida religiosa catholica são algo torcidas e a doutrina sobre a justificação do peccador por meio da mediação concreta e individual de Jesus Christo é erronea” em *Joanna Eyre* (1926). Para comprovar essa constatação, cita como exemplos, as personagens Isabel Reed e Helena. Segundo o tradutor, Isabel “nunca daria uma freira nem de meia tigella, quanto mais uma superiora de convento” – ela é a única personagem que se diz na narrativa da textualização *ser católica*:

*Isabel punha o gorro e o manto grosso para dar de comer ás suas aves domesticas - occupação esta da qual gostava extremamente, nem menos se deliciava em vender os ovos á dispenseira e guardar cuidadosamente os lucros. Ella tinha habilidade descommunal para negociar e uma **inclinação pronunciada para economizar**, o que se revelava não só quando vendia os ovos e os frangos, mas ainda mais quando impunha ao jardineiro transacções desvantajosas de bolbos e sementes e mudas. Este empregado recebera ordens da sra. Reed de*

*comprar de sua jovem ama todos os productos da horta que ella quizesse vender: e Isabel teria vendido os cabellos da propria cabeça, si pudesse realizar um bom negocio. Escondera primeiramente o dinheiro em cantos escusos, embrulhado numa meia ou num papelote servido; porém, como um destes thesouros fosse descoberto pela criada, Isabel, receiosa de perder um dia todo o seu cabedal, consentiu em deposital-o com a mãe á taxa usuraria de 50 a 60 por cento, e esses juros ella cobrava rigorosamente cada trimestre, lançando as entradas em um canhenho, com meticolosa exactidão.*

Como se pode observar através do excerto em destaque, a personagem é descrita como avarenta e sem compaixão. No que se refere a Helena, o tradutor destaca o fato de que ela nem sequer se lembra “do Crucificado”, no momento de sua morte:

— *Sou muito feliz, Joanna. Quando ouvires que morri, não te debes entristecer, não, que não ha motivo para tal. Todos temos que morrer um dia e a doença que me leva não é dolorosa, mas sim suave e gradual; minha alma está em paz; não deixo ninguém neste mundo que se afflija por causa de mim; só tenho um pae e este tornou a casar-se ha pouco tempo e não notará minha falta. Morrendo assim nova, escapo a grandes provações, pois não tenho qualidades nem talentos para fazer caminho, sempre teria tido má sina.*

— *Mas para onde vaes, Helena? Vês, conheces teu destino?*

— *Eu creio, tenho fé: vou para junto de Deus.*

— *Onde está Deus? O que é Deus?*

— *Meu Creator e o teu, que nunca destróe o que creou. Entrego-me, sem reservas, em seu poder; confio absolutamente em sua bondade; conto com ansia as horas até vir aquella momentosa que me deve devolver a Elle, e revelal-o a mim.*

— *Então, Helena, estás certa de que haja um logar que se chama céu e de que nossas almas possam chegar lá, quando morrermos?*

— *Estou convencida de que ha uma existencia futura; creio que Deus é bom, e sei que posso entregar-lhe a minha parte immortal, sem ser defraudada. Deus é meu pae, Deus é meu amigo; amo-o e creio que Elle me ama.*

De acordo com Hellern, Notaker e Gaarder (2000), no catolicismo, a salvação é dada livremente ao homem se ele *acreditar em Cristo e em sua expiação* – o fato de que Jesus, inocente, assumiu para si a culpa do mundo e deu a sua vida pelos homens pecadores. Diante disso, é bastante pertinente que o tradutor, efetuando um trabalho para uma editora católica, critique o fato de que Helena “morre na confiança em o Pae do céu, sem sequer se lembrar do Crucificado”. No entanto,

após a apresentação desses argumentos que sugerem que o tradutor reconhece certas falhas na narrativa de Brontë – a presença de “*idéas méramente déísticas*”, as “noções torcidas da vida religiosa catholica” e a “a justificação do peccador por meio da mediação concreta e individual de Jesus Christo” – ele acrescenta, seguindo a sua ‘motivação política’ favorável à leitura da retextualização, o questionamento: “é isto motivo para condemnarmos todo o livro?”.

No parágrafo seguinte, o tradutor reafirma a sua defesa ‘política’, informando que apesar desses ‘defeitos’ não existe em *Joanna Eyre* “*nenhuma allusão e muito menos qualquer desabafo blasphemo*”:

7. Mas, por outro lado, *não tropeçamos tão pouco em nenhuma allusão e muito menos em qualquer desabafo blasphemo*, que conspurcam tantas paginas dos classicos assim chamados catholicos da nossa lingua. O mesmo Rochester é crente e o Processo doloroso da conversão leva-o á confissão sincera de sua culpa e da misericordia com que Deus sabe temperar os rigores da justiça. Ha poucas passagens mais sublimes em nossa literatura do que a da matta: O cego e mutilado Rochester, depois de removidas as derradeiras duvidas acerca da fidelidade de Joanna, levantou-se e, tirando reverentemente o chapéu e baixando os olhos humildemente á terra, parou em muda devoção. Ouvi-lhe só as ultimas palavras da prece — «Agradeço a meu Creador, que no meio de seu juizo se lembrou da misericordia. Humildemente rogo a meu Redemptor que se digne outorgar-me força para levar d'ora em diante uma vida mais pura do que até agora». E de facto: tres ou quatro phrases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados tiraram tudo que se pudesse estranhar em um romance offerecido ao publico em geral — tambem ao catholico e ao juvenil (itálicos do tradutor).

Para demonstrar isso, cita a passagem em que Rochester, arrependido e ‘convertido’, decide levar “uma vida mais pura”. Além disso, o tradutor traz à tona neste parágrafo que se (auto-) censurou: “tres ou quatro phrases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados tiraram tudo que se pudesse estranhar em um romance offerecido ao publico em geral — tambem ao catholico e ao juvenil”. Aqui, o tradutor segue o comportamento tipicamente adotado pelos profissionais (críticos, professores, tradutores) – descrito por Lefevre (1992), o de reescrever trabalhos literários até que estes estejam de acordo com a ideologia dos “poderes (pessoas, instituições) que podem

promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura” (1992, p. 15) – o patronato, exercido pelo frei Pedro Sinzig, no contexto desta pesquisa. Nesse cenário, o tradutor internaliza a censura conferida pelo patrono, (auto-) censurando-se: ele elabora o seu texto de tal forma que se enquadre nos padrões do ‘politicamente correto’, de modo a não provocar efeitos de sentido indesejáveis ao patrono e à instituição Igreja Católica.

No oitavo parágrafo, a presença discursiva do tradutor “surge das sombras” paratextualmente por um motivo diferente daquele ‘político’ evidenciado, majoritariamente, até este momento. De acordo com Hermans (1996), narrativas traduzidas são endereçadas a um Leitor Implícito diferente daquele do texto-fonte, já que o discurso traduzido opera em um novo contexto. Todos os textos são impregnados pela sua cultura e para que possam funcionar como veículos de comunicação, é necessário que tanto aqueles que os produzem quanto aqueles que os leem compartilhem certas referências culturais. É precisamente em situações como essa, que se referem ao contexto cultural dos textos (na forma de referências históricas, por exemplo), que a voz do tradutor se introduz abertamente no discurso, objetivando fornecer informações consideradas necessárias para garantir a compreensão do texto pela sua nova audiência. O parágrafo oito é transcrito abaixo:

8. Mais uma observação, aliás excusada para leitores ilustrados: *A igreja protestante não tem sacrifício nem confissão auricular obrigatória e, portanto, não tem sacerdocio. Consequentemente, o «padre» protestante, o pastor, não é obrigado ao celibato, pode-se casar e, portanto, também procurar a companheira de sua vida como qualquer cristão leigo. O pae de Joanna, o segundo pretendente de Joanna, o marido de uma das primas de Joanna são clérigos; e, com a explicação dada, quem o estranhará?* (itálicos do tradutor).

É exatamente por essa razão – para garantir a compreensão da reatualização – que o tradutor insere em seu paratexto ‘Prefácio’ informações acerca da Igreja Protestante. Segundo Hellern, Notaker e Gaarder (2000), o protestantismo “aportou de verdade no Brasil” com a chegada dos imigrantes estrangeiros: “isso tem a ver diretamente com o sul do Brasil [...], com os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para onde se dirigiu e onde se fixou, a partir de 1824, um expressivo contingente de imigrantes alemães” (p. 285). De acordo com os autores, os primeiros imigrantes alemães, entre 1824 e 1864, eram assistidos religiosamente por leigos que faziam o papel de pastores.

Somente a partir de 1886 as igrejas da Alemanha passaram a enviar pastores para os diferentes pontos da colonização alemã, fundando a Igreja Evangélica Alemã do Brasil. Em 1904, uma missão luterana de norte-americanos funda a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Assim, “no final do século XIX, já estavam praticamente implantadas no Brasil *todas as denominações clássicas do protestantismo*: luteranos; anglicanos; metodistas; presbiterianos; congregacionalistas; e batistas” (HELLERN, NOTAKER e GAARDER, 2000, p. 287, *italicos meus*). Diante dessas informações e do fato de que somente em 1890 Igreja Católica e Estado foram separados oficialmente no Brasil, pode-se hipotetizar que o tradutor receava que os leitores brasileiros não tivessem conhecimento em suficiência a respeito da Igreja Protestante, podendo estranhar o fato de um clérigo pedir a mão de Joanna em casamento, e, por isso, considerou mais apropriado elucidar essas dúvidas já no próprio ‘Prefácio’.

Assim como no quinto parágrafo, o nono apresenta duas categorias de presença discursiva do tradutor:

9. *Do ponto de vista literario e cultural*, «Joanna Eyre», era em seus tempos (nos fins de quarenta do século passado) *uma inovação revoltante* — a shocking innovation. E pode ser que Charlotte Brontë tenha carregado um pouco demais na sua *tendencia* que não é «a linguagem nobre, o busto ideal, os hombros pendentes, o pescoço comprido e gracioso, a tez limpidissima, as feições aristocraticas, os olhos brilhantes como carbono, a faixa e a flôr côr de ambar em contraste encantador com a massa negra dos caracões» que ultimamente captivam o homem de tino e caracter, mas sim «o entendimento perspicaz, o trabalho sincero e pontual, o desapego do commodo pessoal, a força para o sacrificio, a energia perseverante, a fidelidade, coragem e gentileza: pois á vista destas qualidades espirituaes e permanentes esquece o homem ás devéras, quasi de todo, as faltas de fortuna e familia e ainda mais as menores deficiencias da apparencia exterior» (*italicos do tradutor*).

Neste parágrafo, num primeiro momento, o tradutor defende a leitura de Joanna Eyre, que “*do ponto de vista literário e cultural*” é “*uma inovação revoltante* — a shocking innovation”: ao fazê-lo, o tradutor cria, novamente, uma “autocontradição” para os leitores, pois a expressão em inglês ao lado da sua tradução os faz ‘lembrar’ dessa segunda voz atuando. Num segundo momento, a sua argumentação é

passível de duas interpretações, que passo a discutir. O tradutor poderia estar dialogando com as suas leitoras e ao fazê-lo crítica (por força do patronato?) o comportamento linguístico de Charlotte Brontë, que teria “carregado um pouco demais” no seu estilo, principalmente ao descrever a sua personagem Joanna, que não possuía as qualidades intelectuais/físicas das personagens da época, indispensáveis e essenciais em uma mulher – “a linguagem nobre, o busto ideal, os ombros pendentes, o pescoço comprido e gracioso, a tez limpidíssima, as feições aristocráticas, os olhos brilhantes como carbono, a faixa e a flôr côr de ambar em contraste encantador com a massa negra dos caracões” –, mas sim qualidades físicas/intelectuais não esperadas em uma mulher (*e sim em um personagem masculino*) – “o entendimento perspicaz, o trabalho sincero e pontual, o desapego do commodo pessoal, a força para o sacrificio, a energia perseverante, a fidelidade, coragem e gentileza”. O tradutor poderia estar dialogando com os leitores (do sexo masculino), os únicos dignos de lerem os livros censurados, de acordo com Sinzig:

“Inumeras vezes, quem folhear estas paginas, encontrará, mesmo com relação a obras de autores serios, a nota «**reserva**», «**perigoso**» ou termo semelhante. São máus estes livros? Muitas vezes não prejudicariam o *leitor adulto*, sensato, que o lesse por algum justo motivo. O *chefe de familia*, porém, preferirá para seus filhos um livro que seja de todo inoffensivo, a outro que possa impressionar mal” (1915, p. IX, itálicos meus, negritos do autor).

Para não causar estranhamento nesses leitores, o tradutor lhes adianta que aqui não encontrariam esse estereótipo da mulher típica (e idealizada), porque Charlotte Brontë carregou “um pouco demais na sua tendencia que não é a linguagem nobre, o busto ideal, etc.”. Apesar disso, volta a sua defesa ‘política’ de *Joanna Eyre* ao argumentar que “á vista destas qualidades espirituas e permanentes [presentes na protagonista] esquece o homem ás devéras, quasi de todo, as faltas de fortuna e familia e ainda mais as menores deficiencias da apparencia exterior”.

Possivelmente devido a um pedido da editora ou à censura conferida pelo patrono Sinzig, o tradutor teve de “cortar desapiedadamente”, a partir da segunda metade do romance, tudo o que “estorvasse” o andamento da narração:

10. Na tradução, segui na primeira metade o original quasi á risca. Ora, os proprios criticos ingleses reparam no estylo muito individual e algo estirado, «schillerizado» da

autora. Talvez a versão soffra um pouco do mesmo defeito. Na segunda metade, porém, onde as reflexões e considerações ás vezes estorvavam o andamento da narração, tomei a liberdade de cortar desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final. Mais de uma nuance de sentimentos, aliás subtilissima, mais de uma flôr poetica, aliás fragrantissima, ficaram esmagadas pela marcha inexoravel que os factos peremptoriamente exigiam.

Quanto ao mais, consolo-me com que o leitor despreoccupado, uma vez presa do encanto da narrativa, correrá sem fastio por sobre as desigualdades de linguagem e estylo que a delicadeza de meus benignos correctores não lhes consentiu alisar.

Porto Alegre, 1916.

O traductor.

Por conta disso, “mais de uma nuance de sentimentos, aliás subtilissima, mais de uma flôr poetica, aliás fragrantissima, ficaram esmagadas pela marcha inexoravel que os factos peremptoriamente exigiam”. De fato, a segunda metade da retextualização apresenta uma redução bastante significativa no quantitativo de palavras quando comparada à textualização: se considerarmos a Tabela 1 (cf. 3.1.1.2), veremos que do capítulo 19 até o capítulo 38 a textualização possui 29.306 palavras a mais que a retextualização. Com base na análise apresentada na seção destinada às omissões do tradutor (cf. 4.3) fica evidente que ele, ao *cortar desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final*, (auto-) censurou-se, pois os excertos omitidos, muitas vezes, apresentavam conteúdo que poderia desagradar ao patronato, ou seja, será mesmo que a sua motivação para “cortar desapiedadamente” trechos da narrativa foi o seu desejo de adiantar o “desenlace final”? Os seus leitores, inclusive, devem ter feito essa inferência, tendo em vista que o próprio tradutor denuncia a censura e assume que se (auto-) censurou (cf. parágrafo 7) para que a retextualização pudesse ser recomendada a todos os públicos.

Por fim, o tradutor conclui o seu ‘Prefácio’, de Porto Alegre, em 1916, reafirmando o seu ‘posicionamento político’ ao desejar que os leitores se vejam presos ao “encanto da narrativa”.

Apresentando ao benevolo leitor pela segunda vez a traducção de «Joanna Eyre», já livre das numerosas erratas com que sahira primeiro, desejo que o romance continúe a produzir seus beneficos fructos de gozo literario e instrucção moral.

Florianopolis, 1925.

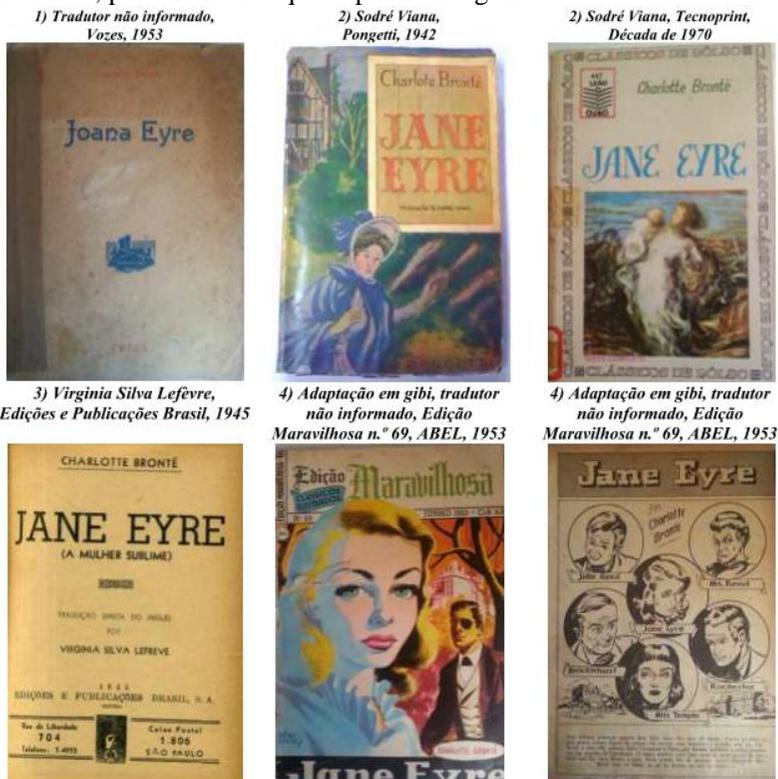
O traductor.

Movido pelo seu posicionamento político, o tradutor ‘ressurge’ como uma presença discursiva a parte, “com um timbre próprio”, reiterando a recomendação de *Joanna Eyre*, em 1925, de Florianópolis, e desejando “que o romance continúe a produzir seus beneficos fructos de gozo literario e **instrucção moral**” (ênfase adicionada), desejo esse que, provavelmente, só pôde ser efetuado explicitamente em seu paratexto porque, conforme expus nesta análise (cf. 1º parágrafo), somente até 1920 o patrono frei Pedro Sinzig atuava como diretor na Vozes de Petrópolis.

Na subseção seguinte, analiso os Itens de Especificidade Cultural correspondentes aos nomes próprios (de personagens e localidades), pois, conforme exponho na subseção 3.2.2.1.1, esses IECs são o indício mais concreto a que os leitores têm acesso de uma outra voz “surgindo das sombras”, nos capítulos que investigo.

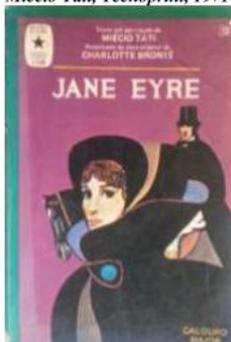
#### 4.2.2 Análise dos capítulos investigados: Itens de Especificidade Cultural (IEC)

Antes de iniciar a análise dos IECs referentes aos nomes próprios (de personagens e localidades), apresento a Figura 25, com as capas<sup>139</sup> das traduções e adaptações efetuadas da textualização *Jane Eyre* (1897), no Brasil, por um motivo que exponho a seguir:



<sup>139</sup> Esse levantamento de todas as traduções e adaptações de *Jane Eyre* (1847) foi elaborado – e disponibilizado aqui com a devida autorização – pela tradutora Denise Bottmann, em seu blog ‘*não gosto de plágio*’, que pode ser acessado pelo endereço: <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br>. As imagens foram por mim retiradas a partir do meu acervo pessoal, com exceção de *Jane Eyre (A Mulher Sublime)* (1945), tradução de Virginia Silva Lefèvre; *Jane Eyre* (1942), tradução de Sodré Viana, publicada pela Pongetti; e *Jane Eyre* (2008), tradução de Waldemar Rodrigues de Oliveira, cujas imagens foram retiradas do blog citado.

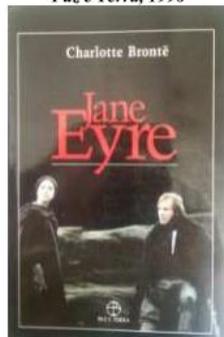
5) *Adaptação Infanto-Juvenil*,  
Míecio Tati, Tecnoprint, 1971



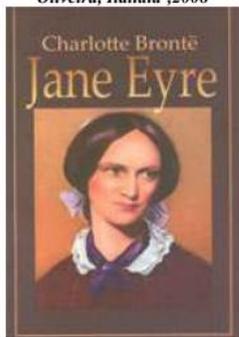
6) Marcos Santarrita,  
Francisco Alves, 1983



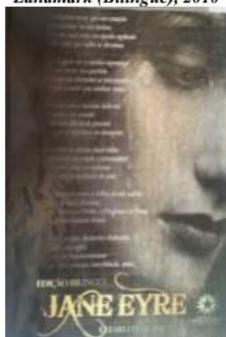
7) Lenita Esteves e Almiro Pisetta,  
Paz e Terra, 1996



8) Waldemar Rodrigues de  
Oliveira, Itatiaia, 2008



9) Doris Goettens,  
Landmark (Bilingue), 2010



10) Heloisa Seixas,  
BestBolso, 2011

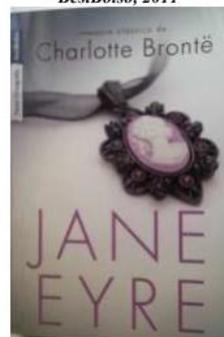


Figura 26 – Capas das traduções e adaptações de *Jane Eyre* (1897), no Brasil

A Figura 26 ilustra que, no cenário nacional, foram elaboradas, além da retextualização *Joanna Eyre* – com edições publicadas pela editora Vozes de Petrópolis em 1917, 1926 e 1953, quando teve o seu título alterado para *Joana Eyre*, com um ‘n’ apenas –, outras sete traduções e duas adaptações para o público infanto-juvenil de *Jane Eyre* (1897), sendo uma delas em formato de gibi. Decidi trazer para os leitores desta dissertação essas imagens com a finalidade de mostrar que apenas o tradutor não informado de *Joanna Eyre* efetua a alteração do nome da personagem que dá título à textualização: as outras traduções e adaptações mantêm intacto o nome de *Jane*. A tradução de Virginia Silva Lefèvre (1945) é a única dentre essas outras traduções que altera de certa forma o título, mas o faz porque inclui um subtítulo, *A Mulher Sublime*, atrelado ao título principal *Jane Eyre*. Chama a atenção o fato de que mesmo a adaptação em gibi, sem autoria anunciada, da Edição

Maravilhosa n.º 69 – revista especializada “para rapazes, moças e crianças” –, não faça qualquer alteração no nome de Jane tampouco no nome dos outros personagens (John Reed, Mrs. Reed, Rochester, Blockehurst, Miss Temple) que aparecem em sua primeira página: esse comportamento ‘chama a atenção’, pois, se considerarmos o público a quem se destinava a revista seria mais ‘esperado’ que, neste caso, a publicação adotasse uma estratégia privilegiando a leiturabilidade<sup>140</sup> do texto pelo seu público-alvo. No entanto, se verificarmos o padrão de tradução de nomes de protagonistas que dão título a romances no contexto brasileiro, esse ‘estranhamento’ se dissipa, já que, tipicamente, opta-se pela manutenção do título tal qual se apresenta no seu texto-fonte, ainda que o nome do personagem não seja comum aos falantes do português, como ocorre, por exemplo, em *Hamlet*, *Mrs. Dalloway*, *Moby Dick*, *David Copperfield*, *Oliver Twist*, etc. Não quero aqui avaliar esta ou aquela estratégia tradutória como mais adequada, eu não teria condições ou conhecimento para fazê-lo: o meu objetivo é, na verdade, expor que os leitores de *Joanna Eyre* (1926), diferentemente dos leitores de todas as outras traduções brasileiras da textualização, antes mesmo de iniciarem a leitura da narrativa (ainda que de forma não tão explícita) tinham condições de perceber, por meio desse nome estranho ‘em parte português em parte inglês’, uma presença discursiva diferente daquela da escritora Charlotte Brontë. Concluída essa constatação, posso iniciar a análise dos IECs.

No que se refere aos nomes próprios de personagens, o tradutor, tipicamente, adota a mesma estratégia utilizada na tradução do título, isto é, ele traduz o primeiro nome de tal forma que se pareça português/brasileiro e mantém o sobrenome inglês intacto, sem alterações, conforme se observa no Quadro 12:

---

<sup>140</sup> O termo “leiturabilidade” não consta dos dicionários de português, mas tem sido utilizado recorrentemente pelos pesquisadores do campo disciplinar dos Estudos da Tradução como uma tradução de “readability”, que diz respeito ao conjunto de estratégias que tornam “alguns textos mais fáceis de serem lidos que outros” (cf. DUBAY, 2004, p. 3).

Quadro 12 – Nomes próprios dos personagens da textualização e da retextualização

<b>Nomes de personagens</b>	
<b>Textualização</b>	<b>Retextualização</b>
<b>Jane Eyre/Janet</b>	<b>Joanna Eyre/Joanninha</b>
Mrs. Fairfax/Alice	Sra. Fairfax/Alice
Edward Fairfax Rochester	Eduardo Fairfax Rochester
Miss Ingram	Srta. Ingram
<b>Adèle</b>	<b>Adelia/Adeliazinha</b>
Pilot	Piloto
John Eyre	João Eyre
Mrs. Reed	Sra. Reed
Céline Varens	Celine Varens
<b>Bertha Mason</b>	<b>Bertha Masson</b>
<b>Grace Poole</b>	<b>Grace Poole</b>
Mrs. Rochester	Sra. Rochester
Rowland Rochester	Rolando Rochester
Mr. Mason	Sr. Masson
Miss Mason	Srta. Masson
Blanche Ingram	Branca Ingram
Carter	Dr. Carter
Giacinta	Jacintha
Clara	Clara
Mr. Rivers	Revdo. Rivers/Sr. João
<b>Hannah</b>	<b>Joanna</b>
St. John Rivers	João Rivers
Diana Rivers	Diana Rivers
Mary Rivers	Maria Rivers
Miss Oliver	Srta. Oliver
Carlo	Carlos
Rosamond Oliver	Rosamunda Oliver
Mr. Granby	Sr. Granby
Sir Frederic Granby	Barão Frederico Granby
Mr. Briggs	Sr. Briggs

Os nomes constantes do Quadro 12 foram inseridos de acordo com a ordem em que aparecem na narrativa nos quatro capítulos aqui investigados, quais sejam: XXIV, XXVII, XXXIV e XXXV. Conforme informo no início da seção 4.2, todos os exemplos que investigo neste estudo se referem a instâncias em que uma presença discursiva, diferente daquela da narradora, torna-se discernível *no próprio texto traduzido*. Isso significa dizer que não tenho a intenção de observar casos em que

apenas a comparação com a textualização é capaz de mostrar a intervenção do tradutor: o texto em inglês é aqui apresentado apenas para que os leitores tenham conhecimento de como os nomes são textualizados e para que eu possa fazer algumas colocações pontuais acerca de determinados nomes. Dito isso, voltemos à análise.

Com base no Quadro 16, podemos observar que, por via de regra, todos os nomes de personagens presentes nos capítulos investigados assinalam a presença discursiva do tradutor: os leitores sabem que a narrativa de *Joanna Eyre* (1926) se passa na Inglaterra – “[...] revoguei as minhas recordações do mappa da Inglaterra. Sim, vi tanto o município como a villa; ficava setenta milhas mais perto de Londres do que onde residia então [...]” (1926, p. 128) –, num determinado período de tempo. Com base nessas assertivas, seria esperado que os seus personagens apresentassem nomes próprios *tipicamente ingleses*: a anomalia de ler um texto em português, que se diz passar na Inglaterra, com personagens ingleses, mas que possuem nomes híbridos parte portugueses/brasileiros, parte ingleses como *Joanna Eyre*, *Eduardo Rochester*, *Branca Ingram* e *Rosamunda Oliver*, cria uma lacuna de credibilidade que os leitores só podem solucionar ao se lembrarem dessa outra presença discursiva se insinuando na narrativa.

No Quadro 12, assinalo em negrito, alguns nomes de personagens sobre os quais julgo importante fazer algumas considerações. Começo pelo de *Adelia*, personagem francesa (referenciada na narrativa também como *Adeliazinha*) a quem Joanna deve educar formalmente, quando atua como governanta na mansão dos Rochester. As passagens em que *Adelia* dialoga com outros personagens criam uma “autocontradição” para os leitores, pois, tipicamente, essa personagem se comunica com certa frequência em francês, como ilustra o excerto:

*Adelia* ouviu as palavras e perguntou si devia ir — **sans mademoiselle?**

— *Sim, absolutamente sans mademoiselle, porque vou leval-a para a lua, onde em um daquelles valles brancos, debaixo dos cumes vulcanicos, hei de buscar uma lapa para viver ali com mademoiselle.*

— *Mas não terá que comer; morrerá a fome — observou Adelia.*

— *Colherei manná para ella de manhan e á noite, que as planicies e as encostas da lua são brancas de manná, Adelia.*

— *Precisará aquecer-se, e onde terá fogo?*

— *O fogo sae das montanhas; quando ella ficar com frio, eu levo-a para cima de um pincaro, e deito-a na margem de uma cratera.*

— ***Oh! qu'elle séra mal, peu confortable!*** *E a roupa ha de estragar-se; como arranjará roupa nova? Si eu fosse **mademoiselle**, nunca consentiria em ir com o senhor.*

O fato de uma personagem francesa possuir *um nome próprio tão transparente quanto qualquer outro nome em português* e, mesmo assim, dialogar eventualmente em um *francês correto*, traz uma ‘inconsistência’ para os leitores: aqui, eles se dão conta de que os diálogos em francês não podem pertencer a Charlotte Brontë exclusivamente. Existe, claramente, “uma outra voz atuando, duplicando e imitando aquela da autora, mas com um timbre próprio” (HERMANS, 1996, p. 30).

Causa estranhamento, também, o fato de os nomes das personagens *Bertha Masson*<sup>141</sup> e *Grace Poole* serem reproduzidos exatamente como os encontramos na textualização. Neste caso em particular, a ‘inconsistência’ de não se encontrar um primeiro nome em português, cria uma disparidade “no nível do discurso”: a voz que “surgiu das sombras” em outras ocasiões para auxiliar os leitores brasileiros, conferindo nomes que lhes são familiares a todos os outros personagens, está inexplicavelmente silenciosa aqui. O silêncio (deliberado ou não) dessa outra voz sinaliza a presença de um “sujeito discursivo” diferente daquele da narradora e “se estamos lendo uma tradução, essa ‘voz diferente’ só pode ser a do tradutor” (HERMANS, 1996, p. 34). No que se refere à manutenção dos nomes próprios de *Bertha Masson* e *Grace Poole*, interpreto que o tradutor de *Joanna Eyre* adotou essa estratégia tradutória com o intuito de imprimir estranhamento nos leitores brasileiros, o mesmo estranhamento que Joanna sente pelas personagens, já que ambas são temidas e consideradas por ela figuras obscuras, como se observa nos excertos:

*“Bertha, Bertha! – vimol-o aproximar-se della, e ‘então, ella bramiu como uma fera”*”

*Ali estava eu no 3º andar, fechada em uma das cellas misteriosas; em redor de mim, a noite; diante de meus olhos e debaixo de minhas próprias mãos um espectáculo luirido e sangrento; uma assassina separada de mim apenas por alguns sarrafos. Isto era medonho: o resto podia-se aguentar, mas a idéa de que Grace Poole podia fazer uma tentativa contra mim causava-me arrepios.”*

---

<sup>141</sup> O tradutor insere um ‘s’ no sobrenome Mason na retextualização. Suponho que ele adotou essa estratégia para preservar a pronúncia, pois, se mantivesse Mason como em inglês, possivelmente a audiência o leria com um som de /z/.

Chama a atenção, ainda, o fato de o tradutor optar por traduzir o nome da personagem *Hannah*, criada da casa dos primos de *Joanna*, com o mesmo nome da *protagonista*. A primeira vez que a *outra* Joanna é apresentada na narrativa, *Joanna*, a protagonista, encontrava-se vagando há dias sem qualquer dinheiro, após abandonar a mansão dos Rochester. Já sem forças por estar faminta, ela caminha na direção de uma casa – que mais tarde se descobre ser a casa de seus primos – e espia duas moças, Diana e Maria, conversando com uma mulher, a quem chamam de Joanna (*Hannah*). Quando li pela primeira esse trecho, tive que retomar a leitura, pois, por um momento, questionei-me como Joanna, que até então espiava pela janela, de uma hora para outra, encontrava-se inserida no interior da sala? Neste caso, novamente, os leitores são capazes de perceber uma outra presença discursiva, uma ‘voz diferente’ daquela da narradora: se a ‘voz diferente’ se manteve em silêncio ao inserir os nomes de *Bertha Masson* e *Grace Poole* na retextualização, por que, justo agora, ela não “surgiu” em socorro de seus leitores, adotando o mesmo procedimento e evitando que eles passassem por esse momento de confusão? Através dessas “disparidades” do texto, os leitores podem discernir essa outra voz que ora se manifesta como uma presença que lhes auxilia, ora como uma presença que “duplica e imita” a voz da narradora, mas “com um timbre próprio”, e ora como uma voz que se mantém silenciosa.

No que se refere aos nomes próprios das localidades ficcionais em que se passa a narrativa da textualização/retextualização, o comportamento do tradutor pode ser evidenciado no Quadro 13:

Quadro 13 – Nomes próprios das localidades ficcionais em que se passa a narrativa de Jane/Joanna Eyre

<b>Nomes de localidades ficcionais</b>	
<b>Textualização</b>	<b>Retextualização</b>
Gateshead Hall	Gateshead Hall
Lowood	Lowood
Thornfield Hall	Thornfield Hall
Millcote	Millcote
<b>Whitcross</b>	<b>Cruz Branca</b>
Morton	Morton
<b>Marsh End</b>	<b>Casa do Pântano</b>
<b>Moor House</b>	<b>Casa da Charneca</b>
Marsh Glen	Marsh Glen
Ferndean	Ferndean

Com base no Quadro 13, é possível verificar que, majoritariamente, o tradutor opta por manter na retextualização os nomes das localidades que servem de ambiente para *Joanna Eyre* (1926) tal como se apresentam na textualização. Conforme argumentei nesta subseção, logo acima, os leitores *sabem* que os personagens que dão vida à narrativa vivem em terras distantes ‘ficcionalis’, mais precisamente na Inglaterra, de tal forma que o ‘mais natural’ seria que os seus olhos corressem por nomes de localidades em um idioma diferente do seu acolhedor português. A narrativa de *Joanna Eyre* (1926) é, tipicamente, ambientada em casas ‘ficcionalis’: *Gateshead Hall*, a casa da sua tia, a sra. Reed, *Thornfield Hall*, a casa da família Rochester, *Casa do Pântano/Casa da Charneca*, a casa dos seus primos, os Rivers, e, por fim, *Ferndean*, a casa para qual se muda Rochester após o incêndio de Thornfield. Como se pode observar através desses exemplos, ao introduzir esses nomes transparentes ‘Casa do Pântano’ e ‘Casa da Charneca’, o tradutor cria uma “incongruência repentina”, que os leitores só podem solucionar ao se lembrarem dessa outra voz se manifestando no texto traduzido.

Além desses nomes próprios ficcionais de localidades que servem de pano de fundo para o enredo principal das obras, outros locais ‘reais’ são mencionados, conforme mostro no Quadro 14:

Quadro 14 – Nomes próprios das localidades ‘reais’ mencionadas em Jane/Joanna Eyre

<b>Nomes de localidades reais</b>	
<b>Textualização</b>	<b>Retextualização</b>
London	Londres
Paris	Paris
Rome	Roma
Naples	Nápoles
Florence	Florença
Venice	Veneza
Vienna	Viena
France	França
Mediterranean	Mediterrâneo
West India	Antilhas
Jamaica	Jamaica
Europe	Europa
England	Inglaterra
India	Índia
Cambridge	Cambridge
Calcutta	Calcutá

Conforme Hermans (1996) coloca, narrativas traduzidas são endereçadas a um Leitor Implícito diferente daquele do texto-fonte, já que o discurso traduzido opera em um novo contexto. Todos os textos são impregnados pela sua cultura e para que possam funcionar como veículos de comunicação, é necessário que tanto aqueles que os produzem quanto aqueles que os leem compartilhem certas referências culturais. É precisamente em situações como essa, que se referem ao contexto cultural dos textos, que a voz do tradutor se introduz abertamente no discurso, objetivando fornecer informações consideradas necessárias para garantir a compreensão do texto pela sua nova audiência. É exatamente por esse motivo – para garantir a compreensão da retextualização – que ‘a outra voz’, ‘aquela que socorre’, opta neste caso por traduzir todos os nomes das localidades ‘reais’ presentes na retextualização, tendo em vista que, se essa voz optasse por se ‘manter em silêncio’, mantendo *London* no texto traduzido, muitos dos leitores, por não conhecerem o idioma inglês, não fariam a inferência de que se trata de Londres, capital da Inglaterra, país europeu, que apresenta uma monarquia, etc. No caso dos nomes próprios das localidades ficcionais essa inferência não era necessária, uma vez que esses locais só existem na própria narrativa das obras analisadas.

Findada a análise da presença discursiva do tradutor nos capítulos investigados, apresento, na sequência, em forma tabular, um resumo das categorias de ‘voz do tradutor’ contabilizadas na retextualização.

#### 4.2.3 *Resumo dos resultados obtidos na investigação da presença discursiva do tradutor*

Com base na investigação elaborada do paratexto ‘Prefácio’ do tradutor e dos capítulos de recorte deste estudo, ficou evidenciado que a terceira categoria de presença discursiva do tradutor de Hermans (1996) – *casos em que ocorre ‘sobredeterminação contextual’ - ‘contextual overdetermination’* – não aparece, uma vez sequer, nos excertos analisados. Isso ocorre, porque, assim como eu senti a necessidade de criar uma categoria de ‘voz do tradutor’ a partir da leitura do ‘Prefácio’, por perceber um posicionamento político do tradutor diante de um contexto em que existia censura, Hermans também sentiu a necessidade de criar essa categoria específica em virtude de uma determinada característica da narrativa de *Max Haveelar* (1860), obra por ele analisada. O Quadro 15 expõe os diferentes tipos de presença discursiva do tradutor localizadas em *Joanna Eyre* (1926):

Quadro 15 – Categorias de ‘voz do tradutor’ presentes no corpus analisado

Análise do paratexto ‘Prefácio’	
Parágrafo	Tipo de caso de ‘Voz do Tradutor’
<p>1. Estava a concluir a tradução de «Joanna Eyre», quando um amigo chamou minha atenção para a censura que em seu excelente livro «Através dos Romances» lhe dá o Rev. P. Pedro Sinzig, O. F. M. Com grande admiração minha descobri que o título da obra figura em grypho, quer dizer «O livro não é para todos». Que razões terão induzido a dar tal parecer o abalisado e summamente benemérito censor?</p>	<p>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.</p>
<p>2. Fôra de duvida, como tambem o critico inglez o prova na introdução literaria, <i>os dez mandamentos da lei de Deus ficam de pé na tendência total do romance</i>. Pois Rochester não é libertino empedernido; é só o seu entendimento que não atina com o meio licito de se regenerar, emquanto que sua vontade é bem intencionada. «Oh, quanto lhe invejo – diz elle na segunda palestra a Joanna – a paz da alma, a consciencia sem mancha, a memória impolluta! Menina, creança! – Essa memoria do passado sem laivos nem contaminação deve ser um thesouro inestimavel, uma fonte prerenne de pura rejuvenescencia; não é assim?» E logo depois: «Lembre-se com temor do remorso, quando se sentir tentada, Srta. Eyre! O remorso é a peçonha da vida». E no primeiro passeio ao parque: «Graças a Deus que lhe não quero fazer mal, mas, mesmo si o quizesse, de mim a senhorita não admittiria detrimento. Quanto mais a menina e eu convivemos, tanto melhor; pois, emquanto eu não lhe posso fazer mal, a senhorita me regenera».</p>	<p>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.</p>
<p>3. <i>O celebre problema de si um homem casado com uma mulher afetada de loucura hereditaria se possa unir lícitamente com outra mulher, é neste romance uma questão tão somente lateral</i>, levantada por Rochester no auge do desespero amoroso. A consciencia limpida de Joanna decide-a de vez pela categórica negativa e em seguida por seu modo heroico de agir. Nem implica com isto a pergunta melindrosa que ella se faz a si antes de rever Thornfield Hall — «e si eu corresse ao encontro delle ? ! — que mal haveria em provar mais uma vez as aguas de vida que só o olhar delle me póde infundir? » — A inconsideração desculpa-se pelo desvario da</p>	<p>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.</p>

<p>ansia e o atrevimento até se justifica pela força de caracter evidenciado em ocasião semelhante.</p>	
<p>4. E com quanta clareza e insistencia se nos inculca a doutrina da unidade do matrimonio! — Joanna, — menina pobre, orphan de pae e mãe, desamparada pelos parentes mais chegados, é de repente transferida para circumstancias nas quaes seus anhelos innatos por independencia e amor e casa propria se podem realizar. Só precisa consentir em ser a amante de Rochester, homem rico, voluntarioso, que saberá illudir os tribunaes, enganar o publico, passar por cima das leis divina e humana, — «o qual se lhe tornára o universo e, mais do que isto, quasi sua parte de bemaventurança». «Elle estava entre mim e todos os pensamentos religiosos — confessa a noiva enganada — como no eclipse a lua passa por entre o homem e o sol alto. Naquelles dias eu não enxergava o Creador por causa da creatura, a qual eu tinha feito o meu deus». Apenas, porém, descobre a cilada, pronuncia o inalteravel «não te é licito», e melhor o guarda, procedendo como a «cigana» lhe adivinhára da frente firme: As paixões que delirem, os desejos que imaginem toda a especie de vaidade; o juizo terá a ultima palavra e dará o voto decisivo. Furacões e terremotos e incendios podem passar por cima de mim, sempre hei de seguir as directivas desta voz firme e calma que me interpreta os dictames da consciencia.</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impellido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p>
<p>5. <i>Tão pouco o critico se offenderá com o modo de tratar o thema amatorio</i>, sendo que em toda a obra não se ha de achar palavra ou insinuação que possa razoavelmente melindrar um leitor até escrupuloso. Muito pelo contrario: será raro o romance em que o amor de noivos fale linguagem tão terna e delicada em tanta paixão genuina e força natural, e perpassada de um humor tão picante, tão senhor de si, tão inglez.</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impellido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p> <p><i>(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.</i></p>
<p>6. <i>O unico sinão philosophico-theologico, pois, que, a meu humilde ver, se possa lançar a «Joanna Eyre» seriam algumas idéas meramente deísticas.</i> — A autora é protestante, os personagens quasi todos são protestantes; si bem que as noções da vida religiosa catholica sejam algo torcidas e a doutrina sobre a justificação do peccador por meio da mediação concreta e individual de Jesus Christo seja erronea e não achem a exposição correcta</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impellido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p>

<p>como gostaríamos de encontrá-la, é isto motivo para condenarmos todo o livro? A Isabel Reed, do original inglês, nunca daria uma freira nem de meia tigella, quanto mais uma superiora de convento. A pequena Helena, cuja morte é uma das mais tocantes que se possam imaginar, morre na confiança em o Pai do céu, sem sequer se lembrar do Crucificado. Rochester, depois de humilhado e quebrado pela visita de Deus justiceiro, suspira pelo vago mundo além onde possa reunir-se com sua Joanna perdida para elle.</p>	
<p>7. Mas, por outro lado, <i>não tropeçamos tão pouco em nenhuma allusão e muito menos em qualquer desabafo blasphemo</i>, que conspurcam tantas paginas dos classicos assim chamados catholicos da nossa lingua. O mesmo Rochester é crente e o Processo doloroso da conversão leva-o á confissão sincera de sua culpa e da misericordia com que Deus sabe temperar os rigores da justiça. Ha poucas passagens mais sublimes em nossa literatura do que a da matta: O cego e mutilado Rochester, depois de removidas as derradeiras duvidas acerca da fidelidade de Joanna, levantou-se e, tirando reverentemente o chapéu e baixando os olhos humildemente á terra, parou em muda devoção. Ouvi-lhe só as ultimas palavras da prece — «Agradeço a meu Creador, que no meio de seu juizo se lembrou da misericordia. Humildemente rogo a meu Redemptor que se digne outorgar-me força para levar d'ora em diante uma vida mais pura do que até agora». E de facto: tres ou quatro phrases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados tiraram tudo que se pudesse estranhar em um romance offercido ao publico em geral — tambem ao catholico e ao juvenil.</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impellido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p>
<p>8. Mais uma observação, aliás excusada para leitores illustrados: A igreja protestante não tem sacrificio nem confissão auricular obrigatoria e, portanto, não tem sacerdocio. Consequentemente, o «padre» protestante, o pastor, não é obrigado ao celibato, pode-se casar e, portanto, tambem procurar a companhia de sua vida como qualquer christão leigo. O pae de Joanna, o segundo pretendente de Joanna, o marido de uma das primas de Joanna são clerigos; e, com a explicação dada, quem o estranhará?</p>	<p><i>(i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco.</i></p>
<p>9. Do ponto de vista literario e cultural, «Joanna Eyre», era em seus tempos (nos fins</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê</i></p>

<p>de quarenta do século passado) uma inovação revoltante — a shocking innovation. E pode ser que Charlotte Brontë tenha carregado um pouco demais na sua tendência que não é «a linguagem nobre, o busto ideal, os ombros pendentes, o pescoço comprido e gracioso, a tez límpidíssima, as feições aristocráticas, os olhos brilhantes como carbono, a faixa e a flôr côr de ambar em contraste encantador com a massa negra dos carações» que ultimamente captivam o homem de tino e carácter, mas sim «o entendimento perspicaz, o trabalho sincero e pontual, o desapego do commodo pessoal, a força para o sacrifício, a energia perseverante, a fidelidade, coragem e gentileza: pois á vista destas qualidades espirituas e permanentes esquece o homem ás devéras, quasi de todo, as faltas de fortuna e familia e ainda mais as menores deficiências da apparencia exterior».</p>	<p><i>impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p> <p><i>(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.</i></p>
<p>10. Na tradução, segui na primeira metade o original quasi á risca. Ora, os proprios criticos inglezes reparam no estylo muito individual e algo estirado, «schillerizado» da autora. Talvez a versão soffra um pouco do mesmo defeito. Na segunda metade, porém, onde as reflexões e considerações ás vezes estorvavam o andamento da narração, tomei a liberdade de cortar desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final. Mais de uma nuance de sentimentos, aliás subtilissima, mais de uma flôr poetica, aliás fragrantissima, ficaram esmagadas pela marcha inexoravel que os factos peremptoriamente exigiam.</p> <p>Quanto ao mais, consolo-me com que o leitor despreocupado, uma vez presa do encanto da narrativa, correrá sem fastio por sobre as desigualdades de linguagem e estylo que a delicadeza de meus benignos correctores não lhes consentiu alisar.</p> <p>Porto Alegre, 1916.</p> <p>O traductor.</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p>
<p>Apresentando ao benevolo leitor pela segunda vez a tradução de «Joanna Eyre», já livre das numerosas erratas com que sahira primeiro, desejo que o romance continúe a produzir seus beneficios fructos de gozo literario e instrucção moral.</p> <p>Florianopolis, 1925.</p> <p>O traductor.</p>	<p><i>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto 'Prefácio', motivado exclusivamente por uma agenda política.</i></p>
<p><b>Análise dos capítulos investigados</b></p>	

<b>Itens de Especificidade Cultural</b>	<b>Tipo de caso de ‘Voz do Tradutor’</b>
Nomes próprios de personagens (1) <i>Adelia</i> (2), <i>Grace Poole</i> (3), <i>Bertha Masson</i> (4), <i>Joanna/Hannah</i> (5)	<i>(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.</i>
Nomes próprios de localidades ‘fictícias’	<i>(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.</i>
Nomes próprios de localidades ‘reais’	<i>(i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco.</i>

Com base nas informações apresentadas no Quadro 15, temos que:

<b>Tipo de caso de ‘Voz do Tradutor’</b>	<b>Quantidade</b>
<i>(i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco.</i>	<b>2 vezes</b>
<i>(ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação.</i>	<b>8 vezes</b>
<i>(iii) casos em que ocorre ‘sobredeterminação contextual’ - ‘contextual overdetermination’.</i>	-
<i>(iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política.</i>	<b>10 vezes</b>

Os dados acima apontam que o (iv) tipo de ‘voz do tradutor’, criado especialmente para esta pesquisa, apresenta uma quantidade maior de ocorrências no corpus, o que implica na afirmação de que, aqui, o tradutor ‘surgiu das sombras’ motivado, sobretudo, pelo seu posicionamento político: o de defender a leitura da retextualização e denunciar o patronato.

Na subseção seguinte, passo a discutir as omissões do tradutor, com base nos conceitos de patronato (LEFEVERE, 1992) e (auto-) censura (CORACINI, 2008).

#### **4.3 Análise das omissões do tradutor**

Antes de apresentar a análise das omissões do tradutor, considero interessante lembrar que em relação aos ‘nomes de seres fantásticos e

sobrenaturais’ e aos ‘termos problemáticos’ (4.3.1) adoto o procedimento metodológico de, num primeiro momento, localizá-los nos capítulos investigados para depois buscá-los em toda a textualização, com o objetivo de verificar se a estratégia empregada pelo tradutor nos capítulos de recorte se mantém no restante da retextualização. No que se refere aos excertos omitidos (4.3.2), ressalto que os analiso apenas nos capítulos aqui investigados. Além disso, de acordo com o mencionado na subseção 3.2.2.2.1, ao efetuar a análise de todas as omissões, ofereço a tradução de *Jane Eyre* (2010), de autoria de Doris Goettems (Landmark), para fins de comparação com o comportamento linguístico adotado pelo tradutor na retextualização.

#### 4.3.1 Análise das omissões dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e dos ‘termos problemáticos’

Nesta subseção, inicio a discussão das omissões dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’, que assim como os ‘termos problemáticos’ são analisados um a um separadamente. Para fins de recapitulação, resgato o Quadro 16, já exposta na subseção 3.2.2.2.2, que apresenta esses ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’, utilizados como nódulos de busca no corpus investigado:

Quadro 16 – Nomes de seres fantásticos e ‘termos problemáticos’ do contexto religioso

Nódulos identificados na textualização	
Nomes de seres fantásticos e sobrenaturais	- <i>fairy</i> ; - <i>elf</i> ; - <i>goblin</i> .
‘Termos problemáticos’	- <i>demon</i> ; - <i>Christian</i> .

##### (a) ‘*fairy*’

O nódulo ‘*fairy*’ apresenta 17 ocorrências em toda a textualização (das quais 06 estão situadas nos capítulos de recorte) e aparece no corpus como parte integrante das expressões *fairy tale* (04 vezes), *fairy-like* (03 vezes), *fairy-born* (01 vez) ou, simplesmente, como *fairy* (09 vezes). Na retextualização, o nódulo é omitido 05 vezes, sendo que 03 dessas omissões ocorrem nos capítulos investigados, conforme se observa no Quadro 17:

Quadro 17 – Omissões do nóculo ‘*fairy*’

Jane Eyre (1897) Textualização	Joanna Eyre (1926) Retextualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
<p>① <i>All looked colder and darker in that visionary hollow than in reality: and the strange <b>little figure</b> there gazing at me, with a white face and arms specking the gloom, and glittering eyes of fear moving where all else was still, had the effect of a real <b>spirit</b>: I thought it like one of the tiny <b>phantoms</b>, half <b>fairy</b>, half <b>imp</b>, Bessie's evening stories represented as coming out of lone, ferny dells in moors, and appearing before the eyes of belated travellers. I returned to my stool.</i></p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p><i>Tudo parecia mais frio e escuro naquele vazio fantasioso do que na realidade. E a pequena e estranha figurinha que me olhava dali, com a face branca e os braços como manchas na escuridão do cômodo, os olhos brilhantes de medo que se moviam enquanto todo o resto estava imóvel, causava o efeito de uma verdadeira assombração. Parecia-me um daqueles pequeninos fantasmas, meio <b>fada</b>, meio diabinho, que nas histórias de Bessie sempre eram representados saindo dos pequenos e solitários vales cobertos de fetos das charneças, e apareciam diante dos olhos dos viajantes retardatários. Voltei ao meu banco.</i></p>
<p>② <i>Bessie asked if I would have a book: the word book acted as a transient stimulus, and I begged her to fetch Gulliver's Travels from the library. This book I had again and again perused with delight. I considered it a narrative of facts, and discovered in it a vein of interest deeper than what I found in <b>fairy tales</b>: for as to the elves, having sought them in vain among foxglove leaves and bells, under mushrooms and beneath the ground-ivy mantling old wall-nooks, I had at length</i></p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p><i>Bessie perguntou-me se queria um livro. A palavra livro agiu como um estímulo temporário, e pedi-lhe que trouxesse "As Viagens de Gulliver" da biblioteca. Havia lido esse livro muitas e muitas vezes, com grande encantamento. Eu o considerava como uma narrativa real, e descobri-lhe um interesse mais profundo do que aquele que eu encontrava nos <b>contos de fadas</b>: isso porque, depois de ter procurado em vão pelos elfos entre as folhas das dedaleiras e campânulas,</i></p>

*made up my mind to the sad truth, that they were all gone out of England to some savage country where the woods were wilder and thicker, and the population more scant; whereas, Lilliput and Brobdignag being, in my creed, solid parts of the earth's surface, I doubted not that I might one day, by taking a long voyage, see with my own eyes the little fields, houses, and trees, the diminutive people, the tiny cows, sheep, and birds of the one realm; and the corn-fields forest-high, the mighty mastiffs, the monster cats, the tower-like men and women, of the other. Yet, when this cherished volume was now placed in my hand—when I turned over its leaves, and sought in its marvellous pictures the charm I had, till now, never failed to find—all was eerie and dreary; the **giants were gaunt goblins, the pigmies malevolent and fearful imps, Gulliver a most desolate wanderer in most dread and dangerous regions.** I closed the book, which I dared no longer peruse, and put it on the table, beside the untasted tart.*

*embaixo dos cogumelos e sob as heras rasteiras que cobriam os cantos dos velhos muros, finalmente aceitei a triste verdade. Todos haviam para sempre deixado a Inglaterra e partido para algum país selvagem, onde as florestas fossem densas e agrestes, e a população menos numerosa. Ao passo que, na minha crença, Lilliput e Brobdinag eram partes sólidas da crosta terrestre, e eu não duvidava que um dia, se fizesse uma longa viagem, poderia ver com meus próprios olhos os pequenos campos, casas e árvores daquele reino, as pequeninas vacas, ovelhas e pássaros. E do outro reino, os enormes milharais, os imensos mastins, os gatos monstruosos, as mulheres e homens altos como torres. Ainda assim, quando esse amado volume foi colocado em minhas mãos — quando folhiei as suas páginas, e procurei nas suas figuras maravilhosas o encantamento que até agora nunca deixara de encontrar ali — tudo era estranho e melancólico. Os gigantes eram duendes macilentos, os pigmeus eram demônios malevolentes e temerosos, Gulliver era o mais triste dos peregrinos, perambulando nas mais terríveis e perigosas regiões da terra. Fechei o livro, pois não ousava mais lê-lo, e coloquei-o sobre a mesa, ao lado da torta*

<p>③ “It was a <b><u>fairy</u></b>, and come from <b><u>Elf-land</u></b>, it said; and its errand was to make me happy: <b><u>I must go with it out of the common world to a lonely place—such as the moon</u></b>, for instance—and it nodded its head towards her horn, rising over Hay-hill: it told me of the alabaster cave and silver vale where we might live. I said I should like to go; but reminded it, as you did me, that I had no wings to fly.</p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p>intacta.</p> <p>— Ela me disse que era uma <b><u>fada</u></b> e vinha da Terra das Fadas. Sua missão era fazer-me feliz. Eu devia ir com ela para longe deste mundo comum até um lugar solitário — como a lua, por exemplo. Então ela apontou para o crescente, brilhando sobre a colina de Hay. Contou-me da caverna de alabastro e do vale de prata onde poderíamos viver. Eu disse que gostaria de ir, mas lembrei-a, como você fez comigo, que não tinha asas para voar.</p>
<p>④ “‘Oh,’ returned the <b><u>fairy</u></b>, ‘that does not signify! Here is a <b><u>talisman</u></b> will remove all difficulties;’ and she held out a pretty gold ring. ‘Put it,’ she said, ‘on the fourth finger of my left hand, and I am yours, and you are mine; and <b><u>we shall leave earth, and make our own heaven yonder.</u></b>’ She nodded again at the moon. The ring, Adèle, is in my breeches-pocket, under the disguise of a sovereign: but I mean soon to change it to a ring again.”</p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p>- “Oh!” disse a <b><u>fada</u></b> “isso não tem importância! Eis aqui um talismã que removerá todas as dificuldades”. E puxou um belo anel de ouro. “Ponha-o no quarto dedo da minha mão esquerda: então eu serei sua e você será meu. Deixaremos a terra e faremos nosso próprio céu naquele lugar.” E ela apontou de novo para a lua. O anel, Adele, está no meu bolso, sob o disfarce de uma moeda de ouro. Mas logo vou transformá-lo de novo em anel.</p>
<p>⑤ “But what has mademoiselle to do with it? I don’t care for the <b><u>fairy</u></b>: you said it was mademoiselle you would take to the moon?”</p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p>- Mas o que mademoiselle tem a ver com essa história? Não ligo para a <b><u>fada</u></b>. O senhor não disse que era mademoiselle que o senhor queria levar para a lua?</p>

Com pode ser visto no Quadro 17, o nódulo ‘fairy’ está assinalado em negrito e sublinhado em todos os excertos em inglês e as linhas correspondentes aos capítulos investigados estão destacadas das demais,

tendo o seu fundo colorido em cinza. Além disso, é possível observar que a primeira coluna, destinada à textualização *Jane Eyre* (1897), apresenta outros termos/trechos em negrito, que foram assim destacados porque sinalizam a existência de um padrão nas omissões da tradução do item lexical *fairy* na retextualização *Joanna Eyre* (1926): o primeiro excerto possui os termos “*little figure*”, “*spirit*”, “*phantoms*” e “*imp*” assinalados; o segundo, o trecho “*the giants were gaunt goblins, the pigmies malevolent and fearful imps, Gulliver a most desolate wanderer in most dread and dangerous regions*”; o terceiro, a expressão “*Elf-land*” e o trecho “*I must go with it out of the common world to a lonely place—such as the moon*”; o quarto, o termo “*talisman*” e o trecho “*we shall leave earth, and make our own heaven yonder.*’ *She nodded again at the moon*”; por fim, o quinto, o trecho “*you said it was mademoiselle you would take to the moon?*”.

Num primeiro momento, se atentarmos para os dois primeiros excertos, veremos que o nódulo ‘*fairy*’ compartilha o espaço textual com termos/trechos que fazem referência a seres malévolos. No excerto ①, Jane está no “quarto vermelho”, cômodo em que seu tio Mr. Reed falecera, e fantasia ser observada por uma “assombração”, que se parecia “meio fada, meio diabinho”, nos dizeres da tradução de Doris Goettems, na terceira coluna. No excerto ②, Jane menciona preferir *As Viagens de Gulliver* aos típicos “contos de fadas”, mas, ao relê-lo, revela que a sua percepção a respeito do livro mudara por considerá-lo agora “estranho e melancólico”: “os gigantes eram duendes macilentos, os pigmeus eram demônios malevolentes e temerosos, Gulliver era o mais triste dos peregrinos” (BRONTË, 2010, trad. GOETTEMS).

No que se refere aos termos/trechos que aludem a seres malévolos, destaco o termo ‘*imp*’, presente em ambos os excertos e exposto na Figura 27 abaixo: segundo Phoenix (2005-2010)<sup>142</sup>, trata-se de “um pequeno demônio travesso”, que pratica feitiçaria, e é tipicamente visto na companhia de bruxas que “o recebem de Satanás após fazerem algum tipo de acordo com ele”<sup>143</sup>.

---

<sup>142</sup> *The Phoenixian Book of Cretatures*. Disponível em <<http://www.lizaphoenix.com/encyclopedia/imp.shtml>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

<sup>143</sup> [these witches] receive imps from Satan after making some agreement with him (PHOENIX, 2005-2010).



Figura 27 – ‘Imp’ (PHOENIX, 2005-2010)

Num segundo momento, se atentarmos para os três últimos excertos, veremos que o nóculo ‘*fairy*’ divide o espaço textual com termos/trechos que indicam um comportamento ‘reprovável’ da personagem que dá título ao romance. Nesses excertos, Rochester dialoga com Adele e menciona que Jane é “uma fada”, da “Terra das Fadas”, que deseja levá-lo para a lua. Para tanto, o presenteia com um “talismã”, “um belo anel de ouro”, que Rochester deve colocar no “quarto dedo da sua mão esquerda” para que ambos sejam um do outro: nas palavras de Rochester é Jane quem o propõe em casamento e, conseqüentemente, quem burla os trâmites de um ‘casamento católico convencional’ tal qual o conhecemos, *em que um homem pede a mão de uma mulher e a desposa diante de um padre em uma igreja*.

Com base nos exemplos precedentes, fica evidenciado que o tradutor de *Joanna Eyre* (1926), muito provavelmente, (auto-) censurou-se ao omitir a tradução do nóculo ‘*fairy*’ quando associado a termos/trechos que possuíssem seres maléficos ou indicassem algum comportamento reprovável da sua protagonista, ou seja, ele optou por excluir do seu texto tudo o que pudesse não se enquadrar nos padrões do ‘politicamente correto’, talvez numa tentativa de não provocar efeitos de sentido indesejados ao patrono frei Pedro Sinzig. O próprio fato de a tradução de Doris Goettems (2010) apresentar todos os excertos intactos é um indicativo da atuação do patronato influenciando as escolhas do tradutor de *Joanna Eyre* (1926): em 2010 não existia uma censura

externa conhecida por Goettems, de tal modo que a tradutora pode ter se sentido livre para traduzir o seu texto da forma que julgasse a mais adequada; o mesmo não aconteceu com o nosso tradutor ‘desconhecido’.

Se nos 05 excertos em que o nódulo ‘*fairy*’ aparece associado a seres malévolos ou a um comportamento reprovável da protagonista o tradutor se (auto-) censura, optando por não traduzi-los na retextualização, nos outros 11 excertos (03 dos quais estão presentes nos capítulos de recorte) que possuem o nódulo investigado, o tradutor adota uma outra estratégia, como se pode observar nos exemplos:

(i)

“*Mademoiselle is a fairy,” he said, whispering mysteriously.*

— *Mademoiselle é uma fada e estas podem tudo, — ciciou misteriosamente.*

(ii)

*Tell me now, fairy as you are—can’t you give me a charm, or a philter, or something of that sort, to make me a handsome man?”*

*Diga-me, fada como é, si me não póde dar um embelezamento ou um philtro ou coisa que o valha, para me fazer um homem bello.*

(iii)

“*No, my fairy: but I am only too thankful to hear and feel you.*”

— *Não, minha fada; mas sou muito grato por ouvil-a e sentil-a.*

(iv)

*“Just to comb out this shaggy black mane. I find you rather alarming, when I examine you close at hand: you talk of my being a fairy, but I am sure, you are more like a brownie.”*

— *Para lhe pentear um pouco essa crina hirsuta. Si me chama fada, o senhor é um sylpho.*

Os exemplos acima são uma amostra do que ocorre nos outros 11 excertos que apresentam o nódulo ‘*fairy*’: nesses excertos o nódulo é utilizado, tipicamente, em referência à protagonista, mas aqui, ao contrário do que ocorre nos 05 excertos omitidos de *Joanna Eyre* (1926),

não há comportamento que possa ser censurado. De acordo com Matthews e Matthews (2005), a palavra ‘*fairy/fada*’ deriva do latim *fatum* (*fate/destino*). Por essa razão, segundo os autores, criou-se na Europa a figura bastante difundida da ‘Fada Madrinha’: ela tem o poder de conceder a um bebê os atributos/dádivas capazes de modificar o seu destino. A conotação da ‘fada benevolente’ está presente também no texto de Brontë, como nos mostra o exemplo (ii), no qual Rochester solicita à fada Joanna que o torne “um homem bello”. E se ela [a fada] é ‘boa’ – com ares angelicais – e bela, como a Figura 28 abaixo demonstra, que mal haveria em relacioná-la com Joanna?



Figura 28 – Fada (PHOENIX, 2005-2010)

(b) ‘*elf*’

O nódulo ‘*elf*’ apresenta 07 ocorrências em toda a textualização (das quais 04 estão situadas nos capítulos de recorte) e aparece no corpus como parte integrante das expressões *elf-lock* (01 vez), *Elf-land* (01 vez) ou, simplesmente, como *elf* (05 vezes). Na retextualização, o nódulo é omitido uma única vez, sendo que essa omissão ocorre em um dos capítulos investigados, conforme se observa no Quadro 21:

Quadro 18 – Omissões do nóculo ‘elf’

Jane Eyre (1897) Textualização	Joanna Eyre (1926) Retextualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
<p>① “It was a fairy, and come from <u>Elf-land</u>, it said; and its errand was to make me happy: I must go with it out of the common world to a lonely place—such as the moon, for instance—and it nodded its head towards her horn, rising over Hay-hill: it told me of the alabaster cave and silver vale where we might live. I said I should like to go; but reminded it, as you did me, that I had no wings to fly.</p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p>Ela me disse que era uma fada e vinha da <u>Terra das Fadas</u>. Sua missão era fazer-me feliz. Eu devia ir com ela para longe deste mundo comum até um lugar solitário — como a lua, por exemplo. Então ela apontou para o crescente, brilhando sobre a colina de Hay. Contou-me da caverna de alabastro e do vale de prata onde poderíamos viver. Eu disse que gostaria de ir, mas lembrei-a, como você fez comigo, que não tinha asas para voar.</p>

O excerto exposto no Quadro 18 foi objeto de análise no item (a) desta subseção: ele aparece inserido no Quadro 17 (n. ③), com as omissões do nóculo ‘fairy’. Conforme mencionei, nesse excerto existe o relato de um comportamento reprovável de Jane, e o tradutor, diante da censura conferida por Sinzig, teve de se (auto-) censurar, omitindo a tradução do excerto na retextualização. Isso pode levar à leitura de que os nós ‘fairy’ e ‘elf’ não foram os motivadores da omissão; se esse comportamento inadequado não estivesse aqui desagradando o patronato, certamente o tradutor os teria traduzido. Assim afirmo, com base nos exemplos de tradução do nóculo ‘fairy’ oferecidos anteriormente, e do nóculo ‘elf’, que agora apresento:

(v)

“A true Janian reply! Good angels be my guard! She comes from the other world—from the abode of people who are dead; and tells me so when she meets me alone here in the gloaming! If I dared, I’d touch you, to see if you are substance or shadow, you elf!—but I’d as soon offer to take hold of a blue ignis fatuus light in a marsh. Truant! truant!” he added, when he had paused an instant. “Absent from me a whole month, and forgetting me quite, I’ll be sworn!”

— Uma resposta bem Joannina! Que os bons anjos me guardem! Ella

vem do outro mundo, da morada da gente morta e conta-me isto aqui, quando estamos a sós no lusco-fusco. Si tivesse coragem, tocal-a-ia para saber si é corpo ou sombra, minha **fada**! Vadia, vadia! Fica-me ausente por um mez inteiro e posso jurar que me esqueceu de todo!

(vi)

*“Jane, you look blooming, and smiling, and pretty,” said he: “truly pretty this morning. Is this my pale, little **elf**? Is this my mustard-seed? This little sunny-faced girl with the dimpled cheek and rosy lips; the satin-smooth hazel hair, and the radiant hazel eyes?”*

— Joanna, és como uma flôr desabrochada, risonha e bonita — disse elle — na verdade muito bonita, esta manhan. Será este meu grãozinho de mostarda, a **fada** pequena, pallida; esta moça, rosto de sol, faces de roman, labios de rosa, cabelo liso e olhos radiantes côr de avelan?

(vii)

*He continued to send for me punctually the moment the clock struck seven; though when I appeared before him now, he had no such honeyed terms as “love” and “darling” on his lips: the best words at my service were “provoking puppet,” “**malicious elf**,” “sprite,” “changeling,” &c.*

*Sempre ás sete horas, á primeira badalada, mandava-me chamar; mas já não tinha para mim termos como «amor», «querida», quando me apresentava. Os melhores appellidos com que me servia eram: boneca provocante, **trasgo malicioso**, monstro, etc.*

(viii)

*It was well I had learnt that this **elf** must return to me—that it belonged to my house down below—or I could not have felt it pass away from under my hand, and seen it vanish behind the dim hedge, without singular regret. I heard you come home that night, Jane, though probably you were not aware that I thought of you or watched for you.*

— Bom foi saber que a **fada** devia voltar a mim, que pertencia á casa lá em baixo; aliás não a podia deixar deslisar-se-me por debaixo da mão e vel-a sumir-se atrás da cêrca escura sem ficar sentido no intimo da alma. Ouvi-te voltar a casa, áquella noite, Joanna, embora não tenhas notado que eu pensava em ti e te esperava. [...]

Com base nos exemplos, é possível constatar que o nódulo ‘elf’, assim como o nódulo ‘fairy’, é utilizado em referência a Jane/Joanna. No

entanto, aqui, chama a atenção um comportamento tradutório diferenciado: o tradutor eufemiza, em três excertos, o nódulo ‘*elf*’, optando por traduzi-lo como ‘*fada*’; no excerto restante ele o traduz literalmente como ‘*trasgo*’, que de acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*<sup>144</sup> significa “entidade sobrenatural que faz travessuras”. Todos os exemplos apresentados correspondem a passagens em que Rochester dialoga com Jane – é ele quem a chama de ‘*elf*’. Nesse cenário, um padrão emerge: nos excertos em que Rochester se utiliza de um linguajar que expressa um tom de brincadeira ou amoroso, o tradutor opta por eufemizar o nódulo ‘*elf*’, chamando Joanna de ‘*fada*’, como se observa nos exemplos (v), (vi) e (viii); no excerto em que Rochester desaprova o comportamento da protagonista, como ocorre em (vii), o tradutor opta por traduzir literalmente o termo, chamando Joanna de ‘*trasgo*’.

De acordo com Liza Phoenix (2005-2010), elfos são seres míticos com poderes mágicos e, geralmente, têm a aparência de um(a) jovem humanoide atraente com orelhas pontiagudas, como mostra a Figura 29:



Figura 29 - Elfo (PHOENIX, 2005-2010)

Segundo Matthews e Matthews (2005), devido a sua beleza, os elfos originaram na cultura anglo-saxônica o adjetivo ‘*aelfscience*’ cujo significado é ‘*tão bela(o) quanto um elfo*’ e muitas outras expressões

---

<sup>144</sup> Disponível no endereço eletrônico: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=trasgo>.

que sobreviveram ao passar dos anos, dentre as quais destaco: ‘*elf-child*’ utilizada em referência a uma criança travessa; ‘*elf-taken*’ utilizada em referência a uma pessoa “temporariamente louca”; e ‘*elf-twisted*’ utilizada em referência a uma pessoa que sofreu um derrame. Por isso vemos no texto de Brontë a utilização do termo ‘*elf*’ ora como um elogio – indicando beleza, ora como um insulto – indicando travessura.

Com o intuito de verificar exemplos de como o nódulo ‘*elf*’ é retextualizado em português, efetuei uma busca no subcorpus COPA-LIJ (Corpus Paralelo de Literatura Infanto-Juvenil)<sup>145</sup> (FERNANDES e SILVA, 2013): nesse corpus, localizei 71 ocorrências do nódulo, relacionadas aos personagens Dobby (*um elfo*, do livro *Harry Potter*, de autoria de J. K. Rowling e tradução de Lia Wyler) e Holly Shot (*uma elfo*, do livro *Artemis Fowl*, de autoria de Eoin Colfer e tradução de Alves Calado). Ainda que ambas as ocorrências – um elfo do gênero masculino e um elfo do gênero feminino – sejam encontradas no sistema literário traduzido da língua portuguesa brasileira, ao buscar pelas expressões no Google<sup>146</sup> “*um elfo*” e “*uma elfo*”, deparei-me com 150.000 ocorrências para “*um elfo*” e 9.260 ocorrências para “*uma elfo*”: para fins de comparação, busquei no mesmo site por “*uma fada*” e 437.000 ocorrências foram localizadas. Esse quantitativo é aqui exposto, com a finalidade de mostrar que, aparentemente, no imaginário cultural brasileiro se faz a associação entre o nódulo ‘*fada*’ com personagem feminino, e ‘*elfo*’ com personagem masculino. Somado a isso, segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*<sup>147</sup>, a palavra ‘*fada*’ pode significar no sentido literal “ser fantástico a que se atribui poder sobrenatural” e no sentido figurado “mulher bela”; e a palavra ‘*elfo*’ “espírito sobrenatural que se supunha fazer travessuras na casa que frequentava”.

Nesse cenário, interpreto que o tradutor adotou as estratégias de (i) eufemizar o nódulo ‘*elf*’ nas situações em que Rochester faz uso de um linguajar amoroso/debochado ao dialogar com Joanna, justamente para evitar o estranhamento de se ler uma passagem em que o herói da trama chama a sua heroína de ‘*trasgo*’ sem qualquer justificativa para tal; e (ii) traduzir o nódulo literalmente no episódio em que Rochester

---

<sup>145</sup> O COPA-LIJ apresenta, majoritariamente, obras de literatura infanto-juvenil fantástica e faz parte do COPA-TRAD (FERNANDES e SILVA, 2013), Corpus Paralelo de Tradução utilizado nesta pesquisa.

<sup>146</sup> Disponível no endereço <<http://www.google.com>>.

<sup>147</sup> Disponível no website:  
no <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=fada>

repreende o comportamento de Joanna, para manter a coerência da estratégia anterior, afinal, aqui, a palavra ‘fada’ destoaria do discurso de Rochester se a encontrássemos substituindo a expressão ‘trasgo malicioso’, no sentido de que o contexto é de insultos e repreensões e não de tratamento amoroso. A situação hipotética abaixo ilustra tal inadequação:

*Sempre às sete horas, á primeira badalada, mandava-me chamar; mas já não tinha para mim termos como «amor», «querida», quando me apresentava. Os melhores appellidos com que me servia eram: boneca provocante, ~~trasgo malicioso~~ fada maliciosa, monstro, etc.*

(c) ‘*goblin*’

O nódulo ‘*goblin*’ apresenta 04 ocorrências em toda a textualização, das quais uma está situada nos capítulos de recorte e é exatamente essa ocorrência que é omitida pelo tradutor, conforme se observa no Quadro 19:

Quadro 19 – Omissões do nódulo ‘*goblin*’

Jane Eyre (1897) Textualização	Joanna Eyre (1926) Retextualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
① <i>Glad was I when I at last got her to Thornfield, and saw her safely lodged in that third-storey room, of whose secret inner cabinet she has now for ten years made a wild beast's den—a <u>goblin</u>'s cell.</i>	<Omissão>	<i>Fiquei feliz quando finalmente a coloquei em Thornfield e a vi alojada em segurança no terceiro andar. Ela ocupa aquele aposento secreto há dez anos, e o transformou na caverna de um demônio, na cela de um <u>duende</u>.</i>

O excerto constante do Quadro 19 remete ao relato que Rochester faz a Jane de como conheceu sua esposa Bertha Mason e de como foi enganado por ter desposado uma mulher “louca”: após retornar da Jamaica com sua esposa, Rochester menciona ter ficado feliz por tê-la colocado “no terceiro andar”, ambiente que se “transformou na caverna de um demônio, na cela de um duende”, nas palavras da tradução de Goettens (2010).

De acordo com Matthews e Matthews (2005), o termo “*goblin*” é utilizado como um nome genérico para qualquer espírito maligno,

tipicamente, pequeno e grotesco, como esse que a ilustração ao lado retrata.



Figura 30 - Goblin (PHOENIX, 2005-2010)

Diante disso, a omissão dessa passagem em particular, pode sugerir que o tradutor assim se comportou com o intuito de “cooperar” com o patronato, isto é, por conhecer a censura externa – “que se impõe por um regime totalitário, que interdita ideias, pensamentos [...]” (CORACINI, 2008, p. 11) –, conferida pelo patrono Sinzig, o tradutor pode ter se (auto-) censurado e colaborado com ele [o patrono] ao manter o seu texto nos padrões do ‘politicamente correto’: afinal, um texto dedicado ao público “catholico e juvenil” não poderia conter um excerto em que o herói da narrativa se mostra feliz por ter abrigado *secretamente* por dez anos a sua esposa, a quem grosseiramente chama de “wild beast” e “goblin”.

No que se refere aos outros excertos que contêm o nódulo ‘goblin’, o comportamento do tradutor confere com o observado nos exemplos que seguem:

(ix)

*This was a demoniac laugh—low, suppressed, and deep—uttered, as it seemed, at the very keyhole of my chamber door. The head of my bed was near the door, and I thought at first the **goblin**-laughter stood at my bedside—or rather, crouched by my pillow: but I rose, looked round, and could see nothing; while, as I still gazed, the unnatural sound was reiterated: and I knew it came from behind the panels.*

*Era um riso diabolico, baixo, abafado, grosso emitido, como eu imaginava, pelo buraco da chave de minha porta, pois minha cabeceira ficava perto della, e no primeiro instante pensei que o **espírito mofador** devia até estar ao lado da cama, ou antes ter-se acororado junto ao travesseiro. Levantei-me, olhando em redor de mim, mas não enxerguei nada, e, enquanto ainda estava com a vista a trespassar as trevas, repetiu-se o som e percebi que vinha de além da parede.*

(x)

*In a state between sleeping and waking, you noticed her entrance and her actions; but feverish, almost delirious as you were, you ascribed to her a **goblin** appearance different from her own: the long dishevelled hair, the swelled black face, the exaggerated stature, were figments of imagination; results of nightmare: the spiteful tearing of the veil was real: and it is like her.*

*No estado entre o somno a vigilia percebeste sua entrada e suas acções; mas, febricitante, quasi delirante como estavas, attribuíste-lhe a apparencia de um **mau espírito**, diferente da realidade: o cabelo longo e desgrenhado, rosto preto e inchado, a estatura exaggerada foram ficções de tua fantasia, resultados de um pesadello, o rasgar malevolo do véu foi real e não se pode estranhar nella.*

Nesses excertos, que constam dos capítulos que não fazem parte do recorte, o nódulo ‘*goblin*’ aparece traduzido literalmente como “espírito mofador” ou “mau espírito”, conforme sugere a definição de Matthews e Matthews (2005), e é utilizado em referência a Grace Poole, criada da mansão dos Rochester a quem Joanna atribui o “riso diabólico”, “o cabelo longo e desgrenhado, rosto preto e inchado”, mas que mais tarde se descobre tratar de Bertha Mason, a esposa de Rochester.

(d) ‘*demon*’

O nódulo ‘*demon*’ apresenta 06 ocorrências em toda a textualização, das quais 03 estão situadas nos capítulos de recorte, sendo duas dessas omitidas pelo tradutor, conforme se observa no Quadro 20:

Quadro 20 – Omissões do nóculo ‘demon’

Jane Eyre (1897) Textualização	Joanna Eyre (1926) Retextualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
<p>① “One night I had been awakened by her yells—(since the medical men had pronounced her mad, she had, of course, been shut up)—it was a fiery West Indian night; one of the description that frequently precede the hurricanes of those climates. Being unable to sleep in bed, I got up and opened the window. The air was like sulphur-steams—I could find no refreshment anywhere. Mosquitoes came buzzing in and hummed sullenly round the room; the sea, which I could hear from thence, rumbled dull like an earthquake—black clouds were casting up over it; the moon was setting in the waves, broad and red, like a hot cannon-ball—she threw her last bloody glance over a world quivering with the ferment of tempest. I was physically influenced by the atmosphere and scene, and my ears were filled with the curses the maniac still shrieked out; wherein she momentarily mingled my name with such a tone of <b>demon-hate</b>, with such language!—no professed harlot ever had a fouler vocabulary than she: though two rooms off, I heard every word—the thin partitions of the West India house opposing but slight obstruction to her wolfish cries. “‘This life,’ said</p>	<p>Era em uma daquellas noites abrasadoras das Antilhas, que precedem aos furações dos tropicos. O mar bramia ao longe como um terremoto. Nuvens negras subiam e a lua afundava-se nas ondas qual globo de fogo. A louca enchia os ares de urros e gritos, rogando-me pragas. A atmosphaera e o concerto infernal transtornaram meu espirito. Esta vida é um inferno, tal deve ser a atmosphaera, taes os sons do pego sem fundo. Da eternidade do fogo perdera o medo como si fosse imaginação de fanaticos, e julgava que não podia haver estado futuro peor do que aquelle; quiz romper com o tempo para, como delirava, voltar a casa de meu Deus.</p>	<p>— Uma noite fui acordado pelos seus gritos (desde que os médicos a declararam louca ela fora trancada, naturalmente). Era uma noite abafada, típica das Índias Ocidentais, daquelas que, naqueles climas, costumam preceder os furacões. Incapaz de ficar na cama, levantei-me e abri a janela. O ar cheirava a enxofre – e eu não conseguia encontrar refrigério em lugar algum. Os mosquitos zumbiam teimosamente à volta do quarto. O mar, que eu ouvia dali, bramia sombrio como uma avalanche, coberto de nuvens negras. A lua se punha sobre as ondas, enorme e rubra como uma bala de canhão incandescente, e lançava seu último olhar sanguíneo sobre um mundo que tremia com a agitação da tempestade. Fui influenciado fisicamente pela atmosfera e pelo cenário, os ouvidos cheios das pragas da maníaca, que ainda berrava. De vez em quando ela gritava o meu nome num tom de ódio demoníaco — e com que linguagem! Nem uma prostituta confessa tinha um vocabulário tão</p>

<p><i>I at last, 'is hell: this is the air—those are the sounds of the bottomless pit! I have a right to deliver myself from it if I can. The sufferings of this mortal state will leave me with the heavy flesh that now cumpers my soul. Of the fanatic's burning eternity I have no fear: there is not a future state worse than this present one—let me break away, and go home to God!'</i></p>		<p><i>imundo quanto o dela! Embora estivesse a dois quartos de distância, ouvia cada palavra. As finas paredes das casas das índias Ocidentais ofereciam um obstáculo muito frágil para os seus uivos de lobo. "Esta vida é um inferno" disse a mim mesmo. "Este ar... aqueles sons... são de um poço sem fundo! Tenho o direito de me livrar disso, se puder. Os sofrimentos da condição de mortal me abandonarão juntamente com a carne incômoda que agora sobrecarrega a minha alma. Não tenho medo do fogo eterno dos fanáticos: não existe uma vida futura pior do que o inferno que enfrento agora. Deixem-me acabar com tudo e ir para junto de Deus!"</i></p>
<p>② <i>"It was because I felt and knew this, that I resolved to marry you. To tell me that I had already a wife is empty mockery: you know now that I had but a hideous <b>demon</b>. I was wrong to attempt to deceive you; but I feared a stubbornness that exists in your character. I feared early instilled prejudice: I wanted to have you safe before hazarding confidences. This was cowardly: I should have appealed to your nobleness and magnanimity at first, as I do now—opened to you plainly my life of agony—described to you my hunger and thirst after a higher and worthier existence—shown to you, not my resolution (that word is weak), but my resistless bent to love</i></p>	<p>«&lt;Omissão&gt;. Por outro lado não te devia enganar. Tive porém, medo da teimosia de tua índole, dos preconceitos que te foram instillados. Queria primeiro ter-te segura antes de expôr-me aos azares da confidencia. Devia dizer-te no principio o que te disse hoje, revelar-te o pendor irresistível de meu natural, que é: amar lealmente e com toda a força, quando se me corresponde com amor igualmente leal e entranhavel. Só depois devia pedir-te acceitasses o penhor de minha fidelidade e me desses o teu.</p>	<p><i>E foi porque eu senti e me convenci disso que resolvi desposá-la. Dizer-me que eu ainda tinha uma esposa é uma brincadeira sem sentido: você agora sabe que eu tinha apenas um demônio repugnante. Errei ao tentar enganá-la, mas temia essa teimosia que existe no seu temperamento. Temia também os preconceitos arraigados: queria tê-la segura antes de me arriscar em confidências. Isso foi covardia. Primeiro, devia ter apelado para a sua nobreza de caráter e magnanimidade, como faço agora — e contado a você, simplesmente, a minha vida de agonia,</i></p>

<p><i>faithfully and well, where I am faithfully and well loved in return. Then I should have asked you to accept my pledge of fidelity and to give me yours.</i></p>		<p><i>descrito a minha fome e sede de uma existência mais alta e mais digna, mostrado a você não a minha resolução (esta palavra é fraca), mas a minha irresistível inclinação para amar fiel e ardentemente, se fiel e ardentemente eu fosse amado. E então devia ter lhe pedido que aceitasse a minha promessa de fidelidade, e me concedesse a sua.</i></p>
---	--	--

O excerto ① remete ao relato que Rochester faz a Jane sobre os acontecimentos que contribuíram para o seu retorno a Thornfield, depois de seu casamento com Bertha Mason: nas palavras de Rochester “nem uma prostituta confessa tinha um vocabulário tão imundo” quanto o da sua esposa – louca e trancafiada –, que praguejava e “gritava” o seu nome “num tom de ódio demoníaco”, conforme consta na tradução de Doris Goettems (2010). O excerto ② está inserido no mesmo capítulo (XXVII) que o excerto anterior e também faz parte da argumentação que Rochester elabora na tentativa de convencer Jane a ser sua amante, afinal, dizer que ele ainda tinha uma esposa era “uma brincadeira sem sentido”, o que ele tinha era “apenas um demônio repugnante”, de acordo com o texto de Goettems (2010), situado na terceira coluna do Quadro 20. Se observarmos a coluna do meio do Quadro 20, reservada para a retextualização, veremos que muito dessa argumentação de Rochester é omitida, assim como é omitida a tradução do nódulo ‘*demon*’, que em ambos os excertos é utilizado por Rochester em referência a sua esposa: em *Joana Eyre* (1926) não vemos Rochester comparar Bertha com uma *prostituta* tampouco dizer que ela é o *próprio demônio*. Essas omissões podem sugerir que o tradutor seguiu o comportamento descrito por Lefevere (1992), o qual afirma que, tipicamente, os profissionais (críticos, professores, tradutores) tendem a reescrever trabalhos literários até que estes estejam de acordo com a ideologia dos “poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura” (1992, p. 15) – o patronato, exercido pelo Frei Pedro Sinzig, no contexto desta pesquisa. Nesse cenário, interpreto que o tradutor, ao internalizar a censura conferida pelo patrono, (auto-) censurou-se, retirando do seu texto

termos/excertos considerados inapropriados para o seu público “catholico e juvenil”, conforme ele próprio afirma em seu paratexto ‘Prefácio’.

No que se refere aos outros excertos que apresentam o nódulo ‘*demon*’ traduzido, o comportamento linguístico do tradutor confere com o observado abaixo:

(xii)

*Then my own thoughts worried me. What crime was this that lived incarnate in this sequestered mansion, and could neither be expelled nor subdued by the owner?—what mystery, that broke out now in fire and now in blood, at the deadest hours of night? What creature was it, that, masked in an ordinary woman’s face and shape, uttered the voice, now of a **mocking demon**, and anon of a carrion-seeking bird of prey?*

*Com o silencio, meus proprios pensamentos começavam a incomodar-me. Que crime incarnado vivia nesta habitação que nem pelo proprio dono podia ser expellido ou domado? Qual o mysterio que se manifestava nas horas mortas da noite já por fogo, já por sangue? Que sêr era este que, embuçado no rosto e na figura de uma mulher ordinaria, soltava vozes ora de **demonio mofador**, ora de abutre a buscar a presa?*

(xiii)

*“No, no, sir; besides the delicacy and richness of the fabric, I found nothing save Fairfax Rochester’s pride; and that did not scare me, because I am used to the sight of the **demon** [...].”*

*— Não, não, senhor. Afora a delicadeza e o luxo do tecido, não encontrei nada mais que o orgulho de Fairfax-Rochester; e este não me assustou, pois que estou avesada ao aspecto deste **dominio** [...].*

(xiv)

*“But I do think hardly of you,” I said; “and I’ll tell you why—not so much because you refused to give me shelter, or regarded me as an impostor, as because you just now made it a species of reproach that I had no ‘brass’ and no house. Some of the best people that ever lived have been as destitute as I am; and if you are a **Christian**, you ought not to consider poverty a crime.”*

*— Aquella é minha consorte. Estes são os unicos abraços conjugaes que me cabem, as caricias que amenizam minhas horas vagas! Era esta que eu queria – (e poz a mão em meu hombro) — Esta menina que presenciera grave e tranquillamente os trejeitos daquelle **demonio** á*

*mesma bocca do inferno. Desejava-a como para variar depois daquelle gui-sado apimentado. Wood e Briggs, notae a differença! Comparae estes olhos claros como aquellas orbitas ensanguentadas; este rosto com aquella massa informe, então julgae-me, prégador da biblia e defensor da lei, não vos esquecendo de que «com o juizo com que julgardes, sereis julgados». Ide-vos dahi ! tenho que guardar o meu thesouro!*

Os dois primeiros exemplos oferecidos correspondem a falas da protagonista: em (xii) Jane utiliza a expressão “*mocking demon*” em alusão a Grace Poole, criada a quem atribuía as “vozes”; em (xiii) ela utiliza o termo ‘*demon*’ em referência a Rochester. Nesses excertos chama a atenção o comportamento linguístico do tradutor: no primeiro, ele opta por traduzir literalmente a expressão, denominando Grace Poole de um “demônio mofador”; no segundo, no entanto, ele opta por suavizar o termo ‘*demon*’, o transformando em “domínio”. Com base na tradução que Doris Goettems (2010) elabora do excerto constante do exemplo (xiii) – “Não, não, senhor. Além da riqueza e delicadeza do tecido, só vi o orgulho dos Fairfax Rochester. Não me assustei com isso, pois já estou acostumada com a visão do *diabo em pessoa*” –, podemos hipotetizar que o tradutor de *Joanna Eyre* (1926) se (auto-) censurou ao suavizar o termo ‘*demon*’, pois aqui a tradução literal possivelmente desagradaria o patronato: ler em português a protagonista se referir ao seu pretendente como ‘demônio’ ou ‘diabo’ não seria ‘politicamente correto’.

Em (xiv), vemos Rochester se referir a sua esposa como “*demon*”. No entanto, diferentemente do que ocorre nos excertos do Quadro 20, interpreto que neste caso em particular o tradutor se permitiu traduzir o termo literalmente (e ser transgressor), em virtude de que a sua inserção na argumentação de Rochester era imprescindível: o excerto remete à situação que sucede a sua cerimônia de casamento com Joanna, que não chega a ser consumada, pois o advogado da família Masson, Briggs, interrompe o pastor Wood, dizendo que Rochester já é um homem casado. Com o intuito de mostrar que não é pecador porque fora iludido por seu pai ao desposar uma mulher louca, Rochester leva todos os envolvidos no episódio – Briggs, Wood e Joanna – aos aposentos de Bertha. Ao fazê-lo, diz-lhes o conteúdo constante do exemplo (xiv): diante do “demônio” que a eles se apresenta, Briggs, Wood e, até mesmo, Joanna se compadecem da realidade vivenciada por Rochester. Nesse contexto, que mal haveria encontrar no texto um excerto em que o herói da trama se refere a sua esposa como “demônio” se era ela a

causadora da sua desgraça e o impedimento para que ficasse com a protagonista? Somado a isso, essa ‘compaixão’ de Briggs, Wood e Joanna por Rochester deveria ser sentida também pelos leitores da retextualização.

(e) ‘*Christian*’

O nóculo ‘*Christian*’ apresenta 18 ocorrências em toda a textualização (das quais 07 estão situadas nos capítulos de recorte). Na retextualização, o nóculo é omitido 08 vezes, sendo que 04 dessas omissões ocorrem nos capítulos investigados, conforme se observa no Quadro 21:

Quadro 21 – Omissões do nóculo ‘*Christian*’

Jane Eyre (1897) Textualização	Joanna Eyre (1926) Retextualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
① “Consistency, madam, is the first of <u>Christian</u> duties; and it has been observed in every arrangement connected with the establishment of Lowood: plain fare, simple attire, unsophisticated accommodations, hardy and active habits; such is the order of the day in the house and its inhabitants.”	<Omissão>	- A firmeza, madame, é a primeira das obrigações cristãs, e é observada em tudo que se refere ao nosso estabelecimento em Lowood. Alimentação comum, vestimentas simples, acomodações modestas, hábitos ativos e árduos. Essa é a ordem do dia — para a casa e os seus habitantes.
② “If that will be your married look, I, as a <u>Christian</u> , will soon give up the notion of consorting with a mere sprite or salamander. But what had you to ask, thing,—out with it?”	— E si esse vae ser teu olhar de esposa, <omissão> devo em breve abandonar a ideia de me consorciar com <omissão> uma salamandra. Mas, que queres, pequena, dize!	- E se esse for o seu olhar de casada, eu, como cristão, vou desistir bem depressa da ideia de casar-me com um mero fantasma ou uma salamandra. Mas o que quer pedir, sua coisinha? Diga logo...
③ But besides his frequent absences, there was another barrier to friendship with him: he seemed of a reserved, an abstracted, and even of a brooding nature. Zealous in his ministerial labours, blameless in his life and habits, he yet did not appear to	<Omissão>	Mas além da sua ausência frequente, havia outra barreira para a minha amizade com St. John: ele parecia ter uma natureza reservada, difícil e mesmo rancorosa. Zeloso nos seus deveres pastorais, irrepreensível na sua vida

<p>enjoy that mental serenity, that inward content, which should be the reward of every sincere <b>Christian</b> and practical philanthropist. Often, of an evening, when he sat at the window, his desk and papers before him, he would cease reading or writing, rest his chin on his hand, and deliver himself up to I know not what course of thought; but that it was perturbed and exciting might be seen in the frequent flash and changeful dilation of his eye.</p>		<p>e nos seus hábitos, ainda assim não parecia desfrutar da serenidade de alma e da alegria interior que deviam ser a recompensa de todo cristão sincero e do filantropo militante. Muitas vezes, à noite, quando sentava-se junto à janela, com a escrevaninha e os papéis diante de si, costumava parar de ler ou escrever e pousar o queixo nas mãos, entregando-se a não sei que género de pensamentos. Mas que esses pensamentos eram perturbadores e agitados podia-se ver pelos frequentes clarões e pela mudança de expressão dos seus olhos.</p>
<p>④ Of course, she knew her power: indeed, he did not, because he could not, conceal it from her. In spite of his <b>Christian</b> stoicism, when she went up and addressed him, and smiled gaily, encouragingly, even fondly in his face, his hand would tremble and his eye burn. He seemed to say, with his sad and resolute look, if he did not say it with his lips, "I love you, and I know you prefer me. It is not despair of success that keeps me dumb. If I offered my heart, I believe you would accept it. But that heart is already laid on a sacred altar: the fire is arranged round it. It will soon be no more than a sacrifice consumed."</p>	<p>E' escusado dizer que ella tinha consciencia de seu ascendente e elle, por não poder, nem o escondia. Parecia confessar com seu olhar triste e resolutivo: - Amo-te e sei que, si te offerecesse meu coração, acceitaria; mas este coração já está posto sobre a ara do sacrificio.</p>	<p>Estava claro que ella conhecia o seu poder. Na verdade, St. John não escondia — porque não conseguia — o efeito que ella lhe causava. A despeito do seu estoicismo cristão, quando ella surgia e se dirigia a elle, sorrindo-lhe de modo alegre, encorajador e mesmo afetuosos, suas mãos tremiam e os olhos brilhavam. Era como se elle dissesse, com seu olhar triste e resolutivo, o que os lábios não diziam: "Eu a amo, e sei que também me ama. Não é o medo do fracasso que me mantém calado: se offerecesse meu coração acredito que o aceitaria. Mas meu coração já foi destinado a um altar sagrado, as chamas já se acenderam em torno dele. Logo não será mais do que um</p>

<p>⑤ “Shall I?” I said briefly; and I looked at his features, beautiful in their harmony, but strangely formidable in their still severity; at his brow, commanding but not open; at his eyes, bright and deep and searching, but never soft; at his tall imposing figure; and fancied myself in idea his wife. Oh! it would never do! As his curate, his comrade, all would be right: I would cross oceans with him in that capacity; toil under Eastern suns, in Asian deserts with him in that office; admire and emulate his courage and devotion and vigour; accommodate quietly to his masterhood; smile undisturbed at his ineradicable ambition; discriminate the <u>Christian</u> esteem the one, and freely forgive the other. I should suffer often, no doubt, attached to him only in this capacity: my body would be under rather a stringent yoke, but my heart and mind would be free. I should still have my unblighted self to turn to: my natural unenslaved feelings with which to communicate in moments of loneliness. There would be recesses in my mind which would be only mine, to which he never came, and sentiments growing there fresh and sheltered which his austerity could never blight, nor his measured warrior-march trample down: but as his wife—at his side always, and always restrained, and always checked—forced to keep the fire of my nature continually low, to compel it to</p>	<p>— Acha? — disse eu laconicamente e examinei-o de novo. Sim, como companheira — scismei— como coadjutora, poderia emular com sua coragem, sua devoção, seu vigor; ficando assim livres meu coração e meus sentimentos naturais; mas como esposa, sempre a seu lado, sempre constrangida e refreida, forçada a sempre abafar o fogo de minha natureza e compellil-o a arder por dentro de mim, sem nunca dar um grito, apesar de se me consumirem as entranhas ás chammas do affecto... isso seria intoleravel... não, mil vezes, não!</p>	<p>sacrifício consumado”. Olhei para os seus traços, belos em sua harmonia, mas estranhamente temíveis na sua severidade. Para sua frente autoritária, mas não aberta. Para os seus olhos, brilhantes e profundos e inquisidores, mas nunca ternos. Para sua figura alta e imponente. E me imaginei como sua esposa... Oh! Isso nunca! Como sua ajudante, sua discípula, tudo estaria bem. Nessa condição, poderia cruzar oceanos com ele; trabalhar sob o sol do Oriente e os desertos asiáticos; admirar e imitar sua coragem, devoção e vigor; acomodar-me mansamente sob a sua direção; sorrir confiante à sua ambição inextirpável; separar o cristão do homem, estimando profundamente o primeiro e perdoadando de bom grado o outro. Ligada a ele apenas nessa condição, muitas vezes sofreria, sem dúvida. Meu corpo estaria sob um estranho domínio, mas meu coração e minha mente seriam livres. Eu ainda teria o meu mundo indestrutível para onde me voltar, meus pensamentos livres para me amparar nas horas de solidão. Haveria recantos na minha mente que seriam só meus, aos quais ele nunca teria acesso, e ali cresceriam sentimentos, frescos e abrigados, que a austeridade dele jamais</p>
--	---	---

<p><i>burn inwardly and never utter a cry, though the imprisoned flame consumed vital after vital—this would be unendurable.</i></p>		<p><i>poderia destruir, nem sua marcha de soldado pisotear. Mas como sua esposa... sempre ao seu lado, sempre contida, sempre reprimida, forçada a manter sob estrito controle a chama própria da minha natureza, obrigá-la a queimar por dentro sem nunca emitir uma queixa, mesmo que a chama aprisionada consumisse minhas entranhas... Isso seria inaceitável.</i></p>
<p>⑥ <i>But this time his feelings were all pent in his heart: I was not worthy to hear them uttered. As I walked by his side homeward, I read well in his iron silence all he felt towards me: the disappointment of an austere and despotic nature, which has met resistance where it expected submission—the disapprobation of a cool, inflexible judgment, which has detected in another feelings and views in which it has no power to sympathise: in short, as a man, he would have wished to coerce me into obedience: it was only as a sincere <u>Christian</u> he bore so patiently with my perversity, and allowed so long a space for reflection and repentance.</i></p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p><i>Agora, porém, seus sentimentos estavam todos enclausurados no coração: eu não merecia mais ouvi-los. Enquanto caminhava para casa ao lado dele, li no seu silêncio de aço tudo o que pensava a meu respeito: o desapontamento de uma natureza austera e despótica, que encontrara resistência onde esperava submissão; a desaprovação de um juízo frio e inflexível, que descobrira no outro sentimentos e pontos de vista com os quais não podia simpatizar. Em suma: como homem desejava coagir-me à obediência. Era apenas como um cristão sincero que ele suportou tão pacientemente a minha perversão, e me permitiu tão longo espaço para reflexão e arrependimento.</i></p>
<p>⑦ <i>He did not abstain from conversing with me: he even called me as usual each morning to join him at his desk; and I fear the corrupt</i></p>	<p><i>Conversava comigo, chamava-me todas as manhãs á sua mesa para lhe ler e, apesar de tudo, via pelo seu olhar</i></p>	<p><i>Não se absteria de conversar comigo: até mesmo me chamava toda manhã, como de hábito, para juntar-me a ele na</i></p>

<p>man within him had a pleasure unimparted to, and unshared by, the pure <b>Christian</b>, in evincing with what skill he could, while acting and speaking apparently just as usual, extract from every deed and every phrase the spirit of interest and approval which had formerly communicated a certain austere charm to his language and manner. To me, he was in reality become no longer flesh, but marble; his eye was a cold, bright, blue gem; his tongue a speaking instrument—nothing more.</p>	<p>que minha palavra de deprêso estava entre elle e mim; eu sentia como seu ouvido a percebia em cada phrase que eu lhe dirigia. Para mim elle já não constava de carne e sangue, era de marmore; seus olhos eram gemmas brilhantes, mas frias; sua lingua um mero instrumento musical, sem alma.</p>	<p>sua escrivaniha. Acredito que o homem corrompido dentro dele sentisse prazer — não partilhado pelo puro cristão — em mostrar com que habilidade podia, enquanto agia e falava como sempre, retirar de cada gesto e de cada frase o espírito de interesse e aprovação que antigamente agregava um certo encanto austero à sua linguagem e às suas maneiras. Para mim, na verdade, ele não era mais de carne, mas de mármore. Seus olhos eram duas gemas frias, brilhantes, azuis. E a língua um instrumento de fala — nada mais.</p>
<p>⑧ “I telled Mary how it would be,” he said: “I knew what mr Edward” (John was an old servant, and had known his master when he was the cadet of the house, therefore, he often gave him his <b>Christian</b> name)—“I knew what mr Edward would do; and I was certain he would not wait long neither: and he’s done right, for aught I know. I wish you joy, Miss!” and he politely pulled his forelock.</p>	<p>- Já dissêra a Maria o que havia de acontecer; sabia o que o Sr. Eduardo pretendia; e estava convencido de que não havia de esperar muito; fez bem quanto eu sei. Dou-lhe meus sinceros parabens, senhorita - e puxou cortezmente pelo gorro.</p>	<p>Eu disse para Mary que isso ia acontecer — ele disse. — Eu sabia que Mr. Edward (John era um antigo criado da casa, e conhecia seu patrão desde que ele era o caçula da família, por isso muitas vezes o chamava pelo nome de batismo), eu sabia que Mr. Edward ia fazer isto mesmo, e sabia que ele não ia demorar muito. E ele fez o certo, fez muito bem! Desejo-lhe felicidades, senhorita! — e ele polidamente tirou o barrete.</p>

O excerto ① corresponde à fala de Mr. Brocklehurst, clérigo que administra Lowood, instituição para a qual Jane é enviada após deixar a casa de sua tia. Tanto Mr. Brocklehurst quanto Lowood são descritos na narrativa de maneira negativa: ele é um homem carrancudo, austero, mesquinho e a instituição que administra um lugar repleto de privações, em que as alunas são mal alimentadas e tratadas com severidade

extrema. Nos dizeres de Brocklehurst nesse excerto, o tratamento dispensado às meninas de Lowood é correto, pois “a firmeza é a primeira das obrigações cristãs”, conforme consta na tradução de Doris Goettems (2010). O excerto (2) já foi objeto de análise no item (d) desta subseção e, conforme expus, remete à situação na qual Joanna solicita que Rochester “satisfaça a sua curiosidade”, contando-lhe um segredo: Rochester, temerário de que esse segredo pudesse ter alguma relação com a sua esposa enclausurada, fica apreensivo e inicia uma discussão com Joanna, manifestando que se a pretendente mantiver o seu “olhar”, “como cristão”, ele desistirá da ideia de se casar “com um mero fantasma ou salamandra”, nos dizeres da tradução de Goettems (2010). Os excertos (3), (4), (5), (6) e (7) correspondem a falas de Jane/Narradora sobre St. John; em todos esses excertos o nódulo ‘*Christian*’ é utilizado em referência a esse personagem: em (3), nas palavras de Jane, “ele parecia ter uma natureza reservada, difícil e mesmo rancorosa” e apesar de ser “zeloso nos seus deveres pastorais”, não conseguia “desfrutar da serenidade de alma e da alegria interior que deviam ser a recompensa de todo cristão sincero e do filantropo militante”; em (4), Jane menciona que “a despeito do seu [St. John] estoicismo cristão” suas mãos tremiam e seus olhos brilhavam quando Rosamond Oliver lhe dirigia a palavra; em (5), Jane revela que conseguiria “separar o cristão do homem” se viajasse com St. John para o Oriente como sua ajudante, sua discípula, porém como esposa lhe seria impossível, pois não conseguiria submeter-se à “severidade, à fronte autoritária, aos olhos brilhantes e inquisidores, mas nunca ternos” de St. John; em (6), Jane relata o comportamento de St. John ao receber uma resposta negativa quando lhe propôs em casamento – “li no seu silêncio de aço tudo o que pensava a meu respeito: o desapontamento de uma natureza austera e despótica, que encontrara resistência onde esperava submissão; a desaprovação de um juízo frio e inflexível [...]” – e diz, ironicamente, que “apenas como um cristão sincero que ele suportou tão pacientemente a minha perversão, e me permitiu tão longo espaço para reflexão e arrependimento”; em (7), Jane afirma que, para ela, St. John “não era mais de carne, mas de mármore. Seus olhos eram duas gemas frias, brilhantes, azuis. E a língua um instrumento de fala — nada mais”. O excerto (8) possui, no texto de Brontë (1847), um ‘adendo’ explicitando porque um criado chama Rochester de ‘Mr. Edward’ – seu “nome de batismo”, conforme consta na tradução de Goettems (2010), mas que é omitido da retextualização analisada.

Com base nessa contextualização dos excertos presentes no Quadro 21, (i) interpreto que com relação ao excerto ① o tradutor se (auto-) censurou para não ter de inserir em seu texto – publicado por uma editora católica – uma passagem em que o comportamento cristão é associado ao tratamento dispensado às meninas de Lowood e à figura do Sr. Brocklehurst, nitidamente criticados e considerados reprováveis na textualização, que (é bom sempre lembrar) fora objeto de censura pelo patrono Sinzig; (ii) interpreto que com relação ao excerto ② o tradutor não inseriu a tradução do nódulo ‘*Christian*’ na retextualização, (auto-) censurando-se, justamente para evitar a ‘contradição’ de chamar Rochester – homem casado que pede a mão de Joanna e, ao fazê-lo, está prestes a se tornar bígamo sem, no entanto, apresentar qualquer remorso por adotar tal comportamento – de cristão: aqui, pode-se hipotetizar que o tradutor teve de cooperar com o patronato, adequando-se aos padrões do ‘politicamente correto’, pois um homem bígamo e, conseqüentemente, pecador, não pode se autodenominar cristão; (iii) interpreto que com relação aos excertos ③, ④, ⑤, ⑥ e ⑦ o tradutor se (auto-) censurou, ora completamente, ora parcialmente, pelo mesmo motivo anterior: nesses excertos Jane critica o comportamento de St. John, chamando-o de austero, frio, déspota, adjetivos depreciativos que não condizem com a conduta cristã, de tal modo que, diante da censura do patrono Sinzig, o tradutor se viu ‘obrigado’ a retirar da retextualização a associação entre ‘comportamento reprovável x cristão’, pois o verdadeiro cristão não pode ter hábitos condenáveis; interpreto que com relação ao excerto ⑧, a omissão da tradução do nódulo ‘*Christian*’ ocorreu em função da convenção que subjaz o costume brasileiro de se referir ao interlocutor usando-se o nome de batismo. Diante disso, pode-se hipotetizar que o tradutor considerou desnecessário mencionar para a sua audiência que “John era um antigo criado da casa, e conhecia seu patrão desde que ele era o caçula da família, por isso muitas vezes o chamava pelo nome de batismo”, como consta na tradução de Doris Goettems (2010).

Se quando o nódulo ‘*Christian*’ aparece relacionado a comportamentos questionáveis o tradutor se (auto-) censura, nos excertos restantes a sua estratégia tradutória se assemelha com a adotada nos exemplos abaixo:

(xv)

*“But I do think hardly of you,” I said; “and I’ll tell you why—not so much because you refused to give me shelter, or regarded me as an impostor, as because you just now made it a species of reproach that I had no ‘brass’ and no house. Some of the best people that ever lived*

*have been as destitute as I am; and if you are a **Christian**, you ought not to consider poverty a crime.”*

*— Mas não posso deixar de ter impressão menos favorável da senhora e digo-lhe porque: Não é tanto por me ter recusado abrigo ou considerado como impostora, mas por me ter lançado em rosto o não ter dinheiro nem casa, como si isto fosse um crime. Sabe que a melhor gente deste mundo tem passado sem possuir nada e como **christian** não devia considerar a pobreza um crime.*

(xvi)

*I hold that the more arid and unreclaimed the soil where the **Christian** labourer’s task of tillage is appointed him—the scantier the meed his toil brings—the higher the honour. His, under such circumstances, is the destiny of the pioneer; and the first pioneers of the Gospel were the Apostles—their captain was Jesus, the Redeemer, Himself.”*

*— Mas eu acho que a lavoura no solo bravio das almas incultas é a mais honrosa para um **christão**. Tal foi o destino dos apóstolos, cujo chefe era Jesus, o Salvador.*

(xvii)

*“He will sacrifice all to his long-framed resolves,” she said: “natural affection and feelings more potent still. st. John looks quiet, Jane; but he hides a fever in his vitals. You would think him gentle, yet in some things he is inexorable as death; and the worst of it is, my conscience will hardly permit me to dissuade him from his severe decision: certainly, I cannot for a moment blame him for it. It is right, noble, **Christian**: yet it breaks my heart!” And the tears gushed to her fine eyes. Mary bent her head low over her work.*

*Diana disse: — João, às resoluções tomadas, sacrificará tudo: afeições naturais e sentimentos mais fortes ainda. João parece ter natural socegado, mas em certos pontos é inexorável como a morte; e o pior é que o não posso nem devo dissuadir da resolução, que é correcta, nobre, **christian**, embora me corte o coração. - E as lágrimas jorraram-lhe dos olhos e Maria curvou-se sobre seu trabalho.*

No exemplo (xv), Joanna dialoga com Joanna, a criada da casa de seus primos, que havia lhe “recusado abrigo” e lhe “lançado em rosto o não ter dinheiro nem casa, como si isto fosse um crime”: nas palavras da protagonista “a melhor gente deste mundo tem passado sem possuir nada e como christian não devia considerar a pobreza um crime”. No exemplo

(xvi), João dialoga com a protagonista ao oferecer-lhe um emprego simples, dizendo: “eu acho que a lavoura no solo bravio das almas incultas é a mais honrosa para um christão. Tal foi o destino dos apóstolos, cujo chefe era Jesus, o Salvador”. No exemplo (xvii), Diana, uma das primas de Joanna, dialoga com ela e se refere ao trabalho de missionário de João, confessando não poder dissuadi-lo de sua resolução de ir para o Oriente, “que é correcta, nobre, christian”, embora a possibilidade da sua partida corte-lhe o coração. Em todos esses exemplos, o ‘ser cristão’ é relacionado a comportamentos dignos de louvor: em (xv) os cristãos (corretos) não consideram a pobreza um crime e acreditam que “a melhor gente deste mundo tem passado sem possuir nada”; em (xvi) o cristão tem como atividade mais honrosa o trabalho árduo; em (xvii) a decisão de se tornar missionário “é correcta, nobre, christian”. E se os comportamentos são íntegros e indicados para um público “católico”, por que não manter esses excertos na retextualização?

Talvez seja necessário expor na conclusão desta subseção que apesar de haver, ainda nos dias atuais, censura a livros que abordem temas fantásticos e sobrenaturais, como ocorreu, por exemplo, com a série *Harry Potter* – banida de diversas escolas nos Estados Unidos e na Inglaterra nos anos 2000, pois muitos pais e educadores classificaram a sua narrativa como “anticristã” (cf. ABANES, 2001) – e de o patrono Sinzig associar os livros a todos proibidos a “historias sobre crimes, indios, piratas, aventureiros, *phantasmas*, *ocultismo*, scenas eróticas, etc” (1915, p. 12, itálicos meus), pois “a moral desses contos é ambigua, ás vezes relaxadamente perversa” (p. 12), interpreto que as omissões investigadas aqui não foram motivadas pelos ‘*nomes de seres fantásticos e sobrenaturais*’ tampouco pelos ‘*termos problemáticos*’, presentes na narrativa de Brontë. Assim interpreto, pois se esses fossem, de fato, os motivadores das omissões, possivelmente o tradutor os teria omitido *em todas as passagens nas quais estivessem inseridos* e não é isso o que acontece. Com base na minha análise, pude perceber que, tipicamente, esses nomes e termos só foram omitidos quando compartilhavam o espaço textual com comportamentos tidos como inapropriados para o público ao qual se destinava a retextualização e que, certamente, desagradariam o patronato “que não aconselhou a todos” a leitura de *Jane Eyre* (1897).

Na subseção seguinte, analiso os excertos omitidos dos capítulos que compõem o recorte deste estudo.

#### 4.3.2 Análise dos excertos omitidos

Antes de iniciar propriamente a análise das omissões, julgo importante relembrar que tomei a decisão metodológica de analisar, por limitações de tempo, apenas os excertos que apresentassem omissões significativas: isso significa dizer que enfoquei o meu olhar nas as passagens suprimidas por completo ou que apresentassem uma redução substancial de palavras quando comparadas com a textualização. Com esse ponto esclarecido, começo a argumentação com os capítulos XXIV e XXVII, nos quais Joanna interage com Rochester.

A primeira passagem em que há uma omissão na retextualização corresponde à apresentada no Quadro 22, que traz a textualização e a tradução oferecida por Goettens (2010):

Quadro 22 – Omissões de afirmações radicais

Jane Eyre (1897) Textualização	Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark
<p><i>“You need not look in that way,” I said; “if you do, I’ll wear nothing but my old Lowood frocks to the end of the chapter. I’ll be married in this lilac gingham: you may make a dressing-gown for yourself out of the pearl-grey silk, and an infinite series of waistcoats out of the black satin.”</i></p> <p><i>He chuckled; he rubbed his hands. “Oh, it is rich to see and hear her?” he exclaimed. “Is she original? Is she piquant? I would not exchange this one little English girl for the Grand Turk’s whole seraglio, gazelle-eyes, houri forms, and all!”</i></p> <p><i>The Eastern allusion bit me again. “I’ll not stand you an inch in the stead of a seraglio,” I said; “so don’t consider me an equivalent for one. If you have a fancy for anything in that line, away with you, sir, to the bazaars of Stamboul without delay, and lay out in extensive slave-purchases some of that spare cash you seem at a loss to spend satisfactorily here.”</i></p> <p><i>“And what will you do, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?”</i></p> <p><i>“I’ll be preparing myself to go out as a missionary to preach liberty to them that are enslaved—your harem inmates amongst the rest. I’ll get admitted there,</i></p>	<p><i>— Não precisa me olhar desse modo!— eu disse.— Se o fizer, vou vestir apenas os meus uniformes de Lowood até o fim dessa história. Vou me casar com este vestidinho de algodão lilás. O senhor pode fazer um roupão para si mesmo com a seda cinza-pérola, e uma série infinita de coletes com o cetim preto. Ele deu um risinho e esfregou as mãos.</i></p> <p><i>— Oh, não é maravilhoso vê-la e ouvi-la? — ele exclamou. — Ela não é mesmo original? Não é mesmo atrevida? Eu nunca trocaria esta garotinha inglesa por todo o serralho de Grão-Turco, com seus olhos de gazela, suas formas exuberantes e tudo o mais! A alusão ao oriente picou-me de novo.</i></p> <p><i>— Eu não o suportaria nem por um minuto, num local como um serralho! — eu disse. — Portanto não me considere igual a uma escrava. Se procura algo desse gênero, senhor, vá sem demora a algum bazar de Istambul e gaste numa grande compra de escravas esse dinheiro que parece tão disposto a gastar aqui!</i></p> <p><i>— E o que fará, Jane, enquanto estou negociando tantas toneladas de carne e tal sortimento de olhos negros?</i></p> <p><i>—Estarei me preparando para partir como missionária e pregar a liberdade para as</i></p>

<p><i>and I'll stir up mutiny; and you, three-tailed bashaw as you are, sir, shall in a trice find yourself fettered amongst our hands: nor will I, for one, consent to cut your bonds till you have signed a charter, the most liberal that despot ever yet conferred."</i></p> <p><i>"I would consent to be at your mercy, Jane."</i></p> <p><i>"I would have no mercy, Mr Rochester, if you supplicated for it with an eye like that. While you looked so, I should be certain that whatever charter you might grant under coercion, your first act, when released, would be to violate its conditions."</i></p>	<p><i>escravas.., entre elas as habitantes do seu harém. Arranjaria um modo de entrar lá e começaria um motim. E o senhor, como um fantástico paxá, acabaria acorrentado nas nossas mãos. Não consentiria em cortar suas amarras antes que assinasse uma carta de direitos, a mais liberal que um déspota jamais assinou!</i></p> <p><i>— E eu concordaria em ficar à sua mercê, Jane.</i></p> <p><i>— Não teria misericórdia, Mr. Rochester, se pedisse por ela com um olhar como este de agora. Enquanto me olhasse dessa maneira teria certeza que, não importa a carta de direitos que assinasse sob coação, seu primeiro ato, quando liberto, seria violar as suas condições.</i></p>
---	--

Na passagem acima, observam-se alguns comentários preconceituosos por parte tanto de Rochester quanto de Jane: ele faz afirmações como “nunca trocaria esta garotinha inglesa por todo o serralho de Grão-Turco” e “o que fará enquanto estou negociando tantas toneladas de carne e tal sortimento de olhos negros?”; enquanto ela diz “[...] não me considere igual a uma escrava. Se procura algo desse gênero, senhor, vá sem demora a algum bazar de Istambul e gaste numa grande compra de escravas” e “estarei me preparando para partir como missionária e pregar a liberdade para as escravas... entre elas as habitantes do seu harém. Arranjaria um modo de entrar lá e começaria um motim”. Esses comentários aqui destacados podem sugerir que o tradutor assim se comportou em decorrência da abolição da escravatura em solo nacional: em 13 de maio de 1888 (29 anos antes da publicação da primeira edição de *Joanna Eyre*), foi sancionada a lei n.º 3353, na qual se declarava extinta a escravidão no Brasil. Nesse contexto, se à época da publicação da retextualização brasileira a negociação e a própria existência de escravos era algo proibido no país e, portanto, ilegal e passível de penalização, interpreto que para não desagradar/causar estranhamento em seus leitores o tradutor considerou mais ‘prudente’ excluir a passagem analisada do seu texto. Além disso, vale ressaltar que em 1917, conforme exposto na subseção 4.2.1, a administração da revista *Vozes de Petrópolis* suspendeu suas atividades na Primeira Guerra Mundial, pois algumas opiniões publicadas na revista defendendo a posição dos alemães descontentaram muitos

leitores, que cancelaram as suas assinaturas<sup>148</sup>. Nesse sentido, pode-se hipotetizar que a inserção em *Joanna Eyre* (1926) dos comentários preconceituosos acerca de escravos e da superioridade de Jane – por ela ser uma “garotinha inglesa” –, presentes na obra de Brontë, poderia provocar o mesmo descontentamento nos leitores brasileiros e, conseqüentemente, o boicote da retextualização e de outros títulos da editora.

A segunda passagem em que há uma omissão significativa na retextualização corresponde a constante no Quadro 23, que apresenta alguns excertos do discurso de Rochester, situados no capítulo XXVII:

Quadro 23 – Omissões do discurso de Rochester

<b>Jane Eyre (1897) Textualização</b>	<b>Joanna Eyre (1926) Retextualização</b>	<b>Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettems, Landmark</b>
<p>① <i>“Jane, I will not trouble you with abominable details: some strong words shall express what I have to say. I lived with that woman upstairs four years, and before that time she had tried me indeed: her character ripened and developed with frightful rapidity; her vices sprang up fast and rank: they were so strong, only cruelty could check them, and I would not use cruelty. What a pigmy intellect she had, and what giant propensities! How fearful were the curses those propensities entailed on me! Bertha Mason, the true daughter of an infamous mother, dragged me through all the hideous and degrading agonies which must attend a man bound to a wife at once intemperate and unchaste.</i></p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p><i>Jane, não vou aborrecê-la com detalhes abomináveis: algumas palavras fortes podem exprimir o que tenho a dizer. Vivi com essa mulher quatro anos, e antes disso ela já havia me submetido às maiores provações. Seu temperamento se exacerbava e se expandia com assustadora rapidez. Seus vícios brotaram e cresceram muito depressa. Eram tão violentos que apenas a crueldade era capaz de contê-los, e eu não era capaz de usar a crueldade. Que intelecto anão e que tendências gigantescas ela tinha! Como eram medonhas as maldições que atirava sobre mim! Bertha Mason, a legítima filha de uma mãe infame, arrastou-me a todas as agonias abomináveis e degradantes que deve suportar um homem ligado a uma esposa ao mesmo tempo descontrolada e dissoluta.</i></p>

<sup>148</sup> Informação retirada do website da editora *Vozes de Petrópolis*, disponível em: <<http://www.universovozes.com.br/2013>>.

② *I saw hope revive—and felt regeneration possible. From a flowery arch at the bottom of my garden I gazed over the sea—bluer than the sky: the old world was beyond; clear prospects opened thus: —‘Go,’ said Hope, ‘and live again in Europe: there it is not known what a sullied name you bear, nor what a filthy burden is bound to you. You may take the maniac with you to England; confine her with due attendance and precautions at Thornfield: then travel yourself to what clime you will, and form what new tie you like. That woman, who has so abused your long-suffering, so sullied your name, so outraged your honour, so blighted your youth, is not your wife, nor are you her husband. See that she is cared for as her condition demands, and you have done all that God and humanity require of you. Let her identity, her connection with yourself, be buried in oblivion: you are bound to impart them to no living being. Place her in safety and comfort: shelter her degradation with secrecy, and leave her.’ “I acted precisely on this suggestion.*

*My father and brother had not made my marriage known to their acquaintance; because, in the very first letter I wrote to apprise them of the union—having already begun to experience extreme disgust of its consequences, and, from the family character and constitution, seeing a hideous future opening to me—I added*

*Vae, pois, viver na Europa, onde não se sabe quão conspurcado é teu nome, nem que carga asquerosa tens ás costas. Fecha a louca em Thornfield Hall. Depois viaja e ata novas relações, pois que esta, que abusou de ti, que deshonorou teu nome, maculou tua honra, tisonou tua mocidade, não é tua mulher. Põe-n’a em segurança e conforto, e foge della. Meu pae envergonhára-se de sua nora, de maneira que meu pedido para que guardassem segredo fora executado á risca.*

*Víamos para Inglaterra. A viagem na companhia do monstro foi terrível.*

*— Senti a esperança renascer, e pensei que a regeneração era possível. De um arco florido, nos fundos do jardim, observei o mar — mais azul do que o céu. O velho mundo ficara lá longe, e assim se abriram claras perspectivas.*

*— “Vá” me disse a Esperança “e viva de novo na Europa: lá ninguém sabe do nome manchado que carrega, nem do fardo imundo a que está amarrado. Leve a louca junto para a Inglaterra. Confine-a em Thornfield, com a devida assistência e precaução. Então viaje para onde quiser, e forme novas ligações onde desejar. Essa mulher, que tanto contribuiu para o seu longo sofrimento, que manchou o seu nome, ultrajou a sua honra e acabou com a sua juventude, não é sua esposa, nem você é o seu marido. Cuide para que seja tratada como exige o seu estado e terá feito tudo o que Deus e a humanidade exigem de você. Deixe que caiam no esquecimento a sua identidade e a sua ligação com você, não é obrigado a dividi-las com nenhum ser vivo. Cerque-a de conforto e segurança, esconda a sua degradação — e deixe-a.”*

*— Agi exatamente como foi sugerido. Meu pai e meu irmão não haviam participado o meu casamento aos seus amigos. Na primeira carta que lhes escrevi para noticiar a união — tendo já começado a experimentar o extremo desgosto de suas*

<p><i>an urgent charge to keep it secret: and very soon the infamous conduct of the wife my father had selected for me was such as to make him blush to own her as his daughter-in-law. Far from desiring to publish the connection, he became as anxious to conceal it as myself.</i></p> <p><i>“To England, then, I conveyed her; a fearful voyage I had with such a monster in the vessel.</i></p>		<p><i>consequências — e prevendo um terrível futuro à minha frente devido ao seu caráter familiar e constituição física, lancei um pedido angustiado para que o fato fosse mantido em segredo. E logo a infame conduta da esposa que meu pai me escolhera foi tal, que ele mesmo se envergonhava de chamá-la de nora. Longe de pretender tornar pública a união, ficou tão ansioso quanto eu em ocultá-la. — Trouxe-a, então, para a Inglaterra. Tive uma viagem medonha, com tal monstro no navio.</i></p>
<p>③ <i>You are not to suppose that I desired perfection, either of mind or person. I longed only for what suited me—for the antipodes of the Creole: and I longed vainly. Amongst them all I found not one whom, had I been ever so free, I—warned as I was of the risks, the horrors, the loathings of incongruous unions—would have asked to marry me. Disappointment made me reckless. I tried dissipation—never debauchery: that I hated, and hate. That was my Indian Messalina’s attribute: rooted disgust at it and her restrained me much, even in pleasure. Any enjoyment that bordered on riot seemed to approach me to her and her vices, and I eschewed it.</i></p>	<p>&lt;Omissão&gt;</p>	<p><i>Não deve imaginar que eu desejava perfeição, de corpo ou espírito. Ansiava apenas por alguma coisa que me conviesse, pela antítese da crioula. Mas ansiei em vão. Entre todas não encontrei uma sequer a quem — fosse eu livre e, avisado como estava dos riscos, dos horrores, das abominações de uma união incompatível — tivesse pedido para casar comigo. O desapontamento me tornou impulsivo. Entreguei-me à dissipação, mas não ao deboche, que eu odiava e ainda odeio. Esse era o atributo da minha messalina das índias. O profundo desgosto que votava a isso e a ela me refrearam, mesmo nos prazeres. Qualquer diversão que me aproximasse da baderna parecia identificar-me com ela e com seus vícios, então a evitava.</i></p>
<p>④ <i>“It was with me; and I did</i></p>	<p>— <i>Assim era; mas não</i></p>	<p>— <i>Para mim, era. Mas eu</i></p>

<p><i>not like it. It was a grovelling fashion of existence: I should never like to return to it. Hiring a mistress is the next worse thing to buying a slave: both are often by nature, and always by position, inferior: and to live familiarly with inferiors is degrading. I now hate the recollection of the time I passed with Céline, Giacinta, and Clara.”</i></p>	<p><i>gostava daquele modo de viver; era como comprar escravas, o que degrada o homem. Tenho nojo do tempo que passei com Celine, Jacinta e Clara.</i></p>	<p><i>não gostava. Era um tipo de existência abjeto, espero nunca mais voltar a ele. Sustentar uma amante só não é pior do que comprar uma escrava. As duas são criaturas inferiores, muitas vezes por natureza, e sempre pela condição. E é degradante viver intimamente com pessoas inferiores. Agora odeio até a lembrança do tempo que passei com Celine, Giacinta e Clara.</i></p>
--	--	---

O Quadro contém quatro excertos, todos constantes da passagem da narrativa em que Rochester dialoga com Jane/Joanna a respeito de Bertha Mason, sua esposa, e do período em que se entretinha com amantes: como se pode observar, algumas partes do discurso de Rochester são omitidas completamente; outras têm uma redução significativa no número de palavras. No excerto ①, que é completamente omitido na retextualização, Rochester menciona que Bertha era “a legítima filha de uma mãe infame” e que ela o arrastou “as agonias abomináveis e degradantes que deve suportar um homem ligado a uma esposa ao mesmo tempo descontrolada” e “dissoluta” – que ou quem demonstra um comportamento considerado imoral, corrupto, devasso, libertino, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa<sup>149</sup>; no excerto ②, Rochester relata que a “Esperança” o mandou de volta à Europa e sugeriu que levasse “a louca” com ele: lá, ele deveria confiná-la em Thornfield, viajar para onde quisesse, pois a mulher que possuía “não era sua esposa”, e cuidar para que ela fosse tratada com a devida assistência, que era tudo o que “Deus e a humanidade” dele exigiam; no excerto ③, que é completamente omitido na retextualização, Rochester conta a Jane que decidiu buscar por amantes, pois “ansiava apenas por alguma coisa que o conviesse, pela antítese da crioula”. Como não encontrou ninguém que o conviesse, ele assume ter-se entregado “à dissipação”, “o atributo” da sua “messalina das Índias”, no excerto ④ Rochester revela que “sustentar uma amante só não é pior do que comprar uma escrava. As duas são criaturas

<sup>149</sup> Disponível no endereço:

<<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=dissoluta>>.

inferiores, muitas vezes por natureza, e sempre pela condição. E é degradante viver intimamente com pessoas inferiores”.

Com relação à omissão total ou parcial desses excertos, interpreto que dois fatores atuaram como motivadores para que o tradutor se (auto-) censurasse: o patronato e os argumentos por ele utilizados no seu Prefácio em defesa de Rochester. No que se refere ao patronato, as omissões do tradutor podem sugerir que ele se preocupou com o parecer do patrono, que considerava “lixo literário”, sobretudo, os livros que apresentassem “moral relaxadamente perversa”: se atentarmos para os excertos constantes da Quadro 23, veremos Rochester se referir a sua esposa como uma mulher dissoluta; veremos que ele além de não demonstrar qualquer arrependimento por tê-la trancafiado, sugere que uma boa assistência médica é “tudo o que Deus e a humanidade” dele esperam; veremos ele se expressar de forma preconceituosa em relação à sua esposa chamando-a de “crioula” e de “messalina das Índias”, e veremos ele adotar novamente um discurso preconceituoso ao defender que tanto escravas quanto amantes são criaturas inferiores e que conviver com elas é degradante. No que se refere aos argumentos utilizados pelo tradutor em seu Prefácio em defesa de Rochester, as omissões do tradutor podem sugerir que ele assim se comportou com o intuito de corroborar a sua própria argumentação: se retomarmos o segundo parágrafo do seu Prefácio, veremos que ele defende Rochester com os dizeres “pois Rochester não é libertino empedernido; é só o seu entendimento que não atina com o meio licito de se regenerar, enquanto que sua vontade é bem intencionada” (1926, p. 5), ou seja, diante de tal argumento, como poderia ele manter todo o discurso de Rochester, se nele é nítido que sua “vontade não é bem intencionada”?

Nos capítulos XXXIV e XXXV, nos quais Joanna interage com João, a primeira passagem que apresenta uma redução significativa no número de palavras corresponde à constante do Quadro 24:

Quadro 24 – Omissões do discurso preconceituoso de Jane/Joanna

<b>Jane Eyre (1897) Textualização</b>	<b>Joanna Eyre (1926) Retextualização</b>	<b>Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark</b>
<i>It was near Christmas by the time all was settled: the season of general holiday approached. I now closed Morton school, taking care that the parting should not be barren on my side. Good fortune opens the</i>	<i>Pelo natal tudo estava em ordem. Fiz a minhas discipulas uma festa bellissima de despedidas e algumas me mostraram em seus modos naturaes e sinceros quão fundas raizes lhes lançára no</i>	<i>Quando tudo ficou pronto, estávamos quase no Natal. O período das férias se aproximava. Então fechei a escola de Morton, tomando cuidado para que a minha despedida não passasse em branco. A boa fortuna abre</i>

<p>hand as well as the heart wonderfully; and to give somewhat when we have largely received, is but to afford a vent to the unusual ebullition of the sensations. I had long felt with pleasure that many of my rustic scholars liked me, and when we parted, that consciousness was confirmed: they manifested their affection plainly and strongly. Deep was my gratification to find I had really a place in their unsophisticated hearts: I promised them that never a week should pass in future that I did not visit them, and give them an hour's teaching in their school.</p> <p>Mr Rivers came up as, having seen the classes, now numbering sixty girls, file out before me, and locked the door, I stood with the key in my hand, exchanging a few words of special farewell with some half-dozen of my best scholars: as decent, respectable, modest, and well-informed young women as could be found in the ranks of the British peasantry. And that is saying a great deal; for after all, the British peasantry are the best taught, best mannered, most self-respecting of any in Europe: since those days I have seen paysannes and Bäuerinnen; and the best of them seemed to me ignorant, coarse, and besotted, compared with my Morton girls.</p>	<p>coração a afeição para commigo. Depois de despedidas as classes, que passaram em uma fileira de 60 meninas, o sr João aproximou-se de mim, que estava diante da porta com a chave na mão.</p>	<p>tanto as mãos quanto o coração. E distribuir um pouco do muito que recebemos é como criar um respiradouro para a exaltação dos sentimentos. Há muito descobrira, com alegria, que muitas das minhas alunas gostavam de mim, e quando nos despedimos confirmei isso. Elas manifestaram plena e fortemente sua afeição. Foi enorme o meu prazer ao perceber que conquistara, realmente, um lugar nos seus singelos corações. Prometi que, no futuro, não se passaria uma semana sem que eu fosse visitá-las na escola e lhes desse uma hora de aula.</p> <p>Mr. Rivers surgiu quando — tendo passado em revista as classes, que agora contavam sessenta meninas, perfiladas diante de mim — tranquei a porta e fiquei com a chave na mão, trocando algumas palavras de adeus com uma meia dúzia das minhas melhores alunas: algumas das mais decentes, respeitáveis, modestas e instruídas jovens que podiam ser encontradas nos meios rurais da Inglaterra. E isso é dizer muito, pois os camponeses britânicos são os mais instruídos, bem-educados e respeitados de toda a Europa. Desde aquela época vi muitas "paysannes" e "Bauerinnen", e as melhores entre elas me pareceram ignorantes, grosseiras e embotadas,</p>
---	--	---

		<i>comparadas com as minhas alunas de Morton.</i>
--	--	---

Com relação à passagem acima, fica evidenciado que Jane adota um linguajar preconceituoso tanto ao se referir às suas alunas quanto ao se referir às camponesas de outras nacionalidades, neste caso, francesas e alemãs. No que se refere às suas alunas, vemos Jane fazer uso de dois adjetivos com *conotação negativa* ao mencioná-las, quais sejam, “*rustic*” de “*rustic scholars*” e “*unsophisticated*” de “*unsophisticated hearts*”: curiosamente, até mesmo o texto de Goettems (2010) suprime ou suaviza essas expressões, tornando-as, respectivamente, “*alunas*” e “*singelos corações*”; na retextualização, Joanna as chama simplesmente de “*minhas discípulas*”, sem fazer menção à outra expressão. No que se refere às camponesas de outros países, vemos, mais uma vez, Jane fazer um juízo de valor preconceituoso, desta vez relacionado às francesas (“*paysannes*”) e às alemãs (“*Bäuerinnen*”): Jane menciona que as melhores camponesas que viu dessas duas nacionalidades pareceram a ela “*ignorantes, grosseiras e embotadas*”, quando comparadas com as suas alunas de Morton. Somado a isso, nos seus dizeres “os camponeses britânicos são os mais instruídos, bem-educados e respeitados de toda a Europa”. Nesse contexto de linguajar preconceituoso, interpreto que a omissão de grande parte do discurso de Joanna pode ser lida como (auto-) censura, uma vez que está condizente com a argumentação do Prefácio: conforme exposto na subseção 4.2.1, o tradutor defende a leitura do seu texto, principalmente, ao dar exemplos da integridade de Joanna e do seu “modo heroico de agir”. Dessa forma, como poderia ele inserir na retextualização um excerto em que Joanna não age de acordo com os padrões do ‘politicamente correto’?

A passagem presente no Quadro 28 corresponde ao texto de abertura do capítulo XXXIV; se atentarmos para a coluna do meio, com o excerto da retextualização, veremos que Joanna menciona o seu primo “sr. João”, uma tradução de “Mr. Rivers” – ele é referenciado na narrativa ora pelo seu nome completo, ora pelo seu nome de batismo, como se pode observar no Quadro 25:

Quadro 25 – Retextualização do nome do personagem St. John Rivers

<b>Textualização</b>	<b>Retextualização</b>
Mr. Rivers	Revdo. Rivers/Sr. João
St. John Rivers	João Rivers
St. John	João

No que se refere ao nome desse personagem, chama a atenção o fato de que o tradutor suprimiu parte do nome de batismo de “St. John”, transformando-o em “João” simplesmente: observe-se o comportamento desse personagem ao longo da narrativa, na qual ele não é “santo”, tampouco fora canonizado (apesar de muitas vezes demonstrar que acredita ser “um dos escolhidos”, senão o próprio Redentor: “não é a mim que rejeita, mas a Deus”). Em uma determinada ocasião St. John faz referência a “St. Paul” e o que encontramos na retextualização é a tradução literal do nome, ou seja, “S. Paulo”. Nesse contexto em particular, interpreto que o tradutor apagou essa estratégia ‘irônica’ de Brontë para não encontrar resistência tanto por parte do patrono quanto por parte do corpo editorial da Vozes de Petrópolis. Afinal, como ele poderia chamar de “S. João” um personagem com comportamento muitas vezes condenável? Essa omissão, no entanto, ainda que tenha se enquadrado nos ‘moldes da moralidade’ do patronato, impediu que os leitores brasileiros construíssem João como os leitores da textualização construíram St. John: em português, ele é construído como um personagem menos pedante e, conseqüentemente, mais agradável aos olhos do leitor.

Ainda com relação a João, conforme expus na discussão do nódulo ‘*Christian*’ (ver os excertos ③, ④, ⑤, ⑥ e ⑦), o discurso de Joanna é tipicamente abreviado, ou completamente omitido, nas situações em que ela se refere aos comportamentos inadequados desse personagem, fazendo uso do termo ‘*christão*’: ao omitir ou suprimir muito da fala de Joanna, o tradutor, além de criar a ilusão de que todo cristão é essencialmente bom, como argumentei anteriormente, desconstrói, novamente, a ‘figura’ de João como se apresenta em inglês; afinal, ao excluir os excertos com o termo ‘*christão*’, o tradutor acabou excluindo da retextualização brasileira muito dos defeitos desse personagem. O Quadro 26 abaixo apresenta um outro exemplo de situação em que a fala de Joanna é ‘aparada’ ao mencionar João:

Quadro 26 – Omissões do discurso de Jane/Joanna a respeito de St. John/João

<b>Jane Eyre (1897) Textualização</b>	<b>Joanna Eyre (1926) Retextualização</b>	<b>Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettems, Landmark</b>
<i>I believe I must say, Yes—and yet I shudder. Alas! If I join St. John, I abandon half myself: if I go to India, I go to premature death. And how will the interval between</i>	<i>Acho que devo aceitar, e comtudo, como estremeço! No esforço nervoso por satisfazer a João, hei de satisfazê-lo em tudo, em</i>	<i>Creio que devo dizer "sim"... e mesmo assim hesito. Ai de mim! Se juntar-me a St. John, abandonarei metade de mim mesma. Se for para a</i>

leaving England for India, and India for the grave, be filled? Oh, I know well! That, too, is very clear to my vision. By straining to satisfy St. John till my sinews ache, I shall satisfy him—to the finest central point and farthest outward circle of his expectations. If I do go with him—if I do make the sacrifice he urges, I will make it absolutely: I will throw all on the altar—heart, vitals, the entire victim. He will never love me; but he shall approve me; I will show him energies he has not yet seen, resources he has never suspected. Yes, I can work as hard as he can, and with as little grudging.

“Consent, then, to his demand is possible: but for one item—one dreadful item. It is—that he asks me to be his wife, and has no more of a husband’s heart for me than that frowning giant of a rock, down which the stream is foaming in yonder gorge. He prizes me as a soldier would a good weapon; and that is all. Unmarried to him, this would never grieve me; but can I let him complete his calculations—coolly put into practice his plans—go through the wedding ceremony? Can I receive from him the bridal ring, endure all the forms of love (which I doubt not he would scrupulously observe) and know that the spirit was quite absent? Can I bear the consciousness that every endearment he bestows is a

tudo; mas elle por isso me amará?... Nunca. Até certo ponto posso consentir em seu pedido; mas enquanto a ser sua mulher? Elle me tem tão pouco amor conjugal como este rochedo; aprecia-me como o soldado a uma boa arma. Não sendo casada com ele, esta apathia não me importaria; mas receber delle o anel, symbolo de todas as formas do amor, sem o espirito; acceitar suas caricias, sabendo que cada uma é para elle um sacrificio, uma traição a seus principios, não! nunca! Como sua irman, vou, como esposa, não!

índia, caminho para uma morte prematura. E como preencherêi o intervalo entre a partida da Inglaterra para a índia, e da índia para o túmulo? Ah! Sei muito bem! Isso também eu vejo com muita clareza. Esgotando os meus nervos e músculos, na tentativa de satisfazer St. John... Deverei satisfazê-lo — correspondendo ao máximo às suas expectativas. Se eu for com ele... se fizer o sacrificio que ele me pede... vou fazê-lo inteiramente. Lançarei tudo ao altar — coração, entranhas, a vítima inteira. Ele nunca me amará, mas me aprovará. Vou mostrar-lhe energias como ele jamais viu, recursos de que nunca suspeitou. Sim, posso trabalhar tão duro quanto ele, e com menos rancor.

“É possível, pois, consentir no que me pede, exceto por uma coisa... uma coisa terrível. Ele me pede para ser sua esposa — e não me oferece um coração de esposo mais do que essa pedra enorme e bruta, em cuja direção corre o riacho. Aprecia-me como um soldado aprecia uma boa arma, e isso é tudo. Se não me casasse com ele, isso não me incomodaria. Mas será que posso permitir que ele conclua os seus cálculos, leve adiante friamente os seus planos, até a cerimônia de casamento? Devo receber dele a aliança de compromisso, suportar os votos de amor (que tenho certeza ele observará escrupulosamente) e saber que seu espírito não está ali? Poderei tolerar a consciência

<i>sacrifice made on principle? No: such a martyrdom would be monstrous. I will never undergo it. As his sister, I might accompany him—not as his wife: I will tell him so.”</i>		<i>de que cada gesto de ternura que fizer será uma concessão aos seus princípios? Não. Tal martírio seria uma monstruosidade. Nunca farei isso. Como sua irmã, posso acompanhá-lo. Como esposa, não. E vou dizer-lhe isso.”</i>
--	--	---

No que se refere à retextualização, não vemos presente na fala de Joanna a afirmação de que ela poderia “trabalhar tão duro quanto ele [João] e com *menos rancor*”, assim como não a vemos questionar-se se será capaz de “permitir que ele conclua os seus cálculos, leve adiante friamente os seus planos, até a cerimônia de casamento?”, tampouco está presente a sua constatação de que “tal martírio seria uma monstruosidade”. Com relação a essa passagem, bem como à omissão de muitos dos comportamentos reprováveis de João, interpreto que o tradutor adotou tal estratégia em conformidade com o patronato: ainda que João não seja católico e, por isso, pode-se hipotetizar que ele não seja digno de ter seu nome traduzido literalmente como ‘S. João’ na retextualização, é inegável que na narrativa os leitores o identificam como o personagem que representa a instituição ‘Igreja Cristã’, de tal forma que não seria ‘politicamente correto’ mantê-lo em português tão pecador quanto o é em inglês.

Outro aspecto que chama a atenção nos capítulos que Joanna interage com João diz respeito à homogeneização, manifestada na redução dos traços dialetais, do discurso de Hannah/Joanna. Embora esse aspecto não esteja diretamente ligado à questão do patronato, julguei necessário incluí-lo aqui por ser parte da estratégia de omissão do tradutor. O Quadro 27 abaixo apresenta as omissões:

Quadro 27 – Omissões do dialeto utilizado por Hannah/Joanna

<b>Jane Eyre (1897) Textualização</b>	<b>Joanna Eyre (1926) Retextualização</b>	<b>Jane Eyre (2010), Tradução de Doris Goettens, Landmark</b>
① “Where does she live, Hannah?” “Clear up at Whitcross Brow, almost four miles off, and moor and moss all the way.” “Tell him I will go.” “I’m sure, sir, you had better not. It’s the worst	— Onde mora? — No cume da Cruz Branca, a quatro milhas daqui, todo o caminho pela Charneca. — Diga-lhe que vou já. — Mas, senhor, o caminho é tão mau e a noite tão fria. Seria melhor dizer-	— E onde ela mora, Hannah? — Bem acima de VWhitcross Brow, a quase sete quilômetros. O caminho todo é só pântano e lodo. — Diga-lhe que irei. — Acho melhor não ir,

<p>road to travel after dark that can be: there's no track at all over the bog. And then it is such a bitter night—the keenest wind you ever felt. You had better send word, sir, that you will be there in the morning.”</p>	<p><i>lhe que irá pela manhan.</i></p>	<p><i>senhor. É a pior estrada que existe para viajar à noite, não existe trilha ao longo de todo o pântano. E a noite está terrível, o vento é o mais cortante que já senti. É melhor mandar dizer que irá lá amanhã de manhã.</i></p>
<p>② <i>Is there ony country where they talk i' that way?" asked the old woman, looking up from her knitting.</i>  <i>"Yes, Hannah—a far larger country than England, where they talk in no other way."</i>  <i>"Well, for sure case, I knawn't how they can understand t' one t'other: and if either o' ye went there, ye could tell what they said, I guess?"</i>  <i>"We could probably tell something of what they said, but not all—for we are not as clever as you think us, Hannah. We don't speak German, and we cannot read it without a dictionary to help us."</i>  <i>"And what good does it do you?"</i>  <i>"We mean to teach it some time—or at least the elements, as they say; and then we shall get more money than we do now."</i>  <i>"Varry like: but give ower studying; ye've done enough for to-night."</i></p>	<p>— <i>Há um paiz, onde se fale dessa maneira? - perguntou a velha, levantando os olhos do seu trabalho de meia.</i>  — <i>Sim, Joanna; um paiz muito maior que a Inglaterra, onde não falam de outra maneira.</i>  — <i>Eu cá por mim não comprehendo como elles se entendem uns aos outros. E, si uma de vós fosse lá, seria capaz de os entender?</i>  — <i>Alguma coisa havíamos de entender, não ha duvida, mas não tudo, pois não somos umas sabichonas como a Joanna suppoe. Longe de sabermos falar allemão, nem o lemos sem o dicionario.</i>  — <i>E que lhes aproveita saber-o?</i>  — <i>Pretendemos ensinál-o um dia - ao menos os elementos, como dizem - e assim ganharemos mais dinheiro.</i>  — <i>Póde ser. Mas larguem isso agora, trabalharam bastante esta noite.</i></p>	<p>— <i>E tem alguma terra onde se fala desse jeito? — perguntou a velha, levantando os olhos do tricô.</i>  — <i>Sim, Hannah. Há um país bem maior que a Inglaterra, onde só se fala assim. — Bem, de todo jeito, não sei como eles se entendem uns com os outros. E se uma de vocês for lá, vai poder entender o que eles falam, não é mesmo?</i>  <i>Provavelmente vamos entender alguma coisa, mas não tudo... Não somos tão espertas como você pensa, Hannah. Não falamos allemão, e não conseguimos ler sem ajuda do dicionário.</i>  — <i>E o que isso vai trazer de bom para vocês?</i>  — <i>Pretendemos ensinál-lo, algum dia., ou pelo menos os rudimentos, como se diz. Então teremos mais dinheiro do que temos agora.</i>  — <i>Decerto. Mas chega de estudo, já estudaram muito esta noite.</i></p>

No excerto ①, observamos Hannah dialogar com St. John e fazer uso da expressão “*send word*” e, no excerto ②<sup>150</sup>, que apresenta mais

<sup>150</sup> O excerto ② está presente no capítulo XXVIII, que não faz parte dos capítulos de recorte. No entanto, como não existiam, além do excerto ①, outros exemplos de fala de Hannah nos capítulos que investigo, optei por trazer um exemplo de um outro capítulo para ilustrar o discurso da referida personagem.

explicitamente o dialeto de Hannah – típico de pessoas que não tiveram acesso a uma educação formal –, a observamos dialogar com Jane: como se pode verificar no Quadro 30 tanto a retextualização analisada quanto a tradução de Goettems (2010) não deixam marcas textuais desse dialeto de Hannah; o seu linguajar é tão fluente e natural quando o dos personagens com quem dialoga. De acordo com Milton (2002, p. 55-57), duas razões, principalmente, influenciam nesse comportamento típico em textos traduzidos: em primeiro lugar, de acordo com o autor, há a razão “essencialista”, “platônica”, na qual o dialeto é considerado menos importante, de tal modo que o que importa é o conteúdo da mensagem e não como ela é dita; em segundo lugar, há a razão – relacionada com a primeira, de que a gíria é considerada como algo “errado”, “e o seu uso não deveria ser permitido para que não se manchasse as páginas de um romance clássico” (p. 56). Nesse cenário, interpreto que, assim como Milton o faz (2002, p. 57), que o tradutor de *Joanna Eyre* (1926) e a tradutora Doris Goettems (2010) optaram por homogeneizar o discurso de Hannah em conformidade com esse ‘comportamento tipicamente evidenciado em traduções’ e porque no Brasil “os estudos acerca dos dialetos e das formas de baixo padrão” se desenvolveram tardiamente, resultando na “relutância em se usar essas formas” em narrativas traduzidas.

Findada a análise dos excertos que compõem os capítulos selecionados, apresento, na subseção seguinte, um resumo do que discuti em toda a seção 4.3.

#### *4.3.3 Resumo dos resultados obtidos na investigação das omissões do tradutor*

Com base na investigação que elaborei dos ‘nomes dos seres fantásticos e sobrenaturais’, dos ‘termos problemáticos’ e dos excertos omitidos dos capítulos investigados de *Joanna Eyre* (1926), ficou evidenciado que, tipicamente, o tradutor se (auto-) censurou, excluindo muitas vezes passagens inteiras da retextualização, em situações que existia o relato de comportamento ‘amoral’/reprovável, mantendo o seu texto dentro dos padrões do ‘politicamente correto’ para atender, eu suponho, as determinações do patronato. As Tabelas abaixo apresentam, resumidamente, os dados quantitativos (Tabela 5) e qualitativos (Tabela 6) que essa análise me permitiu identificar.

Tabela 5 – Análise quantitativa dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’

Resumos das omissões dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e dos ‘termos problemáticos’				
Nódulos	Ocorrências em todo o corpus	Ocorrências nos capítulos investigados	Omissões em todo o corpus	Omissões nos capítulos investigados
‘fairy’	17	06	05	03
‘elf’	07	04	01	01
‘goblin’	04	01	01	01
‘demon’	06	03	02	02
‘Christian’	18	07	08	04
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>21</b>	<b>17</b>	<b>11</b>

A Tabela 5 evidencia que o maior número de ocorrências de omissões está, justamente, nos capítulos que compõem o recorte deste estudo: nesse sentido, se considerarmos que esses capítulos foram selecionados, dentre outros fatores, porque apresentam uma redução no número de palavras quando comparados aos mesmos capítulos da textualização (ver Tabela 1), pode-se deduzir que essa redução no número de palavras, no caso de *Joanna Eyre* (1926), de fato, corroborou a ideia inicial de que esses capítulos possuiriam ocorrências de omissões. No que se refere ao comportamento do tradutor em relação às omissões nos capítulos investigados e no restante do corpus, a análise evidenciou a adoção da mesma estratégia, qual seja, esses termos foram omitidos no texto traduzido quando compartilhavam o espaço textual com comportamentos tidos como inapropriados para o público ao qual se destinava a retextualização e que, possivelmente, desagradariam o patronato “que não aconselhou a todos” a leitura de *Jane Eyre* (1897).

Tabela 6 – Análise qualitativa dos excertos constantes dos capítulos investigados

Resumo da análise das omissões dos excertos constantes dos capítulos investigados	
Tipos de omissão encontradas	Interpretação da (auto-) censura
<i>Afirmações radicais sobre escravos</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado porque a escravidão foi abolida em 1888 no Brasil e, era, portanto, à época da publicação da retextualização, proibida: nesse sentido, pode-se hipotetizar que a omissão ocorreu para não desagradar/causar estranhamento nos leitores da obra.
<i>Discurso preconceituoso de Rochester</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado em função do patronato e da sua classificação do que era considerado ‘lixo literário’ – livros com moral relaxada; - o tradutor pode assim ter se comportado em função

	dos argumentos por ele elaborados no ‘Prefácio’, nos quais defende o personagem Rochester.
<i>Discurso preconceituoso de Jane</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado em função, também, do seu discurso no ‘Prefácio’, no qual incentiva a leitura do seu texto, principalmente, ao dar exemplos da integridade de Joanna. Nesse sentido, como poderia ele contradizer o seu próprio discurso?
<i>Nome de St. John Rivers</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado em função do patronato e/ou do corpo editorial, tendo em vista que João, clérigo com comportamento muitas vezes reprovável, não poderia ser denominado ‘santo’.
<i>Discurso de Jane sobre St. John</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado em função do patronato, uma vez que a associação entre o ‘nódulo’ <i>christão</i> e os comportamentos reprováveis de St. John parece impensável para o contexto de censura da retextualização.
<i>Dialeto de Hannah/Joanna</i>	- o tradutor pode assim ter se comportado em conformidade com a estratégia tipicamente evidenciada em traduções, nas quais a gíria/a linguagem não padrão é considerada como ‘algo errado’.

A Tabela 6 evidencia que, nesta pesquisa, interpreta-se que a (auto-) censura do tradutor, ao omitir determinados excertos da retextualização, foi, muito provavelmente, motivada pelo patronato exercido pelo frei Pedro Sinzig, ao censurar a obra de Brontë.

Com a análise dos dados findada, elaboro, no Capítulo seguinte, a conclusão a que esta análise me permitiu chegar.

## 5 CONCLUSÃO

Outra questão sobre a interpretação de formas linguísticas diz respeito à posição do analista em relação ao texto. [...] [Nesse cenário], o que se necessita é o reconhecimento explícito de que essas leituras diagnósticas podem ser ideologicamente motivadas e que o analista apresenta uma posição política informando a sua interpretação particular.<sup>151</sup>

(SIMPSON, 1993, p. 115)

Este capítulo se subdivide em três eixos, a saber: 5.1 Revisitando as Perguntas de Pesquisa; 5.2 Limitações deste trabalho e sugestões de pesquisa futura; e 5.3 Considerações finais, que passam a ser discutidos.

### 5.1 Revisitando as Perguntas de Pesquisa

Conforme exponho na Introdução, dos objetivos deste estudo emergem três Perguntas de Pesquisa, que passo a considerar a seguir:

**PP1:** Qual perfil ideacional emerge da personagem Jane/Joanna Eyre, em termos dos Participantes e Processos de Transitividade, nos textos analisados?

A subseção 4.1 evidencia que o perfil ideacional que emerge em relação aos Processos de Transitividade é diferente em ambos os textos: na textualização, o protagonista realiza mais Processos Mentais (33,33%), Relacionais (28,70%), Materiais (26,54%), Verbais (8,95%) e Comportamentais (2,46%); na retextualização, a ordem se modifica para Processos Mentais (37,92%), Materiais (27,55%), Relacionais (23,40%), Verbais (8,68%) e Comportamentais (3,01%).

No que diz respeito à representação Mental e Material que Rochester e St. John/João elaboram da protagonista, a análise evidencia

---

<sup>151</sup> Another point about the interpretation of linguistic forms concerns the position of the analyst relative to the text. [...] What is needed is explicit recognition that these diagnostic readings may themselves be ideologically motivated and that the analyst has a political stance which informs their particular interpretation (SIMPSON, 1993, p. 115).

que ambos a constroem, principalmente, em orações imperativas, nas quais a personagem realiza os Processos Mental e Material a partir de um estímulo desses personagens, ou seja, eles reafirmam, através de suas falas, a imagem de feminilidade submissa, em conformidade com os Contextos de Cultura em que as obras foram produzidas. A representação Relacional por eles elaborada segue padrão similar; ambos os personagens tipicamente associam a protagonista a Atributos: Rochester a relaciona com características que indicam beleza, fragilidade e amabilidade, a construção típica do feminino nos contextos de produção dos textos; St. John/João a relaciona com características que refletem a sua vocação para o trabalho de missionária, para convencê-la a aceitar a sua proposta de casamento/sua tentativa de dominação.

A protagonista, no entanto, representa-se de forma que se opõe a essa construção patriarcal elaborada nas falas de Rochester e St. John/João. No que diz respeito à representação Mental que ela faz de si mesma, a análise evidencia que a personagem possui autonomia sobre aquilo que pensa, sente e deseja, não se representando como um ser submisso a outro. No que diz respeito à representação Material, Jane/Joanna realiza Processos Materiais de 'intenção', nos quais apresenta agenciamento sobre o desdobramento do Processo e, em muitas ocasiões, comportamento transgressor, ao agir de forma contrária a esperada pelos personagens masculinos investigados. No que diz respeito à representação Relacional, a análise evidencia dois comportamentos típicos da protagonista: a personagem refuta o Atributo a ela relacionado pelos personagens masculinos, comportamento esse que pode ser lido como transgressor; ou se constrói como um ser em relação a esses personagens, comportamento esse que pode ser lido como condescendente com a construção típica da figura feminina no período de criação das obras.

Se com relação aos Processos o perfil ideacional que emerge não é o mesmo, no que se refere aos Participantes a construção é similar e corresponde a: Experienciador (24% e 27%, na textualização e retextualização, respectivamente), Ator (20% em ambas), Portador (18% e 13%), Fenômeno (13% e 12%), Dizente (6% em ambas), Identificado, Meta, Recebedor e Verbiagem (3% e 4%), Identificador, Receptor e Comportante (2% em ambas), Alvo e Atributo (1% em ambas), e Cliente (0% em ambas). Nesse cenário, é curioso observar que tanto na textualização quanto na retextualização o perfil de Participantes evidencia uma personagem que se representa e é representada realizando cognições/sentindo/desejando (Participante Experienciador) e agindo (Participante Ator), os Participantes tipicamente envolvidos nos

Processos mais realizados em *Joanna Eyre* (1926), quais sejam, Mental e Material, respectivamente.

**PP2:** Como a presença discursiva do tradutor se manifesta na retextualização?

A seção 4.2 evidencia que a presença discursiva do tradutor se manifesta em seu paratexto ‘Prefácio’, nos Itens de Especificidade Cultural (IECs) e, conforme exponho na subseção seguinte, na construção diferenciada de um perfil ideacional da protagonista. No que se refere ao seu ‘Prefácio’, a análise evidencia que a voz do tradutor emerge nos dez parágrafos, possivelmente, devido ao seu ‘posicionamento político’ – o caso (iv), criado especificamente para utilização nesta pesquisa: aqui, vê-se o tradutor, no primeiro parágrafo, expor a censura e o patronato, e, nos nove parágrafos seguintes, defender a leitura da retextualização, ao enfatizar, principalmente, o ‘modo heroico’ de agir de Joanna. Além desse tipo de caso, emergem outros dois casos que requerem a intervenção do tradutor, criados por Hermans (1996), e que dizem respeito às situações em que ocorrem autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação (caso (ii)) e às situações em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco (tipo (i)). No parágrafo 5, os leitores se dão conta dessa outra voz emergindo em decorrência da “autocontradição” de se ler no ‘Prefácio’ que a retextualização tem um “humor tão inglês”; o mesmo ocorre no parágrafo 9, no qual o tradutor menciona que “*Joanna Eyre* era em seus tempos a *shocking innovation*”, ambas “intervenções” correspondem ao tipo (ii) de caso que leva o tradutor a “surgir das sombras”; no parágrafo 8, o tradutor explica que “a igreja protestante não tem sacrifício nem confissão auricular obrigatória”, equivalente ao tipo (i) de caso que implica na intervenção direta do tradutor.

No que se refere aos IECs, a análise evidencia que a voz do tradutor emerge na tradução ou manutenção (tal como se encontram na textualização) dos nomes de personagens e nomes próprios de localidades. Os nomes próprios, no geral, são híbridos na retextualização, isto é, o tradutor adota a estratégia de traduzir o primeiro nome e manter o sobrenome inalterado como ocorre, por exemplo, com Joanna Eyre: nesse sentido, por saberem que a narrativa se passa na Inglaterra, num determinado período de tempo, os leitores se dão conta dessa ‘outra voz’ ao se depararem com a anomalia trazida por esses nomes, parte portugueses/brasileiros, parte ingleses. Esse exemplo,

assim como a estratégia adotada em relação aos nomes das personagens Adelia, Grace Poole, Bertha Masson e Joanna/Hannah, corresponde ao tipo (ii) de caso de presença discursiva do tradutor. Os nomes próprios de localidades existem na modalidade ‘localidades fictícias’ e ‘localidades reais’: as ‘localidades fictícias’ são mantidas inalteradas (como Thornfield Hall, por exemplo), a exceção se faz em relação à Casa do Pântano (*Marsh End*) e Casa da Charneca (*Marsh Hall*), cuja tradução provoca uma “incongruência repentina” que os leitores só podem superar ao se lembrarem da ‘outra voz’, neste caso, do tipo (ii); as ‘localidades reais’ são traduzidas na retextualização (como Londres, por exemplo) e, neste caso, a voz do tradutor se manifesta motivada pelo tipo de caso (i).

Nesse cenário, existem três casos, em *Joanna Eyre* (1926), em que a voz do tradutor se manifesta no texto traduzido; um dos casos sugeridos por Hermans (1996) não é observado:

i) casos em que o texto é orientado a um Leitor Implícito e, por isso, sua habilidade de funcionar como um meio de comunicação está em risco (HERMANS, 1996, p. 28) → 02 ocorrências;

ii) casos de autorreflexividade e autorreferencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação (HERMANS, 1996, p. 28) → 08 ocorrências;

iii) casos em que ocorre ‘sobredeterminação contextual’ - ‘contextual overdetermination’ (HERMANS, 1996, p. 28) → 0 ocorrências;

iv) casos em que o tradutor se vê impelido, devido ao Contexto de Cultura, a inserir mais informações no paratexto ‘Prefácio’, motivado exclusivamente por uma agenda política (*criado exclusivamente para o contexto desta pesquisa*) → 10 ocorrências.

Com base no quantitativo de ocorrências, fica evidenciado nas análises que, tipicamente, o tradutor de *Joanna Eyre* (1926) se manifesta no texto traduzido motivado, possivelmente, pelo seu ‘posicionamento político’ e, nenhuma vez, em decorrência de casos de ‘sobredeterminação contextual’.

### **PP3: Qual o padrão das omissões na retextualização?**

A seção 4.3 evidencia que as omissões do tradutor em relação aos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e dos ‘termos problemáticos’ ocorrem, sobretudo, nos capítulos de recorte deste estudo: das 18 ocorrências de omissão encontradas em todo o corpus, 12 estão nos capítulos investigados. No entanto, conforme a análise evidencia, esses nomes e termos, muito provavelmente, não foram os

motivadores da (auto-) censura do tradutor, se considerarmos que eles só foram suprimidos da retextualização (em todo o corpus) quando compartilhavam o espaço textual com comportamentos tidos como inapropriados para o público ao qual se destinava a retextualização e que, pode-se hipotetizar, desagradariam o patronato e a editora Vozes de Petrópolis.

No que se refere às omissões observadas nos capítulos de recorte, a análise evidencia que o tradutor se (auto-) censura ao omitir (i) a passagem que contém afirmações radicais sobre escravos proferidas por Jane e Rochester; (ii) o discurso preconceituoso de Rochester ao se referir a sua esposa; (iii) o discurso preconceituoso de Jane sobre suas alunas; (iv) parte do nome de St. John, que na retextualização se torna João, apenas; (v) o discurso de Jane a respeito de St. John, quando se refere a ele como “christão” e discorre sobre seus comportamentos nada cristãos; e (vi) o dialeto da personagem secundária Joanna, que se torna linguagem padrão na retextualização. Com relação a essas omissões especificamente, interpreta-se que o tradutor pratica a (auto-) censura em decorrência do patronato (como hipotetiza-se ter ocorrido em (i), (ii), (iv) e (v)), ou para corroborar a argumentação favorável que faz de Joanna e Rochester em seu ‘Prefácio’ (como hipotetiza-se ter ocorrido em (ii) e (iii)), ou porque este é o comportamento típico evidenciado em traduções, no geral (como hipotetiza-se ter ocorrido em (vi)).

Na subseção seguinte, teço algumas considerações a respeito do diálogo entre os resultados que as Perguntas de Pesquisa me permitiram chegar e as especificidades do Contexto de Cultura.

### *5.1.1 Considerações a respeito do diálogo entre os resultados obtidos e as especificidades do Contexto de Cultura*

A análise do corpus me permitiu observar que a voz do tradutor emerge na retextualização como uma presença discursiva diferente daquela da narradora ao adotar, sobretudo, um comportamento transgressor; mas, ao mesmo tempo, essa mesma voz que transgredir e se faz perceber na narrativa traduzida teve de ser silenciada devido às particularidades do Contexto de Cultura em que *Joanna Eyre* (1926) foi produzido.

Com base na argumentação elaborada na seção 4.2, ficou evidenciado que a presença discursiva do tradutor se manifesta, majoritariamente, em seu paratexto ‘Prefácio’, em decorrência de uma pressuposta agenda política por ele defendida: a de denunciar a censura e incentivar a leitura da obra por ele traduzida. Conforme consta da

análise, em seu primeiro parágrafo, de dez que dispunha, o tradutor expõe a censura de que a textualização foi alvo, objetivando, eu suponho, coibir essa prática, e utiliza um linguajar que pode ser lido como irônico ao se referir ao patrono frei Pedro Sinzig, representante da Igreja Católica e responsável pela censura, com uma quantidade excessiva de adjetivos elogiosos. Nos nove parágrafos seguintes, defende a leitura de *Joanna Eyre* (1926), sobretudo, ao enfatizar o ‘modo heroico’ de agir de sua protagonista.

Com base na argumentação elaborada na seção 4.1, ficou evidenciado que o perfil ideacional que emerge da personagem investigada, na textualização e na retextualização, não é o mesmo: em *Jane Eyre* (1897), a protagonista é representada e se representa realizando, nessa ordem, Processos Mentais, Relacionais, Materiais, Verbais e Comportamentais, em cenários específicos discutidos; em *Joanna Eyre* (1926), a protagonista é representada e se representa realizando, nessa ordem, Processos Mentais, Materiais, Relacionais, Verbais e Comportamentais, igualmente em cenários específicos já discutidos. Essa predominância de Processos Materiais sobre os Relacionais na retextualização pode sugerir um comportamento transgressor do tradutor, por três motivos:

(i) esses são os Processos mais frequentes na fala de Jane/Joanna Eyre quando dialoga com os personagens masculinos (e quando transgredir padrões do comportamento de submissão tipicamente esperado de uma mulher no contexto em que as obras foram produzidas);

(ii) ao estar neles envolvida, a protagonista assume a posição de Ator, participando ativamente do desdobramento do Processo Material de ‘intenção’, ou seja, nada parece ‘simplesmente acontecer’ com a personagem, ela está totalmente no controle do que faz; e

(iii) no Contexto de Cultura brasileiro, *Jane Eyre* (1897) foi classificado pelo frei Pedro Sinzig como um livro que não podia “ser aconselhado a todos”, os chamados “maças de faces vermelhas”, que não fariam mal ao “leitor adulto/chefe de família”, que o “lesse por um justo motivo”, ou seja, o patrono defendia a ideia de supremacia masculina.

Nesse sentido, ao priorizar os Processos Materiais sobre os Relacionais, interpreto que, mais uma vez, a presença discursiva do tradutor se faça sentir pelos leitores, pois, se considerarmos que eles estavam cientes da censura conferida pelo patrono e da (auto-) censura praticada pelo tradutor e que, por isso, possivelmente esperavam encontrar em Joanna uma protagonista menos transgressora, pode-se hipotetizar – em cenário otimista – que ao lerem as falas dessa

personagem dialogando com Rochester e João, deram-se conta de que essas falas não podiam pertencer à escritora Charlotte Brontë exclusivamente: há, no texto traduzido, “uma outra voz atuando, duplicando e imitando aquela da autora, mas com um timbre próprio” (cf. HERMANS, 1996).

Ainda que a voz do tradutor se faça perceber em *Joanna Eyre* (1926) – em seu paratexto ‘Prefácio’, na tradução dos Itens de Especificidade Cultural (IECs), e no emergir de um perfil ideacional diferente da textualização –, com base na argumentação elaborada na seção 4.3, ficou evidenciado que, devido às particularidades do CC, muito da sua voz teve de ser silenciada e não apenas “tres ou quatro frases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados”, conforme o próprio tradutor afirma em seu ‘Prefácio’, ao admitir que se (auto-) censurou: ele omite do seu texto, por exemplo, os ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ e ‘termos problemáticos’, quando estes dividem o espaço textual com comportamentos reprováveis; os excertos em que a personagem adota algum comportamento que vá contra as ‘normas do politicamente correto’; o discurso preconceituoso de Rochester ao se referir a sua esposa; e passagens nas quais o ‘ser cristão’ aparece associado a comportamentos não condizentes com a conduta cristã. Nesse cenário, interpreto que, as omissões e a (auto-) censura – “interdições que penetram no campo simbólico de cada sujeito” – do tradutor foram motivadas, sobretudo, pelo patronato – “os poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescritura da literatura”.

## **5.2 Limitações deste trabalho e sugestões de pesquisa futura**

A partir das limitações deste trabalho, isto é, dos aspectos que não foram aqui abordados em decorrência do escopo deste estudo, emergem as sugestões de pesquisa futura, que são elencadas abaixo:

a) análise do perfil ideacional da protagonista em todos os capítulos de *Jane Eyre* (1897) e *Joanna Eyre* (1926), por meio dos ‘nódulos’ utilizados nesta pesquisa, para verificar se um novo perfil ideacional emerge;

b) análise do perfil ideacional da protagonista nos capítulos finais das obras, quais sejam, XXXVII e XXXVIII (nos quais Jane/Joanna interage com Rochester, mas a relação de poder entre ambos se modifica, pois ele se torna dependente dela) com a finalidade de compará-lo com o perfil ideacional que emerge nos capítulo XXIV e

XXVII, analisados nesta pesquisa (nos quais Rochester constrói a protagonista como um ser subordinado a ele);

c) análise comparativa do perfil ideacional que emerge da voz narrativa da protagonista com a sua voz quando dialoga com outros personagens, pois, quando a personagem narra a sua própria história, ela se vê em perspectiva, com uma visão mais madura, sem estar sofrendo a opressão do poder patriarcal;

d) análise das omissões do tradutor em todo o corpus, objetivando verificar se os excertos omitidos seguem o padrão aqui evidenciado de supressão de comportamentos tidos como inapropriados;

e) análise do ‘Prefácio’ do tradutor, no sentido de verificar se, de fato, o que ele argumenta nesse paratexto ocorre na textualização ou se ele teve de efetuar alterações no texto traduzido a fim de corroborar a sua argumentação; e

f) análise da prosódia semântica – “a associação recorrente entre itens lexicais e um campo semântico, indicando uma certa conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” (SARDINHA, 2004) – dos ‘nomes de seres fantásticos e sobrenaturais’ presentes no corpus.

Com as sugestões dadas, na seção seguinte, elaboro as considerações finais deste estudo.

### 5.3 Considerações Finais

Talvez seja necessário observar, caso isso não tenha ficado bastante evidenciado no meu texto, que eu estava, desde as primeiras linhas deste trabalho, do lado do tradutor. Isso implica em dizer que, muito possivelmente, a análise, os argumentos e a interpretação aqui apresentados tenham sido informados pela minha posição política particular, em uma linha semelhante àquela sugerida por Simpson (1993) na epígrafe deste Capítulo:

Outra questão sobre a interpretação de formas linguísticas diz respeito à posição do analista em relação ao texto. [...] [Nesse cenário], o que se necessita é o reconhecimento explícito de que essas leituras diagnósticas podem ser ideologicamente motivadas e que o analista apresenta uma posição política informando a sua interpretação particular (1993, p. 115).

Seguindo essa posição política, interpreto que o tradutor ‘sem nome’ de *Joanna Eyre* (1926) tenha corroborado a argumentação de

Theo Hermans (1996), uma vez que faz a sua voz “surgir das sombras” como uma presença discursiva diferente daquela da escritora Charlotte Brontë, fazendo-se notar pelo leitor brasileiro ainda que o seu nome não conste da folha de rosto do seu trabalho. No entanto, interpreto que essa ‘outra voz’, muitas vezes negligenciada pelos leitores de traduções, subverta ainda mais aqui: as informações inseridas pela voz do tradutor não têm como propósito principal assegurar a “compreensão da mensagem” pela audiência de *Joanna Eyre* (1926); sua intenção é guiada, pode-se hipotetizar, por um viés exclusivamente político. Nesse cenário, o tradutor expõe a censura sofrida pelo livro e o patronato, visando, ao fazê-lo, combater esta prática; e (conscientemente ou inconscientemente) altera o perfil ideacional da protagonista tão defendida por ele, construindo a sua Joanna ainda mais transgressora.

A presença discursiva do tradutor defendendo o romance num paratexto voltado para a manifestação das suas técnicas tradutórias o coloca em posição de destaque nesta relação de poder com a instituição Igreja Católica, cujo objetivo era coibir a leitura de determinados livros, tidos como inapropriados. Além disso, denunciar que ele próprio ao traduzir a obra se preocupou com a censura, significa mostrar à voz do patronato que o seu objetivo não foi completamente atingido: a presença discursiva do tradutor não pôde ser totalmente silenciada.

Quando a ideia de analisar o corpus desta pesquisa se tornou uma certeza, busquei em sebos online pela retextualização *Joanna Eyre* (1926) e encontrei quatro exemplares, sendo que um foi adquirido por mim. Procurei, sem êxito, por algum exemplar de *Através dos Romances: guia para as consciências*. Para ter acesso à obra de Sinzig, tive que me deslocar até a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba, e tirar fotos, página a página, dos trechos que me interessavam, dada as condições do livro: de presente, desenvolvi uma sinusite, a primeira da minha vida, que só foi curada 07 antibióticos e uma cirurgia depois. Esse fato, que pode parecer absurdo de constar das considerações finais de um trabalho acadêmico, só é aqui resgatado para que eu possa recorrer à máxima, igualmente absurda, de Sinzig “livros envenenados, desgraças infindas”, utilizada em referência ao “lixo literário”, a todos proibidos, para alertar: diante de um exemplar de *Através dos Romances: guia para as consciências* (1915), esse “fructo podre”, “fujam!”. Quanto à *Joanna Eyre* (1926), o fato de a retextualização existir disponível para compra, passados mais de 80 anos da sua publicação, fala por si só. O tradutor venceu.

## 6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABANES, Richard. **Harry Potter and the Bible: the Menace behind the Magick**. Pennsylvania: Horizon Books, 2001.

AIXELÁ, Javier Franco. Culture-specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, C. **Translation, Power, Subversion**. Bristol: Multilingual Matters, 1996.

ASSIS, Roberto Carlos de. A Interface Tradução e Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil. **Traduzires**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 61 – 71, maio de 2012.

ASSIS, Roberto Carlos de. **A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O coração das trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research. **Target**. Amsterdam, vol. 7, n. 2, p. 223 – 243, 1995.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London e New York: Routledge, 2009.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004, p. 235-237.

BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. A mulher como tema nas disciplinas da USP. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 76, p. 50-56, fevereiro de 1991.

BOTTMANN, Denise. **Charlotte Brontë traduzida no Brasil**. Disponível em: <[www.naogostodeplagio.blogspot.com](http://www.naogostodeplagio.blogspot.com)>. Acesso em: setembro de 2012.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Adaptação de Miécio Táci. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971. 202 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. Jane Eyre. **Edição Maravilhosa**. Rio de Janeiro, n.º 69, junho de 1953. 50 p.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Heloisa Seixas. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. 527 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Heloísa Seixas. São Paulo: BestBolso, 2011. Título original: Jane Eyre. 527 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Lenita Esteves e Almiro Piseta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 622 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 550 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Sodrê Viana. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Década de 1970. 433 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Waldemar Rodrigues de Oliveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre: A mulher sublime**. Tradução de Virginia Silva Lefèvre. São Paulo: Edições e Publicações Brasil S.A., 1945. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre: An Autobiography - Edição Bilíngue**. Tradução de Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2010. 528 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre: An Autobiography**. London: Service & Paton, 1897. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/1260/1260-h/1260-h.htm>>. Acesso em: junho de 2011.

BRONTË, Charlotte. **Joanna Eyre**. 2. ed. Tradutor não informado. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1926. 588 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

BRONTË, Charlotte. **Joanna Eyre**. 3.<sup>a</sup> ed. Tradutor não informado. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1926. 384 p. Título original: Jane Eyre: An Autobiography.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

CORACINI, Maria José. A constituição identitária do tradutor: a questão da (auto-) censura. **Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores**. São Paulo, n. 17, p. 7 – 20, setembro de 2008.

COSTA, Walter. The translated text as (re)textualization. **Ilha do Desterro**. Florianópolis, Editora da UFSC, n. 28, p. 133-153, 1992.

COULTHARD, Malcolm. Evaluative Text Analysis. In: STEELE; TREADGOLD (Ed.) **Language Topics: Essays in Honour of Michael Halliday**. Amsterdam: Benjamins, 1987.

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>.

DUBAY, William H. **The principles of readability**. Disponível em: <<http://www.nald.ca/library/research/readab/readab.pdf>>. Acesso em: março de 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Título original: Discourse and social change.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Essex: Pearson Education, 1989.

FEITOSA, Marcos. **Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na Linguística Sistemico-Funcional**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FERNANDES, Alinne B. P. **Black into White e Preto no Branco: diga-me com quem andas que te direi a tua cor.** 2009. Dissertação (Mestrado em Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERNANDES, Lincoln; SILVA, Carlos Eduardo. **COPA-TRAD (Corpus Paralelo de Tradução).** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://copa-trad.ufsc.br>>. Acesso em: junho de 2013.

FERNANDES, Lincoln Paulo. **Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study.** 2004. 197 p. Tese (Doutorado em Letras – Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

GENETTE, Gerard. **Palimpsests: Literature in the Second Degree (Stages).** Tradução de Channa Newman & Claude Doubinsky. Nebraska: University of Nebraska Press, 1997. Título original: Palimpsestes: La littérature au second degré.

GILBET, S. M., GUBAR, S. **The Madwoman in the Attic.** New Haven and London: Yale University Press, 1979.

HALL, Stuart (Ed.) **Representation: Cultural Representation and Signifying Practices.** London: Sage, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Hong Kong: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation: An Advanced Resource Text**. London e New York: Routledge, 2004.

HEBERLE, Viviane M. Critical Reading: Integrating Principles of Critical Discourse Analysis and Gender Studies. **Ilha do Desterro**. Florianópolis, Editora da UFSC, n. 88, p. 115 – 138, 2000.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; e GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. 7ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

HERMANS, Theo. The Translator's Voice in Translated Narrative. **Target**. Amsterdam, vol. 8, n. 1, p. 23-48, 1996.

HO, Don. **Notepad++**. Disponível em: <<http://notepad-plus-plus.org/>>. Acesso em: junho de 2012.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988.

LAMONACA, Maria. Jane's Crown of Thorns: Feminism and Christianity in Jane Eyre. **Studies in the Novel**. Texas, vol. 34, n. 3, p. 245 – 263, 2002.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London e New York: Routledge, 1992.

MARTIN, James R.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; PAINTER, Clare. **Working with Functional Grammar**. Great Britain: Edward Arnold, 1997.

MARTINO, Agnaldo; SAPATERRA, Ana Paula. A censura no Brasil do século XVI ao século XIX. **Estudos Linguísticos XXXV**. Campinas, p. 234 – 243, 2006.

MATTHEWS, John; MATTHEWS, Caitlin. **The Element Encyclopedia of Magical Creatures: the ultimate A-Z of fantastic beings from myth and magic**. London: HarperCollinsPublishers, 2005.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M; TERUYA, Kazuhiro; LAM, Marvin. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. London e New York: Continuum, 2010.

**Merriam-Webster Dictionary**. Disponível em: < <http://www.merriam-webster.com/>>.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a Tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. **Gabriela, cravo e canela e sua (re)textualização em inglês: a representação através de relações lexicais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras – Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NASCIMENTO, Rivael. **A contribuição da Igreja Católica Apostólica Romana, por meio de documentos da CNBB, para a configuração do ensino religioso**. 100 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.

OLOHAN, Maeve. **Introducing Corpora in Translation Studies**. New York: Routledge, 2004.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia B. Explorando Interfaces: Estudos da Tradução, Linguística Sistemico-Funcional e Linguística de Corpus. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C., ALVES, F. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 177 – 207.

PAIVA, Aparecida. **A voz do Veto – A censura católica à leitura de romances**. Belo Horizonte: Atêntica, 1997.

PALETSCHEK, Sylvia; PIETROW-ENNKER, Bianka. **Women's emancipation movements in the nineteenth century: a European perspective**. California: Stanford University Press, 2004.

PHOENIX, Lyza. **The Phoenixian Book of Creatures**. Disponível em: <<http://www.lizaphoenix.com/encyclopedia/>>. Acesso em: abril de 2013.

QUINTALE NETO, Flavio. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. **Pandaemonium Germanicum**. São Paulo, n. 9, 185-205, abril de 2009.

RIGBY, Elizabeth. A review of Vanity Fair and Jane Eyre. **The London Quarterly Review**. London, n. CLXVII, p. 82 – 99, dezembro de 1848. Disponível em: <<http://www.d.umn.edu/~csigler/Rigby.html>>. Acesso em: julho 2011.

SILVA, Luciany M. da. **Character, Language and Translation: a Linguistic Study of Character Construction in a Cinematic Version of Williams' A Streetcar Named Desire**. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras – Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SIMPSON, Paul. **Language, Ideology and Point of View**. London: Routledge, 1993.

SINZIG, Pedro. **Através dos Romances: guia para as consciências**. Petrópolis: Editora Vozes, 1915.

TALLEYRAND-PÉRIGORD, Maurice. **Rapport sur l'Instruction Publique**. Paris, 1791. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/26336/26336-h/26336-h.htm>>. Acesso em: julho 2011.

TEACHMAN, Debra. **Understanding Jane Eyre: A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents**. Connecticut: Greenwood Press, 2001.

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 2004.

**Universo**                      **Vozes.**                      Disponível                      em:  
<<http://www.universovozes.com.br/2013>>. Acesso em: fevereiro de 2013.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia B. **Retextualizing Dubliners: A Systemic Functional Approach to Translation Quality Assessment.** 1997. Tese (Doutorado em Letras - Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia B. Systemic Functional Translation Studies (SFTS): the theory travelling in Brazilian environments. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.** São Paulo, v. 25, p. 585 – 607, 2009.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia B. In: ITINERÁRIOS – homenagem a Solange Ribeiro de Oliveira. **The fuzzy place of linguistics in Translation Studies.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 353-374.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects.** Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/3420/pg3420.html>>. Acesso em: julho de 2011.

## 7 APÊNDICES

## APÊNDICE A – ANÁLISE DA TRANSITIVIDADE DA TEXTUALIZAÇÃO

Mrs Fairfax surprised me by looking out of the window with a sad countenance, and saying gravely —“Miss Eyre, will you <0010111> come <0010310> to breakfast?” During the meal she was quiet and cool: but I could not undeceive her then. I must wait for my master to give explanations; and so must she. I ate what I could, and then I hastened upstairs. I met Adèle leaving the schoolroom.

“Jane, you <0010131> look <0010330> blooming, and smiling, and pretty,” said he: “truly pretty this morning. Is this my pale, little elf? Is this my mustard-seed? This little sunny-faced girl with the dimpled cheek and rosy lips; the satin-smooth hazel hair, and the radiant hazel eyes?” (I had green eyes, reader; but you must excuse the mistake: for him they were new-dyed, I suppose.)

“It is <0010330> Jane Eyre <0010134>, sir.”

“Soon to be <0010330> Jane Rochester <0010134>,” he added: “in four weeks, Janet; not a day more. Do you hear that?”

“You <0010111> blushed <0010310>, and now you <0010131> are <0010330> white, Jane: what is that for?”

“Because you gave me <0010113> a new name—Jane Rochester; and it seems so strange.”

“It can never be, sir; it does not sound likely. Human beings never enjoy complete happiness in this world. I <0010131> was <0010330> not born for a different destiny to the rest of my species: to imagine such a lot befalling me <0010131> is <0010330> a fairy tale—a day-dream.”

“Oh, sir!—never rain jewels! I <0010121> don’t like to hear <0010320> them spoken of. Jewels for Jane Eyre <0010131> sounds <0010330> unnatural and strange: I <0010131> would rather not have <0010330> them.”

“I will myself put the diamond chain round your neck <0010113>, and [I will myself put] the circlet on your forehead <0010113>,—which it will become: for nature, at least, has stamped her patent of nobility on this brow, Jane; and I will clasp the bracelets on these fine wrists <0010113>, and load these fairy-like fingers <0010113> with rings.”

“No, no, sir! think of other subjects, and speak of other things, and in another strain. Don’t address me <0010142> as if I <0010131> were <0010330> a beauty; I <0010133> am <0010330> your plain, Quakerish governess.”

“I will make the world acknowledge you a beauty, too,” he went on, while I really became uneasy at the strain he had adopted, because I felt he was either deluding himself or trying to delude me. “I will attire my Jane <0010113> in satin and lace, and she <0010131> shall have <0010330> roses in her hair; and I will cover the head <0010112> I love best with a priceless veil.”

“And then you won’t know me <0010122>, sir; and I <0010133> shall not be <0010330> your Jane Eyre <0010134> any longer, but [I <0010131> shall be <0010330>] an ape in a harlequin’s jacket—a jay in borrowed plumes. I <0010121> would as soon see <0010320> you, Mr Rochester, tricked out in stage-trappings, as myself clad in a court-lady’s robe <0010122>; and I <0010141> don’t call <0010340> you handsome, sir, though I <0010121> love <0010320> you most dearly: far too dearly to flatter you. Don’t flatter me <0010142>.”

“Shall I <0010111> travel <0010310>?—and with you, sir?”

I laughed at him as he said this. “I <0010131> am <0010330> not an angel,” I asserted; “and I <0010131> will not be <0010330> one till I <0010111> die <0010310>: I <0010133> will be <0010330> myself <0010134>. Mr Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me <0010122>—for you will not get it [of me <0010113>], any more than I <0010111> shall get <0010310> it of you: which I <0010121> do not at all anticipate <0010320>.”

“For a little while you will perhaps be as you are now,—a very little while; and then you will turn cool; and then you will be capricious; and then you will be stern, and I <0010131> shall have <0010330> much ado to please you: but when you get well used to me <0010122>, you will perhaps like me <0010122> again,—like me, I <0010141> say <0010340>, not love me <0010143>. I <0010121> suppose <0010320> your love will effervesce in six months, or less. I <0010121> have observed <0010320> in books written by men, that period assigned as the farthest to which a husband’s ardour extends. Yet, after all, as a friend and companion, I <0010121> hope <0010320> never to become quite distasteful to my dear master.”

“But before me: if I, indeed, in any respect <0010133> come up <0010330> to your difficult standard?”

“I never met your likeness. Jane, you <0010122> please <0010320> me, and you <0010122> master <0010320> me—you <0010111> seem to submit <0010310>, and I like the sense of pliancy you impart <0010122>; and while I am twining the soft, silken skein round my finger, it sends a thrill up my arm to my heart. I am influenced—conquered; and the influence is sweeter than I can express; and the conquest I undergo has a witchery beyond any triumph I can win. Why do you <0010151> smile <0010350>, Jane? What does that inexplicable, that uncanny turn of countenance mean?”

“I <0010151> was thinking <0010350>, sir (you will excuse the idea; it was involuntary), I <0010151> was thinking <0010350> of Hercules and Samson with their charmers—”

“Hush, sir! You don’t talk very wisely just now; any more than those gentlemen acted very wisely. However, had they been married, they would no doubt by their severity as husbands have made up for their softness as suitors; and so will you, I <0010121> fear <0010320>. I <0010121> wonder <0010320> how you will answer me a year hence <0010122>, should I <0010141> ask <0010340> a favour it does not suit your convenience or pleasure to grant.”

“Ask <0010340> me [you <0010141>] something now, Jane,—the least thing: I desire to be entreated—”

“Indeed I <0010141> will [ask <0010340>], sir; I <0010131> have <0010330> my petition all ready.”

“Not at all, sir; I <0010141> ask <0010340> only this: don’t send for the jewels, and don’t crown me with roses <0010143>: you might as well put a border of gold lace round that plain pocket handkerchief you have there.”

“Well then, sir, have the goodness to gratify my curiosity <0010131>, which is <0010330> much piqued on one point.”

“Utter <0010340> it [you <0010141>], Jane: but I wish that instead of a mere inquiry into, perhaps, a secret, it was a wish for half my estate.”

“Now, King Ahasuerus! What do I <0010121> want <0010320> with half your estate? Do you think I am a Jew-usurer, seeking good investment in land <0010122>? I <0010131> would much rather have <0010330> all your confidence. You will not exclude me <0010113> from your confidence if you admit me <0010113> to your heart?”

“You <0010131> are <0010330> welcome to all my confidence that is worth having, Jane; but for God’s sake, don’t [you <0010121>] desire <0010320> a useless burden! Don’t long for poison—don’t turn out a downright Eve on my hands!”

“Why not, sir? You have just been telling me <0010142> how much you liked to be conquered, and how pleasant over-persuasion is to you. Don’t you think I had better take advantage of the confession, and begin and coax and entreat—even cry and be sulky if necessary—for the sake of a mere essay of my power <0010122>?”

“Is it, sir? You soon give in. How stern you look now! Your eyebrows have become as thick as my finger <0010134>, and your forehead resembles what, in some very astonishing poetry, I <0010121> once saw <0010320> styled, ‘a blue-piled thunderloft.’ That will be your married look, sir, I <0010121> suppose <0010320>?”

“There, you are less than civil now; and I <0010121> like <0010320> rudeness a great deal better than flattery. I <0010131> had rather be <0010330> a thing than an angel. This is what I <0010141> have to ask <0010340>,—Why did you take such pains to make me believe you wished to marry Miss Ingram <0010143>?”

“Is that all? Thank God it is no worse!” And now he unknit his black brows; looked down, smiling at me, and stroked my hair, as if well pleased at seeing a danger averted. “I think I may confess,” he continued, “even although I should make you <0010131> a little indignant, Jane—and I have seen what a fire-spirit you can be when you are indignant <0010122>. You glowed in the cool moonlight last night, when you mutinied against fate, and claimed your rank as my equal. Janet, by-the-bye, it was <0010330> you <0010133> who made me the offer <0010134>.”

“Her feelings are concentrated in one—pride; and that needs humbling. Were <0010330> you <0010131> jealous, Jane?”

“You have a curious, designing mind, Mr Rochester. I <0010131> am <0010330> afraid your principles on some points are eccentric.”

“Once again, seriously; may I <0010121> enjoy <0010320> the great good that has been vouchsafed to me, without fearing that any one else is suffering the bitter pain I myself felt a while ago <0010122>?”

I was again ready with my request. “Communicate your intentions to Mrs Fairfax, sir: she saw me <0010122> with you last night in the hall, and she was shocked. Give her some explanation before I <0010121> see <0010320> her again. It pains <0010320> me <0010121> to be misjudged by so good a woman.”

“Go to your room, and put on your bonnet,” he replied. “I mean you to accompany me to Millcote this morning; and while you prepare for the drive, I will enlighten the old lady’s understanding. Did she think, Janet, you had given the world for love, and [you had] considered it well lost <0010122>?”

“I <0010121> believe <0010320> she thought I had forgotten my station, and yours <0010122>, sir.”

“I <0010121> would far rather <0010320> she went, sir.”

“You need not look in that way,” I said; “if you do, I <0010111> ’ll wear <0010310> nothing but my old Lowood frocks to the end of the chapter. I <0010131>’ll be <0010330> married in this lilac gingham: you may make a dressing-gown for yourself out of the pearl-grey silk, and an infinite series of waistcoats out of the black satin.”

The Eastern allusion bit me again. “I <0010121>’ll not stand <0010320> you an inch in the stead of a seraglio,” I said; “so don’t consider me <0010122> an equivalent for one. If you have a fancy for anything in that line, away with you, sir, to the bazaars of Stamboul without delay, and lay out in extensive slave-purchases some of that spare cash you seem at a loss to spend satisfactorily here.”

“And what will you <0010111> do <0010310>, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?”

“I <0010111>’ll be preparing myself <0010112> to go out <0010310> as a missionary to preach <0010340> liberty to them that are enslaved—your harem inmates amongst the rest. I <0010131>’ll get <0010330> admitted there, and I <0010111>’ll stir up <0010310> mutiny; and you, three-tailed bashaw as you are, sir, shall in a trice find yourself fettered amongst our hands: nor will I <0010111>, for one, consent to cut <0010310> your bonds till you have signed a charter, the most liberal that despot ever yet conferred.”

“I would consent to be at your mercy <0010134>, Jane.”

“I <0010131> would have <0010330> no mercy, Mr Rochester, if you supplicated for it with an eye like that. While you looked so, I <0010131> should be <0010330> certain that whatever charter you might grant under coercion, your first act, when released, would be to violate its conditions.”

“Why, Jane, what would you <0010131> have <0010330>? I fear you will compel me to go through a private marriage ceremony, besides that performed at the altar. You will stipulate, I see, for peculiar terms—what will they be?”

“I <0010121> only want <0010320> an easy mind, sir; not crushed by crowded obligations. Do you remember what you said of Céline Varens?—of the diamonds, the cashmeres you gave her? I <0010133> will not be <0010330> your English Céline Varens. I <0010111> shall continue to act <0010310> as Adèle’s governess; by that I <0010111> shall earn <0010310> my board and lodging, and thirty pounds a year besides. I <0010111>’ll furnish <0010310> my own wardrobe out of that money, and you shall give me <0010113> nothing but—”

“Your regard; and if I <0010111> give <0010310> you mine <0010112> in return, that debt will be quit.”

“I <0010111> never have dined <0010310> with you, sir: and I <0010121> see <0010320> no reason why I should [dine with you] now <0010122>: till—”

“Till I <0010121> can’t help <0010320> it.”

“I <0010121> have formed <0010320> no supposition on the subject, sir; but I <0010111> want to go on <0010310> as usual for another month.”

“Indeed, begging your pardon, sir, I <0010121> shall not [give up <0010320> my governing slavery <0010122>]. I <0010111> shall just go on <0010310> with it as usual. I <0010111> shall keep out <0010310> of your way all day, as I <0010111> have been accustomed to do <0010310>: you may send for me <0010144> in the evening, when you feel disposed to see me <0010122>, and I <0010111>’ll come <0010310> then; but at no other time.”

“Then, Jane, you <0010111> must play <0010310> the accompaniment.”

“Very well, sir, I <0010111> will try [to play <0010310> the accompaniment].”

“That was a strange question to be put <0010340> by his darling Jane <0010141>.”

“Indeed! I <0010121> considered <0010320> it a very natural and necessary one: he had talked of his future wife dying with him. What did he mean by such a pagan idea? I <0010131> had <0010330> no intention of dying with him—he might depend on that.”

“Indeed it was. I <0010131> had <0010330> as good a right to die when my time came as he had: but I <0010111> should bide <0010310> that time, and [I <0010131> should] not be <0010330> hurried away in a suttee.”

“No: I <0010131> would rather be <0010330> excused.”

“I <0010131> would be <0010330> quiet if he liked, and as to talking rationally, I <0010141> flattered <0010340> myself <0010144> I was doing that [talking rationally] now <0010143>.”

From less to more, I worked him up to considerable irritation; then, after he had retired, in dudgeon, quite to the other end of the room, I got up, and saying, “I <0010121> wish <0010320> you good-night, sir,” in my natural and wonted respectful manner, I slipped out by the side-door and got away.

“Jane, I never meant to wound <0010121> you thus. If the man who had but one little ewe lamb that was dear to him as a daughter, that ate of his bread and drank of his cup, and lay in his bosom, had by some mistake slaughtered it at the shambles, he would not have rued his bloody blunder more than I now rue mine. Will you ever forgive me?”

“You <0010121> know <0010320> I am a scoundrel, Jane?” ere long he inquired wistfully—wondering, I suppose, at my continued silence and tameness, the result rather of weakness than of will.

“Yes, sir, [I <0010121> know <0010320> you are a scoundrel].”

“I <0010141> cannot [tell <0010340>]: I <0010131> am <0010330> tired and sick. I <0010121> want <0010320> some water.” He heaved a sort of shuddering sigh, and taking me in his arms, carried me downstairs. At first I did not know to what room he had borne me; all was cloudy to my glazed sight: presently I felt the reviving warmth of a fire; for, summer as it was, I had become icy cold in my chamber. He put wine to my lips; I tasted it and revived; then I ate something he offered me, and was soon myself. I was in the library—sitting in his chair—he was quite near. “If I could go out of life now, without too sharp a pang, it would be well for me,” I thought; “then I should not have to make the effort of cracking my heart-strings in rendering them from among Mr Rochester’s. I must leave him, it appears. I do not want to leave him—I cannot leave him.”

“How are you <0010121> [feeling <0010320>] now, Jane?”

“[I <0010121> feel <0010320>] Much better, sir; I <0010131> shall be <0010330> well soon.”

“Taste <0010320> [you <0010121>] the wine again, Jane.”

“Yes [I <0010141> would reply <0010340> that it is because you have a wife already].”

“Sir, I <0010111> do not wish to act <0010310> against you,” I said; and my unsteady voice warned me to curtail my sentence.

I cleared and steadied my voice to reply: “All is changed about me, sir; I <0010111> must change <0010310> too—there is no doubt of that; and to avoid fluctuations of feeling, and continual combats with recollections and associations, there is only one way—Adèle must have a new governess, sir.”

“Oh, Adèle will go to school—I have settled that already; nor do I mean to torment you with the hideous associations and recollections of Thornfield Hall—this accursed place—this tent of Achan—this insolent vault, offering the ghastliness of living death to the light of the open sky—this narrow stone hell, with its one real fiend, worse than a legion of

such as we imagine. Jane, you <0010131> shall not stay <0010330> here, nor will I. I was wrong ever to bring you to Thornfield Hall, knowing as I did how it was haunted. I charged them to conceal from you, before I ever saw you, all knowledge of the curse of the place; merely because I feared Adèle never would have a governess to stay if she knew with what inmate she was housed, and my plans would not permit me to remove the maniac elsewhere—though I possess an old house, Ferndean Manor, even more retired and hidden than this, where I could have lodged her safely enough, had not a scruple about the unhealthiness of the situation, in the heart of a wood, made my conscience recoil from the arrangement. Probably those damp walls would soon have eased me of her charge: but to each villain his own vice; and mine is not a tendency to indirect assassination, even of what I most hate.

“Jane, my little darling (so I will call you <0010142>, for so you <0010133> are <0010330>), you <0010121> don’t know <0010320> what you are talking about <0010122>; you <0010121> misjudge <0010320> me again: it is not because she is mad I hate her. If you were mad, do you think I should hate you?”

“I <0010121> do [think <0010320> you should hate me] indeed <0010122>, sir.”

“Then you are mistaken, and you know nothing about me, and nothing about the sort of love of which I am capable. Every atom of your flesh is as dear to me as my own: in pain and sickness it would still be dear. Your mind is my treasure, and if it were broken, it would be my treasure still: if you raved, my arms should confine you, and not a strait waistcoat—your grasp, even in fury, would have a charm for me: if you flew at me as wildly as that woman did this morning, I should receive you in an embrace, at least as fond as it would be restrictive. I should not shrink from you with disgust as I did from her: in your quiet moments you should have no watcher and no nurse but me; and I could hang over you with untiring tenderness, though you gave me no smile in return; and never weary of gazing into your eyes, though they had no longer a ray of recognition for me.—But why do I follow that train of ideas? I was talking of removing you from Thornfield. All, you know, is prepared for prompt departure: to-morrow you shall go. I only ask you <0010142> to endure one more night under this roof, Jane; and then, farewell to its miseries and terrors for ever! I have a place to repair to, which will be a secure sanctuary from hateful reminiscences, from unwelcome intrusion—even from falsehood and slander.”

“What do you <0010121> mean <0010320>, Jane? I told you I would send Adèle to school; and what do I want with a child for a companion, and not my own child,—a French dancer’s bastard? Why do you importune me about her! I say, why do you assign Adèle to me for a companion?”

“Jane! will you <0010121> hear <0010320> reason?” (he stooped and approached his lips to my ear); “because, if you won’t, I’ll try violence.” His voice was hoarse; his look that of a man who is just about to burst an insufferable bond and plunge headlong into wild license. I saw that in another moment, and with one impetus of frenzy more, I should be able to do nothing with him. The present—the passing second of time—was all I had in which to control and restrain him—a movement of repulsion, flight, fear would have sealed my doom,—and his. But I was not afraid: not in the least. I felt an inward power; a sense of influence, which supported me. The crisis was perilous; but not without its

charm: such as the Indian, perhaps, feels when he slips over the rapid in his canoe. I took hold of his clenched hand, loosened the contorted fingers, and said to him, soothingly—

“Sit down; I <0010141>’ll talk <0010340> to you as long as you like, and [I <0010121>’ll] hear <0010320> all you have to say, whether reasonable or unreasonable.”

“But I am not angry, Jane: I only love you <0010122> too well; and you <0010111> had steeled <0010310> your little pale face <0010112> with such a resolute, frozen look, I could not endure it. Hush, now, and wipe your eyes.”

“Jane! Jane!” he said, in such an accent of bitter sadness it thrilled along every nerve I had; “you <0010121> don’t love <0010320> me, then? It was only my station, and the rank of my wife, that you valued? Now that you think me disqualified to become your husband, you recoil from my touch as if I were some toad or ape.”

“I <0010121> do love <0010320> you,” I said, “more than ever: but I <0010111> must not show <0010310> or indulge <0010310> the feeling: and this is the last time I <0010141> must express <0010340> it.”

“No, sir; that I <0010131> am <0010330> certain I could not [live with you, and I could not see you daily, and yet, I could not be always cold and distant] <0010132>; and therefore I <0010121> see <0010320> there is but one way: but you will be furious if I <0010141> mention <0010340> it.”

“Mr. Rochester, I <0010111> must leave <0010310> you.”

“I <0010111> must leave <0010310> Adèle and Thornfield. I <0010111> must part <0010310> with you for my whole life: I <0010111> must begin <0010310> a new existence among strange faces and strange scenes.”

“Of course: I told you should. I pass over the madness about parting from me. You mean you must become a part of me. As to the new existence, it is all right: you shall yet be my wife: I am not married. You shall be Mrs Rochester—both virtually and nominally. I shall keep only to you so long as you and I live. You shall go to a place I have in the south of France: a whitewashed villa on the shores of the Mediterranean. There you shall live a happy, and guarded, and most innocent life. Never fear that I wish to lure you into error—to make you my mistress. Why did you shake your head? Jane, you <0010131> must be <0010330> reasonable, or in truth I shall again become frantic.”

“Sir, your wife is living: that is a fact acknowledged this morning by yourself. If I <0010111> lived <0010310> with you as you desire, I <0010133> should then be <0010330> your mistress: to say otherwise is sophistical—is false.”

“Jane, I am not a gentle-tempered man—you <0010121> forget <0010320> that: I am not long-enduring: I am not cool and dispassionate. Out of pity to me and yourself, put your finger on my pulse, feel how it throbs, and—beware!”

“I am a fool!” cried Mr Rochester suddenly. “I keep telling her I am not married, and do not explain to her why. I forget she knows nothing of the character of that woman, or of the circumstances attending my infernal union with her. Oh, I am certain Jane <0010121> will agree <0010320> with me in opinion, when she <0010121> knows

<0010320> all that I know! Just [you <0010111>] put <0010310> your hand <0010112> in mine, Janet—that I may have the evidence of touch as well as sight, to prove you <0010131> are <0010330> near me—and I will in a few words show you <0010142> the real state of the case. Can you listen to me?”

“Yes, sir [I <0010121> can listen <0010320> to you]; for hours if you will.”

“I ask only minutes. Jane, did you <0010121> ever hear <0010320> or know <0010320> that I was not the eldest son of my house: that I had once a brother older than I?”

“I <0010121> remember <0010320> Mrs Fairfax told me so once <0010122>.”

“I <0010121> have understood <0010320> something to that effect.”

“Jane, I will not trouble you <0010122> with abominable details: some strong words shall express what I have to say. I lived with that woman upstairs four years, and before that time she had tried me indeed: her character ripened and developed with frightful rapidity; her vices sprang up fast and rank: they were so strong, only cruelty could check them, and I would not use cruelty. What a pigmy intellect she had, and what giant propensities! How fearful were the curses those propensities entailed on me! Bertha Mason, the true daughter of an infamous mother, dragged me through all the hideous and degrading agonies which must attend a man bound to a wife at once intemperate and unchaste.

“My brother in the interval was dead, and at the end of the four years my father died too. I was rich enough now—yet poor to hideous indigence: a nature the most gross, impure, depraved I ever saw, was associated with mine, and called by the law and by society a part of me. And I could not rid myself of it by any legal proceedings: for the doctors now discovered that my wife was mad—her excesses had prematurely developed the germs of insanity. Jane, you <0010121> don’t like <0010320> my narrative; you <0010131> look <0010330> almost sick—shall I defer the rest to another day?”

“No, sir, finish it now; I <0010121> pity <0010320> you—I <0010121> do earnestly pity <0010320> you.”

“Pity, Jane, from some people is a noxious and insulting sort of tribute, which one is justified in hurling back in the teeth of those who offer it; but that is the sort of pity native to callous, selfish hearts; it is a hybrid, egotistical pain at hearing of woes, crossed with ignorant contempt for those who have endured them. But that is not your pity <0010134>, Jane; it is not the feeling of which your whole face <0010131> is <0010330> full at this moment—with which your eyes <0010111> are now almost overflowing <0010310>—with which your heart <0010111> is heaving <0010310> —with which your hand <0010111> is trembling <0010310> in mine. Your pity, my darling, is the suffering mother of love: its anguish is the very natal pang of the divine passion. I accept it, Jane; let the daughter have free advent—my arms wait to receive her.”

Jane—and now [you <0010121>] listen <0010320>; for it was true Wisdom that consoled me in that hour, and showed me the right path to follow.

“When you <0010131> are <0010330> inquisitive, Jane, you <0010111> always make <0010310> me smile. You open your eyes like an eager bird, and make every now and then a restless movement, as if answers in speech did not flow fast enough for you, and you wanted to read the tablet of one’s heart. But before I go on, tell me what you mean by your ‘Well, sir?’

“I <0010121> mean <0010320>,—What next? How did you proceed? What came of such an event?”

But, Jane, I see by your face you are not forming a very favourable opinion of me just now <0010122>. You think me an unfeeling, loose-principled rake: don’t you?”

“I <0010121> don’t like <0010320> you so well as I <0010121> have done <0010320> sometimes, indeed, sir. Did it not seem to you in the least wrong to live in that way, first with one mistress and then another? You talk of it as a mere matter of course.”

“Now, Jane, why don’t you <0010141> say <0010340> ‘Well, sir?’ I have not done. You are looking grave. You disapprove of me still, I see. But let me come to the point.

“When once I had pressed the frail shoulder, something new—a fresh sap and sense—stole into my frame. It was well I had learnt that this elf must return to me—that it belonged to my house down below—or I could not have felt it pass away from under my hand, and seen it vanish behind the dim hedge, without singular regret. I heard you come home that night <0010122>, Jane, though probably you <0010131> were <0010330> not aware that I thought of you or watched for you <0010122>.

The next day I observed you—myself unseen—for half-an-hour, while you played with Adèle in the gallery. It was a snowy day, I recollect, and you could not go out of doors. I was in my room; the door was ajar: I could both listen and watch. Adèle claimed your outward attention <0010144> for a while; yet I fancied your thoughts were elsewhere <0010122>: but you <0010131> were <0010330> very patient with her, my little Jane; you <0010141> talked <0010340> to her and [you <0010122>] amused <0010320> her a long time. When at last she left you, you lapsed at once into deep reverie: you betook yourself slowly to pace the gallery. Now and then, in passing a casement, you glanced out at the thick-falling snow; you listened to the sobbing wind, and again you paced gently on and dreamed.

I think those day visions were not dark: there was a pleasurable illumination in your eye occasionally, a soft excitement in your aspect, which told of no bitter, bilious, hypochondriac brooding: your look revealed rather the sweet musings of youth when its spirit follows on willing wings the flight of Hope up and on to an ideal heaven. The voice of Mrs Fairfax, speaking to a servant in the hall, awakened you <0010112>: and how curiously you <0010151> smiled <0010350> to and at yourself, Janet! There was much sense in your smile: it was very shrewd, and seemed to make light of your own abstraction. It seemed to say—‘My fine visions are all very well, but I must not forget they are absolutely unreal. I have a rosy sky and a green flowery Eden in my brain; but without, I am perfectly aware, lies at my feet a rough tract to travel, and around me gather black tempests to encounter.’

“Impatiently I waited for evening, when I might summon you to my presence. An unusual—to me—a perfectly new character I suspected was yours: I desired to search it deeper and know it better. You entered the room with a look and air at once shy and independent: you were quaintly dressed—much as you are now. I made you talk: ere long I found you full of strange contrasts. Your garb and manner were restricted by rule; your air was often diffident, and altogether that of one refined by nature, but absolutely unused to society, and a good deal afraid of making herself disadvantageously conspicuous by some solecism or blunder; yet when addressed, you lifted a keen, a daring, and a glowing eye to your interlocutor’s face: there was penetration and power in each glance you gave; when plied by close questions, you found ready and round answers. Very soon you <0010121> seemed to get used to <0010320> me: I believe you felt the existence of sympathy between you and your grim and cross master <0010122>, Jane; for it was astonishing to see how quickly a certain pleasant ease tranquillised your manner: snarl as I would, you <0010131> showed <0010330> no surprise, fear, annoyance, or displeasure at my moroseness; you <0010151> watched <0010350> me, and now and then [you <0010151>] smiled <0010350> at me with a simple yet sagacious grace I cannot describe.

I was an intellectual epicure, and wished to prolong the gratification of making this novel and piquant acquaintance: besides, I was for a while troubled with a haunting fear that if I handled the flower freely its bloom would fade—the sweet charm of freshness would leave it. I did not then know that it was no transitory blossom, but rather the radiant resemblance of one, cut in an indestructible gem. Moreover, I wished to see whether you would seek me if I shunned you—but you did not; you kept in the schoolroom as still as your own desk and easel; if by chance I met you, you passed me as soon, and with as little token of recognition, as was consistent with respect. Your habitual expression in those days <0010131>, Jane, was <0010330> a thoughtful look; not despondent, for you <0010131> were <0010330> not sickly; but not buoyant, for you <0010131> had <0010330> little hope, and no actual pleasure. I wondered what you thought of me, or if you ever thought of me, and resolved to find this out. “I resumed my notice of you. There was something glad in your glance, and genial in your manner, when you conversed: I saw you had a social heart; it was the silent schoolroom—it was the tedium of your life—that made you mournful. I permitted myself the delight of being kind to you; kindness stirred emotion soon: your face became soft in expression, your tones gentle; I liked my name pronounced by your lips in a grateful happy accent. I used to enjoy a chance meeting with you <0010122>, Jane, at this time: there was a curious hesitation in your manner: you <0010151> glanced <0010350> at me with a slight trouble—a hovering doubt: you <0010121> did not know <0010320> what my caprice might be—whether I was going to play the master and be stern, or the friend and be benignant. I was now too fond of you often to simulate the first whim; and, when I stretched my hand out cordially, such bloom and light and bliss rose to your young, wistful features, I had much ado often to avoid straining you then and there to my heart.”

Jane—[you <0010111>] give <0010310> it me now.” A pause.

“Why are <0010330> you <0010131> silent, Jane?”

“Jane, you <0010121> understand <0010320> what I want of you <0010122>? Just this promise—‘I will be yours, Mr Rochester.’”

“Mr. Rochester, I <0010133> will not be <0010330> yours.”

“Jane!” recommenced he, with a gentleness that broke me down with grief, and turned me stone-cold with ominous terror—for this still voice was the pant of a lion rising—“Jane, do you <0010111> mean to go <0010310> one way in the world, and let me go another?”

“I <0010111> do [mean to go <0010310> one way in the world and let you go another].”

“Jane” (bending towards and embracing me), “do you <0010121> mean <0010320> it now?”

“I <0010121> do [mean <0010320> it].”

“I <0010121> do [mean <0010320> it],” extricating myself from restraint rapidly and completely.

“Do as I <0010111> do <0010310>: trust in God and yourself. Believe in heaven. Hope to meet again there.”

“I <0010141> advise <0010340> you to live sinless, and I <0010121> wish <0010320> you to die tranquil.”

“Mr. Rochester, I <0010111> no more assign <0010310> this fate to you than I <0010111> grasp <0010310> at it for myself <0010113>. We were born to strive and endure—you as well as I <0010131> do so [was <0010330> born to strive and endure]. You will forget me <0010122> before I <0010121> forget <0010320> you.”

Oh! Come <0010310> [you <0010111>], Jane, come <0010310> [you <0010111>]!”

“You <0010111> are going <0010310>, Jane?”

“I <0010111> am going <0010310>, sir.”

“Yes [I <0010111> am leaving <0010310> you].”

How hard it was to reiterate firmly, “I <0010111> am going <0010310>.”

“Withdraw, then,—I consent; but remember, you leave me here in anguish. [You <0010111>] Go up <0010310> to your own room; [you <0010121>] think <0010320> over all I have said, and, Jane, [you <0010151>] cast a glance <0010350> on my sufferings— [you <0010121>] think <0010320> of me.”

“Little Jane’s love <0010133> would have been <0010330> my best reward,” he answered; “without it, my heart is broken. But Jane <0010111> will give <0010310> me her love <0010112>: yes—nobly, generously.”

“Yes,” I said; “but I <0010111> could not go on <0010310> for ever so: I <0010121> want to enjoy <0010320> my own faculties as well as to cultivate those of other people <0010122>. I <0010121> must enjoy <0010320> them now; don’t recall either my mind

<0010144> or body to the school; I <0010131> am <0010330> out of it and [I <0010131> am <0010330>] disposed for full holiday.”

“[I <0010131> am going] To be <0010330> active: as active as I can. And first I <0010141> must beg <0010340> you to set Hannah at liberty, and get somebody else to wait on you.”

“Yes, [I <0010121> want <0010320> her] to go with me to Moor House <0010122>. Diana and Mary will be at home in a week, and I <0010131> want to have <0010330> everything in order against their arrival.”

“Tell her to be ready by to-morrow then; and here is the schoolroom key: I <0010111> will give <0010310> you the key of my cottage in the morning.”

“My first aim <0010111> will be to clean down <0010310> (do you comprehend the full force of the expression?)—to clean down <0010310> Moor House from chamber to cellar; my next [aim] <0010111> to rub it up <0010310> with bees-wax, oil, and an indefinite number of cloths, till it glitters again; my third [aim] <0010111>, to arrange <0010310> every chair, table, bed, carpet, with mathematical precision; afterwards I <0010111> shall go near to ruin <0010310> you in coals and peat to keep up good fires in every room; and lastly, the two days preceding that on which your sisters are expected will be devoted by Hannah and me to such a beating of eggs, sorting of currants, grating of spices, compounding of Christmas cakes, chopping up of materials for mince-pies, and solemnizing of other culinary rites, as words can convey but an inadequate notion of to the uninitiated like you. My purpose <0010131>, in short, is to have <0010330> all things in an absolutely perfect state of readiness for Diana and Mary before next Thursday; and my ambition <0010111> is to give <0010310> them a beau-ideal of a welcome when they come.”

“No, Jane, no: this world is not the scene of fruition; [you <0010111>] do not attempt to make <0010310> it so: nor of rest; [you <0010131>] do not turn <0010330> slothful.”

“I <0010131> mean, on the contrary, to be <0010330> busy.”

“Jane, I excuse you <0010122> for the present: two months’ grace I allow you for the full enjoyment of your new position, and for pleasing yourself with this late-found charm of relationship <0010122>; but then, I hope you will begin to look beyond Moor House and Morton, and sisterly society, and the selfish calm and sensual comfort of civilised affluence <0010122>. I hope your energies will then once more trouble you with their strength.”

“St. John,” I said, “I <0010121> think <0010320> you are almost wicked to talk so. I <0010131> am disposed to be <0010330> as content as a queen, and you try to stir me <0010112> up to restlessness! To what end?”

“To the end of turning to profit the talents which God has committed to your keeping; and of which He will surely one day demand a strict account. Jane, I shall watch you <0010122> closely and anxiously—I warn you <0010142> of that.

save your constancy and ardour for an adequate cause; forbear to waste them on trite transient objects. Do you <0010121> hear <0010320>, Jane?"

"Yes [I <0010121> do hear <0010320> you]; just as if you were speaking Greek. I <0010121> feel <0010320> I have adequate cause to be happy <0010122>, and I <0010131> will be <0010330> happy. Goodbye!"

"You <0010121> see <0010320>, Jane, the battle is fought and the victory won."

"Jane <0010131> is <0010330> not such a weakling as you would make her <0010132>," he would say: "she <0010121> can bear <0010320> a mountain blast, or a shower, or a few flakes of snow, as well as any of us. Her constitution is both sound and elastic;—better calculated to endure variations of climate than many more robust."

"Jane, what are you <0010111> doing <0010310>?"

"[I <0010121> am] Learning <0010320> German."

"St. John! you used to call Jane your third sister <0010143>, but you don't treat her <0010112> as such: you should kiss her too."

"We will wait a few minutes, Jane, till you <0010131> are <0010330> more composed." And while I smothered the paroxysm with all haste, he sat calm and patient, leaning on his desk, and looking like a physician watching with the eye of science an expected and fully understood crisis in a patient's malady. Having stifled my sobs, wiped my eyes, and muttered something about not being very well that morning, I resumed my task, and succeeded in completing it. St. John put away my books and his, locked his desk, and said—

"Now, Jane, you <0010111> shall take a walk <0010310>; and with me."

"I <0010141> will call <0010340> Diana and Mary."

"My heart <0010131> is <0010330> mute,—my heart <0010131> is <0010330> mute," I answered, struck and thrilled.

"Then I must speak for it," continued the deep, relentless voice. "Jane, come <0010310> with me to India: come <0010310> [you <0010111>] as my helpmeet and fellow-labourer."

"I <0010131> am <0010330> not fit for it: I <0010131> have <0010330> no vocation," I said.

"Humility, Jane," said he, "is the groundwork of Christian virtues: you <0010141> say <0010340> right that you are not fit for the work <0010143>. Who is fit for it? Or who, that ever was truly called, believed himself worthy of the summons? I, for instance, am but dust and ashes. With St. Paul, I acknowledge myself the chiefest of sinners; but I do not suffer this sense of my personal vileness to daunt me. I know my Leader: that He is just as well as mighty; and while He has chosen a feeble instrument to perform a great

task, He will, from the boundless stores of His providence, supply the inadequacy of the means to the end.

Think <0010320> [you <0010121>] like me, Jane—trust <0010320> [you <0010121>] like me. It is the Rock of Ages I ask you to lean on: do not doubt but it will bear the weight of your human weakness.”

“I <0010121> do not understand <0010320> a missionary life: I <0010121> have never studied <0010320> missionary labours.”

“But my powers —where are they for this undertaking? I <0010121> do not feel <0010320> them. Nothing speaks or stirs in me while you talk. I <0010131> am <0010330> sensible of no light kindling—no life quickening—no voice counselling or cheering. Oh, I <0010121> wish <0010320> I could make you see how much my mind is at this moment like a rayless dungeon, with one shrinking fear fettered in its depths—the fear of being persuaded by you to attempt what I cannot accomplish <0010122>!”

Jane, you <0010131> are <0010330> docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic: [you <0010121>] cease to mistrust <0010320> yourself <0010122>—I can trust you <0010122> unreservedly. As a conductress of Indian schools, and a helper amongst Indian women, your assistance will be to me invaluable.”

“I <0010111> am ready to go <0010310> to India, if I <0010111> may go <0010310> free.”

Do you <0010121> not see <0010320> it, Jane? Consider a moment—your strong sense will guide you.”

“St. John,” I returned, “I <0010121> regard <0010320> you as a brother—you, me as a sister: so let us continue.”

“Conditionally [I <0010141> have said <0010340> I would go with you to India <0010143>].”

“And I <0010111> will give <0010310> the missionary my energies <0010112>—it is all he wants—but [I <0010111> will] not [give <0010310>] myself <0010112>: that would be only adding the husk and shell to the kernel.

For them he has no use: I <0010111> retain <0010310> them.”

“Oh! I <0010111> will give <0010310> my heart <0010112> to God,” I said. “You do not want it.”

“Do not let us forget that this is a solemn matter,” he said ere long; “one of which we may neither think nor talk lightly without sin. I trust, Jane, you <0010131> are <0010330> in earnest when you <0010141> say <0010340> you will serve your heart to God <0010143>: it is all I want.

“Shall I <0010111> [hasten <0010310> to enter into that union at once]?” I said briefly; and I looked at his features, beautiful in their harmony, but strangely formidable in their

still severity; at his brow, commanding but not open; at his eyes, bright and deep and searching, but never soft; at his tall imposing figure; and fancied myself in idea his wife. Oh! it would never do! As his curate, his comrade, all would be right: I would cross oceans with him in that capacity; toil under Eastern suns, in Asian deserts with him in that office; admire and emulate his courage and devotion and vigour; accommodate quietly to his masterhood; smile undisturbed at his ineradicable ambition; discriminate the Christian from the man: profoundly esteem the one, and freely forgive the other. I should suffer often, no doubt, attached to him only in this capacity: my body would be under rather a stringent yoke, but my heart and mind would be free. I should still have my unblighted self to turn to: my natural unenslaved feelings with which to communicate in moments of loneliness. There would be recesses in my mind which would be only mine, to which he never came, and sentiments growing there fresh and sheltered which his austerity could never blight, nor his measured warrior-march trample down: but as his wife—at his side always, and always restrained, and always checked—forced to keep the fire of my nature continually low, to compel it to burn inwardly and never utter a cry, though the imprisoned flame consumed vital after vital—this would be unendurable.

“I <0010141> repeat <0010340> I freely consent to go with you as your fellow-missionary, but not as your wife <0010143>; I <0010111> cannot marry <0010310> you and [I <0010131> cannot] become <0010330> part of you.”

“Very well,” I said shortly; “under the circumstances, quite as well as if I <0010133> were <0010330> either your real sister, or a man and a clergyman like yourself.”

“It would do,” I affirmed with some disdain, “perfectly well. I <0010131> have <0010330> a woman’s heart, but not where you are concerned; for you I <0010131> have <0010330> only a comrade’s constancy; a fellow-soldier’s frankness, fidelity, fraternity, if you like; a neophyte’s respect and submission to his hierophant: nothing more—don’t fear.”

Jane, you <0010121> would not repent <0010320> marrying me—[you <0010131>] be <0010330> certain of that; we must be married. I repeat it: there is no other way; and undoubtedly enough of love would follow upon marriage to render the union right even in your eyes.”

“I <0010121> scorn <0010320> your idea of love,” I could not help saying, as I rose up and stood before him, leaning my back against the rock. “I <0010121> scorn <0010320> the counterfeit sentiment you offer: yes, St. John, and I <0010121> scorn <0010320> you when you offer it.”

“Forgive me <0010122> the words, St. John; but it is your own fault that I <0010141> have been roused to speak <0010340> so unguardedly. You have introduced a topic on which our natures are at variance—a topic we should never discuss: the very name of love is an apple of discord between us. If the reality were required, what should we do? How should we feel? My dear cousin, abandon your scheme of marriage—forget it.”

“St. John, I <0010131> am <0010330> unhappy because you are still angry with me. Let us be friends.”

"I <0010121> believe <0010320> you, St. John; for I <0010131> am <0010330> sure you are incapable of wishing any one ill; but, as I <0010133> am <0010330> your kinswoman, I <0010121> should desire <0010320> somewhat more of affection than that sort of general philanthropy you extend to mere strangers."

"When I go to India, Jane, will I leave you <0010112>! What! do you not go to India?"

"You said I could not [go] unless I married you <0010143>."

"No. St. John, I <0010111> will not marry <0010310> you. I <0010121> adhere <0010320> to my resolution."

"Formerly," I answered, "because you did not love me <0010122>; now, I <0010141> reply <0010340>, because you almost hate me <0010143>. If I <0010111> were to marry <0010310> you, you would kill me <0010112>. You are killing me <0010112> now."

"Now you will indeed hate me <0010122>," I said. "It is useless [for me <0010111>] to attempt to conciliate <0010310> you: I <0010121> see <0010320> I have made an eternal enemy of you <0010122>."

"You utterly misinterpret my words," I said, at once seizing his hand: "I <0010131> have <0010330> no intention to grieve or pain you—indeed, I <0010131> have not <0010330> [intention to grieve or pain you]."

"Yes, I <0010111> will [go <0010310>], as your assistant," I answered.

"Keep to common sense, St. John: you are verging on nonsense. You pretend to be shocked by what I have said <0010122>. You are not really shocked: for, with your superior mind, you cannot be either so dull or so conceited as to misunderstand my meaning <0010122>. I <0010141> say <0010340> again, I will be your curate, if you like, but never your wife <0010143>."

I replied —"There is no dishonour, no breach of promise, no desertion in the case. I <0010131> am <0010330> not under the slightest obligation to go to India <0010132>, especially with strangers. With you I <0010131> would have <0010330> ventured much, because I <0010121> admire <0010320>, confide in <0010320>, and, as a sister, I <0010121> love <0010320> you; but I am convinced that, go <0010310> when and with whom I <0010111> would, I <0010111> should not live <0010111> long in that climate."

"I <0010131> am <0010330> [afraid]. God did not give me <0010113> my life to throw away; and to do as you wish me <0010131> would, I <0010121> begin to think <0010320>, be <0010330> almost equivalent to committing suicide. Moreover, before I <0010111> definitely resolve on quitting <0010310> England, I <0010121> will know <0010320> for certain whether I cannot be of greater use by remaining in it than by leaving it <0010122>."

“It would be fruitless to attempt to explain [what I <0010121> mean <0010320>]; but there is a point on which I <0010131> have <0010330> long endured painful doubt, and I <0010111> can go <0010310> nowhere till by some means that doubt is removed.”

“I <0010121> must find out <0010320> what is become of him.”

“Jane,” she said, “you <0010131> are <0010330> always agitated and pale now. I am sure there is something the matter. Tell me what business St. John and you have on hands. I have watched you this half hour from the window; you must forgive my being such a spy, but for a long time I have fancied I hardly know what. St. John is a strange being—”

“That brother of mine cherishes peculiar views of some sort respecting you, I am sure: he has long distinguished you by a notice and interest he never showed to any one else—to what end? I wish he loved you <0010122>—does he [love you <0010122>], Jane?”

Diana clapped her hands. “That is just what we hoped and thought! And you <0010111> will marry <0010310> him, Jane, won’t you <0010111> [marry <0010310> him]? And then he will stay in England.”

“Madness!” she exclaimed. “You would not live three months there, I am certain. You <0010111> never shall go <0010310>: you <0010121> have not consented <0010320>, have you <0010121> [consented <0010320>], Jane?”

You <0010121> do not love <0010320> him then, Jane?”

“What makes you <0010141> say <0010340> he does not love you <0010143>, Jane?”

“I <0010121> could decide <0010320> if I were but certain <0010122>,” I answered: “were <0010330> I <0010131> but convinced that it is God’s will I <0010111> should marry <0010310> you, I <0010111> could vow to marry <0010310> you here and now—come afterwards what would!”

## APÊNDICE B – ANÁLISE DA TRANSITIVIDADE DA RETEXTUALIZAÇÃO

A sra Fairfax surpreendeu-me, ao chamar-me dessa enlevada contemplação com accentuada tristeza no rosto: — A srta Eyre <0010111> não vem almoçar <0010310>? Durante a refeição ficou muda e fria; mas não podia explicar-me ainda com ella. Ella tinha de esperar tambem até que o amo lhe dêsse a explicação. Comi o que pude e fugi para cima. Encontrei-me com Adelia que sahia da escola.

— Joanna, [tu] <0010131> és <0010330> como uma flôr desabrochada, risonha e bonita — disse elle — na verdade muito bonita, esta manhan. Será este meu grãozinho de mostarda, a fada pequena, pallida; esta moça, rosto de sol, faces de roman, labios de rosa, cabelo liso e olhos radiantes côr de avelan? (Meus olhos eram verdes, leitor; desculpa-lhe o engano; para elle tinham mudado a côr).

— Senhor, é <0010330> a Joanna Eyre <0010134>.

— Em breve [será] <0010330> Joanna Rochester <0010134> — accrescentou — daqui em quatro semanas, Joanninha; nem um dia mais tarde, [tu] <0010121> ouves <0010320>?

Ouvi sem comprehender bem; fiquei tonta. O sentimento que a este aviso passou por mim foi mais forte do que a alegria aguentava; alguma coisa feriu-me, estonteou-me; foi quasi medo.

— Joanna, [tu] <0010131> estavas <0010330> corada e agora [tu] <0010131> ficas <0010330> pallida; que quer dizer isso?

— Porque o senhor me <0010113> deu um nome novo: Joanna Rochester; é tão estranho!

— Não póde ser, senhor; parece incrível. Sêres humanos nunca neste mundo gozam felicidade completa. Meu destino <0010131> não póde ser <0010330> diferente do dos outros; imaginar que tal sorte podesse caber em mim <0010131> é <0010330> um conto de fadas, um conto chimerico.

— Ah! senhor, deixe-se de joias! [Eu] <0010121> Nem gosto de ouvir <0010320>-lhes o nome. Pedras para Joanna Eyre <0010131>! É <0010330> desnatural, descabido. [Eu] <0010131> Queria antes não tel<0010330>-as.

— Não, não, senhor! Pense em outras coisas, fale em outro assumpto e em outro tom! Não se me <0010142> dirija, como si [eu] <0010133> fosse <0010330> a sua bella; eu <0010133> sou <0010330> a sua simples governante.

— Farei que todo o mundo se curve ante a tua belleza, — proseguiu, emquanto eu ficava cada vez mais apprehensiva pelos modos que tomava, temendo que se illudisse a si mesmo ou pretendesse illudir-me a mim. — Hei de ornar minha Joanna <0010113> com setim e rendas; rosas deverão entrelaçar seu cabelo <0010112>; cobrirei com um véu de preço inestimavel a cabeça <0010112> que amo sobre todas.

— Então o senhor já me <0010122> não conhecerá e eu <0010133> já não serei <0010330> a sua Joanna Eyre <0010134>; [eu <0010131>] serei <0010330> um macaco

num traje de arlequim, um corvo com plumas de pavão. Antes tomára [eu <0010121>] ver <0010320> o sr Rochester ataviado de lentejoulas e berloques de palhaço do que [eu] vestir roupagens de dama da corte <0010122>; nem eu <0010141> digo <0010340> que o senhor é bonito, apesar de [eu <0010121>] o amar <0010320> inteiramente, muito demais para poder lisonjeal-o; não me <0010142> lisonjeie a mim tampouco.

— [eu <0010111>] Hei de viajar <0010310>? e com o senhor?

Ri delle, ao ouvir isto. — Eu <0010131> não sou <0010330> um anjo, nem [eu <0010131>] o serei <0010330> até [eu <0010111>] morrer <0010310>: [eu <0010133>] serei <0010330> sempre eu mesma <0010134> e o sr Rochester não deve esperar de mim <0010122> nem exigir nada de celestial, porque não o pôde obter de mim <0010113> tão pouco como eu <0010111> [não posso obter <0010310> isso] do senhor.

— Por breve espaço será como agora; mas isto ha de passar dahi a nada; depois, ficará quasi frio, depois caprichoso e mais tarde severo e [eu <0010131>] terei <0010330> que me esforçar para lhe agradar <0010132>. Tendo-se, porém, acostumado bem a mim <0010122>, pode ser que goste de mim <0010122>, [eu <0010141>] digo <0010340> «goste» [de mim] não [me] «ame» <0010143>; [eu <0010121>] supponho <0010320> que seu amor vae arrefecer dentro de seis mezes, mais ou menos. É este o praso de amor mais longo que homens marcaram em romances. Mas, assim como assim, [eu <0010121>] confio <0010320> que como amiga e companheira nunca me hei de tornar repugnante de todo a meu querido amo <0010122>.

— Mas antes de mim? Si de todo me é impossivel <0010133>, ainda que de longe, corresponder <0010330> a seu ideal...

— Nunca encontrei tua igual, Joanna, tu <0010122> me agradas <0010320>, tu <0010122> me dominas <0010320>; pareces submeter <0010310>-te <0010111> e quanto não gosto desta impressão de flexibilidade que [tu] dás <0010122>, pois, emquanto entrelaço essa «corda» branda e asedada em redor de meus dedos, sinto perpassar-me o braço e o coração como que um choque electrico. Sou influenciado, conquistado; e este dominio é mais doce do que eu posso exprimir; a conquista que me victima é feitiçaria mais absoluta de que qualquer triumpho que eu pudesse conseguir. Por que [tu <0010151>] ris <0010350>, Joanna? Que quer dizer essa mudança inexplicavel, mysteriosa, em teu rosto?

— [Eu <0010151>] Estive a pensar <0010350> — (o senhor desculpe a idéa, veiu-me <0010121> sem querer <0010320>), — [eu <0010151>] estive a pensar <0010350> em Hercules e Sansão com suas encantadoras amantes.

— Pschui, senhor! não está a falar com juizo. Entretanto, não ha duvidar que aquelles herões, depois de casados, teriam soldado com a severidade de maridos a meiguice de amantes; e assim, [eu <0010121>] receio <0010320>, o senhor tambem ha de fazer. [Eu <0010131>] Estou <0010330> curiosa por saber como me ha de responder daqui a um anno <0010132>, quando [eu <0010141>] lhe pedir <0010340> um favor que não ache conveniente ou facil de conceder.

— Pede <0010340>-me [tu <0010141>] alguma coisa agora mesmo, Joanninha, só uma coisinha; desejo que tu me peças <0010122>.

— Pois não, senhor, [eu <0010131>] já tenho <0010330> um pedido formulado.

— De maneira alguma. [Eu <0010141>] Peço <0010340> só que não mande vir as joias e que não me corê de rosas <0010143>; seria como bordar a ouro este lenço ordinário.

— Pois, então, queira satisfazer sobre um ponto minha curiosidade <0010131>, que está <0010330> excitada.

— Dize <0010340>-o [tu <0010141>], Joanna; mas oxalá [tu <0010121>] desejassem <0010320> metade de minhas posses antes que a chave de um segredo.

— Ora, rei Assuero! de que me <0010121> serve [desejar <0010320>] metade de seus estados? Julga-me uma usuraria judéa que quer empregar seu dinheiro em bens de raiz <0010122>? Antes [eu <0010131>] queria ter <0010330> sua confiança sem reserva: nem me <0010113> ha de excluir desta, pois que me <0010113> introduz em seu coração.

— Joanna, convido-te <0010142> a conhecer em mim tudo que vale a pena; pelo amor de Deus, [tu] <0010121> não desejes <0010320> carregar-te com trastes inúteis <0010122>; não cobices [tu <0010121>] <0010320> veneno; não te <0010131> tornes <0010330> uma Eva para mim.

— E por que não? Ha pouco me <0010142> disse quanto gostava de ser conquistado, quão agradável lhe era ser persuadido. Não será melhor [eu <0010111>] aproveitar <0010310> sua confissão e [eu <0010141>] começar a lisonjear <0010340>, [eu <0010141>] começar a] pedir <0010340> e [eu <0010151>] começar a] chorar <0010350>, si fôr necessario, e [eu <0010151>] teimar <0010350>, só para ensaio de meu poder?

— Devéras? O senhor larga cedo; e que olhar severo não tem agora! Suas sobranceiras ficam tão grossas como meu dedo <0010134> e sua fronte parece-me <0010121> com o que em uma poesia [eu <0010121>] vi <0010320> chamar — um castello azul ferrete de nuvens trovejantes — será esse seu olhar de marido?

— Ora, já está menos que cortez.[Eu <0010121>] Gosto <0010320>, porém, mais desta rudeza que de lisonjas. Antes [eu <0010131>] ser <0010330> uma pequena do que um anjo. O que [eu <0010141>] tenho a perguntar <0010340> é: — por que se empenhou tanto em me fazer crer que se ia casar com a srta Ingram <0010143>?

— E isto é tudo Graças a Deus que não foi coisa peor, — e alisou a fronte carregada; olhou para mim sorrindo e passou a mão sobre o meu cabello, como que bem satisfeito de ter escapado a um perigo. — Acho que posso confessar-me deste peccado, mesmo com risco de zangar um pouco a minha Joanna <0010121>, e vi que este espirito, quando indignado, não é uma geleira <0010122>. Hontem na noite fresca de luar até faiscavas, quando te revoltaste contra a tua sorte e reclamaste ser igual a mim. Joanninha, para nós não nos esquecermos disto, foste <0010330> tu <0010133> quem me fez a offerta <0010134>.

— Os sentimentos della concentravam-se em um só: no orgulho; e este se deve humilhar. Joanna, [tu <0010131>] estavas <0010330> com ciume?

— O senhor tem um espirito exquisito, calculador, e [eu <0010121>] temo <0010320> que seus princípios sejam excêntricos em um ou outro ponto.

— Mais uma vez e serio: Posso eu <0010121> gozar <0010320> da minha grande dita sem receiar que alguém soffra as amarguras que me torturavam até ha pouco <0010122>?

— Minha petição está prompta! Communique suas intenções á sra Fairfax. Ella viu-me <0010122> hontem de noite com o senhor no vestibulo e ficou escandalizada. Explique-lhe o acontecido antes de eu <0010121> tornar a vel<0010320>-a, porque doe <0010320>-me <0010121> ser julgada mal por uma mulher tão bôa.

— Deve ter pensado que me esquecia de minha posição e da sua <0010122>, senhor.

— [Eu <0010121>] Gostaria <0010320> muito que nos acompanhasse.

— Ora, Joanna, que [tu <0010121>] queres <0010320>? Has de forçar-me até a passar por uma cerimonia de matrimonio especial sem ser a defronte do altar. Exiges termos especiaes; quaes são?

— [Eu <0010111>] Só quero guardar <0010310> meu espirito desafogado, senhor; não opprimido por obrigações. Lembra-se do que disse da Céline Varens; das pedras preciosas e cachemiras que lhe déra? Eu <0010133> não serei <0010330> sua Céline ingleza. [Eu <0010111>] Continuarei <0010310> em meu posto de governante de Adelia,[e eu <0010111> continuarei] ganhando <0010310> desta sorte meu sustento e alojamento e trinta libras por anno. Com este dinheiro [eu <0010111>] comprarei <0010310> o meu enxoval e o senhor nada me <0010113> dará afora...

— Afora sua estima e, em troco, [eu <0010111>] lhe darei <0010310> a minha <0010112> e estamos quites.

— [Eu <0010111>] Nunca jantei <0010310> com o senhor e [eu <0010121>] não vejo <0010320> razão para [eu] fazel-o <0010122> até que...

— Até que [eu <0010111>] possa agir <0010310> de outra maneira.

— [Eu <0010121>] Ainda não formei <0010320> opinião a respeito, senhor. Entretanto, [eu <0010111>] insisto em continuar <0010310> o meu modo de viver <0010112> por mais este mez.

— Acha? Com sua licença [eu <0010111>] não a largarei <0010310>. Como dantes, [eu <0010111>] ficarei <0010310> longe do senhor o dia inteiro. Pode mandar chamar-me <0010144> á noite, si assim achar conveniente, e [eu <0010111>] irei <0010310>, mas só então.

— Com muito gosto, senhor. Hei de esforçar-me <0010111> [a tocar <0010310> o acompanhamento].

— Seria? Eu <0010121> considerava <0010320>-a muito natural e até necessaria: pois elle tinha dito que sua mulher morreria com elle. Que pretendia com aquella idéa pagan? Eu <0010131> não tinha <0010330> vontade de morrer com elle, ficasse sabendo.

— Era. Eu <0010131> tinha <0010330> direito de morrer, quando viesse a minha hora; mas [eu <0010111>] queria esperal<0010310>-a e [eu <0010131> queria] não ser <0010330> levada á sua pyra funeraria como uma viuva oriental.

— Não; que me <0010122> desculpasse!

— Hei de calar <0010350>-me <0010151>, quando me <0010121> approuver <0010320> e, no tocante ao sizo, [eu] <0010141> lisonjeio <0010340>-me <0010144> de [eu] possuir bastante [sizo] <0010143>.

— Joanna! nunca me entrou na mente maguar-te <0010121>. Si um homem que tivesse uma só velhinha, que lhe fosse cara como a propria filha e a qual comesse em seu prato e bebesse de seu copo e dormisse sobre seu peito, por qualquer engano a tivesse morto no açougue, não teria chorado mais seu desatino irreparavel do que eu choro o meu... Pódes perdoar-me?

— [Tu <0010121>] Sabes <0010320> que sou um malvado, Joanna? — inquiriu com ansia, depois de breve pausa, provavelmente por não comprehender meu silencio continuado e minha mansidão, resultado antes da minha fraqueza do que da vontade.

— Sim, senhor, [eu <0010121> sei <0010320> que o senhor é um malvado].

— [Eu <0010141>] Não posso [dizer <0010340>, [eu <0010131>] estou <0010330> cansada e doente. Dê-me <0010113> agua! Soltou um suspiro, estremecendo e, tomando-me em seus braços, levou-me escada abaixo. Primeiro nem notei a que quarto me levava, tudo estava velado para minha vista fraca; dahi a nada, porém, senti o calor animador do fogo, pois, apesar de estarmos no verão, como que gelára em meu quarto. Chegou a meus labios um copo de vinho; provei-o e fiquei confortada. Comi tambem o que me offereceu e aos poucos tornei a mim. Estavamos na bibliotheca: eu assentada em sua cadeira, elle ao pé de mim. Si pudesse agora livrar-me da vida sem demasiada dôr, seria bôa sorte a minha, pensei; não teria que rebentar a força as cordas de meu coração, ao separal-as das do sr Rochester. Evidentemente devo deixal-o, mas não quero deixal-o, não posso.

— Como estás [te <0010121> sentindo <0010320>] agora, Joanna?

— [Me <0010121> sinto <0010320>] Muito melhor, senhor, em breve [eu <0010131>] estarei <0010330> boa.

— Prova <0010320> [você <0010121>] o vinho mais uma vez, Joanna.

— Em todo o caso, para tal [eu <0010131>] não tenho <0010330> direito, senhor.

— Sim [Eu <0010141> diria <0010340> que é porque já tem mulher].

— [Eu <0010111>] Não desejo agir <0010310> contra o senhor — disse eu; e minha voz incerta acautelou-me que abreviasse a phrase.

Limpei e firmei a voz para replicar: — Tudo mudou em torno de nós, senhor, eu <0010111> tambem devo mudar <0010310>. É claro como a luz do dia. E, para avitar

fluctuações de sentimentos e combates continuos com lembranças e associações de idéas, há só um meio: Adelia precisa de uma nova governante.

— Pois não, Adelia irá para o collegio, como já está determinado, nem tão pouco te quero atormentar com lembranças odiosas de Thornfield Hall, deste sitio amaldiçoado, desta gehenna com seu demonio, que com ser um só é peor do que uma legião dos que podemos imaginar. Joanna, tu <0010131> não deves ficar <0010330> aqui nem eu hei de ficar. Fiz mal em trazer-te a Thornfield Hall, sabendo que era infestada. Mandara a todos severamente que te occultassem o estado das coisas antes de te ter visto, já por temor de que aliás nunca tivesse governante para Adelia, já por não poder retirar a doida. E' verdade que possuo uma casa antiga na chacara de Ferndean, ainda mais escusa do que esta residencia. Ahi a louca teria ficado bem guardada, mas o insalubre da localidade causou-me escrupulos. Os muros humidos ter-me-iam livrado da cruz em pouco tempo; todavia deixe-se a cada patife a sua maldade individual, a do assassinio indirecto não é a minha.

Interrompi-o:— O senhor fala com antipathia, com odio vingativo da desgraçada mulher. [Eu <0010121>] Acho <0010320> isto cruel.

— [Eu <0010121>] Acho <0010320> que [me odiaria] sim <0010122>, senhor.

Neste caso, enganas-te mais uma vez e não sabes de que amor sou capaz. Cada atomo de tua carne me é tão caro como a minha propria. Teu espirito é meu thesouro e, quebrando-se a casca, será ainda meu thesouro. Si te arremessasses sobre mim com furia como aquella mulher, receber-te-ia com abraço não menos amoroso do que devia ser defensivo; e nos momentos calmos não terias outro guarda nem outro servente que a mim, embora nunca me sorrisses, nem me reconhecesses, nunca me cansaria de olhar teus olhos. Mas estava a falar em remover-te de Thornfield Hall. Sabes que tudo está prompto para a partida, amanha irás. Supporta <0010320> [você <0010121>] mais uma só noite, Joanna, debaixo deste tecto, depois: adeus miserias e terrores para sempre! Tenho um santuario seguro contra lembranças repugnantes, fechado a intrusões desagradaveis, protegido contra mentira e calumnia.

— Que [tu <0010121>] pretendes <0010320>, Joanna? Já te disse que Adelia irá para o collegio. Que faria eu com uma creança, com a bastarda intrusa de uma dansarina franceza? Por que me importunas com ella?

— Joanna, [tu <0010121>] não queres acceitar <0010320> razões? — Inclinou-se e falou-me quasi ao ouvido. — Pois se te não rendes de bom grado, tentarei a violencia. A voz era rouca; o olhar, o de um homem que está para quebrar grilhões insupportaveis. Vi que com mais um augmento de excitação, por pequeno que fosse, eu já não poderia com elle. Um movimento só de repulsão, de afastamento, de medo, teria sellado minha perdição e a delle. Mas não tinha medo, nem sombra de medo. Sentia um poder interior de influencia sobre elle que me amparava. A crise era perigosa, mas não sem seu encanto; era semelhante ao do indio que na canoa deslisa sobre a cachoeira. Peguei-lhe na mão cerrada, soltei-lhe os dedos contorcidos e disse-lhe com brandura:

— Sente-se, senhor Rochester; [eu <0010141>] vou falar <0010340>-lhe quanto quizer e [eu <0010121>] vou] ouvir <0010320> tudo quanto tiver para dizer, quer seja razoavel, quer irrazoavel.

— Joanna, Joanna! — disse elle em tons que me fizeram vibrar cada nervo; [tu <0010121>] não me amas <0010320> deveras. Era só minha posição social que desejavas. Agora que me julgas impossibilitado de ser teu marido, recuas a meu contacto, como si eu fosse um animal nojento.

— Mas eu <0010121> amo <0010320>-o — disse — e mais que nunca; porém [eu <0010111>] não lh'ò devo mostrar <0010310> e esta é a ultima vez que [eu <0010141>] lh'ò confesso <0010340>.

— Não, senhor, [eu <0010121>] sei <0010320> muito bem que [eu] não posso [viver com o senhor, eu não posso vê-lo todos os dias e eu não posso ficar fria e afastada] <0010122>; e por isso há só uma solução da difficuldade; mas o senhor ficará furioso, si [eu <0010141>] lh'a disser <0010340>.

— [Eu <0010111>] Devo deixal <0010310>-o,[eu <0010111>] devo deixar <0010310> Adelia e Thornfield; [eu <0010111>] devo começar <0010310> uma nova existencia entre gente estranha e scenas estranhas.

— Senhor, sua mulher vive; o senhor mesmo reconheceu o facto esta manhan; por conseguinte, si eu <0010111> vivesse <0010310> com o senhor [eu <0010133>] seria <0010330> sua amasia; falar noutros termos, seria sophisma, seria falsidade.

— Sou um bobo, — gritou o sr Rochester de repente; — repito-lhe vinte vezes que não sou casado e não lhe explico por que. Mas estou certo de que Joanna <0010121> concordará <0010320> commigo, ao saber <0010320> [ela <0010121>] tudo o que eu sei. Queres ouvir-me?

— Sim, senhor [eu <0010121> quero ouvi <0010320>-lo], por horas si quizer.

— Só peço minutos. Joanna, tu <0010121> já ouviste <0010320> dizer que não sou o filho mais velho de nossa casa?

— Lembra <0010320>-me <0010121> que a sra Faiafax m'ò disse <0010122>.

— [Eu <0010121>] Ouvi <0010320> alguma coisa a respeito.

Meu irmão morreu nesse tempo e depois de mais quatro annos meu pae seguiu-o. Isto me tornou rico, e apesar de tudo estava indigente. Por nenhum procedimento legal me podia livrar da comnheira mais impura, depravada e grosseira, a qual por lei e costume geral fazia parte de mim; seus excessos tinham nella desenvolvido prematuramente os germens da loucura, os medicos declararam-n'a louca e, por conseguinte, era impossivel obter della um consentimento valido de divorcio. — Mas, Joanna, [tu <0010131> parecez estar <0010330> doente de nojo; [tu <0010121>] queres <0010320> que adie o resto da narrativa para outro dia?

— Não, senhor, acabe tudo agora; [eu <0010121>] sinto <0010320> a sua infelicidade, senhor, [eu <0010121>] sinto <0010320>-a muito.

— A compaixão que se revela em teu rosto <0010133>, Joanna, da qual teus olhos <0010111> transbordam <0010310>, e que faz teu coração <0010111> arfar <0010310> e tua mão <0010111> tremer <0010310>, me é <0010330> como o carinho de meiga mãe. Aceito-a, Joanna, de braços abertos.

Ora, Joanna, vejo em teu rosto que actualmente [tu] não estás a formar bom conceito de mim <0010122>. Achas-me um devasso brutal e perdido, não achas?

— De facto, [eu <0010121> não gosto <0010320> do senhor tanto como em outras ocasiões. Não acha isso máu, viver já com esta mulher, já com aquella? E fala destas coisas como de negócios de cada dia...

«E logo depois de ter pesado sobre aquelle hombro debil, alguma coisa nova, como seiva de vida pujante, coou-se para dentro de meu corpo. Bom foi saber que a fada devia voltar a mim, que pertencia á casa lá em baixo; aliás não a podia deixar deslizar-se-me por debaixo da mão e vel-a sumir-se atraz da cêrca escura sem ficar sentido no intimo da alma. Ouvi-te voltar a casa <0010122>, áquella noite, Joanna, embora [tu <0010121>] não tenhas notado <0010320> que eu pensava em ti e te esperava <0010122>.

Julgo que aquellas visões não eram sombrias, pois transluzia ocasionalmente alegria em tua vista e excitação brando em teu aspecto; teu olhar revelava os doces sonhos da mocidade. A voz da sra Fairfax, que falava á criada, acordou-te <0010112>; e quão exquisitamente te <0010151> sorriste <0010350>; rindo <0010350>-te <0010151> de ti mesma, Joanninha! Havia muita significação em teu sorriso; era muito sagaz e parecia mofar da tua propria abstracção. Dizia:— Minhas visões finas são muito boas, mas não devo esquecer que são absolutamente irreaes. Em meu cerebro tenho um firmamento roseo e um paraíso florido. No entanto, ahí fóra, sei-o muito bem, estende-se para meus pés uma calhe escarpada e, em redor de mim, amontoam se negras trovoadas.

— Não me <0010142> fale mais daquelles dias, senhor! — atalhei, enxugando furtivamente uma lagrima, pois esta linguagem torturava-me e difficultava o cumprimento de meu dever.

— [Tu] <0010131> Tens <0010330> razão, Joanna. Para que demorar-mos com o passado, si o presente é tanto mais seguro e o porvir tanto mais brilhante.

Joanna ! [tu <0010111>] dá <0010310>-m'o agora! Pausa.

— Por que [tu <0010131>] ficas <0010330> calada, Joanna?

Joanna, [tu <0010121>] não percebes <0010320> o que quero de ti? Só as palavras: — Serei tua, Eduardo.

— Sr Rochester, [eu <0010133>] não serei <0010330> sua.

— Joanna! — continuou elle com brandura que me opprimia de angustia e me punha fria como uma pedra, pois aquella voz abafada era o offegar do leão que se prepara para o salto — Joanna, [tu <0010121>] queres dizer <0010320> que tu tencionas tomar um rumo neste mundo e deixar-me enfiar por outro <0010122>?

— Sim [eu <0010121> quero dizer <0010320> que eu tenciono tomar um rumo neste mundo e deixá-lo se enfiar por outro <0010122>], senhor.

— Joanna, — e inclinou-se para mim e abraçou-me; — e mesmo assim [tu <0010121> queres dizer <0010320> que tu tencionas tomar um rumo neste mundo e deixar-me se enfiar por outro <0010122>]?

— Mesmo assim [eu <0010121> quero dizer <0010320> que eu tenciono tomar um rumo neste mundo e deixá-lo se enfiar por outro <0010122>], senhor.

— É, e obedecer <0010320>-lhe sêl-o-ia mais.

— Faça o que eu <0010111> faço <0010310>: confie em Deus e em si. Creia no céu e espere encontrar-me de novo ali!

— Sr Rochester, eu <0010111> não lhe assigno <0010310> esta sorte tão pouco como [eu <0010111>] a escolho <0010310> para mim <0010113>. O senhor nasceu para lutar e soffrer como eu <0010111> [nasci <0010310> para lutar e soffrer] e ha de esquecer-me <0010122> antes que eu <0010121> [esqueça <0010320>] ao senhor.

— Oh! Vem <0010310> [você <0010111>], Joanna, vem <0010310> [você <0010111>!]

— Sempre te <0010111> vaes <0010310>, Joanna?

— [Eu <0010111>] Vou <0010310>, senhor.

— Sim [eu <0010111>] o deixo <0010310>].

Quão duro me foi repetir: — [Eu <0010111>] Vou <0010310>, senhor.

— O amor de Joanninha <0010133> seria <0010330> o melhor galardão; sem elle, parte-se-me o coração. Mas a Joanna <0010111> ainda m'o <0010112> ha de dar <0010310>, sim: espontanea, generosamente!

— Decerto, — respondi; — mas eu <0010111> não poderia desta maneira proceder <0010310> sempre; eu <0010121> quero tirar gozo <0010320> das minhas proprias facultades tanto como [eu quero] cultivar as dos outros <0010122>, e desde já; não me <0010144> reclame nem o espirito nem o corpo para a aula; [eu <0010131>] estou <0010330> fora della e [eu <0010121>] quero desfructar <0010320> as ferias.

— [Eu <0010131>] Quero ser <0010330> activa, activa o mais possivel e para esse effeito antes de tudo o senhor deve dispensar a velha Joanna.

— [Eu <0010121>] preciso <0010320> della] para me acompanhar á casa da Charneca <0010122>. Diana e Maria estarão de volta daqui a uma semana e [eu <0010121>] desejo <0010320> que tudo esteja prompto para a vinda dellas.

— Diga-lhe que esteja ás minhas ordens amanha. Aqui tem a chave da escola; amanha [eu <0010111>] lhe entregarei <0010310> tambem a da casa.

— Meu <0010111> primeiro intento é fazer <0010310> a limpeza da casa. [Eu <0010121>] Tomo a liberdade de suspeitar <0010320> que o senhor não abranja a força do termo; sim, a limpeza da Casa da Charneca, desde a cumieira até aos alicerces; o [meu] segundo [intento] <0010111> é brunil <0010310>-a com cera e oleo até luzir; o [meu] terceiro [intento] <0010111>, dispôr <0010310> cada cadeira, mesa, leito, tapete, quadro, com plano e gosto. Depois, [eu <0010111>] vou arruinar <0010310> o senhor com compras de carvão e lenha e, nos ultimos dois dias antes da chegada das primas, Joanna e eu havemos de perpetrar tal bater de ovos, escolher de passas, peneirar de especiarias, amassar de bolos e passar por todos os demais intrincadissimos ritos culinarios, que a lingua humana não pode explicar cabalmente a um não iniciado como é o senhor; em uma palavra, minha ambição <0010111> é dar <0010310> ás priminhas umas boas vindas de arromba.

— Mas [eu <0010131>] pretendo ser <0010330> muito trabalhadora.

— João, não é bom falar desta maneira. [Eu] Sinto-me <0010131> disposta a estar <0010330> contente como uma rainha e o senhor me <0010112> quer atçar e desassocegar! Para que fim?

Guarde a sua constancia e seu fervor para um objecto digno, e não os desperdice, apegando-se á carne e estas ninharias transitorias. [Tu <0010121>] Ouve <0010320>-me, Joanna?

— Sim [eu <0010121> o ouço <0010320>], como si o senhor estivesse a falar grego. [Eu <0010121>] Julgo <0010320> ter bastantes razões para me sentir feliz <0010122>, e feliz [eu <0010131>] quero ser <0010330>. Boas noites!

— Depri-me <0010320>-me <0010121> o escrupulo de que talvez as alterações tivessem melindrado associações de idéas presadas.

— Já vê <0010320> [você <0010121>], Joanna, a batalha está dada, a Victoria ganha.

— Joanna <0010131> não é <0010330> creança delicada como as manas a querem fazer <0010132>; [ela <0010121>] póde [aguentar <0010320>] muito bem com um pé de vento ou um chuveiro ou uns flocos de neve. A constituição della é rija e elastica, melhor adaptada para aguentar as variações do tempo do que a de gente robusta.

— Joanna — encetou elle — que [tu <0010111>] estás a fazer <0010310>?

— [Eu <0010121>] Estudo <0010320> allemão.

— Ora, João; chamas a Joanna tua terceira irman <0010413>; mas não a <0010112> tratas como tal; devias beijal-a tambem!

Esperemos alguns minutos, Joanna, até [você <0010131>] estar <0010330> mais calma», e, enquanto eu estrangulava o paroxysmo o mais ligeiro possivel, elle ficava assentado, calmo e paciente, encostado na escrevaninha, olhando como o medico que observa com interesse scientifico a crise esperada e perfeitamente entendida na doença do enfermo. Tendo estancado os soluços, enxugado os olhos e murmurado alguma coisa: não estar

bem bôa aquela manhan, voltei a meu exercicio e sahi-me bem. João depoz meu livro e o d'elle, fechou sua mesa e disse:

— Agora, a Joanna <0010111> vae dar <0010310> um passaiô e ha de ser commigo.

— [Eu <0010141>] Chamarei <0010340> Diana e Maria.

— Meu coração <0010131> é <0010330> mudo, meu coração <0010131> é <0010330> bem mudo, — respondi; espantada e estremecendo.

Neste caso devo eu falar em logar d'elle, — continuou em voz baixa, inexoravel. — Joanna, venha <0010310> [você <0010111>] commigo para as Indias; venha <0010310> [você <0010111>] como minha auxiliadora, minha companheira de trabalho.

— [Eu <0010131>] Não dou <0010330> para isso; [eu <0010131>] não tenho <0010330> coração! — disse implorando.

Pense <0010320> [você <0010121>] como eu, Joanna; confie <0010320> [você <0010121>] como eu. Apoie-se na montanha dos seculos, que não ha de succumbir ao peso de nossa fraqueza humana.

— [Eu <0010121>] Não entendo <0010320> a vida de missionario, [eu <0010121>] nunca estudei <0010320> esses trabalhos.

— No principio hei de ajudal-a <0010113>; apontar-lhe <0010113>-ei o trabalho de hora em hora, e dentro em pouco a Joanna [<0010121>], pois conheço-lhe <0010122> as forças, já não precisará <0010320> de minha assistencia.

— Mas, senhor, onde estão estas forças? onde está o chamamento? Emquanto fala, nada responde em meu interior, nenhum vislumbre, nenhuma pulsação accelerada, nenhuma voz poderosa me <0010121> anima <0010320> e [me <0010121> conforta <0010320>]. Oxalá lhe podesse fazer ver as trevas que tornam meu espirito um calabouço, morada de fantasmas pavorosos, das coisas impossiveis que o primo me quer persuadir a tentar <0010122>.

A Joanna <0010131> é <0010330> docil, applicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica; [você <0010121>] cesse de desconfiar <0010320> de si <0010122>, eu lhe <0010113> dou minha inteira confiança. Como directora de escolas e cooperadora no trabalho das mulheres, sua assistencia me será inapreciavel.

— [Eu <0010111>] Irei <0010310> para a India, si [eu <0010111>] posso ir <0010310> livre como estou.

Considere <0010320> [você <0010121>] isto um momento, Joanna. Seu bom senso ha de guial-a.

— Primo João, [eu <0010121>] estimo <0010320>-o como meu irmão e o senhor me tem como irman; deixe-nos continuar da mesma maneira.

— Não póde ser; não me serve — replicou com curta e decidida determinação. — Entretanto a Joanna <0010141> disse <0010340> que [a Joanna] irá commigo para a India <0010143>, não esqueça <0010320> [você <0010121>]... Tenho a sua palavra.

— Condicionalmente [Eu <0010141> disse <0010340> que [eu] iria com você para a India <0010143>].

— Não importa. Ao ponto principal: á partida da Inglaterra e á participação em meus trabalhos apostolicos Joanna <0010141> não faz objecção <0010340>. Poz a mão ao arado, sua coherencia não lhe permite largal-o; os laços de irmão e irman são frouxos; uma irman póde me ser tirada a qualquer momento; devo ter uma esposa que eu possa influenciar efficazmente e reter absolutamente até á morte.

— [Eu <0010111>] Darei <0010310> ao missionado todas as minhas energias <0010112>, que é tudo que elle quer, mas [eu <0010111>] não [darei <0010310>] minha pessoa <0010112>. Seria só accrescentar a casca ao nucleo.

Daquella o missionado em questão não pode tirar proveito; por isto [eu <0010111>] a reservo <0010310> para mim <0010113>.

— Ora! A Deus [eu <0010111>] hei de dar <0010310> todo o meu coração <0010112>, pois que o primo não o quer para si!

**Joanna <0010111> ha de apressar <0010310>-se a realizar esta união.**

— Acha [que eu <0010111> hei de apressar <0010310>-me a realizar esta união]? — disse eu laconicamente e examinei-o de novo. Sim, como companheira — scismei— como coadjutora, poderia emular com sua coragem, sua devoção, seu vigor; ficando assim livres meu coração e meus sentimentos naturaes; mas como esposa, sempre a seu lado, sempre constringida e refreitada, forçada a sempre abafar o fogo de minha natureza e compellil-o a arder por dentro de mim, sem nunca dar um grito, apesar de se me consumirem as entranhas ás chammas do affecto... isso seria intoleravel... não, mil vezes, não! <Omissão>

— [Eu <0010141>] Repito <0010340>: [Eu] Consinto livremente em acompanhal-o como missionaria; mas não como sua mulher <0010143>, [eu <0010111>] não posso casar <0010310> com o senhor e [eu <0010133> não posso] ser <0010330> sua.

— [Eu <0010121>] Julgo <0010320> que em nossas circumstancias individuaes, exactamente como si eu <0010133> fosse <0010330> sua irman carnal ou um homem ou clerigo como o senhor.

— E que mal haverá nisto? — perguntei com certo desdém. — [Eu <0010131>] Tenho <0010330> um coração de mulher, mas não no tocante ao senhor. Para o primo [eu <0010131>] terei <0010330> a constancia de um camarada, a franqueza, a fidelidade de um soldado, o respeito e a submissão de um neophyto para com o hierophante: mais nada; não precisa ter medo.

A Joanna <0010121> não se havia de arrepender <0010320> de casar commigo. Estou certo de que o amor haveria de seguir-se a nossa união, em tal gráu que a fizesse accetivel até a seus olhos.

Levantei-me e, encostando-me ao rochedo, disse: — [Eu <0010121>] Despréso <0010320> sua idéa de amor, sua contrafacção de amor e [eu <0010121>] despréso <0010320> até ao senhor mesmo, quando m <0010113>'a offerece.

— Perdoe-me <0010122> as palavras, João. Mas, para que introduz um ponto em que nossas naturezas intimas discordam? Já o nome de amor nos põe em opposição; que fadamos com o objecto? Querido primo, abandone esse plano de casamento, esqueça-o.

— João, sinto <0010320>-me <0010121> infeliz, porque o senhor ainda está mal commigo. Sejamos amigos.

— [Eu <0010121>] Acredito <0010320>, João, pois o senhor não é capaz de querer mal a alguém. Entretanto, como sua parenta, [eu <0010121>] desejo <0010320> um pouco mais de affeição do que aquella philanthropia geral que estende a qualquer estranho.

— Quando eu fôr para a India, Joanna, eu a <0010112> deixo? Então a prima não vae para a India?

— O senhor disse que [eu <0010111>] não podia [ir <0010310>] a não ser como sua consorte.

— Não, João, [eu <0010133>] não quero ser <0010330> sua mulher.

— Antes, [essa recusa] era porque o senhor me <0010122> não amava; agora [eu <0010141>] digo <0010340> porque me tem quasi odio <0010143>. Si me <0010111> casasse <0010310>, o senhor me <0010112> mataria; já me <0010112> está a matar.

Continuei, todavia: — Agora [eu <0010121>] sei <0010320> que [eu] o tornei meu inimigo eterno <0010122>; reconciliação já será impossivel de todo.

— O primo interpreta mal minhas palavras; [eu <0010121>] não tenciono magual<0010320>-o; não, certo que não.

— [Eu <0010111>] Irei <0010310> como sua assistente — disse.

— O primo João está a fazer fita. Faz-se escandalizar pelo que eu disse <0010122>. Ora, um homem de sua capacidade não pôde entender mal minha resposta <0010122>; e [eu <0010141>] repito <0010340>:[Eu] Quero ser sua coadjutora, si lhe convém; sua mulher, nunca <0010143>!

Retruquei: — Não há deshonra nem quebra de promessa nem deserção. [Eu <0010121>] Não tomei <0010320> sobre mim a minima obrigação de ir para a India e muito menos com uma estranha <0010122>. Com o senhor me <0010111> atreveria <0010310> a muito, porque [eu <0010131>] lhe tenho <0010330> confiança e [eu <0010121>] o amo <0010320> como irmão. Mas [eu] estou tambem convencida de que, indo <0010310>, quando e com quem quer que [eu <0010111>] fosse, [eu <0010111>] não viveria

<0010310> muito tempo naquelle clima; o que, até [eu <0010121>] ver <0010320> chamamento mais claro, me parece ser signal de que Deus me não quer ali <0010132>.

— Tem razão. E Deus não quererá que me <0010111> suicide <0010310> levemente. Além disso, antes de [eu <0010111>] sahir <0010310> da Inglaterra, [eu <0010121>] quero saber <0010320> ao certo si [eu] não poderei ser de maior utilidade ficando do que partindo <0010122>.

— Seria inutil [eu <0010141>] attentar <0010340> explicações. Mas saiba que me <0010111> não posso afastar <0010310> deste paiz, antes de [eu <0010121>] ter esclarecido <0010320> a duvida que me atormenta há muito tempo <0010122>.

— A Joanna <0010111> devia ter esmagado <0010310> debaixo dos pés esses pensamentos e [a Joanna <0010111>] devia corar <0010310> ao alludir a elles, pois [a Joanna <0010121>] pensa <0010320> no sr Rochester.

— [Eu <0010121>] Devo saber <0010320> o que é feito delle.

— Então não me resta mais nada do que pedir a Deus com todas as instancias que nossa Joanna <0010131> não seja <0010330> contada entre os reprobos; pensara ver nella <0010122> uma das escolhidas; mas Deus não vê como os homens. Seja feita sua santissima vontade!

— Joanna, nos ultimos [tu <0010131>] tempos estás <0010330> sempre agitada e pallida. Alguma coisa ha que não está bem. O que ha entre ti e João? Perdoa-me a espionagem; mas desde algum tempo imagino nem sei o quê. João é um homem exquisito — não soube continuar.

— João tem seus planos com a prima, mostra-te um interesse como nunca mostrou a ninguem — para que? Desejava que te amasse <0010122>, — ama-te <0010122>, Joanna?

[Tu <0010121>] Não o amas <0010320>, Joanna?

— Poderia decidir <0010320>-me <0010121>, si [eu <0010131>] estivesse <0010330> certa de ser a vontade de Deus que [eu <0010111>] me case <0010310> com o senhor, seguisse depois o que seguisse.

## APÊNDICE C – CAPÍTULOS ANALISADOS DA TEXTUALIZAÇÃO

### CHAPTER XXIV

As I rose and dressed, I thought over what had happened, and wondered if it were a dream. I could not be certain of the reality till I had seen Mr Rochester again, and heard him renew his words of love and promise.

While arranging my hair, I looked at my face in the glass, and felt it was no longer plain: there was hope in its aspect and life in its colour; and my eyes seemed as if they had beheld the fount of fruition, and borrowed beams from the lustrous ripple. I had often been unwilling to look at my master, because I feared he could not be pleased at my look; but I was sure I might lift my face to his now, and not cool his affection by its expression. I took a plain but clean and light summer dress from my drawer and put it on: it seemed no attire had ever so well become me, because none had I ever worn in so blissful a mood.

I was not surprised, when I ran down into the hall, to see that a brilliant June morning had succeeded to the tempest of the night; and to feel, through the open glass door, the breathing of a fresh and fragrant breeze. Nature must be gladsome when I was so happy. A beggar-woman and her little boy—pale, ragged objects both—were coming up the walk, and I ran down and gave them all the money I happened to have in my purse—some three or four shillings: good or bad, they must partake of my jubilee. The rooks cawed, and blither birds sang; but nothing was so merry or so musical as my own rejoicing heart.

Mrs Fairfax surprised me by looking out of the window with a sad countenance, and saying gravely —“Miss Eyre, will you <0010111> come <0010310> to breakfast?” During the meal she was quiet and cool: but I could not undeceive her then. I must wait for my master to give explanations; and so must she. I ate what I could, and then I hastened upstairs. I met Adèle leaving the schoolroom.

“Where are you going? It is time for lessons.”

“Mr. Rochester has sent me away to the nursery.”

“Where is he?”

“In there,” pointing to the apartment she had left; and I went in, and there he stood.

“Come and bid me good-morning,” said he. I gladly advanced; and it was not merely a cold word now, or even a shake of the hand that I received, but an embrace and a kiss. It seemed natural: it seemed genial to be so well loved, so caressed by him.

“Jane, you <0010131> look <0010330> blooming, and smiling, and pretty,” said he: “truly pretty this morning. Is this my pale, little elf? Is this my mustard-seed? This little sunny-faced girl with the dimpled cheek and rosy lips; the satin-smooth hazel hair, and the radiant hazel eyes?” (I had green eyes, reader; but you must excuse the mistake: for him they were new-dyed, I suppose.)

“It is <0010330> Jane Eyre <0010134>, sir.”

“Soon to be <0010330> Jane Rochester <0010134>,” he added: “in four weeks, Janet; not a day more. Do you hear that?”

I did, and I could not quite comprehend it: it made me giddy. The feeling, the announcement sent through me, was something stronger than was consistent with joy—something that smote and stunned. It was, I think almost fear.

“You <0010111> blushed <0010310>, and now you <0010131> are <0010330> white, Jane: what is that for?”

“Because you gave me <0010113> a new name—Jane Rochester; and it seems so strange.”

“Yes, Mrs Rochester,” said he; “young Mrs Rochester—Fairfax Rochester’s girl-bride.”

“It can never be, sir; it does not sound likely. Human beings never enjoy complete happiness in this world. I <0010131> was <0010330> not born for a different destiny to the rest of my species: to imagine such a lot befalling me <0010131> is <0010330> a fairy tale—a day-dream.”

"Which I can and will realise. I shall begin to-day. This morning I wrote to my banker in London to send me certain jewels he has in his keeping,—heirlooms for the ladies of Thornfield. In a day or two I hope to pour them into your lap: for every privilege, every attention shall be yours that I would accord a peer's daughter, if about to marry her."

"Oh, sir!—never rain jewels! I <0010121> don't like to hear <0010320> them spoken of. Jewels for Jane Eyre <0010131> sounds <0010330> unnatural and strange: I <0010131> would rather not have <0010330> them."

"I will myself put the diamond chain round your neck <0010113>, and [I will myself put] the circlet on your forehead <0010113>,—which it will become: for nature, at least, has stamped her patent of nobility on this brow, Jane; and I will clasp the bracelets on these fine wrists <0010113>, and load these fairy-like fingers <0010113> with rings."

"No, no, sir! think of other subjects, and speak of other things, and in another strain. Don't address me <0010142> as if I <0010131> were <0010330> a beauty; I <0010133> am <0010330> your plain, Quakerish governess."

"You are a beauty in my eyes, and a beauty just after the desire of my heart,—delicate and aerial."

"Puny and insignificant, you mean. You are dreaming, sir,—or you are sneering. For God's sake don't be ironical!"

"I will make the world acknowledge you a beauty, too," he went on, while I really became uneasy at the strain he had adopted, because I felt he was either deluding himself or trying to delude me. "I will attire my Jane <0010113> in satin and lace, and she <0010131> shall have <0010330> roses in her hair; and I will cover the head <0010112> I love best with a priceless veil."

"And then you won't know me <0010122>, sir; and I <0010133> shall not be <0010330> your Jane Eyre <0010134> any longer, but [I <0010131> shall be <0010330>] an ape in a harlequin's jacket—a jay in borrowed plumes. I <0010121> would as soon see <0010320> you, Mr Rochester, tricked out in stage-trappings, as myself clad in a court-lady's robe <0010122>; and I <0010141> don't call <0010340> you handsome, sir, though I <0010121> love <0010320> you most dearly: far too dearly to flatter you. Don't flatter me <0010142>."

He pursued his theme, however, without noticing my deprecation. "This very day I shall take you in the carriage to Millcote, and you must choose some dresses for yourself. I told you we shall be married in four weeks. The wedding is to take place quietly, in the church down below yonder; and then I shall waft you away at once to town. After a brief stay there, I shall bear my treasure to regions nearer the sun: to French vineyards and Italian plains; and she shall see whatever is famous in old story and in modern record: she shall taste, too, of the life of cities; and she shall learn to value herself by just comparison with others."

"Shall I <0010111> travel <0010310>?—and with you, sir?"

"You shall sojourn at Paris, Rome, and Naples: at Florence, Venice, and Vienna: all the ground I have wandered over shall be re-trodden by you: wherever I stamped my hoof, your sylph's foot shall step also. Ten years since, I flew through Europe half mad; with disgust, hate, and rage as my companions: now I shall revisit it healed and cleansed, with a very angel as my comforter."

I laughed at him as he said this. "I <0010131> am <0010330> not an angel," I asserted; "and I <0010131> will not be <0010330> one till I <0010111> die <0010310>: I <0010133> will be <0010330> myself <0010134>. Mr Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me <0010122>—for you will not get it [of me <0010113>], any more than I <0010111> shall get <0010310> it of you: which I <0010121> do not at all anticipate <0010320>."

"What do you anticipate of me?"

"For a little while you will perhaps be as you are now,—a very little while; and then you will turn cool; and then you will be capricious; and then you will be stern, and I <0010131> shall have <0010330> much ado to please you: but when you get well used to me <0010122>, you will perhaps like me <0010122> again,—like me, I <0010141> say <0010340>, not love me

<0010143>. I <0010121> suppose <0010320> your love will effervesce in six months, or less. I <0010121> have observed <0010320> in books written by men, that period assigned as the farthest to which a husband's ardour extends. Yet, after all, as a friend and companion, I <0010121> hope <0010320> never to become quite distasteful to my dear master."

"Distasteful! and like you again! I think I shall like you again, and yet again: and I will make you confess I do not only like, but love you—with truth, fervour, constancy."

"Yet are you not capricious, sir?"

"To women who please me only by their faces, I am the very devil when I find out they have neither souls nor hearts—when they open to me a perspective of flatness, triviality, and perhaps imbecility, coarseness, and ill-temper: but to the clear eye and eloquent tongue, to the soul made of fire, and the character that bends but does not break—at once supple and stable, tractable and consistent—I am ever tender and true."

"Had you ever experience of such a character, sir? Did you ever love such an one?"

"I love it now."

"But before me: if I, indeed, in any respect <0010133> come up <0010330> to your difficult standard?"

"I never met your likeness. Jane, you <0010122> please <0010320> me, and you <0010122> master <0010320> me—you <0010111> seem to submit <0010310>, and I like the sense of pliancy you impart <0010122>; and while I am twining the soft, silken skein round my finger, it sends a thrill up my arm to my heart. I am influenced—conquered; and the influence is sweeter than I can express; and the conquest I undergo has a witchery beyond any triumph I can win. Why do you <0010151> smile <0010350>, Jane? What does that inexplicable, that uncanny turn of countenance mean?"

"I <0010151> was thinking <0010350>, sir (you will excuse the idea; it was involuntary), I <0010151> was thinking <0010350> of Hercules and Samson with their charmers—"

"You were, you little elfish—"

"Hush, sir! You don't talk very wisely just now; any more than those gentlemen acted very wisely. However, had they been married, they would no doubt by their severity as husbands have made up for their softness as suitors; and so will you, I <0010121> fear <0010320>. I <0010121> wonder <0010320> how you will answer me a year hence <0010122>, should I <0010141> ask <0010340> a favour it does not suit your convenience or pleasure to grant."

"Ask <0010340> me [you <0010141>] something now, Jane,—the least thing: I desire to be entreated—"

"Indeed I <0010141> will [ask <0010340>], sir; I <0010131> have <0010330> my petition all ready."

"Speak! But if you look up and smile with that countenance, I shall swear concession before I know to what, and that will make a fool of me."

"Not at all, sir; I <0010141> ask <0010340> only this: don't send for the jewels, and don't crown me with roses <0010143>: you might as well put a border of gold lace round that plain pocket handkerchief you have there."

"I might as well 'gild refined gold.' I know it: your request is granted then—for the time. I will remand the order I despatched to my banker. But you have not yet asked for anything; you have prayed a gift to be withdrawn: try again."

"Well then, sir, have the goodness to gratify my curiosity <0010131>, which is <0010330> much piqued on one point."

He looked disturbed. "What? what?" he said hastily. "Curiosity is a dangerous petition: it is well I have not taken a vow to accord every request—"

"But there can be no danger in complying with this, sir."

"Utter <0010340> it [you <0010141>], Jane: but I wish that instead of a mere inquiry into, perhaps, a secret, it was a wish for half my estate."

"Now, King Ahasuerus! What do I <0010121> want <0010320> with half your estate? Do you think I am a Jew-usurer, seeking good investment in land <0010122>? I <0010131> would

much rather have <0010330> all your confidence. You will not exclude me <0010113> from your confidence if you admit me <0010113> to your heart?"

"You <0010131> are <0010330> welcome to all my confidence that is worth having, Jane; but for God's sake, don't [you <0010121>] desire <0010320> a useless burden! Don't long for poison—don't turn out a downright Eve on my hands!"

"Why not, sir? You have just been telling me <0010142> how much you liked to be conquered, and how pleasant over-persuasion is to you. Don't you think I had better take advantage of the confession, and begin and coax and entreat—even cry and be sulky if necessary—for the sake of a mere essay of my power <0010122>?"

"I dare you to any such experiment. Encroach, presume, and the game is up."

"Is it, sir? You soon give in. How stern you look now! Your eyebrows have become as thick as my finger <0010134>, and your forehead resembles what, in some very astonishing poetry, I <0010121> once saw <0010320> styled, 'a blue-piled thunderloft.' That will be your married look, sir, I <0010121> suppose <0010320>?"

"If that will be your married look, I, as a Christian, will soon give up the notion of consorting with a mere sprite or salamander. But what had you to ask, thing,—out with it?"

"There, you are less than civil now; and I <0010121> like <0010320> rudeness a great deal better than flattery. I <0010131> had rather be <0010330> a thing than an angel. This is what I <0010141> have to ask <0010340>,—Why did you take such pains to make me believe you wished to marry Miss Ingram <0010143>?"

"Is that all? Thank God it is no worse!" And now he unknit his black brows; looked down, smiling at me, and stroked my hair, as if well pleased at seeing a danger averted. "I think I may confess," he continued, "even although I should make you <0010131> a little indignant, Jane—and I have seen what a fire-spirit you can be when you are indignant <0010122>. You glowed in the cool moonlight last night, when you mutinied against fate, and claimed your rank as my equal. Janet, by-the-bye, it was <0010330> you <0010133> who made me the offer <0010134>."

"Of course I did. But to the point if you please, sir—Miss Ingram?"

"Well, I feigned courtship of Miss Ingram, because I wished to render you as madly in love with me as I was with you; and I knew jealousy would be the best ally I could call in for the furtherance of that end."

"Excellent! Now you are small—not one whit bigger than the end of my little finger. It was a burning shame and a scandalous disgrace to act in that way. Did you think nothing of Miss Ingram's feelings, sir?"

"Her feelings are concentrated in one—pride; and that needs humbling. Were <0010330> you <0010131> jealous, Jane?"

"Never mind, Mr Rochester: it is in no way interesting to you to know that. Answer me truly once more. Do you think Miss Ingram will not suffer from your dishonest coquetry? Won't she feel forsaken and deserted?"

"Impossible!—when I told you how she, on the contrary, deserted me: the idea of my insolvency cooled, or rather extinguished, her flame in a moment."

"You have a curious, designing mind, Mr Rochester. I <0010131> am <0010330> afraid your principles on some points are eccentric."

"My principles were never trained, Jane: they may have grown a little awry for want of attention."

"Once again, seriously; may I <0010121> enjoy <0010320> the great good that has been vouchsafed to me, without fearing that any one else is suffering the bitter pain I myself felt a while ago <0010122>?"

"That you may, my good little girl: there is not another being in the world has the same pure love for me as yourself—for I lay that pleasant unction to my soul, Jane, a belief in your affection."

I turned my lips to the hand that lay on my shoulder. I loved him very much—more than I could trust myself to say—more than words had power to express.

"Ask something more," he said presently; "it is my delight to be entreated, and to yield." I was again ready with my request. "Communicate your intentions to Mrs Fairfax, sir: she saw me <0010122> with you last night in the hall, and she was shocked. Give her some explanation before I <0010121> see <0010320> her again. It pains <0010320> me <0010121> to be misjudged by so good a woman."

"Go to your room, and put on your bonnet," he replied. "I mean you to accompany me to Millcote this morning; and while you prepare for the drive, I will enlighten the old lady's understanding. Did she think, Janet, you had given the world for love, and [you had] considered it well lost <0010122>?"

"I <0010121> believe <0010320> she thought I had forgotten my station, and yours <0010122>, sir."

"Station! station!—your station is in my heart, and on the necks of those who would insult you, now or hereafter.—Go."

I was soon dressed; and when I heard Mr Rochester quit Mrs Fairfax's parlour, I hurried down to it. The old lady, had been reading her morning portion of Scripture—the Lesson for the day; her Bible lay open before her, and her spectacles were upon it. Her occupation, suspended by Mr Rochester's announcement, seemed now forgotten: her eyes, fixed on the blank wall opposite, expressed the surprise of a quiet mind stirred by unwonted tidings. Seeing me, she roused herself: she made a sort of effort to smile, and framed a few words of congratulation; but the smile expired, and the sentence was abandoned unfinished. She put up her spectacles, shut the Bible, and pushed her chair back from the table.

"I feel so astonished," she began, "I hardly know what to say to you, Miss Eyre. I have surely not been dreaming, have I? Sometimes I half fall asleep when I am sitting alone and fancy things that have never happened. It has seemed to me more than once when I have been in a doze, that my dear husband, who died fifteen years since, has come in and sat down beside me; and that I have even heard him call me by my name, Alice, as he used to do. Now, can you tell me whether it is actually true that Mr Rochester has asked you to marry him? Don't laugh at me. But I really thought he came in here five minutes ago, and said that in a month you would be his wife."

"He has said the same thing to me," I replied.

"He has! Do you believe him? Have you accepted him?"

"Yes."

She looked at me bewildered. "I could never have thought it. He is a proud man: all the Rochesters were proud: and his father, at least, liked money. He, too, has always been called careful. He means to marry you?"

"He tells me so."

She surveyed my whole person: in her eyes I read that they had there found no charm powerful enough to solve the enigma.

"It passes me!" she continued; "but no doubt, it is true since you say so. How it will answer, I cannot tell: I really don't know. Equality of position and fortune is often advisable in such cases; and there are twenty years of difference in your ages. He might almost be your father."

"No, indeed, Mrs Fairfax!" exclaimed I, nettled; "he is nothing like my father! No one, who saw us together, would suppose it for an instant. Mr Rochester looks as young, and is as young, as some men at five-and-twenty."

"Is it really for love he is going to marry you?" she asked.

I was so hurt by her coldness and scepticism, that the tears rose to my eyes.

"I am sorry to grieve you," pursued the widow; "but you are so young, and so little acquainted with men, I wished to put you on your guard. It is an old saying that 'all is not gold that glitters;' and in this case I do fear there will be something found to be different to what either you or I expect."

"Why?—am I a monster?" I said: "is it impossible that Mr Rochester should have a sincere affection for me?"

"No: you are very well; and much improved of late; and Mr Rochester, I daresay, is fond of you. I have always noticed that you were a sort of pet of his. There are times when, for your sake, I have been a little uneasy at his marked preference, and have wished to put you on your guard: but I did not like to suggest even the possibility of wrong. I knew such an idea would shock, perhaps offend you; and you were so discreet, and so thoroughly modest and sensible, I hoped you might be trusted to protect yourself. Last night I cannot tell you what I suffered when I sought all over the house, and could find you nowhere, nor the master either; and then, at twelve o'clock, saw you come in with him."

"Well, never mind that now," I interrupted impatiently; "it is enough that all was right."

"I hope all will be right in the end," she said: "but believe me, you cannot be too careful. Try and keep Mr Rochester at a distance: distrust yourself as well as him. Gentlemen in his station are not accustomed to marry their governesses."

I was growing truly irritated: happily, Adèle ran in.

"Let me go,—let me go to Millcote too!" she cried. "Mr. Rochester won't: though there is so much room in the new carriage. Beg him to let me go mademoiselle."

"That I will, Adèle;" and I hastened away with her, glad to quit my gloomy mistress. The carriage was ready: they were bringing it round to the front, and my master was pacing the pavement, Pilot following him backwards and forwards.

"Adèle may accompany us, may she not, sir?"

"I told her no. I'll have no brats!—I'll have only you."

"Do let her go, Mr Rochester, if you please: it would be better."

"Not it: she will be a restraint."

He was quite peremptory, both in look and voice. The chill of Mrs Fairfax's warnings, and the damp of her doubts were upon me: something of unsubstantiality and uncertainty had beset my hopes. I half lost the sense of power over him. I was about mechanically to obey him, without further remonstrance; but as he helped me into the carriage, he looked at my face.

"What is the matter?" he asked; "all the sunshine is gone. Do you really wish the bairn to go? Will it annoy you if she is left behind?"

"I <0010121> would far rather <0010320> she went, sir."

"Then off for your bonnet, and back like a flash of lightning!" cried he to Adèle. She obeyed him with what speed she might.

"After all, a single morning's interruption will not matter much," said he, "when I mean shortly to claim you—your thoughts, conversation, and company—for life."

Adèle, when lifted in, commenced kissing me, by way of expressing her gratitude for my intercession: she was instantly stowed away into a corner on the other side of him. She then peeped round to where I sat; so stern a neighbour was too restrictive to him, in his present fractious mood, she dared whisper no observations, nor ask of him any information.

"Let her come to me," I entreated: "she will, perhaps, trouble you, sir: there is plenty of room on this side."

He handed her over as if she had been a lapdog. "I'll send her to school yet," he said, but now he was smiling.

Adèle heard him, and asked if she was to go to school "sans mademoiselle?"

"Yes," he replied, "absolutely sans mademoiselle; for I am to take mademoiselle to the moon, and there I shall seek a cave in one of the white valleys among the volcano-tops, and mademoiselle shall live with me there, and only me."

"She will have nothing to eat: you will starve her," observed Adèle.

"I shall gather manna for her morning and night: the plains and hillsides in the moon are bleached with manna, Adèle."

"She will want to warm herself: what will she do for a fire?"

"Fire rises out of the lunar mountains: when she is cold, I'll carry her up to a peak, and lay her down on the edge of a crater."

"Oh, qu'elle y sera mal—peu comfortable! And her clothes, they will wear out: how can she get new ones?"

Mr Rochester professed to be puzzled. "Hem!" said he. "What would you do, Adèle? Cudgel your brains for an expedient. How would a white or a pink cloud answer for a gown, do you think? And one could cut a pretty enough scarf out of a rainbow."

"She is far better as she is," concluded Adèle, after musing some time: "besides, she would get tired of living with only you in the moon. If I were mademoiselle, I would never consent to go with you."

"She has consented: she has pledged her word."

"But you can't get her there; there is no road to the moon: it is all air; and neither you nor she can fly."

"Adèle, look at that field." We were now outside Thornfield gates, and bowling lightly along the smooth road to Millcote, where the dust was well laid by the thunderstorm, and, where the low hedges and lofty timber trees on each side glistened green and rain-refreshed.

"In that field, Adèle, I was walking late one evening about a fortnight since—the evening of the day you helped me to make hay in the orchard meadows; and, as I was tired with raking swaths, I sat down to rest me on a stile; and there I took out a little book and a pencil, and began to write about a misfortune that befell me long ago, and a wish I had for happy days to come: I was writing away very fast, though daylight was fading from the leaf, when something came up the path and stopped two yards off me. I looked at it. It was a little thing with a veil of gossamer on its head. I beckoned it to come near me; it stood soon at my knee. I never spoke to it, and it never spoke to me, in words; but I read its eyes, and it read mine; and our speechless colloquy was to this effect—

"It was a fairy, and come from Elf-land, it said; and its errand was to make me happy: I must go with it out of the common world to a lonely place—such as the moon, for instance—and it nodded its head towards her horn, rising over Hay-hill: it told me of the alabaster cave and silver vale where we might live. I said I should like to go; but reminded it, as you did me, that I had no wings to fly.

"'Oh,' returned the fairy, 'that does not signify! Here is a talisman will remove all difficulties;' and she held out a pretty gold ring. 'Put it,' she said, 'on the fourth finger of my left hand, and I am yours, and you are mine; and we shall leave earth, and make our own heaven yonder.' She nodded again at the moon. The ring, Adèle, is in my breeches-pocket, under the disguise of a sovereign: but I mean soon to change it to a ring again."

"But what has mademoiselle to do with it? I don't care for the fairy: you said it was mademoiselle you would take to the moon?"

"Mademoiselle is a fairy," he said, whispering mysteriously. Whereupon I told her not to mind his badinage; and she, on her part, evinced a fund of genuine French scepticism: denominating Mr Rochester "un vrai menteur," and assuring him that she made no account whatever of his "contes de fée," and that "du reste, il n'y avait pas de fées, et quand même il y en avait:" she was sure they would never appear to him, nor ever give him rings, or offer to live with him in the moon.

The hour spent at Millcote was a somewhat harassing one to me. Mr Rochester obliged me to go to a certain silk warehouse: there I was ordered to choose half-a-dozen dresses. I hated the business, I begged leave to defer it: no—it should be gone through with now. By dint of entreaties expressed in energetic whispers, I reduced the half-dozen to two: these however, he vowed he would select himself. With anxiety I watched his eye rove over the gay stores: he fixed on a rich silk of the most brilliant amethyst dye, and a superb pink satin. I told him in a new series of whispers, that he might as well buy me a gold gown and a silver bonnet at once: I should certainly never venture to wear his choice. With infinite difficulty, for he was stubborn as a stone, I persuaded him to make an exchange in favour of a sober black satin and pearl-grey silk. "It might pass for the present," he said; "but he would yet see me glittering like a parterre."

Glad was I to get him out of the silk warehouse, and then out of a jewellers shop: the more he bought me, the more my cheek burned with a sense of annoyance and degradation. As we re-entered the carriage, and I sat back feverish and fagged, I remembered what, in the hurry of

events, dark and bright, I had wholly forgotten—the letter of my uncle, John Eyre, to Mrs Reed: his intention to adopt me and make me his legatee. “It would, indeed, be a relief,” I thought, “if I had ever so small an independency; I never can bear being dressed like a doll by Mr Rochester, or sitting like a second Danae with the golden shower falling daily round me. I will write to Madeira the moment I get home, and tell my uncle John I am going to be married, and to whom: if I had but a prospect of one day bringing Mr Rochester an accession of fortune, I could better endure to be kept by him now.” And somewhat relieved by this idea (which I failed not to execute that day), I ventured once more to meet my master’s and lover’s eye, which most pertinaciously sought mine, though I averted both face and gaze. He smiled; and I thought his smile was such as a sultan might, in a blissful and fond moment, bestow on a slave his gold and gems had enriched: I crushed his hand, which was ever hunting mine, vigorously, and thrust it back to him red with the passionate pressure.

“You need not look in that way,” I said; “if you do, I <0010111> ’ll wear <0010310> nothing but my old Lowood frocks to the end of the chapter. I <0010131>’ll be <0010330> married in this lilac gingham: you may make a dressing-gown for yourself out of the pearl-grey silk, and an infinite series of waistcoats out of the black satin.”

He chuckled; he rubbed his hands. “Oh, it is rich to see and hear her?” he exclaimed. “Is she original? Is she piquant? I would not exchange this one little English girl for the Grand Turk’s whole seraglio, gazelle-eyes, houri forms, and all!”

The Eastern allusion bit me again. “I <0010121>’ll not stand <0010320> you an inch in the stead of a seraglio,” I said; “so don’t consider me <0010122> an equivalent for one. If you have a fancy for anything in that line, away with you, sir, to the bazaars of Stamboul without delay, and lay out in extensive slave-purchases some of that spare cash you seem at a loss to spend satisfactorily here.”

“And what will you <0010111> do <0010310>, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?”

“I <0010111>’ll be preparing myself <0010112> to go out <0010310> as a missionary to preach <0010340> liberty to them that are enslaved—your harem inmates amongst the rest. I <0010131>’ll get <0010330> admitted there, and I <0010111>’ll stir up <0010310> mutiny; and you, three-tailed bashaw as you are, sir, shall in a trice find yourself fettered amongst our hands: nor will I <0010111>, for one, consent to cut <0010310> your bonds till you have signed a charter, the most liberal that despot ever yet conferred.”

“I would consent to be at your mercy <0010134>, Jane.”

“I <0010131> would have <0010330> no mercy, Mr Rochester, if you supplicated for it with an eye like that. While you looked so, I <0010131> should be <0010330> certain that whatever charter you might grant under coercion, your first act, when released, would be to violate its conditions.”

“Why, Jane, what would you <0010131> have <0010330>? I fear you will compel me to go through a private marriage ceremony, besides that performed at the altar. You will stipulate, I see, for peculiar terms—what will they be?”

“I <0010121> only want <0010320> an easy mind, sir; not crushed by crowded obligations. Do you remember what you said of Céline Varens?—of the diamonds, the cashmeres you gave her? I <0010133> will not be <0010330> your English Céline Varens. I <0010111> shall continue to act <0010310> as Adèle’s governess; by that I <0010111> shall earn <0010310> my board and lodging, and thirty pounds a year besides. I <0010111>’ll furnish <0010310> my own wardrobe out of that money, and you shall give me <0010113> nothing but—”

“Well, but what?”

“Your regard; and if I <0010111> give <0010310> you mine <0010112> in return, that debt will be quit.”

“Well, for cool native impudence and pure innate pride, you haven’t your equal,” said he. We were now approaching Thornfield. “Will it please you to dine with me to-day?” he asked, as we re-entered the gates.

"No, thank you, sir."

"And what for, 'no, thank you?' if one may inquire."

"I <0010111> never have dined <0010310> with you, sir: and I <0010121> see <0010320> no reason why I should [dine with you] now <0010122>: till—"

"Till what? You delight in half-phrases."

"Till I <0010121> can't help <0010320> it."

"Do you suppose I eat like an ogre or a ghoul, that you dread being the companion of my repast?"

"I <0010121> have formed <0010320> no supposition on the subject, sir; but I <0010111> want to go on <0010310> as usual for another month."

"You will give up your governessing slavery at once."

"Indeed, begging your pardon, sir, I <0010121> shall not [give up <0010320> my governessing slavery <0010122>]. I <0010111> shall just go on <0010310> with it as usual. I <0010111> shall keep out <0010310> of your way all day, as I <0010111> have been accustomed to do <0010310>: you may send for me <0010144> in the evening, when you feel disposed to see me <0010122>, and I <0010111>'ll come <0010310> then; but at no other time."

"I want a smoke, Jane, or a pinch of snuff, to comfort me under all this, 'pour me donner une contenance,' as Adèle would say; and unfortunately I have neither my cigar-case, nor my snuff-box. But listen—whisper. It is your time now, little tyrant, but it will be mine presently; and when once I have fairly seized you, to have and to hold, I'll just—figuratively speaking—attach you to a chain like this" (touching his watch-guard). "Yes, bonny wee thing, I'll wear you in my bosom, lest my jewel I should tyne."

He said this as he helped me to alight from the carriage, and while he afterwards lifted out Adèle, I entered the house, and made good my retreat upstairs.

He duly summoned me to his presence in the evening. I had prepared an occupation for him; for I was determined not to spend the whole time in a tête-à-tête conversation. I remembered his fine voice; I knew he liked to sing—good singers generally do. I was no vocalist myself, and, in his fastidious judgment, no musician, either; but I delighted in listening when the performance was good. No sooner had twilight, that hour of romance, began to lower her blue and starry banner over the lattice, than I rose, opened the piano, and entreated him, for the love of heaven, to give me a song. He said I was a capricious witch, and that he would rather sing another time; but I averred that no time was like the present.

"Did I like his voice?" he asked.

"Very much." I was not fond of pampering that susceptible vanity of his; but for once, and from motives of expediency, I would e'en soothe and stimulate it.

"Then, Jane, you <0010111> must play <0010310> the accompaniment."

"Very well, sir, I <0010111> will try [to play <0010310> the accompaniment]."

I did try, but was presently swept off the stool and denominated "a little bungler." Being pushed unceremoniously to one side—which was precisely what I wished—he usurped my place, and proceeded to accompany himself: for he could play as well as sing. I hied me to the window-recess. And while I sat there and looked out on the still trees and dim lawn, to a sweet air was sung in mellow tones the following strain:—

"The truest love that ever heart

Felt at its kindled core,

Did through each vein, in quickened start,

The tide of being pour.

Her coming was my hope each day,

Her parting was my pain;

The chance that did her steps delay

Was ice in every vein.

I dreamed it would be nameless bliss,

As I loved, loved to be;

And to this object did I press

As blind as eagerly.  
 But wide as pathless was the space  
 That lay our lives between,  
 And dangerous as the foamy race  
 Of ocean-surges green.  
 And haunted as a robber-path  
 Through wilderness or wood;  
 For Might and Right, and Woe and Wrath,  
 Between our spirits stood.  
 I dangers dared; I hindrance scorned;  
 I omens did defy:  
 Whatever menaced, harassed, warned,  
 I passed impetuous by.  
 On sped my rainbow, fast as light;  
 I flew as in a dream;  
 For glorious rose upon my sight  
 That child of Shower and Gleam.  
 Still bright on clouds of suffering dim  
 Shines that soft, solemn joy;  
 Nor care I now, how dense and grim  
 Disasters gather nigh.  
 I care not in this moment sweet,  
 Though all I have rushed o'er  
 Should come on pinion, strong and fleet,  
 Proclaiming vengeance sore:  
 Though haughty Hate should strike me down,  
 Right, bar approach to me,  
 And grinding Might, with furious frown,  
 Swear endless enmity.  
 My love has placed her little hand  
 With noble faith in mine,  
 And vowed that wedlock's sacred band  
 Our nature shall entwine.  
 My love has sworn, with sealing kiss,  
 With me to live—to die;  
 I have at last my nameless bliss.  
 As I love—loved am I!"

He rose and came towards me, and I saw his face all kindled, and his full falcon-eye flashing, and tenderness and passion in every lineament. I quailed momentarily—then I rallied. Soft scene, daring demonstration, I would not have; and I stood in peril of both: a weapon of defence must be prepared—I whetted my tongue: as he reached me, I asked with asperity, "whom he was going to marry now?"

"That was a strange question to be put <0010340> by his darling Jane <0010141>."

"Indeed! I <0010121> considered <0010320> it a very natural and necessary one: he had talked of his future wife dying with him. What did he mean by such a pagan idea? I <0010131> had <0010330> no intention of dying with him—he might depend on that."

"Oh, all he longed, all he prayed for, was that I might live with him! Death was not for such as I."

"Indeed it was. I <0010131> had <0010330> as good a right to die when my time came as he had: but I <0010111> should bide <0010310> that time, and [I <0010131> should] not be <0010330> hurried away in a suttee."

"Would I forgive him for the selfish idea, and prove my pardon by a reconciling kiss?"

"No: I <0010131> would rather be <0010330> excused."

Here I heard myself apostrophised as a “hard little thing;” and it was added, “any other woman would have been melted to marrow at hearing such stanzas crooned in her praise.”

I assured him I was naturally hard—very flinty, and that he would often find me so; and that, moreover, I was determined to show him divers rugged points in my character before the ensuing four weeks elapsed: he should know fully what sort of a bargain he had made, while there was yet time to rescind it.

“Would I be quiet and talk rationally?”

“I <0010131> would be <0010330> quiet if he liked, and as to talking rationally, I <0010141> flattered <0010340> myself <0010144> I was doing that [talking rationally] now <0010143>.”

He fretted, pished, and pshawed. “Very good,” I thought; “you may fume and fidget as you please: but this is the best plan to pursue with you, I am certain. I like you more than I can say; but I’ll not sink into a bathos of sentiment: and with this needle of repartee I’ll keep you from the edge of the gulf too; and, moreover, maintain by its pungent aid that distance between you and myself most conducive to our real mutual advantage.”

From less to more, I worked him up to considerable irritation; then, after he had retired, in dudgeon, quite to the other end of the room, I got up, and saying, “I <0010121> wish <0010320> you good-night, sir,” in my natural and wonted respectful manner, I slipped out by the side-door and got away.

The system thus entered on, I pursued during the whole season of probation; and with the best success. He was kept, to be sure, rather cross and crusty; but on the whole I could see he was excellently entertained, and that a lamb-like submission and turtle-dove sensibility, while fostering his despotism more, would have pleased his judgment, satisfied his common-sense, and even suited his taste less.

In other people’s presence I was, as formerly, deferential and quiet; any other line of conduct being uncalled for: it was only in the evening conferences I thus thwarted and afflicted him. He continued to send for me punctually the moment the clock struck seven; though when I appeared before him now, he had no such honeyed terms as “love” and “darling” on his lips: the best words at my service were “provoking puppet,” “malicious elf,” “sprite,” “changeling,” &c. For caresses, too, I now got grimaces; for a pressure of the hand, a pinch on the arm; for a kiss on the cheek, a severe tweak of the ear. It was all right: at present I decidedly preferred these fierce favours to anything more tender. Mrs Fairfax, I saw, approved me: her anxiety on my account vanished; therefore I was certain I did well. Meantime, Mr Rochester affirmed I was wearing him to skin and bone, and threatened awful vengeance for my present conduct at some period fast coming. I laughed in my sleeve at his menaces. “I can keep you in reasonable check now,” I reflected; “and I don’t doubt to be able to do it hereafter: if one expedient loses its virtue, another must be devised.”

Yet after all my task was not an easy one; often I would rather have pleased than teased him. My future husband was becoming to me my whole world; and more than the world: almost my hope of heaven. He stood between me and every thought of religion, as an eclipse intervenes between man and the broad sun. I could not, in those days, see God for His creature: of whom I had made an idol.

## CHAPTER XXVII

Some time in the afternoon I raised my head, and looking round and seeing the western sun gilding the sign of its decline on the wall, I asked, “What am I to do?”

But the answer my mind gave—“Leave Thornfield at once”—was so prompt, so dread, that I stopped my ears. I said I could not bear such words now. “That I am not Edward Rochester’s bride is the least part of my woe,” I alleged: “that I have wakened out of most glorious dreams, and found them all void and vain, is a horror I could bear and master; but that I must leave him decidedly, instantly, entirely, is intolerable. I cannot do it.” But, then, a voice within me averred that I could do it and foretold that I should do it. I wrestled with my own resolution: I wanted to be weak that I might avoid the awful passage of further suffering I saw laid out for me; and Conscience, turned tyrant, held Passion by the throat, told her tauntingly, she had yet

but dipped her dainty foot in the slough, and swore that with that arm of iron he would thrust her down to unsounded depths of agony.

"Let me be torn away," then I cried. "Let another help me!"

"No; you shall tear yourself away, none shall help you: you shall yourself pluck out your right eye; yourself cut off your right hand: your heart shall be the victim, and you the priest to transfix it."

I rose up suddenly, terror-struck at the solitude which so ruthless a judge haunted,—at the silence which so awful a voice filled. My head swam as I stood erect. I perceived that I was sickening from excitement and inanition; neither meat nor drink had passed my lips that day, for I had taken no breakfast. And, with a strange pang, I now reflected that, long as I had been shut up here, no message had been sent to ask how I was, or to invite me to come down: not even little Adèle had tapped at the door; not even Mrs Fairfax had sought me. "Friends always forget those whom fortune forsakes," I murmured, as I undrew the bolt and passed out. I stumbled over an obstacle: my head was still dizzy, my sight was dim, and my limbs were feeble. I could not soon recover myself. I fell, but not on to the ground: an outstretched arm caught me. I looked up—I was supported by Mr Rochester, who sat in a chair across my chamber threshold.

"You come out at last," he said. "Well, I have been waiting for you long, and listening: yet not one movement have I heard, nor one sob: five minutes more of that death-like hush, and I should have forced the lock like a burglar. So you shun me?—you shut yourself up and grieve alone! I would rather you had come and upbraided me with vehemence. You are passionate. I expected a scene of some kind. I was prepared for the hot rain of tears; only I wanted them to be shed on my breast: now a senseless floor has received them, or your drenched handkerchief. But I err: you have not wept at all! I see a white cheek and a faded eye, but no trace of tears. I suppose, then, your heart has been weeping blood?"

"Well, Jane! not a word of reproach? Nothing bitter—nothing poignant? Nothing to cut a feeling or sting a passion? You sit quietly where I have placed you, and regard me with a weary, passive look."

"Jane, I never meant to wound <0010121> you thus. If the man who had but one little ewe lamb that was dear to him as a daughter, that ate of his bread and drank of his cup, and lay in his bosom, had by some mistake slaughtered it at the shambles, he would not have rued his bloody blunder more than I now rue mine. Will you ever forgive me?"

Reader, I forgave him at the moment and on the spot. There was such deep remorse in his eye, such true pity in his tone, such manly energy in his manner; and besides, there was such unchanged love in his whole look and mien—I forgave him all: yet not in words, not outwardly; only at my heart's core.

"You <0010121> know <0010320> I am a scoundrel, Jane?" ere long he inquired wistfully—wondering, I suppose, at my continued silence and tameness, the result rather of weakness than of will.

"Yes, sir, [I <0010121> know <0010320> you are a scoundrel]."

"Then tell me so roundly and sharply—don't spare me."

"I <0010141> cannot [tell <0010340>]: I <0010131> am <0010330> tired and sick. I <0010121> want <0010320> some water." He heaved a sort of shuddering sigh, and taking me in his arms, carried me downstairs. At first I did not know to what room he had borne me; all was cloudy to my glazed sight: presently I felt the reviving warmth of a fire; for, summer as it was, I had become icy cold in my chamber. He put wine to my lips; I tasted it and revived; then I ate something he offered me, and was soon myself. I was in the library—sitting in his chair—he was quite near. "If I could go out of life now, without too sharp a pang, it would be well for me," I thought; "then I should not have to make the effort of cracking my heart-strings in rending them from among Mr Rochester's. I must leave him, it appears. I do not want to leave him—I cannot leave him."

"How are you <0010121> [feeling <0010320>] now, Jane?"

"[I <0010121> feel <0010320>] Much better, sir; I <0010131> shall be <0010330> well soon."

"Taste <0010320> [you <0010121>] the wine again, Jane."

I obeyed him; then he put the glass on the table, stood before me, and looked at me attentively. Suddenly he turned away, with an inarticulate exclamation, full of passionate emotion of some kind; he walked fast through the room and came back; he stooped towards me as if to kiss me; but I remembered caresses were now forbidden. I turned my face away and put his aside.

"What!—How is this?" he exclaimed hastily. "Oh, I know! you won't kiss the husband of Bertha Mason? You consider my arms filled and my embraces appropriated?"

"At any rate, there is neither room nor claim for me, sir."

"Why, Jane? I will spare you the trouble of much talking; I will answer for you—Because I have a wife already, you would reply,—I guess rightly?"

"Yes [I <0010141> would reply <0010340> that it is because you have a wife already]."

"If you think so, you must have a strange opinion of me; you must regard me as a plotting profligate—a base and low rake who has been simulating disinterested love in order to draw you into a snare deliberately laid, and strip you of honour and rob you of self-respect. What do you say to that? I see you can say nothing in the first place, you are faint still, and have enough to do to draw your breath; in the second place, you cannot yet accustom yourself to accuse and revile me, and besides, the flood-gates of tears are opened, and they would rush out if you spoke much; and you have no desire to expostulate, to upbraid, to make a scene: you are thinking how to act—talking you consider is of no use. I know you—I am on my guard."

"Sir, I <0010111> do not wish to act <0010310> against you," I said; and my unsteady voice warned me to curtail my sentence.

"Not in your sense of the word, but in mine you are scheming to destroy me. You have as good as said that I am a married man—as a married man you will shun me, keep out of my way: just now you have refused to kiss me. You intend to make yourself a complete stranger to me: to live under this roof only as Adèle's governess; if ever I say a friendly word to you, if ever a friendly feeling inclines you again to me, you will say,—'That man had nearly made me his mistress: I must be ice and rock to him;' and ice and rock you will accordingly become."

I cleared and steadied my voice to reply: "All is changed about me, sir; I <0010111> must change <0010310> too—there is no doubt of that; and to avoid fluctuations of feeling, and continual combats with recollections and associations, there is only one way—Adèle must have a new governess, sir."

"Oh, Adèle will go to school—I have settled that already; nor do I mean to torment you with the hideous associations and recollections of Thornfield Hall—this accursed place—this tent of Achan—this insolent vault, offering the ghastliness of living death to the light of the open sky—this narrow stone hell, with its one real fiend, worse than a legion of such as we imagine. Jane, you <0010131> shall not stay <0010330> here, nor will I. I was wrong ever to bring you to Thornfield Hall, knowing as I did how it was haunted. I charged them to conceal from you, before I ever saw you, all knowledge of the curse of the place; merely because I feared Adèle never would have a governess to stay if she knew with what inmate she was housed, and my plans would not permit me to remove the maniac elsewhere—though I possess an old house, Ferndean Manor, even more retired and hidden than this, where I could have lodged her safely enough, had not a scruple about the unhealthiness of the situation, in the heart of a wood, made my conscience recoil from the arrangement. Probably those damp walls would soon have eased me of her charge: but to each villain his own vice; and mine is not a tendency to indirect assassination, even of what I most hate.

"Concealing the mad-woman's neighbourhood from you, however, was something like covering a child with a cloak and laying it down near a upas-tree: that demon's vicinage is poisoned, and always was. But I'll shut up Thornfield Hall: I'll nail up the front door and board the lower windows: I'll give Mrs Poole two hundred a year to live here with my wife, as you term that fearful hag: Grace will do much for money, and she shall have her son, the keeper at Grimsby Retreat, to bear her company and be at hand to give her aid in the paroxysms,

when my wife is prompted by her familiar to burn people in their beds at night, to stab them, to bite their flesh from their bones, and so on—”

“Sir,” I interrupted him, “you are inexorable for that unfortunate lady: you speak of her with hate—with vindictive antipathy. It is cruel—she cannot help being mad.”

“Jane, my little darling (so I will call you <0010142>, for so you <0010133> are <0010330>), you <0010121> don’t know <0010320> what you are talking about <0010122>; you <0010121> misjudge <0010320> me again: it is not because she is mad I hate her. If you were mad, do you think I should hate you?”

“I <0010121> do [think <0010320> you should hate me] indeed <0010122>, sir.”

“Then you are mistaken, and you know nothing about me, and nothing about the sort of love of which I am capable. Every atom of your flesh is as dear to me as my own: in pain and sickness it would still be dear. Your mind is my treasure, and if it were broken, it would be my treasure still: if you raved, my arms should confine you, and not a strait waistcoat—your grasp, even in fury, would have a charm for me: if you flew at me as wildly as that woman did this morning, I should receive you in an embrace, at least as fond as it would be restrictive. I should not shrink from you with disgust as I did from her: in your quiet moments you should have no watcher and no nurse but me; and I could hang over you with untiring tenderness, though you gave me no smile in return; and never weary of gazing into your eyes, though they had no longer a ray of recognition for me.—But why do I follow that train of ideas? I was talking of removing you from Thornfield. All, you know, is prepared for prompt departure: to-morrow you shall go. I only ask you <0010142> to endure one more night under this roof, Jane; and then, farewell to its miseries and terrors for ever! I have a place to repair to, which will be a secure sanctuary from hateful reminiscences, from unwelcome intrusion—even from falsehood and slander.”

“And take Adèle with you, sir,” I interrupted; “she will be a companion for you.”

“What do you <0010121> mean <0010320>, Jane? I told you I would send Adèle to school; and what do I want with a child for a companion, and not my own child,—a French dancer’s bastard? Why do you importune me about her! I say, why do you assign Adèle to me for a companion?”

“You spoke of a retirement, sir; and retirement and solitude are dull: too dull for you.”

“Solitude! solitude!” he reiterated with irritation. “I see I must come to an explanation. I don’t know what sphynx-like expression is forming in your countenance. You are to share my solitude. Do you understand?”

I shook my head: it required a degree of courage, excited as he was becoming, even to risk that mute sign of dissent. He had been walking fast about the room, and he stopped, as if suddenly rooted to one spot. He looked at me long and hard: I turned my eyes from him, fixed them on the fire, and tried to assume and maintain a quiet, collected aspect.

“Now for the hitch in Jane’s character,” he said at last, speaking more calmly than from his look I had expected him to speak. “The reel of silk has run smoothly enough so far; but I always knew there would come a knot and a puzzle: here it is. Now for vexation, and exasperation, and endless trouble! By God! I long to exert a fraction of Samson’s strength, and break the entanglement like tow!”

He recommenced his walk, but soon again stopped, and this time just before me.

“Jane! will you <0010121> hear <0010320> reason?” (he stooped and approached his lips to my ear); “because, if you won’t, I’ll try violence.” His voice was hoarse; his look that of a man who is just about to burst an insufferable bond and plunge headlong into wild license. I saw that in another moment, and with one impetus of frenzy more, I should be able to do nothing with him. The present—the passing second of time—was all I had in which to control and restrain him—a movement of repulsion, flight, fear would have sealed my doom,—and his. But I was not afraid: not in the least. I felt an inward power; a sense of influence, which supported me. The crisis was perilous; but not without its charm: such as the Indian, perhaps, feels when he slips over the rapid in his canoe. I took hold of his clenched hand, loosened the contorted fingers, and said to him, soothingly—

"Sit down; I <0010141>'ll talk <0010340> to you as long as you like, and [I <0010121>'ll] hear <0010320> all you have to say, whether reasonable or unreasonable."

He sat down: but he did not get leave to speak directly. I had been struggling with tears for some time: I had taken great pains to repress them, because I knew he would not like to see me weep. Now, however, I considered it well to let them flow as freely and as long as they liked. If the flood annoyed him, so much the better. So I gave way and cried heartily.

Soon I heard him earnestly entreating me to be composed. I said I could not while he was in such a passion.

"But I am not angry, Jane: I only love you <0010122> too well; and you <0010111> had steeled <0010310> your little pale face <0010112> with such a resolute, frozen look, I could not endure it. Hush, now, and wipe your eyes."

His softened voice announced that he was subdued; so I, in my turn, became calm. Now he made an effort to rest his head on my shoulder, but I would not permit it. Then he would draw me to him: no.

"Jane! Jane!" he said, in such an accent of bitter sadness it thrilled along every nerve I had; "you <0010121> don't love <0010320> me, then? It was only my station, and the rank of my wife, that you valued? Now that you think me disqualified to become your husband, you recoil from my touch as if I were some toad or ape."

These words cut me: yet what could I do or I say? I ought probably to have done or said nothing; but I was so tortured by a sense of remorse at thus hurting his feelings, I could not control the wish to drop balm where I had wounded.

"I <0010121> do love <0010320> you," I said, "more than ever: but I <0010111> must not show <0010310> or indulge <0010310> the feeling: and this is the last time I <0010141> must express <0010340> it."

"The last time, Jane! What! do you think you can live with me, and see me daily, and yet, if you still love me, be always cold and distant?"

"No, sir; that I <0010131> am <0010330> certain I could not [live with you, and I could not see you daily, and yet, I could not be always cold and distant] <0010132>; and therefore I <0010121> see <0010320> there is but one way: but you will be furious if I <0010141> mention <0010340> it."

"Oh, mention it! If I storm, you have the art of weeping."

"Mr. Rochester, I <0010111> must leave <0010310> you."

"For how long, Jane? For a few minutes, while you smooth your hair—which is somewhat dishevelled; and bathe your face—which looks feverish?"

"I <0010111> must leave <0010310> Adèle and Thornfield. I <0010111> must part <0010310> with you for my whole life: I <0010111> must begin <0010310> a new existence among strange faces and strange scenes."

"Of course: I told you should. I pass over the madness about parting from me. You mean you must become a part of me. As to the new existence, it is all right: you shall yet be my wife: I am not married. You shall be Mrs Rochester—both virtually and nominally. I shall keep only to you so long as you and I live. You shall go to a place I have in the south of France: a whitewashed villa on the shores of the Mediterranean. There you shall live a happy, and guarded, and most innocent life. Never fear that I wish to lure you into error—to make you my mistress. Why did you shake your head? Jane, you <0010131> must be <0010330> reasonable, or in truth I shall again become frantic."

His voice and hand quivered: his large nostrils dilated; his eye blazed: still I dared to speak.

"Sir, your wife is living: that is a fact acknowledged this morning by yourself. If I <0010111> lived <0010310> with you as you desire, I <0010133> should then be <0010330> your mistress: to say otherwise is sophistical—is false."

"Jane, I am not a gentle-tempered man—you <0010121> forget <0010320> that: I am not long-enduring; I am not cool and dispassionate. Out of pity to me and yourself, put your finger on my pulse, feel how it throbs, and—beware!"

He bared his wrist, and offered it to me: the blood was forsaking his cheek and lips, they were growing livid; I was distressed on all hands. To agitate him thus deeply, by a resistance he so abhorred, was cruel: to yield was out of the question. I did what human beings do instinctively when they are driven to utter extremity—looked for aid to one higher than man: the words “God help me!” burst involuntarily from my lips.

“I am a fool!” cried Mr Rochester suddenly. “I keep telling her I am not married, and do not explain to her why. I forget she knows nothing of the character of that woman, or of the circumstances attending my infernal union with her. Oh, I am certain Jane <0010121> will agree <0010320> with me in opinion, when she <0010121> knows <0010320> all that I know! Just [you <0010111>] put <0010310> your hand <0010112> in mine, Janet—that I may have the evidence of touch as well as sight, to prove you <0010131> are <0010330> near me—and I will in a few words show you <0010142> the real state of the case. Can you listen to me?”

“Yes, sir [I <0010121> can listen <0010320> to you]; for hours if you will.”

“I ask only minutes. Jane, did you <0010121> ever hear <0010320> or know <0010320> that I was not the eldest son of my house: that I had once a brother older than I?”

“I <0010121> remember <0010320> Mrs Fairfax told me so once <0010122>.”

“And did you ever hear that my father was an avaricious, grasping man?”

“I <0010121> have understood <0010320> something to that effect.”

“Well, Jane, being so, it was his resolution to keep the property together; he could not bear the idea of dividing his estate and leaving me a fair portion: all, he resolved, should go to my brother, Rowland. Yet as little could he endure that a son of his should be a poor man. I must be provided for by a wealthy marriage. He sought me a partner betimes. Mr Mason, a West India planter and merchant, was his old acquaintance. He was certain his possessions were real and vast: he made inquiries. Mr Mason, he found, had a son and daughter; and he learned from him that he could and would give the latter a fortune of thirty thousand pounds: that sufficed. When I left college, I was sent out to Jamaica, to espouse a bride already courted for me. My father said nothing about her money; but he told me Miss Mason was the boast of Spanish Town for her beauty; and this was no lie. I found her a fine woman, in the style of Blanche Ingram: tall, dark, and majestic. Her family wished to secure me because I was of a good race; and so did she. They showed her to me in parties, splendidly dressed. I seldom saw her alone, and had very little private conversation with her. She flattered me, and lavishly displayed for my pleasure her charms and accomplishments. All the men in her circle seemed to admire her and envy me. I was dazzled, stimulated: my senses were excited; and being ignorant, raw, and inexperienced, I thought I loved her. There is no folly so besotted that the idiotic rivalries of society, the prurience, the rashness, the blindness of youth, will not hurry a man to its commission. Her relatives encouraged me; competitors piqued me; she allured me: a marriage was achieved almost before I knew where I was. Oh, I have no respect for myself when I think of that act!—an agony of inward contempt masters me. I never loved, I never esteemed, I did not even know her. I was not sure of the existence of one virtue in her nature: I had marked neither modesty, nor benevolence, nor candour, nor refinement in her mind or manners—and, I married her:—gross, grovelling, mole-eyed blockhead that I was! With less sin I might have—But let me remember to whom I am speaking.”

“My bride’s mother I had never seen: I understood she was dead. The honeymoon over, I learned my mistake; she was only mad, and shut up in a lunatic asylum. There was a younger brother, too—a complete dumb idiot. The elder one, whom you have seen (and whom I cannot hate, whilst I abhor all his kindred, because he has some grains of affection in his feeble mind, shown in the continued interest he takes in his wretched sister, and also in a dog-like attachment he once bore me), will probably be in the same state one day. My father and my brother Rowland knew all this; but they thought only of the thirty thousand pounds, and joined in the plot against me.”

“These were vile discoveries; but except for the treachery of concealment, I should have made them no subject of reproach to my wife, even when I found her nature wholly alien to mine, her

tastes obnoxious to me, her cast of mind common, low, narrow, and singularly incapable of being led to anything higher, expanded to anything larger—when I found that I could not pass a single evening, nor even a single hour of the day with her in comfort; that kindly conversation could not be sustained between us, because whatever topic I started, immediately received from her a turn at once coarse and trite, perverse and imbecile—when I perceived that I should never have a quiet or settled household, because no servant would bear the continued outbreaks of her violent and unreasonable temper, or the vexations of her absurd, contradictory, exacting orders—even then I restrained myself: I eschewed upbraiding, I curtailed remonstrance; I tried to devour my repentance and disgust in secret; I repressed the deep antipathy I felt.

“Jane, I will not trouble you <0010122> with abominable details: some strong words shall express what I have to say. I lived with that woman upstairs four years, and before that time she had tried me indeed: her character ripened and developed with frightful rapidity; her vices sprang up fast and rank: they were so strong, only cruelty could check them, and I would not use cruelty. What a pigmy intellect she had, and what giant propensities! How fearful were the curses those propensities entailed on me! Bertha Mason, the true daughter of an infamous mother, dragged me through all the hideous and degrading agonies which must attend a man bound to a wife at once intemperate and unchaste.

“My brother in the interval was dead, and at the end of the four years my father died too. I was rich enough now—yet poor to hideous indigence: a nature the most gross, impure, depraved I ever saw, was associated with mine, and called by the law and by society a part of me. And I could not rid myself of it by any legal proceedings: for the doctors now discovered that my wife was mad—her excesses had prematurely developed the germs of insanity. Jane, you <0010121> don’t like <0010320> my narrative; you <0010131> look <0010330> almost sick—shall I defer the rest to another day?”

“No, sir, finish it now; I <0010121> pity <0010320> you—I <0010121> do earnestly pity <0010320> you.”

“Pity, Jane, from some people is a noxious and insulting sort of tribute, which one is justified in hurling back in the teeth of those who offer it; but that is the sort of pity native to callous, selfish hearts; it is a hybrid, egotistical pain at hearing of woes, crossed with ignorant contempt for those who have endured them. But that is not your pity <0010134>, Jane; it is not the feeling of which your whole face <0010131> is <0010330> full at this moment—with which your eyes <0010111> are now almost overflowing <0010310>—with which your heart <0010111> is heaving <0010310> —with which your hand <0010111> is trembling <0010310> in mine. Your pity, my darling, is the suffering mother of love: its anguish is the very natal pang of the divine passion. I accept it, Jane; let the daughter have free advent—my arms wait to receive her.”

“Now, sir, proceed; what did you do when you found she was mad?”

“Jane, I approached the verge of despair; a remnant of self-respect was all that intervened between me and the gulf. In the eyes of the world, I was doubtless covered with grimy dishonour; but I resolved to be clean in my own sight—and to the last I repudiated the contamination of her crimes, and wrenched myself from connection with her mental defects. Still, society associated my name and person with hers; I yet saw her and heard her daily: something of her breath (faugh!) mixed with the air I breathed; and besides, I remembered I had once been her husband—that recollection was then, and is now, inexpressibly odious to me; moreover, I knew that while she lived I could never be the husband of another and better wife; and, though five years my senior (her family and her father had lied to me even in the particular of her age), she was likely to live as long as I, being as robust in frame as she was infirm in mind. Thus, at the age of twenty-six, I was hopeless.

“One night I had been awakened by her yells—(since the medical men had pronounced her mad, she had, of course, been shut up)—it was a fiery West Indian night; one of the description that frequently precede the hurricanes of those climates. Being unable to sleep in bed, I got up and opened the window. The air was like sulphur-steams—I could find no refreshment anywhere. Mosquitoes came buzzing in and hummed sullenly round the room; the sea, which I

could hear from thence, rumbled dull like an earthquake—black clouds were casting up over it; the moon was setting in the waves, broad and red, like a hot cannon-ball—she threw her last bloody glance over a world quivering with the ferment of tempest. I was physically influenced by the atmosphere and scene, and my ears were filled with the curses the maniac still shrieked out; wherein she momentarily mingled my name with such a tone of demon-hate, with such language!—no professed harlot ever had a fouler vocabulary than she: though two rooms off, I heard every word—the thin partitions of the West India house opposing but slight obstruction to her wolfish cries. “‘This life,’ said I at last, ‘is hell: this is the air—those are the sounds of the bottomless pit! I have a right to deliver myself from it if I can. The sufferings of this mortal state will leave me with the heavy flesh that now cumber my soul. Of the fanatic’s burning eternity I have no fear: there is not a future state worse than this present one—let me break away, and go home to God!’

“I said this whilst I knelt down at, and unlocked a trunk which contained a brace of loaded pistols: I mean to shoot myself.

I only entertained the intention for a moment; for, not being insane, the crisis of exquisite and unalloyed despair, which had originated the wish and design of self-destruction, was past in a second. “A wind fresh from Europe blew over the ocean and rushed through the open casement: the storm broke, streamed, thundered, blazed, and the air grew pure.

I then framed and fixed a resolution.

While I walked under the dripping orange-trees of my wet garden, and amongst its drenched pomegranates and pine-apples, and while the refulgent dawn of the tropics kindled round me—I reasoned thus,

Jane—and now [you <0010121>] listen <0010320>; for it was true Wisdom that consoled me in that hour, and showed me the right path to follow.

“The sweet wind from Europe was still whispering in the refreshed leaves, and the Atlantic was thundering in glorious liberty; my heart, dried up and scorched for a long time, swelled to the tone, and filled with living blood—my being longed for renewal—my soul thirsted for a pure draught.

I saw hope revive—and felt regeneration possible. From a flowery arch at the bottom of my garden I gazed over the sea—bluer than the sky: the old world was beyond; clear prospects opened thus:

—‘Go,’ said Hope, ‘and live again in Europe: there it is not known what a sullied name you bear, nor what a filthy burden is bound to you. You may take the maniac with you to England; confine her with due attendance and precautions at Thornfield: then travel yourself to what clime you will, and form what new tie you like. That woman, who has so abused your long-suffering, so sullied your name, so outraged your honour, so blighted your youth, is not your wife, nor are you her husband. See that she is cared for as her condition demands, and you have done all that God and humanity require of you. Let her identity, her connection with yourself, be buried in oblivion: you are bound to impart them to no living being. Place her in safety and comfort: shelter her degradation with secrecy, and leave her.’

“I acted precisely on this suggestion.

My father and brother had not made my marriage known to their acquaintance; because, in the very first letter I wrote to apprise them of the union—having already begun to experience extreme disgust of its consequences, and, from the family character and constitution, seeing a hideous future opening to me—I added an urgent charge to keep it secret: and very soon the infamous conduct of the wife my father had selected for me was such as to make him blush to own her as his daughter-in-law. Far from desiring to publish the connection, he became as anxious to conceal it as myself.

“To England, then, I conveyed her; a fearful voyage I had with such a monster in the vessel.

Glad was I when I at last got her to Thornfield, and saw her safely lodged in that third-storey room, of whose secret inner cabinet she has now for ten years made a wild beast’s den—a goblin’s cell.

I had some trouble in finding an attendant for her, as it was necessary to select one on whose fidelity dependence could be placed; for her ravings would inevitably betray my secret: besides, she had lucid intervals of days—sometimes weeks—which she filled up with abuse of me. At last I hired Grace Poole from the Grimbsy Retreat. She and the surgeon, Carter (who dressed Mason's wounds that night he was stabbed and worried), are the only two I have ever admitted to my confidence. Mrs Fairfax may indeed have suspected something, but she could have gained no precise knowledge as to facts.

Grace has, on the whole, proved a good keeper; though, owing partly to a fault of her own, of which it appears nothing can cure her, and which is incident to her harassing profession, her vigilance has been more than once lulled and baffled.

The lunatic is both cunning and malignant; she has never failed to take advantage of her guardian's temporary lapses; once to secrete the knife with which she stabbed her brother, and twice to possess herself of the key of her cell, and issue therefrom in the night-time. On the first of these occasions, she perpetrated the attempt to burn me in my bed; on the second, she paid that ghastly visit to you. I thank Providence, who watched over you, that she then spent her fury on your wedding apparel, which perhaps brought back vague reminiscences of her own bridal days: but on what might have happened, I cannot endure to reflect. When I think of the thing which flew at my throat this morning, hanging its black and scarlet visage over the nest of my dove, my blood curdles—”

“And what, sir,” I asked, while he paused, “did you do when you had settled her here? Where did you go?”

“What did I do, Jane? I transformed myself into a will-o'-the-wisp. Where did I go? I pursued wanderings as wild as those of the March-spirit.

I sought the Continent, and went devious through all its lands. My fixed desire was to seek and find a good and intelligent woman, whom I could love: a contrast to the fury I left at Thornfield—”

“But you could not marry, sir.”

“I had determined and was convinced that I could and ought.

It was not my original intention to deceive, as I have deceived you.

I meant to tell my tale plainly, and make my proposals openly: and it appeared to me so absolutely rational that I should be considered free to love and be loved, I never doubted some woman might be found willing and able to understand my case and accept me, in spite of the curse with which I was burdened.”

“Well, sir?”

“When you are inquisitive, Jane, you always make me smile. You open your eyes like an eager bird, and make every now and then a restless movement, as if answers in speech did not flow fast enough for you, and you wanted to read the tablet of one's heart. But before I go on, tell me what you mean by your ‘Well, sir?’

It is a small phrase very frequent with you; and which many a time has drawn me on and on through interminable talk: I don't very well know why.”

“I mean,—What next? How did you proceed? What came of such an event?”

“Precisely! and what do you wish to know now?”

“Whether you found any one you liked: whether you asked her to marry you; and what she said.”

“I can tell you whether I found any one I liked, and whether I asked her to marry me: but what she said is yet to be recorded in the book of Fate. For ten long years I roved about, living first in one capital, then another: sometimes in St. Petersburg; oftener in Paris; occasionally in Rome, Naples, and Florence. Provided with plenty of money and the passport of an old name, I could choose my own society: no circles were closed against me. I sought my ideal of a woman amongst English ladies, French countesses, Italian signoras, and German gräfinnen. I could not find her. Sometimes, for a fleeting moment, I thought I caught a glance, heard a tone, beheld a form, which announced the realisation of my dream: but I was presently undeserved.

You are not to suppose that I desired perfection, either of mind or person. I longed only for what suited me—for the antipodes of the Creole: and I longed vainly. Amongst them all I found not one whom, had I been ever so free, I—warned as I was of the risks, the horrors, the loathings of incongruous unions—would have asked to marry me. Disappointment made me reckless. I tried dissipation—never debauchery: that I hated, and hate. That was my Indian Messalina’s attribute: rooted disgust at it and her restrained me much, even in pleasure. Any enjoyment that bordered on riot seemed to approach me to her and her vices, and I eschewed it. “Yet I could not live alone; so I tried the companionship of mistresses. The first I chose was Céline Varens—another of those steps which make a man spurn himself when he recalls them. You already know what she was, and how my liaison with her terminated. She had two successors: an Italian, Giacinta, and a German, Clara; both considered singularly handsome. What was their beauty to me in a few weeks? Giacinta was unprincipled and violent: I tired of her in three months. Clara was honest and quiet; but heavy, mindless, and unimpressible: not one whit to my taste. I was glad to give her a sufficient sum to set her up in a good line of business, and so get decently rid of her.

But, Jane, I see by your face you are not forming a very favourable opinion of me just now <0010122>. You think me an unfeeling, loose-principled rake: don’t you?”

“I <0010121> don’t like <0010320> you so well as I <0010121> have done <0010320> sometimes, indeed, sir. Did it not seem to you in the least wrong to live in that way, first with one mistress and then another? You talk of it as a mere matter of course.”

“It was with me; and I did not like it.

It was a grovelling fashion of existence: I should never like to return to it.

Hiring a mistress is the next worse thing to buying a slave: both are often by nature, and always by position, inferior: and to live familiarly with inferiors is degrading. I now hate the recollection of the time I passed with Céline, Giacinta, and Clara.”

I felt the truth of these words; and I drew from them the certain inference, that if I were so far to forget myself and all the teaching that had ever been instilled into me, as—under any pretext—with any justification—through any temptation—to become the successor of these poor girls, he would one day regard me with the same feeling which now in his mind desecrated their memory. I did not give utterance to this conviction: it was enough to feel it. I impressed it on my heart, that it might remain there to serve me as aid in the time of trial.

“Now, Jane, why don’t you <0010141> say <0010340> ‘Well, sir?’ I have not done. You are looking grave. You disapprove of me still, I see. But let me come to the point.

Last January, rid of all mistresses—in a harsh, bitter frame of mind, the result of a useless, roving, lonely life—corroded with disappointment, sourly disposed against all men, and especially against all womankind (for I began to regard the notion of an intellectual, faithful, loving woman as a mere dream), recalled by business, I came back to England.

“On a frosty winter afternoon, I rode in sight of Thornfield Hall. Abhorred spot! I expected no peace—no pleasure there. On a stile in Hay Lane I saw a quiet little figure sitting by itself. I passed it as negligently as I did the pollard willow opposite to it: I had no presentiment of what it would be to me; no inward warning that the arbitress of my life—my genius for good or evil—waited there in humble guise. I did not know it, even when, on the occasion of Mesrour’s accident, it came up and gravely offered me help. Childish and slender creature! It seemed as if a linnet had hopped to my foot and proposed to bear me on its tiny wing. I was surly; but the thing would not go: it stood by me with strange perseverance, and looked and spoke with a sort of authority. I must be aided, and by that hand: and aided I was.

“When once I had pressed the frail shoulder, something new—a fresh sap and sense—stole into my frame. It was well I had learnt that this elf must return to me—that it belonged to my house down below—or I could not have felt it pass away from under my hand, and seen it vanish behind the dim hedge, without singular regret. I heard you come home that night <0010122>, Jane, though probably you <0010131> were <0010330> not aware that I thought of you or watched for you <0010122>.

The next day I observed you—myself unseen—for half-an-hour, while you played with Adèle in the gallery. It was a snowy day, I recollect, and you could not go out of doors. I was in my room; the door was ajar: I could both listen and watch. Adèle claimed your outward attention <0010144> for a while; yet I fancied your thoughts were elsewhere <0010122>: but you <0010131> were <0010330> very patient with her, my little Jane; you <0010141> talked <0010340> to her and [you <0010122>] amused <0010320> her a long time. When at last she left you, you lapsed at once into deep reverie: you betook yourself slowly to pace the gallery. Now and then, in passing a casement, you glanced out at the thick-falling snow; you listened to the sobbing wind, and again you paced gently on and dreamed.

I think those day visions were not dark: there was a pleasurable illumination in your eye occasionally, a soft excitement in your aspect, which told of no bitter, bilious, hypochondriac brooding: your look revealed rather the sweet musings of youth when its spirit follows on willing wings the flight of Hope up and on to an ideal heaven. The voice of Mrs Fairfax, speaking to a servant in the hall, awakened you <0010112>: and how curiously you <0010151> smiled <0010350> to and at yourself, Janet! There was much sense in your smile: it was very shrewd, and seemed to make light of your own abstraction. It seemed to say—‘My fine visions are all very well, but I must not forget they are absolutely unreal. I have a rosy sky and a green flowery Eden in my brain; but without, I am perfectly aware, lies at my feet a rough tract to travel, and around me gather black tempests to encounter.’

You ran downstairs and demanded of Mrs Fairfax some occupation: the weekly house accounts to make up, or something of that sort, I think it was. I was vexed with you for getting out of my sight.

“Impatiently I waited for evening, when I might summon you to my presence. An unusual—to me—a perfectly new character I suspected was yours: I desired to search it deeper and know it better. You entered the room with a look and air at once shy and independent: you were quaintly dressed—much as you are now. I made you talk: ere long I found you full of strange contrasts. Your garb and manner were restricted by rule; your air was often diffident, and altogether that of one refined by nature, but absolutely unused to society, and a good deal afraid of making herself disadvantageously conspicuous by some solecism or blunder; yet when addressed, you lifted a keen, a daring, and a glowing eye to your interlocutor’s face: there was penetration and power in each glance you gave; when plied by close questions, you found ready and round answers. Very soon you <0010121> seemed to get used to <0010320> me: I believe you felt the existence of sympathy between you and your grim and cross master <0010122>, Jane; for it was astonishing to see how quickly a certain pleasant ease tranquillised your manner: snarl as I would, you <0010131> showed <0010330> no surprise, fear, annoyance, or displeasure at my moroseness; you <0010151> watched <0010350> me, and now and then [you <0010151>] smiled <0010350> at me with a simple yet sagacious grace I cannot describe.

I was at once content and stimulated with what I saw: I liked what I had seen, and wished to see more. Yet, for a long time, I treated you distantly, and sought your company rarely.

I was an intellectual epicure, and wished to prolong the gratification of making this novel and piquant acquaintance: besides, I was for a while troubled with a haunting fear that if I handled the flower freely its bloom would fade—the sweet charm of freshness would leave it. I did not then know that it was no transitory blossom, but rather the radiant resemblance of one, cut in an indestructible gem. Moreover, I wished to see whether you would seek me if I shunned you—but you did not; you kept in the schoolroom as still as your own desk and easel; if by chance I met you, you passed me as soon, and with as little token of recognition, as was consistent with respect. Your habitual expression in those days <0010131>, Jane, was <0010330> a thoughtful look; not despondent, for you <0010131> were <0010330> not sickly; but not buoyant, for you <0010131> had <0010330> little hope, and no actual pleasure. I wondered what you thought of me, or if you ever thought of me, and resolved to find this out. “I resumed my notice of you. There was something glad in your glance, and genial in your manner, when you conversed: I saw you had a social heart; it was the silent schoolroom—it was the tedium of your life—that made you mournful. I permitted myself the delight of being kind to you;

kindness stirred emotion soon: your face became soft in expression, your tones gentle; I liked my name pronounced by your lips in a grateful happy accent. I used to enjoy a chance meeting with you <0010122>, Jane, at this time: there was a curious hesitation in your manner: you <0010151> glanced <0010350> at me with a slight trouble—a hovering doubt: you <0010121> did not know <0010320> what my caprice might be—whether I was going to play the master and be stern, or the friend and be benignant. I was now too fond of you often to simulate the first whim; and, when I stretched my hand out cordially, such bloom and light and bliss rose to your young, wistful features, I had much ado often to avoid straining you then and there to my heart.”

“Don’t talk any more of those days, sir,” I interrupted, furtively dashing away some tears from my eyes; his language was torture to me; for I knew what I must do—and do soon—and all these reminiscences, and these revelations of his feelings only made my work more difficult.

“No, Jane,” he returned: “what necessity is there to dwell on the Past, when the Present is so much surer—the Future so much brighter?”

I shuddered to hear the infatuated assertion.

“You see now how the case stands—do you not?” he continued. “After a youth and manhood passed half in unutterable misery and half in dreary solitude, I have for the first time found what I can truly love—I have found you. You are my sympathy—my better self—my good angel. I am bound to you with a strong attachment. I think you good, gifted, lovely: a fervent, a solemn passion is conceived in my heart; it leans to you, draws you to my centre and spring of life, wraps my existence about you, and, kindling in pure, powerful flame, fuses you and me in one.

“It was because I felt and knew this, that I resolved to marry you. To tell me that I had already a wife is empty mockery: you know now that I had but a hideous demon. I was wrong to attempt to deceive you; but I feared a stubbornness that exists in your character. I feared early instilled prejudice: I wanted to have you safe before hazarding confidences. This was cowardly: I should have appealed to your nobleness and magnanimity at first, as I do now—opened to you plainly my life of agony—described to you my hunger and thirst after a higher and worthier existence—shown to you, not my resolution (that word is weak), but my restless bent to love faithfully and well, where I am faithfully and well loved in return. Then I should have asked you to accept my pledge of fidelity and to give me yours.

Jane—[you <0010111>] give <0010310> it me now.” A pause.

“Why are <0010330> you <0010131> silent, Jane?”

I was experiencing an ordeal: a hand of fiery iron grasped my vitals.

Terrible moment: full of struggle, blackness, burning!

Not a human being that ever lived could wish to be loved better than I was loved; and him who thus loved me I absolutely worshipped: and I must renounce love and idol. One drear word comprised my intolerable duty—“Depart!”

“Jane, you <0010121> understand <0010320> what I want of you <0010122>? Just this promise—‘I will be yours, Mr Rochester.’”

“Mr. Rochester, I <0010133> will not be <0010330> yours.”

Another long silence.

“Jane!” recommenced he, with a gentleness that broke me down with grief, and turned me stone-cold with ominous terror—for this still voice was the pant of a lion rising—“Jane, do you <0010111> mean to go <0010310> one way in the world, and let me go another?”

“I <0010111> do [mean to go <0010310> one way in the world and let you go another].”

“Jane” (bending towards and embracing me), “do you <0010121> mean <0010320> it now?”

“I <0010121> do [mean <0010320> it].”

“And now?” softly kissing my forehead and cheek.

“I <0010121> do [mean <0010320> it],” extricating myself from restraint rapidly and completely.

“Oh, Jane, this is bitter! This—this is wicked. It would not be wicked to love me.”

“It would [be wicked] to obey <0010320> you.”

A wild look raised his brows—crossed his features: he rose; but he forebore yet. I laid my hand on the back of a chair for support: I shook, I feared—but I resolved.

“One instant, Jane. Give one glance to my horrible life when you are gone. All happiness will be torn away with you. What then is left? For a wife I have but the maniac upstairs: as well might you refer me to some corpse in yonder churchyard. What shall I do, Jane? Where turn for a companion and for some hope?”

“Do as I <0010111> do <0010310>: trust in God and yourself. Believe in heaven. Hope to meet again there.”

“Then you will not yield?”

“No.”

“Then you condemn me to live wretched and to die accursed?” His voice rose.

“I <0010141> advise <0010340> you to live sinless, and I <0010121> wish <0010320> you to die tranquil.”

“Then you snatch love and innocence from me? You fling me back on lust for a passion—vice for an occupation?”

“Mr. Rochester, I <0010111> no more assign <0010310> this fate to you than I <0010111> grasp <0010310> at it for myself <0010113>. We were born to strive and endure—you as well as I <0010131> do so [was <0010330> born to strive and endure]. You will forget me <0010122> before I <0010121> forget <0010320> you.”

“You make me a liar by such language: you sully my honour. I declared I could not change: you tell me to my face I shall change soon. And what a distortion in your judgment, what a perversity in your ideas, is proved by your conduct! Is it better to drive a fellow-creature to despair than to transgress a mere human law, no man being injured by the breach? for you have neither relatives nor acquaintances whom you need fear to offend by living with me?”

This was true: and while he spoke my very conscience and reason turned traitors against me, and charged me with crime in resisting him. They spoke almost as loud as Feeling: and that clamoured wildly. “Oh, comply!” it said. “Think of his misery; think of his danger—look at his state when left alone; remember his headlong nature; consider the recklessness following on despair—soothe him; save him; love him; tell him you love him and will be his. Who in the world cares for you? or who will be injured by what you do?”

Still indomitable was the reply—“I care for myself. The more solitary, the more friendless, the more unsustained I am, the more I will respect myself. I will keep the law given by God; sanctioned by man. I will hold to the principles received by me when I was sane, and not mad—as I am now. Laws and principles are not for the times when there is no temptation: they are for such moments as this, when body and soul rise in mutiny against their rigour; stringent are they; inviolate they shall be. If at my individual convenience I might break them, what would be their worth? They have a worth—so I have always believed; and if I cannot believe it now, it is because I am insane—quite insane: with my veins running fire, and my heart beating faster than I can count its throbs. Preconceived opinions, foregone determinations, are all I have at this hour to stand by: there I plant my foot.”

I did.

Mr Rochester, reading my countenance, saw I had done so. His fury was wrought to the highest: he must yield to it for a moment, whatever followed; he crossed the floor and seized my arm and grasped my waist. He seemed to devour me with his flaming glance: physically, I felt, at the moment, powerless as stubble exposed to the draught and glow of a furnace: mentally, I still possessed my soul, and with it the certainty of ultimate safety. The soul, fortunately, has an interpreter—often an unconscious, but still a truthful interpreter—in the eye. My eye rose to his; and while I looked in his fierce face I gave an involuntary sigh; his gripe was painful, and my over-taxed strength almost exhausted.

“Never,” said he, as he ground his teeth, “never was anything at once so frail and so indomitable. A mere reed she feels in my hand!” (And he shook me with the force of his hold.) “I could bend her with my finger and thumb: and what good would it do if I bent, if I

uptore, if I crushed her? Consider that eye: consider the resolute, wild, free thing looking out of it, defying me, with more than courage—with a stern triumph.

Whatever I do with its cage, I cannot get at it—the savage, beautiful creature! If I tear, if I rend the slight prison, my outrage will only let the captive loose. Conqueror I might be of the house; but the inmate would escape to heaven before I could call myself possessor of its clay dwelling-place. And it is you, spirit—with will and energy, and virtue and purity—that I want: not alone your brittle frame. Of yourself you could come with soft flight and nestle against my heart, if you would: seized against your will, you will elude the grasp like an essence—you will vanish ere I inhale your fragrance.

Oh! Come <0010310> [you <0010111>], Jane, come <0010310> [you <0010111>]!”

As he said this, he released me from his clutch, and only looked at me. The look was far worse to resist than the frantic strain: only an idiot, however, would have succumbed now. I had dared and baffled his fury; I must elude his sorrow: I retired to the door.

“You <0010111> are going <0010310>, Jane?”

“I <0010111> am going <0010310>, sir.”

“You are leaving me?”

“Yes [I <0010111> am leaving <0010310> you].”

“You will not come? You will not be my comforter, my rescuer? My deep love, my wild woe, my frantic prayer, are all nothing to you?”

What unutterable pathos was in his voice!

How hard it was to reiterate firmly, “I <0010111> am going <0010310>.”

“Jane!”

“Mr. Rochester!”

“Withdraw, then,—I consent; but remember, you leave me here in anguish. [You <0010111>] Go up <0010310> to your own room; [you <0010121>] think <0010320> over all I have said, and, Jane, [you <0010151>] cast a glance <0010350> on my sufferings— [you <0010121>] think <0010320> of me.”

He turned away; he threw himself on his face on the sofa. “Oh, Jane! my hope—my love—my life!” broke in anguish from his lips. Then came a deep, strong sob.

I had already gained the door; but, reader, I walked back—walked back as determinedly as I had retreated. I knelt down by him; I turned his face from the cushion to me; I kissed his cheek; I smoothed his hair with my hand.

“God bless you, my dear master!” I said. “God keep you from harm and wrong—direct you, solace you—reward you well for your past kindness to me.”

“Little Jane’s love <0010133> would have been <0010330> my best reward,” he answered; “without it, my heart is broken. But Jane <0010111> will give <0010310> me her love <0010112>: yes—nobly, generously.”

Up the blood rushed to his face; forth flashed the fire from his eyes; erect he sprang; he held his arms out; but I evaded the embrace, and at once quitted the room.

“Farewell!” was the cry of my heart as I left him. Despair added, “Farewell for ever!”

\* \* \* \* \*

That night I never thought to sleep; but a slumber fell on me as soon as I lay down in bed. I was transported in thought to the scenes of childhood: I dreamt I lay in the red-room at Gateshead; that the night was dark, and my mind impressed with strange fears. The light that long ago had struck me into syncope, recalled in this vision, seemed glidingly to mount the wall, and tremblingly to pause in the centre of the obscured ceiling. I lifted up my head to look: the roof resolved to clouds, high and dim; the gleam was such as the moon imparts to vapours she is about to sever. I watched her come—watched with the strangest anticipation; as though some word of doom were to be written on her disk. She broke forth as never moon yet burst from cloud: a hand first penetrated the sable folds and waved them away; then, not a moon, but a white human form shone in the azure, inclining a glorious brow earthward. It gazed and gazed on me. It spoke to my spirit: immeasurably distant was the tone, yet so near, it whispered in my heart—

“My daughter, flee temptation.”

“Mother, I will.”

So I answered after I had waked from the trance-like dream. It was yet night, but July nights are short: soon after midnight, dawn comes. “It cannot be too early to commence the task I have to fulfil,” thought I. I rose: I was dressed; for I had taken off nothing but my shoes. I knew where to find in my drawers some linen, a locket, a ring. In seeking these articles, I encountered the beads of a pearl necklace Mr Rochester had forced me to accept a few days ago. I left that; it was not mine: it was the visionary bride’s who had melted in air. The other articles I made up in a parcel; my purse, containing twenty shillings (it was all I had), I put in my pocket: I tied on my straw bonnet, pinned my shawl, took the parcel and my slippers, which I would not put on yet, and stole from my room.

“Farewell, kind Mrs Fairfax!” I whispered, as I glided past her door. “Farewell, my darling Adèle!” I said, as I glanced towards the nursery. No thought could be admitted of entering to embrace her. I had to deceive a fine ear: for aught I knew it might now be listening.

I would have got past Mr Rochester’s chamber without a pause; but my heart momentarily stopping its beat at that threshold, my foot was forced to stop also.

No sleep was there: the inmate was walking restlessly from wall to wall; and again and again he sighed while I listened. There was a heaven—a temporary heaven—in this room for me, if I chose: I had but to go in and to say—

“Mr. Rochester, I will love you and live with you through life till death,” and a fount of rapture would spring to my lips. I thought of this.

That kind master, who could not sleep now, was waiting with impatience for day. He would send for me in the morning; I should be gone. He would have me sought for: vainly. He would feel himself forsaken; his love rejected: he would suffer; perhaps grow desperate. I thought of this too. My hand moved towards the lock: I caught it back, and glided on.

Dreadfully I wound my way downstairs: I knew what I had to do, and I did it mechanically. I sought the key of the side-door in the kitchen; I sought, too, a phial of oil and a feather: I oiled the key and the lock. I got some water, I got some bread: for perhaps I should have to walk far; and my strength, sorely shaken of late, must not break down. All this I did without one sound. I opened the door, passed out, shut it softly. Dim dawn glimmered in the yard. The great gates were closed and locked; but a wicket in one of them was only latched. Through that I departed: it, too, I shut; and now I was out of Thornfield.

A mile off, beyond the fields, lay a road which stretched in the contrary direction to Millcote; a road I had never travelled, but often noticed, and wondered where it led: thither I bent my steps. No reflection was to be allowed now: not one glance was to be cast back; not even one forward. Not one thought was to be given either to the past or the future. The first was a page so heavenly sweet—so deadly sad—that to read one line of it would dissolve my courage and break down my energy. The last was an awful blank: something like the world when the deluge was gone by.

I skirted fields, and hedges, and lanes till after sunrise. I believe it was a lovely summer morning: I know my shoes, which I had put on when I left the house, were soon wet with dew. But I looked neither to rising sun, nor smiling sky, nor wakening nature. He who is taken out to pass through a fair scene to the scaffold, thinks not of the flowers that smile on his road, but of the block and axe-edge; of the dismemberment of bone and vein; of the grave gaping at the end: and I thought of drear flight and homeless wandering—and oh! with agony I thought of what I left. I could not help it. I thought of him now—in his room—watching the sunrise; hoping I should soon come to say I would stay with him and be his. I longed to be his; I panted to return: it was not too late; I could yet spare him the bitter pang of bereavement. As yet my flight, I was sure, was undiscovered. I could go back and be his comforter—his pride; his redeemer from misery, perhaps from ruin. Oh, that fear of his self-abandonment—far worse than my abandonment—how it goaded me! It was a barbed arrow-head in my breast; it tore me when I tried to extract it; it sickened me when remembrance thrust it farther in.

Birds began singing in brake and copse: birds were faithful to their mates; birds were emblems of love. What was I? In the midst of my pain of heart and frantic effort of principle, I abhorred myself. I had no solace from self-approbation: none even from self-respect. I had injured—wounded—left my master. I was hateful in my own eyes. Still I could not turn, nor retrace one step. God must have led me on. As to my own will or conscience, impassioned grief had trampled one and stifled the other. I was weeping wildly as I walked along my solitary way: fast, fast I went like one delirious. A weakness, beginning inwardly, extending to the limbs, seized me, and I fell: I lay on the ground some minutes, pressing my face to the wet turf. I had some fear—or hope—that here I should die: but I was soon up; crawling forwards on my hands and knees, and then again raised to my feet—as eager and as determined as ever to reach the road.

When I got there, I was forced to sit to rest me under the hedge; and while I sat, I heard wheels, and saw a coach come on. I stood up and lifted my hand; it stopped. I asked where it was going: the driver named a place a long way off, and where I was sure Mr Rochester had no connections. I asked for what sum he would take me there; he said thirty shillings; I answered I had but twenty; well, he would try to make it do. He further gave me leave to get into the inside, as the vehicle was empty: I entered, was shut in, and it rolled on its way.

Gentle reader, may you never feel what I then felt! May your eyes never shed such stormy, scalding, heart-wrung tears as poured from mine. May you never appeal to Heaven in prayers so hopeless and so agonised as in that hour left my lips; for never may you, like me, dread to be the instrument of evil to what you wholly love.

#### CHAPTER XXXIV

It was near Christmas by the time all was settled: the season of general holiday approached.

I now closed Morton school, taking care that the parting should not be barren on my side.

Good fortune opens the hand as well as the heart wonderfully; and to give somewhat when we have largely received, is but to afford a vent to the unusual ebullition of the sensations. I had long felt with pleasure that many of my rustic scholars liked me, and when we parted, that consciousness was confirmed:

they manifested their affection plainly and strongly.

Deep was my gratification to find I had really a place in their unsophisticated hearts: I promised them that never a week should pass in future that I did not visit them, and give them an hour's teaching in their school.

Mr Rivers came up as, having seen the classes, now numbering sixty girls, file out before me, and locked the door, I stood with the key in my hand,

exchanging a few words of special farewell with some half-dozen of my best scholars: as decent, respectable, modest, and well-informed young women as could be found in the ranks of the British peasantry. And that is saying a great deal; for after all, the British peasantry are the best taught, best mannered, most self-respecting of any in Europe: since those days I have seen paysannes and Bäuerinnen; and the best of them seemed to me ignorant, coarse, and besotted, compared with my Morton girls.

"Do you consider you have got your reward for a season of exertion?" asked Mr Rivers, when they were gone. "Does not the consciousness of having done some real good in your day and generation give pleasure?"

"Doubtless."

"And you have only toiled a few months! Would not a life devoted to the task of regenerating your race be well spent?"

"Yes," I said; "but I <0010111> could not go on <0010310> for ever so: I <0010121> want to enjoy <0010320> my own faculties as well as to cultivate those of other people <0010122>. I <0010121> must enjoy <0010320> them now; don't recall either my mind <0010144> or body to the school; I <0010131> am <0010330> out of it and [I <0010131> am <0010330>] disposed for full holiday."

He looked grave. "What now? What sudden eagerness is this you evince?

What are you going to do?"

"[I <0010131> am going] To be <0010330> active: as active as I can. And first I <0010141> must beg <0010340> you to set Hannah at liberty, and get somebody else to wait on you."

"Do you want her?"

"Yes, [I <0010121> want <0010320> her] to go with me to Moor House <0010122>. Diana and Mary will be at home in a week, and I <0010131> want to have <0010330> everything in order against their arrival."

"I understand. I thought you were for flying off on some excursion. It is better so: Hannah shall go with you."

"Tell her to be ready by to-morrow then; and here is the schoolroom key: I <0010111> will give <0010310> you the key of my cottage in the morning."

He took it. "You give it up very gleefully," said he; "I don't quite understand your light-heartedness, because I cannot tell what employment you propose to yourself as a substitute for the one you are relinquishing. What aim, what purpose, what ambition in life have you now?"

"My first aim <0010111> will be to clean down <0010310> (do you comprehend the full force of the expression?)—to clean down <0010310> Moor House from chamber to cellar; my next [aim] <0010111> to rub it up <0010310> with bees-wax, oil, and an indefinite number of cloths, till it glitters again; my third [aim] <0010111>, to arrange <0010310> every chair, table, bed, carpet, with mathematical precision; afterwards I <0010111> shall go near to ruin <0010310> you in coals and peat to keep up good fires in every room; and lastly, the two days preceding that on which your sisters are expected will be devoted by Hannah and me to such a beating of eggs, sorting of currants, grating of spices, compounding of Christmas cakes, chopping up of materials for mince-pies, and solemnizing of other culinary rites, as words can convey but an inadequate notion of to the uninitiated like you. My purpose <0010131>, in short, is to have <0010330> all things in an absolutely perfect state of readiness for Diana and Mary before next Thursday; and my ambition <0010111> is to give <0010310> them a beautiful of a welcome when they come."

St. John smiled slightly: still he was dissatisfied.

"It is all very well for the present," said he; "but seriously, I trust that when the first flush of vivacity is over, you will look a little higher than domestic endearments and household joys."

"The best things the world has!" I interrupted.

"No, Jane, no: this world is not the scene of fruition; [you <0010111>] do not attempt to make <0010310> it so: nor of rest; [you <0010131>] do not turn <0010330> slothful."

"I <0010131> mean, on the contrary, to be <0010330> busy."

"Jane, I excuse you <0010122> for the present: two months' grace I allow you for the full enjoyment of your new position, and for pleasing yourself with this late-found charm of relationship <0010122>; but then, I hope you will begin to look beyond Moor House and Morton, and sisterly society, and the selfish calm and sensual comfort of civilised affluence <0010122>. I hope your energies will then once more trouble you with their strength."

I looked at him with surprise.

"St. John," I said, "I <0010121> think <0010320> you are almost wicked to talk so. I <0010131> am disposed to be <0010330> as content as a queen, and you try to stir me <0010112> up to restlessness! To what end?"

"To the end of turning to profit the talents which God has committed to your keeping; and of which He will surely one day demand a strict account. Jane, I shall watch you <0010122> closely and anxiously—I warn you <0010142> of that.

And try to restrain the disproportionate fervour with which you throw yourself into commonplace home pleasures. Don't cling so tenaciously to ties of the flesh; save your constancy and ardour for an adequate cause; forbear to waste them on trite transient objects. Do you <0010121> hear <0010320>, Jane?"

"Yes [I <0010121> do hear <0010320> you]; just as if you were speaking Greek. I <0010121> feel <0010320> I have adequate cause to be happy <0010122>, and I <0010131> will be <0010330> happy. Goodbye!"

Happy at Moor House I was, and hard I worked; and so did Hannah: she was charmed to see how jovial I could be amidst the bustle of a house turned topsy-turvy—how I could brush, and dust, and clean, and cook. And really, after a day or two of confusion worse confounded, it was delightful by degrees to invoke order from the chaos ourselves had made. I had previously taken a journey to S--- to purchase some new furniture: my cousins having given me *carte blanche* to effect what alterations I pleased, and a sum having been set aside for that purpose. The ordinary sitting-room and bedrooms I left much as they were: for I knew Diana and Mary would derive more pleasure from seeing again the old homely tables, and chairs, and beds, than from the spectacle of the smartest innovations. Still some novelty was necessary, to give to their return the piquancy with which I wished it to be invested. Dark handsome new carpets and curtains, an arrangement of some carefully selected antique ornaments in porcelain and bronze, new coverings, and mirrors, and dressing-cases, for the toilet tables, answered the end: they looked fresh without being glaring. A spare parlour and bedroom I refurnished entirely, with old mahogany and crimson upholstery: I laid canvas on the passage, and carpets on the stairs. When all was finished, I thought Moor House as complete a model of bright modest snugness within, as it was, at this season, a specimen of wintry waste and desert dreariness without.

The eventful Thursday at length came. They were expected about dark, and ere dusk fires were lit upstairs and below; the kitchen was in perfect trim; Hannah and I were dressed, and all was in readiness.

St. John arrived first. I had entreated him to keep quite clear of the house till everything was arranged:

and, indeed, the bare idea of the commotion, at once sordid and trivial, going on within its walls sufficed to scare him to estrangement.

He found me in the kitchen, watching the progress of certain cakes for tea, then baking. Approaching the hearth, he asked, "If I was at last satisfied with housemaid's work?" I answered by inviting him to accompany me on a general inspection of the result of my labours. With some difficulty, I got him to make the tour of the house. He just looked in at the doors I opened; and when he had wandered upstairs and downstairs, he said I must have gone through a great deal of fatigue and trouble to have effected such considerable changes in so short a time: but not a syllable did he utter indicating pleasure in the improved aspect of his abode.

This silence damped me. I thought perhaps the alterations had disturbed some old associations he valued. I inquired whether this was the case: no doubt in a somewhat crest-fallen tone.

"Not at all; he had, on the contrary, remarked that I had scrupulously respected every association: he feared, indeed, I must have bestowed more thought on the matter than it was worth. How many minutes, for instance, had I devoted to studying the arrangement of this very room?—By-the-bye, could I tell him where such a book was?"

I showed him the volume on the shelf: he took it down, and withdrawing to his accustomed window recess, he began to read it.

Now, I did not like this, reader. St. John was a good man; but I began to feel he had spoken truth of himself when he said he was hard and cold. The humanities and amenities of life had no attraction for him—its peaceful enjoyments no charm. Literally, he lived only to aspire—after what was good and great, certainly; but still he would never rest, nor approve of others resting round him.

As I looked at his lofty forehead, still and pale as a white stone—at his fine lineaments fixed in study—

I comprehended all at once that he would hardly make a good husband:

that it would be a trying thing to be his wife. I understood, as by inspiration, the nature of his love for Miss Oliver; I agreed with him that it was but a love of the senses.

I comprehended how he should despise himself for the feverish influence it exercised over him; how he should wish to stifle and destroy it; how he should mistrust its ever conducting permanently to his happiness or hers.

I saw he was of the material from which nature hews her heroes—Christian and Pagan—her lawgivers, her statesmen, her conquerors: a steadfast bulwark for great interests to rest upon; but, at the fireside, too often a cold cumbrous column, gloomy and out of place.

“This parlour is not his sphere,” I reflected: “the Himalayan ridge or Caffre bush, even the plague-cursed Guinea Coast swamp would suit him better. Well may he eschew the calm of domestic life; it is not his element: there his faculties stagnate—they cannot develop or appear to advantage. It is in scenes of strife and danger—where courage is proved, and energy exercised, and fortitude tasked—that he will speak and move, the leader and superior. A merry child would have the advantage of him on this hearth. He is right to choose a missionary’s career—I see it now.”

“They are coming! they are coming!” cried Hannah, throwing open the parlour door. At the same moment old Carlo barked joyfully. Out I ran. It was now dark; but a rumbling of wheels was audible. Hannah soon had a lantern lit.

The vehicle had stopped at the wicket; the driver opened the door: first one well-known form, then another, stepped out. In a minute I had my face under their bonnets, in contact first with Mary’s soft cheek, then with Diana’s flowing curls. They laughed—kissed me—then Hannah: patted Carlo, who was half wild with delight; asked eagerly if all was well; and being assured in the affirmative, hastened into the house.

They were stiff with their long and jolting drive from Whitcross, and chilled with the frosty night air; but their pleasant countenances expanded to the cheerful firelight. While the driver and Hannah brought in the boxes, they demanded St. John. At this moment he advanced from the parlour. They both threw their arms round his neck at once. He gave each one quiet kiss, said in a low tone a few words of welcome, stood a while to be talked to, and then, intimating that he supposed they would soon rejoin him in the parlour, withdrew there as to a place of refuge.

I had lit their candles to go upstairs, but Diana had first to give hospitable orders respecting the driver; this done, both followed me. They were delighted with the renovation and decorations of their rooms; with the new drapery, and fresh carpets, and rich tinted china vases: they expressed their gratification ungrudgingly. I had the pleasure of feeling that my arrangements met their wishes exactly, and that what I had done added a vivid charm to their joyous return home.

Sweet was that evening. My cousins, full of exhilaration, were so eloquent in narrative and comment, that their fluency covered St. John’s taciturnity: he was sincerely glad to see his sisters; but in their glow of fervour and flow of joy he could not sympathise. The event of the day—that is, the return of Diana and Mary—pleased him; but the accompaniments of that event, the glad tumult, the garrulous glee of reception irked him: I saw he wished the calmer morrow was come. In the very meridian of the night’s enjoyment, about an hour after tea, a rap was heard at the door. Hannah entered with the intimation that “a poor lad was come, at that unlikely time, to fetch Mr Rivers to see his mother, who was drawing away.”

“Where does she live, Hannah?”

“Clear up at Whitcross Brow, almost four miles off, and moor and moss all the way.”

“Tell him I will go.”

“I’m sure, sir, you had better not. It’s the worst road to travel after dark that can be: there’s no track at all over the bog. And then it is such a bitter night—the keenest wind you ever felt. You had better send word, sir, that you will be there in the morning.”

But he was already in the passage, putting on his cloak; and without one objection, one murmur, he departed. It was then nine o’clock: he did not return till midnight. Starved and tired enough he was: but he looked happier than when he set out.

He had performed an act of duty; made an exertion; felt his own strength to do and deny, and was on better terms with himself.

I am afraid the whole of the ensuing week tried his patience. It was Christmas week: we took to no settled employment, but spent it in a sort of merry domestic dissipation.

The air of the moors, the freedom of home, the dawn of prosperity, acted on Diana and Mary's spirits like some life-giving elixir: they were gay from morning till noon, and from noon till night. They could always talk; and their discourse, witty, pithy, original, had such charms for me, that I preferred listening to, and sharing in it, to doing anything else.

St. John did not rebuke our vivacity; but he escaped from it: he was seldom in the house; his parish was large, the population scattered, and he found daily business in visiting the sick and poor in its different districts.

One morning at breakfast, Diana, after looking a little pensive for some minutes, asked him, "If his plans were yet unchanged?"

"Unchanged and unchangeable," was the reply. And he proceeded to inform us that his departure from England was now definitively fixed for the ensuing year.

"And Rosamond Oliver?" suggested Mary, the words seeming to escape her lips involuntarily: for no sooner had she uttered them, than she made a gesture as if wishing to recall them. St. John had a book in his hand—it was his unsocial custom to read at meals—he closed it, and looked up.

"Rosamond Oliver," said he, "is about to be married to Mr Granby, one of the best connected and most estimable residents in S-, grandson and heir to Sir Frederic Granby: I had the intelligence from her father yesterday."

His sisters looked at each other and at me; we all three looked at him: he was serene as glass.

"The match must have been got up hastily," said Diana: "they cannot have known each other long."

"But two months: they met in October at the county ball at S-. But where there are no obstacles to a union, as in the present case, where the connection is in every point desirable, delays are unnecessary: they will be married as soon as S--- Place, which Sir Frederic gives up to them, can be refitted for their reception."

The first time I found St. John alone after this communication, I felt tempted to inquire if the event distressed him: but he seemed so little to need sympathy, that, so far from venturing to offer him more, I experienced some shame at the recollection of what I had already hazarded. Besides, I was out of practice in talking to him: his reserve was again frozen over, and my frankness was congealed beneath it. He had not kept his promise of treating me like his sisters; he continually made little chilling differences between us, which did not at all tend to the development of cordiality: in short, now that I was acknowledged his kinswoman, and lived under the same roof with him, I felt the distance between us to be far greater than when he had known me only as the village schoolmistress. When I remembered how far I had once been admitted to his confidence, I could hardly comprehend his present frigidity.

Such being the case, I felt not a little surprised when he raised his head suddenly from the desk over which he was stooping, and said—

"You <0010121> see <0010320>, Jane, the battle is fought and the victory won."

Startled at being thus addressed, I did not immediately reply: after a moment's hesitation I answered—

"But are you sure you are not in the position of those conquerors whose triumphs have cost them too dear? Would not such another ruin you?"

"I think not; and if I were, it does not much signify; I shall never be called upon to contend for such another. The event of the conflict is decisive: my way is now clear; I thank God for it!" So saying, he returned to his papers and his silence.

As our mutual happiness (i.e., Diana's, Mary's, and mine) settled into a quieter character, and we resumed our usual habits and regular studies, St. John stayed more at home: he sat with us in the same room, sometimes for hours together. While Mary drew, Diana pursued a course of encyclopædic reading she had (to my awe and amazement) undertaken, and I fagged away at German, he pondered a mystic lore of his own: that of some Eastern tongue, the acquisition of which he thought necessary to his plans.

Thus engaged, he appeared, sitting in his own recess, quiet and absorbed enough; but that blue eye of his had a habit of leaving the outlandish-looking grammar, and wandering over, and

sometimes fixing upon us, his fellow-students, with a curious intensity of observation: if caught, it would be instantly withdrawn; yet ever and anon, it returned searchingly to our table. I wondered what it meant: I wondered, too, at the punctual satisfaction he never failed to exhibit on an occasion that seemed to me of small moment, namely, my weekly visit to Morton school; and still more was I puzzled when, if the day was unfavourable, if there was snow, or rain, or high wind, and his sisters urged me not to go, he would invariably make light of their solicitude, and encourage me to accomplish the task without regard to the elements.

“Jane <0010131> is <0010330> not such a weakling as you would make her <0010132>,” he would say: “she <0010121> can bear <0010320> a mountain blast, or a shower, or a few flakes of snow, as well as any of us. Her constitution is both sound and elastic;—better calculated to endure variations of climate than many more robust.”

And when I returned, sometimes a good deal tired, and not a little weather-beaten, I never dared complain, because I saw that to murmur would be to vex him: on all occasions fortitude pleased him; the reverse was a special annoyance.

One afternoon, however, I got leave to stay at home, because I really had a cold. His sisters were gone to Morton in my stead: I sat reading Schiller; he, deciphering his crabbed Oriental scrolls. As I exchanged a translation for an exercise, I happened to look his way: there I found myself under the influence of the ever-watchful blue eye. How long it had been searching me through and through, and over and over, I cannot tell: so keen was it, and yet so cold, I felt for the moment superstitious—as if I were sitting in the room with something uncanny.

“Jane, what are you <0010111> doing <0010310>?”

“[I <0010121> am] Learning <0010320> German.”

“I want you to give up German and learn Hindostanee.”

“You are not in earnest?”

“In such earnest that I must have it so: and I will tell you why.”

He then went on to explain that Hindostanee was the language he was himself at present studying; that, as he advanced, he was apt to forget the commencement; that it would assist him greatly to have a pupil with whom he might again and again go over the elements, and so fix them thoroughly in his mind; that his choice had hovered for some time between me and his sisters; but that he had fixed on me because he saw I could sit at a task the longest of the three. Would I do him this favour? I should not, perhaps, have to make the sacrifice long, as it wanted now barely three months to his departure.

St. John was not a man to be lightly refused: you felt that every impression made on him, either for pain or pleasure, was deep-graved and permanent. I consented. When Diana and Mary returned, the former found her scholar transferred from her to her brother: she laughed, and both she and Mary agreed that St. John should never have persuaded them to such a step. He answered quietly—

“I know it.”

I found him a very patient, very forbearing, and yet an exacting master: he expected me to do a great deal; and when I fulfilled his expectations, he, in his own way, fully testified his approbation. By degrees, he acquired a certain influence over me that took away my liberty of mind: his praise and notice were more restraining than his indifference. I could no longer talk or laugh freely when he was by, because a tiresomely importunate instinct reminded me that vivacity (at least in me) was distasteful to him. I was so fully aware that only serious moods and occupations were acceptable, that in his presence every effort to sustain or follow any other became vain: I fell under a freezing spell. When he said “go,” I went; “come,” I came; “do this,” I did it. But I did not love my servitude: I wished, many a time, he had continued to neglect me.

One evening when, at bedtime, his sisters and I stood round him, bidding him good-night, he kissed each of them, as was his custom; and, as was equally his custom, he gave me his hand. Diana, who chanced to be in a frolicsome humour (she was not painfully controlled by his will; for hers, in another way, was as strong), exclaimed—

“St. John! you used to call Jane your third sister <0010143>, but you don’t treat her <0010112> as such: you should kiss her too.”

She pushed me towards him. I thought Diana very provoking, and felt uncomfortably confused; and while I was thus thinking and feeling, St. John bent his head; his Greek face was brought to a level with mine, his eyes questioned my eyes piercingly—he kissed me. There are no such things as marble kisses or ice kisses, or I should say my ecclesiastical cousin’s salute belonged to one of these classes; but there may be experiment kisses, and his was an experiment kiss. When given, he viewed me to learn the result; it was not striking: I am sure I did not blush; perhaps I might have turned a little pale, for I felt as if this kiss were a seal affixed to my fetters. He never omitted the ceremony afterwards, and the gravity and quiescence with which I underwent it, seemed to invest it for him with a certain charm.

As for me, I daily wished more to please him; but to do so, I felt daily more and more that I must disown half my nature, stifle half my faculties, wrest my tastes from their original bent, force myself to the adoption of pursuits for which I had no natural vocation. He wanted to train me to an elevation I could never reach; it racked me hourly to aspire to the standard he uplifted. The thing was as impossible as to mould my irregular features to his correct and classic pattern, to give to my changeable green eyes the sea-blue tint and solemn lustre of his own.

Not his ascendancy alone, however, held me in thrall at present. Of late it had been easy enough for me to look sad: a cankering evil sat at my heart and drained my happiness at its source—the evil of suspense.

Perhaps you think I had forgotten Mr Rochester, reader, amidst these changes of place and fortune. Not for a moment. His idea was still with me, because it was not a vapour sunshine could disperse, nor a sand-traced effigy storms could wash away; it was a name graven on a tablet, fated to last as long as the marble it inscribed. The craving to know what had become of him followed me everywhere; when I was at Morton, I re-entered my cottage every evening to think of that; and now at Moor House, I sought my bedroom each night to brood over it.

In the course of my necessary correspondence with Mr Briggs about the will, I had inquired if he knew anything of Mr Rochester’s present residence and state of health; but, as St. John had conjectured, he was quite ignorant of all concerning him. I then wrote to Mrs Fairfax, entreating information on the subject. I had calculated with certainty on this step answering my end: I felt sure it would elicit an early answer. I was astonished when a fortnight passed without reply; but when two months wore away, and day after day the post arrived and brought nothing for me, I fell a prey to the keenest anxiety.

I wrote again: there was a chance of my first letter having missed. Renewed hope followed renewed effort: it shone like the former for some weeks, then, like it, it faded, flickered: not a line, not a word reached me. When half a year wasted in vain expectancy, my hope died out, and then I felt dark indeed.

A fine spring shone round me, which I could not enjoy. Summer approached; Diana tried to cheer me: she said I looked ill, and wished to accompany me to the sea-side. This St. John opposed; he said I did not want dissipation, I wanted employment; my present life was too purposeless, I required an aim; and, I suppose, by way of supplying deficiencies, he prolonged still further my lessons in Hindostanee, and grew more urgent in requiring their accomplishment: and I, like a fool, never thought of resisting him—I could not resist him.

One day I had come to my studies in lower spirits than usual; the ebb was occasioned by a poignantly felt disappointment. Hannah had told me in the morning there was a letter for me, and when I went down to take it, almost certain that the long-looked for tidings were vouchsafed me at last, I found only an unimportant note from Mr Briggs on business. The bitter check had wrung from me some tears; and now, as I sat poring over the crabbed characters and flourishing tropes of an Indian scribe, my eyes filled again.

St. John called me to his side to read; in attempting to do this my voice failed me: words were lost in sobs. He and I were the only occupants of the parlour: Diana was practising her music in the drawing-room, Mary was gardening—it was a very fine May day, clear, sunny, and

breezy. My companion expressed no surprise at this emotion, nor did he question me as to its cause; he only said—

“We will wait a few minutes, Jane, till you <0010131> are <0010330> more composed.” And while I smothered the paroxysm with all haste, he sat calm and patient, leaning on his desk, and looking like a physician watching with the eye of science an expected and fully understood crisis in a patient’s malady. Having stifled my sobs, wiped my eyes, and muttered something about not being very well that morning, I resumed my task, and succeeded in completing it. St. John put away my books and his, locked his desk, and said—

“Now, Jane, you <0010111> shall take a walk <0010310>; and with me.”

“I <0010141> will call <0010340> Diana and Mary.”

“No; I want only one companion this morning, and that must be you. Put on your things; go out by the kitchen-door: take the road towards the head of Marsh Glen: I will join you in a moment.”

I know no medium: I never in my life have known any medium in my dealings with positive, hard characters, antagonistic to my own, between absolute submission and determined revolt. I have always faithfully observed the one, up to the very moment of bursting, sometimes with volcanic vehemence, into the other; and as neither present circumstances warranted, nor my present mood inclined me to mutiny, I observed careful obedience to St. John’s directions; and in ten minutes I was treading the wild track of the glen, side by side with him.

The breeze was from the west: it came over the hills, sweet with scents of heath and rush; the sky was of stainless blue; the stream descending the ravine, swelled with past spring rains, poured along plentiful and clear, catching golden gleams from the sun, and sapphire tints from the firmament. As we advanced and left the track, we trod a soft turf, mossy fine and emerald green, minutely enamelled with a tiny white flower, and spangled with a star-like yellow blossom: the hills, meantime, shut us quite in; for the glen, towards its head, wound to their very core.

“Let us rest here,” said St. John, as we reached the first stragglers of a battalion of rocks, guarding a sort of pass, beyond which the beck rushed down a waterfall; and where, still a little farther, the mountain shook off turf and flower, had only heath for raiment and crag for gem—where it exaggerated the wild to the savage, and exchanged the fresh for the frowning—where it guarded the forlorn hope of solitude, and a last refuge for silence.

I took a seat: St. John stood near me. He looked up the pass and down the hollow; his glance wandered away with the stream, and returned to traverse the unclouded heaven which coloured it: he removed his hat, let the breeze stir his hair and kiss his brow. He seemed in communion with the genius of the haunt: with his eye he bade farewell to something.

“And I shall see it again,” he said aloud, “in dreams when I sleep by the Ganges: and again in a more remote hour—when another slumber overcomes me—on the shore of a darker stream!”

Strange words of a strange love! An austere patriot’s passion for his fatherland! He sat down; for half-an-hour we never spoke; neither he to me nor I to him: that interval past, he recommenced—

“Jane, I go in six weeks; I have taken my berth in an East Indiaman which sails on the 20th of June.”

“God will protect you; for you have undertaken His work,” I answered.

“Yes,” said he, “there is my glory and joy. I am the servant of an infallible Master. I am not going out under human guidance, subject to the defective laws and erring control of my feeble fellow-worms: my king, my lawgiver, my captain, is the All-perfect. It seems strange to me that all round me do not burn to enlist under the same banner,—to join in the same enterprise.”

“All have not your powers, and it would be folly for the feeble to wish to march with the strong.”

“I do not speak to the feeble, or think of them: I address only such as are worthy of the work, and competent to accomplish it.”

“Those are few in number, and difficult to discover.”

“You say truly; but when found, it is right to stir them up—to urge and exhort them to the effort—to show them what their gifts are, and why they were given—to speak Heaven’s message in their ear,—to offer them, direct from God, a place in the ranks of His chosen.”

“If they are really qualified for the task, will not their own hearts be the first to inform them of it?”

I felt as if an awful charm was framing round and gathering over me: I trembled to hear some fatal word spoken which would at once declare and rivet the spell.

“And what does your heart say?” demanded St. John.

“My heart <0010131> is <0010330> mute,—my heart <0010131> is <0010330> mute,” I answered, struck and thrilled.

“Then I must speak for it,” continued the deep, relentless voice. “Jane, come <0010310> with me to India: come <0010310> [you <0010111>] as my helpmeet and fellow-labourer.”

The glen and sky spun round: the hills heaved! It was as if I had heard a summons from Heaven—as if a visionary messenger, like him of Macedonia, had enounced, “Come over and help us!” But I was no apostle,—I could not behold the herald,—I could not receive his call.

“Oh, St. John!” I cried, “have some mercy!”

I appealed to one who, in the discharge of what he believed his duty, knew neither mercy nor remorse. He continued—

“God and nature intended you for a missionary’s wife. It is not personal, but mental endowments they have given you: you are formed for labour, not for love. A missionary’s wife you must—shall be. You shall be mine: I claim you—not for my pleasure, but for my Sovereign’s service.”

“I <0010131> am <0010330> not fit for it: I <0010131> have <0010330> no vocation,” I said.

He had calculated on these first objections: he was not irritated by them. Indeed, as he leaned back against the crag behind him, folded his arms on his chest, and fixed his countenance, I saw he was prepared for a long and trying opposition, and had taken in a stock of patience to last him to its close—resolved, however, that that close should be conquest for him.

“Humility, Jane,” said he, “is the groundwork of Christian virtues: you <0010141> say <0010340> right that you are not fit for the work <0010143>. Who is fit for it? Or who, that ever was truly called, believed himself worthy of the summons? I, for instance, am but dust and ashes. With St. Paul, I acknowledge myself the chiefest of sinners; but I do not suffer this sense of my personal vileness to daunt me. I know my Leader: that He is just as well as mighty; and while He has chosen a feeble instrument to perform a great task, He will, from the boundless stores of His providence, supply the inadequacy of the means to the end.

Think <0010320> [you <0010121>] like me, Jane—trust <0010320> [you <0010121>] like me. It is the Rock of Ages I ask you to lean on: do not doubt but it will bear the weight of your human weakness.”

“I <0010121> do not understand <0010320> a missionary life: I <0010121> have never studied <0010320> missionary labours.”

“There I, humble as I am, can give you the aid you want: I can set you your task from hour to hour; stand by you always; help you from moment to moment. This I could do in the beginning: soon (for I know your powers) you would be as strong and apt as myself, and would not require my help.”

“But my powers—where are they for this undertaking? I <0010121> do not feel <0010320> them. Nothing speaks or stirs in me while you talk. I <0010131> am <0010330> sensible of no light kindling—no life quickening—no voice counselling or cheering. Oh, I <0010121> wish <0010320> I could make you see how much my mind is at this moment like a rayless dungeon, with one shrinking fear fettered in its depths—the fear of being persuaded by you to attempt what I cannot accomplish <0010122>!”

“I have an answer for you—hear it. I have watched you ever since we first met: I have made you my study for ten months. I have proved you in that time by sundry tests: and what have I seen and elicited? In the village school I found you could perform well, punctually, uprightly, labour uncongenial to your habits and inclinations; I saw you could perform it with capacity

and tact: you could win while you controlled. In the calm with which you learnt you had become suddenly rich, I read a mind clear of the vice of Demas:—lucre had no undue power over you. In the resolute readiness with which you cut your wealth into four shares, keeping but one to yourself, and relinquishing the three others to the claim of abstract justice, I recognised a soul that revelled in the flame and excitement of sacrifice. In the tractability with which, at my wish, you forsook a study in which you were interested, and adopted another because it interested me; in the untiring assiduity with which you have since persevered in it—in the unflagging energy and unshaken temper with which you have met its difficulties—I acknowledge the complement of the qualities I seek.

Jane, you <0010131> are <0010330> docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic: [you <0010121>] cease to mistrust <0010320> yourself <0010122>—I can trust you <0010122> unreservedly. As a conductress of Indian schools, and a helper amongst Indian women, your assistance will be to me invaluable.”

My iron shroud contracted round me; persuasion advanced with slow sure step. Shut my eyes as I would, these last words of his succeeded in making the way, which had seemed blocked up, comparatively clear. My work, which had appeared so vague, so hopelessly diffuse, condensed itself as he proceeded, and assumed a definite form under his shaping hand. He waited for an answer. I demanded a quarter of an hour to think, before I again hazarded a reply.

“Very willingly,” he rejoined; and rising, he strode a little distance up the pass, threw himself down on a swell of heath, and there lay still.

“I can do what he wants me to do: I am forced to see and acknowledge that,” I meditated,—“that is, if life be spared me.

But I feel mine is not the existence to be long protracted under an Indian sun. What then? He does not care for that: when my time came to die, he would resign me, in all serenity and sanctity, to the God who gave me. The case is very plain before me.

In leaving England, I should leave a loved but empty land—Mr. Rochester is not there; and if he were, what is, what can that ever be to me? My business is to live without him now: nothing so absurd, so weak as to drag on from day to day, as if I were waiting some impossible change in circumstances, which might reunite me to him. Of course (as St. John once said) I must seek another interest in life to replace the one lost: is not the occupation he now offers me truly the most glorious man can adopt or God assign? Is it not, by its noble cares and sublime results, the one best calculated to fill the void left by uptorn affections and demolished hopes?

I believe I must say, Yes—and yet I shudder. Alas! If I join St. John, I abandon half myself: if I go to India, I go to premature death. And how will the interval between leaving England for India, and India for the grave, be filled? Oh, I know well! That, too, is very clear to my vision.

By straining to satisfy St. John till my sinews ache, I shall satisfy him—to the finest central point and farthest outward circle of his expectations. If I do go with him—if I do make the sacrifice he urges, I will make it absolutely: I will throw all on the altar—heart, vitals, the entire victim. He will never love me; but he shall approve me; I will show him energies he has not yet seen, resources he has never suspected. Yes, I can work as hard as he can, and with as little grudging.

“Consent, then, to his demand is possible: but for one item—one dreadful item. It is—that he asks me to be his wife, and has no more of a husband’s heart for me than that frowning giant of a rock, down which the stream is foaming in yonder gorge. He prizes me as a soldier would a good weapon; and that is all. Unmarried to him, this would never grieve me; but can I let him complete his calculations—coolly put into practice his plans—go through the wedding ceremony? Can I receive from him the bridal ring, endure all the forms of love (which I doubt not he would scrupulously observe) and know that the spirit was quite absent? Can I bear the consciousness that every endearment he bestows is a sacrifice made on principle? No: such a martyrdom would be monstrous. I will never undergo it. As his sister, I might accompany him—not as his wife: I will tell him so.”

I looked towards the knoll: there he lay, still as a prostrate column; his face turned to me: his eye beaming watchful and keen. He started to his feet and approached me.

"I <0010111> am ready to go <0010310> to India, if I <0010111> may go <0010310> free."

"Your answer requires a commentary," he said; "it is not clear."

"You have hitherto been my adopted brother—I, your adopted sister: let us continue as such: you and I had better not marry."

He shook his head. "Adopted fraternity will not do in this case. If you were my real sister it would be different: I should take you, and seek no wife. But as it is, either our union must be consecrated and sealed by marriage, or it cannot exist: practical obstacles oppose themselves to any other plan.

Do you <0010121> not see <0010320> it, Jane? Consider a moment—your strong sense will guide you."

I did consider; and still my sense, such as it was, directed me only to the fact that we did not love each other as man and wife should: and therefore it inferred we ought not to marry. I said so.

"St. John," I returned, "I <0010121> regard <0010320> you as a brother—you, me as a sister: so let us continue."

"We cannot—we cannot," he answered, with short, sharp determination: "it would not do. You have said you will go with me to India: remember—you have said that."

"Conditionally [I <0010141> have said <0010340> I would go with you to India <0010143>]."

"Well—well. To the main point—the departure with me from England, the co-operation with me in my future labours—you do not object. You have already as good as put your hand to the plough: you are too consistent to withdraw it. You have but one end to keep in view—how the work you have undertaken can best be done. Simplify your complicated interests, feelings, thoughts, wishes, aims; merge all considerations in one purpose: that of fulfilling with effect—with power—the mission of your great Master. To do so, you must have a coadjutor: not a brother—that is a loose tie—but a husband. I, too, do not want a sister: a sister might any day be taken from me. I want a wife: the sole helpmeet I can influence efficiently in life, and retain absolutely till death."

I shuddered as he spoke: I felt his influence in my marrow—his hold on my limbs.

"Seek one elsewhere than in me, St. John: seek one fitted to you."

"One fitted to my purpose, you mean—fitted to my vocation.

Again I tell you it is not the insignificant private individual—the mere man, with the man's selfish senses—I wish to mate: it is the missionary."

"And I <0010111> will give <0010310> the missionary my energies <0010112>—it is all he wants—but [I <0010111> will] not [give <0010310>] myself <0010112>: that would be only adding the husk and shell to the kernel.

For them he has no use: I <0010111> retain <0010310> them."

"You cannot—you ought not. Do you think God will be satisfied with half an oblation? Will He accept a mutilated sacrifice? It is the cause of God I advocate: it is under His standard I enlist you. I cannot accept on His behalf a divided allegiance: it must be entire."

"Oh! I <0010111> will give <0010310> my heart <0010112> to God," I said. "You do not want it."

I will not swear, reader, that there was not something of repressed sarcasm both in the tone in which I uttered this sentence, and in the feeling that accompanied it. I had silently feared St. John till now, because I had not understood him. He had held me in awe, because he had held me in doubt. How much of him was saint, how much mortal, I could not heretofore tell: but revelations were being made in this conference: the analysis of his nature was proceeding before my eyes. I saw his fallibilities: I comprehended them. I understood that, sitting there where I did, on the bank of heath, and with that handsome form before me, I sat at the feet of a man, caring as I. The veil fell from his hardness and despotism. Having felt in him the presence of these qualities, I felt his imperfection and took courage. I was with an equal—one with whom I might argue—one whom, if I saw good, I might resist.

He was silent after I had uttered the last sentence, and I presently risked an upward glance at his countenance.

His eye, bent on me, expressed at once stern surprise and keen inquiry. "Is she sarcastic, and sarcastic to me?" it seemed to say. "What does this signify?"

"Do not let us forget that this is a solemn matter," he said ere long; "one of which we may neither think nor talk lightly without sin. I trust, Jane, you <0010131> are <0010330> in earnest when you <0010141> say <0010340> you will serve your heart to God <0010143>: it is all I want.

Once wrench your heart from man, and fix it on your Maker, the advancement of that Maker's spiritual kingdom on earth will be your chief delight and endeavour; you will be ready to do at once whatever furthers that end.

You will see what impetus would be given to your efforts and mine by our physical and mental union in marriage:

the only union that gives a character of permanent conformity to the destinies and designs of human beings; and, passing over all minor caprices—all trivial difficulties and delicacies of feeling—all scruple about the degree, kind, strength or tenderness of mere personal inclination—

you will hasten to enter into that union at once."

"Shall I <0010111> [hasten <0010310> to enter into that union at once]?" I said briefly; and I looked at his features, beautiful in their harmony, but strangely formidable in their still severity; at his brow, commanding but not open; at his eyes, bright and deep and searching, but never soft; at his tall imposing figure; and fancied myself in idea his wife. Oh! it would never do! As his curate, his comrade, all would be right: I would cross oceans with him in that capacity; toil under Eastern suns, in Asian deserts with him in that office; admire and emulate his courage and devotion and vigour; accommodate quietly to his masterhood; smile undisturbed at his ineradicable ambition; discriminate the Christian from the man: profoundly esteem the one, and freely forgive the other. I should suffer often, no doubt, attached to him only in this capacity: my body would be under rather a stringent yoke, but my heart and mind would be free. I should still have my unblighted self to turn to: my natural unenslaved feelings with which to communicate in moments of loneliness. There would be recesses in my mind which would be only mine, to which he never came, and sentiments growing there fresh and sheltered which his austerity could never blight, nor his measured warrior-march trample down: but as his wife—at his side always, and always restrained, and always checked—forced to keep the fire of my nature continually low, to compel it to burn inwardly and never utter a cry, though the imprisoned flame consumed vital after vital—this would be unendurable.

"St. John!" I exclaimed, when I had got so far in my meditation.

"Well?" he answered icily.

"I <0010141> repeat <0010340> I freely consent to go with you as your fellow-missionary, but not as your wife <0010143>; I <0010111> cannot marry <0010310> you and [I <0010131> cannot] become <0010330> part of you."

"A part of me you must become," he answered steadily; "otherwise the whole bargain is void.

How can I, a man not yet thirty, take out with me to India a girl of nineteen, unless she be married to me? How can we be for ever together—sometimes in solitudes, sometimes amidst savage tribes—and unwed?"

"Very well," I said shortly; "under the circumstances, quite as well as if I <0010133> were <0010330> either your real sister, or a man and a clergyman like yourself."

"It is known that you are not my sister; I cannot introduce you as such: to attempt it would be to fasten injurious suspicions on us both. And for the rest, though you have a man's vigorous brain, you have a woman's heart and—it would not do."

"It would do," I affirmed with some disdain, "perfectly well. I <0010131> have <0010330> a woman's heart, but not where you are concerned; for you I <0010131> have <0010330> only a comrade's constancy; a fellow-soldier's frankness, fidelity, fraternity, if you like; a neophyte's respect and submission to his hierophant: nothing more—don't fear."

"It is what I want," he said, speaking to himself; "it is just what I want. And there are obstacles in the way: they must be hewn down.

Jane, you <0010121> would not repent <0010320> marrying me—[you <0010131>] be <0010330> certain of that; we must be married. I repeat it: there is no other way; and undoubtedly enough of love would follow upon marriage to render the union right even in your eyes."

"I <0010121> scorn <0010320> your idea of love," I could not help saying, as I rose up and stood before him, leaning my back against the rock. "I <0010121> scorn <0010320> the counterfeit sentiment you offer: yes, St. John, and I <0010121> scorn <0010320> you when you offer it."

He looked at me fixedly, compressing his well-cut lips while he did so. Whether he was incensed or surprised, or what, it was not easy to tell: he could command his countenance thoroughly.

"I scarcely expected to hear that expression from you," he said:

"I think I have done and uttered nothing to deserve scorn."

I was touched by his gentle tone, and overawed by his high, calm mien.

"Forgive me <0010122> the words, St. John; but it is your own fault that I <0010141> have been roused to speak <0010340> so unguardedly. You have introduced a topic on which our natures are at variance—a topic we should never discuss: the very name of love is an apple of discord between us. If the reality were required, what should we do? How should we feel? My dear cousin, abandon your scheme of marriage—forget it."

"No," said he; "it is a long-cherished scheme, and the only one which can secure my great end: but I shall urge you no further at present. To-morrow, I leave home for Cambridge: I have many friends there to whom I should wish to say farewell. I shall be absent a fortnight—take that space of time to consider my offer: and do not forget that if you reject it, it is not me you deny, but God. Through my means, He opens to you a noble career; as my wife only can you enter upon it. Refuse to be my wife, and you limit yourself for ever to a track of selfish ease and barren obscurity. Tremble lest in that case you should be numbered with those who have denied the faith, and are worse than infidels!"

He had done. Turning from me, he once more "Looked to river, looked to hill."

But this time his feelings were all pent in his heart: I was not worthy to hear them uttered. As I walked by his side homeward, I read well in his iron silence all he felt towards me: the disappointment of an austere and despotic nature, which has met resistance where it expected submission—the disapprobation of a cool, inflexible judgment, which has detected in another feelings and views in which it has no power to sympathise: in short, as a man, he would have wished to coerce me into obedience: it was only as a sincere Christian he bore so patiently with my perversity, and allowed so long a space for reflection and repentance.

That night, after he had kissed his sisters, he thought proper to forget even to shake hands with me, but left the room in silence. I—who, though I had no love, had much friendship for him—was hurt by the marked omission: so much hurt that tears started to my eyes.

"I see you and St. John have been quarrelling, Jane," said Diana, "during your walk on the moor. But go after him; he is now lingering in the passage expecting you—he will make it up." I have not much pride under such circumstances: I would always rather be happy than dignified; and I ran after him—he stood at the foot of the stairs.

"Good-night, St. John," said I.

"Good-night, Jane," he replied calmly.

"Then shake hands," I added.

What a cold, loose touch, he impressed on my fingers! He was deeply displeased by what had occurred that day; cordiality would not warm, nor tears move him. No happy reconciliation was to be had with him—no cheering smile or generous word: but still the Christian was patient and placid; and when I asked him if he forgave me, he answered that he was not in the habit of cherishing the remembrance of vexation; that he had nothing to forgive, not having been offended.

And with that answer he left me. I would much rather he had knocked me down.

#### CHAPTER XXXV

He did not leave for Cambridge the next day, as he had said he would. He deferred his departure a whole week, and during that time he made me feel what severe punishment a good yet stern, a conscientious yet implacable man can inflict on one who has offended him. Without one overt act of hostility, one upbraiding word, he contrived to impress me momentarily with the conviction that I was put beyond the pale of his favour.

Not that St. John harboured a spirit of unchristian vindictiveness—not that he would have injured a hair of my head, if it had been fully in his power to do so. Both by nature and principle, he was superior to the mean gratification of vengeance: he had forgiven me for saying I scorned him and his love, but he had not forgotten the words; and as long as he and I lived he never would forget them. I saw by his look, when he turned to me, that they were always written on the air between me and him; whenever I spoke, they sounded in my voice to his ear, and their echo toned every answer he gave me.

He did not abstain from conversing with me: he even called me as usual each morning to join him at his desk; and I fear the corrupt man within him had a pleasure unimparted to, and unshared by, the pure Christian, in evincing with what skill he could, while acting and speaking apparently just as usual, extract from every deed and every phrase the spirit of interest and approval which had formerly communicated a certain austere charm to his language and manner. To me, he was in reality become no longer flesh, but marble; his eye was a cold, bright, blue gem; his tongue a speaking instrument—nothing more.

All this was torture to me—refined, lingering torture. It kept up a slow fire of indignation and a trembling trouble of grief, which harassed and crushed me altogether.

I felt how—if I were his wife, this good man, pure as the deep sunless source, could soon kill me, without drawing from my veins a single drop of blood, or receiving on his own crystal conscience the faintest stain of crime. Especially I felt this when I made any attempt to propitiate him. No ruth met my ruth. He experienced no suffering from estrangement—no yearning after reconciliation; and though, more than once, my fast falling tears blistered the page over which we both bent, they produced no more effect on him than if his heart had been really a matter of stone or metal. To his sisters, meantime, he was somewhat kinder than usual: as if afraid that mere coldness would not sufficiently convince me how completely I was banished and banned, he added the force of contrast; and this I am sure he did not by force, but on principle.

The night before he left home, happening to see him walking in the garden about sunset, and remembering, as I looked at him, that this man, alienated as he now was, had once saved my life, and that we were near relations, I was moved to make a last attempt to regain his friendship. I went out and approached him as he stood leaning over the little gate; I spoke to the point at once.

“St. John, I am unhappy because you are still angry with me. Let us be friends.”

“I hope we are friends,” was the unmoved reply; while he still watched the rising of the moon, which he had been contemplating as I approached.

“No, St. John, we are not friends as we were. You know that.”

“Are we not? That is wrong. For my part, I wish you no ill and all good.”

“I believe you, St. John; for I am sure you are incapable of wishing any one ill; but, as I am your kinswoman, I should desire somewhat more of affection than that sort of general philanthropy you extend to mere strangers.”

“Of course,” he said. “Your wish is reasonable, and I am far from regarding you as a stranger.” This, spoken in a cool, tranquil tone, was mortifying and baffling enough. Had I attended to the suggestions of pride and ire, I should immediately have left him; but something worked within me more strongly than those feelings could. I deeply venerated my cousin’s talent and

principle. His friendship was of value to me: to lose it tried me severely. I would not so soon relinquish the attempt to reconquer it.

"Must we part in this way, St. John? And when you go to India, will you leave me so, without a kinder word than you have yet spoken?"

He now turned quite from the moon and faced me.

"When I go to India, Jane, will I leave you <0010112>! What! do you not go to India?"

"You said I could not [go] unless I married you <0010143>."

"And you will not marry me! You adhere to that resolution?"

Reader, do you know, as I do, what terror those cold people can put into the ice of their questions? How much of the fall of the avalanche is in their anger? of the breaking up of the frozen sea in their displeasure?

"No. St. John, I <0010111> will not marry <0010310> you. I <0010121> adhere <0010320> to my resolution."

The avalanche had shaken and slid a little forward, but it did not yet crash down.

"Once more, why this refusal?" he asked.

"Formerly," I answered, "because you did not love me <0010122>; now, I <0010141> reply <0010340>, because you almost hate me <0010143>. If I <0010111> were to marry <0010310> you, you would kill me <0010112>. You are killing me <0010112> now."

His lips and cheeks turned white—quite white.

"I should kill you—I am killing you? Your words are such as ought not to be used: violent, unfeminine, and untrue. They betray an unfortunate state of mind: they merit severe reproof: they would seem inexcusable, but that it is the duty of man to forgive his fellow even until seventy-and-seven times."

I had finished the business now. While earnestly wishing to erase from his mind the trace of my former offence, I had stamped on that tenacious surface another and far deeper impression, I had burnt it in.

"Now you will indeed hate me <0010122>," I said. "It is useless [for me <0010111>] to attempt to conciliate <0010310> you: I <0010121> see <0010320> I have made an eternal enemy of you <0010122>."

A fresh wrong did these words inflict: the worse, because they touched on the truth. That bloodless lip quivered to a temporary spasm. I knew the steely ire I had whetted. I was heart-wrung.

"You utterly misinterpret my words," I said, at once seizing his hand: "I <0010131> have <0010330> no intention to grieve or pain you—indeed, I <0010131> have not <0010330> [intention to grieve or pain you]."

Most bitterly he smiled—most decidedly he withdrew his hand from mine. "And now you recall your promise, and will not go to India at all, I presume?" said he, after a considerable pause.

"Yes, I <0010111> will [go <0010310>], as your assistant," I answered.

A very long silence succeeded. What struggle there was in him between Nature and Grace in this interval, I cannot tell: only singular gleams scintillated in his eyes, and strange shadows passed over his face. He spoke at last.

"I before proved to you the absurdity of a single woman of your age proposing to accompany abroad a single man of mine. I proved it to you in such terms as, I should have thought, would have prevented you ever again alluding to the plan. That you have done so, I regret—for your sake."

I interrupted him. Anything like a tangible reproach gave me courage at once.

"Keep to common sense, St. John: you are verging on nonsense. You pretend to be shocked by what I have said <0010122>. You are not really shocked: for, with your superior mind, you cannot be either so dull or so conceited as to misunderstand my meaning <0010122>. I <0010141> say <0010340> again, I will be your curate, if you like, but never your wife <0010143>."

Again he turned lividly pale; but, as before, controlled his passion perfectly. He answered emphatically but calmly—

“A female curate, who is not my wife, would never suit me. With me, then, it seems, you cannot go: but if you are sincere in your offer, I will, while in town, speak to a married missionary, whose wife needs a coadjutor. Your own fortune will make you independent of the Society’s aid; and thus you may still be spared the dishonour of breaking your promise and deserting the band you engaged to join.”

Now I never had, as the reader knows, either given any formal promise or entered into any engagement; and this language was all much too hard and much too despotic for the occasion.

I replied —“There is no dishonour, no breach of promise, no desertion in the case. I <0010131> am <0010330> not under the slightest obligation to go to India <0010132>, especially with strangers. With you I <0010131> would have <0010330> ventured much, because I <0010121> admire <0010320>, confide in <0010320>, and, as a sister, I <0010121> love <0010320> you; but I am convinced that, go <0010310> when and with whom I <0010111> would, I <0010111> should not live <0010111> long in that climate.”

“Ah! you are afraid of yourself,” he said, curling his lip.

“I <0010131> am <0010330> [afraid]. God did not give me <0010113> my life to throw away; and to do as you wish me <0010131> would, I <0010121> begin to think <0010320>, be <0010330> almost equivalent to committing suicide. Moreover, before I <0010111> definitively resolve on quitting <0010310> England, I <0010121> will know <0010320> for certain whether I cannot be of greater use by remaining in it than by leaving it <0010122>.”

“What do you mean?”

“It would be fruitless to attempt to explain [what I <0010121> mean <0010320>]; but there is a point on which I <0010131> have <0010330> long endured painful doubt, and I <0010111> can go <0010310> nowhere till by some means that doubt is removed.”

“I know where your heart turns and to what it clings. The interest you cherish is lawless and unconsecrated.

Long since you ought to have crushed it: now you should blush to allude to it. You think of Mr Rochester?”

It was true. I confessed it by silence.

“Are you going to seek Mr Rochester?”

“I <0010121> must find out <0010320> what is become of him.”

“It remains for me, then,” he said, “to remember you in my prayers, and to entreat God for you, in all earnestness, that you may not indeed become a castaway. I had thought I recognised in you one of the chosen. But God sees not as man sees: His will be done —”

He opened the gate, passed through it, and strayed away down the glen. He was soon out of sight.

On re-entering the parlour, I found Diana standing at the window, looking very thoughtful. Diana was a great deal taller than I: she put her hand on my shoulder, and, stooping, examined my face.

“Jane,” she said, “you <0010131> are <0010330> always agitated and pale now. I am sure there is something the matter. Tell me what business St. John and you have on hands. I have watched you this half hour from the window; you must forgive my being such a spy, but for a long time I have fancied I hardly know what. St. John is a strange being—”

She paused—I did not speak: soon she resumed—

“That brother of mine cherishes peculiar views of some sort respecting you, I am sure: he has long distinguished you by a notice and interest he never showed to any one else—to what end? I wish he loved you <0010122>—does he [love you <0010122>], Jane?”

I put her cool hand to my hot forehead; “No, Die, not one whit.”

“Then why does he follow you so with his eyes, and get you so frequently alone with him, and keep you so continually at his side? Mary and I had both concluded he wished you to marry him.”

“He does—he has asked me to be his wife.”

Diana clapped her hands. "That is just what we hoped and thought! And you <0010111> will marry <0010310> him, Jane, won't you <0010111> [marry <0010310> him]? And then he will stay in England."

"Far from that, Diana; his sole idea in proposing to me is to procure a fitting fellow-labourer in his Indian toils."

"What! He wishes you to go to India?"

"Yes."

"Madness!" she exclaimed. "You would not live three months there, I am certain. You <0010111> never shall go <0010310>; you <0010121> have not consented <0010320>, have you <0010121> [consented <0010320>], Jane?"

"I have refused to marry him—"

"And have consequently displeased him?" she suggested.

"Deeply: he will never forgive me, I fear: yet I offered to accompany him as his sister."

"It was frantic folly to do so, Jane. Think of the task you undertook—one of incessant fatigue, where fatigue kills even the strong, and you are weak. St. John—you know him—would urge you to impossibilities: with him there would be no permission to rest during the hot hours; and unfortunately, I have noticed, whatever he exacts, you force yourself to perform. I am astonished you found courage to refuse his hand.

You <0010121> do not love <0010320> him then, Jane?"

"Not as a husband."

"Yet he is a handsome fellow."

"And I am so plain, you see, Die. We should never suit."

"Plain! You? Not at all. You are much too pretty, as well as too good, to be grilled alive in Calcutta." And again she earnestly conjured me to give up all thoughts of going out with her brother.

"I must indeed," I said; "for when just now I repeated the offer of serving him for a deacon, he expressed himself shocked at my want of decency. He seemed to think I had committed an impropriety in proposing to accompany him unmarried: as if I had not from the first hoped to find in him a brother, and habitually regarded him as such."

"What makes you <0010141> say <0010340> he does not love you <0010143>, Jane?"

"You should hear himself on the subject. He has again and again explained that it is not himself, but his office he wishes to mate. He has told me I am formed for labour—not for love: which is true, no doubt. But, in my opinion, if I am not formed for love, it follows that I am not formed for marriage. Would it not be strange, Die, to be chained for life to a man who regarded one but as a useful tool?"

"Insupportable—unnatural—out of the question!"

"And then," I continued, "though I have only sisterly affection for him now, yet, if forced to be his wife, I can imagine the possibility of conceiving an inevitable, strange, torturing kind of love for him, because he is so talented; and there is often a certain heroic grandeur in his look, manner, and conversation. In that case, my lot would become unspeakably wretched. He would not want me to love him; and if I showed the feeling, he would make me sensible that it was a superfluity, unrequired by him, unbecoming in me. I know he would."

"And yet St. John is a good man," said Diana.

"He is a good and a great man; but he forgets, pitilessly, the feelings and claims of little people, in pursuing his own large views. It is better, therefore, for the insignificant to keep out of his way, lest, in his progress, he should trample them down. Here he comes! I will leave you, Diana." And I hastened upstairs as I saw him entering the garden.

But I was forced to meet him again at supper. During that meal he appeared just as composed as usual. I had thought he would hardly speak to me, and I was certain he had given up the pursuit of his matrimonial scheme: the sequel showed I was mistaken on both points. He addressed me precisely in his ordinary manner, or what had, of late, been his ordinary manner—one scrupulously polite. No doubt he had invoked the help of the Holy Spirit to subdue the anger I had roused in him, and now believed he had forgiven me once more.

For the evening reading before prayers, he selected the twenty-first chapter of Revelation. It was at all times pleasant to listen while from his lips fell the words of the Bible: never did his fine voice sound at once so sweet and full—never did his manner become so impressive in its noble simplicity, as when he delivered the oracles of God: and to-night that voice took a more solemn tone—that manner a more thrilling meaning—as he sat in the midst of his household circle (the May moon shining in through the uncurtained window, and rendering almost unnecessary the light of the candle on the table): as he sat there, bending over the great old Bible, and described from its page the vision of the new heaven and the new earth—told how God would come to dwell with men, how He would wipe away all tears from their eyes, and promised that there should be no more death, neither sorrow nor crying, nor any more pain, because the former things were passed away.

The succeeding words thrilled me strangely as he spoke them: especially as I felt, by the slight, indescribable alteration in sound, that in uttering them, his eye had turned on me.

“He that overcometh shall inherit all things; and I will be his God, and he shall be my son. But,” was slowly, distinctly read, “the fearful, the unbelieving, &c., shall have their part in the lake which burneth with fire and brimstone, which is the second death.”

Henceforward, I knew what fate St. John feared for me.

A calm, subdued triumph, blent with a longing earnestness, marked his enunciation of the last glorious verses of that chapter. The reader believed his name was already written in the Lamb’s book of life, and he yearned after the hour which should admit him to the city to which the kings of the earth bring their glory and honour; which has no need of sun or moon to shine in it, because the glory of God lightens it, and the Lamb is the light thereof.

In the prayer following the chapter, all his energy gathered—all his stern zeal woke: he was in deep earnest, wrestling with God, and resolved on a conquest. He supplicated strength for the weak-hearted; guidance for wanderers from the fold: a return, even at the eleventh hour, for those whom the temptations of the world and the flesh were luring from the narrow path. He asked, he urged, he claimed the boon of a brand snatched from the burning. Earnestness is ever deeply solemn: first, as I listened to that prayer, I wondered at his; then, when it continued and rose, I was touched by it, and at last awed. He felt the greatness and goodness of his purpose so sincerely: others who heard him plead for it, could not but feel it too.

The prayer over, we took leave of him: he was to go at a very early hour in the morning. Diana and Mary having kissed him, left the room—in compliance, I think, with a whispered hint from him: I tendered my hand, and wished him a pleasant journey.

“Thank you, Jane. As I said, I shall return from Cambridge in a fortnight: that space, then, is yet left you for reflection. If I listened to human pride, I should say no more to you of marriage with me; but I listen to my duty, and keep steadily in view my first aim—to do all things to the glory of God. My Master was long-suffering: so will I be. I cannot give you up to perdition as a vessel of wrath: repent—resolve, while there is yet time. Remember, we are bid to work while it is day—warned that ‘the night cometh when no man shall work.’ Remember the fate of Dives, who had his good things in this life. God give you strength to choose that better part which shall not be taken from you!”

He laid his hand on my head as he uttered the last words. He had spoken earnestly, mildly: his look was not, indeed, that of a lover beholding his mistress, but it was that of a pastor recalling his wandering sheep—or better, of a guardian angel watching the soul for which he is responsible. All men of talent, whether they be men of feeling or not; whether they be zealots, or aspirants, or despots—provided only they be sincere—have their sublime moments, when they subdue and rule. I felt veneration for St. John—veneration so strong that its impetus thrust me at once to the point I had so long shunned. I was tempted to cease struggling with him—to rush down the torrent of his will into the gulf of his existence, and there lose my own. I was almost as hard beset by him now as I had been once before, in a different way, by another. I was a fool both times. To have yielded then would have been an error of principle; to have yielded now would have been an error of judgment. So I think at this hour, when I look back to the crisis through the quiet medium of time: I was unconscious of folly at the instant.

I stood motionless under my hierophant's touch. My refusals were forgotten—my fears overcome—my wrestlings paralysed. The Impossible—i.e., my marriage with St. John—was fast becoming the Possible. All was changing utterly with a sudden sweep. Religion called—Angels beckoned—God commanded—life rolled together like a scroll—death's gates opening, showed eternity beyond: it seemed, that for safety and bliss there, all here might be sacrificed in a second. The dim room was full of visions.

"Could you decide now?" asked the missionary. The inquiry was put in gentle tones: he drew me to him as gently. Oh, that gentleness! how far more potent is it than force! I could resist St. John's wrath: I grew pliant as a reed under his kindness. Yet I knew all the time, if I yielded now, I should not the less be made to repent, some day, of my former rebellion. His nature was not changed by one hour of solemn prayer: it was only elevated.

"I <0010121> could decide <0010320> if I were but certain <0010122>," I answered: "were <0010330> I <0010131> but convinced that it is God's will I <0010111> should marry <0010310> you, I <0010111> could vow to marry <0010310> you here and now—come afterwards what would!"

"My prayers are heard!" ejaculated St. John. He pressed his hand firmer on my head, as if he claimed me: he surrounded me with his arm, almost as if he loved me (I say almost—I knew the difference—for I had felt what it was to be loved; but, like him, I had now put love out of the question, and thought only of duty). I contended with my inward dimness of vision, before which clouds yet rolled. I sincerely, deeply, fervently longed to do what was right; and only that.

"Show me, show me the path!" I entreated of Heaven. I was excited more than I had ever been; and whether what followed was the effect of excitement the reader shall judge.

All the house was still; for I believe all, except St. John and myself, were now retired to rest. The one candle was dying out: the room was full of moonlight. My heart beat fast and thick: I heard its throb. Suddenly it stood still to an inexpressible feeling that thrilled it through, and passed at once to my head and extremities. The feeling was not like an electric shock, but it was quite as sharp, as strange, as startling: it acted on my senses as if their utmost activity hitherto had been but torpor, from which they were now summoned and forced to wake. They rose expectant: eye and ear waited while the flesh quivered on my bones.

"What have you heard? What do you see?" asked St. John. I saw nothing, but I heard a voice somewhere cry—

"Jane! Jane! Jane!"—nothing more.

"O God! what is it?" I gasped.

I might have said, "Where is it?" for it did not seem in the room—nor in the house—nor in the garden; it did not come out of the air—nor from under the earth—nor from overhead. I had heard it—where, or whence, for ever impossible to know! And it was the voice of a human being—a known, loved, well-remembered voice—that of Edward Fairfax Rochester; and it spoke in pain and woe, wildly, eerily, urgently.

"I am coming!" I cried. "Wait for me! Oh, I will come!" I flew to the door and looked into the passage: it was dark. I ran out into the garden: it was void.

"Where are you?" I exclaimed. The hills beyond Marsh Glen sent the answer faintly back—"Where are you?" I listened. The wind sighed low in the firs: all was moorland loneliness and midnight hush.

"Down superstition!" I commented, as that spectre rose up black by the black yew at the gate. "This is not thy deception, nor thy witchcraft: it is the work of nature. She was roused, and did—no miracle—but her best."

I broke from St. John, who had followed, and would have detained me. It was my time to assume ascendancy. My powers were in play and in force. I told him to forbear question or remark; I desired him to leave me: I must and would be alone. He obeyed at once. Where there is energy to command well enough, obedience never fails.

I mounted to my chamber; locked myself in; fell on my knees; and prayed in my way—a different way to St. John's, but effective in its own fashion. I seemed to penetrate very near a

Mighty Spirit; and my soul rushed out in gratitude at His feet. I rose from the thanksgiving—  
took a resolve—and lay down, unscared, enlightened—eager but for the daylight.

## APÊNDICE D – CAPÍTULOS ANALISADOS DA RETEXTUALIZAÇÃO

### CAPITULO XXIV

Emquanto me levantava e vestia, ruminava o que acontecera e perguntava-me a mim mesma si não teria sido um sonho. Só mais tarde, depois de ter visto o sr Rochester e ouvido de novo as palavras de amor e promessa, fiquei certa da realidade.

Penteando-me, notei no espelho que meu rosto já não era commum como d'antes: esperança luzia nelle e a côr revelava vida nova; meus olhos pareciam ter penetrado na fonte da felicidade e bebido della raios luminosos; muita vez, receiando que meu amo não gostasse de meu olhar, esquivára-me a fital-o; mas já tinha confiança de que minha expressão não lhe abafava o affecto. Tirei da commoda um vestido simples de verão; havia de assentar-me bem, pois que nunca o tinha posto em disposição mais ditosa.

Corri ao vestibulo e não estranhei que á tempestade nocturna succedesse trazida nas asas de uma brisa fresca e fragrante, uma manhan radiosa de Junho. A natureza não podia deixar de ser alegre, quando eu estava tão feliz. Uma mendiga com sua filha — ambas esfarrapadas — subiam do portão; fui-lhes com passo leve ao encontro e deitei-lhes nas mãos todo o dinheiro da minha bolsa. Merecedores ou não, deviam partilhar de meu jubilo. Os corvos grasnavam, os passaros cantavam, mas nada havia tão alegre e melodioso como meu proprio coração exultante.

A sra Fairfax surpreendeu-me, ao chamar-me dessa enlevada contemplação com accentuada tristeza no rosto: — A srta Eyre <0010111> não vem almoçar <0010310>? Durante a refeição ficou muda e fria; mas não podia explicar-me ainda com ella. Ella tinha de esperar tambem até que o amo lhe dêsse a explicação. Comi o que pude e fugi para cima. Encontrei-me com Adelia que sahia da escola.

— Aonde vae a menina? São horas de lição.

— O sr Rochester mandou-me ter com Sophia.

— Onde está elle?

— Ali dentro. — Entrei.

— Vem dar-me os bons dias! — disse elle. Avancei alegre; e não foi só uma palavra fria nem só um aperto de mão que recebi, mas sim um abraço e um beijo amoroso. Parecia-me tão natural ser eu assim amada e acariciada por elle.

— Joanna, [tu] <0010131> és <0010330> como uma flôr desabrochada, risonha e bonita — disse elle — na verdade muito bonita, esta manhan. Será este meu grãozinho de mostarda, a fada pequena, pallida; esta moça, rosto de sol, faces de roman, labios de rosa, cabello liso e olhos radiantes côr de avelan? (Meus olhos eram verdes, leitor; desculpa-lhe o engano; para elle tinham mudado a côr).

— Senhor, é <0010330> a Joanna Eyre <0010134>.

— Em breve [será] <0010330> Joanna Rochester <0010134> — acrescentou — daqui em quatro semanas, Joanninha; nem um dia mais tarde, [tu] <0010121> ouves <0010320>?

Ouvi sem comprehender bem; fiquei tonta. O sentimento que a este aviso passou por mim foi mais forte do que a alegria aguentava; alguma coisa feriu-me, estonteou-me; foi quasi medo.

— Joanna, [tu] <0010131> estavas <0010330> corada e agora [tu] <0010131> ficas <0010330> pallida; que quer dizer isso?

— Porque o senhor me <0010113> deu um nome novo: Joanna Rochester; é tão estranho!

— Sim, senhora Rochester — continuou elle — a joven senhora Rochester; a joven noiva de Fairfax Rochester.

— Não póde ser, senhor; parece incrível. Sêres humanos nunca neste mundo gozam felicidade completa. Meu destino <0010131> não póde ser <0010330> differente do dos outros; imaginar que tal sorte podesse caber em mim <0010131> é <0010330> um conto de fadas, um conto chimerico.

— Que eu hei de começar a realizar ainda hoje. Escrevi esta manha a meu banqueiro em Londres que me mande certas joias com elle depositadas — heranças das senhoras de Thornfield. Dentro de um ou dois dias posso derramal-as em teu regaço, pois tu deves gozar de todos os privilegios e de todas as atenções que teria com minha noiva, si fosse filha de um par.

— Ah! senhor, deixe-se de joias! [Eu] <0010121> Nem gosto de ouvir <0010320>-lhes o nome. Pedras para Joanna Eyre <0010131>! É <0010330> desnatural, descabido. [Eu] <0010131> Queria antes não tel<0010330>-as.

— Eu proprio perei a corrente de diamantes em teu collo, o diadema em tua testa; pois assim é que te convém, pois que a propria natureza te imprimiu o cunho de nobreza. Eu algemarei esses pulsos delicados com braceletes: calçarei esses dedos transparentes de aneis.

— Não, não, senhor! Pense em outras coisas, fale em outro assumpto e em outro tom! Não se me <0010142> dirija, como si [eu] <0010133> fosse <0010330> a sua bella; eu <0010133> sou <0010330> a sua simples governante.

— A meus olhos és uma belleza; uma belleza conforme meu coração, fina, aerea.

— Quer dizer, franzina, insignificante. O senhor está a sonhar ou a brincar. Pelo amor de Deus, não seja ironico.

— Farei que todo o mundo se curve ante a tua belleza, — proseguir, enquanto eu ficava cada vez mais apprehensiva pelos modos que tomava, temendo que se illudisse a si mesmo ou pretendesse illudir-me a mim. — Hei de ornar minha Joanna <0010113> com setim e rendas; rosas deverão entrelaçar seu cabelo <0010112>; cobrirei com um véu de preço inestimavel a cabeça <0010112> que amo sobre todas.

— Então o senhor já me <0010122> não conhecerá e eu <0010133> já não serei <0010330> a sua Joanna Eyre <0010134>; [eu <0010131>] serei <0010330> um macaco num traje de arlequin, um corvo com plumas de pavão. Antes tomára [eu <0010121>] ver <0010320> o sr Rochester ataviado de lentejoulas e berloques de palhaço do que [eu] vestir roupagens de dama da corte <0010122>; nem eu <0010141> digo <0010340> que o senhor é bonito, apesar de [eu <0010121>] o amar <0010320> inteiramente, muito demais para poder lisonjeal-o; não me <0010142> lisonjeie a mim tampouco.

Mas elle, sem attender meus rogos, continuou na mesma: — Ainda hoje te levarei de carruagem a Millcote, onde deverás escolher bons vestidos. Disse-te que casaremos daqui a quatro semanas. O acto far-se-á bem socegradamente ali na egrejinha e depois voaremos directamente á capital. Com breve demora levarei meu thesouro para regiões mais vizinhas do sol, para os vinhedos da França, para as planicies luxuriantes da Italia. Has de ver tudo que ha de celebre na historia antiga e de progresso moderno; has de provar tambem a vida da sociedade e de aprender a avaliar-te, comparando-te com as demais.

— [eu <0010111>] Hei de viajar <0010310>? e com o senhor?

— Has de deter-te em Paris, Roma, Napoles, em Florença, Veneza e Vienna; onde quer que eu estive, tu deves passar; onde pisou a minha pata, deve tocar teu nymphéo pé. Faz dez annos que rompi pela Europa como um desvairado, tendo por companheiros desgosto, odio, raiva; agora quero tornar a visital-a puro e são, com um anjo consolador a meu lado.

Ri delle, ao ouvir isto. — Eu <0010131> não sou <0010330> um anjo, nem [eu <0010131>] o serei <0010330> até [eu <0010111>] morrer <0010310>: [eu <0010133>] serei <0010330> sempre eu mesma <0010134> e o sr Rochester não deve esperar de mim <0010122> nem exigir nada de celestial, porque não o pôde obter de mim <0010113> tão pouco como eu <0010111> [não posso obter <0010310> isso] do senhor.

— O que esperas então de mim?

— Por breve espaço será como agora; mas isto ha de passar dahi a nada; depois, ficará quasi frio, depois caprichoso e mais tarde severo e [eu <0010131>] terei <0010330> que me esforçar para lhe agradar <0010132>. Tendo-se, porém, acostumado bem a mim <0010122>, pode ser que goste de mim <0010122>, [eu <0010141> digo <0010340> «goste» [de mim] não [me] «ame» <0010143>; [eu <0010121> supponho <0010320> que seu amor vae arrefecer dentro de seis mezes, mais ou menos. É este o praso de amor mais longo que homens marcaram em

romances. Mas, assim como assim, [eu <0010121>] confio <0010320> que como amiga e companheira nunca me hei de tornar repugnante de todo a meu querido amo <0010122>.

— Repugnante? Acho que gostarei de Joanna de novo e sempre de novo, e vou forçar-te a confessar que não sómente gosto de ti, mas sim te amo de véras, com fervor e constancia.

— Ora, o senhor sabe que é caprichoso.

— Para mulheres que me fascinam só pelo rosto, torno-me o proprio diabo, quando descubro que não têm coração nem alma — quando revelam sua nullidade, trivialidade, talvez imbecilidade, rudeza e má genio; mas para olhos claros, linguagem eloquente, para almas feitas de fogo, para caracteres elasticos e ao mesmo tempo flexiveis e estaveis, trataveis e consistentes — para com estes serei sempre terno e leal.

— Já fez a experiencia de um caracter semelhante? Já amou a algum?

— Amo-o agora.

— Mas antes de mim? Si de todo me é impossivel <0010133>, ainda que de longe, corresponder <0010330> a seu ideal...

— Nunca encontrei tua igual, Joanna, tu <0010122> me agradas <0010320>, tu <0010122> me dominas <0010320>; pareces submeter <0010310>-te <0010111> e quanto não gosto desta impressão de flexibilidade que [tu] dás <0010122>, pois, enquanto entrelaço essa «corda» branda e asedada em redor de meus dedos, sinto perpassar-me o braço e o coração como que um choque electrico. Sou influenciado, conquistado; e este dominio é mais doce do que eu posso exprimir; a conquista que me victima é feitiçaria mais absoluta de que qualquer triumpho que eu pudesse conseguir. Por que [tu <0010151>] ris <0010350>, Joanna? Que quer dizer essa mudança inexplicavel, mysteriosa, em teu rosto?

— [Eu <0010151>] Estive a pensar <0010350> — (o senhor desculpe a idéa, veiu-me <0010121> sem querer <0010320>), — [eu <0010151>] estive a pensar <0010350> em Hercules e Sansão com suas encantadoras amantes.

— Estiveste? ah, malandra!

— Pschui, senhor! não está a falar com juizo. Entretanto, não ha duvidar que aquelles heróes, depois de casados, teriam soldado com a severidade de maridos a meiguice de amantes; e assim, [eu <0010121>] receio <0010320>, o senhor tambem ha de fazer. [Eu <0010131>] Estou <0010330> curiosa por saber como me ha de responder daqui a um anno <0010132>, quando [eu <0010141>] lhe pedir <0010340> um favor que não ache conveniente ou facil de conceder.

— Pede <0010340>-me [tu <0010141>] alguma coisa agora mesmo, Joanninha, só uma coisinha; desejo que tu me peças <0010122>.

— Pois não, senhor, [eu <0010131>] já tenho <0010330> um pedido formulado.

— Fala; porém, si me olhas e me sorris com essa travessura, prometto conceder-te tudo antes de m'o pedires, o que me fará ridiculo a teus olhos.

— De maneira alguma. [Eu <0010141>] Peço <0010340> só que não mande vir as joias e que não me corêe de rosas <0010143>; seria como bordar a ouro este lenço ordinario.

— Seria dourar ouro puro, é o que seria. Mas teu desejo cumpre-se. Darei contra-ordens ao banqueiro. Entretanto, ainda não me rogaste nada, só pediste que retire um presente; faze outra prova.

— Pois, então, queira satisfazer sobre um ponto minha curiosidade <0010131>, que está <0010330> excitada.

Ficou perturbado. — O que, o que — disse apressadamente — curiosidade é um pedinte perigoso; ainda bem que não fiz voto de acceder a todo e qualquer desejo.

— Mas desta vez não haverá perigo, senhor.

— Dize <0010340>-o [tu <0010141>], Joanna; mas oxalá [tu <0010121>] desejaesses <0010320> metade de minhas posses antes que a chave de um segredo.

— Ora, rei Assuero! de que me <0010121> serve [desejar <0010320>] metade de seus estados? Julga-me uma usuraria judéa que quer empregar seu dinheiro em bens de raiz <0010122>? Antes [eu <0010131>] quereria ter <0010330> sua confiança sem reserva: nem me <0010113> ha de excluir desta, pois que me <0010113> introduz em seu coração.

— Joanna, convido-te <0010142> a conhecer em mim tudo que vale a pena; pelo amor de Deus, [tu <0010121> não desejes <0010320> carregar-te com trastes inúteis <0010122>; não cobices [tu <0010121>] <0010320> veneno; não te <0010131> tornes <0010330> uma Eva para mim.

— E por que não? Ha pouco me <0010142> disse quanto gostava de ser conquistado, quão agradável lhe era ser persuadido. Não será melhor [eu <0010111>] aproveitar <0010310> sua confissão e [eu <0010141>] começar a lisonjear <0010340>, [eu <0010141> começar a] pedir <0010340> e [eu <0010151> começar a] chorar <0010350>, si fôr necessario, e [eu <0010151>] teimar <0010350>, só para ensaio de meu poder?

— Desafio-te a tal experiencia. Fica-me importuna, presumida, e acabou-se a brincadeira.

— Devéras? O senhor larga cedo; e que olhar severo não tem agora! Suas sobranceiras ficam tão grossas como meu dedo <0010134> e sua frente parece-me <0010121> com o que em uma poesia [eu <0010121>] vi <0010320> chamar — um castello azul ferrete de nuvens trovejantes — será esse seu olhar de marido?

— E si esse vae ser teu olhar de esposa, devo em breve abandonar a idéa de me consorciar com uma salamandra. Mas, que queres, pequena, dize!

— Ora, já está menos que cortez.[Eu <0010121>] Gosto <0010320>, porém, mais desta rudeza que de lisonjas. Antes [eu <0010131>] ser <0010330> uma pequena do que um anjo. O que [eu <0010141>] tenho a perguntar <0010340> é: — por que se empenhou tanto em me fazer crer que se ia casar com a srta Ingram <0010143>?

— E isto é tudo Graças a Deus que não foi coisa peor, — e alisou a frente carregada; olhou para mim sorrindo e passou a mão sobre o meu cabello, como que bem satisfeito de ter escapado a um perigo. — Acho que posso confessar-me deste peccado, mesmo com risco de zangar um pouco a minha Joanna <0010121>, e vi que este espirito, quando indignado, não é uma geleira <0010122>. Hontem na noite fresca de luar até faiscavas, quando te revoltaste contra a tua sorte e reclamaste ser igual a mim. Joanninha, para nós não nos esquecermos disto, foste <0010330> tu <0010133> quem me fez a offerta <0010134>.

— Pois não. Mas vamos ao ponto, senhor, a srta Branca?

— Bem fingia namoral-a, porque queria fazer-te tão perdida de amor por mim como eu estava por ti e porque sabia que com o ciume me suscitaria o melhor alliado.

— Excelente! Mas agora o senhor é muito pequeno, nem um ponto maior do que meu dedo minimo. Foi uma vergonha, um escandalo proceder desta maneira. Então, não teve nenhuma consideração pelos sentimentos da srta Branca?

— Os sentimentos della concentravam-se em um só: no orgulho; e este se deve humilhar. Joanna, [tu <0010131>] estavas <0010330> com ciume?

— Não se incommode com isto, que lhe não importa nada. Responda-me mais uma vez e sinceramente: não acha que a srta Branca soffrerá com seu namoro fingido? Não se sentirá abandonada, despresada?

— Impossivel. Já te disse que ella desertou de mim: a idéa de minha insolvenca resfriou ou, antes, extinguiu-lhe a chamma em um instante.

— O senhor tem um espirito exquisito, calculador, e [eu <0010121>] temo <0010320> que seus principios sejam excetricos em um ou outro ponto.

— Joanna, meus principios nunca foram castigados: talvez se tenham torcido um pouco pela falta de attenção.

— Mais uma vez e serio: Posso eu <0010121> gozar <0010320> da minha grande dita sem recejar que alguem soffra as amarguras que me torturavam até ha pouco <0010122>?

— Sim, pôdes, creança. Não ha nenhum ser em todo o mundo que me tenha amor puro como tu; e este balsamo eu deito-o em meu coração. Joanna, creio em teu affecto.

Volvi meus labios para a mão que pousava em meu hombro. Amava-o muito, mais do que me atrevia a confessar a mim mesma, mais do que palavras podiam exprimir.

— Pede mais alguma coisa, — disse elle; — é uma delicia para mim ser rogado e ceder.

— Minha petição está prompta! Communique suas intenções á sra Fairfax. Ella viu-me <0010122> hontem de noite com o senhor no vestibulo e ficou escandalizada. Explique-lhe o

acontecido antes de eu <0010121> tornar a vel<0010320>-a, porque doe <0010320>-me <0010121> ser julgada mal por uma mulher tão bôa.

A isto elle promptamente replicou: — Vae a teu quarto e põe o chapéu; quero que me acompanhes a Millcote; e enquanto te apromptas para o passeio, vou fazer luz á velha dama. Pensava ella que tinhas dado o mundo pelo amor, considerando isto boa troca?

— Deve ter pensado que me esquecia de minha posição e da sua <0010122>, senhor.

— Posição! Quem fala em posição? Tua posição é em meu coração e na nuca dos que te querem insultar. Anda depressa!

Vesti-me em um momento e, quando ouvi o sr Rochester sahir do quarto da sra Fairfax, corri para lá. Ella estivera a lêr a porção diaria da biblia sagrada. O livro, com os oculos emcima, estava aberto diante della. A informação fizera-a esquecer a leitura; seus olhos, fixos na alvura da parede, exprimiam a surpresa de uma alma tranquilla que foi perturbada por novas extraordinarias. Vendo-me, acordou; fez um tal ou qual esforço por sorrir-me e formulou algumas palavras de congratulação; mas o sorriso gelou-se-lhe nos labios e a phrase ficou truncada. Poz os oculos, fechou a biblia e afastou um pouco da mesa sua cadeira de rodinhas.

— Sinto-me tão perplexa,— começou,— apenas sei o que dizer, srta Eyre. De certo não estive a sonhar, ou estive? Sabe? ás vezes, quando sózinha, começo a cochilar e imagino coisas que nunca aconteceram. Mais de uma vez fantasiêi em tal occasião ver entrar meu marido, morto ha quinze annos, e assentar-se perto de mim e chamar-me pelo nome de Alice, como em vida. Ora, pôde dizer-me si é verdade que o sr Rochester a pediu em matrimonio? Não se ria de mim; mas julgo de facto que elle entrou aqui ha cinco minutos e me annunciou que daqui a um mez a senhorita seria sua mulher.

— Elle me disse a mesmissima coisa.

— Disse? dá-lhe fé? Aceitou-o?

— Sim.

Olhou-me desconcertada: — Nunca teria adivinhado. Elle é um homem altivo; todos os Rochesters o eram, e ao menos o pae delle amava o dinheiro; tambem elle sempre foi taxado de economico, e pretende casar comsigo?

— Assim me disse.

A viuva passou revista a minha pessoa e eu li em seus olhos que não achou encanto bastante forte que resolvesse o enigma.

— Isso passa além do meu horizonte! — continuou — todavia não pode haver duvida, pois que a senhorita m'ò diz. Em taes casos, porém, é ordinariamente bom visar igualdade de posição e fortuna; e a differença de suas idades é de vinte annos. Elle quasi podia ser seu pae.

— De modo algum, sra Fairfax — exclamei incommodada — ninguem que nos tenha visto juntos pôde suppôr isto. O sr Rochester parece ser tão moço como muitos aos vinte e cinco annos.

— E será por amor que quer casar?

Fiquei tão magoada com esta frieza e incredulidade que as lagrimas me inundaram os olhos.

<Omissão>

— Então, será impossivel que o sr Rochester tenha uma affeição sincera por mim? Sou um monstro?

— Isto não. A senhorita melhorou muito nestes tempos e devo dizer que o sr Rochester gosta da menina. Sempre notei que a senhorita era sua favorita. Por vezes fiquei um pouco receiosa com isto mesmo, e queria pôl-a de sobreaviso, mas custava-me suggerir até uma remotissima possibilidade de qualquer mal, pois sabia que tal idéa a havia de incommodar e offender. E a senhorita continuava sempre tão discreta, modesta, sizuda! Por isto mesmo não se podia dizer o que soffri hontem de noite, quando a busquei por toda a casa e não a achei, nem ao amo e só á noite a vi entrar com elle.

— Já não precisa de incommodar-se com aquillo, — atalhei impaciente — basta saber que tudo está bem.

— Espero que tudo esteja bem no fim; mas, creia-me, não pôde demasiar-se na guarda de si mesma. Faça com que o sr Rochester lhe fique á distancia; desconfie de si como delle. Cavalheiros da posição delle não costumam casar com suas governantes.

Irrite-me devéras. Por boa sorte, Adelia irrompeu no quarto.

— Deixe-me acompanhál-os a Millcote! — gritou. O sr Rochester não quer, embora haja bastante logar no coche novo. Peça-lhe por mim, mademoiselle.

— Sim, Adelia, pedirei— e fugi com ella da sombria atmosphaera. O carro estava prompto. Trouxeram-n’o para a frente da casa, onde meu amo passeiava na calçada, seguido de Piloto.

— Senhor, Adelia pôde acompanhar-nos, não pôde?

— Disse-lhe que não. Não quero creanças; só te quero a ti.

— Deixe-a ir por favor, será melhor assim.

— Não; ficaremos constringidos.

A resposta foi peremptoria tanto pelo olhar como pela voz. As duvidas e os avisos da sra Fairfax deitaram-se sobre mim como geada, algo de insubstancial e incerto empannou minha segurança; temia perder parte do ascendente sobre elle. Ia obedecer-lhe mecanicamente sem mais resistencia; mas, quando elle me ajudou a subir para o carro, olhou-me no rosto e perguntou:

— Que ha, desvaneceu-se o brilho do sol? Deseja seriamente que a creança vá connosco? Fica aborrecida si a deixo aqui?

— [Eu <0010121>] Gostaria <0010320> muito que nos acompanhasse.

— Então vá já buscar o chapéu e volte como um relampago! — gritou para Adelia, que obedeceu o mais ligeiro possível.

— Bem, a interrupção de uma unica manhan não importa, sendo que em breve te reclamarei como minha: teus pensamentos, conversação e companhia, para toda a vida.

Adelia, depois de puxada para dentro do carro, começou a me beijar em signal de gratidão; mas o sr Rochester a arrumou logo no canto do outro lado. Dahi ella me espreitava. Vizinho tão casmurro a constringia demasiadamente, pois quando elle estava em tal humor, a pequena não ousava fazer observação nem pedir explicações.

— Deixe-a vir cá, talvez o incommode ahi, emquanto que deste lado há muito logar.

Passou-m’a como um cachorrinho: — Mandal-a-ei para um collegio! — Mas já sorria.

Adelia ouviu as palavras e perguntou si devia ir — sans mademoiselle?

— Sim, absolutamente sans mademoiselle, porque vou leval-a para a lua, onde em um daquelles valles brancos, debaixo dos cumes vulcanicos, hei de buscar uma lapa para viver ali com mademoiselle.

— Mas não terá que comer; morrerá a fome — observou Adelia.

— Colherei manná para ella de manhan e á noite, que as planicies e as encostas da lua são brancas de manná, Adelia.

— Precisaré aquecer-se, e onde terá fogo?

— O fogo sáe das montanhas; quando ella ficar com frio, eu levo-a para cima de um pincaro, e deito-a na margem de uma cratera.

— Oh! qu’elle séra mal, peu comfortable! E a roupa ha de estragar-se; como arranjará roupa nova? Si eu fosse mademoiselle, nunca consentiria em ir com o senhor.

<Omissão>

<Omissão>

— Mas ella já consentiu; deu-me a palavra de honra.

— Mas será impossivel leval-a para lá. Não ha estradas e nenhum dos dois pôde voar.

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

— Mademoiselle é uma fada e estas podem tudo, — ciciou mysteriosamente. Avisei a pequena que se não importasse com a «badinage» e ella revelou bom cabedal de scepticismo francez,

chamando ao sr Rochester, «un vrai menteur», assegurando-lhe que desprezava seus «Contes de fée» e que «du reste il n'y avait pas des fées, et quand même il y en avait» estava certa de que nunca lhe haviam de apparecer, e muito menos offerecer-lhe viver com elle na lua.

A hora que gastamos em Millcote tornou-se-me bastante maçadora. O sr Rochester levou-me a uma grande loja de sedas, onde me mandou escolher meia duzia de vestidos. Pedi para adiar o negocio; mas não, devia-se arrumar tudo já. Por instancias energicas que lhe soprava aos ouvidos, a meia duzia reduziu-a a dois, os quaes elle mesmo queria escolher. Eu observava ansiosamente como sua vista examinava os estofos de cores vivas. Por fim, marcou uma seda côr de amethysta brilhante e um vestido de setim soberbo, cor de cravo. Disse-lhe ao ouvido que alcançaria o mesmo effeito comprando-me roupa de ouro e um chapéu de prata, pois nunca havia de trazer o que escolhera. Com difficuldade infinita, porque elle teimava mais que um jumento, persuadi-o a que fizesse uma troca por setim preto e seda cor de perola. — Pois então passa por ora; mas quizera ver-te brilhante como uma estrella.

Afinal logrei afastal-o das lojas de sedas e de joias. Quanto mais elle comprava, tanto mais me coravam as faces com um sentimento de vergonha e degradação. Quando subimos ao carro lembrei-me de que tinha esquecido inteiramente, no tropel dos acontecimentos tristes e alegres, a carta de meu tio João Eyre á sra Reed. Como não queria ser tratada pelo sr Rochester como uma boneca, seria um allivio ter recursos proprios, por limitados que fossem. Escreverei a meu tio logo que voltarmos a casa e dir-lhe-ei que me quero casar com o sr Rochester. Si desta maneira ganhar esperança de trazer até um insignificante augmento de fortuna, será mais facil aguentar agora sua prodigalidade. Socegada por esta idéa, que puz em obra na mesma tarde, arrisquei-me de novo a encontrar a vista de meu amo e amante, o qual pertinazmente buscava a minha, não obstante eu desviar meu rosto e olhar. Sorriu-me com um sorriso semelhante ao que num momento feliz e satisfeito talvez um sultão se digne lançar sobre uma de suas escravas, a quem carregou de ouro e gemmas. Apertei-lhe vigorosamente a mão que procurava a minha.

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

— Ora, Joanna, que [tu <0010121>] queres <0010320>? Has de forçar-me até a passar por uma cerimonia de matrimonio especial sem ser a defronte do altar. Exiges termos especiaes; quaes são?

— [Eu <0010111>] Só quero guardar <0010310> meu espirito desafogado, senhor; não opprimido por obrigações. Lembra-se do que disse da Céline Varen; das pedras preciosas e cachemiras que lhe déra? Eu <0010133> não serei <0010330> sua Céline ingleza. [Eu <0010111>] Continuarei <0010310> em meu posto de governante de Adelia, [e eu <0010111> continuarei] ganhando <0010310> desta sorte meu sustento e alojamento e trinta libras por anno. Com este dinheiro [eu <0010111>] comprarei <0010310> o meu enxoval e o senhor nada me <0010113> dará afora...

— Afora o que?

— Afora sua estima e, em troco, [eu <0010111>] lhe darei <0010310> a minha <0010112> e estamos quites.

— Ora, em ponto de teimosia genuina e orgulho innato não tens igual — murmurou elle. Aproximámo-nos de Thornfield. — Farás o favor de jantar commigo hoje? — perguntou, ao passar o portão.

— Não, obrigada, senhor.

— E, si dás licença, por que esse «não, obrigada»?

— [Eu <0010111>] Nunca jantei <0010310> com o senhor e [eu <0010121>] não vejo <0010320> razão para [eu] fazel-o <0010122> até que...

— Até que? Delicias-te em meias phrases.

— Até que [eu <0010111>] possa agir <0010310> de outra maneira.

— Julgas que cômô á maneira dos anthropophagos, para temeres ser minha commensal?

— [Eu <0010121>] Ainda não formei <0010320> opinião a respeito, senhor. Entretanto, [eu <0010111>] insisto em continuar <0010310> o meu modo de viver <0010112> por mais este mez.

— Deves largar já esta escravidão de governante.

— Acha? Com sua licença [eu <0010111> não a largarei <0010310>]. Como dantes, [eu <0010111>] ficarei <0010310> longe do senhor o dia inteiro. Pode mandar chamar-me <0010144> á noite, si assim achar conveniente, e [eu <0010111>] irei <0010310>, mas só então.

— Careço de um charuto, Joanna, ou de uma pitada para me confortar em tal seccura, «pour me donner une contenance», como diria Adelia; mas, desgraçadamente, não tenho a charuteira nem a caixa de rapé. Mas, ouve no ouvido: Ainda é teu o tempo, tyrannete, mas chegará o meu em breve; e, uma vez que estejas bem segura, falando figuradamente, hei de prender-te a uma corrente como esta — tocou na corrente do relógio. — Sim, esta coisinha bonitinha hei de trazel-a sobre meu seio para nunca mais perder tal joia.

Dizendo isso, offereceu-me o braço para apear, e, enquanto tirou Adelia da carruagem, entrei em casa e escapei a meu salvo para o meu quarto.

Como era de esperar, mandou-me chamar á noite. Tinha preparado uma occupação para elle, pois estava resolvida a não passar todo o tempo em um tête-à-tête. Lembrei-me de sua voz excellente, sabia que gostava de cantar — bons cantores, geralmente, têm essa inclinação. Eu não era vocalizadora, e, confôrme seu juizo fastidioso, tinha pouca execução no piano; mas deliciava-me em ouvir boa musica. Apenas o crepusculo, hora de romance, começou a baixar o véu azul da noite estrellada, levantei-me, abri o instrumento e pedi-lhe pelo amor do céu que cantasse. Chamou-me uma feiticeira caprichosa, e disse que antes cantaria em outra occasião; insisti, porém, que a occasião era propicia como nunca.

— Gostas de minha voz?

— Muiíssimo! Evitava, aliás, animar-lhe esta vaidade; mas, por esta vez, e por motivos praticos, quiz antes estimulal-a.

— Neste caso, deves tocar o acompanhamento.

— Com muito gosto, senhor. Hei de esforçar-me <0010111> [a tocar <0010310> o acompanhamento].

Comecei; mas, em um instante, fui varrida da cadeira e qualificada «uma estropeadora». Ficando eu de lado, exactamente como desejara, elle tomou meu logar e começou a acompanhar-se a si mesmo, pois não tocava menos bem do que cantava. Escondi-me no recesso de uma janella e, enquanto estava ahí sentada e olhava fóra as arvores mudas e o prado escuro, entoava elle com voz suave e doce melodia as seguintes estancias:

Amor leal qual nunca coração  
Sentiu jamais no ámago fervente  
Em cada veia a correr ligeiro  
A boa fada me deitou da vida.  
Amava seu chegar a cada dia,  
A' noite seu partir me maguava,  
O acaso a retardar talvez seu passo  
Qual gelo me esfriava as quentes veias.  
Sonhei que era dita desmedida  
Amado ser, e tanto quanto amava;  
E isso era tudo o que anhelava  
Eu, cégo, e tanto quanto apaixonado.  
Mas, vasto, sem vereda se estendia  
O cáos por entre nossas duas vidas,  
Perigos semeando como a espuma  
Dos verdes vae-vens do oceano,

Sitiado como o trilho do bandido,  
 Por mattas virgens e deserto infindo;  
 Pois direito e poder, angustia e raiva  
 Entre ambas nossas almas se mettiam.  
 Perigos arrostava eu, e estorvos  
 Desafiava, bem como os agouros;  
 Por tudo quanto oppõe-se e ameaça,  
 Passava eu com impeto altaneiro.

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

Agora, pelas nuvens acalmadas  
 De dôr, me brilha a lucida alegria:  
 Já não importa que desditas densas  
 Assestem em redor suas baterias.  
 Não temo mais já nesse doce transe  
 Embora tudo que soffri voltasse  
 Irado contra mim, forte e ligeiro,  
 Clamando por vingança e sangue e morte.  
 Embora odio altivo já me affronte  
 E lei, justiça contra mim soergam  
 E força esmagadora a frente enrugue  
 Jurando inimizade que não finda.  
 Amor com nobre vinculo solemne,  
 A linda mão na minha collocou  
 Dizendo que esse laço tão sagrado  
 As nossas vidas deve entrelaçar.  
 Amor me jura e a beijar protesta  
 Com migo só viver até morrer.  
 Por fim ventura tenho inexprimivel  
 Amado sou e tanto quanto amava.

Levantou-se e caminhou para mim. Vi seu rosto todo inflammado, seus olhos de aguia lançando raios, e brandura e paixão e rogava cada traço. Por um momento senti-me fraca, mas reanimei-me. Não quiz scena terna, nem demonstração theatral, em ambas haveria perigo; onde achar a arma de defesa? Afiei a lingua e, quando me alcançou, perguntei com voz dura — quem se casaria depois daquillo.

— Era uma pergunta estranha na bocca de sua Joanna.

— Seria? Eu <0010121> considerava <0010320>-a muito natural e até necessaria: pois elle tinha dito que sua mulher morreria com elle. Que pretendia com aquella idéa pagan? Eu <0010131> não tinha <0010330> vontade de morrer com elle, ficasse sabendo.

Tudo que elle desejava e rogava era que eu vivesse com elle! A morte não era para a Joanna.

— Era. Eu <0010131> tinha <0010330> direito de morrer, quando viesse a minha hora; mas [eu <0010111>] queria esperal<0010310>-a e [eu <0010131> queria] não ser <0010330> levada á sua pyra funeraria como uma viuva oriental.

— Não lhe perdoaria a idéa egoistica provando-lhe o perdão com um beijo?

— Não; que me <0010122> desculpasse!

Ouvi-o apostrophar-me como um «entezinho cruel» e accrescentou: — Qualquer outra mulher ter-se-ia derretido ao ouvir estrophes taes, guinchadas assim em seu louvor!

Assegurei-lhe que eu era naturalmente dura como um seixo, e que me havia de experimentar muita vez como tal e que, de mais a mais, estava decidida a mostrar-lhe varios pontos asperos de meu character, antes de terem passado as proximas quatro semanas: havia de saber perfeitamente que compra queria fazer, enquanto estivesse em tempo para rescindil-a.

— Não te queres calar ou falar com sizo?

— Hei de calar <0010350>-me <0010151>, quando me <0010121> approuver <0010320> e, no tocante ao sizo, [eu] <0010141> lisonjeio <0010340>-me <0010144> de [eu] possuir bastante [sizo] <0010143>.

— Agitou-se, gritou apres e ais! — Muito bem — pensei — podes chammaejar e irritar-te quanto quizeres, sei que este é o melhor plano para comtigo. Amo-te mais do que posso dizer, mas não me quero afundar em sentimentalidade descabida; e com este alfinete da ironia guardar-te-hei tambem a ti da beira do abysmo.

Aos poucos arrufei-o consideravelmente e depois de elle se ter retirado desgostoso para a outra extremidade da sala, eu me levantei e, desejando-lhe, em tom natural e na maneira acostumada, as boas noites, deslizei-me pela porta lateral e fui para meu quarto.

Segui o systema assim estreado durante todo o prazo da provação e com o melhor exito. Conservava-o em uma disposição bastante azeda e rabugenta; comtudo, vi que elle ficava optimamente entretido e que uma submissão de cordeirinho e sensibilidade de rôla, posto que lhe tivesse alimentado o despotismo, teria muito menos correspondido ao seu juizo, bom senso e gosto.

Em presença de outros portava-me como antes, com deferencia e calma, por não haver necessidade de outra coisa; só nas palestras da tarde era que o paralytava e atingia. Sempre ás sete horas, á primeira badalada, mandava-me chamar; mas já não tinha para mim termos como «amor», «querida», quando me apresentava. Os melhores appellidos com que me servia eram: boneca provocante, trasgo malicioso, monstro, etc. As caricias eram substituidas por caretas, o aperto de mão por um puxão no braço, o beijo na face por um beliscão na orelha. Ia tudo muito bem. No presente preferia esses carinhos um pouco de féra á maior ternura. Via que a sra Fairfax me approvava; seus temores por mim se desvaneceram; por consequente, procedia bem. Entretanto, o sr Rochester asseverava que meus máus tratos o faziam andar na espinha, e ameaçava-me vingança tremenda por minha conducta de então em um periodo não muito afastado. Ria-me com meus botões: — Estou capaz de te fazer guardar a distancia conveniente agora e não ha duvida que o poderei tambem mais tarde. Si um expediente perde a força, é só buscar outro.

Contudo, minha tarefa não era facil. Muita vez teria preferido ser-lhe agradavel a atormental-o. Meu marido futuro tornava-se-me meu universo e, mais do que isto, quasi minha parte da bemaventurança. Elle estava entre mim e todos os pensamentos religiosos como no eclipse a lua passa por entre o homem e o alto sol. Naquelles dias eu não via o Creador por causa da creatura da qual tinha feito o meu deus.

## CAPITULO XXVII

Ao entardecer ergui a cabeça e, olhando em redor de mim e vendo como o sol desenhava na parede em letras de ouro sua marcha descendente, perguntei-me — E agora?

A resposta que meu espirito me deu: — «Sahir de Thornfield Hall quanto antes!» foi tão prompta e assustadora que tapei os ouvidos, dizendo que não podia soffrer taes palavras. Não ser a noiva de Eduardo Rochester é a parte mais insignificante da minha desgraça; ter acordado dos sonhos mais brilhantes e tel-os achado vãos e ôcos é um horror que posso aguentar e soffrear; mas ter que o deixar definitiva, instantaneamente e para sempre, isto é insupportavel; não posso! Mas logo uma voz interior me asseverou que podia e me predisse que o faria. Lutei contra minha propria resolução. Desejava ser fraca para evitar a passagem tremenda para soffrimentos que via desabarem sobre mim. E a consciencia, tornando-se tyranna, agarrou a paixão pela garganta e disse-lhe sardonicamente que até então só tinha tocado de leve com a ponta do pézinho no lodo e jurou que com seu braço de ferro a mergulharia nos abysmos insondados da agonia.

— Neste caso, que me arranquem daqui! — gritei — que alguem me soccorra.

— Não! Tu propria debes arrancar teu olho direito; tu mesma debes cortar a tua mão ; teu coração será a victima e tu a sacerdotiza que o ha de traspassar.

Levantei-me de chofre, aterrada pela solidão infestada por juiz tão desapiedado e pelo silencio perturbado por voz tão temivel. Então, de pé, senti vertigens; percebi que tonteava por causa do

excitamento e da inanição. Nem comida nem bebida tinham passado por meus lábios aquelle dia, pois nem almoçára. Comecei a reflectir com dôr da alma que, durante o muito tempo que ficára fechada em meu quarto, ninguém fora mandado perguntar-me como passava ou convidar-me a descer; até nem Adelia batera á porta, nem a sra Fairfax me procurára. Os amigos sempre se esqueceram dos que a fortuna abandona, murmurei, tirando o ferrolho e sahindo ao corredor. Tropecei. Minha cabeça ainda estava tonta, a vista incerta, os membros fracos. Não me pude orientar bastante ligeiro e tombei, mas não no soalho. Um braço estendido recebeu-me. Abri os olhos: o sr Rochester, que estava assentado numa cadeira ao lado da porta, me amparava.

— Afinal sahiste! — disse elle, — esperei por ti muito tempo e escutei; não ouvi, porém, nenhum movimento nem soluço; mais cinco minutos deste silencio mortal e teria forçado a fechadura como um ladrão. Então! esquivas-te de mim? Fechas-te no quarto e soffres a afflicção sózinha? Oxalá tivesses vindo disputar rudemente commigo. E's colerica e esperava uma scena; estava preparado para uma chuva de lagrimas escaldantes, só desejava que as derramasses sobre meu peito; entretanto recebeu-as o soalho insensivel, mas não, engano-me; não choraste. Vejo uma malha branca em tua face, mas nem o minimo traço de lagrimas. Teu coração terá chorado sangue?

— Oh, Joanna! nenhuma palavra de exprobração? Nada de amargo, nada de pungente? nada que lacere os sentimentos, que fira a paixão? Ficas sentada onde te puz e olhas-me cansada, apathica?

— Joanna! nunca me entrou na mente maguar-te <0010121>. Si um homem que tivesse uma só velhinha, que lhe fosse cara como a propria filha e a qual comesse em seu prato e bebesses de seu copo e dormisse sobre seu peito, por qualquer engano a tivesse morto no açougue, não teria chorado mais seu desatino irreparavel do que eu choro o meu... Pódes perdoar-me?

Leitor! Perdoei-lhe no mesmo instante e ali mesmo. Em seus olhos havia remorso profundo; em seu tom de voz, compaixão verdadeira; em seus modos, energia viril e, de mais a mais, havia tanto amor incalculado em seus olhares e feições... Perdoei-lhe tudo, mas não por palavra, não exteriormente, só por dentro, no intimo do coração.

— [Tu <0010121>] Sabes <0010320> que sou um malvado, Joanna? — inquiriu com ansia, depois de breve pausa, provavelmente por não comprehender meu silencio continuado e minha mansidão, resultado antes da minha fraqueza do que da vontade.

— Sim, senhor, [eu <0010121> sei <0010320> que o senhor é um malvado].

— Neste caso, dize-mo aberta e claramente; não me poupes!

— [Eu <0010141>] Não posso [dizer <0010340>, [eu <0010131>] estou <0010330> cansada e doente. Dê-me <0010113> agua! Soltou um suspiro, estremecendo e, tomando-me em seus braços, levou-me escada abaixo. Primeiro nem notei a que quarto me levava, tudo estava velado para minha vista fraca; dahi a nada, porém, senti o calor animador do fogo, pois, apesar de estarmos no verão, como que gelára em meu quarto. Chegou a meus lábios um copo de vinho; provei-o e fiquei confortada. Comi tambem o que me offereceu e aos poucos tornei a mim. Estavamos na bibliotheca: eu assentada em sua cadeira, elle ao pé de mim. Si pudesse agora livrar-me da vida sem demasiada dôr, seria bôa sorte a minha, pensei; não teria que rebentar a força as cordas de meu coração, ao separar-as das do sr Rochester. Evidentemente devo deixal-o, mas não quero deixal-o, não posso.

— Como estás [te <0010121> sentindo <0010320>] agora, Joanna?

— [Me <0010121> sinto <0010320>] Muito melhor, senhor, em breve [eu <0010131>] estarei <0010330> boa.

— Prova <0010320> [você <0010121>] o vinho mais uma vez, Joanna.

Acceitei. Então elle poz o calice sobre a mesa, collocou-se diante de mim e olhou-me attento. De repente, deu meia volta com um grito inarticulado e cheio de emoção apaixonada. Deu uma volta pela sala e, voltando, inclinou-se para mim como para me beijar, mas lembrei-me que beijos já eram prohibidos. Desviei meu rosto e afastei-o d'elle.

— O que? que é isso? — exclamou, precipitado. — Ah! percebo! Não queres beijar o marido de Bertha Masson! Consideras meus braços occupados e minhas caricias propriedade de outra!

— Em todo o caso, para tal [eu <0010131>] não tenho <0010330> direito, senhor.

— Por que, Joanna? Mas quero poupar-te o incommodo de falar muito. Vou responder por ti: é porque já tem mulher, dieras; acertei?

— Sim [Eu <0010141> diria <0010340> que é porque já tem mulher].

Si pensas assim, deves ter idéa estranha de mim, deves julgar-me um devasso calculador, um libertino baixo e brutal, que te tenha simulado amor desinteressado para te apanhar em uma armadilha, preparada a proposito, e para te desviar da honra e te roubar a estima propria. Que dizes a isto? Vejo que não tens resposta, em primeiro logar por ainda estares fraca e te custar a retomar o folego; em segundo logar por não te teres ainda aí feito a accusar-me e injuriar-me. Além disso, as represas das lagrimas abrem-se e, si falasse muito, teriamos pranto. Tu não desejas discutir, recriminar, fazer uma scena: desprezando palavras, meditas sobre o modo de agir. Conheço-te, estou alerta.

— [Eu <0010111>] Não desejo agir <0010310> contra o senhor — disse eu; e minha voz incerta acautelou-me que abreviasse a phrase.

— Estás planejando minha destruição, não no teu, mas, sim, no meu sentido do termo. Tens dito por outras palavras que sou homem casado e como tal queres evitar-me; ainda ha poucos momentos recusaste beijar-me. Tencionas tornar-te-me completamente estranha, conviver debaixo deste tecto só como governante de Adelia. Si jantais eu te disser uma palavra amigavel, si jamais um sentimento brando te quizer inclinar pare mim, dirás: — Aquelle homem por um triz não me fez sua amante, devo ser para elle de gelo e de rocha, e de gelo e de rocha te me tornarás.

Limpei e firmei a voz para replicar: — Tudo mudou em torno de nós, senhor, eu <0010111> tambem devo mudar <0010310>. É claro como a luz do dia. E, para avitar fluctuações de sentimentos e combates continuos com lembranças e associações de idéas, há só um meio: Adelia precisa de uma nova governante.

— Pois não, Adelia irá para o collegio, como já está determinado, nem tão pouco te quero atormentar com lembranças odiosas de Thornfield Hall, deste sitio amaldiçoado, desta gehenna com seu demonio, que com ser um só é peor do que uma legião dos que podemos imaginar. Joanna, tu <0010131> não deves ficar <0010330> aqui nem eu hei de ficar. Fiz mal em trazer-te a Thornfield Hall, sabendo que era infestada. Mandara a todos severamente que te occultassem o estado das coisas antes de te ter visto, já por temor de que aliás nunca tivesse governante para Adelia, já por não poder retirar a doida. E' verdade que possuo uma casa antiga na chacara de Ferndean, ainda mais escusa do que esta residencia. Ahi a louca teria ficado bem guardada, mas o insalubre da localidade causou-me escrupulos. Os muros humidos ter-me-iam livrado da cruz em pouco tempo: todavia deixe-se a cada patife a sua maldade individual, a do assassinio indirecto não é a minha.

Entretanto, esconder-te a presença da endemoninhada era como embulhar uma creança em um manto e deital-a debaixo de uma arceirinha: a vizinhança deste máu genio é peçonhenta como sempre o foi. Hei de pregar a porta frontal de Thornfield Hall e fechar as janellas em baixo com taboas. Pagarei á sra Poole 200 libras por anno e poderá junto com seu filho, actualmente guarda do Recesso de Grimsby, entreter-se com minha mulher, enquanto esta se lembrar de queimar gente na cama e apunhalhar seus parentes e tirar-lhes a dentadas a carne dos ossos.

Interrompi-o:— O senhor fala com antipathia, com odio vingativo da desgraçada mulher. [Eu <0010121>] Acho <0010320> isto cruel.

— Queridinha! Chamo-te assim, porque o és, não sabes o que dizes. Não lhe tenho odio por ser doida. Si tu enlouquecesses, achas que te odiaria?

— [Eu <0010121>] Acho <0010320> que [me odiaria] sim <0010122>, senhor.

Neste caso, enganas-te mais uma vez e não sabes de que amor sou capaz. Cada atomo de tua carne me é tão caro como a minha propria. Teu espirito é meu thesouro e, quebrando-se a casca, será ainda meu thesouro. Si te arremessasses sobre mim com furia como aquella mulher, receber-te-ia com abraço não menos amoroso do que devia ser defensivo; e nos momentos calmos não terias outro guarda nem outro servente que a mim, embora nunca me sorrisses, nem me reconhecesses, nunca me cansaria de olhar teus olhos. Mas estava a falar em remover-te de

Thornfield Hall. Sabes que tudo está prompto para a partida, amanhã irás. Supporta <0010320> [você <0010121>] mais uma só noite, Joanna, debaixo deste tecto, depois: adeus miserias e terrores para sempre! Tenho um santuario seguro contra lembranças repugnantes, fechado a intrusões desagradáveis, protegido contra mentira e calumnia.

— E levará Adelia comsigo? Será boa companheira para o senhor.

— Que [tu <0010121>] pretendes <0010320>, Joanna? Já te disse que Adelia irá para o collegio. Que faria eu com uma creança, com a bastarda intrusa de uma dansarina franceza? Por que me importunas com ella?

— O senhor falou em retiro; mas retiro e solidão são aborrecidos, muito aborrecidos para o senhor.

— Solidão, retiro! — repetiu, irritado. — Já vejo que devo chegar a uma explicação. E's tu que deves partilhar minha solidão. Não percebes?

Abanei a cabeça. Mas já para um signal mudo de dissentimento precisei de certo gráu de coragem, pois elle estava excitado. Tinha passeiado ligeiro pelo quarto; parou como arraigado no solo. Olhou-me demorada e fixamente; eu, declinando a vista fitei-a no fogo, fazendo por parecer calma e senhora de mim.

— Agora é achar a chave do character de Joanna — disse elle, com mais socego do que se podia esperar de seu olhar — Até aqui o fio se desnoveou bem liso; sabia, porém, que haviamos de encontrar um nó, um sinão... eil-o, aqui está! Oxalá pudesse pôr em jogo uma fracção da força de Sansão e arrebentar este embaraço como elle arrebentou as cordas!

Tornou a passeiar, e estacou logo e desta vez bem diante de mim.

— Joanna, [tu <0010121>] não queres aceitar <0010320> razões? — Inclinou-se e falou-me quasi ao ouvido. — Pois se te não rendes de bom grado, tentarei a violencia. A voz era rouca; o olhar, o de um homem que está para quebrar grilhões insupportaveis. Vi que com mais um augmento de excitação, por pequeno que fosse, eu já não poderia com elle. Um movimento só de repulsão, de afastamento, de medo, teria sellado minha perdição e a delle. Mas não tinha medo, nem sombra de medo. Sentia um poder interior de influencia sobre elle que me amparava. A crise era perigosa, mas não sem seu encanto; era semelhante ao do indio que na canoa deslisa sobre a cachoeira. Peguei-lhe na mão cerrada, soltei-lhe os dedos contorcidos e disse-lhe com brandura:

— Sente-se, senhor Rochester; [eu <0010141>] vou falar <0010340>-lhe quanto quizer e [eu <0010121>] vou] ouvir <0010320> tudo quanto tiver para dizer, quer seja razoavel, quer irrazoavel.

Assentou-se. Mas ainda não o deixei falar. Eu tinha lutado contra as lagrimas por muito tempo, por saber que elle não gostava de me ver chorar; neste comenos julguei bom soltar-lhes a corrente; si isto o incommodasse, tanto melhor. Chorei de coração.

Dahi a pouco ouvi-o pedir-me com empenho que me aquietasse. Respondi que não podia, enquanto elle ficasse em tal paixão.

— Mas, Joanna, não estou zangado; é só por demasiado amor. Não pude aguentar teu olhar de aço e gelo. Enxuga as lagrimas!

A voz abrandada provou-me que elle estava subjugado. Acalmei-me. Elle quiz encostar sua cabeça em meu hombro. Não consenti. Quiz puxar-me para si; não o deixei.

— Joanna, Joanna! — disse elle em tons que me fizeram vibrar cada nervo; [tu <0010121>] não me amas <0010320> deveras. Era só minha posição social que desejavas. Agora que me julgas impossibilitado de ser teu marido, recuas a meu contacto, como si eu fosse um animal nojento.

Estas palavras cortaram-me a alma. Não deveria dizer nada: mas atormentava-me o remorso de assim ferir seus sentimentos.

— Mas eu <0010121> amo <0010320>-o — disse — e mais que nunca; porém [eu <0010111>] não lh'o devo mostrar <0010310> e esta é a ultima vez que [eu <0010141>] lh'o confesso <0010340>.

— A ultima vez, Joanna? Então, achas que podes viver commigo, ver-me todos os dias e ficar fria e afastada?

— Não, senhor, [eu <0010121>] sei <0010320> muito bem que [eu] não posso [viver com o senhor, eu não posso vê-lo todos os dias e eu não posso ficar fria e afastada] <0010122>; e por isso há só uma solução da dificuldade; mas o senhor ficará furioso, si [eu <0010141>] lh'á disser <0010340>.

— Oh, dize embora! Si eu solto a tempestade, tu tens a arte de chorar.

<Omissão>

<Omissão>

— [Eu <0010111>] Devo deixal <0010310>-o,[eu <0010111>] devo deixar <0010310> Adelia e Thornfield; [eu <0010111>] devo começar <0010310> uma nova existencia entre gente estranha e scenas estranhas.

Pois não! E' o que já te disse. Não ha duvida que debes começar uma nova existencia. Eu não sou casado e tu serás a sra Rochester de nome e de facto. Irás para um sitio que possuo no sul da França; para aquella villa alvejante nas praias do Mediterraneo. Ali levarás um vida feliz, resguardada, innocente. Não temas que te queira fazer minha amasia. Por que sacodes a cabeça?

Sua voz e suas mãos tornaram a tremer; suas narinas dilataram-se; seus olhos lançaram chispas; apesar de tudo atrevi-me a falar:

— Senhor, sua mulher vive; o senhor mesmo reconheceu o facto esta manhan; por conseguinte, si eu <0010111> vivesse <0010310> com o senhor [eu <0010133>] seria <0010330> sua amasia; falar noutros termos, seria sophisma, seria falsidade.

— Joanna, minha tempera não é de chumbo! Põe o dedo sobre meu pulso! Aqui!

Despiu o punho e mostrou-m'o; faces e labios tornaram-se-lhe lividos. Agital-o mais com resistencia era cruel; consentir, impossivel. Fiz o que sêres humanos fazem, quando levados a extremos: busquee soccorro com Aquelle que está acima dos homens. Involuntariamente me sahiu da bocca a prece: — Meu Deus, ajudae-me!

— Sou um bobo, — gritou o sr Rochester de repente; — repito-lhe vinte vezes que não sou casado e não lhe explico por que. Mas estou certo de que Joanna <0010121> concordará <0010320> commigo, ao saber <0010320> [ela <0010121>] tudo o que eu sei. Queres ouvir-me ?

— Sim, senhor [eu <0010121>] quero ouvi <0010320>-lo], por horas si quizer.

— Só peço minutos. Joanna, tu <0010121> já ouviste <0010320> dizer que não sou o filho mais velho de nossa casa?

— Lembra <0010320>-me <0010121> que a sra Faiafax m'ò disse <0010122>.

— E sabes que meu pae era um homem cobiçoso, avarento?

— [Eu <0010121>] Ouvi <0010320> alguma coisa a respeito.

Pois então, meu pai não pôde com a idéa de dividir suas propriedades, tudo devia ficar com meu irmão Rolando. Mas tão pouco pôde soffrer que eu ficasse pobre. Por isso, procurou-me uma mulher rica. Sabia que o sr Masson, seu conhecido, um fazendeiro e negociante das Antilhas, daria á sua filha uma fortuna de 30.000 libras. Mandou-me, pois, ao acabar o curso de collegio, á Jamaica, para esposar a menina que elle já tinha pedido para minha noiva. Achei a srta Masson uma mulher bella, do typo da srta Branca; a familia e ella queriam segurar-me a todo transe, por eu ser de boa linhagem. Quasi nunca nos encontravamos a sós. Mostravam-m'á na sociedade, nos bailes; todos pareciam admiral-a e ter-me inveja. Fiquei deslumbrado; imaginei amal-a; fez-se o casamento antes de eu dar por isso: bobo rematado que era. Não a amava, não a estimava, até nem a conhecia.

A mãe da noiva eu nunca a tinha visto. Pensava que tivesse morrido. Depois da lua de mel soube que estava louca e fechada em um hospicio. O irmão mais novo era idiota; o mais velho, ao qual, por seu interesse pela irman e pelo apego de cachorro que me tem, não posso odiar, não deixará de seguir o rumo dos demais. Meu pae e meu irmão sabiam tudo isto; mas pensavam só nas 30.000 libras e apoiaram o conluio.

Entretanto, de tudo isto não queria culpar minha mulher; mesmo, quando descobri que era de espirito estreito, baixo, incapaz de conceber uma idéa elevada, quando soube que qualquer conversação que se começasse degenerava immediatamente em tagarelice rude, trivial,

perversa, quando percebi que era impossível ter casa regrada, porque não havia criada que aguentasse os continuos acessos de seu genio violento e desrazoavel, até nestas circumstancias vencia-me, não a censurava, engulia meus remorsos e desgostos, reprimia a antipathia figadal que se apoderava de mim.

<Omissão>

Meu irmão morreu nesse tempo e depois de mais quatro annos meu pae seguiu-o. Isto me tornou rico, e apesar de tudo estava indigente. Por nenhum procedimento legal me podia livrar da comnheira mais impura, depravada e grosseira, a qual por lei e costume geral fazia parte de mim; seus excessos tinham nella desenvolvido prematuramente os germens da loucura, os medicos declararam-n'a louca e, por consequinte, era impossível obter della um consentimento valido de divorcio. — Mas, Joanna, [tu <0010131> parecez estar <0010330> doente de nojo; [tu <0010121>] queres <0010320> que adie o resto da narrativa para outro dia?

— Não, senhor, acabe tudo agora; [eu <0010121>] sinto <0010320> a sua infelicidade, senhor, [eu <0010121>] sinto <0010320>-a muito.

— A compaixão que se revela em teu rosto <0010133>, Joanna, da qual teus olhos <0010111> transbordam <0010310>, e que faz teu coração <0010111> arfar <0010310> e tua mão <0010111> tremer <0010310>, me é <0010330> como o carinho de meiga mãe. Aceito-a, Joanna, de braços abertos.

— Então, continue; que fez, quando soube que ella estava louca?

— Estava na beira do desespero. Um resto de honradez, porém, collocou-se entre mim e o abysmo. Que o mundo embora me considerasse deshonorado, a meus olhos queria ficar limpo. A lembrança de ter sido o marido della me era repugnante até ao intimo da alma e a certeza de que ella, robusta como era, havia de viver tanto tempo quanto eu e com isto me havia de impossibilitar qualquer matrimonio feliz, tirou-me toda a esperança desde meus vinte e cinco annos.

Era em uma daquellas noites abrasadoras das Antilhas, que precedem aos furações dos tropicos. O mar bramiam ao longe como um terremoto. Nuvens negras subiam e a lua afundava-se nas ondas qual globo de fogo. A louca enchia os ares de urros e gritos, rogando-me pragas. A atmospheria e o concerto infernal transtornaram meu espirito. Esta vida é um inferno, tal deve ser a atmospheria, taes os sons do pego sem fundo. Da eternidade do fogo perdera o medo como si fosse imaginação de fanaticos, e julgava que não podia haver estado futuro peor do que aquelle; quiz romper com o tempo para, como delirava, voltar a casa de meu Deus.

Ajoelhei-me para abrir um cofrezinho que continha uma pistola carregada; tencionava acabar commigo.

Mas foi idéa de um só momento. A crise passou tão ligeira como viera. Com o vento fresco da Europa, que começou a soprar pela varanda, rebentou o temporal e purificou o ar.

<Omissão>

Passeiando debaixo das laranjeiras gotejantes no jardim, raciocinei assim:

<Omissão>

— Este concerto, vindo do velho mundo, te enche o sangue de nova vida, rejuvenece-te o intimo, é ambrósia para tua alma sequiosa.

<Omissão>

Vae, pois, viver na Europa, onde não se sabe quão conspurcado é teu nome, nem que carga asquerosa tens ás costas. Fecha a louca em Thornfield Hall. Depois viaja e ata novas relações, pois que esta, que abusou de tí, que deshonorou teu nome, maculou tua honra, tisnou tua mocidade, não é tua mulher. Põe-n'a em segurança e conforto, e foge della.

<Omissão>

Meu pae envergonhára-se de sua nora, de maneira que meu pedido para que guardassem segredo fora executado á risca.

Viemos para Inglaterra. A viagem na companhia do monstro foi terrivel.

<Omissão>

Em Thornfield Hall custou bastante achar guarda dedicada, forte e fiel. Afinal contratei Grace Poole. Ella e o Dr. Carter são os unicos iniciados no mysterio. A sra Fairfax talvez tenha suspeitas, mas nunca foi capaz de apurar os factos.

<Omissão>

Tres vezes, durante tua estadia aqui, a louca logrou escapar á vigilancia de Grace Poole: a primeira vez, quando tentou queimar-me na cama; a segunda, quando apunhalou Masson, e a terceira, quando te fez aquella visita. Dou graças á Providencia que tão visivelmente te tem protegido. Só pensar que o demonio, que hoje de manhan se lançou á minha garganta, tenha pairado sobre o ninho de minha pomba, coagula-me o sangue.

— E que fez o senhor, depois de a ter arrumado aqui? Para onde foi?

<Omissão>

— Fui para o continente e corri todos os paizes em busca de uma mulher boa e intelligente.

— Mas não se podia casar.

— Assentei commigo e convenci-me de que podia e devia.

<Omissão>

E isto parecia-me tão razoavel que pretendia fazer minha proposta aberta e sinceramente, esperando que houvesse mulher que entendesse e approvasse meu caso.

— E que aconteceu, então, senhor?

— Quando estás curiosa, fazes-me sorrir. Abres os olhos como um passarinho faminto e mexeste de momento em momento, como si as respostas não corressem bastante ligeiro. Mas que mais queres saber?

<Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

— Si o senhor achou uma mulher conforme seus desejos; si a perdeu em casamento e o que ella respondeu.

— Posso dizer-te que a achei e que a pedi em casamento; mas a resposta as fadas ainda têm que assentar em seus livros. Dez annos corri de capital em capital. Meu dinheiro e bom nome abriam-me todos os circulos. Busquei meu ideal entre damas inglezas, condessas francezas, signoras italianas, grilfinnetz allemans; mas, cada vez que imaginava chegar ao termo, descobria que me enganára. Tornei-me desesperado, dissipado.

<Omissão>

Não podendo viver sózinho, busquei amasias. A primeira, como sabes, foi Celine Varens. Esta teve duas successoras: uma, Jacintha, italiana; a outra, Clara, allemã; aquella, violenta e sem principios; esta, boa, socegada, mas pesada, sem espirito nem sentimentos finos. Dei-lhe uma boa somma para poder abrir uma loja e ficámos quites.

Ora, Joanna, vejo em teu rosto que actualmente [tu] não estás a formar bom conceito de mim <0010122>. Achas-me um devasso brutal e perdido, não achas?

— De facto, [eu <0010121> não gosto <0010320> do senhor tanto como em outras occasiões. Não acha isso máu, viver já com esta mulher, já com aquella? E fala destas coisas como de negocios de cada dia...

— Assim era; mas não gostava daquelle modo de viver;

<Omissão>

era como comprar escravas, o que degrada o homem. Tenho nojo do tempo que passei com Celine, Jacintha e Clara.

Eu sentia a verdade destas palavras e tirei dellas a irrefragavel conclusão de que, si jamais me esquecesse tanto de mim e da instrução recebida e da acatada, santa e immutavel lei de Deus que debaixo de qualquer pretexto, ou com qualquer justificação sophistica, ou vencida pela tentação, me tornasse successora daquellas meninas, elle um dia me consideraria com os mesmos sentimentos que então em sua mente execravam a lembrança dellas. Sem revelar esta convicção, imprimi-a altamente em meu coração, para me servir de apoio no tempo da luta.

— Ora, Joanna! Por que não continuas com os teus «e então ?». Ainda não acabei. Vamos ao ponto.

Em Janeiro passado, descoroçoado com as mulheres, voltei á Inglaterra por causa de negocios. Aproximei-me de Thornfield Hall, sitio aborrecido, onde não esperava encontrar nem paz nem prazer. Em uma cancella da vereda de Hay, vi assentado sózinho um vulto immovel. Passei por elle como pelo salgueiro que estava do outro lado do caminho. Não conheci a pessoa até que, por occasião do accidente do Messur, ella se chegou a mim, offerecendo-me gravemente seu soccorro, a pobre creança franzina e delicada! Eu estava de máu humor, mas ella não se quiz retirar. Eu precisava de soccorro e o soccorro veiu-me daquella mão.

«É logo depois de ter pesado sobre aquelle hombro debil, alguma coisa nova, como seiva de vida pujante, coou-se para dentro de meu corpo. Bom foi saber que a fada devia voltar a mim, que pertencia á casa lá em baixo; aliás não a podia deixar deslisar-se-me por debaixo da mão e vel-a sumir-se atraz da cêrca escura sem ficar sentido no intimo da alma. Ouvi-te voltar a casa <0010122>, áquella noite, Joanna, embora [tu <0010121>] não tenhas notado <0010320> que eu pensava em ti e te esperava <0010122>.

No dia seguinte, despercebido, observei-te por meia hora, emquanto brincavas com Adelia na galeria. Não pudestes sahir por causa da neve. Eu estava em meu quarto, com a porta entreaberta; podia escutar e espreitar. Adelia preocupava a tua attenção exterior; mas eu imaginei que teus pensamentos estavam longe, embora tivesses grande paciencia com a pequena; tagarellavas com ella e a divertiste por muito tempo. Mas, logo que ella te deixou, mergulhaste-te em um desvanecio e começaste a passeiar na galeria. De vez em quando olhavas para fóra, para a neve que cabia em densos flócos; escutavas o vento, que gemia, e tornavas a passeiar e a scismar.

Julgo que aquellas visões não eram sombrias, pois transluzia occasionalmente alegria em tua vista e excitamento brando em teu aspecto; teu olhar revelava os doces sonhos da mocidade. A voz da sra Fairfax, que falava á criada, acordou-te <0010112>; e quão exquisitamente te <0010151> sorriste <0010350>; rindo <0010350>-te <0010151> de ti mesma, Joanninha! Havia muita significação em teu sorriso; era muito sagaz e parecia mofar da tua propria abstracção. Dizia:— Minhas visões finas são muito boas, mas não devo esquecer que são absolutamente irraes. Em meu cerebro tenho um firmamento roseo e um paraíso florido. No entanto, ahí fóra, sei-o muito bem, estende-se para meus pés uma calhe escarpada e, em redor de mim, amontoam se negras trovoadas.

«Correste escada abaixo e pediste á sra Fairfax qualquer occupação; si me lembra bem, foram as contas semanaes da despensa ou coisa semelhante. Fiquei aborrecido por te furtares á minha vista.

«Ansiei pela tarde, quando te pudesse chamar. Suspeitei que teu character seria coisa perfeitamente nova para mim; desejei conhecê-lo melhor, sondal-o mais a fundo. Entraste na sala com ares de esquivia e independente; trazias traje singular como agora. Fiz-te falar e não demorei a achar-te cheia de contrastes. Teus modos eram constrangidos pelas regras; teus ares, muitas vezes desconfiados, trahiam muita frieza natural e grande falta de pratica. Sem embargo disto, quando se te falava, levantavas olhar penetrante, corajoso, ardente para o rosto do interlocutor e, quando apertada por questões, achavas respostas promptas e cabaes. Em pouco tempo pareceste estar acostumada a mim; presumo que sentias a sympathia que te ligava a teu amo rude e impaciente, pois, tão admirável quão depressa uma calma tranquilizadora firmou tuas maneiras. Observavas-me e, apesar de minha morosidade, sorriste-me com graça tão simples e sagaz que não posso descrevel-a.

«Gostava immensamente do que tinha visto de ti e desejava vêr mais; nem por isso tornava-me familiar.

Como epicurista intellectual, queria prolongar meu prazer em cultivar conhecimento tão novel e interessante. De mais a mais, inquietava-me por algum tempo o medo de que a flôr perdesse a frescura encantadora, si a tratasse com maior liberdade. Ainda não sabia que não era botão ephemero, mas sim a imagem de uma flôr cinzelada em gemma indestructivel. «Quería também vêr si me irias buscar, quando te avistasse, mas não me buscaste; ficaste no quarto de aula, tranquilla como tua estante e, quando, por acaso, me encontrava comtigo, passavas por mim tão ligeira e com tão pouca attenção, quanto era compativel com o respeito. «A expressão habitual

do teu rosto naquelles dias era de pessoa pensativa; não de opprimida, porque não estavas doente, mas nem de pessoa alegre, porque tinhas pouca esperança e nenhum prazer. «Para averiguar o que pensavas de mim, dobrava de attenções. Tuas maneiras, quando conversavas, eram alegres e jovias. Vi que tinhas um coração sociavel; era a aula, o fastio de tua occupação que te fazia triste. Permitti-me o gozo de te tratar com affabilidade e em breve minha bondade gerou em ti sentimentos brandos; teu rosto tomou uma expressão maviosa teu tom de voz tornou-se gentil. Como eu gostava de ouvir meu nome pronunciado com o accento feliz e melodioso de teus labios! Hauria prazer indizivel daquelles encontros «casuaes», Joanna. Havia uma hesitação curiosa em teus modos; examinavas-me com alguma perturbação, alguma duvida; não sabias qual seria meu capricho: si me mostraria mestre severo ou amigo benevolo. Entretanto, estava eu já tão preso de teu amor, que raras vezes fingia severidade e, quando te estendia cordialmente a mão, subia-te ao rosto juvenil e desejoso tanta frescura e brilho e ventura que me custava não te apertar ao meu peito.

— Não me <0010142> fale mais daquelles dias, senhor! — atalhei, enxugando furtivamente uma lagrima, pois esta linguagem torturava-me e difficultava o cumprimento de meu dever.

— [Tu] <0010131> Tens <0010330> razão, Joanna. Para que demorarmo-nos com o passado, si o presente é tanto mais seguro e o porvir tanto mais brilhante.

Esta asserção enfatuada fez-me estremecer.

— Já conheces meu caso, — continuou. — Depois dos annos da mocidade e da virilidade, gastos parte em miseria indescrivel e parte em solidão acabrunhadora, achei pela primeira vez quem eu possa amar de véras; achei-te a ti. Tu és minha sympathia, ou melhor: és — meu bom anjo! — sou ligado a ti por affecto indissolvel; paixão identica te attráe para mim como para a nascente e o centro de tua vida, e funde-nos ambos em um só sêr. E' simples escarneo dizer que já tenho mulher.

«Por outro lado não te devia enganar. Tive porém, medo da teimosia de tua indole, dos preconceitos que te foram instillados. Queria primeiro ter-te segura antes de expôr-me aos azares da confidencia. Devia dizer-te no principio o que te disse hoje, revelar-te o pendor irresistivel de meu natural, que é: amar lealmente e com toda a força, quando se me corresponde com amor igualmente leal e entranhavel. Só depois devia pedir-te accitasses o penhor de minha fidelidade e me dêsses o teu.

Joanna ! [tu <0010111>] dá <0010310>-m'o agora! Pausa.

— Por que [tu <0010131>] ficas <0010330> calada, Joanna?

Eu estava num crisol.

<Omissão>

Sêr humano algum pode desejar ser mais amado do que eu era; e aquelle que me amava assim, eu o adorava. Não obstante, devia renunciar ao meu amor e ao meu idolo. Uma unica palavra comprehendia meu dever inevitavel — Fugir!

Joanna, [tu <0010121>] não percebes <0010320> o que quero de ti? Só as palavras: — Serei tua, Eduardo.

— Sr Rochester, [eu <0010133>] não serei <0010330> sua.

Outra pausa prolongada.

— Joanna! — continuou elle com brandura que me opprimia de angustia e me punha fria como uma pedra, pois aquella voz abafada era o offegar do leão que se prepara para o salto — Joanna, [tu <0010121>] queres dizer <0010320> que tu tencionas tomar um rumo neste mundo e deixar-me enfiar por outro <0010122>?

— Sim [eu <0010121>] quero dizer <0010320> que eu tenciono tomar um rumo neste mundo e deixá-lo se enfiar por outro <0010122>], senhor.

— Joanna, — e inclinou-se para mim e abraçou-me; — e mesmo assim [tu <0010121>] queres dizer <0010320> que tu tencionas tomar um rumo neste mundo e deixar-me se enfiar por outro <0010122>]?

— Mesmo assim [eu <0010121>] quero dizer <0010320> que eu tenciono tomar um rumo neste mundo e deixá-lo se enfiar por outro <0010122>], senhor.

Beijou-me meigamente na frente e na face: — E ainda?

— Ainda, senhor, e desvencilhei-me rápida e completamente de seus braços.

— O' Joanna! isso é duro! isso é máu. Não será peccado amar-me.

— É, e obedecer <0010320>-lhe sêl-o-ia mais.

Um acesso de colera arqueou-lhe ás sobranceiras. Levantou-se, mas ainda se conteve. Apoiei minhas mãos nas costas de uma cadeira, pois, com estar resolvida, tremia de medo.

— Um momento, Joanna! Lança um olhar no que será minha vida si tu te retiras. Onde buscarei companhia, esperança e conforto?

— Faça o que eu <0010111> faço <0010310>: confie em Deus e em si. Creia no céu e espere encontrar-me de novo ali!

— Então não cedes?

— Não.

<Omissão>

<Omissão>

Alçou a voz: — Roubas-me o amor e a honestidade e atiras commigo aos braços do vicio?

— Sr Rochester, eu <0010111> não lhe assigno <0010310> esta sorte tão pouco como [eu <0010111>] a escolho <0010310> para mim <0010113>. O senhor nasceu para lutar e soffrer como eu <0010111> [nasci <0010310> para lutar e soffrer] e ha de esquecer-me <0010122> antes que eu <0010121> [esqueça <0010320>] ao senhor.

— Com estas palavras offendeste minha honra e achas melhor entregar um irmão ao desespero do que passar por cima de uma lei meramente humana, ainda que ninguem seja prejudicado pela transgressão; pois tu não tens parentes que desgostarias vivendo commigo.

Era verdade. E enquanto elle falava, minha propria consciencia e razão tornavam-se traidoras contra mim e accusavam-me como de um crime si lhe resistisse.

Apesar de tudo, minha resposta ficou irrevogavel: — Devo cuidar, pensei, de mim mesma tanto mais quanto sou solitaria e sem amigos e sem protecção. Quero respeitar-me; quero acatar e guardar a lei que Deus nos deu e toda a humanidade venera. Quero ficar fiel aos principios que mantinha, quando estava san e não louca como agora, Leis e principios não são sómente para os tempos livres de tentação, mas muito mais para momentos como este, nos quaes a carne e a alma se amotinam. Ellas têm força e valor obrigatorios, objectivos e, si não entendendo isto agora, é por estar louca; sim, louca, desequilibrada, com fogo a correr-me nas veias e o coração a bater mais ligeiro do que posso contar. E' na lei immutavel de Deus que me devo firmar nesta hora e por ella me quero dirigir.

<Omissão>

O sr Rochester leu esta resolução em meu rosto. Sua furia subiu ao auge. Atravessou a sala, pegou em meu braço e agarrou-me pela cinta. Physicamente senti-me naquelle momento impotente, como restolho exposto ás labaredas de uma fornalha; interiormente, porém, possuia minha alma e com esta a certeza da victoria final. O interprete veridico do espirito, minha vista, cruzou-se com seu olhar feroz e nisto soltei um gemido involuntario. Seu aperto causava-me dôr e minhas forças estavam quasi esgotadas.

Rangendo os dentes, elle disse: <Omissão>

— Posso esmigalhar a gaiola, mas o captivo me escapará; posso derrubar a casa, mas o inquilino fugirá para o céu, deixando-me nas mãos só a forma de barro. E é o espirito que quero; com sua vontade e energia, com sua virtude e pureza;

— Oh! Vem <0010310> [você <0010111>], Joanna, vem <0010310> [você <0010111>!]

Dizendo isto, afrouxou o aperto e fitou-me e a este olhar era mais difficil resistir do que á força bruta. Só uma idiota, porém, teria succumbido então. Depois de vencida a furia, era illudir-lhe a magua, retirei-me para a porta.

— Sempre te <0010111> vaes <0010310>, Joanna?

— [Eu <0010111>] Vou <0010310>, senhor.

— Deixas-me?

— Sim [eu <0010111>] o deixo <0010310>].

— E não queres vir para ser meu conforto, minha salvação? Meu amor, minha angustia, minha prece, tudo é nada para ti?

<Omissão>

Quão duro me foi repetir: — [Eu <0010111>] Vou <0010310>, senhor.

— Joanna!

— Sr Rochester!

— Consinto em que te retires. Vae a teu quarto, medita sobre o que te disse; lança um olhar a meus soffrimentos, pensa em mim!

Voltou-se e atirou consigo de braços sobre o sofá com as vozes angustiosas: — Joanna, minha esperança; meu amor, minha vida!

Já estava na porta, mas voltei a elle tão resolutamente como me tinha retirado. Ajoelhei-me ao lado d'elle, voltei-lhe o rosto para mim; beijei-lhe a face, alisei-lhe o cabelo e disse:

— Deus o abençõe, meu caro amo. Deus o guarde de todo o mal! Que elle o dirija e o console e lhe recompense a bondade que me tem prodigalizado.

— O amor de Joanninha <0010133> seria <0010330> o melhor galardão; sem elle, parte-se-me o coração. Mas a Joanna <0010111> ainda m'o <0010112> ha de dar <0010310>, sim: espontanea, generosamente!

— O sangue precipitou-se-lhe no rosto, um clarão lampejou-lhe nos olhos; levantou-se de salto e estendeu-me os braços; mas fugi e, sem mais, sahi do quarto.

— Adeus! — foi o grito de meu coração, quando o deixei, e o desespero accrescentou: — Adeus, para sempre!

\* \* \* \* \*

Embora pensasse não poder dormir aquella noite, logo que me deitei sobre a cama, cahi em um estado entre o somno e a vigilia. Fui transportada para as scenas da infancia; sonhei que estava no quarto vermelho de Gateshead. A mesma luz que então me trouxera a syncope parecia arrastar-se subindo a parede e pairar no centro do tecto escuro. Levantei a cabeça e vi como o tecto se dissolvia em nuvens altas e transparentes como si a lua as quizesse penetrar. Observava-a como que esperando que alguma palavra decisiva fosse escripta em seu disco. E de facto assomou como nunca a lua tinha apparecido: uma mão penetrou pelas dobras negras do ar e removeu-as, e logo brilhou do firmamento azul não a lua, mas uma figura humana que inclinava a fronte celestial para mim. Olhava, olhava e falava a meu espirito. Embora infinitamente distante, a voz murmurava-me ao coração:

— Filha, fuge da tentação!

— Minha mãe, hei de fugir!

E assim o repeti, quando acordei do somno ou allucinação. Ainda era noite, mas noite curta de verão, a qual logo depois da meia noite cede ao crepusculo. Não pude madrugar demais para começar a tarefa que tinha que acabar. Levantei-me da cama. Não me tinha despido. Buscando em uma gaveta alguma roupa, o broche e um anel, encontrei um collar de perolas que o sr Rochester me forçara a aceitar. Deixei-o, que não me pertencia. Dos outros objectos fiz um embrulho, metti na bolsa toda a minha fortuna, dez mil réis, puz o chapéu de palha, peguei o chale, agarrei o capote e os sapatos e sahi furtivamente do quarto.

— Adeus, boa sra Fairfax! — suspirei, passando pela porta de sua camara. — Adeus, Adeliuzinha! — Não pude entrar para a abraçar. Tinha que enganar um ouvido fino, que sem duvida estava a escutar.

Teria passado tambem pela porta do sr Rochester sem parar, si o coração não me estacasse de subito, fazendo parar tambem o pé.

O morador ali dentro passeiava de um para outro lado e de vez emquanto gemia. Naquelle quarto esperava-me o céu — céu passageiro. Era só entrar e dizer:

— Sr Rochester, quero amal-o e viver com o senhor até morrer, e uma fonte de ventura me jorraria aos labios.

Ali meu bom amo, que não dormia, esperava com impaciencia o dia. Mandará chamar-me pela manhan, buscar-me-ão de balde. Sentir-se-á abandonado, seu amor rejeitado; soffrerá, talvez desesperará! Tambem nisto pensei. Minha mão estendia-se mecanicamente para a porta; soffreei-a, porém, senhora de mim, e continuei o meu caminho.

Abatida, desci a escada. Conhecia meu dever e cumpria-o sem mais reflexão. Busquei na cozinha a chave da porta lateral e um vidrinho de oleo para untar a chave e a fechadura. Busquei tambem pão e agua, pois minhas forças, alquebradas pelos successos dos ultimos dias, não deviam succumbir de todo. Sahi sem o minimo ruido. Por desgraça, o portão estava aferrolhado. Consegui, porém, coar-me pelo postigo fechado só a tranca, e estava fóra de Thornfield Hall.

Á distancia de uma milha, além dos campos, estendia-se uma estrada na direcção opposta a Millcote, para ali endireitei o passo. Não devia reflectir no passado nem no futuro. O primeiro era uma pagina de doçura celestial e de tristeza tal que a leitura de uma só linha poderia derreter minha coragem, quebrar minha energia, emquanto que o ultimo se me apresentava tão terrivelmente vazio como deve ter sido o mundo depois do diluvio.

Quem é levado ao cadafalso, não pensa nas flores que lhe sorriem na beira do caminho, mas sim no cepo e no machado e na cova aberta. Assim eu, passando ao longo de campos e cercas, nem notava si o dia era bello e o céu ameno; afundava-me nos pensamentos de fuga desconsolada e de perda irreparavel. Mau grado meu pensava nelle, — como ansiaria em seu quarto pelo romper do dia, esperando que eu entrasse para lhe dizer que ficaria com elle para ser sua, offegava para voltar: ainda não seria tarde para lhe poupar a dor pungente da separação ; ainda não teria notado minha fuga; ainda o poderia salvar, e talvez da perdição. Ai! esta apprehensão de seu abandono, muito peor que o meu, como me irritava ! Era uma flecha farpada em meu peito. Ao querer tiral-a, rasgava-me as carnes, enterrando-a mais pela lembrança delle; quasi me matava.

Os passarinhos começavam a chilrear nos mattos e espinhaes; elles, symbolos de amor, eram fiéis a seus companheiros; e eu?! Na minha dôr e no esforço frenetico para guardar meus principios, aborrecia-me a mim mesma. Não podia tirar consolo da minha consciencia nem de meu orgulho. Tinha maguado, ferido, abandonado meu bom amo — e, apesar de tudo, não podia voltar, nem desandar sequer um passo. Deve ter sido Deus quem me guiou. Debulhava-me em lagrimas, indo, correndo como delirante. A fraqueza interior espalhava-se-me nos membros, venceu-me: cahi. Na esperanza de morrer ali mesmo, apertei o rosto sobre a relva orvalhada. Mas dahi a nada arrastei-me de jóelhos e sobre as mãos; depois levantei-me com pressurosa energia, no intuito de ganhar a estrada.

Chegada a este ponto, o cansaço me forçou a assentar-me debaixo da cerca. Ouvi rumor de rodas e vi uma diligencia aproximar-se. Fil-a parar e perguntei para onde ia. O cocheiro nomeou um lugar muito distante com que o sr Rochester provavelmente não tinha relações. A passagem custava quinze mil réis. Disse-lhe que tinha só dez. Achava que isto talvez bastasse. Deixou-me entrar no interior do vehiculo; fechou a portinhola; seguimos viagem.

Bom leitor, praza a Deus que nunca de teus olhos se derramem lagrimas tão tempestuosas, amargas, tão de sangue como jorravam dos meus! Que nunca devas importunar o céu com prece tão cheia de agonia e tão sem esperanza como borbuhlava de meus labios; e que nunca devas temer tornar-te o instrumento de tortura para quem ames tão do intimo da alma.

#### CAPITULO XXXIV

Pelo natal tudo estava em ordem.

Fiz a minhas discipulas uma festa bellissima de despedidas e

<Omissão>

algumas me mostraram em seus modos naturaes e sinceros quão fundas raizes lhes lançára no coração a affeição para commigo.

<Omissão>

Depois de despedidas as classes, que passaram em uma fileira de 60 meninas, o sr João aproximou-se de mim, que estava diante da porta com a chave na mão.

<Omissão>

— Não acha — disse elle — a recompensa por essa temporada de trabalho, no prazer que proporciona a consciencia de termos produzido algum bem á nossa geração?

— Sem duvida alguma.

— E trabalhou só poucos mezes. Não acha que uma vida inteira sacrificada ao melhoramento de nossa raça seria bem empregada?

— Decerto, — respondi; — mas eu <0010111> não poderia desta maneira proceder <0010310> sempre; eu <0010121> quero tirar gozo <0010320> das minhas próprias faculdades tanto como [eu quero] cultivar as dos outros <0010122>, e desde já; não me <0010144> reclame nem o espirito nem o corpo para a aula; [eu <0010131>] estou <0010330> fora della e [eu <0010121>] quero desfructar <0010320> as ferias.

Fitou-me serio. — E que quer agora? A que a leva esta ansia?

<Omissão>

— [Eu <0010131>] Quero ser <0010330> activa, activa o mais possivel e para esse effeito antes de tudo o senhor deve dispensar a velha Joanna.

— Para que precisa della?

— [Eu <0010121> preciso <0010320> della] para me acompanhar á casa da Charneca <0010122>. Diana e Maria estarão de volta daqui a uma semana e [eu <0010121>] desejo <0010320> que tudo esteja prompto para a vinda dellas.

— Consinto. Imaginára que a prima quizesse fazer uma excursão. Ainda bem; Joanna pode acompanhá-la.

— Diga-lhe que esteja ás minhas ordens amanha. Aqui tem a chave da escola; amanha [eu <0010111>] lhe entregarei <0010310> tambem a da casa.

Acceptou, observando: — Não comprehendendo a alegria e jovialidade com que a entrega. Que planos, que ambição de vida tem para substituir os que deixa?

— Meu <0010111> primeiro intento é fazer <0010310> a limpeza da casa. [Eu <0010121>] Tomo a liberdade de suspeitar <0010320> que o senhor não abranja a força do termo; sim, a limpeza da Casa da Charneca, desde a cumieira até aos alicerces; o [meu] segundo [intento] <0010111> é brunil <0010310>-a com cera e oleo até luzir; o [meu] terceiro [intento] <0010111>, dispôr <0010310> cada cadeira, mesa, leito, tapete, quadro, com plano e gosto. Depois, [eu <0010111>] vou arruinar <0010310> o senhor com compras de carvão e lenha e, nos ultimos dois dias antes da chegada das primas, Joanna e eu havemos de perpetrar tal bater de ovos, escolher de passas, peneirar de especiarias, amassar de bolos e passar por todos os demais intricadissimos ritos culinarios, que a lingua humana não pode explicar cabalmente a um não iniciado como é o senhor; em uma palavra, minha ambição <0010111> é dar <0010310> ás priminhas umas boas vindas de arromba.

João sorriu-se; mas não se deu por satisfeito.

— Por hora está bem; mas, depois de passado o primeiro accesso de dissipação, espero olhará para coizas um pouco mais altas que estas doçuras e alegrias domesticas.

— As quaes, para uma mulher ás direitas, são a nata dos prazeres deste mundo, — atalhei.

— Não, Joanna, não; este mundo não é para descansar e gozar.

— Mas [eu <0010131>] pretendo ser <0010330> muito trabalhadora.

— Joanna, desculpo-a. Dou-lhe dois mezes para gozar de sua nova posição e felicidade; decorrido este praso, porém, deve levantar a vista acima da casa da Charneca e de Morton e da sociedade das primas e deste conforto egoista. Espero que então a sua energia a incommodará com novos impulsos.

Olhei-o com surpresa.

— João, não é bom falar desta maneira. [Eu] Sinto-me <0010131> disposta a estar <0010330> contente como uma rainha e o senhor me <0010112> quer atçar e desassocegar! Para que fim?

— Para levá-la a usar seus talentos no serviço de Deus, que lhe ha de pedir contas. Já lhe digo que a vou vigiar severamente.

<Omissão>

Guarda a sua constancia e seu fervor para um objecto digno, e não os desperdice, apegando-se á carne e estas ninharias transitorias. [Tu <0010121>] Ouve <0010320>-me, Joanna?

— Sim [eu <0010121>] o ouço <0010320>], como si o senhor estivesse a falar grego. [Eu <0010121>] Julgo <0010320> ter bastantes razões para me sentir feliz <0010122>, e feliz [eu <0010131>] quero ser <0010330>. Boas noites!

O trabalho na Casa da Charneca muito contentamento nos deu a mim e a Joanna. Depois de dois dias, as coisas tomavam outro aspecto. Comprara só poucos moveis novos, calculando que Diana e Maria teriam maior prazer nas antigas mesas e camas, do que nas innovações mais chics. Alguns tapetes e cobertas novas nos corredores e quartos e a mobilia nova de uma sala e dum quarto supranumerario bastaram para dar a toda a casa a apparencia do mais alegre conforto.

Afinal veiu a quinta-feira tão ansiosamente esperada. As primas deviam chegar pela tarde. Já antes de escurecer, os fogos ardiam na sala e nos quartos; a cozinha resplandecia de panellas e tachos brunidos. Joanna e eu nos tínhamos vestido; tudo estava prompto.

João chegou primeiro. Tinha-lhe pedido que ficasse longe de casa até estar tudo arranjado.

<Omissão>

Encontrou-me na cozinha, onde cuidava dos bolos para o chá. Aproximando-se do fogo, perguntou si ainda me não fartara daquelles serviços ordinarios. Em resposta convidei-o a acompanhar-me em uma revista geral á casa. Consentiu a custo. Apenas olhava para dentro das portas que eu abria e, depois de voltarmos para baixo, opinava que deviamos ter tido grande trabalho e cuidado para effectuarmos mudanças tão consideraveis em tempo tão limitado; mas uma syllaba de louvor, que indicasse satisfação pelo resultado, não a achou.

— Deprime <0010320>-me <0010121> o escrupulo de que talvez as alterações tivessem melindrado associações de idéas presadas.

— Absolutamente. Pelo contrario, deve ter gasto mais consideração em respeitar minuciosamente antigas lembranças do que valia a pena...<Omissão>. A proposito: pôde dizer-me onde está tal livro? E deu-me o título.

Mostrei-lhe o volume na prateleira; tirou-o e, retirando-se á janella acostumada, poz-se a ler.

Leitor, não gostei nada disto. João era bom homem; mas estava entendendo aos poucos que elle falára a verdade, quando disséra ser duro e frio. O lado humano e ameno da vida para elle não tinha encantos. Vivia para aspirar a ideaes, não podia descansar nem permittir a outros que descansassem.

<Omissão>

Que marido daria elle?

<Omissão>

Comecei a entender como podia despresar-se a si mesmo pela influencia que a srta Oliver exercia sobre os seus sentidos. <Omissão>

Elle era da massa de que a natureza faz os seus heróes — tanto pagãos como christãos, — legisladores, estadistas, conquistadores: baluartes inabalaveis com que se pôdem salvar interesses seculares; mas no lar elles se parecem muita vez com columnas embaraçosas, sombrias, por estarem fora de seu elemento.

<Omissão> João faz bem em escolher as montanhas do Himalaya; aquelle scenario de perigos e peijas ha de condizer com as exigencias de sua coragem e energia.<Omissão>

— Já lá vêm, já lá vêm! — gritou Joanna. E ao mesmo tempo Carlos poz-se a ladrar. Corri para fóra. Já estava escuro.

O vehiculo parou defronte da cancella. Dahi a um momento tinha meu rosto debaixo dos chapéus, em contacto primeiro com a face branda de Maria, depois com os anneis de Diana. Riam, beijavam-me a mim e á Joanna, acariciavam o cão, que andava louco de prazer.

Entraram na casa e, enquanto Joanna e o cocheiro traziam as malas, lançaram-se aos braços de João, que surgia da sala. Elle deu a cada uma um beijo desapaixonado e disse em voz baixa algumas palavras de boas vindas. Parou poucos momentos, para as deixar falar, e, com o pretexto de que haviam de ir já á sala, retirou-se para ali.

Diana deu ordens hospitaleiras com relação ao boleeiro e subimos. Ficaram encantadas com a restauração dos quartos. Vi com summo prazer que minhas medidas satisfiziam perfeitamente seus desejos.

O serão foi delicioso. As primas tinham tanto que contar que a taciturnidade de João quasi não se notava. Elle se alegrava sinceramente com a volta das irmans, mas vexava-o a expansão tumultuosa de nossa recepção. Mais ou menos uma hora depois do chá, no auge da alegria,

ouvimos uma pancada na porta, Joanna entrou com o recado de um rapazito, que tinha vindo pedir ao revdo. Rivers fosse vêr a mãe, que estava nas ultimas.

— Onde mora?

— No cume da Cruz Branca, a quatro milhas daqui, todo o caminho pela Charneca.

— Diga-lhe que vou já.

— Mas, senhor, o caminho é tão máu e a noite tão fria. Seria melhor dizer-lhe que irá pela manhan.

Mas elle foi. Quando voltou era meia noite. Estava com fome e frio, mas feliz por ter cumprido o seu dever.

<Omissão>

Acho que aquella semana foi uma prova de resistencia para a sua paciencia. Era tempo do Natal e gastámol-o em alegre dissipação domestica.

<Omissão>

João não nos censurava, mas estava quasi sempre fóra de casa, visitando os pobres e doentes da extensa parochia.

Uma manhan, depois do café, Diana, que ficára calada por alguns minutos, perguntou-lhe si seus planos ainda não tinham mudado.

— Não mudaram, por serem iminutaveis — replicou — parto no decurso do anno em que entramos.

— E Rosamunda Oliver? — escapou involutariamente a Maria. João, que, conforme seu costume pouco social, estava a ler até durante a refeição, fechou o livro e disse:

— A srta Rosamunda Oliver está para se casar com o sr Granby, um dos cavalheiros melhor relacionados e dos mais estimaveis, residente em Seton e herdeiro do barão Frederico Granby. Soube isto hontem do pae della.

Suas irmans olharam uma para a outra e para mim e todas as tres olhámos para elle, que estava sereno como o firmamento.

— A união deve-se ter combinado com grande pressa — observou Diana.

— Conhecem-se ha dois mezes. Encontraram-se em Outubro, no baile em S...; como não ha quaesquer obstaculos e o consorcio é tão vantajoso sob todos os respeitos, delongas são excusadas.

A primeira vez que, depois disto, estive a sós com João, tive a tentação de lhe perguntar si este procedimento de Rosamunda não o incommodava. Mas não me atrevi. Elle não tinha cumprido a promessa de me tratar como sua irman; mas antes fazia a cada instante pequenas differenças entre nós. Eu ficava-lhe mais longe do que quando mestra da escola. <Omissão>

Nestas circumstancias, surpreendeu-me bastante com a observação abrupta:

— Já vê <0010320> [você <0010121>], Joanna, a batalha está dada, a Victoria ganha.

Fiquei embasbacada:

— E o senhor está certo de que outra victoria assim não seria a sua ruma?

— Julgo que nunca mais serei chamado a conflicto semelhante. Agora, graças a Deus, meu caminho está desembaraçado — e dizendo isto voltou a seus estudos.

Como nós, as tres meninas, voltámos pouco a pouco a trabalhos e estudos regulares, o primo ficava tambem mais em casa e quasi sempre na mesma sala que nós, apoderando-se dos principios de uma lingua oriental que julgava ser-lhe necessaria.

A absorpção, porém, não era tão absoluta que sua vista de vez em quando não vagueasse em nossa direcção. Eu não sabia explicar isto, como tão pouco a satisfação que elle nunca deixava de mostrar á minha visita semanal á escola de Morton; e ainda menos o ridicularizar elle de cada vez os embargos que as primas costumavam pôr á minha sahida, quando o tempo era desfavoravel. <Omissão>

— Joanna <0010131> não é <0010330> creança delicada como as manas a quem fazer <0010132>; [ela <0010121>] póde [aguentar <0010320>] muito bem com um pé de vento ou um chuveiro ou uns flocos de neve. A constituição della é rija e elastica, melhor adaptada para aguentar as variações do tempo do que a de gente robusta.

E quando voltava ás vezes bem estafada pelo máu caminho e desgrehada pela ventania, não me atrevia a queixar-me, pois via que isso lhe desagradaria.

Mas em uma tarde, por eu estar resfriada, as primas fizeram as minhas vezes em Morton. João e eu estudavamos na sala. Depois de algum tempo, senti-me como que debaixo do hypnotismo de seu olhar. Levantei a vista; não me enganára. <Omissão>

— Joanna — encetou elle — que [tu <0010111>] estás a fazer <0010310>?

— [Eu <0010121>] Estudo <0010320> allemão.

— Desejo que largue esse estudo e aprenda a lingua do Hindostão.

— O senhor fala serio?

— Tão serio que hei de insistir nisto, e eis por que:

— Explicou-me que, progredindo no estudo daquella lingua, estava esquecendo os principios della. Para evitar esta perda precisava de uma discipula; como pela continua observação de nós tres tivesse descoberto que eu servia melhor para este trabalho, pediu-me este sacrificio durante os tres mezes que ainda demorava a sua partida. <Omissão>

Não era facil recusar alguma coisa a João, pois que suas impressões, quer penosas, quer alegres, eram muito fundas e duradouras. Consentii. Quando Diana e Maria voltaram, soube a primeira que a sua discipula havia mudado de mestre; riu-se e ambas protestaram que nunca João as teria persuadido a dar tal passo. E elle respondeu calmamente:

— Já o sabia.

Achei o mestre muito paciente e indulgente, mas ao mesmo tempo exacto; elle esperava muito de mim e, quando eu realizava sua expectativa, mostrava a seu modo grande satisfação. Aos poucos augmentava sua influencia sobre meu espirito, de maneira a me tolher a liberdade interior. Já não podia tagarellar e brincar livremente em sua presença, por sentir que em mim approvava só occupações e modos serios. Fez-me congelar. Quando dizia «vá!», ia; «venha», chegava-me; «faça isto», fazia-o. Oh! Quanto desejava que tivesse continuado á não se incomodar commigo!

Uma noite, quando nos quizemos retirar — as primas e eu estavam em redor delle para lhe desejar as boas noites — beijou as duas como costumava e a mim deu-me a mão. Diana, que estava muito travessa aquella tarde, — pois ella, tendo em certos pontos vontade tão forte como o irmão, não se permittia ser contrariada — exclamou:

— Ora, João; chamas a Joanna tua terceira irman <0010413>; mas não a <0010112> trataes como tal; devias beijal-a tambem!

— e empurrou-me para elle. Achei-a provocadora e fiquei confusa. João inclinou, em retanto, seu rosto grego até ao meu nivel, seus olhos penetraram os meus — beijou-me. Si ha beijos marmoreos ou gelados, a saudação de meu primo ecclesiastico pertencia a uma destas classes de beijos; em todo caso, si ha beijos de ensaio, o delle o foi. Depois de o ter dado, examinou-me, para ver o effeito, que não foi extraordinario. Não corei. Talvez empallidessesse um pouco, pois sentia que este beijo era como o cadeado das algemas que já me puzéra. Dali em diante nunca omittia a cerimonia, que a gravidade e aquiescencia com que a ella me sujeitava investiam de um certo encanto para elle.

Eu por mim desejava cada vez mais agradar-lhe; mas, para realizar isto, sentia tambem cada vez mais que devia renegar minha propria natureza, afogar metade de minhas faculdades e forçar-me a entrar em uma carreira para a qual não tinha vocação natural. Era tão impossivel elevar-se á altura que elle ideava, como modelar minhas feições irregulares pelo seu padrão correcto e classico.

Não era, todavia, só esta oppressão que me escravizava, pois já me não custava apparecer triste; o cancro roia-me o proprio coração, chupando minha felicidade na mesma fonte; era a — incerteza.

No meio de todas as mudanças de fortuna e logares nunca esquecera ao sr Rochester. Sua memoria estava gravada na minha mente como em marmore e havia de durar emquanto se não quebrasse a lage. O desassocego por saber o que lhe acontecera acompanhava-me por toda a parte: na escola de Morton entrava e sahia commigo e na Casa da Charneca buscava commigo o desejado descanso da noite.

Minha correspondencia com o sr Briggs, por causa da herança, não me trouxe informações sobre elle. Escrevi no mesmo sentido á sra Fairfax. E quando, depois de dois mezes, o correio diário ainda não tinha nada para mim, fiquei tomada da mais intensa ansia.

Tornei a escrever. A esperança animou-me como dantes por algumas semanas; mas de resposta nem palavra. Depois de meio anno de espera inutil, larguei tudo. A noite baixou sobre minha alma.

Em redor de mim brilhava a primavera, sem me trazer alegria. Diana queria animar-me; disse que parecia estar doente e que devia ir aos banhos de mar. João oppoz-se á idéa, declarando que me não faltava distracção, mas sim occupaçoão; que minha vida actual não tinha fim e proposito e, para remediar a falta, prolongava e carregava ainda mais as lições de lingua do Hindostão e exigia os themas com maior rigor; e eu, boba que era, nem pensava em resistir-lhe, não lhe podia resistir.

Certo dia meu espirito estava mais opprimido que de costume; a criada dissera-me que havia uma carta para mim; fui recebel-a, quasi certa de ter afinal a desejada noticia; mas era só uma nota excusada do sr Briggs. O desapontamento arrancou-me lagrimas e assim estava a chorar sobre os rabiscos retorcidos e os tropos floridos de um escriptor índio.

O primo chamou-me a seu lado para ler; engasguei, soluços entrecortaram as palavras. Estavamos sós. Diana ensaiava musica na sala de visita; Maria trabalhava no jardim — era um dia esplendido de Maio, claro e quente. Meu mestre não mostrou nenhuma estranheza, nem me perguntou pela causa de minha emoção. Disse sómente:

Esperemos alguns minutos, Joanna, até [você <0010131>] estar <0010330> mais calma», e, enquanto eu estrangulava o paroxysmo o mais ligeiro possivel, elle ficava assentado, calmo e paciente, encostado na escrevaninha, olhando como o medico que observa com interesse scientifico a crise esperada e perfeitamente entendida na doença do enfermo. Tendo estancado os soluços, enxugado os olhos e murmurado alguma coisa: não estar bem boa aquela manhan, voltei a meu exercicio e sahi-me bem. João depoz meu livro e o delle, fechou sua mesa e disse:

— Agora, a Joanna <0010111> vae dar <0010310> um passaiço e ha de ser commigo.

— [Eu <0010141>] Chamarei <0010340> Diana e Maria.

— Não. Esta manhan quero ter uma só companheira, que deve ser a prima. Vista-se; saia pela porta da cozinha, tome a vereda de Marsh Glen; hei de alcançal-a logo.

Em toda a minha vida, no trato com caracteres positivos, duros, antagonicos do meu, não tenho nem nunca tive termo medio entre submissão absoluta e aberta revolta. Sempre segui o primeiro extremo até ao proprio momento de rebentar as cadeias com vehemencia vulcanica; e como as circumstancias actuaes não a motivavam e minha disposição do momento não me instigava á amotinação, executei á risca as direcções de João.

O céu estava azul, claro, sem vestígio de mancha. O vento fresco soprava do oeste em nossos rostos ao deixarmos o caminho para passearmos sobre a fofa relva, verde como esmeralda e matizada de florzinhas brancas. <Omissão>

— Paremos aqui, — disse João, quando chegámos aos primeiros pepedos erraticos de um vallo de rochedos que defendia uma especie de passagem. <Omissão>

A convite de João, que ficou de pé, sentei-me em um comoro de terra. A vista de meu companheiro seguia o rumo do riacho. Tirou o chapéu, deixando a brisa brincar com seu cabelo. <Omissão>

— Hei de tornar a ver esta paizagem, — monologou em voz alta, — em meus sonhos sobre as margens do Ganges e outra vez em hora mais avançada, — quando outro torpor me ha de vencer — nas praias de uma corrente ainda mais sombria.

Palavras estranhas de um amor estranho! A paixão de um patriota austero pela sua patria! Assentou-se tambem; mas por meia hora não disse mais uma syllaba. Afinal recomeçou:

— Joanna, parto daqui ha seis semanas. Meu navio levanta ferro aos vinte de Junho.

— Deus o protegerá, porque é delle a obra que emprehende.

— Sim, — respondeu — nisto está minha gloria e minha ventura. Não obedeço a ordens humanas, falliveis; meu capitão, meu rei é o Todo-Perfeito. Estranho que todos em redor de mim não ardam por alistar-se debaixo da mesma bandeira, por juntar-se á mesma empresa.

— Todos não têm suas forças; e seria loucura querer o fraco marchar ao lado do forte.

— Não falo, nem penso nos fracos: dirijo-me aos que são dignos do trabalho e habeis para leval-o a cabo.

— Estes são poucos e é difficultoso descobril-os.

— Fala a verdade: mas, quando se têm achado, é justo acordal-os, instigal-os, impellil-os para o esforço; mostrar-lhes os dotes que Deus lhes deu, e offerecer-lhes em nome de Deus o logar nas fileiras de seus escolhidos.

— Mas, si elles são aptos para a obra, não serão os proprios corações delles os primeiros a avisal-os?

Sentia que um como feitiço pavoroso se estava tecendo e estreitando em volta de mim. Tremia de ouvir a palavra fatal que declarasse de vez o encanto.

— E que diz o seu coração ? — perguntou.

— Meu coração <0010131> é <0010330> mudo, meu coração <0010131> é <0010330> bem mudo, — respondi; espantada e estremecendo.

Neste caso devo eu falar em logar delle, — continuou em voz baixa, inexoravel. — Joanna, venha <0010310> [você <0010111>] commigo para as Indias; venha <0010310> [você <0010111>] como minha auxiliadora, minha companheira de trabalho.

O valle e o firmamento dansavam em redor de mim. Os outeiros arfavam. Era como si tivessem ouvido uma ordem do céu; como si um mensageiro do alto, semelhante ao Macedonio dos Actos, tivesse exclamado — Passando por nós, soccorre-nos! (Act. 16, 9). Eu, porém, não era um apostolo, não via o arauto, não podia acceitar seu chamamento.

— Ah, primo João! — suppliquei, — tenha um pouco de misericordia.

Mas pedía a quem, no cumprimento do que julgava seu dever, não conhecia nem compaixão nem remorso. Continuou:

— Deus e a natureza destinaram-n'a para mulher de um missionado. Não lhe deram encantos pessoases, mas dotes espirituaes que a qualificam para o trabalho e não para o amor material. Mulher de um missionado deve e ha de ser. Será minha mulher. Reclamo-a, não para meu prazer, mas sim para o serviço de meu soberano.

— [Eu <0010131>] Não dou <0010330> para isso; [eu <0010131>] não tenho <0010330> coração! — disse implorando.

Elle tinha contado com estas primeiras objecções e por isso não se irritou. Ficou antes certo de que a batalha acabaria com sua victoria.

— Humildade, Joanna, é o fundamento das virtudes christans. Disse bem que não presta para a obra; pois quem é que presta? Assim tambem eu me confesso, como S. Paulo, o maior dos peccadores. Mas conheço meu chefe supremo, o qual dos recursos inesgotaveis de sua providencia supprirá a deficiencia do fraco instrumento.

Pense <0010320> [você <0010121>] como eu, Joanna; confie <0010320> [você <0010121>] como eu. Apoie-se na montanha dos seculos, que não ha de succumbir ao peso de nossa fraqueza humana.

— [Eu <0010121>] Não entendo <0010320> a vida de missionario, [eu <0010121>] nunca estudei <0010320> esses trabalhos.

— No principio hei de ajudal-a <0010113>; apontar-lhe <0010113>-ei o trabalho de hora em hora, e dentro em pouco a Joanna [<0010121>], pois conheço-lhe <0010122> as forças, já não precisará <0010320> de minha assistencia.

— Mas, senhor, onde estão estas forças? onde está o chamamento? Enquanto fala, nada responde em meu interior, nenhum vislumbre, nenhuma pulsação accelerada, nenhuma voz poderosa me <0010121> anima <0010320> e [me <0010121> conforta <0010320>. Oxalá lhe podesse fazer ver as trevas que tornam meu espirito um calabouço, morada de fantasmas pavorosos, das coisas impossiveis que o primo me quer persuadir a tentar <0010122>.

— Tambem para isso tenho resposta. Observei a Joanna durante estes dez mezes. Notei que na escola trabalhava sincera e pontualmente, embora a obra não fosse conforme os seus habitos e inclinações, e o exito foi muito satisfactorio. Na subita mudança de fortuna, a prima provou que a riqueza não tem poder sobre ella. Sua alma nobre deliciou-se no sacrificio de dividir em

partes iguaes entre quatro o que era tudo seu. Na submissão e energica perseverança com que largou um estudo agradável e começou outro, muito aborrecido, só porque eu lh'o pedi, descobri todas as qualidades que busco.

A Joanna <0010131> é <0010330> docil, applicada, desinteressada, fiel, constante, corajosa, muito gentil e muito heroica;[você <0010121>] cesse de desconfiar <0010320> de si <0010122>, eu lhe <0010113> dou minha inteira confiança. Como directora de escolas e cooperadora no trabalho das mulheres, sua assistencia me será inapreciavel.

Fechei os olhos para não ver como seus argumentos avançavam cada vez mais para me persuadir, como o circulo de ferro se apertava cada vez mais em redor de mim. Meu trabalho, até então vago e sem fim, tomára forma definitiva debaixo de suas mãos. Pedi-lhe um quarto de hora para reflectir antes de me atrever a dar resposta.

— Pois não — concordou elle e, levantando-se, afastou-se a pequena distancia, deitou-se sobre um molho de relva e ficou quieto.

Meditei: estou forçada a reconhecer que posso fazer o que elle exige;

isto si ficar com vida, pois debaixo do sol indico esta não poderá protrahir-se muito.. Mas que importa isto a João? Quando vier o tempo prematuro de eu morrer, elle ha de resignar-me com santa serenidade nas mãos de Deus.

Deixando a Inglaterra, depois que o sr Rochester se afastou, deixo um paiz vazio; e ainda quando ele estivesse aqui, não poderia esperar utopias que me reunissem a ele. Estes cuidados novos e mais nobres devem substituir o interesse perdido de minha vida. <Omissão>

Acho que devo acceitar, e comtudo, como estremeço! <Omissão>

No esforço nervoso por satisfazer a João, hei de satisfazel-o em tudo, em tudo; mas elle por isso me amará?... Nunca. <Omissão>

Até certo ponto posso consentir em seu pedido; mas enquanto a ser sua mulher? Elle me tem tão pouco amor conjugal como este rochedo; aprecia-me como o soldado a uma boa arma. Não sendo casada com ele, esta apathia não me importaria; mas receber delle o anel, symbolo de todas as formas do amor, sem o espirito; acceitar suas caricias, sabendo que cada uma é para elle um sacrificio, uma traição a seus principios, não! nunca! Como sua irman, vou, como esposa, não!

Olhei para elle que, estendido na relva, me contemplava. Poz-se de pé num salto e aproximou-se.

— [Eu <0010111>] Irei <0010310> para a India, si [eu <0010111>] posso ir <0010310> livre como estou.

— Sua resposta, por não ser clara, carece de commentario.

— Até agora temos sido irmãos; continuemos assim; pois a nós dois não nos convém casar um com o outro.

Sacudiu a cabeça. — Isto não serve. Si fosse minha mana, não buscaria esposa; mas, estando o caso como está, nossa relação deve ser sellada e consagrada pelo matrimonio ou sinão, por obstaculos praticos, não póde continuar.

Considere <0010320> [você <0010121>] isto um momento, Joanna. Seu bom senso ha de guial-a.

Reconsiderarei e cheguei mais uma vez ao resultado de que não nos amavamos mutuamente como marido e mulher, e por isso não devíamos casar um com o outro.

— Primo João, [eu <0010121>] estimo <0010320>-o como meu irmão e o senhor me tem como irman; deixe-nos continuar da mesma maneira.

— Não póde ser; não me serve — replicou com curta e decidida determinação. — Entretanto a Joanna <0010141> disse <0010340> que [a Joanna] irá commigo para a India <0010143>, não esqueça <0010320> [você <0010121>]... Tenho a sua palavra.

— Condicionamente [Eu <0010141> disse <0010340> que [eu] iria com você para a India <0010143>].

— Não importa. Ao ponto principal: á partida da Inglaterra e á participação em meus trabalhos apostolicos Joanna <0010141> não faz objecção <0010340>. Poz a mão ao arado, sua coherencia não lhe permite largal-o; os laços de irmão e irman são frouxos; uma irman póde

me ser tirada a qualquer momento; devo ter uma esposa que eu possa influenciar efficazmente e reter absolutamente até á morte.

Estremeci ao ouvil-o; elle prendia-me cada vez mais até ao intimo de meu sêr.

— Busque outra, João, uma que lhe quadre.

— Quer dizer: uma que quadre ao meu fim.

Não pretendo ligal-a a mim como sêr humano, sensual, egoista; não, é apenas como missionado.

— [Eu <0010111>] Darei <0010310> ao missionado todas as minhas energias <0010112>, que é tudo que elle quer, mas [eu <0010111>] não [darei <0010310>] minha pessoa <0010112>. Seria só accrescentar a casca ao nucleo.

Daquella o missionado em questão não pode tirar proveito; por isto [eu <0010111>] a reservo <0010310> para mim <0010113>.

— Não póde, não deve proceder assim. Ou poderei eu acceitar em nome de Deus um sacrificio mutilado?

— Ora! A Deus [eu <0010111>] hei de dar <0010310> todo o meu coração <0010112>, pois que o primo não o quer para si!

Não posso jurar, leitor, que não vibrasse um certo sarcasmo no tom e sentido destas palavras. Até então, o primo, por eu ainda não o penetrar a fundo, me incutira medo e respeito. Esta conferencia, porém, revelava-me quanto nelle havia de santo e quanto de humano. A analyse a que se expunha ensinava-me que a bella forma diante de mim não era anjo infallivel e sem sinão. O véu que cobrira sua dureza e seu depotismo cahiu; criei coragem, pois tinha que tratar com um igual.

Elle não respondeu logo e por isso arrisquei-me a erguer a vista para o seu rosto;

trahia surpresa e curiosidade: ella será sarcastica, para commigo?! Que pretenderá?

Por fim falou: — Não esqueçamos que estamos a tratar de uma coisa santa. <Omissão>

Si está decidida a querer dar seu coração a Deus, a arrancal-o de tudo quanto é humano, a entregar-se inteiramente ao trabalho na vinha do Senhor,

verá sem difficuldade que impulso communicará a nossos esforços nossa união physica e mental por meio do matrimonio.

Este é, afóra os votos catholicos, o unico laço que imprime aos destinos e designios humanos o character de permanencia e, passando por cima de todos os caprichos despresiveis, de todas as difficuldades e sentimentalidades triviaes, de todos os escrupulos a respeito do gráu, da especie, força ou ternura de inclinações pessoaes,

Joanna <0010111> ha de apressar <0010310>-se a realizar esta união.

— Acha [que eu <0010111>] hei de apressar <0010310>-me a realizar esta união]? — disse eu laconicamente e examinei-o de novo. Sim, como companheira — scismei— como coadjutora, poderia emular com sua coragem, sua devoção, seu vigor; ficando assim livres meu coração e meus sentimentos naturaes; mas como esposa, sempre a seu lado, sempre constrangida e refreitada, forçada a sempre abafar o fogo de minha natureza e compellil-o a arder por dentro de mim, sem nunca dar um grito, apesar de se me consumirem as entranhas ás chammas do affecto... isso seria intoleravel... não, mil vezes, não! <Omissão>

— Primo João! — exclamei, quando minhas meditações chegaram a este ponto.

— Que tem? — perguntou friamente.

— [Eu <0010141>] Repito <0010340>: [Eu] Consinto livremente em acompanhal-o como missionaria; mas não como sua mulher <0010143>, [eu <0010111>] não posso casar <0010310> com o senhor e [eu <0010133>] não posso] ser <0010330> sua.

<Omissão>

— Impossivel! Pois como poderia eu, homem solteiro de menos de trinta annos, levar para a India uma menina de menos de dezenove? Como poderiamos ficar sempre juntos, umas vezes na solidão, outras em meio de tribus selvagens, sinão casados?

— [Eu <0010121>] Julgo <0010320> que em nossas circumstancias individuaes, exactamente como si eu <0010133> fosse <0010330> sua irman carnal ou um homem ou clerigo como o senhor.

— Mas toda a gente sabe que não é minha irman e por isso não a posso fazer passar por tal; seria imprimir em nós o ferrete de suspeitas vergonhosas; de mais a mais, embora eu tenha miolos de homem, a prima tem coração de mulher.

— E que mal haverá nisto? — perguntei com certo desdém. — [Eu <0010131>] Tenho <0010330> um coração de mulher, mas não no tocante ao senhor. Para o primo [eu <0010131>] terei <0010330> a constancia de um camarada, a franqueza, a fidelidade de um soldado, o respeito e a submissão de um neophyto para com o hierophante: mais nada; não precisa ter medo.

— Ella offerece-me tudo quanto desejo, — disse para consigo; — os obstaculos devem ser derrubados.

A Joanna <0010121> não se havia de arrepender <0010320> de casar commigo. Estou certo de que o amor haveria de seguir-se a nossa união, em tal gráu que a fizesse acceitavel até a seus olhos.

Levantei-me e, encostando-me ao rochedo, disse: — [Eu <0010121>] Despréso <0010320> sua idéa de amor, sua contrafacção de amor e [eu <0010121>] despréso <0010320> até ao senhor mesmo, quando m <0010113>'a offerece.

Fitou-me e comprimiu os labios, não sei si de irado, de surprehendido:

<Omissão>

— Julgo que não disse nem fiz nada que merecesse seu despréso.

O tom afavel commoveu-me, e sua compostura e elevada calma tornou a encher-me de respeito.

— Perdoe-me <0010122> as palavras, João. Mas, para que introduz um ponto em que nossas naturezas intimas discordam? Já o nome de amor nos põe em opposição; que fadamos com o objecto? Querido primo, abandone esse plano de casamento, esqueça-o.

— Não, — oppoz elle, — é um plano afagado por muito tempo, e o unico que me garante successo. Mas por ora não insisto. Amanhan vou a Cambridge para me despedir de alguns amigos. Aproveite minha ausencia para reconsiderar minha offerta, e queira não esquecer que não é a mim que rejeita, mas a Deus. <Omissão>

<Omissão>

<Omissão>

Aquella noite, depois de ter beijado as irmans, até achou bom esquecer-se de me dar a mão. Eu, que apesar de o não amar, lhe queria muito, fiquei tão maguada por esta omissão significativa que se me arrasaram os olhos de lagrimas.

— Vejo que a prima e João brigaram no passeio, — disse Diana, — vá atraz delle, elle demora-se no corredor e espera-a, elle porá tudo em ordem.

Em taes circumstancias não sou orgulhosa, sempre prefiro ser feliz a parecer justificada. Corri, pois, atraz delle; parára de facto ao pé da escada.

— Boas noites, primo, — disse.

— Boas noites, Joanna, — tornou elle com calma.

— Neste caso, dê-me a mão — continuei.

Mas que toque frio e frouxo foi o que roçou meus dedos. Elle estava descontente com o que occorrera, e cordialidade não o abalava, lagrimas não o enterneciam. Com elle não havia reconciliação alegre nem sorriso animador nem palavras generosas, ainda assim como «christão» ficava impaciente e placido e quando lhe perguntei si me perdoava, respondeu que não tinha o costume de guardar lembrança de contrariedades; que, por não ter sido offendido, não tinha que perdoar.

E com esta resposta retirou-se. Teria preferido que com um golpe me tivesse prostrado por terra.

#### CAPITULO XXXV

João não foi a Cambridge no dia seguinte. Adiou a excursão uma semana inteira, e neste intervallo fez-me sentir quão grave castigo pôde infligir um homem bom, mas severo, implacavel na prosecução de seu fim. <Omissão>

Meu primo não era vingativo <Omissão>, o que teria sido contra seu caracter nobre e contra seus principios religiosos. Tinha-me perdoado, mas não esquecido minhas palavras.

Conversava commigo, chamava-me todas as manhans á sua mesa para lhe ler e, apesar de tudo, via pelo seu olhar que minha palavra de desprêso estava entre elle e mim; eu sentia como seu ouvido a percebia em cada phrase que eu lhe dirigia. Para mim elle já não constava de carne e sangue, era de marmore; seus olhos eram gemmas brilhantes, mas frias; sua lingua um mero instrumento musical, sem alma. <Omissão>

<Omissão>

Ah! Este homem tão bem intencionado me mataria, si eu fosse sua mulher, sem me tirar uma gota de sangue ou macular no minimo sua consciencia limpa como crystal. Quão longe não estava elle do genuino espirito de seu chefe supremo, o bom Pastor. Notava isto especialmente, quando attentava propicial-o. Minha brandura não despertava éco na sua alma; elle não soffria por nossa alienação moral, não ansiava reconciliação, e minhas lagrimas, que manchavam mais de uma vez a pagina sobre a qual nos curvavamos, não produziam mais effeito do que si tivessem cahido sobre uma lage. <Omissão>

A' noite, antes de sua partida, vi-o por acaso descer ao jardim. Lembrei-me vivamente de que este homem me tinha salvado a vida e que eu era sua parenta muito chegada. Senti-me impellida a fazer um ultimo ensaio para recobrar sua amizade. Sahi e encontrei-o, apoiado á cancella. Fui directamente ao ponto:

— João, sinto <0010320>-me <0010121> infeliz, porque o senhor ainda está mal commigo. Sejamos amigos.

— Espero que seremos amigos — foi a resposta calma; e continuou a contemplar a lua.

— Não, primo, não somos amigos como outr'ora. Sabe-o bem.

— Ora, não o somos? Isto é máu; eu cá da minha parte não lhe desejo mal nenhum e desejo-lhe todo o bem.

— [Eu <0010121>] Acredito <0010320>, João, pois o senhor não é capaz de querer mal a alguém. Entretanto, como sua parenta, [eu <0010121>] desejo <0010320> um pouco mais de affeição do que aquella philanthropia geral que estende a qualquer estranho.

— Pois não: seu desejo é muito razoavel e eu estou longe de a considerar como estranha.

Si quizesse dar ouvido só ás suggestões de orgulho e ira, ter-me-ia retirado immediatamente: mas a veneração que tributava aos talentos e aos dotes moraes de meu primo, o valor intrinseco que dava á sua amizade, foram mais fortes.

— E teremos que separar-nos desta maneira, João? E quando o senhor parte para a Índia, me deixa assim sem uma palavra mais amigavel?

A estas palavras voltou-se e fitou-me directamente:

— Quando eu fôr para a Índia, Joanna, eu a <0010112> deixo? Então a prima não vae para a Índia?

— O senhor disse que [eu <0010111>] não podia [ir <0010310>] a não ser como sua consorte.

— E não quer casar commigo? Fica nessa resolução desastrosa?

Leitor, já experimentaste quanto terror pedantes podem carregar na frieza de suas perguntas que se parecem com o cataclysmo de uma avalanche, ou com o degelo do mar?

— Não, João, [eu <0010133>] não quero ser <0010330> sua mulher.

A avalanche deslisou um pouco, mas ainda não cahiu.

— Mais uma vez: Por que essa recusa teimosa?

— Antes, [essa recusa] era porque o senhor me <0010122> não amava; agora [eu <0010141>] digo <0010340> porque me tem quasi odio <0010143>. Si me <0010111> casasse <0010310>, o senhor me <0010112> mataria; já me <0010112> está a matar.

Seus labios e faces tornaram-se brancos, lividos.

— Eu a mataria? estou a matal-a?! Taes palavras não deviam ser pronunciadas; são violentas, não conformes á verdade, inconvenientes para uma senhora. Revelam um estado deploravel de espirito; seriam imperdoaveis si não estivesse escripto que devemos perdoar setenta vezes sete. Estava arranjadinha. Em logar de apagar a offensa anterior, tinha-a estampado, marcado com fogo em sua alma.

Continuei, todavia: — Agora [eu <0010121>] sei <0010320> que [eu] o tornei meu inimigo eterno <0010122>; reconciliação já será impossível de todo.

Estas palavras infligiram-lhe nova ferida e tanto pior quanto eram verdadeiras. Constrangeu-me o coração ver como seus lábios exangues tremiam. Peguei-lhe na mão, dizendo:

— O primo interpreta mal minhas palavras; [eu <0010121>] não tenciono magual<0010320>-o; não, certo que não.

Sorriu amargamente e retrahiu decididamente a mão. — E agora revoga a sua promessa e não irá para a Índia debaixo de nenhuma condição?

— [Eu <0010111>] Irei <0010310> como sua assistente — disse.

Longo silencio. Natureza e graça debatiam-se nelle. Sombras estranhas passavam por seu rosto: Proseguiu:

— Já lhe provei o absurdo de querer uma mulher de seus annos acompanhar um homem solteiro para o estrangeiro; dá-me pena vel-a voltar a este projecto — por causa de si.

Cortei-lhe a palavra. Qualquer coisa que se parecesse com censura dava-me coragem:

— O primo João está a fazer fita. Faz-se escandalizar pelo que eu disse <0010122>. Ora, um homem de sua capacidade não pôde entender mal minha resposta <0010122>; e [eu <0010141>] repito <0010340>:[Eu] Quero ser sua coadjutora, si lhe convém; sua mulher, nunca <0010143>!

Empallideceu de novo, mas domou a paixão e retrucou emphaticamente:

— Uma coadjutora que não é minha esposa não me serve. Portanto, parece que não pode ir commigo. Si, porém, a prima está séria, posso falar com um collega meu na cidade, cuja senhora precisa de uma companheira. Assim, pode-se-lhe poupar a deshonra de quebrar sua promessa e de desertar da fileira em que se tinha alistado.

Ora, o leitor sabe perfeitamente que eu nunca he alistára ou fizera promessa formal. A linguagem de João era por conseguinte dura e despotica para o caso.

Retruquei: — Não há deshonra nem quebra de promessa nem deserção. [Eu <0010121>] Não tomei <0010320> sobre mim a minima obrigação de ir para a Índia e muito menos com uma estranha <0010122>. Com o senhor me <0010111> atreveria <0010310> a muito, porque [eu <0010131>] lhe tenho <0010330> confiança e [eu <0010121>] o amo <0010320> como irmão. Mas [eu] estou tambem convencida de que, indo <0010310>, quando e com quem quer que [eu <0010111>] fosse, [eu <0010111>] não viveria <0010310> muito tempo naquelle clima; o que, até [eu <0010121>] ver <0010320> chamamento mais claro, me parece ser signal de que Deus me não quer ali <0010132>.

— Ah, receia por si — remoqueou, encrespando os lábios.

— Tem razão. E Deus não quererá que me <0010111> suicide <0010310> levanamente. Além disso, antes de [eu <0010111>] sahir <0010310> da Inglaterra, [eu <0010121>] quero saber <0010320> ao certo si [eu] não poderei ser de maior utilidade ficando do que partindo <0010122>.

— Não entendo bem.

— Seria inutil [eu <0010141>] attentar <0010340> explicações. Mas saiba que me <0010111> não posso afastar <0010310> deste paiz, antes de [eu <0010121>] ter esclarecido <0010320> a duvida que me atormenta há muito tempo <0010122>.

<Omissão>

— A Joanna <0010111> devia ter esmagado <0010310> debaixo dos pés esses pensamentos e [a Joanna <0010111>] devia corar <0010310> ao alludir a elles, pois [a Joanna <0010121>] pensa <0010320> no sr Rochester.

Meu silencio confessou que elle acertara.

— Irá buscar o sr Rochester?

— [Eu <0010121>] Devo saber <0010320> o que é feito delle.

— Então não me resta mais nada do que pedir a Deus com todas as instancias que nossa Joanna <0010131> não seja <0010330> contada entre os reprobos; pensara ver nella <0010122> uma das escolhidas; mas Deus não vê como os homens. Seja feita sua santissima vontade!

Abriu a cancella, sahiu e desapareceu na escuridão.

Entrando na sala, achei Diana olhando pela janella e muito pensativa. Poz a mão em meu hombro e, inclinando a cabeça, examinou meu rosto.

— Joanna, nos ultimos [tu <0010131>] tempos estás <0010330> sempre agitada e pallida. Alguma coisa ha que não está bem. O que ha entre ti e João? Perdoa-me a espionagem; mas desde algum tempo imagino nem sei o quê. João é um homem exquisito — não soube continuar.

Alguns instantes depois:

— João tem seus planos com a prima, mostra-te um interesse como nunca mostrou a ninguem — para que? Desejava que te amasse <0010122>, — ama-te <0010122>, Joanna?

Puz sua mão fria sobre minha fronte quente: — Não, querida, nem por sombra.

— Por que então te segue com os olhos; por que sahís tantas vezes sózinhos; Maria e eu concluimos que queria casar contigo.

— Elle quer; pediu-me em casamento.

Diana bateu as mãos de contente. — É o que esperavamos: e tu o aceitarás e elle ficará na Inglaterra.

— Muito pelo contrario, Diana. Só me propoz casamento para ter uma companheira capaz dos trabalhos na India.

— O que? elle quer que vás para a India?

— Sim.

— Que loucura! morrerias dentro de tres mezes. Não has de ir! Consentiste? Não?

— Recusei casar com elle.

— E o offendeste?

— Profundamente. Nunca me ha de perdoar. Offereci-me a acompanhal-o como irman.

— Que disparate, Joanna. Ali a fadiga e as privações matam aos fortes e tu és fraca. Com elle não haveria licença para descansar nas horas calmas, e tu, como ví, esforças-te por cumprir tudo que elle exige. Admira que achasses coragem para lhe negar a mão.

[Tu <0010121>] Não o amas <0010320>, Joanna?

— Não como marido.

— Mas é rapaz bonito.

— E eu sou tão feia, priminha. João e eu não condizemos.

— Tu, feia? És demasiado bonita e demasiado boa para ser grelhada viva em Calcuttá. — E tornou a supplicar-me que abandonasse todo e qualquer pensamento de ir com o irmão.

— Não haverá outro remedio, — respondi. — Agora mesmo que me offereci como coadjutora, escandalizou-se como de uma proposta indecorosa; como si o não tivesse sempre considerado meu irmão.

— O que te faz pensar que te não ama?

— Elle mesmo m'ò disse, que me não quer casar comsigo, mas só com a sua profissão; que eu sou feita para o trabalho, e não para o amor; ora, não seria coisa estranha ser acorrentada para toda a vida a um homem que me considera só como uma ferramenta util?

— Insupportavel, desnatural, fóra de toda a questão.

— Demais, embora lhe tenha actualmente só o amor de irman, quem sabe si, depois de casados, as suas muitas qualidades excellentes não creariam em mim um intenso amor conjugal. Qual seria então a minha sorte ao lado de um marido que tal amor não quer, que o desdenha como superfluo, embaraçoso e inconveniente?

— E sem embargo disto, João é bom homem.

— É bom e grande; porém, a querer realizar seus altos fins esquece desapiedadamente os sentimentos e exigencias dos pequenos. Mas ali vem elle! Até já, Diana. — Corri ao meu quarto.

Juntei-me aos primos á ceia. João foi, como sempre, de polidez escrupulosa. <Omissão>

Para a leitura espiritual antes das rezas da noite escolheu o capitulo 21º do Apocalypse. Leu com uma entonação e voz que penetravam no intimo da alma: Deus crearia um novo céu e uma nova terra, iria morar com os homens, enxugar-lhes as lagrimas e não haveria mais morte, nem luto, nem clamor, nem mais dór, pois as coisas d'outr'ora desapareceriam.

Uma pequena mudança de voz fez troar as seguintes palavras a meu ouvido:

«O que vencer possuirá estas coisas e eu serei seu Deus e elle será meu filho; mas (e leu devagar e distinctamente) quanto aos tímidos e incredulos, etc., a parte delles será no tanque ardente de fogo e enxofre, o que é a segunda morte.

De então em diante sabia que sorte João temia para mim.

<Omissão>

Na reza subsequente colheu toda a sua energia, todo o seu zelo austero. João lutava com Deus, resolvido a ganhar a batalha. Supplicava força para os tímidos, guia para os viandantes, volta ainda na undécima hora para os que a carne e o mundo queriam afastar do trilho estreito. — A seriedade é sempre solemne; no principio só admirava o supplicante, depois fiquei commovida, subjugada por um santo pavor. Quão entranhavelmente não sentia elle a grandeza e excellencia de seu fim; quem o ouvia rezar, não podia deixar de ter os mesmos sentimentos.

Depois das rezas despedimo-nos delle. Ia partir de madrugada. Diana e Maria beijaram-n'o e sahiram, supponho obedecendo a uma ordem, dada em voz baixa. Dei-lhe a mão e desejei-lhe uma boa viagem.

— Agradecido, Joanna. Como disse, voltarei daqui a quinze dias. Si quizesse escutar a voz do orgulho, não lhe falaria mais no casamento commigo; mas viso tão sómente obedecer á voz de Deus. Meu mestre foi sempre paciente; assim serei eu. Arrependa-se, resolva-se, enquanto tiver tempo; virá a noite em que ninguém já pôde obrar. Deus lhe dê a força para escolher a melhor parte, a qual não lhe será tirada.

Poz a mão sobre minha cabeça, olhou-me, não como amante, (pois esse olhar eu o conhecia), mas como o pastor que reclama a ovelha desgarrada, ou antes como um anjo da guarda que observa a alma pela qual é responsavel. Comecei a sentir um acatamento tão forte que fiquei disposta a desistir da luta e arremessar-me ao golfo de sua existencia. Era instada por elle como já uma vez por outro. Aquella vez o ceder teria sido erro contra um santo principio da moral; esta vez seria um erro contra o bom senso. Assim o julgo agora; mas naquelles momentos não via com tanta clareza.

<Omissão>

O missionario perguntou-me em tom amavel: — Não se pôde decidir agora mesmo? — e puxou-me para si. Ah, a amabilidade, quanto mais potente não é do que a força! A ira de João poderia resistir, a sua brandura curvei-me como uma cana.

— Poderia decidir <0010320>-me <0010121>, si [eu <0010131>] estivesse <0010330> certa de ser a vontade de Deus que [eu <0010111>] me case <0010310> com o senhor, seguisse depois o que seguisse.

<Omissão>

— Mostrae -me, mostrae-me o caminho! Estava excitada como nunca dantes, si o que se seguiu foi effeito dessa excitação, o leitor que o julgue:

A casa estava toda quieta; os demais se tinham retirado. A unica vela se esmorecia. O luar illuminava o quarto. Meu coração batia rapido e a custo; ouvia-lhe as pancadas. De repente parou a uma sensação que vibrou por elle e passou logo para a cabeça e todos os membros. Não foi como um choque electrico, mas tão agudo, estranho, assustador! Agiu sobre os meus sentidos como si a maxima actividade delles até então tivesse sido torpor, do qual momentaneamente fossem arrancados á força. Estavam alerta; a vista, o ouvido esperavam, enquanto a carne me tremia nos ossos.

— O que ouviu? que está vendo? — perguntou João. Eu tinha visto nada, mas ouvira uma voz gritar algures:

Joanna! Joanna! Joanna! — nada mais.

— Meu Deus, o que é? — perguntei offegante.

Poderia igualmente dizer: «Onde está?» pois não parecia ser no quarto, nem na casa, nem no jardim; não vinha do ar, nem do interior da terra, nem das alturas; mas era uma voz de um ser humano — uma voz, oh, quão bem conhecida, amada, nunca olvidada, a de Eduardo Fairfax Rochester, — cheia de dor e angustia, desvairada, insistente, como do outro mundo.

— Já vou, — gritei; — espere-me; sim, vou! — Corri á porta; a passagem estava escura. Fugi ao jardim, estava deserto.

— Onde está? — exclamei; e os outeiros além de Marsh Glen ecoaram fracamente, repetindo: «onde está?» O vento suspirava nos pinheiros e toda a charneca dormia sepultada na noite muda.

Não podia ser superstição ou engano. Era obra da natureza que despertára e obrára — não um milagre — mas o extremo do possível.

Livre-me de João, que me queria reter. Não queria que me fizesse perguntas nem observações ; queria ficar só. Obedeceu á minha energica vontade.

Subi ao meu quarto, fechei-me por dentro, puz-me de joelhos e rezei a meu modo, — modo bem differente do de João; mas talvez não menos efficaz. Parecia penetrar até ao throno de nosso Deus e Pae, onde a minha alma se prostrava. Levantei-me depois da acção de graças; tomei minha resolução, e deitei-me livre de medo e de trevas, — ansiando unicamente pelo despontar do dia.

## **8 ANEXOS**

## ANEXO A – TABELAS COM PROCESSOS MATERIAIS (CF. HALLIDAY E MATTHIESSEN 2004; FUZER E CABRAL, 2010)



Material clauses: processes of doing-and-happening

**Table 5(5)** Examples of verbs serving as Process in different material clause types

			<b>intransitive</b>	<b>transitive</b>
creative	general		appear, emerge; occur, happen, take place	
			develop, form, grow, produce	create, make, prepare
	specific			assemble, build, construct; compose, design, draft, draw, forge, paint, sketch, write; bake, brew, cook; knit, sew, weave; dig, drill; found, establish; open, set up
transformative	elaborating	state	burn, singe, boil, fry, bake, dissolve, cool, freeze, warm, heat, melt, liquefy, pulverize, vaporize, harden, soften	
		make-up	blow up, break, burst, chip, collapse, crack, crash, explode, shatter, tear; mend, heal	
			erupt	crush, demolish, destroy, damage, mash, smash, squash, wreck
			chop, cut, mow, prune, slice, trim [intransitive: 'easily']	
		surface		axe, hack, harpoon, knife, pierce, prick, spear, skewer, stab, sting
			polish, rub, dust, scratch, wipe [intransitive: 'easily']	
				brush, lick, rake, scrape, shave, sweep
		size	compress, decompress, enlarge, extend, expand, grow, stretch, reduce, shrink, shrivel	
		shape	form, shape; arch, bend, coil, contort, curl, uncurl, curve, deform, distort, fashion, flatten, fold, unfold, stretch, squash, twist	
		age	age, ripen, mature, modernize	
		amount	increase, reduce; strengthen, weaken	
		colour	colour; blacken, whiten; darken, brighten, fade; solarize	
		light	blush, redden, yellow, pale	
twinkle; glimmer, glisten, glitter, gleam, glow, flash, flicker, sparkle, shimmer				
shine	light, illuminate			



## CLAUSE AS REPRESENTATION

Table 5(5) (Continued)

			<b>intransitive</b>	<b>transitive</b>
		sound	boom, rumble, rustle, roar, thunder, peal	
			chime, toll, sound, ring	
		exterior (cover)	peel, skin, peel [intransitive: 'easily']	
				bark, husk, pare, scalp, shuck
				cover, strip, uncover, remove, drape, paper, plate, roof, unroof, wall-paper, shroud, wrap, unwrap
				clothe, attire, dress, strip, undress, robe, disrobe
				coat; butter, enamel, gild, grease, lacquer, paint, pave, plaster, stucco, tar, varnish, veneer, whitewash
		interior		gut, disembowel, dress, pit
		contact		hit, strike; bump; knock, tap; punch, slap, spank; elbow; kick; belt, cane, shoot, stone, whip
		aperture	open, close, shut	
		operation	run, operate, work; ride, drive, fly, sail [but also as motion]	
				captain, command, rule, govern; bring up, nurse, mother
	extending	possession		give; offer; tip; advance; bequeath, will, leave, donate, grant, award; cable, fax, post, mail, e-mail, hand; deliver, send; lend, lease, loan; deny (sb sth; sth to sb)
			hire, rent, sell	
				feed, serve, supply, provide, present, furnish (sb with sth; sth to sb)
				deprive, dispossess, divest, rob, strip, cheat (sb of sth); acquire, get, take, grab, steal, pilfer, buy, borrow, hire, rent (sth from sb)
		accompaniment	join, meet; assemble, accumulate, collect, cluster, crowd, flock, herd; separate; disassemble, disband, disperse, scatter, spread	

**Table 5(5)** (Continued)

			<b>intransitive</b>	<b>transitive</b>
	enhancing	motion: manner	bounce, gyrate, rock, shake, tremble, spin, swing, wave; walk, amble, limp, trot, run, jog, gallop, jump, march, stroll; roll, slide; drive, fly, sail	
		motion: place	come, go	bring, take
			approach, arrive, reach, return; depart, leave; circle, encircle, surround, cross, traverse; enter, exit, escape; follow, tail, precede; pass, overtake; land, take off	
			down, drop, fall/fell, rise/raise; capsize, overturn, tilt, tip, topple, upset	

Quadro 4 – Exemplos de verbos que realizam processos materiais (adaptado de Halliday e Matthiessen 2004, p. 187-189).

CRIATIVOS	gerais	transitivos/intransitivos	
	específicos	aparecer, emergir, ocorrer, acontecer, desenvolver, formar, crescer, produzir, criar, fazer, preparar	
TRANSFORMATIVOS	estado	queimar, tostar, ferver, assar, dissolver, esfriar, congelar, aquecer, esquentar, derreter, liquefazer, pulverizar, vaporizar, endurecer, amolecer	
	composição/ acabamento	explodir, quebrar, despedaçar, estilhaçar, ruir, desmoronar, explodir, rachar, rasgar, remendar, curar, estourar, esmagar, demolir, destruir, estragar, amassar, espremer, aniquilar, retalhar, cortar, ceifar, podar, fatiar, aparar, talhar, picar, arpoar, esfaquear, furar, aguilhoar, lancetar, espetar, apunhalar, ferroar	
	superfície	polir, lustrear, espanar, arranhar, enxugar, escovar, lamber, revolver, raspar, barbear, varrer	
	tamanho	comprimir, descomprimir, aumentar, expandir, crescer, esticar, reduzir, encolher, contrair	
	forma	moldar, modelar, arquear, dobrar, enrolar, contorcer, encaracolar, deenrolar, curvar, deformar, distorcer, ajustar, alisar, desdobrar, esticar, torcer	
	idade	envelhecer, amadurecer, modernizar	
	quantidade	aumentar, reduzir, fortalecer, enfraquecer	
	cor	colorir, enegrecer, branquear, escurecer, clarear, desbotar, corar, enrubescer, amarelar, empalidecer	
	luz	cintilar, luzir, reluzir, brilhar, lampear, faiscar, tremular, resplandecer, iluminar, acender	
	som	retumbar, ressoar, troar, trovejar, repicar, badalar, tocar, soar, retinir	
	exterior (cobertura)	pelar, descascar, esfolar, debulhar, cobrir, descobrir, remover, enrolar, caiar, embrulhar, laminar, destelhar, encobrir, vestir, enfeitar, despir, despojar, revestir, untar, esmaltar, laquear, pintar, pavimentar, engraxar, envernizar	
	interior	destripar, desentranhar, estripar, descaroçar	
	contato	golpear, atingir, bater, colidir, espancar, chicotear, acotovelar, chutar, atirar, apedrejar, açoitar	
	abertura	abrir, fechar, tapar	
	operação	correr, operar, trabalhar, cavalgar, dirigir, voar (também como movimento), capitanear, comandar, mandar, governar, trazer, cuidar, assistir, criar	
	extensão	possessão	dar, oferecer, gratificar, emprestar, legar, doar, contribuir, outorgar, conferir, premiar, recompensar, transmitir fax, postar, expedir, mandar e-mail, entregar, emprestar, fornecer, arrendar, alugar, negar, comprar, vender, alimentar, servir, suprir, prover, apresentar, fornecer, privar, despojar, enganar, adquirir, obter, tomar, pegar, aceitar, roubar, furtar
		acompanhamento	juntar, encontrar, reunir, acumular, coletar, amontoar, aglomerar, arrebANHAR, separar, desunir, debandar, dispersar, esparramar, distribuir
	intensificação	movimento: modo	saltar, girar, sacudir, tremer, rodopiar, balançar, ondular, caminhar, galopar, trotar, correr, coxear, pular, marchar, passear, deslizar, escorregar, patinar, dirigir, guiar, voar, navegar, velejar
		movimento: lugar	ir, vir, trazer, levar, aproximar, chegar, alcançar, voltar, partir, rodear, cruzar, atravessar, entrar, sair, escapar, seguir, preceder, anteceder, passar, ultrapassar, aterrissar, decolar, cair, tombar, levantar, erguer, emborcar, capotar, virar, derrubar, inclinar

**ANEXO B – TABELAS COM PROCESSOS MENTAIS (CF. HALLIDAY E MATTHIESSEN 2004; FUZER E CABRAL, 2010)**

**Table 5(10)** Examples of verbs serving as Process in mental clauses

	<b>'like' type</b>	<b>'please' type</b>
perceptive	perceive, sense; see, notice, glimpse; hear, overhear; feel; taste; smell	(assail)
cognitive	think, believe, suppose, expect, consider, know; understand, realize, appreciate; imagine, dream, pretend; guess, reckon, conjecture, hypothesize; wonder, doubt; remember, recall, forget; fear (think fearfully)	strike, occur to, convince; remind, escape; puzzle, intrigue, surprise
desiderative	want, wish, would like, desire; hope (for), long for, yearn for; intend, plan; decide, resolve, determine; agree, comply, refuse	(tempt)
emotive	like, fancy, love, adore, dislike, hate, detest, despise, loathe, abhor; rejoice, exult, grieve, mourn, bemoan, bewail, regret, deplore; fear, dread; enjoy, relish, marvel	allure, attract, please, displease, disgust, offend, repel, revolt; gladden, delight, gratify, sadden, depress, pain; alarm, startle, frighten, scare, horrify, shock, comfort, reassure, encourage; amuse, entertain, divert, interest, fascinate, bore, weary, worry

Quadro 6 – Tipos de processos mentais (traduzido e adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 201).

Processos mentais	Verbos
<b>Perceptivos</b>	cheirar, compreender, desconfiar, distinguir, entender, escutar, excitar, experimentar, magoar-se, melindrar-se, notar, olhar, ouvir, perceber, pressentir, provar, reparar, ressentir-se, saborear, sentir, suspeitar, ver, vislumbrar
<b>Cognitivos</b>	achar, acreditar, adivinhar, admirar-se, aguardar, apreciar, avaliar, calcular, compreender, computar, conceber, confiar, confundir, conhecer, conjeturar, conservar (na memória), considerar, conspirar, contar com, convencer, crer, dar-se conta, descobrir, desconcertar, desconfiar, devanear, duvidar, entender, espantar-se, esperar, esquecer, estimar, estudar, fantasiar, fingir, hesitar, hipotetizar, identificar, imaginar, impressionar, inferir, intrigar, julgar, lembrar, levar em consideração, meditar, ocorrer <sup>8</sup> , olvidar, pensar, perceber, preocupar-se, pressupor, presumir, pretender, prezar, rezear, reconhecer, recordar, refletir, saber, simular, sonhar, subentender, supor, surpreender, suspeitar, temer, tocar <sup>9</sup> (= sensibilizar)
<b>Desiderativos</b>	almejar, ansiar, aquiescer, aspirar, cobiçar, concordar, decidir, desejar, determinar, esperar, estabelecer, obedecer, opor, planejar, pretender, projetar, querer, recusar, refugar, rejeitar, repelir, resolver, sujeitar-se, tencionar, tentar, sonhar <sup>10</sup>
<b>Emotivos</b>	abominar, aborrecer, admirar-se, adorar, afligir, agradar, alarmar, alegrar, alertar, amar, amedrontar, amotinar, animar, apoiar, apreciar, assustar, atormentar, cansar, cativar, chocar, confortar, deleitar, deliciar-se, deplorar, deprimir, desagradar, desejar, desfrutar, desprezar, detestar, distrair, divertir, empenhar-se, encantar, encorajar, enfadar, enfastiar, enfeitiçar, enlevar, enojar, entreter, entristecer, esforçar-se, esgotar-se, espantar-se, exultar, fantasiar, fascinar, fatigar, gostar, enlutar, hesitar, hipnotizar, incitar, indignar, inquietar, interessar, irritar, imaginar, lamentar, lastimar, maravilhar-se, melindrar, odiar, ofender, padecer, preocupar, prevenir, querer, rebelar-se, rezear, rechaçar, regozijar, repugnar, rejeitar, repelir, repudiar, repugnar, repulsar, revoltar, revolucionar, sentir, sofrer, sublevar, surpreender, temer, tranquilizar

**ANEXO C – TABELAS COM PROCESSOS RELACIONAIS (CF. HALLIDAY E MATTHIESSEN 2004; FUZER E CABRAL, 2010)**

**Table 5(18)** Examples of verbs serving as Process in intensive clauses

	<b>attributive</b>	<b>identifying</b>
neutral	be, feel	be
phase: time	become, remain	become, remain
	turn (into), grow (into); get, go, fall, run; stay (as); keep	turn into, grow into
phase: appearance	seem, appear, qualify as, turn out, end up (as)	seem (+ superlative)
phase: sense, perception	look, sound, smell, feel, taste (like)	
measure	weigh, cost, measure	
quality	[Process/Attribute:] seem, appear ['be apparent']; matter, count ['be important'], apply ['be relevant'], figure ['be sensible'], suffice ['be enough'], abound ['be plentiful'], differ, vary ['be different'], dominate ['be dominant'], do ['be acceptable, enough']; hurt, ache ['be painful']; stink, smell ['be smelly']; reek, drip, ooze ['be over-ful']; suck, stink ['be awful']	
role		play, act as, function as, serve as
sign		mean, indicate, suggest, imply, show, betoken, mark, reflect,
equation		equal, add up to, make
kind/part		comprise, feature, include
significance		represent, constitute, form
example		exemplify, illustrate
symbol		express, signify, realize, spell, stand for, mean
assignment: neutral	make; [Process/Attribute:] ensure, guarantee ['make it certain that . . .'], prove, confirm ['make it a fact that . . .']	make
assignment: elaborating		elect, choose (as), dub; name, christen, term; spell, pronounce
assignment: projection	think, consider; wish, want; prove	think, consider; prove; call, declare

ESTAR	<i>O dia <b>está</b> chuvoso.</i>
FAZER-SE	<i>Bandeira <b>fez-se</b> poeta por causa da tuberculose.</i>
FICAR	<i>Brasil <b>ficou</b> nervoso após gol holandês.</i>
PARECER	<i>Lula <b>parece</b> animador de auditório. (<a href="http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo">http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo</a>)</i>
MANTER-SE	<i>Estado de saúde de José Alencar <b>mantém-se</b> estável.</i>
PERMANECER	<i>Brasil <b>permanece</b> estável em índice de desenvolvimento humano.</i>
RESULTAR	<i>Convívio com animais de estimulação <b>resulta</b> em benefícios.</i>
SENTIR-SE	<i>Torcida <b>sente-se</b> orgulhosa com vice-campeonato.</i>
SOAR	<i>O discurso <b>soa</b> vazio.</i>
TORNAR-SE	<i>Google Voice <b>torna-se</b> público.</i>
VIRAR	<i>Morador de rua <b>vira</b> poeta.</i>

## ANEXO D – TABELAS COM PROCESSOS VERBAIS (CF. HALLIDAY E MATTHIESSEN 2004; FUZER E CABRAL, 2010)

**Table 5(25)** Examples of verbs serving as Process in verbal clauses

TYPE		Examples of verbs
activity	targeting	praise, insult, abuse, slander, flatter, blame, criticize, chide
	talking	speak, talk
semiosis	(neutral quoting)	say, tell; go, be like
	indicating	tell (sb that), report, announce, notify, explain, argue, convince (that), persuade (sb that), promise (that)
		ask (sb whether), question, enquire (whether)
imperating	tell (sb to do), ask (sb to do), order, command, require, promise, threaten, persuade (sb to do), convince (sb to do), entreat, implore, beg	

Quadro 9 – Exemplos de processos verbais (traduzido e adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 255).

Tipos		Exemplos
Atividade	Alvo	elogiar, insultar, abusar, caluniar, lisonjear, criticar, culpar, repreender
	Fala	falar, conversar
Semiose	Neutro	dizer, contar
	Indicação	Contar (a alguém algo), relatar, anunciar, informar, explicar, provar, convencer (de que), persuadir (alguém de algo), prometer (que)
		perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(-se)
Comando	dizer (a alguém para fazer algo), inquirir (alguém a fazer algo), ordenar, mandar, exigir, prometer, ameaçar, persuadir (alguém a fazer algo), convencer (alguém a fazer algo), suplicar, implorar, rogar	

## ANEXO E – TABELAS COM PROCESSOS COMPORTAMENTAIS (CF. HALLIDAY E MATTHIESSEN 2004; FUZER E CABRAL, 2010)

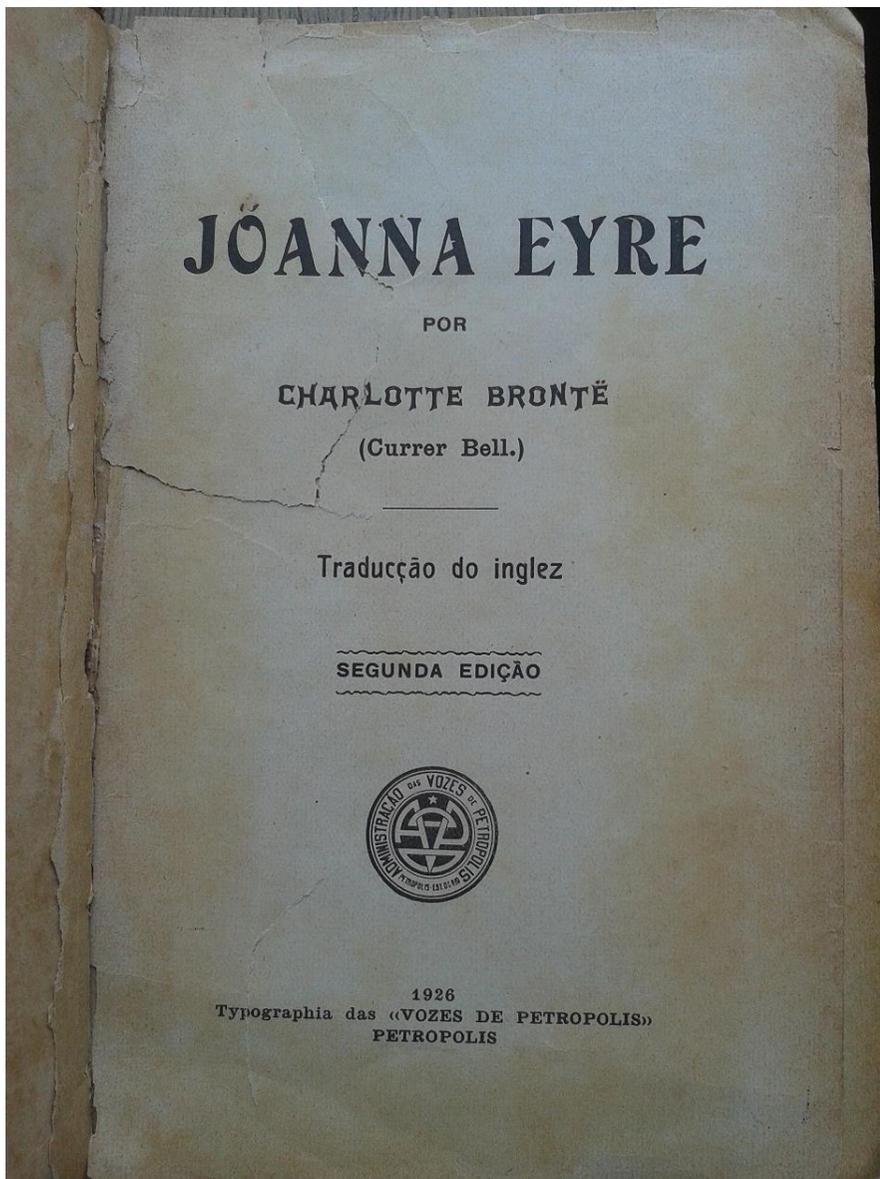
**Table 5(24)** Examples of verbs serving as Process in behavioural clauses

(i)	[near mental]	processes of consciousness represented as forms of behaviour	look, watch, stare, listen, think, worry, dream
(ii)	[near verbal]	verbal processes as forms of behaviour	chatter, grumble, talk, gossip, argue, murmur, mouth
(iii)	–	physiological processes manifesting states of consciousness	cry, laugh, smile, frown, sigh, sob, snarl, hiss, whine, nod
(iv)	–	other physiological processes	breathe, sneeze, cough, hiccup, burp, faint, shit, yawn, sleep
(v)	[near material]	bodily postures and pastimes	sing, dance, lie (down), sit (up, down)

Quadro 10 – Exemplos de verbos que realizam processos em orações Comportamentais (adaptado de HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 251).

Próximo ao material	Posturas corporais e entretenimentos	cantar, dançar, levantar, sentar.
Próximo ao mental	Processos de consciência representados como formas de comportamento	olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se, sonhar.
Próximo ao verbal	Processos verbais como formas de comportamento	tagarelar, murmurar, rosnar, falar, fofocar, argumentar, discutir.
-	Processos fisiológicos manifestando estados de consciência	gritar, chorar, rir, gargalhar, sorrir, suspirar, assobiar, choramingar, acenar (com a cabeça).
-	Outros processos fisiológicos	respirar, tossir, soluçar, arrotar, desmaiar, evacuar, defecar, urinar, bocejar, dormir.

## ANEXO F – FOLHA DE ROSTO DA RETEXTUALIZAÇÃO



## ANEXO G – PREFÁCIO DO TRADUTOR

### PREFACIO DO TRADUCTOR

1. Estava a concluir a traducção de «Joanna Eyre», quando um amigo chamou minha attenção para a censura que em seu excellente livro «Através dos Romances» lhe dá o Rev. P. Pedro Sinzig, O. F. M. Com grande admiração minha descobri que o titulo da obra figura em grypho, quer dizer «O livro não é para todos».

Que razões terão induzido a dar tal parecer o abalisado e summamente benemerito censor?

2. Fóra de duvida, como tambem o critico inglez o prova na introduccão litteraria, *os dez mandamentos da lei de Deus ficam de pé na tendencia total do romance*. Pois Rochester não é libertino empedernido; é só seu entendimento que não atina com o meio licito de se regenerar, enquanto que sua vontade é bem intencionada. «Oh, quanto lhe invejo — diz elle na segunda palestra a Joanna — a paz da alma, a consciencia sem mancha, a memoria impolluta! Menina, creança! — Essa memoria do passado sem laivos nem contaminação deve ser um thesouro inestimavel, uma fonte perenne de pura rejuvenescencia; não é assim?» E logo depois: «Lembre-se com temor do remorso, quando se sentir tentada, srta. Eyre! O remorso é a peçonha da vida». E no primeiro passeio ao parque: «Graças a Deus que lhe não quero fazer mal; mas, mesmo si o quizesse, de mim a senhorita não admittiria detrimento. Quanto mais a menina e eu convivermos, tanto melhor; pois, enquanto que eu não lhe posso fazer mal, a senhorita me regenera».

3. O celebre problema de si *um homem casado com uma mulher affectada de loucura hereditaria se possa unir licitamente com outra mulher*, é neste romance uma *questão tão sómente lateral*, levantada por Rochester no auge do desespero amoroso. A consciencia limpida de Joanna decide-a de vez

pela *categorica negativa* e em seguida por seu modo heroico de agir. Nem implica com isto a pergunta melindrosa que ella se faz a si antes de rever Thornfield Hall — «e si eu corresse ao encontro d'elle?! — que mal haveria em provar mais uma vez as aguas de vida que só o olhar d'elle me pôde infundir?» — A inconsideração desculpa-se pelo desvario da ansia e o atrevimento até se justifica pela força de character evidenciado em occasião semelhante.

4. *E com quanta clareza e insistencia se nos inculca a doutrina da unidade do matrimonio!* — Joanna, — menina pobre, orphan de pae e mãe, desamparada pelos parentes mais chegados, é de repente transferida para circumstancias nas quaes seus anhelos innatos por independencia e amor e casa propria se podem realizar. Só precisa consentir em ser a amante de Rochester, homem rico, voluntarioso, que saberá illudir os tribunaes, enganar o publico, passar por cima das leis divina e humana, — «o qual se lhe tornára o universo e, mais do que isto, quasi sua parte de bemaventurança». «Elle estava entre mim e todos os pensamentos religiosos — confessa a noiva enganada — como no eclipse a lua passa por entre o homem e o sol alto. Naquelles dias eu não enxergava o Creador por causa da creatura, a qual eu tinha feito o meu deus». Apenas, porém, descobre a cilada, pronuncia o inalteravel «não te é licito», e melhor o guarda, procedendo como a «cigana» lhe adivinhára da fronte firme: As paixões que delirem, os desejos que imaginem toda a especie de vaidade: o juizo terá a ultima palavra e dará o voto decisivo. Furacões e terremotos e incendios podem passar por cima de mim, sempre hei de seguir as directivas desta voz firme e calma que me interpreta os dictames da consciencia.

5. Tão pouco o critico se offenderá com o modo de tratar o *thema amatorio*, sendo que em toda a obra não se ha de achar palavra ou insinuação que possa razoavelmente melindrar um leitor até escrupuloso. Muito pelo contrario: será raro o romance em que o amor de noivos fale linguagem tão terna e delicada em tanta paixão genuina e força natural, e perpassada de um humor tão picante, tão senhor de si, tão inglez.

6. *O unico sinão philosophico-theologico, pois, que, a meu humilde ver, se possa lançar a «Joanna Eyre» seriam algumas idéas mēramente deisticas.* — A autora é protestante, os personagens quasi todos são protestantes; si bem que as noções da vida religiosa catholica sejam algo torcidas e a doutrina sobre a justificação do peccador por meio da mediação concreta e individual de Jesus Christo seja erronea e não achem a exposição correcta como gostaríamos de encontrar-a, é

isto motivo para condemnarmos todo o livro? A Isabel Reed, do original inglez, nunca daria uma freira nem de meia ti-gella, quanto mais uma superiora de convento. A pequena Helena, cuja morte é uma das mais tocantes que se possam imaginar, morre na confiança em o Pae do céu, sem siquer se lembrar do Crucificado.

Rochester, depois de humilhado e quebrado pela visita-ção de Deus justiceiro, suspira pelo vago mundo além onde possa reunir-se com sua Joanna perdida para elle.

7. Mas, por outro lado, não tropeçamos tão pouco em *nenhuma allusão e muito menos em qualquer desabafo blas-phemo*, que conspurcam tantas paginas dos classicos assim chamados catholicos da nossa lingua. O mesmo Rochester é crente e o processo doloroso da conversão leva-o á confissão sincera de sua culpa e da misericordia com que Deus sabe temperar os rigores da justiça. Ha poucas passagens mais sub-limes em nossa literatura do que a da matta: O cego e mutilado Rochester, depois de removidas as derradeiras duvidas acerca da fidelidade de Joanna, levantou-se e, tirando reveren-temente o chapéu e baixando os olhos humildemente á terra, parou em muda devoção. Ouvi-lhe só as ultimas palavras da prece — «Agradeço a meu Creador, que no meio de seu juizo se lembrou da misericordia. Humildemente rogo a meu Redem-ptor que se digne outorgar-me força para levar d'ora em diante uma vida mais pura do que até agora». *E de facto: tres ou quatro phrases interpoladas e meia duzia de termos um tanto modificados tiraram tudo que se pudesse estranhar em um romance offerecido ao publico em geral — tambem ao ca-tholico e ao juvenil.*

8. Mais uma observação, aliás excusada para leitores illustrados: *A igreja protestante não tem sacrificio nem confis-são auricular obrigatoria e, portanto, não tem sacerdocio.* Con-sequentemente, o «padre» protestante, o pastor, não é obrigado ao celibato, pode-se casar e, portanto, tambem procurar a companhia de sua vida como qualquer christão leigo. O pae de Joanna, o segundo pretendente de Joanna, o marido de uma das primas de Joanna são clérigos; e, com a explicação dada, quem o estranhará?

9. *Do ponto de vista literario e cultural*, «Joanna Eyre» era em seus tempos (nos fins de quarenta do seculo passado) *uma innovação revoltante* — a shocking innovation. E póde ser que Charlotte Brontë tenha carregado um pouco demais na sua *tendencia* que não é «a linguagem nobre, o busto ideal, os hombros pendentes, o pescoço comprido e gra-cioso, a tez limpidissima, as feições aristocraticas, os olhos brilhantes como carbono, a faixa e a flôr cõr de ambar em

contraste encantador com a massa negra dos caracões» que ultimamente captivam o homem de tino e caracter, mas sim «o entendimento perspicaz, o trabalho sincero e pontual, o desapego do commodo pessoal, a força para o sacrificio, a energia perseverante, a fidelidade, coragem e gentileza: pois á vista destas qualidades espirituas e permanentes esquece o homem ás devéras, quasi de todo, as faltas de fortuna e familia e ainda mais as menores deficiencias da apparencia exterior».

10. Na traducção, segui na primeira metade o original quasi á risca. Ora, os proprios criticos inglezes reparam no estylo muito individual e algo estirado, «schillerizado» da autora. Talvez a versão soffra um pouco do mesmo defeito. Na segunda metade, porém, onde as reflexões e considerações ás vezes estorvavam o andamento da narração, tomei a liberdade de cortar desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final. Mais de uma nuance de sentimentos, aliás subtilissima, mais de uma flôr poetica, allás fragrantissima, ficaram esmagadas pela marcha inexoravel que os factos peremptoriamente exigiam.

Quanto ao mais, consolo-me com que o leitor despreoccupado, uma vez presa do encanto da narrativa, correrá sem fastio por sobre as desigualdades de linguagem e estylo que a delicadeza de meus benignos correctores não lhes consentiu alisar.

Porto Alegre, 1916.

O traductor.

Apresentando ao benevolo leitor pela segunda vez a traducção de «Joanna Eyre», já livre das numerosas erratas com que sahira primeiro, desejo que o romance continúe a produzir seus beneficos fructos de gozo literario e instruccão moral.

Florianopolis, 1925.

O traductor.

